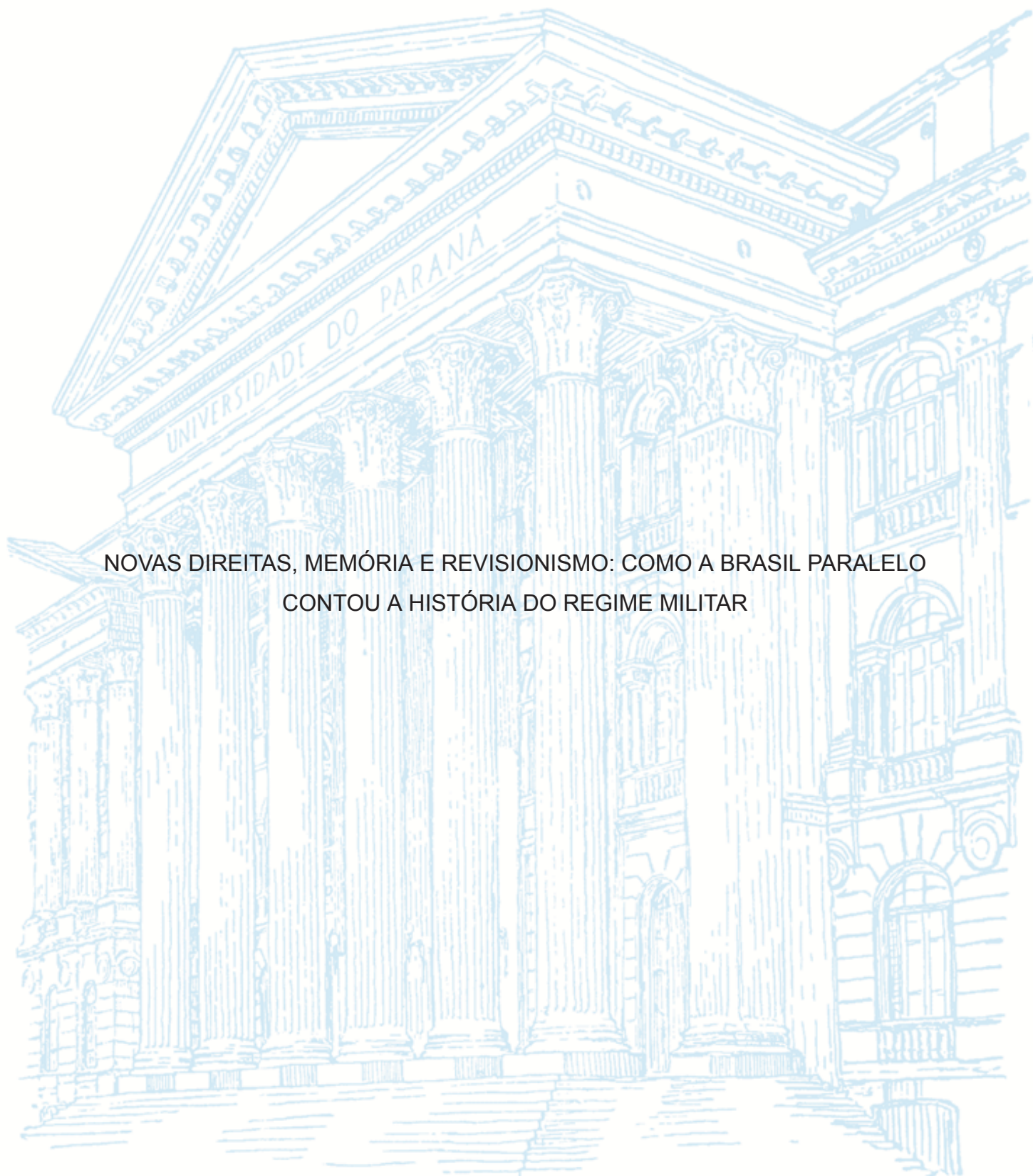


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
MURILO PRADO CLETO



NOVAS DIREITAS, MEMÓRIA E REVISIONISMO: COMO A BRASIL PARALELO
CONTOU A HISTÓRIA DO REGIME MILITAR

CURITIBA

2024

MURILO PRADO CLETO

NOVAS DIREITAS, MEMÓRIA E REVISIONISMO: COMO A BRASIL PARALELO
CONTOU A HISTÓRIA DO REGIME MILITAR

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, no setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. André Acastro Egg.

Curitiba

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Cleto, Murilo Prado

Novas direitas, memória e revisionismo : como a Brasil Paralelo contou a história do Regime Militar. / Murilo Prado Cleto. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Doutorado (Tese em História) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Orientador: Prof. Dr. André Acastro Egg.

1. Brasil – Política e governo – 1964-1985. 2. Tecnologia Streaming (Telecomunicação) – Brasil Paralelo. 3. Comunismo – Revisionismo - Brasil I. Egg, André, 1973-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **MURILO PRADO CLETO** intitulada: **Novas direitas, memória e revisionismo: como a Brasil Paralelo contou a história do Regime Militar**, sob orientação do Prof. Dr. ANDRÉ ACASTRO EGG, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 26 de Fevereiro de 2024.

Assinatura Eletrônica

27/02/2024 10:10:51.0

ANDRÉ ACASTRO EGG

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

27/02/2024 09:28:02.0

MURILO DUARTE COSTA CORRÊA

Avaliador Externo (UEPG)

Assinatura Eletrônica

27/02/2024 10:18:53.0

RODRIGO PATTO SÁ MOTTA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS)

Assinatura Eletrônica

26/02/2024 22:21:24.0

FERNANDO SELIPRANDY FERNANDES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

27/02/2024 07:07:16.0

VINICIUS NICASTRO HONESKO

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Para Livia e Renata

AGRADECIMENTOS

Escrever uma tese é adquirir uma dívida impagável. Além de feliz, é impossível ser doutor sozinho — estou certo de que diria Tom Jobim. Entre meus credores, estão amigos, colegas, familiares, professores e instituições, sem os quais este trabalho jamais seria concluído.

Em primeiro lugar, agradeço à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a Capes, pelo financiamento desta pesquisa. Agradeço também, em nome da professora Rosane Kaminski, a todos os docentes da linha Arte, Memória e Narrativa, do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Paraná. Em nome da querida Cris Parzwski, aos funcionários da secretaria. E, através de minha estimada amiga Kelly Mendonça, aos valorosos colegas de jornada.

Agradeço também aos pesquisadores das novas direitas, representados aqui por Mayara Balestro, com os quais tive a oportunidade de desenvolver rica interlocução em eventos e conversas privadas. Ao caro professor Pablo Ortellado pela leitura atenta das considerações finais. Ao analista de dados Guilherme Felitti, que gentilmente compartilhou comigo algumas impressões e arquivos caros ao desenvolvimento deste trabalho.

Ao velho amigo Clóvis Gruner, meu primeiro orientador e também primeiro entusiasta de minha candidatura ao programa, referência moral e acadêmica já há quase duas décadas. A ele e ao professor Marcos Napolitano, pelas rigorosas intervenções no exame de qualificação. Aos professores Rodrigo Patto Sá Motta, Murilo Duarte Costa Corrêa, Fernando Seliprandy e Vinícius Honesko pelas contribuições imprescindíveis na banca de defesa.

Ao meu caro orientador André Egg, pela generosidade com que me integrou ao seu privilegiado time de orientandos, pelas valorosas trocas no último quadriênio e pela inestimável contribuição ao resultado deste texto.

Por fim, mas não menos importante, à minha família. À minha mãe Silvia e aos meus irmãos Lucas e Rafaela. À minha filha Lívia, por involuntariamente me lembrar que sempre haverá um dia após o outro. E à minha esposa Renata, pela cumplicidade irrepreisável nestes mais de 10 anos.

Naturalmente, os eventuais méritos desta pesquisa são compartilhados com todas estas pessoas, os demais autores que subsidiaram minha leitura sobre o fenômeno e com o professor André. Omissões, imprecisões e imperícias são de única responsabilidade deste autor.

A função da mente é compreender o acontecido, e essa compreensão, de acordo com Hegel, é o modo de reconciliação do homem com a realidade; seu verdadeiro fim é estar em paz com o mundo.

Hannah Arendt

Persiste o fato de que entender direito as pessoas não é uma coisa própria da vida, nem um pouco. Viver é entender as pessoas errado, entendê-las errado, errado e errado, para depois, reconsiderando tudo cuidadosamente, entender mais uma vez as pessoas errado.

Philip Roth

RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é entender como a produtora Brasil Paralelo — sucesso de audiência entre as novas direitas — contou a história do regime militar brasileiro. Para isso, primeiro, discutem-se os elementos que compõem a crise do conhecimento social no mundo contemporâneo, relacionando-os com a atuação de Olavo de Carvalho e seus seguidores no debate público. Em seguida, são debatidos os principais valores que norteiam esses públicos antiestruturais e sua relação com a ascensão político-partidária do bolsonarismo, no interior de uma nova onda anticomunista. Outro objeto de atenção neste quadro de contextualização são os usos que a Brasil Paralelo faz do passado em geral, notadamente a partir de suas elaborações sobre a colonização portuguesa e a escravidão negra. Adiante, são escrutinados os principais argumentos mobilizados pela produtora especificamente sobre o regime militar acerca de diferentes temáticas, como o castelismo, a repressão, a luta armada, a censura, as vidas cultural e intelectual, as interferências estrangeiras e o golpe. Conclui-se, por fim, que, a pretexto de combater eventuais distorções e omissões da memória consolidada pelos públicos dominantes sobre o período, o que faz a produtora é produzir simplificações que subsidiam seu principal intento, que é denunciar a invasão comunista no Brasil, se não mais pelas armas, agora pelos livros, graças à hegemonia daquilo que chama de “marxismo cultural”. Conforme a propaganda, a ideia seria produzir um desvelamento de verdades deliberadamente ocultadas pelas elites políticas e culturais. Trata-se de uma maneira de desqualificar a historiografia profissional, o jornalismo e as escolas — tidos como um bloco homogêneo — para ocupar seu espaço. Por outro lado, a observação das fontes revela algumas posições contraintuitivas, como a ausência de uma defesa enfática da ditadura e, mais ainda, o rechaço intransigente a instrumentos da repressão, especialmente o AI-5. Mas isso não representa exatamente uma oposição ao regime. Nota-se, inclusive, adesão significativa a postulados basilares da memória militar. Para chegar a estes resultados, foi realizada uma análise qualitativa do documentário *1964 - O Brasil entre armas e livros* e de inúmeros outros vídeos, livros e artigos de blogs, entre outros produtos de personagens à Brasil Paralelo sobre o tema.

Palavras-chave: Brasil Paralelo; memória; regime militar; revisionismo.

ABSTRACT

The main objective of this work is to understand, after all, how the production company Brasil Paralelo — a success among the new right-wing audiences — portrayed the history of the Brazilian military regime. To do this, first, the elements that make up the crisis of social knowledge in the contemporary world are discussed, relating them to the actions of Olavo de Carvalho and his followers in the public debate. Next, the main values that guide these anti-structural audiences and their relationship with the political-partisan rise of Bolsonaroism are debated within a new anti-communist wave. Another object of attention in this contextual framework is the uses that Brasil Paralelo makes of the past in general, notably from its elaborations on Portuguese colonization and black slavery. Furthermore, the main arguments mobilized by the production company specifically about the military regime regarding different themes, such as Castelism, repression, armed struggle, censorship, cultural and intellectual lives, foreign interferences, and the coup, are scrutinized. Finally, it is concluded that, under the pretext of combating possible distortions and omissions of the memory consolidated by dominant audiences about the period, what the production company does is produce simplifications that subsidize its main intention, which is to denounce the communist invasion in Brazil, if not more by arms, now by books, thanks to the hegemony of what it calls "cultural Marxism". According to the propaganda, the idea would be to produce an unveiling of truths deliberately hidden by political and cultural elites. This is a way to discredit professional historiography, journalism, and schools — seen as a homogeneous bloc — to occupy their space. On the other hand, the observation of sources reveals some counterintuitive positions, such as the absence of an emphatic defense of the dictatorship and, even more, the uncompromising rejection of repression instruments, especially AI-5. But this does not exactly represent opposition to the regime. There is even a significant adherence to basic tenets of military memory. To achieve these results, a qualitative analysis of the documentary *1964 - Brazil between weapons and books* and numerous other videos, books, and articles from blogs, among other products from figures like Brasil Paralelo on the subject, was conducted.

Key words: Brasil Paralelo; memory; military regime; revisionism.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	11
1. INTRODUÇÃO: REDPILLADOS	14
2. GRAMSCISMO ANTIGRAMSCISTA	31
3. ECOS TRADICIONALISTAS	52
4. COMO VENCER UM DEBATE NAS REDES SOCIAIS.....	63
5. O TERCEIRO SURTO ANTICOMUNISTA NO BRASIL	79
6. O TEATRO DAS TESOURAS: AS DIREITAS RADICAIS E A NOVA REPÚBLICA.....	101
7. O PASSADO ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA	120
8. NEGACIONISMO E REVISIONISMOS	128
9. A ÚLTIMA CRUZADA: COLONIZAÇÃO E ESCRAVIDÃO NAS LENTES DA BRASIL PARALELO.....	137
10.A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA HEGEMÔNICA DO REGIME MILITAR	153
11. CASTELISMO E FEITIÇO KEYNESIANO	162
12.ANOS TENEBROSOS: CRIME, MEDO E SANGUE	175
13.O ESPECTRO DO MARXISMO CULTURAL	190
14.QUE DITADURA É ESSA?	208
15.O OVO DA SERPENTE: AS UNIVERSIDADES E O REGIME MILITAR.....	218
16.A HISTÓRIA DOS VENCEDORES	227
17. “O PAVOR DE DILMA ROUSSEFF”: JAIR BOLSONARO E A MEMÓRIA DE 1964	253
18.SUPERTRUNFO REVISIONISTA: AS INTERFERÊNCIAS ESTRANGEIRAS E O GOLPE DE 1964.....	266
19.O POVO <i>VERSUS</i> JANGO	280
20.CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE FAZER?.....	297
FONTES DOCUMENTAIS.....	315
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	326

PRÓLOGO

Era 17 de março de 2019 quando Walter Russell Mead, Gerald Brant, Matt Schlapp, Chris Buskirk, Roger Kimball, Steve Bannon, Paulo Guedes, Ernesto Araújo, Sergio Moro e outros próceres das direitas norte-americana e brasileira se reuniram para ouvir o que a estrela da noite tinha a dizer na casa do embaixador do Brasil em Washington, Sergio Amaral. Empossado há apenas dois meses e meio como o 38º presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro se antecipou à degustação da entrada daquele jantar, ainda intacta nos pratos sobre a ampla mesa, para se levantar e se dirigir aos convidados. O mandatário ligou o microfone e, um pouco tímido, começou o discurso entrecortado por flashes de fotógrafos que cobriam o evento: “É com muita alegria e satisfação que eu visito os Estados Unidos. Permitam-me dizer: eu estou me sentindo quase que em casa [...]. Sempre tive muita admiração para com o povo americano”.¹

Depois de brincar com a anedota, repetida em outras ocasiões, de que nem Michelle, sua esposa, acreditava no triunfo eleitoral de 2018, Bolsonaro disse que sua campanha foi baseada no versículo bíblico de João 8:31: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. E prosseguiu: “E o que eu sempre sonhei foi libertar o Brasil da ideologia nefasta de esquerda. Um dos grandes inspiradores meus...”. Neste momento, o presidente vira-se para a direita e olha em direção ao ocupante da cadeira imediatamente ao lado, que põe a mão no peito em sinal de agradecimento, para continuar com o raciocínio:

está aqui à minha direita, o professor Olavo de Carvalho, que é o inspirador de muitos jovens no Brasil. Em grande parte devemos a ele a revolução que estamos vivendo. Mas, prezado Olavo de Carvalho: o Brasil não é um terreno aberto, onde nós pretendemos construir coisas para o nosso povo. Nós temos que *desconstruir* muita coisa, *desfazer* muita coisa, para depois, então, começarmos a fazer. Que eu sirva para que, pelo menos, possa ser um ponto de inflexão, eu já estou muito feliz. O nosso Brasil caminhava para o socialismo, para o comunismo. E quis a vontade de Deus, entendo dessa maneira, que dois milagres aconteceram: um, a minha vida e outro, a eleição.²

¹ JANTAR de Bolsonaro em Washington teve Olavo de Carvalho e Steve Bannon. *Poder 360*, 18 mar. 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/jantar-de-bolsonaro-em-washington-teve-olavo-de-carvalho-e-s-teve-bannon/>. Acesso em: 31 jan. 2023.

² *Id, ibid.* Grifos meus.

Um pouco depois, tem início um trecho um pouco confuso da elaboração: “Todos aqui são importantes. Se vieram aqui, de uma forma ou de outra têm um sentimento, algo que une à minha pessoa. Humildemente, nós sabemos que, quando a diplomacia não dá muito certo, a retaguarda tem as Forças Armadas”. Alguns risos discretos, quase estrangidos, espocam na audiência. O presidente continua: “O caminho é sempre o mesmo, sempre estamos juntos. Parece até que estamos de lados opostos, mas não. Estamos do mesmo lado”. Quando conclui, já sentado e findas as palmas, Bolsonaro emenda uma graça: “estou quase um diplomata já”, arrancando, agora sim, risadas mais espontâneas.³

Para quem acompanha de perto a trajetória das novas direitas pelo mundo, esse episódio é significativo por pelo menos três razões. Primeiro porque resta claro que, como sublinhou o politólogo holandês Cas Mudde, a quarta onda da extrema direita, de 2000 para cá, está muito mais naturalizada, levando ao centro do poder figuras de notória oposição ao establishment político. Enquanto esse encontro acontecia, três dos cinco países mais populosos do mundo eram governados por extremistas de direita: Estados Unidos, Índia e Brasil. Hungria e Polônia, na Europa, também juntam-se a esse quadro, que pode ser ainda maior se forem considerados Bulgária, Estônia, Itália e Eslováquia, que incluíram partidos assemelhados nas coalizões de governo.⁴

Outro fator importante a destacar sobre o discurso de Bolsonaro é que seu raciocínio destoa radicalmente do que costuma ser observado entre o período eleitoral e os primeiros meses de gestão. Em geral, políticos prometem realizações, projetam cenários de melhorias e usam a exposição como oportunidade para a exploração de determinados consensos tidos como fundamentais para o próximo quadriênio. Não é por acaso que o semestre inaugural de todo ciclo presidencial é tido como “mágico”, posto que o novo governo apresenta mais chances de fazer tramitar com êxito propostas legislativas que exigem mais capital político, como é o caso de emendas constitucionais.⁵ Mas 2019 não era o início de um mandato

³ *Id, ibid.*

⁴ MUDDE, Cas. *A extrema direita hoje*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022. p. 17-24.

⁵ Um exemplo de abordagem nesta direção está em diversas declarações de Ciro Gomes, candidato à presidência em 2018 e 2022 pelo PDT. CARDOSO, Daiene. Ciro diz que se eleito vai propor reformas nos primeiros seis meses. *Exame*, 26 abr. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/ciro-diz-que-se-eleito-vai-propor-reformas-nos-primeiros-seis-meses/>. Acesso em 16 jan. 2023.

qualquer. Em vez de construir, a missão do presidente era *desconstruir muita coisa, desfazer muita coisa*.

Por fim, vale destacar a citação de Jesus através do apóstolo João. A disputa pela verdade tornou-se uma das principais missões das novas direitas no mundo, facilitada pela emergência de um novo espaço público, caracterizado pela autocomunicação. Com a internet, finalmente seria possível driblar os filtros dos meios tradicionais de informação e conexão, unindo semelhantes, fortalecendo ou constituindo identidades e expandindo a atuação de grupos outrora marginalizados pelo sistema.⁶

⁶ BOSCO, Francisco. *A vítima tem sempre razão?: Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro*. São Paulo: Todavia, 2017. p. 57-88.

1. INTRODUÇÃO: REDPILLADOS

Ao anunciar o fim da banda brasileira de heavy metal Shaman, graças a divergências políticas e morais entre os membros, o baterista Ricardo Confessori publicou um texto no Instagram reclamando dos roqueiros da atualidade, que, segundo ele, não representam o espírito característico do gênero em suas origens. Diz um trecho do desabafo:

Eu me refiro aos roqueiros modernos, são o tal do ‘bluepill’: faz tudo certinho, tudo com o que a mulher quer dele. Primeiro vem o casamento, o amor da vida dele, depois vem a banda, o Rock, tudo... o Rock nunca foi isso. O Rock veio de caras brutos, às vezes até com um parafuso solto. [...] Chega de músicos ‘bluepill’, caras que têm medinho de falar qualquer coisa, sai correndo, com o rabo entre as pernas por causa de qualquer coisa. A gente é Rock, caralho, entendeu?⁷

No post, Confessori utiliza a expressão *blue pill*, que se popularizou entre conservadores e reacionários nos últimos anos. A explicação está na franquia Matrix, série de filmes iniciada em 1999 com a direção das irmãs Lilly e Lana Wachowski. Na obra, o personagem Thomas Anderson, hacker de codinome Neo, tem como missão encontrar o suposto terrorista Morpheus, mas é antes surpreendido e capturado por ele, que lhe oferece duas alternativas para seguir adiante: a pílula azul, que o devolveria à realidade cotidiana, e a pílula vermelha, que o apresentaria à verdade. Neo optou pela segunda. A partir disso, o mundo tal como ele conhecia é descortinado e desmascarado como simplesmente um simulacro do real.

A origem das menções à *red pill* pela direita reacionária está num movimento virtual de orientação misógina conhecido como *Gamergate*, em 2014.⁸ Nove anos depois, o “coach de masculinidade” Thiago Schutz ganhou inúmeras manchetes no jornalismo brasileiro ao ameaçar de morte uma humorista que o satirizou falando

⁷ ERNANI, Felipe. Ricardo Confessori diz que é “roqueiro raiz” em explicação bizarra sobre o fim do Shaman. *Tenho Mais Discos Que Amigos*, 14 jan. 2023. Disponível em: <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2023/01/14/ricardo-confessori-roqueiro-raiz/>. Acesso em: 01 mar. 2023.

⁸ SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima e. *Masculinismo: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil*. 240 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. p. 102 e seguintes. Para mais sobre o Gamergate, ver FISHER, Max. *A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo*. São Paulo: Todavia, 2023. p. 53-92.

sobre relacionamentos num podcast. Ele se diz um “aconselhador *red pill*” e eventualmente utiliza o termo em inglês como pseudônimo.⁹ Numa matéria para o *TAB UOL*, Ana Sarmento descreveu o que encontrou em 10 dias de pesquisa em grupos de Whatsapp e Telegram a partir das buscas “MGTOW” (*Men Going Their Own Way*) e “*red pill*” no Google. “Todos esses grupos”, ela diz, “se unem pela crença de que os homens estariam em desvantagem na sociedade contemporânea — que operaria sempre em favor das mulheres”.¹⁰

Seja como for, a analogia com as pílulas de Matrix passou a ser utilizada de modo generalizado pelas novas direitas para caracterizar uma espécie de despertar para a realidade oculta. Num evento conservador em Santa Catarina, o ex-chanceler Ernesto Araújo disse estar “redpillado” e, já demitido do governo, criticou Bolsonaro como uma espécie de “vendido para o sistema” dizendo que “colocaram uma pílula azul no café do presidente”.¹¹ A pandemia de covid-19 foi, sem dúvidas, um elemento propulsor desse processo, quando parte substantiva das direitas no mundo utilizou a crise sanitária para reforçar sua performance antiestablishment. No Brasil, um dos casos mais conhecidos de citação a Matrix veio do ex-ministro da Educação Abraham Weintraub, nome forte do governo Bolsonaro nas guerras culturais. Em maio de 2020, diante de pressão por ter sugerido a prisão de ministros do Supremo Tribunal Federal na famigerada reunião ministerial de 22 de abril, o então número um do MEC atacou o governador João Doria (PSDB-SP) — ex-bolsonarista que rompeu definitivamente com o governo federal durante a pandemia — com uma cena do filme. Ele já havia publicado no X (antigo Twitter), dias antes, um corte específico com a sequência das pílulas e a legenda “Está chegando o momento de decidir”.¹²

Em alguma medida, todos esses personagens — Confessori, Schutz, Araújo e Weintraub — são produto de um amplo processo de reorganização epistêmica

⁹ ENTENDA o que é ‘red pill’ e história de coach acusado de misoginia, que foi rejeitado por mulher em reality. *O Globo*, 27 fev. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/02/entenda-o-que-e-red-pill-e-historia-de-coach-acusado-de-misoginia-que-foi-rejeitado-por-mulher-de-50-anos.ghtml>. Acesso em: 01 mar. 2023.

¹⁰ SARMENTO, Ana. ‘Redpillado’: como ‘Matrix’ inspira grupos machistas e a extrema-direita. *TAB UOL*, 23 nov. 2021. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/11/23/redpillado-como-matrix-inspira-grupos-machistas-e-a-extrema-direita.htm>. Acesso em: 01 mar. 2023.

¹¹ *Id, ibid.*

¹² GAGLIONE, Cesar. Como o filme ‘Matrix’ se tornou símbolo na extrema direita. *Nexo Jornal*, 20 mai. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/05/20/Como-o-filme-%E2%80%99Matrix%E2%80%99-se-tornou-s%C3%ADmbolo-na-extrema-direita>. Acesso em: 01 mar. 2023.

impulsionado pelas infraestruturas técnicas contemporâneas, que abalaram profundamente os sistemas pré-digitais de produção da verdade. A antropóloga Letícia Cesarino, que avançou sobre essa temática através de ferramentas oferecidas pela explicação cibernética, notadamente a partir da obra de Gregory Bateson, chamou de “crise do sistema de peritos” uma das consequências mais significativas dessa mudança de paradigma observada nas últimas décadas e sem dúvidas acelerada pela plataformização da *web*. Grosso modo, essa crise nada mais é do que o enfraquecimento das ciências ditas normais diante da ascensão de novas tecnologias, em especial as redes sociais digitais.¹³

Nos termos de Cesarino,

Os sistemas de peritos pré-digitais ofereciam um campo socialmente compartilhado de controle de entropia, ao fixar normativamente binarismos organizadores do real como público-privado e fato-ficção. Sem um campo comum, as antigas categorias não desaparecem, mas se desestabilizam, oscilando e se recombinando nos termos de novas matrizes sistêmicas ainda emergentes.¹⁴

E prossegue:

Assim, por exemplo, o colapso de contextos entre fato e ficção, levado a seu limite pela lógica da plataformização, é “resolvido” por meio de uma bifurcação no nível da própria estrutura: entre uma camada antiestrutural (as mídias alternativas) na qual tudo é real e autêntico, e outra (público dominante) no qual tudo é falso e fruto da agência conspiratória de inimigos ocultos.¹⁵

Para Tatiana Roque, professora de matemática, história das ciências e filosofia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), essa crise não é exatamente das ciências, mas da expertise. Os experts são aqueles que ocupam o debate público a partir das credenciais acadêmicas, mediando a relação entre ciência e política. Entidade lotada de experts, a Organização Mundial da Saúde (OMS), criada na esteira da fundação da Organização das Nações Unidas (ONU), a quem é subordinada, se notabilizou pelo importante papel desempenhado na implementação de políticas relacionadas à saúde. Sua tarefa, com os regimes democráticos em expansão desde a segunda metade do século XX, tem sido a de

¹³ CESARINO, Letícia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. *Ilha-Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73-96, 2021.

¹⁴ *Id.* *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora, 2022. p. 76.

¹⁵ *Id.* *ibid.* p. 76-77.

convencer a população sobre a importância no cumprimento de determinadas regras sanitárias e, ainda, de explicar as implicações dos avanços tecnológicos para os cidadãos comuns, que, a partir disso, poderiam formar de maneira mais equilibrada seu juízo.¹⁶

No entanto, a relação entre desenvolvimento científico e melhora na qualidade de vida começou a estremecer a partir do final da década de 1970, com a crescente percepção de que a tecnologia também pode apresentar riscos. O acidente com a usina nuclear de Chernobyl, em 1986, é um dos exemplos mais catastróficos. Além disso, vários são os casos, desde então, de idas e vindas na recomendação ou no veto de determinadas substâncias e alimentos. O que para a ciência é tido como normal, afinal novas conclusões podem — e devem — ser tiradas a partir de novos estudos, para a opinião pública pode ser motivo de confusão, de descrédito e até de chacota. Diferentemente dos cientistas, porém, os especialistas estão na linha de frente e precisam dar respostas mais taxativas.¹⁷

É precisamente aí que entram os “mercadores da dúvida”, para utilizar a expressão de Erik Conway e Naomi Oreskes em sua obra sobre os debates acerca dos malefícios do tabaco e do aquecimento global,¹⁸ que, até a pandemia de covid-19, quase monopolizavam os debates dos negacionistas. Durante a crise sanitária mundial de 2020-22, vários destes mercadores, catapultados pelo avanço das redes sociais digitais e seus desdobramentos, aproveitaram-se dos deslizamentos cometidos pela OMS¹⁹ para disseminar desconfiança sobre as políticas de distanciamento social, de tratamento e até de vacinação.

O que se tem, portanto, segundo Roque, é menos uma “crise da verdade” e mais uma “crise do conhecimento social”. Em suas palavras, “a sociedade está com dificuldade para discernir o conhecimento científico confiável: reconhecer quem sabe e quem não sabe, quem é e não é confiável e quais instituições produzem um saber verdadeiramente genuíno e desinteressado”.²⁰

¹⁶ ROQUE, Tatiana. A queda dos experts. *piauí*, mai. 2021. ed. 176. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/queda-dos-experts/>. Acesso em: 13 abr. 2023.

¹⁷ *Id, ibid.*

¹⁸ ORESKES, Naomi; CONWAY, Erik. *Merchants of doubt*. Nova Iorque: Bloomsbury, 2010.

¹⁹ Alguns deles são listados por Tatiana Roque no artigo, a saber: a) quando, em outubro de 2020, o médico David Nabarro disse que o lockdown não poderia ser a principal ferramenta de controle do vírus; b) quando, dois meses depois de orientar somente doentes e profissionais da saúde a fazê-lo, conclamou a população em geral a utilizar máscaras; e c) quando Maria Van Kerkhove disse que assintomáticos raramente transmitiriam a doença. *Id, ibid.*

²⁰ ROQUE, *op. cit.*

Nesse sentido, essa crise do conhecimento — seja da ciência ou especificamente dos experts — não pode ser compreendida de maneira isolada. O que está em xeque, para Cesarino, é todo um modelo de governança que caracterizou o Ocidente democrático no pós-guerra, baseado em ideais de concidadania e reconhecimento universal. Desestabilizado esse enquadramento característico das social-democracias, na prática o que se tem é a progressiva perda de confiança nas normas e instituições — o que inclui governos, mas também, em maior escala, mediadores tradicionais do real, como as universidades e o jornalismo profissional.²¹ Não por acaso, a nova onda de extrema direita é composta pela ascensão de partidos políticos, mas também de subculturas e organizações ligadas a movimentos sociais. Estas últimas, por sua vez, são integradas por organizações intelectuais e de mídia.²²

A recente onda de populistas bem-sucedidos eleitoral e digitalmente não pode ser coincidência, portanto. Para os “novos Doutores Fantásticos da política”, como os classificou Giuliano da Empoli, a prioridade das campanhas plataformizadas deixou de ser convergir ao centro para, em vez disso, instigar paixões e adicionar os extremos marginalizados.²³ Em tempos analógicos, é provável que a declaração de apoio da Ku Klux Klan a uma candidatura presidencial nos Estados Unidos fosse o suficiente para aniquilá-la. Mas esse não foi um grande problema para Donald Trump em 2016 — embora sua campanha a tenha rejeitado.²⁴

Como não existe vácuo no poder, emergem, de um lado, populistas carismáticos que prometem quebrar esse ciclo de alegadas falsidades no campo político-institucional e, de outro, *coaches*, gurus e influenciadores que, como novos peritos, garantem dizer a verdade em contraponto a acadêmicos e jornalistas profissionais. Ambos reivindicam legitimidade pela atuação às margens do sistema, que, bem diferente dos sistemas de peritos pré-digitais, é o que lhes garantiria alguma autoridade — porque precedida pelo valor da autenticidade.²⁵

Nesse sentido, ainda com a antropóloga,

²¹ CESARINO. *O mundo do avesso. op. cit.* p. 205 e seguintes.

²² MUDDE, Cas. *A extrema direita hoje*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022. p. 66-70.

²³ EMPOLI, Giuliano da. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígios, 2022. p. 21.

²⁴ JORNAL do Ku Klux Klan declara apoio a Trump na eleição dos EUA. *G1*, 22 nov. 2016. Disponível em: <http://glo.bo/2fwGa0m>. Acesso em: 01 abr. 2023.

²⁵ CESARINO. *O mundo do avesso. op. cit.* p. 226-228.

O indivíduo que já havia deixado de confiar no sistema recebe uma revelação simples e intuitiva sobre a fonte oculta dos problemas que o aflige, bem como a ilusão de retomada do controle sobre a própria vida. Em lugar de tomar a forma objetiva dos fatos, como no sistema anterior, a fonte dos problemas se inverte: assume a forma subjetiva de pessoas, normalmente elites que conspiram contra o cidadão comum.²⁶

Em casos extremos, a adesão às bolhas digitais poderia provocar aquilo que Cesarino chama de “bifurcação”, metáfora que explicita a tomada de caminhos totalmente distintos entre públicos dominantes e antiestruturais. Isso significa, na prática, que, por exemplo, um bolsonarista engajado tende, cada vez mais, a consumir conteúdo de canais alinhados com o ex-presidente. Logo após eleito, em 2018, Bolsonaro indicou aqueles que seriam, para ele, canais confiáveis de informação: Embaixada da Resistência, Tradutores de Direita, Olavo de Carvalho, Bernardo Küster, Diego Rox e Nando Moura. Todos, até então, eram estritamente alinhados com o capitão reformado do Exército. Obviamente, nenhum veículo de jornalismo profissional foi citado.²⁷

A *red pill* opera, portanto, como uma metáfora que descreve, segundo Cesarino, o cruzamento da fronteira que resguardava o ecossistema informacional do sistema de peritos por esse sujeito que dele se libertaria²⁸ — algo como uma versão contemporânea da caverna de Platão. Essa ideia de uma camada aberta pelas mídias digitais é importante para explicar o entusiasmo das direitas com este espaço. De certa forma, ele remete ao espírito libertário dos primórdios da rede, quando se acreditava que a internet poderia representar uma verdadeira revolução informacional e também social, que proporcionaria aos seus usuários a oportunidade de viver numa espécie de colônia autogerida.²⁹ Descende daí também sua aversão a quaisquer marcos regulatórios.³⁰

²⁶ *Id, ibid.* p. 77-78.

²⁷ ASSAD, Paulo; GRINBERG, Felipe; AGUIAR, Felipe. O que pensam os youtubers de Jair Bolsonaro? *O Globo*, 17 nov. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/o-que-pensam-os-youtubers-de-jair-bolsonaro-23237031>. Acesso em: 02 abr. 2023.

²⁸ CESARINO. *O mundo do avesso. op. cit.* p. 185-195.

²⁹ FISHER, Max. *A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo*. São Paulo: Todavia, 2023. p. 64-73.

³⁰ SCOFIELD, Laura. A campanha bolsonarista contra o PL das fake news. *Nexo*, 25 abr. 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/externo/2023/04/25/A-campanha-bolsonarista-contr-o-PL-das-fake-news1>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Sem dúvidas, uma das características mais marcantes destes grupos é sua faceta radical. As novas direitas formatadas por esse novo espaço público não são exatamente conservadoras, na acepção basilar do termo. Pelo contrário, até. São disruptivas e, em alguma medida, revolucionárias. De certa forma, elas se associam muito mais a concepções libertarianas, de defesa intransigente de um capitalismo sem quaisquer restrições.³¹ Os libertários não podem ser confundidos com os liberais de sempre, como convenientemente se poderia argumentar para descartar o que há de novidade nesse movimento. Para o historiador argentino Pablo Stefanoni, o libertarismo costumava mesclar o antiestatismo com certo progressismo nos costumes — porque fundamentado pelo individualismo —, o que o permitiria navegar “em águas movediças entre a esquerda e a direita”, mas tem se aproximado cada vez mais do reacionarismo extremista.³²

Não se trata exatamente de uma contradição, ao menos aos olhos desses atores. Como defensor de Bolsonaro e antiesquerdista convicto, Confessori provavelmente se considera um conservador. Mas ele relaciona a *blue pill* e ser “todo certinho” à esquerda. Isso ocorre porque a percepção de que o “verdadeiro poder” estaria nas mãos dos progressistas se encastelou nesses grupos de tal forma que a única forma de eles se enxergarem na arena política contemporânea é como oposição, mesmo quando estão no governo.

Derrotada nas armas ao longo do século XX, a esquerda teria conseguido executar com sucesso uma estratégia sorrateira atribuída ao filósofo italiano Antonio Gramsci de ocupação de espaços na cultura, dominando as universidades, o jornalismo e as artes, incluindo o *showbusiness* — razão pela qual as novas direitas radicais odeiam os conservadores tradicionais, chamados de *cuckconservatives* (algo como “conservadores cornos”) por sua capitulação diante do progressismo. A tese do “marxismo cultural”, também chamada de “gramscismo”, serviu para manter aceso o discurso anticomunista em baixa após o desmantelamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.³³ Sob o domínio do “politicamente correto”, uma das expressões da suposta hegemonia gramscista, é como se o fato de ser

³¹ ROCHA, Camila. “Menos Marx, mais Mises”: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 232 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 44-49.

³² STEFANONI, Pablo. *A rebeldia tornou-se de direita?* Como o antiprogressismo e a anticorreção política estão construindo um novo sentido comum (e por que a esquerda deveria levá-los a sério). Campinas: Editora da Unicamp, 2022. p. 79-81.

³³ *Id, ibid.* p. 48-57.

conservador — fora do mainstream, claro — fosse por si só um atestado de rebeldia.

Matrix é um dos exemplos de obras de ficção que, mesmo eventualmente assinadas por autores sabidamente de esquerda, acabaram apropriadas pelas novas direitas radicais, servindo como baliza para a interpretação dos acontecimentos no presente e inspirando uma postura disruptiva.³⁴ Nos últimos anos, houve mais ou menos o mesmo também com *1984* e *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, que esteve nas trincheiras da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) ao lado dos Republicanos contra as tropas do general Francisco Franco.³⁵ A direita também disputou com a esquerda a interpretação do fenômeno de bilheteria nos cinemas Coringa.³⁶

É precisamente aí que os novos movimentos conservadores se assemelham com o fascismo histórico, entendido menos como uma contrarrevolução e mais como uma revolução alternativa ao marxismo. Cada dia mais associada ao sistema e menos capaz de oferecer projetos transformadores e imagens utópicas para o futuro, a esquerda tem visto a direita sensibilizar abstencionistas e expandir sua área de influência como provavelmente nunca se viu.³⁷

Um dos pontos altos do trabalho de Cesarino é a recolocação do problema insistentemente debatido por políticos e pesquisadores do presente aturdidos pelo avanço das novas mídias e o pacote completo por elas trazido, incluindo políticos populistas e uma massiva onda de desinformação: afinal, são as plataformas que radicalizam os usuários? Para a pesquisadora, não faz sentido pensar na ação dos algoritmos sem levar em consideração o comportamento daqueles que com eles navegam. E, de certa forma, o inverso também é verdadeiro — afinal, argumenta, não é porque o Facebook eventualmente exhibe conteúdos do polo opositor para seus usuários que a rede opera como um mero meio imparcial de comunicação.³⁸

Mas não restam dúvidas de que as redes sociais propiciam a radicalização. O termo não é fortuito. Para Cesarino, as *affordances* não estão no organismo ou no ambiente, mas na relação entre ambos. O segredo do sucesso das plataformas, diz,

³⁴ GAGLIONE. *op. cit.*

³⁵ COMO a direita se apropriou da obra de George Orwell. *Estadão*, 21 jan. 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/alias/como-a-direita-se-apropriou-da-obra-de-george-orwell/>. Acesso em: 01 mar. 2023; e SZWAKO, José; CARDOSO-DA-SILVA, Matheus. Orwell à brasileira. *dois pontos*, Curitiba, São Carlos, volume 19, número 2, p. 67-77, julho de 2022.

³⁶ STEFANONI. *op. cit.* p. 11-25.

³⁷ *Id, ibid.*

³⁸ CESARINO. *O mundo do avesso. op. cit.* 87-97.

foi terem conseguido capturar modelos do humano derivados do comportamento animal, induzindo ao abandono das convenções sociais vigentes e, pela ação dos algoritmos, confinando os usuários em bolhas que, paradoxalmente — no caso dos “redpillados” —, personalizam mundos e os incitam a permanecer em “estado de multidão”.³⁹

Um estudo recente do NetLab, da Escola de Comunicação da UFRJ, por exemplo, mostra que os espectadores do documentário *Cortina de Fumaça*, que reproduz diversos clichês anti-ambientalistas, são induzidos pelo YouTube a integrar uma câmara de ressonância radical de direita, com diversas temáticas e abordagens afins. Apesar da maior rigidez da plataforma quanto à recomendação de conteúdo conspiracionista climático, “a análise de outros vídeos confirmou a inserção do debate ambiental em uma rede ideológica que envolve questões de extremismo, gênero, arte, cultura, educação, história, entre outras”, segundo os pesquisadores. Foram 982 vídeos observados ao todo, além de mais de 13 mil comentários.⁴⁰

Isso ajuda a explicar também a oposição de grupos bolsonaristas a pesquisas eleitorais.⁴¹ Baseados nesse novo espaço público que emergiu das redes sociais digitais, argumentam que os institutos distorcem a realidade e que preferem aquilo que chamam de “Data Povo”.⁴² Além disso, como a plataformização premia a radicalização — já que ela tende a produzir mais engajamento —, métricas de redes sociais passam a ser reivindicadas como a verdadeira “voz do povo”, numa espécie de “tecnopopulismo”. Os usuários, clusterizados, passam então a operar cada vez mais através da lógica estranho-familiar, buscando reforço positivo entre os pares e disciplinando seu juízo na direção da proposição lógica “Se... então”.⁴³

Para esses agentes, se o conteúdo vem das elites culturais e da esquerda, só pode ser falso; se é crítico à esquerda ou vem da direita, só pode ser verdadeiro.

³⁹ *Id, ibid.* p. 98-107, 122-131 e 169-172.

⁴⁰ SALLES, D; MEDEIROS, P. M. de, SANTINI, R. M.; BARROS, C. E. The Far-Right Smokescreen: Environmental Conspiracy and Culture Wars on Brazilian YouTube. *Social Media + Society*, v. 9, n. 3, p. 1-22, jul-set. 2023. <https://doi.org/10.1177/20563051231196876>.

⁴¹ ALEGRETTI, Laís. Eleições 2022: boicote a pesquisas por eleitores de Bolsonaro pode distorcer resultados? *BBC News Brasil*, 11 out. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63200355>. Acesso em: 2 jun. 2023.

⁴² SATIE, Ana. Datafolha x datapovo: Por que não dá para comparar pesquisa e manifestação? *UOL*, 7 set. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/09/07/datafolha-x-datapovo-por-que-nao-da-para-comparar-pesquisa-e-manifestacao.htm>. Acesso em: 14 dez. 2023.

⁴³ CESARINO. *O mundo do avesso. op. cit.* p. 122-131.

Da mesma forma, se a historiografia ou a memória social da ditadura militar são de esquerda — e não importa que sejam ou não; apenas que essa seja uma percepção do grupo —, ambas só podem ser de mentira. É claro que essa lógica não nasceu com a direita e muito menos com as redes sociais. Para a esquerda dos governos petistas entre 2003 e 2016, se a informação viesse da *Veja*, por exemplo, havia grandes chances de ser tida de antemão como falsa.⁴⁴ Mas ela se potencializou à medida que se consolidou esse novo espaço público forjado pela plataformização.

No interior dessa disputa pela verdade, muitas são as diferenças que contam a favor dos “redpillados”. Como, na maioria das vezes, não estão em posição de poder, esses agentes são naturalmente menos cobrados em caso de erro. Além disso, também há uma importante questão relacionada ao tempo: enquanto o das ciências normais é lento, caracterizado por inúmeras revisões, a oferta dos públicos antiestruturais está sempre à mão de modo instantâneo. E o acesso a um novo mundo — o que seria o verdadeiro — está a apenas um clique de distância. Quer dizer, apenas uma virada de chave que ativaria o “modo *red pill*” e garantiria acesso a um conhecimento real, sem a mácula da hegemonia esquerdista.

Típica da precarização da vida contemporânea e potencializada por essas arquiteturas digitais, a compressão do espaço-tempo enfraquece a temporalidade característica do modelo keynesiano-fordista, do planejamento a médio prazo, e cede lugar às temporalidades imediata e longínqua de futuros imprevisíveis. Esse quadro produz o cancelamento não apenas de um futuro, portanto, mas também de um passado comum, este objeto de disputas cada vez mais intensas nas mais variadas formas de revisionismo e de negacionismo histórico.⁴⁵

É neste cenário em que foi concebida a produtora audiovisual Brasil Paralelo (BP). Criada em 2016, precisamente no meio do processo de impeachment de Dilma Rousseff, a empresa é fruto direto dessa crise, que, como vimos, é do conhecimento social, mas também da política institucional. Híbrido de organização intelectual e de mídia da direita radical — tomando por empréstimo as caracterizações de Mudde —, a empresa viu na crise uma janela de oportunidade

⁴⁴ Ver, por exemplo: LULA diz que ‘Veja’ é panfleto da oposição e pede indiferença à revista. *Rede Brasil Atual*, 30 out. 2014. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/lula-diz-que-veja-e-panfleto-da-oposicao-e-sugere-postura-de-indiferenca-a-revista-6963/>. Acesso em: 2 jun. 2023.

⁴⁵ CESARINO. O mundo do avesso, *op. cit.* 108-114.

para oferecer, a um só tempo, uma denúncia sobre a alegada hegemonia de esquerda na cultura e, além disso, ferramentas para reinterpretar a realidade e intervir sobre ela.

Começou com um canal de YouTube e também um site, mas logo a iniciativa se desdobrou em várias alternativas de consumo para o público conservador, cada vez mais disposto a explorar um circuito comunicacional fora dos públicos dominantes. Em alguns anos de atividades, a BP criou uma rede de assinantes, um *streaming* próprio, cursos, podcast e chegou até a publicar livro. Essa espécie de *think tank* em moldes bem contemporâneos rapidamente gerou grandes frutos. Até meados de julho de 2022, a empresa tinha cerca de 30 milhões de visualizações na rede de vídeos gerida pelo Google e alegava congregar mais de 328 mil assinantes.⁴⁶

Um elemento que ajuda a dar uma dimensão dessa iniciativa é que, além das obras audiovisuais voltadas a discutir temas mais quentes, como o próprio impeachment de Dilma em *Congresso Brasil Paralelo*, a produtora também concentrou esforços na abordagem de passados mais ou menos distantes, como a colonização portuguesa, a Era Vargas e o regime militar. Para quem busca se posicionar no mercado de ideias dominado pela plataforma, trata-se de uma escolha arriscada, já que essas produções custam caro e nem sempre mobilizam tanto a audiência quanto aquelas que envolvem o tempo imediato. Mas os números mostram que, também neste caso, o projeto deu certo. Até maio de 2021, eram cerca de 9 milhões de views ao todo na série documental sobre história geral do Brasil e 8,6 milhões no documentário sobre 1964.⁴⁷

O objetivo desta pesquisa, como indica seu singelo subtítulo, é, diante de todos esses condicionantes, entender como a Brasil Paralelo contou a história do regime militar. Embora encerrada há quase quatro décadas, a ditadura constitui uma das mais sensíveis experiências para a sociedade brasileira, cujos efeitos ainda se fazem sentir no presente, seja através da manutenção, ainda que parcial, do aparato repressor nas polícias, especialmente nas regiões periféricas do país, seja

⁴⁶ MONTEIRO, Renan. Brasil Paralelo surfa na polarização e tem crescimento exponencial. *Veja*, 8 jul. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/brasil-paralelo-surfa-na-polarizacao-e-tem-crescimento-exponencia>. Acesso em:

⁴⁷ ZANINI, Fábio. Produtora Brasil Paralelo vive crescimento meteórico e quer ser 'Netflix da direita'. *Folha de S. Paulo*, 29 mai. 2021. Disponível em: <https://folha.com/ny8ichvu>. Acesso em: 20 dez. 2023.

pelas sequelas físicas e psicológicas que a violência perpetrada pelo Estado brasileiro neste regime de exceção deixou para sobreviventes e seus descendentes. Isso implica admitir que minha abordagem tende a ser naturalmente menos fria do que a potencialmente observada em trabalhos sobre passados mais remotos ou que envolvam temáticas de teor mais ameno. Além disso, não restam dúvidas de que partes do discurso aqui observado operam em alguma medida como fiadoras de uma reedição, ainda que adaptada, de uma nova derrocada democrática no presente.

Por outro lado, a redação desta tese nasceu de um interesse genuíno sobre a articulação de uma nova intelectualidade anticomunista, na esteira da revolução digital e de movimentos políticos que chacoalharam a Nova República no Brasil e diversas outras democracias pelo mundo. Desta forma, serão evitados aqui esforços no sentido de “alertar” a audiência para os “perigos” representados pelo discurso da Brasil Paralelo, a exemplo de abordagens que, legitimamente assustadas com o processo de reorganização epistêmica impulsionado pelas infraestruturas técnicas contemporâneas, buscam algo como proteger a verdade histórica de falsificadores. Essa estratégia, além de parecer contraprodutiva, também pode induzir a investigação ao erro com certa facilidade.

Como já indicou Stefanoni, progressistas, certos de sua superioridade moral, tendem a ridicularizar e a descartar de antemão as ideias das direitas emergentes.⁴⁸ Ainda hoje há quem acredite que Olavo de Carvalho, possivelmente o pensador mais influente da história da direita brasileira, não deva ser estudado. Francamente, essa avaliação me parece um erro — inclusive e sobretudo em termos analíticos. Não ler as novas direitas e ainda assim tratar sobre elas no debate público é estar fadado a reproduzir parâmetros interpretativos de outros contextos e assim realizar leituras excessivamente imprecisas e enviesadas.

Numa coluna de novembro de 2021 no jornal *O Globo*, chamada “Precisamos escutar”, o professor Pablo Ortellado lembra o caso em que bolsonaristas foram denunciados como apologistas do nazismo durante protesto na Câmara de Porto Alegre contra a adoção do passaporte vacinal.⁴⁹ A evidência é que alguns dos cartazes exibidos durante a manifestação continham suásticas. Entre esses grupos,

⁴⁸ STEFANONI. *op. cit.* p. 19.

⁴⁹ ORTELLADO, Pablo. Precisamos escutar. *O Globo*, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/opiniaopost/precisamos-escutar.html>. Acesso em: 20 dez. 2023.

porém, não são comuns defesas explícitas do fascismo histórico, que costuma ser associado por elas à esquerda. O que havia, neste caso, era precisamente o contrário: bolsonaristas denunciando o passaporte vacinal como uma medida nazista.

Trata-se de uma ideia esdrúxula, sem dúvidas. E a oposição às medidas de enfrentamento à pandemia de covid-19 é bastante temerária. Além disso, é bem provável que esses manifestantes tenham mais em comum com o nazismo do que imaginam. Mas não é correto dizer que eles estavam pedindo por um Terceiro Reich à brasileira. Já em 2022, durante a transição de governo, viralizou um vídeo que mostrava bolsonaristas com os celulares equilibrados na cabeça e uma legenda indicando que aquilo era um pedido de socorro para extraterrestres. Vários veículos de jornalismo repercutiram sem checar. Alguns dias depois, a *Folha* publicou uma errata assumindo a imperícia: filmado por um drone, o pedido na realidade era para as Forças Armadas, que deveriam intervir contra a posse de Lula. Nada democrático, é verdade, mas tampouco ufológico.⁵⁰

Para Ortellado, essa disposição anti-Bolsonaro também está presente nos circuitos acadêmicos. “Nos estudos sobre movimentos sociais”, diz, “a extrema direita ainda é tratada na chave da anomia social, como se o apoio às suas causas fosse uma espécie de disfuncionalidade”. Ele complementa, incluindo-se na categoria: “Estudamos os movimentos de extrema direita como se fossem causados por um desarranjo profundo, um desespero irracional gerado pela rápida mudança nas relações sociais e nos valores, pelo desemprego, pela falta de instrução ou pelo baixo capital cultural”.⁵¹

Não se trata, aqui, de comprar pelo valor de face as ideias defendidas por esses grupos, de buscar um inalcançável meio-termo conciliatório entre o rechaço e sua incorporação ou, pior ainda, de chegar ao que seria a verdade absoluta dos fatos, num exercício autossuficiente de *fact-checking* histórico. Se essas iniciativas já são um fracasso no jornalismo, que dirá na história.⁵² Essa opção também pode frustrar aqueles que eventualmente esperam desta tese um nocaute no revisionismo de direita sobre a ditadura, como num exercício reverso de “lacrção”. Nascida em

⁵⁰ OLIVEIRA, Rebeca. Disponível em: <https://folha.com/mk4s83br>. Acesso em: 20 dez. 2023.

⁵¹ ORTELLADO. *op. cit.*

⁵² AMARAL, Olavo. Checagem de fatos científicos: crônica de um fracasso anunciado. *Nexo*, 27 set. 2022. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/2022/Checagem-de-fatos-cient%C3%ADficos-cr%C3%B4nica-de-um-fracasso-anunciado>. Acesso em: 21 dez. 2023.

comunidades LGBTQIA+, a metáfora acabou apropriada pelas novas direitas das redes e sinaliza o encerramento do debate diante de uma performance irrefutável.⁵³ Nada nesta tese o é.

Felizmente, o quadro descrito por Ortellado não é absoluto e, apesar de não ter como escopo a missão de desmentir os argumentos da Brasil Paralelo sobre o tema, esta pesquisa relaciona a leitura das fontes selecionadas à ampla bibliografia interdisciplinar de estudos sobre as novas direitas e sobre o regime militar brasileiro, o que, para fins de inferência, pode levar a alguns apontamentos críticos as elaborações avaliadas. É, em suma, nesta linha delicada entre o repúdio desavergonhado à ditadura, a antipatia por discursos que minimizem seu autoritarismo e o pretendido rigor da análise que pretendo caminhar.

Além do ético, outro desafio é de ordem metodológica. Um problema para os historiadores do tempo presente, ao contrário de trabalhos sobre passados mais remotos, não é a falta, mas o excesso de fontes. Isso implica um cuidadoso trabalho que seja capaz de selecionar aquelas mais adequadas para a realização da pesquisa, sob pena de alguma negligência ou superestimação, afinal pode-se encontrar de tudo na internet — e extrapolações ideologicamente orientadas podem comprometer uma avaliação mais consistente. Ainda nesse sentido, outra questão importante é quanto à efemeridade desses artefatos. O termo pode provocar estranhamento, posto que fontes digitais — caso das aqui utilizadas — não costumam soar como vestígios do passado. Mas elas o são, ainda que este passado esteja bem mais próximo.⁵⁴

Seja como for, alguns dos vídeos produzidos pela Brasil Paralelo já não estão mais no ar, seja por razões mercadológicas ou por encrencas da produtora com a justiça e as políticas contra desinformação das plataformas.⁵⁵ É um direito legítimo da Brasil Paralelo ou de qualquer outro produtor de conteúdo, afinal. Mas a pesquisa, que conta com a materialidade dessa produção para existir, pode ficar em

⁵³ VANINI, Eduardo. Nascido em ambientes LGBTs, termo ‘lacrção’ sofre apropriações e perde força nas redes. *O Globo*, 24 nov. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/nascido-em-ambientes-lgbts-termo-lacracao-sofre-apropriacoes-perde-fo-rc-a-nas-redes-24092018>. Acesso em: 20 dez. 2023.

⁵⁴ Ver, sobre o tema: BARROS, José D’Assunção (org.). *História digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo*. Petrópolis: Vozes, 2022.

⁵⁵ COUTO, Marlen. Após eleições, canais bolsonaristas retiram do ar mais de 4 mil vídeos no YouTube. *O Globo*, 3 nov. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2022/11/apos-eleicoes-canais-bolsonaristas-retiram-do-ar-mais-de-4-mil-videos-no-youtube.ghtml>. Acesso em: 20 dez. 2023.

maus lençóis. De certa forma, o historiador do tempo presente precisa atuar também como arquivista, já que esses materiais dificilmente já estarão em estado de arquivo.

Mas também pode haver implicações legais. Teoricamente, o pesquisador não poderia disponibilizar esses arquivos para os seus leitores, já que não detém seus direitos de reprodução. Alguns dos links referenciados neste trabalho podem inclusive estar indisponíveis. Na maioria dos casos, deve ser possível checar uma cópia deles no Internet Archive (<https://web.archive.org/>), iniciativa que nasceu justamente a partir desta preocupação, ainda que não exatamente acadêmica. Em outros casos, ofereci links de apoiadores da Brasil Paralelo que fizeram upload das produções em seus próprios canais. É uma opção polêmica, mas que pode garantir, ao menos por ora, a checagem desse material. Para facilitar o acesso, priorizei aquilo que foi publicado no YouTube. Mas cabe destacar que algumas produções são exclusivas para assinantes da BP em sua plataforma própria de streaming. De todo modo, esse é um importante debate aberto a ser aprofundado, envolvendo noções de interesse público e propriedade intelectual.

A principal fonte para o desenvolvimento desta pesquisa é o documentário *1964 - O Brasil entre armas e livros*, lançado pela BP às voltas com o aniversário de 55 anos do golpe militar, em 2019, e prontamente acusado pelos públicos dominantes de defender a ditadura.⁵⁶ Junto a esta produção, somam-se outras que ajudam a compor quadros mais completos dos argumentos apresentados e, ainda, a elucidar concepções mais amplas da empresa e dos intelectuais a ela associados sobre política, cultura, sociedade e história. Além do conteúdo das narrações em *off* e das entrevistas, que costumam formar a parte essencial das obras, também serão eventualmente escrutinados recursos audiovisuais que as auxiliam na condução dos roteiros. Artigos de jornal e posts em blogs e redes sociais, por fim, encerram a lista de artefatos criticamente avaliados.

Ao longo das próximas páginas, o leitor cruzará diversas vezes com os termos “ditadura” e “regime” para caracterizar o modelo de governança que vigorou no Brasil entre 1964 e 1985. Pessoalmente, acredito que o termo “regime” seja mais conceitualmente preciso, embora o militar brasileiro tenha apresentado aspectos

⁵⁶ Ver, por exemplo: ROXO, Sérgio; LEALI, Francisco. Eduardo Bolsonaro divulga documentário que defende a ditadura. *O Globo*, 5 fev. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/filho-de-bolsonaro-divulga-documentario-que-defende-ditadura-23431083>. Acesso em: 10 jun. 2023.

ditatoriais desde sua mais tenra idade, o que me permite utilizar ambas as expressões ao longo do texto, para evitar repetições e melhorar seu estilo. A adoção do termo “regime” também não procura suavizar, como podem sugerir alguns dos seus críticos, seu caráter repressivo.⁵⁷

Num primeiro momento, este trabalho apresentará de modo mais detalhado seu objeto de pesquisa, discutindo os principais valores da Brasil Paralelo, suas estratégias de colocação no mercado de ideias e filiações político-ideológicas. Passeio, nos primeiros capítulos, pelo contexto que envolve a ascensão das novas direitas brasileiras na Nova República e sua surpreendente chegada ao Palácio do Planalto. Adiante, a partir de “O passado entre a história e a memória”, busco entender os usos que a produtora faz do passado em geral, especialmente a partir da série documental *Brasil - A Última Cruzada*.

O capítulo 10 inaugura os debates mais específicos sobre a temática abordada por *Entre armas e livros*. Para isso, retoma alguns preceitos consagrados pelo que o historiador Marcos Napolitano chamou de “memória hegemônica” do regime militar e busca relacioná-los às posições defendidas no documentário sobre o governo Castelo Branco, o nacional-desenvolvimentismo, a luta armada e o AI-5. Depois disso, a pesquisa se detém à noção de “marxismo cultural”, difundida no Brasil sobretudo por Olavo de Carvalho a partir da década de 1990, mas com lastro nas Forças Armadas e no exterior. Essa ideia ocupa, como veremos, fatia expressiva da produção.

Nos capítulos 16 e 17, também a título de contextualização, ofereço um olhar panorâmico sobre a relação dos militares com a Nova República, políticas de reparação e, ainda, a memória militar sobre a ditadura, com destaque para as especificidades do discurso e das ações de Jair Bolsonaro sobre o tema. Por fim, mas não menos importante, este trabalho visita e escrutina os argumentos, baseados sobretudo em arquivos abertos do serviço de inteligência do regime comunista tcheco e recentemente descobertos pela direita brasileira, que justificam e celebram a derrubada do presidente João Goulart em 1964.

Essa tese é resultado de quase cinco anos de pesquisa sobre revisionismos ideológicos da ditadura como aluno isolado e regular no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, entre uma década

⁵⁷ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Passados presentes: o golpe de 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 18.

de observação e reflexões sobre a ascensão das novas direitas no país. Por um incrível acaso, calhou de ser apresentada justamente às vésperas da efeméride de 60 anos do golpe. Espero que essa oportunidade seja bem aproveitada.

2. GRAMSCISMO ANTIGRAMSCISTA

Resta claro que, enquanto denunciava a hegemonia da esquerda, a direita olavista avançava, ela própria, no debate público nacional. Quer dizer, o alerta já era uma forma de ocupá-lo. Olavo de Carvalho não apenas aumentou o número de alunos e seguidores nas redes sociais, como também voltou a aparecer com mais frequência nos veículos tradicionais de comunicação, de onde nunca desapareceu completamente, à medida que avançava a oposição ao Partido dos Trabalhadores durante o governo Dilma. Nas páginas e nos blogs da revista *Veja*, por exemplo, o “parteiro” da nova direita era evocado especialmente nos artigos assinados por Felipe Moura Brasil, Reinaldo Azevedo e Joice Hasselmann.

O sucesso de Olavo levou a editora Record, uma gigante do mercado editorial, a assinar, em 2013, seu primeiro contrato com o escritor. No mesmo ano, foi lançada a coletânea *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, organizada por Moura Brasil, e, mais tarde, em 2018, a editora reeditou *O imbecil coletivo*, lançado originalmente em 1996. A escalada anti-institucional do governo Bolsonaro, em 2021, amplamente fustigada pelo autor, parece ter acendido um alerta na empresa, que optou por não renovar o acordo. Até a ruptura, a Record já havia arrecadado mais de R\$ 11 milhões com as vendas dessas duas obras.⁵⁸ A própria eleição de Bolsonaro turbinou esse mercado. Entre setembro e dezembro de 2018, Olavo vendeu três vezes mais livros do que no mesmo período do ano anterior, gerando um faturamento bruto de R\$ 3,2 milhões.⁵⁹

Outros representantes dessas novas direitas, antes disso, já vinham ocupando esse espaço. Guilherme Fiúza e Bruno Garschagen, por exemplo, também publicaram pela editora Record, que lançou ou relançou obras de teor similar de figuras mais tradicionais da direita, como o próprio Reinaldo Azevedo, Demétrio Magnoli e Diogo Mainardi. Além disso, veículos de estrutura mais profissional, como a rádio *Jovem Pan* e o jornal *Gazeta do Povo*, passaram, especialmente a partir de 2015 — quando eclodiram os movimentos de rua pelo

⁵⁸ OLAVO de Carvalho já rendeu mais de R\$ 11 milhões para editora Record. *UOL*, 28 jul. 2021. <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/07/28/olavo-de-carvalho-editora-record.htm>. Acesso em: 12 abr. 2023.

⁵⁹ MONNERAT, Alessandra; SARTORI, Caio. Vendas de livros de Olavo de Carvalho triplicam desde eleição. *Estadão*, 19 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,vendas-de-livros-de-olavo-de-carvalho-triplicam-desde-el-eicao,70002686383>. Acesso em: 12 abr. 2023.

impeachment de Dilma Rousseff — por um importante processo de reestruturação que transformou o antipetismo mais visceral na sua principal plataforma de comunicação.⁶⁰ É o que, num cenário mais amplo, Cesarino chamou de “mainstreamização” de movimentos antiestruturais.⁶¹ Embora pontuais, esses exemplos ajudam a demonstrar como a atuação desses públicos não apenas cresceu em relação à mídia tradicional, mas também acabou sendo parcialmente incorporada por ela.⁶²

No auge da crise política brasileira, em 2016, com a Operação Lava Jato a todo vapor e o processo de impeachment correndo contra Dilma, três amigos do curso de marketing e propaganda da ESPM, em Porto Alegre, decidiram unir esforços para abrir a Brasil Paralelo. O nome, segundo o sócio-fundador Filipe Valerim, numa conhecida entrevista a um site engajado da direita, foi inspirado pelo blockbuster *Interestelar*: “nesse filme”, diz, “o ator principal precisa salvar a humanidade do apocalipse terrestre entrando em um buraco de minhoca no espaço e encontrando um planeta habitável nesse universo ‘paralelo’ que salvaria a espécie humana.” Já “o logo da empresa”, prossegue para delimitar o objetivo da iniciativa, “tem o formato de um buraco de minhoca justamente para dar a ideia de que a marca é a conexão com uma realidade paralela. No caso, paralela ao que as pessoas estavam acostumadas a ver na grande mídia”.⁶³ Uma *red pill*, afinal.

Em quase 8 anos de atuação, a BP já havia ultrapassado a marca de 3,6 milhões de inscritos no YouTube, maior plataforma de vídeos do mundo, subsidiária da gigante Google desde 2006. Esse período contabilizou mais de 350 milhões de visualizações em cerca de 3,2 mil publicações. Apesar de as métricas subirem rápida e exponencialmente, justifica-se o levantamento dos números para evidenciar que trata-se de uma iniciativa de peso, que angariou e fidelizou uma audiência de grande porte nos últimos anos, muito superior a quaisquer outras iniciativas similares. Traçar comparações nesse sentido é difícil, já que a Brasil Paralelo

⁶⁰ FERNANDES, Dmitri Cerboncini; VIEIRA, Allana Meirelles. A direita mora do mesmo lado da cidade: especialistas, polemistas e jornalistas. *Novos estudos*. Vol. 38, núm. 1, jan-abr 2019. p. 157-182.

⁶¹ CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora, 2022. op. cit. p. 75-85.

⁶² RODRIGUES, Lidianie Soares. Uma revolução conservadora dos intelectuais (Brasil/2002-2016). *Política & Sociedade*. v. 17, n. 39, p. 277-312, mai.-ago. 2018.

⁶³ BRASIL Paralelo: em entrevista exclusiva, conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet. *Boletim da Liberdade*, 19 jul. 2018. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/>. Acesso em: 26 abr. 2023.

parece operar como uma espécie de ponto de convergência de diversas outras iniciativas midiáticas da direita, abrigando eventual ou permanentemente colaboradores de outros blogs e sites autodenominados conservadores ou liberais. Mas, para se ter uma ideia ao menos do que isso representa para outras iniciativas de história pública, o canal Leitura ObrigaHISTÓRIA, um dos mais buscados por estudantes de história na plataforma, fundado pelo acadêmico Icles Rodrigues um ano antes da BP — com investimentos muito menos vultuosos, claro —, não chegava a 500 mil inscritos nesse mesmo período.⁶⁴

Além disso, como destacam os jornalistas Julianna Granjeia e Rodolfo Almeida numa robusta reportagem para o *Núcleo*, também não é possível enquadrar a iniciativa da Brasil Paralelo como um site de notícias ou um *e-commerce*, o que torna ainda mais delicada qualquer comparação.⁶⁵ A produtora, é importante ressaltar, não se restringe à atuação no YouTube. No domínio <https://brasilparalelo.com.br>, o que se tem é uma espécie de blog multimídia que redireciona o visitante a outras plataformas, incluindo o YouTube, mas também a um streaming próprio criado em 2021, o BP Select. As redes sociais da empresa, incluindo também Twitter, Instagram e Facebook, com o tempo, passaram a atuar como ferramentas de divulgação para conteúdos de acesso pago. Até 2023, havia três planos para assinantes: Básico, Intermediário e Acesso Total 4K — sendo o último o equivalente a 4,5% do salário mínimo, mais do que costumam cobrar gigantes do mercado, como Netflix, Prime Video, Disney Plus, Paramount Plus e similares. Já eram 500 mil assinantes, segundo a produtora, no final de 2022, com um faturamento que chegou a R\$ 150 milhões.⁶⁶

Diante dos investimentos assombrosos em publicidade, como veremos a seguir, os números anunciados pela Brasil Paralelo não são de duvidar, mas impossíveis de checar. Esse é um paradoxo importante da alegação da produtora sobre a maior legitimidade do conteúdo produzido exclusivamente por meio de

⁶⁴ Um bom debate pelo autor sobre história pública nas ferramentas digitais contemporâneas, além de dicas para produção de conteúdo nas plataformas, pode ser conferido em RODRIGUES, Icles. Usos pedagógicos para YouTube e podcasts. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *Novos combates pela história*. São Paulo: Contexto, 2021. p. 175-197.

⁶⁵ GRANJEIA, Julianna; ALMEIDA, Rodolfo. Por dentro da máquina do Brasil Paralelo para dominar as buscas no Google. *Núcleo*, 31 jan. 2023. Disponível em: <https://nucleo.jor.br/especiais/2023-01-31-a-maquina-do-brasil-paralelo/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

⁶⁶ AMORIM, Lucas. Com 500 mil assinantes, Brasil Paralelo quer evitar polêmicas e sonha ser a “Disney brasileira”. *Exame*, 17 fev. 2023. Disponível em: <https://exame.com/negocios/com-500-mil-assinantes-brasil-paralelo-quer-evitar-polemicas-e-sonha-ser-a-disney-brasileira/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

recursos oriundos do setor privado. Se o dinheiro público é mais facilmente rastreável, com transparência regulamentada por lei e uma série de dispositivos à mão de cidadãos, jornalistas e parlamentares, o mesmo não se pode dizer sobre empresas de capital fechado.

De todo modo, de acordo com uma reportagem de Fábio Zanini, que editou por três anos na *Folha de S. Paulo* uma seção dedicada a repercutir e debater movimentações da direita no Brasil — o blog *Saída Pela Direita*, atualizado até o início de 2021 —, a produtora aumentou seus rendimentos em 335% de 2019 para 2020, quando o número de assinantes foi multiplicado por 15. E a empresa havia acabado de alugar, quando saiu o texto, em maio de 2021, o segundo andar inteiro de um prédio comercial na avenida Paulista, uma das mais valorizadas do país.⁶⁷ Os investimentos são proporcionais: para a trilogia sobre Educação, a Brasil Paralelo diz ter desembolsado R\$ 2 milhões em um ano de trabalho para 20 pessoas.⁶⁸ Ainda assim, nada se compara ao aporte financeiro dedicado pela empresa ao impulsionamento de conteúdos nas plataformas digitais: R\$ 16,3 milhões em 48.843 anúncios classificados pela Meta — que administra Facebook, Instagram e WhatsApp — como “temas sociais, eleições ou política”, de longe o maior anunciante do país.⁶⁹

Some-se a esses investimentos uma arrojada estratégia de SEO (*Search Engine Optimization*), que, reunindo o tripé conteúdo, tecnologia e autoridade, fez a BP dominar as buscas no Google. Quanto mais seus críticos denunciavam a atuação da empresa, oferecendo links para demonstrar os argumentos, assim como também faziam seus apoiadores, mais a gigante do Vale do Silício entendia que a Brasil Paralelo tinha autoridade, promovendo proporcionalmente seu conteúdo para usuários que buscavam informações a partir de determinadas palavras-chave em comum. A BP viu o número de referências externas no formato de *backlinks* multiplicarem-se exponencialmente nos últimos anos, chegando a 243 mil — em 1.100 domínios diferentes — mensais em janeiro de 2023, com um período de pico

⁶⁷ ZANINI, Fábio. Produtora Brasil Paralelo vive crescimento meteórico e quer ser ‘Netflix da direita’. *Folha de S. Paulo*, 29 mai. 2021. Disponível em: <https://folha.com/ny8ichvu>. Acesso em: 27 abr. 2023.

⁶⁸ *Id.* Trilogia sobre educação mostra nova trincheira do bolsonarismo contra a esquerda. *Folha de S. Paulo*, 5 abr. 2020.

⁶⁹ GRANJEIA; ALMEIDA. *op. cit.*

em agosto de 2022 (mais de 400 mil), justamente o início da campanha eleitoral para presidente.⁷⁰

Entre as centenas de publicações da produtora, estão vídeos de aspecto mais amador, como lives e chamadas mais curtas, mas também superproduções de pretensão documental. Estes são os casos de documentários sobre o impeachment de Dilma (*Congresso Brasil Paralelo*, 2016), nova direita (*A Direita no Brasil*, 2023), Nova República (*O Teatro das Tesouras*, 2018), criminalidade (*Entre Lobos*, 2022), feminismo (*A Face Oculta do Feminismo*, 2022), pandemia (*7 Denúncias: as Consequências do Caso Covid-19*, 2020), União Soviética (*Invasão Bolchevique*, 2022), ditadura militar (*1964 - O Brasil entre armas e livros*, 2019), história geral do Brasil (*Brasil - A Última Cruzada*, 2017), STF (*Os 11 Supremos*, 2020), crise econômica na Argentina (*A Queda Argentina*, 2021), arquitetura (*O Fim da Beleza*, 2022), música (*A Primeira Arte*, 2021), Educação (*Pátria Educadora*, 2020), nova esquerda (*As Grandes Minorias*, 2020), liberdade de expressão (*Os Donos da Verdade*, 2020) e meio ambiente (*Cortina de Fumaça*, 2021), entre outros.

Nota-se que, a despeito da variedade de temas, existe alguma coerência nas abordagens, considerando que o alvo é quase sempre a esquerda, seja mais diretamente, como nas produções acerca da União Soviética, da Argentina, do feminismo ou até do meio ambiente e da Educação, seja mais indiretamente, quando a preocupação está em desmontar a narrativa supostamente hegemônica da esquerda sobre o assunto, como ocorre especialmente nos documentários que têm o passado como principal objeto.

A BP também investiu em quadros no interior do próprio canal no YouTube, como o “Rasta News”, que diz misturar jornalismo com bom humor em cerca de 25 minutos apresentados pelo músico pernambucano João Nogueira;⁷¹ o “Contraponto”, que recebe convidados em moldes muito similares a programas tradicionais de entrevista na TV;⁷² o “Insight BP”, que mescla ilustrações ou gravações externas com uma apresentação professoral de cerca aproximadamente 15 minutos;⁷³ na esteira da avassaladora onda de podcasts transmitidos por vídeos

⁷⁰ *Id, ibid.*

⁷¹ Ver, por exemplo BRASIL PARALELO. Ministério da Cultura | Rasta News. *YouTube*, 25 fev. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/NcxXNxdZIMQ>. Acesso em: 29 mai. 2023.

⁷² Ver, por exemplo BRASIL PARALELO. Paulo Kogos | Contraponto. *YouTube*, 3 jan. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/HXrbNU39hq4>. Acesso em: 29 mai. 2023.

⁷³ Ver, por exemplo. BRASIL PARALELO. A história dos cavaleiros templários | Insight BP. *YouTube*, 15 out. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/0olr9HvbSY8>. Acesso em: 29 mai. 2023.

que se popularizaram no Brasil sobretudo a partir de 2020,⁷⁴ o “Conversas Paralelas”;⁷⁵ e o sugestivo “Red Pill”, que reproduz o formato deste último.⁷⁶ Em maio de 2023, a Brasil Paralelo também lançou o “Travessia”, uma espécie de curso “para você que deseja argumentar e defender suas ideias através do conhecimento político, econômico e filosófico”, com dicas também sobre comportamento.⁷⁷ Dois anos antes, a BP anunciou acordo com a G10 Favelas para a concessão de 500 assinaturas gratuitas a moradores de Paraisópolis, em São Paulo.⁷⁸

O “Núcleo de Formação” da Brasil Paralelo oferece dezenas de cursos, alguns deles transmitidos pelo YouTube da produtora. Numa das aulas, sobre a história da Rússia, o professor e sócio-fundador Lucas Ferrugem explica a iniciativa: “para que a gente não seja um peão na mão da história e para que a gente consiga ter algum senso crítico sobre aqueles que estão acima de nós articulam, arquitetam, etc”. O objetivo, segundo Ferrugem, é escapar do papel de “massa”:

Que que é a definição de massa, né? Não existe um vetor de força. A massa anda na inércia. Pra tu não ser massa, tu precisa ter um vetor de força. Um vetor que te guia. Desde que a gente tenta fazer as nossas conversas aqui no núcleo, que é expandir a tua consciência, expandir teu horizonte de visão. Porque, se isso não importar, o que mais importa, né?⁷⁹

⁷⁴ Apesar de os podcasts serem caracterizados fundamentalmente pela transmissão em áudio, em 2020 explodiram vários programas que mais parecem talk shows, mas, diferentemente do que predomina nas TVs, com veiculação ao vivo e sem limite de tempo ou vocabulário. Tornaram-se comuns, portanto, transmissões de 2 ou 3 horas com convidados de todo tipo, desde influenciadores digitais sem profissão definida a ex-presidentes, passando por jogadores de futebol e artistas. Apesar das longas transmissões, esses programas e canais satélites se especializaram na produção de “cortes” potencialmente virais. Nestas rodas, predomina o tom informal — que também, naturalmente, trouxe grandes problemas. Um bom balanço da trajetória do primeiro grande podcast brasileiro nestes moldes, o Flow, pode ser conferido em GAGLIONI, Cesar. Podcast ‘Flow’: do sucesso de audiência à demissão de Monark. *Nexo*, 8 fev. 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/02/08/Podcast-%E2%80%99Flow%E2%80%99-do-sucesso-de-audi%C3%Aancia-%C3%A0-demiss%C3%A3o-de-Monark>. Acesso em 29 mai. 2023.

⁷⁵ Ver, por exemplo BRASIL PARALELO. O confronto entre Rússia e Ucrânia - Conversa Paralela com Flávio Morgenstern e Lucas Ferrugem. Disponível em: https://youtu.be/tpJp8R2qF_Y. Acesso em: 29 mai. 2023.

⁷⁶ Ver, por exemplo BRASIL PARALELO. Feminismo e as princesas da Disney | Red Pill [com Mariana Brito e Pietra Bertolazzi]. *YouTube*, 23 out. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/dAFgsCa1bXY>. Acesso em: 29 mai. 2023.

⁷⁷ ÚLTIMA chamada: garanta sua vaga na primeira turma da Travessia. *Brasil Paralelo*, 17 mai. 2023. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/ultima-chamada-garanta-sua-vaga-na-primeira-turma-da-travessia>. Acesso em: 29 mai. 2023.

⁷⁸ ZANINI, Fábio. Produtora conservadora Brasil Paralelo oferece filmes e ‘escola da família’ a Paraisópolis. *Folha de S. Paulo*, 19 out. 2021. Disponível em: <https://saidapeladireita.blogfolha.uol.com.br/?p=5153>. Acesso em: 15 jan. 2024.

⁷⁹ BRASIL PARALELO. UMA BREVE HISTÓRIA DA RÚSSIA: O Reino do Terror Vermelho [[Reprise] Aula Aberta#2 Núcleo de Formação. *YouTube*, 3 abr. 2022. Disponível em:

Para divulgar o lançamento da BP Select, em setembro de 2021, a produtora lançou o vídeo “Você precisa retomar o controle”. A peça, de teor aterrorizante, apresenta um televisor analógico ocupando a cabeça de um ser humano. Com a voz distorcida, o aparelho diz

Você sabia que eu e você pensamos igual? [...] Eu escolhi seus filmes, eu dei as notícias, os produtos e até as músicas que não saíram da sua cabeça. Ficamos juntos por muito tempo. Me preparei para nunca mais sair da sua vida. Porque eu tenho uma narrativa para todos os momentos. E você sabe todas elas. Eu estou nos seus amigos e na sua família. Não adianta buscar opção paralela. É nosso destino estarmos juntos. Para sempre... Sempre... juntos.⁸⁰

O leiteiro apresenta, no final, o título do vídeo: “Você precisa retomar o controle”. À Brasil Paralelo, é especialmente caro o interesse em suscitar na audiência a expectativa de que, ao aderir aos seus produtos, ela está pensando criticamente e participando ativamente da reforma cultural pretendida pela empresa, como se o senso comum e a história oficial estivessem, na verdade, com os públicos dominantes.

Enquanto isso, aqueles que permanecem presos aos sistemas pré-digitais estariam fadados a atuar como massa de manobra de uma “engenharia da opinião pública”. Diante dos resultados de uma pesquisa Genial/Quaest que atestou a preferência por Lula entre os eleitores que têm a mídia tradicional como principal meio de informação, a Brasil Paralelo não titubeou: “Quem paga, compra, esse é o ponto. O governo dá dinheiro para os canais e eles falam bem deles. É isso que acontece”, de acordo com Adriano Gianturco. Para Luiz Phillipe de Orleans e Bragança, “Nas redes sociais, onde o ambiente é mais livre, permitindo a formação de opinião com mais alternativas, a visão positiva sobre o governo é 10 a 20% pontos abaixo do que é na mídia paga, onde se tem propaganda empurrada goela abaixo da população.”⁸¹

<https://youtu.be/F4oGRnzvQaA>. Acesso em: 5 abr. 2022. 3:36 e 1:56:30. Link alternativo no Internet Archive:

<https://web.archive.org/web/20220407120433/https://www.youtube.com/watch?v=F4oGRnzvQaA>.

⁸⁰ BRASIL PARALELO. Você precisa retomar o controle. *YouTube*, 28 jul. 2021. Disponível em: https://youtu.be/pHzo_xNXw_0. Acesso em: 29 mai. 2023.

⁸¹ POR que a aprovação de Lula é maior por quem se informa pela televisão? *Brasil Paralelo*, 16 nov. 2023. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/por-que-a-aprovacao-de-lula-e-maior-por-quem-se-informa-pela-televisao>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Consumir essa produção, portanto, seria mais do que simplesmente absorver conteúdo, mas aderir a algo grandioso, contribuindo efetivamente para sua realização. Com a centralidade das redes sociais no debate público, essa participação pode se dar através das mais variadas formas: pagando pelo acesso ao conteúdo exclusivo para assinantes, claro, mas também compartilhando, comentando e curtindo as produções nas plataformas. Daí a aparente divisão entre temáticas e abordagens mais frias, como os documentários acima citados sobre diferentes aspectos da história do Brasil, e outras mais quentes, que evocam aquilo que Jair Ramos nomeia como “performance de autenticidade”, caracterizada, nas intervenções mais urgentes da Brasil Paralelo, por certa precariedade — ainda que encenada — nos vídeos, outrora profissionais, e por chamados de urgência.⁸²

Para Letícia Cesarino, a economia da atenção nas redes sociais digitais impôs aos usuários um ritmo frenético de ação e reação diante das mais variadas demandas que sucessivamente se apresentam através da tela dos smartphones. A antropóloga incorporou de Wendy Chun, para descrevê-lo, a ideia de “temporalidade de crise permanente”. Nesse ritmo, tudo é urgente. E tudo exige uma resposta compatível. Por isso, estar nas redes é quase sempre se sentir permanentemente em dívida.⁸³

A estratégia de recrutamento da Brasil Paralelo implicou um mergulho, como defendemos Everton Moraes e eu em um artigo para a revista *Tempo e Argumento*, nas disputas mais imediatas pelo imaginário coletivo. Explícita ou implicitamente, ela evoca constantes denúncias de censura e boicote, instando frequentemente seus seguidores a enfrentá-los através das ferramentas acessíveis de engajamento. A pandemia fez publicações como essas explodirem nos canais da produtora, com o lançamento frequente de vídeos mais curtos e alarmistas. Em um deles, intitulado “Atenção: nossas redes sociais correm risco”, de apenas um minuto, a *thumbnail* é composta por uma arte com os dizeres “Atenção! O YouTube proibiu a divulgação do nosso documentário”, avermelhados e em caixa alta. A trilha sonora evoca suspense e é acompanhada por sons de sirene, complementando o texto de denúncia. Apesar de todo alarde, seu conteúdo só destaca a política de restrição de alcance do YouTube em relação a vídeos com a expressão “covid-19” no título, a fim

⁸² RAMOS, Jair de Souza. Machines among the crowd: on the political effects of algorithmic production of social currents. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, v. 16, p. e16210, 2019.

⁸³ CESARINO. *O mundo do avesso. op. cit.* p. 108-114.

de conter a desinformação. Outro exemplo é o vídeo “Felipe Neto e Sleeping Giants sabotaram a Brasil Paralelo?”, sem enquadramento fixo, tremido e ainda mais amador, que nomeia aqueles que seriam os algozes de sua empreitada.⁸⁴

Durante os trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a pandemia, que teve como escopo a investigação de ações e omissões do governo federal durante a crise sanitária, a Brasil Paralelo teve seus sigilos telefônico, telemático e fiscal quebrados. Outros veículos engajados da direita, como *Terça Livre*, *Conexão Política*, *Crítica Nacional* e *Senso Incomum*, também foram alvo.⁸⁵ Nas redes sociais, a Brasil Paralelo atuou de modo incansável durante a querela. Foram publicados, somente no canal de YouTube da produtora, 18 vídeos diretamente relacionados ao assunto num intervalo de cerca de um mês.

Os títulos se alternam entre uma minoria de chamadas aparentemente mais sóbrias para informes aos inscritos (“Decisão de Gilmar Mendes + próximos passos”⁸⁶) e uma esmagadora maioria de demonstrações de coragem diante da ofensiva parlamentar (“Por uma Brasil Paralelo inabalável”⁸⁷ e “Não é hora de recuar”,⁸⁸ por exemplo). Todos eles são acompanhados por pedidos explícitos de ajuda. Enquanto durou o embate com a CPI, a produtora deixou aberta uma campanha para recrutar novos membros com 50% de desconto.⁸⁹ Henrique Viana, um dos sócios, disse à revista *piauí* que foram mais de 50 mil novas assinaturas após o episódio.⁹⁰ Apesar das constantes denúncias de perseguição, no entanto,

⁸⁴ MORAES, Everton de Oliveira; CLETO, Murilo Prado. A última cruzada: tempo e historicidade na série da produtora Brasil Paralelo. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 15, n. 38, e0108, abr. 2023.

⁸⁵ MAIA, Flávia. Mendes libera quebra de sigilo telefônico de produtora Brasil Paralelo por CPI. *Jota Info*, 10 ago. 2021. Disponível em <https://www.jota.info/stf/do-supremo/mendes-libera-quebra-de-sigilo-telefonico-de-produtora-brasil-paralelo-por-cpi-10082021>. Acesso em 31 mai. 2023.

⁸⁶ BRASIL PARALELO. Decisão de Gilmar Mendes + próximos passos. *YouTube*, 10 ago. 2021. Disponível em <https://youtu.be/GKdwTZ8JzIM>. Acesso em 30 mar. 2022.

⁸⁷ BRASIL PARALELO. Por uma Brasil Paralelo inabalável. *YouTube*, 7 ago. 2021. Disponível em <https://youtu.be/-ooc1KK7aS4>. Acesso em 30 mar. 2022.

⁸⁸ BRASIL PARALELO. Não é hora de recuar. *YouTube*, 11 ago. 2021. Disponível em <https://youtu.be/RZCG7hPznhA>. Acesso em 30 mar. 2022.

⁸⁹ O vídeo “Foi necessário mudar” explica a campanha. BRASIL PARALELO. Foi necessário mudar. *YouTube*, 12 ago. 2021. Disponível em <https://youtu.be/EFNtMGwnzvY>. Acesso em 30 mar. 2022. Mas quase todos os outros, antes e depois desse, reforçam-na. Um contador de membros chegou a ser exibido no canto superior da tela nas publicações e a última delas, uma *live react* da votação do relatório da CPI (BRASIL PARALELO. Requerimento 13/62 - Entenda a votação hoje. *YouTube*, 19 ago. 2021. Disponível em <https://youtu.be/EEP1fZVUj84>. Acesso em: 20 ago. 2021), tinha um temporizador para os últimos momentos da promoção.

⁹⁰ COSTA, Ana Clara. Distanciamento social. *piauí*, set. 2021, n. 180. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/distanciamento-social/>. Acesso em: 17 mai. 2023.

a BP se notabilizou por processar ou notificar extrajudicialmente seus críticos e detratores.⁹¹

Como indica a atuação dos públicos antiestruturais em torno da *red pill*, a direita bolsonarista parece ter assumido de vez o papel de contestadora do sistema. A pandemia, no Brasil, acabou sendo a apoteose dessa fantasia em que vivem os apoiadores de Bolsonaro, especialmente os mais radicais. Enquanto as esquerdas, de maneira geral, tendiam a falar em defesa da ciência, dos experts em seu nome, das instituições e da imprensa tradicional, as direitas radicais partiram de vez para o confronto. Algumas das principais representações feitas por esses grupos, seja no campo da ficção, na guerra de memes ou até mesmo nas notícias dos portais alinhados, demonstram um enorme esforço de performar uma rebeldia disruptiva — uma oportunidade que a normalidade democrática normalmente não dá. Feito para encampar as teses do governo até então, *7 Denúncias: as Consequências do Caso Covid-19*, da Brasil Paralelo, é aberto com uma sequência de ficção, que mostra um rapaz encapuzado fugindo das autoridades para conseguir fazer circular uma espécie de manifesto que compõe a narrativa do filme logo a seguir. A estética da peça é toda anarco. O que se vê ali é uma espécie de punk distribuindo fanzines — uma inversão completa da ideia mais arraigada que se tem da direita conservadora.⁹²

55 anos depois do golpe militar, em 2 de abril de 2019, estreou no canal de YouTube da Brasil Paralelo o documentário *1964 - O Brasil entre armas e livros*. Sessões de pré-estreia já haviam, no dia 31, exibido o filme em sete cidades através do circuito Cinemark. Pressionada, a rede disse que não autoriza “a divulgação de mídia partidária” ou “eventos de cunho político”, mas que “um erro de procedimento em função do desconhecimento prévio do tema [...] acabou permitindo equivocadamente a realização do mesmo”. A Brasil Paralelo reagiu com fúria. Em

⁹¹ PEREIRA, Eduardo; BALESTRO, Mayara. Por que a Brasil Paralelo está perseguindo alunos e professores? *Esquerda Online*, 24 ago. 2021. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2021/08/24/por-que-a-brasil-paralelo-esta-perseguindo-alunos-e-profesores/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

⁹² GRUNER, Clóvis Mendes; CLETO, Murilo Prado. “7 denúncias”: guerra cultural e retórica antissistema no documentário da Brasil Paralelo sobre a pandemia. In: OLIVEIRA, Rodrigo Cássio; CHRISTINO, Daniel; MACHADO JR, Eliseu Vieira (orgs.). *Covid-19 e a comunicação*. Goiânia: Cegraf UFG, 2021. p. 357-382.

instantes, a hashtag #BoicoteCinemark invadiu as redes e o assunto tornou-se um dos mais comentados do país.⁹³

Diversos são os exemplos de protestos contra a exibição do filme, sobretudo em universidades. Na versão que está disponível no YouTube, alguns deles são apresentados ainda a tempo pela própria produtora nos minutos iniciais que servem de prólogo. A *Gazeta do Povo*, periódico de inclinação editorial identificada com os valores defendidos pela Brasil Paralelo, listou intercorrências em oito instituições: UFMS, UFBA, UFGD, UFMA, Unimontes, UFRPE, UFPB e UEL.⁹⁴

Nas seis primeiras, as sessões, ainda que previamente agendadas, teriam sido canceladas de última hora — algumas sem nenhuma explicação e pelo menos uma, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, envolveu uma acusação de ameaça grave pelas redes sociais. Na Universidade Federal da Paraíba o filme foi exibido, mas, segundo a *Gazeta*, cerca de 20 estudantes invadiram a sala para atrapalhar os espectadores. *Entre armas e livros* também passou na Universidade Estadual de Londrina, mas sob protestos. Num vídeo publicado no Facebook, o deputado estadual bolsonarista Filipe Barros mostra estudantes gritando palavras de ordem contra o documentário, correndo nus e até carregando uma pá. A legenda da publicação traz uma frase falsamente atribuída a Lênin,⁹⁵ reclama da postura institucional da UEL e aproveita para generalizar a percepção acerca de todas as universidades do país.⁹⁶

Dois anos antes, em 2017, reclamações muito similares foram feitas pela direita sobre a exibição de *O jardim das aflições*, filme dedicado a Olavo de Carvalho.⁹⁷ A própria Brasil Paralelo protagonizou eventos mais recentes assim,

⁹³ Um resumo do episódio pode ser conferido em CINEMARK diz ter errado ao exibir filme pró-ditadura. *O Globo*, 1 abr. 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/cinemark-diz-ter-errado-ao-exibir-filme-pro-ditadura-23566389>. Acesso em 29 mai. 2023.

⁹⁴ Ver CORDEIRO, Tiago. Duplo padrão: universidades barram filme sobre a ditadura, mas liberam eventos de esquerda. *Gazeta do Povo*, 15 abr. 2019. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/universidades-barram-filme-ditadura-1964-liberam-eventos-esquerda/>. Acesso em 29 mar. 2022.

⁹⁵ “Acuse-os do que você faz. Xingue-os do que você é”. A origem está bem explicada aqui: LIMA, Samuel. Boato sobre ‘decálogo de Lênin’ adapta farsa difundida na época da Guerra Fria. *Estadão Verifica*, 6 ago. 2020. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/boato-sobre-decalogo-de-lenin-adapta-farsa-difundida-na-epoca-da-guerra-fria/>. Acesso em 11 jan. 2024.

⁹⁶ FILIPE BARROS. *Facebook*, 5 abr. 2019. Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=341893343122400>. Acesso em 21 dez. 2023.

⁹⁷ CASTRO, Gabriel de Arruda. Militantes de esquerda tentam impedir exibição de filme sobre Olavo de Carvalho em universidade. *Gazeta do Povo*, 14 nov. 2017.

como quando usuários do X (ex-Twitter) se mobilizaram para impedir uma sessão com a trilogia *O fim da beleza* na Universidade Federal do Paraná.⁹⁸ Em circunstâncias como essas, a reação da empresa é padrão: acusa os detratores de censura e capitaliza sobre os protestos, conclamando novos assinantes e reivindicando legitimidade discursiva diante da onda de repulsa. “Ironicamente um filme que critica o autoritarismo está sofrendo tentativa de censura”, disse o sócio-fundador Lucas Ferrugem em publicação no site oficial da Brasil Paralelo sobre o episódio com a UFPR.⁹⁹

Assim, é possível inscrever até as produções teoricamente mais frias, sobre passados mais remotos, no interior dessa disputa mais imediata. Essa conduta temporal atualista, para utilizar a expressão evocada por Mateus Pereira e Valdei Araújo, reduz outras temporalidades a este tempo de urgência e,¹⁰⁰ no caso da BP, dissolve as fronteiras entre as suas duas frentes de atuação: de um lado, a militância por sobrevivência e o tempo frio dos passados mais remotos, submetendo o segundo ao primeiro.

Nesse contexto, a busca pela verdade histórica fica em segundo plano para um poderoso senso de comunidade entre a audiência. E a verdade passa a ser, cada vez mais, simplesmente “aquilo que vende”,¹⁰¹ também no interior da lógica amigo-inimigo. Entre os comentários em uma resenha do jornalista de ciência Reinaldo José Lopes, no YouTube, sobre o primeiro episódio da série *Brasil - a Última Cruzada*, chama a atenção especialmente o de um usuário entusiasta da Brasil Paralelo:

Assisto aos documentários do BP, são maravilhosos. Quanto aos erros, não sou historiador, mas digo que estão de parabéns assim mesmo, pois tiveram a coragem de poucos, de quebrar esse paradigma imposto nas escolas sobre a História do Brasil. E isso ninguém questiona, engraçado né? A estória do Brasil todos aceitam,

<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/militantes-de-esquerda-tentam-impedir-exibicao-de-filme-sobre-olavo-de-carvalho-em-universidade-420nm0nfbwatzz1n9o0a5qgh6/>. Acesso em 29 mai. 2023.

⁹⁸ ZANINI, Fábio. Campanha no Twitter quer impedir exibição de filme da Brasil Paralelo em universidade. *Folha de S. Paulo*, 3 mar. 2022. Disponível em: <https://folha.com/m4zrsgkc>. Acesso em 29 mar. 2022

⁹⁹ POR que querem censurar o conteúdo da Brasil Paralelo como se fosse um crime? Brasil Paralelo, 3 mar. 2022. Disponível em <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/censura-brasil-paralelo>. Acesso em 29 mai. 2023.

¹⁰⁰ PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei. *Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI*. Vitória: Editora Milfontes; Mariana: Editora da SBTHH, 2019. p. 29-48.

¹⁰¹ MIROWSKI, Philip. Hell is truth seen too late. *Boundary 2*, [s.l.], v. 46, n. 1, 2019. p. 10.

mas a História do Brasil, de verdade, aquela escondida do povo, quando vem a tona logo é questionada. Força BP, tamo junto!!!¹⁰²

Sempre por um fio, sempre alvo de uma conspiração tramada pelos públicos dominantes, é desta forma que a Brasil Paralelo articula uma espécie de revisionismo populista, que reivindica a enunciação de verdades livres de quaisquer interferências ideológicas — porque produzidas fora do círculo das elites culturais — e por isso mesmo sempre na mira dos poderosos. Thomas Giulliano, organizador da coletânea *Desconstruindo Paulo Freire* e um dos participantes mais assíduos das produções da BP, é, de modo significativo, chamado por seus seguidores de “Historiador do Povo”.¹⁰³

Para divulgar o trailer de *Entre armas e livros*, Eduardo Bolsonaro — que mais tarde compararia professores a traficantes¹⁰⁴ — disse que o filme revelaria “verdades nunca antes contadas, muito menos pelo seu professor de história”. A promessa no site da produtora era a de “resgatar a verdade sobre o período mais deturpado da nossa história”.¹⁰⁵ Num anúncio veiculado pelo Facebook em 2017, a Brasil Paralelo insta seus seguidores a pararem “de acreditar nas mentiras do seu professor de história”, prometendo desbancá-lo.¹⁰⁶

Algumas das interações nesta direção foram reunidas pelo professor Fernando Nicolazzi numa *thread* publicada no X (então Twitter): “Brasil Paralelo. Ensinou algo que Professores Canalhas, nunca tiveram a honradez de nos ensinar nessa porcaria de sistema de ensino Brasileiro”, diz uma delas. Outra reclama que seus professores, “comunistas dos infernos”, mentiram para o autor do comentário. Para outro seguidor, a vontade é de “processar todos os meus professores de história”. Há também quem diga sentir ódio de todos os docentes.¹⁰⁷

¹⁰² REINALDO JOSÉ LOPES. Brasil Paralelo: erros bizarros e alguns acertos no ep. 1. *YouTube*, 1 dez. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/7yCzari77PM>. Acesso em: 15 mai. 2023.

¹⁰³ OSCAR, Brás. Tapa Cultural - Ep #13 - O historiador do povo. *Brasil Sem Medo*, 5 dez. 2023. Disponível em: . Acesso em: 15 dez. 2023.

¹⁰⁴ AZEVEDO, Luis Felipe. Eduardo Bolsonaro é processado por comparar traficantes e professores em ação que pede R\$ 60 milhões em indenização. *O Globo*, 23 out. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/10/23/professores-processam-eduardo-bolsonaro-por-fa-la-em-que-compara-educadores-a-trafficantes.ghtml>. Acesso em: 21 dez. 2023.

¹⁰⁵ CINEMARK diz ter errado ao exibir filme pró-ditadura. *O Globo*, 1 abr. 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/cinemark-diz-ter-errado-ao-exibir-filme-pro-ditadura-23566389>. Acesso em 29 mai. 2023.

¹⁰⁶ Ver em PEREIRA; BALESTRO. *op. cit.*

¹⁰⁷ FERNANDO NICOLAZZI. *Twitter*, 13 abr. 2023. Disponível em: <https://twitter.com/fnic0lazzi/status/1646903572095725571>. Acesso em: 17 abr. 2023.

No quadro “Contraponto”, o autodeclarado anarcocapitalista Paulo Kogos compara a educação universal e obrigatória a um sequestro e diz que a criança vira uma “peça de um sistema a ser moldado”. O militante acusa, por fim, a escola de tê-lo transformado num estatista: “então a escola fez um estrago muito grande em mim, intelectualmente e espiritualmente. Todos nós fomos vítimas desse acinte que é a escola moderna”.¹⁰⁸

Munido desse espírito denunciante e inspirado pelo site americano *No Indoctrination*, nasceu no Brasil o movimento Escola Sem Partido. Era 2004 quando o Procurador de Justiça Miguel Nagib ouviu da filha que seu professor de história havia comparado o revolucionário argentino Che Guevara a São Francisco de Assis. Indignado, ele escreveu uma carta aberta ao docente, imprimiu centenas de cópias e distribuiu para os demais pais na porta do colégio. Nagib não ficou satisfeito com a resposta da direção e resolveu criar um site para denunciar casos de “doutrinação” em sala de aula. Sua proposta era afixar cartazes, pela força da lei, com deveres éticos que deveriam ser seguidos pelo professor.¹⁰⁹

Para Nagib, o papel da escola seria simplesmente ensinar conhecimento técnico, deixando os valores a cargo da família. A sugestão de primeira hora, em meio à pujante revolução digital, era que mestres “militantes” fossem filmados e expostos. Na prática, o que se viu foi uma verdadeira caça às bruxas, que resultou em centenas de casos de perseguição a professores que acabaram demitidos, ameaçados, processados e/ou vítimas de assédio direcionado nas redes sociais. Câmaras municipais e assembleias legislativas estaduais Brasil afora se mobilizaram para criar suas próprias versões de um projeto de lei inspirado pelo movimento, até que em 2020 o Supremo Tribunal Federal decidiu pela sua inconstitucionalidade.¹¹⁰

Embora tenha integrado a coalizão das novas direitas em ascensão no Brasil, o Escola Sem Partido acabou entrando em rota de colisão com o olavismo durante o governo Bolsonaro. O racha foi motivado, segundo Nagib, por uma diferença de entendimento quanto aos reais rumos da proposta. Enquanto, para ele, o objetivo

¹⁰⁸ BRASIL PARALELO. Paulo Kogos: A criança é sequestrada pelo Estado e é jogada dentro de uma escola. *YouTube*, 4 jan. 2022. Disponível em: https://youtu.be/pwgFNx_DPUw. Acesso em: 1 jun. 2023.

¹⁰⁹ ORTELLADO, Pablo; MARTINS, Elisa. Podcast ‘Guerras Culturais: Uma batalha pela alma do Brasil; leia a transcrição do quarto episódio’. *O Globo*, 1 set. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/podcast/guerras-culturais/noticia/2022/09/podcast-guerras-culturais-uma-batalha-pela-alma-do-brasil-leia-a-transcricao-do-quarto-episodio.ghtml>. Acesso em: 31 mai. 2023.

¹¹⁰ *Id, ibid.*

seria o fim da doutrinação em sala de aula, olavistas estariam buscando na verdade simplesmente substituir a de esquerda por uma de direita. Para legitimar a posição do fundador do Escola Sem Partido, o Instituto Millenium, conhecido defensor de ideias liberais, chegou a apagar um artigo em que Nagib argumentava por um sistema de ensino que promova os valores do instituto.¹¹¹

A Brasil Paralelo, por outro lado, nunca escondeu seu intento. Depois de alguns anos movida quase somente pelo enfrentamento, passou a oferecer descontos exclusivos para professores e a estimular que seu conteúdo seja exibido em sala de aula. A TV Escola, do Ministério da Educação, assinou no final de 2019 contrato com a produtora para a exibição da série *Brasil - A Última Cruzada*. Dias antes do anúncio, o presidente Bolsonaro atacou publicamente a emissora, dizendo que ela “deseduca” e tem uma programação “totalmente de esquerda”.¹¹²

A questão é que, para a BP, seu conteúdo é totalmente isento de contaminações ideológicas. Nos termos de Cesarino, essa “dupla-torção” da ideologia cientificista busca resgatar a “autoridade incontestável do fato objetivo” graças à camada aberta pelas novas mídias¹¹³ —, metáfora bem representada, como vimos, pela pílula vermelha de Morpheus. Dois argumentos costumam ser mobilizados para isso no caso da produtora: a ausência de recursos públicos nas produções e a oposição sofrida pelo “sistema”. No primeiro caso, a exemplo do que ocorre com veículos da imprensa tradicional, qualquer forma de patrocínio ou fomento estatal descredibilizaria de antemão aquilo que vem do campo progressista.

O site oficial da empresa diz que “a Brasil Paralelo nunca recebeu dinheiro do Poder Público, bem como, jamais recebeu financiamento de político, ou qualquer incentivo por meio da lei de audiovisual”, que “a Brasil Paralelo não aceita dinheiro público, direta ou indiretamente e que “nem o canal do YouTube da empresa é monetizado. Como o governo investe em publicidade no YouTube, todos os canais da plataforma podem acabar recebendo dinheiro público”,¹¹⁴ embora uma decisão do Tribunal Superior Eleitoral, em outubro de 2022, tenha determinado sua

¹¹¹ *Id, ibid.*

¹¹² GULLINO, Daniel. Bolsonaro afirma que TV Escola ‘deseduca’ e tem programação ‘totalmente de esquerda’. *O Globo*, 16 dez. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-afirma-que-tv-escola-deseduca-tem-programacao-totalment-e-de-esquerda-1-24140804>. Acesso em: 29 mai. 2023.

¹¹³ *Id, ibid.* p. 245-269.

¹¹⁴ DE onde vem o dinheiro da Brasil Paralelo? *Brasil Paralelo*, 14 set. 2022. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/de-onde-vem-o-dinheiro-da-brasil-paralelo>. Acesso em: 1 jun. 2023.

desmonetização alguns dias depois do post.¹¹⁵ Ainda segundo a publicação, “o compromisso da Brasil Paralelo é a busca da verdade, não interesses partidários que, muitas vezes, poderiam selecionar apenas informações convenientes”. Daí a opção, diz, por “um modelo autossustentável que não depende de parcerias empresariais, dinheiro público ou partidos políticos”.¹¹⁶

No segundo caso, como vimos aqui, a Brasil Paralelo tornou-se especialista em capitalizar sobre as mais diversas formas de pressão, levando ao limite a regra básica da economia da atenção nas redes, que consiste em positivar toda forma de engajamento, mesmo as negativas, mesmo as que se dão fora do universo digital. É desta forma que a produtora transforma o antagonismo aos públicos dominantes em um nicho empreendedor.¹¹⁷

Diferente do que um primeiro olhar poderia sugerir, entretanto, a relação dos públicos antiestruturais com os públicos dominantes é ambígua. Não restam dúvidas de que esses são grupos que cresceram a partir do antagonismo com a universidade e a mídia mainstream, fugindo à regra do debate público convencional para alavancar bases alternativas de audiência, especialmente no universo online. Como chamou atenção Cesarino, entretanto, mesmo agências antiestruturais, que operam na lógica “estranho-familiar”, mimetizam formas hegemônicas de comunicação.¹¹⁸ O objetivo, claro, parece ser o de pegar carona na legitimidade que as ciências normais podem conferir para explorar essa crise do conhecimento social em seu favor.

Num artigo de 2021, os professores Guilherme Casarões e David Magalhães utilizaram o termo *alt-science*, em clara referência à *alt-right*, para discutir a atuação de “populistas médicos” como Trump e Bolsonaro durante a pandemia de covid-19. A ideia de uma ciência alternativa, em oposição às ciências tradicionais, é importante para pensar essa experiência. Como se viu no caso brasileiro, a defesa do “tratamento precoce” e, em alguns mais extremos, a campanha contra a vacinação não partiram apenas de usuários comuns das redes sociais, “tiozões do zap” sem formação em busca de cliques ou honestamente preocupados com o

¹¹⁵ ROBERTO NETTO, Paulo. TSE desmonetiza Brasil Paralelo e intima Carlos Bolsonaro por fake news. *UOL*, 18 out. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/18/tse-desmonetiza-brasil-paralelo-e-intima-carlos-bolsonaro-por-fake-news.htm>. Acesso em: 1 jun. 2023.

¹¹⁶ De onde vem o dinheiro da Brasil Paralelo. *op. cit.*

¹¹⁷ CESARINO. *O mundo do avesso. op. cit.* 229-245.

¹¹⁸ *Id, ibid.* 131-142.

conteúdo que circulava nas plataformas, mas também médicos — alguns até com doutorado.¹¹⁹ Esse quadro, por si só, ajuda a demonstrar os muitos limites do argumento de autoridade para os públicos dominantes preocupados com a atual onda de desinformação. Durante a crise político-institucional no Brasil, com a explosão de pedidos por uma nova intervenção militar, era comum ver progressistas mandando-os, ironicamente, estudar história ou jactando-se de não repetir as mesmas coisas por terem estudado.¹²⁰ Mas o caso é um tanto mais complexo do que isso.

Nas produções da Brasil Paralelo, não são chamados a depor os usuários comuns que, como reza a cartilha da reorganização epistêmica promovida pela plataformização, desbancariam as elites culturais e científicas corruptas, mas pretensos pares supostamente libertos de seu aliciamento ideológico. Esse não se trata de um elemento distintivo trivial, afinal as entrevistas configuram a principal parte do corpus documental das séries e dos filmes. No documentário *1964 - O Brasil entre armas e livros*, os entrevistados são apresentados como jornalistas, escritores, presidentes de institutos, autores, pesquisadores, filósofos, diretores de arquivos e cientistas políticos.

O padrão se repete em outras produções. Preferencialmente, são utilizadas nas obras as credenciais acadêmicas dos entrevistados, ainda que estes não tenham carreiras acadêmicas notáveis. Um exemplo paradigmático é o de Luiz Philippe de Orléans e Bragança, eleito pela primeira vez deputado federal na esteira do bolsonarismo em 2018, frequentemente introduzido no debate público como “príncipe herdeiro” da família real, legendado no documentário da Brasil Paralelo sobre a pandemia como “mestre em ciências políticas pela Stanford University”.¹²¹ Influenciador digital bolsonarista penalizado pela justiça e pelas plataformas graças

¹¹⁹ CASARÕES, Guilherme; MAGALHÃES, David. The hydroxychloroquine alliance: how far-right leaders and alt-science preachers came together to promote a miracle drug. *Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro v. 55(1), jan.-fev., 2021. p. 197-214.

¹²⁰ Esse post da página progressista Quebrando o Tabu em 2018, compartilhado mais de 18 mil vezes, pega carona no meme “o brasileiro precisa ser estudado” para inverter sua lógica e cravar: “o brasileiro não precisa ser estudado, o brasileiro precisa estudar”. Na imagem, um homem aparece segurando um cartaz pedindo “liberdade”, “democracia” e “intervenção militar”. QUEBRANDO O TABU. *Facebook*, 1 jun. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.177940715595657/1935298513193193/>. Acesso em: 2 jun. 2023.

¹²¹ GRUNER; CLETO. *op. cit.*

à difusão de desinformação,¹²² Fernando Conrado é apresentado na mesma produção como “cientista político”.¹²³

Mesmo alvo de seu antagonismo, é pela titulação conferida pelas universidades que estes novos mediadores do real buscam adquirir legitimidade. Cenários e gestuais também ajudam a compor o quadro de emulação da performance intelectual dos públicos dominantes, expressão importante da relação que esses grupos mantêm com os saberes acadêmicos.¹²⁴ Além disso, algumas produções também incluem figuras de grande respeitabilidade acadêmica, como o diplomata e historiador Alberto da Costa e Silva, membro da Academia Brasileira de Letras, autor de um depoimento sobre escravidão muçulmana na série *Brasil - A Última Cruzada*. Foi a essas figuras, mais próximas dos públicos dominantes, que Lucas Ferrugem, sócio-fundador da empresa, recorreu para responder a acusações de enviesamento e anti-intelectualismo: “[A Brasil Paralelo pretende] Justamente elevar o debate público através da apresentação de grandes ideias de grandes pensadores [...]. Historiadores como Alberto da Costa e Silva e Antonio Paim estão entre nossas fontes”.¹²⁵

Num âmbito mais geral, essa ambiguidade também pode ser percebida nas inúmeras tentativas da militância bolsonarista em catapultar a imagem do líder. Militantes, influenciadores e até ministros de Estado compartilharam, diversas vezes, capas falsas de grandes jornais e revistas internacionais, como *Washington*

¹²² PLASSE, Marcel. Comentaristas da Jovem Pan News têm perfis bloqueados no Twitter. *Terra*, 30 dez. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/comentaristas-da-jovem-pan-news-tem-perfis-bloqueados-no-twitter,0fb4ed1ab9f84980c8b57f3bfaf88d6m7o1lcd4.html>. Acesso em: 05 abr. 2023.

¹²³ LOS FILMEIROS. 7 Denúncias: As Consequências do Caso Covid-19 (2020) Filme e Documentário Lançamento HD. *YouTube*, 15 jul. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/VbtsXkrtxEA>. Acesso em: 2 jun. 2023. 28:45.

¹²⁴ GRUNER; CLETO. *op. cit.*

¹²⁵ SAYURI, Juliana. Brasil Paralelo faz ‘guerra de edições’ e disputa narrativas na Wikipédia. *TAB UOL*, 9 set. 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/09/guerra-de-edicoes-a-disputa-politica-de-narrativas-na-wikipedia.htm>. Acesso em: 26 mai. 2023.

Post,¹²⁶ *Time*¹²⁷ e *NY Times*,¹²⁸ enaltecendo o então presidente. Mesmo avessos à imprensa tradicional, públicos antiestruturais também recorreram a *templates* de portais conhecidos do jornalismo profissional brasileiro, como o G1, para fabricar manchetes falsas em favor de sua agenda.¹²⁹ Isso também ajuda a explicar por que algumas figuras de proeminência pregressa na mídia tradicional convertidas ao bolsonarismo ganharam destaque no campo das direitas, como são os casos de Luís Ernesto Lacombe, Augusto Nunes, Leda Nagle e Alexandre Garcia, por exemplo.

O recurso à imprensa também se estende a notícias verdadeiras, desde que úteis para a elaboração narrativa pretendida. Nos filmes da Brasil Paralelo, diversas manchetes são mobilizadas para compor o quadro argumentativo. No caso do documentário sobre a pandemia, portais e jornais como *Veja*, *SBT*, *Bandeirantes*, *G1*, *EPTV*, *Exame*, *Folha de S. Paulo*, *UOL* e *Record* forneceram dados sobre os desdobramentos das políticas de enfrentamento ao vírus pelo mundo, como desemprego, corrupção, censura e cerceamento da liberdade de circulação.¹³⁰

Para que não restem dúvidas acerca da visão da produtora sobre a mídia mainstream, a narração em off de Filipe Valerim desenvolve uma boa síntese:

Durante o século XX, a imprensa se consolidou como grande transmissor de informação para o público, seja através dos jornais, rádio ou televisão [...]. Percebendo o grande poder que a comunicação exerce sobre o ser humano, os donos do poder passaram a utilizar a mídia como meio de propaganda de ideias, transmitindo valores e padrões comportamentais para o público cativo. Nos tempos atuais, a grande mídia substituiu culturalmente o poder da igreja [...], comunicando o que é verdade e o que é mentira; o certo e o errado; o justo e o injusto; o científico e o anticientífico; o democrático e o antidemocrático; e assim por diante. Tão logo uma

¹²⁶ LIMA, Samuel. É falso que 'The Washington Post' tenha publicado capa chamando Bolsonaro de 'melhor presidente de todos os tempos'. *Estadão*, 4 out. 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/washington-post-bolsonaro-capa-melhor-presidente/>. Acesso em: 13 abr. 2023.

¹²⁷ MINISTRO divulga capa falsa de revista e atribui a Bolsonaro saída de tropas russas da fronteira com Ucrânia. *G1*, 15 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/02/15/ministro-posta-capa-falsa-da-revista-time-que-relaciona-ida-de-bolsonaro-a-russia-e-retirada-de-tropas-na-fronteira-com-a-ucrania.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2023.

¹²⁸ NYT alerta para capa falsa com textos pró-Bolsonaro. *Poder 360*, 5 mai. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/nyt-alerta-para-capa-falsa-com-textos-pro-bolsonaro/>. Acesso em: 13 abr. 2023.

¹²⁹ BORTOLON, Bianca; RUDNITZKI, Ethel; BARBOSA, João; MANGABEIRA, Milena; FAUSTINO, Marco. Aos Fatos, 19 out. 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/gerador-tuite-falso-g1-falso/>. Acesso em: 17 abr. 2023.

¹³⁰ 7 Denúncias. *op. cit.* 53:51 e 1:30:50.

hipótese científica é acatada pela mídia, é subscrita pela cultura e pelo Estado, até tornar-se obrigatória por lei. Tamanho poder se tornou uma arma fatal nas mãos de quem pretende reger a sociedade conforme as suas preferências. Esse conflito de interesses se agrava quando percebemos o principal financiador da grande mídia: o próprio governo.¹³¹

Para a BP, a relação entre Estado e jornalismo é umbilical. Como se o segundo fosse fundamentalmente linha auxiliar do primeiro. Note-se que o texto não faz distinção entre regimes autocráticos e democráticos, restando à imprensa o papel de mera assessoria, mesmo diante de governos sem vocação autoritária. Nesse sentido, a estratégia, escancarada nas conclusões do documentário sobre a pandemia, é deslegitimar a atuação dos especialistas no debate público, considerando sua subserviência natural ao Estado.¹³²

O recurso retórico no caso brasileiro é no mínimo curioso, pois o governo Bolsonaro, como se sabe, foi um grande opositor das medidas consagradas de enfrentamento ao vírus¹³³ e pouco aparece como alvo de escrutínio na produção, à exceção de uma passagem sobre corrupção. Como o longa-metragem é claramente tributário das teses defendidas pela gestão bolsonarista, atribui-se o ônus da administração da crise sanitária a prefeitos, governadores e certa governança global representada pela ONU, cujo porta-voz estratégico é a OMS — o que sem dúvidas reforça a pretendida imagem antissistema do presidente.

Seja como for, interessa perceber que, nesse discurso, aparentemente crítico das ciências normais, há, na verdade, um exercício de desqualificação dos experts na imprensa e nas instituições políticas que falam em nome das ciências, como é o caso da OMS, mas que, no fim, poupa a atividade científica. Aos 25 minutos da produção, o advogado e escritor Ricardo Gomes faz uma apresentação razoável dos processos que envolvem uma pesquisa para, por fim, concluir que os tomadores de decisão estão indo na sua contramão.¹³⁴ Pode-se inferir que essa se trata de uma tentativa de assumir o posto ocupado pelos públicos dominantes,

¹³¹ 7 Denúncias. *op. cit.* 1:24:28 e 1:25:55.

¹³² *Id, ibid.* 1:25:55.

¹³³ Apesar de publicado antes da mais severa onda da pandemia de covid-19, um dos estudos mais completos já realizados sobre as declarações e ações do governo Bolsonaro em 2020 pode ser conferido em VENTURA, Deisy de Freitas Lima; REIS, Rosana. A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da covid-19. *Direitos na pandemia: mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil*, p. 6-31 n. 10, jan 2021. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/01/boletim-direitos-na-pandemia.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2023.

¹³⁴ 7 Denúncias. *op. cit.*

encarnando o que seria a voz de uma “verdadeira ciência”, livre de interferências ideológicas e políticas.

Como numa adaptação da sagaz e bem-humorada definição do professor Alvaro Bianchi, a Brasil Paralelo ajudou a empreender um “antigramscismo gramscista”,¹³⁵ fortemente motivado pela inspiração olavista, para colocar em marcha uma reforma cultural de viés ultraliberal e conservador, com eventual acento reacionário. Sua conduta temporal atualista, associada a um exímio domínio das ferramentas digitais na era da plataformização, reuniu temáticas distantes no curso da história, subjugando mesmo passados distantes a demandas do presente. Como veremos, foi assim com a colonização, o Império, a escravidão e, claro, a ditadura.

¹³⁵ A expressão originalmente formulada é “antigramsciano gramsciano” para definir Olavo de Carvalho. MARQUES, Victor. Olavo não tinha razão, mas tinha faro. *Jacobin Brasil*, 25 jan. 2022. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2022/01/olavo-nao-tinha-razao-mas-tinha-faro/>. Acesso em: 2 jun. 2023.

3. ECOS TRADICIONALISTAS

Mais do que um entrevistado permanente, Olavo de Carvalho foi uma espécie de farol intelectual para a Brasil Paralelo. Seus fundamentos, apresentados em quase três décadas através de livros, programas de rádio, posts em redes sociais e artigos para a imprensa, orientaram a missão que a produtora assumiu para si desde a fundação. Quando faleceu, no início de 2022, ganhou, entre outras intervenções similares, uma breve mas emotiva hagiografia pronunciada por Filipe Valerim:

O povo brasileiro reconhece espontaneamente não apenas sua relevância polêmica, mas a importância de sua obra. Uma obra que sempre se pautou pela defesa da alta cultura, do combate ao comunismo e do incentivo à busca da verdade. A obra de Olavo partiu de um ideal dele, mas só pode ser concretizada porque foi resultado de uma aliança entre jornalistas, artistas, escritores, profissionais da cultura e o povo brasileiro. Não somente preservar, mas ampliar essa obra é o compromisso hoje defendido por seus alunos.¹³⁶

No podcast do apresentador Monark, o ex-deputado e membro do MBL Arthur do Val, conhecido como “Mamãe Falei”, que chegou a endossar a BP no passado, diz que a produtora virou um panfleto olavista e apresenta como hipótese para o alinhamento editorial o fato de que o conspiracionismo dá dinheiro. Faz sentido, mas, como veremos ao longo deste trabalho, o olavismo tem sido parte substancial de sua intervenção desde o princípio.¹³⁷

Dono de uma trajetória nada usual, Olavo escreveu na juventude para o jornal do centro acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e chegou a militar pelo Partido Comunista nos primeiros anos de ditadura, quando conviveu com as futuras lideranças petistas Rui Falcão e José Dirceu na Casa do Estudante no Centro Acadêmico XI de Agosto.¹³⁸ Reconheceu, ainda, que foi oposição à ditadura durante todo o período: “quando não estava militando, estava

¹³⁶ CARLOS AUGUSTO FAVORETTO BÁRBARO. Homenagem a um gênio chamado Olavo Pimentel de Carvalho. *YouTube*, 24 jan. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/9ACw7L68JgM>. Acesso em: 2 jun. 2023. 10:00.

¹³⁷ MONARK. O Brasil Paralelo só quer lucrar? *YouTube*, 26 jul. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/PxYXTDUV8Zk>. Acesso em: 26 jul. 2022.

¹³⁸ LIMA, Luciana. Olavo de Carvalho frequentava casa da esquerda estudantil em SP. *Metrópoles*, 10 fev. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/olavo-de-carvalho-frequentava-casa-do-estudante-d-e-sao-paulo>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ajudando a esquerda, escondendo foragido do governo, escondendo arma. Fiz o diabo”, disse em entrevista à BBC Brasil.¹³⁹

No fim dos anos 1970, após transitar pela contracultura, Carvalho começou a trabalhar com astrologia e, na década seguinte, se envolveu com a Escola Tradicionalista a partir da *tariqa* sufista — uma espécie de escola ou ordem mística de inspiração muçulmana — Maryamiyya, liderada por Frithjof Schuon. Schuon, por sua vez, foi seguidor de René Guénon, pensador francês que influenciou intelectuais inspiradores do extremismo nazifascista, como o italiano Julius Evola e o alemão Carl Schmitt. O sheik, então, fundou sua própria organização na Suíça e, depois, nos Estados Unidos. Lá, contou com o apoio de diversas personalidades das elites. Olavo, agora islâmico, virou “Sidi Muhammad” e tornou-se homem de confiança no Brasil de uma das principais lideranças da seita e obteve autorização para abrir sua própria *tariqa* por aqui.¹⁴⁰

Para Benjamin Teitelbaum, antropólogo professor da Universidade de Colorado, o Tradicionalismo é uma espécie de escola originalmente espiritual-filosófica, mas que acabou encontrando guarida em determinados nichos políticos específicos. Seu principal traço é o fatalismo apocalíptico, considerando a predisposição dos seguidores na crença de que a humanidade caminha para o fim graças ao processo de secularização do mundo, que resultou no ocaso da religião e de certa ordem natural das sociedades — daí sua aspiração profundamente antimoderna.¹⁴¹

Olavo abandonou o Tradicionalismo, mas dele o Tradicionalismo nunca saiu, como já destacou Victor Marques.¹⁴² E, de fato, embora tenha se reaproximado da Igreja Católica e lamentado a expansão islâmica pelo mundo contemporâneo, Carvalho admitia que a experiência na *tariqa* foi “absolutamente fundamental” para sua formação.¹⁴³ Teitelbaum prefere pensá-lo mais como um iniciado que tempera seu pensamento com elementos dessa experiência do que como necessariamente

¹³⁹ FELLET, João. Olavo de Carvalho, o parteiro da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias. *BBC News Brasil*, 15 dez. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>. Acesso em: 13 abr 2022.

¹⁴⁰ Detalhes do envolvimento de Olavo com o esoterismo e a *tariqa* Maryamiyya podem ser conferidos em TEITELBAUM, Benjamin R. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 117-129.

¹⁴¹ *Id, ibid.* p. 17-28.

¹⁴² MARQUES, Victor. Olavo não tinha razão, mas tinha faro. *Jacobin Brasil*, 25 jan. 2022. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2022/01/olavo-nao-tinha-razao-mas-tinha-faro/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

¹⁴³ FELLET, *op. cit.*

um desertor.¹⁴⁴ No século XXI, Olavo de Carvalho já mantinha bons vínculos com outros intelectuais da direita tradicionalista global. O debate em 2011 com Alexandr Dugin, por exemplo, resultou num livro (*Os EUA e a Nova Ordem Mundial*) e forneceu importantes subsídios para a compreensão dessa expressão política do Tradicionalismo, revelando pontos de aproximação e distanciamento entre os ideólogos brasileiro e russo.¹⁴⁵

Alexandr Dugin é um importante expoente do neoeurasianismo, que retoma e atualiza preceitos do projeto eurasianista do início do século XX. Nos anos 1980, militou pelo Pamyat, um movimento nacionalista russo. Atualmente, influencia fortemente o partido governista Rússia Unida e seu líder máximo, o presidente Vladimir Putin. Dugin orienta-se fundamentalmente a partir da filosofia tradicionalista, do pensamento conservador-revolucionário alemão, da Nouvelle Droite francesa e do culturalismo filológico e antropológico. Foi do Tradicionalismo que importou sua crítica à modernidade, tida como símbolo da decadência social e destinada ao colapso diante de sua negligência quanto à vida espiritual. Para Dugin, projetos universalistas se chocam com uma tendência algo natural de cada nação em conceber sua própria realidade. Dugin, para o sociólogo Gabriel Guimarães, é uma espécie de culturalista herderiano, o que o colocaria mais próximo das *far-right* identitárias do hemisfério norte.¹⁴⁶

O que fica dessa rede de influências no pensamento duginiano é, sem dúvidas, o traço anti-iluminista, em particular antikantiano, que é partilhado por Olavo de Carvalho. No entanto, o pensador brasileiro, por outro lado, criticava Dugin por considerar que, mesmo afeito às tradições pré-modernas, o que faz o intelectual russo é basicamente pegar carona na revolução científica, incluindo aí sua valorização do culturalismo antropológico, que, para ele, não é nada além de uma expressão da racionalidade moderna. De acordo com Olavo, os culturalistas negariam o universalismo sem se desvencilhar do seu repertório. Carvalho, nesse

¹⁴⁴ DUARTE, Letícia. “Destruição é a agenda do Tradicionalismo”, a ideologia por trás de Bolsonaro e Trump. *El País Brasil*, 12 dez. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-12/benjamin-teitelbaum-destruicao-e-a-agenda-do-tradicionali-smo-a-ideologia-por-tras-de-bolsonaro-e-trump.html>. Acesso: em 01 fev. 2023.; e TEITELBAUM, Benjamin R. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 223-232.

¹⁴⁵ THE USA AND THE WORLD NEW ORDER. Disponível em: <http://debateolavodugin.blogspot.com/>. Acesso em: 26 jan. 2023.

¹⁴⁶ GUIMARÃES, Gabriel Fernandes Rocha. Ocidente, direitas e Islã: a perspectiva de Olavo de Carvalho. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v. 27, n. 2, p. 150-178, 2021.

sentido, parece querer reivindicar mais legitimidade à sua própria forma de rejeitar a herança iluminista, assentado numa espécie de amálgama grego antigo e cristão, que une um longo arco de filósofos como Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Edmund Husserl e Louis Lavelle.¹⁴⁷

Por isso, Olavo estaria mais próximo da chamada *Christian Right* norte-americana, mais voltada à percepção de uma moral absoluta, que conecta política, metafísica e costumes, e que entende que os governos devem operar dentro dos parâmetros judaico-cristãos. É o que, em linhas gerais, o afasta de Dugin, já que, por esta forma de ver o mundo, embora rejeite o liberalismo popperiano, as sociedades não devem ser completamente fechadas e podem compartilhar valores entre si — desde que pré-modernos e calcados na teologia cristã.¹⁴⁸

Dugin e Olavo tinham muito em comum, sobretudo a rejeição ao mundo pós-iluminista, e naturalmente compartilharam muitos seguidores nos últimos anos. Mas um episódio particularmente inusitado desta relação ocorreu em 2022, durante a guerra na Ucrânia. Em fevereiro, Vladimir Putin invadiu o ex-satélite da União Soviética, como já havia feito em 2014 pela região da Crimeia, agora em Donetsk e Lugansk, mais ao leste. As direitas brasileiras ficaram desorientadas. Sempre afiado nas declarações, o presidente Bolsonaro preferiu adotar uma postura mais comedida. Hamilton Mourão, general que ocupava a cadeira de vice, disse que o Brasil não concordava com a invasão e foi desautorizado no mesmo dia pelo chefe do executivo. Bolsonaro, que tinha acabado de voltar de uma visita oficial à Rússia, disse que a posição do país era de “equilíbrio”. No dia seguinte à invasão, o embaixador brasileiro na ONU votou a favor de uma resolução articulada sobretudo por Estados Unidos e Reino Unido e criticou enfaticamente os russos.¹⁴⁹ Silêncio ou descoordenação total, por outro lado, predominaram nos grupos bolsonaristas.

Em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, o professor de Relações Internacionais e coordenador do Observatório da Extrema Direita David Magalhães ajudou a esclarecer os porquês. Bolsonaro ficou em cima do muro, argumenta

¹⁴⁷ *Id, ibid.*

¹⁴⁸ *Id, ibid.*

¹⁴⁹ PRAZERES, Leandro. Qual a posição do Brasil sobre a invasão russa na Ucrânia?. *BBC News Brasil*, 10 mar. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60690024>. Acesso em 19 abr. 2022.

Magalhães, porque tem como prioridade manter a base “incandescente”, o que o desestimularia a arriscar fracioná-la por causa dessa agenda.¹⁵⁰ Células mais extremistas das direitas brasileiras têm se inspirado abertamente desde 2014 no Batalhão Azov, de aspiração neonazista, e falado em “ucranizar” o Brasil.¹⁵¹ Além disso, muitos são os que veem no Kremlin de hoje um *continuum* da URSS. Mas há também aqueles que reconhecem em Putin um importante líder conservador que põe obstáculos a feministas, LGBTQIA+ e à hegemonia norte-americana sob a liderança de um democrata.¹⁵² Articulador de muitos dos movimentos da direita global contemporânea, Steve Bannon, que coordenou a campanha vitoriosa de Donald Trump para a Casa Branca em 2016, vê Putin como um agente antimoderno. Pelo lado ucraniano, também incomoda para direita a confraternização do presidente Volodymyr Zelensky com representantes do que seria a “Nova Ordem Mundial”, como Justin Trudeau, Joe Biden, Emmanuel Macron e Olaf Scholz.¹⁵³

Essa confusão também colocou a Brasil Paralelo em saia justa. Depois de alguns dias em silêncio, a produtora publicou no Instagram um trecho de documentário recém-lançado sobre a arquitetura moderna.¹⁵⁴ Na legenda, diz que “não é de hoje que a Rússia deixa um rastro de destruição”, em clara alusão aos episódios recentes na Ucrânia. Vários dos seguidores sentiram o golpe e reagiram. Para a usuária @jubahafariasmenezes,¹⁵⁵

¹⁵⁰ CARRANÇA, Thais. Como a guerra na Ucrânia tem causado rachas dentro da direita e da esquerda no Brasil. *Folha de S. Paulo*, 26 fev. 2022. Disponível em: <https://folha.com/nz3bl5og>. Acesso em 19 abr. 2022.

¹⁵¹ A ativista Sara Winter, por exemplo, que teve breve passagem pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos sob o comando da pastora evangélica Damares Alves, alega ter sido treinada para combate na Ucrânia e reivindicou a liderança do movimento “300 do Brasil”, nome em alusão à lenda de espartanos na Batalha das Termópilas. Em maio de 2020, esse grupo acampou em frente ao Supremo Tribunal Federal para protestar contra o ministro Alexandre de Moraes e o inquérito das fake news. Presa e abandonada pelo governo, Winter disse que partiram dele as instruções para os protestos. LIMA, Eudes. Sarah Winter, um arquivo vivo. *Isto É*, 19 nov. 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/sara-winter-um-arquivo-vivo/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

¹⁵² Em discurso durante evento alusivo ao Dia do Defensor da Pátria, em fevereiro de 2023, o líder russo acusou o Ocidente de normalizar a pedofilia, criticou a ideia de que Deus teria um “gênero neutro” e defendeu a família como a união entre homem e mulher. METRÓPOLES. “Deus, pátria e família” | A íntegra do discurso de Putin para estádio lotado. *YouTube*, 22 fev. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/RHsKj2rmDfA>. Acesso em: 23 fev. 2023.

¹⁵³ CARRANÇA. *op. cit.*

¹⁵⁴ BRASIL PARALELO. *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CadUHOHgQP2/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

¹⁵⁵ Os nomes dos usuários foram mantidos como aparecem nas redes, anteceditos pelo símbolo “@”. Todos os comentários estão transcritos exatamente como publicados pelos usuários, mantendo-se as características e erros típicos da escrita em caixas de comentários ou aplicativos de mensagem. Optou-se por não indicar erros com a expressão “sic”.

Conhecer a história é importante., mas viver de passado, como se o tempo tivesse estagnado é meio irracional. Putin não é Stalin, o progressismo que tem os EUA como berço sim, é a real ameaça, devastando tradições e culturas, invadindo e destruindo igrejas. EUA e Otan, com esse discurso de pluralidade e diversidade, tentam “americanizar” o mundo, transformando a verdade em relativismo. Putin faz o que enquanto isso? Tenta manter a ordem e tradições.

@arsilva099 vai na mesma linha: “Calma aí, a união soviética de antes, nada tem haver com a Rússia de hoje.na atual conjuntura mundial, a chamada Nova ordem mundial, agora tendo a frente o esquerdista Biden, esse sim merece que fiquemos temerosos...”. A seguir, é a vez de @tintoripiqueira dizer que “pelo menos, o atual governo russo combate o globalismo que tanto criticamos. Fora que há fascistas na Ucrânia que provocaram a guerra também. Não há inocentes nesta história”.

Para @rosicannavo,

Putin está correto! Ele teve que atacar para se defender do futuro ataque! Isto que da eleger humoristas para governar uma nação! A Ucrânia dobrou a aposta, achando que tinha 30 países para ajudá-la! Desceu para o play sozinha! Agora é hora de brincar! Infelizmente! ●

Já o seguidor @jozernjunior faz questão de enfatizar o que seria a ligação da Ucrânia com a esquerda:

Acho que o atual momento não dá pra linkar Putin a Lênin. A treta está nitidamente sendo teatral! Sim puro teatro midiático por parte da Ucrânia e o seu presidente-comediante. Todas as TVs e jornais do mundo são comprometidas com a esquerda e portanto as mesmas estão tentando fazer o cancelamento da Rússia no cenário geopolítico internacional

A reação não é à toa. O elogio às tradições e a aversão à Modernidade estão presentes em boa parte da produção da Brasil Paralelo, ganhando contornos acentuados na trilogia *O Fim da Beleza*, lançada em 2022. Voltada a discutir padrões estéticos nas artes e sobretudo na arquitetura, a peça documental chega a flertar com a ideia de arte degenerada para sustentar seu ponto quanto à

decadência do mundo ocidental. Entre os argumentos, está a noção de que a beleza seria algo que transcende a cultura e remete aos desígnios divinos.¹⁵⁶

Numa transmissão ao vivo intitulada *Conversas Paralelas*, no YouTube, a produtora se pronunciou especificamente sobre o caso. Lucas Ferrugem e Flavio Morgenstern, auxiliados por dois mediadores, discutem o tema por duas horas. A posição da dupla é clara: ambos repudiam Putin e a invasão sem quaisquer tergiversações, apesar de considerarem Zelensky de esquerda — “um Danilo Gentili de esquerda”, como prefere ilustrar Ferrugem. Ciente do racha no interior do espectro, Morgenstern, que usava uma camisa dedicada à Ucrânia, enfatiza que sua defesa é “do povo ucraniano”, mas vai além e ironiza conservadores que repetem os “mesmos argumentos do PSOL” sobre o “imperialismo da OTAN”.¹⁵⁷ De fato, houve grande consonância entre parcelas da direita e da esquerda acerca do tema.¹⁵⁸

O que fez a BP neste caso, assim como de costume, foi fechar posição com Olavo de Carvalho, para quem o neoeurasianismo de Dugin, evocado pela invasão da Ucrânia, constitui apenas mais um projeto de dominação mundial.¹⁵⁹ Em um vídeo publicado em seu canal do YouTube, o ex-ministro das Relações Exteriores de Bolsonaro, Ernesto Araújo, indicado ao governo por Olavo, criticou a postura do presidente brasileiro. Araújo disse que Bolsonaro reproduzia desinformação russa e criticou uma retórica de desqualificação de Zelensky, chamado recorrentemente de “comediante”, em tom pejorativo, pelo mandatário do Brasil.¹⁶⁰

Em junho de 2022, a coluna do jornalista Guilherme Amado, no *Metrópoles*, noticiou que dois palestrantes contratados pela Brasil Paralelo para um curso sobre Guénon, Schuon e Evola acionaram a produtora na justiça alegando terem sido chamados de “terroristas”. Alexandre Sugamoto e Silva e Uriel Irigaray Araújo entrevistaram, em 2020, Alexandr Dugin para o canal do movimento Nova

¹⁵⁶ OKUMA, André. A Brasil Paralelo na Guerra Cultural. In: JORGE, Marina; GOLDSTEIN, Ilana; MATOS, Yanet; HOFFMANN, Ana; ARANTES, Pedro; SQUEFF, Leti. (orgs.) *Perspectivas de pesquisa em imagem e gênero* (livro eletrônico). Brasília: PPGHA/Unifesp, 2023. p. 35-53.

¹⁵⁷ BRASIL PARALELO. O CONFRONTO ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA - Conversa Paralela com Flávio Morgenstern e Lucas Ferrugem. YouTube, 05 mar. 2022. Disponível em: https://youtu.be/tpJp8R2qF_Y. Acesso em 15 fev. 2023. 1:28:53.

¹⁵⁸ CARRANÇA. *op. cit.*

¹⁵⁹ GUIMARÃES, *op. cit.*

¹⁶⁰ BOLSONARO reproduz “desinformação russa”, diz Ernesto Araújo. *Poder 360*, 01 mar. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/europa-em-guerra/bolsonaro-reproduz-desinformacao-russa-diz-ernest-o-araujo/>. Acesso em: 26 abr. 2022.

Resistência, que desde o ano anterior vinha ganhando espaço no interior do Partido Democrático Trabalhista, o PDT.¹⁶¹

Seja como for, resta claro que o olavismo partilha da mesma aversão que os duguinistas ao arranjo social do Ocidente pós-iluminista. A Revolução Francesa, tida como o lamentável resultado de um processo de secularização do pensamento, teria começado, “para os mais atentos”, nas obras dos enciclopedistas.¹⁶² Para Olavo, o iluminismo inaugura, a partir de Kant, uma tradição política que gera personagens abomináveis, de Darwin a Pol Pot, passando por Marx, Mussolini, Lênin e Hitler, por exemplo.¹⁶³ Descende daí a frequente reclamação das novas direitas radicais de que o nazi-fascismo seria, apesar da variação discursiva, de esquerda.

No corte “Comunismo, fascismo e liberalismo: adversários ou irmãos?”, da trilogia *Pátria Educadora*, da BP, Carvalho diz que o regime fascista não tem nada a ver com a ideologia anti-iluminista fascista, saudosa das identidades nacionais do início do século XIX. Ele surge, argumenta, “de uma cisão dentro do movimento revolucionário”.¹⁶⁴ Para Olavo, o regime fascista é, na verdade, um espelho do iluminismo, pois ambos concentram poder na administração estatal: “a política estatizante foi a mesma no fascismo e no comunismo”, numa citação literal do vídeo. Neste momento, é exibida uma sequência de imagens de ditadores comunistas e fascistas. Olavo completa:

Em lugar da metafísica, você tem o quê? A racionalidade do Estado, seja o Estado socialista, seja o Estado fascista que no fim são a mesma coisa. Não é coincidência que a esquerda brasileira... que o modelo, o ídolo dela seja Getúlio Vargas. O Lula vive dizendo que o

¹⁶¹ GHIROTTI, Edoardo; BARRETO, Eduardo. Palestrantes acionam produtora bolsonarista por acusação de terrorismo. *Metrópoles*, 25 jun. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/palestrantes-acionam-produtora-bolsonarista-por-acusacao-de-terrorismo>. Acesso: em 25 jun. 2022. No mesmo mês de junho, o PDT alegou desconhecimento sobre o movimento no partido e anunciou a expulsão de seus membros. NEIVA, Lucas. Grupo de extrema-direita se infiltra no PDT, que anuncia sua expulsão. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/grupo-de-extrema-direita-se-infiltra-no-pdt-que-anuncia-expulsao-de-membros/>. Acesso em: 25 jun. 2022.

¹⁶² BRASIL PARALELO. Para os mais atentos, a Revolução Francesa começou nos livros. *YouTube*, 15 set. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/8b8Z8OtMU1o>. Acesso em 20 jan. 2023.

¹⁶³ GUIMARÃES, *op. cit.*

¹⁶⁴ BRASIL PARALELO. COMUNISMO, FASCISMO E LIBERALISMO: ADVERSÁRIOS OU IRMÃOS? *Youtube*, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/IECP2VuGj4>. Acesso em 16 jan. 2023.

modelo dele foi o Getúlio Vargas. Então o que que é? É o fascista, evidentemente.¹⁶⁵

Fernando Conrado, a seguir, no mesmo vídeo, diz que a esquerda chama a direita de fascista por ser, na verdade, ela própria fascista. Depois, é a vez de Flavio Morgenstern dizer que os comunistas consideram o fascismo “uma nova fase do socialismo”.¹⁶⁶ No corte “Quais políticos brasileiros defendem o fascismo hoje?”, do último episódio da série *Brasil - A Última Cruzada*, Morgenstern relaciona a defesa dos direitos trabalhistas hoje a Vargas e, portanto, ao fascismo. Toda esquerda hoje, então, segundo ele, defenderia o fascismo: Lula, Dilma e até Ciro Gomes e Cristóvão Buarque.¹⁶⁷

Nas direitas radicais contemporâneas, popularizou-se a noção, tributária da obra da romancista e filósofa judaico-russa Ayn Rand, de “coletivismo”, cuja finalidade é generalizar diferentes formas de organização social baseadas, de um lado, na coletividade, inevitavelmente condicionadas ao autoritarismo, e, de outro, na individualidade, onde estariam as garantias de respeito às liberdades individuais. O canal de YouTube Ideias Radicais, de fortes inclinações objetivistas — como costuma ser definida a filosofia de Ayn Rand —, após se complicar com inscritos que não gostaram da afirmação de que a direita também pode ser coletivista, teve que se explicar num novo vídeo que, por fim, acaba concluindo que o destino inevitável do coletivismo é o totalitarismo, que seriam os casos de “comunismo, fascismo, nazismo, etc”.¹⁶⁸ Já na década de 1930, o comentarista político Walter Lippman criticava a adoção de políticas econômicas tidas como “coletivistas”, que invariavelmente levariam ao totalitarismo. O mesmo argumento foi retomado na década seguinte, como notou Camila Rocha, por Friedrich Von Hayek em *O caminho da servidão*.¹⁶⁹

Para os politólogos Christian Lynch e Paulo Henrique Cassimiro, autores de *O populismo reacionário*, esse é um estratagema comum das novas direitas radicais: atribuir às esquerdas exclusividade no vínculo com as mais variadas

¹⁶⁵ *Ibid.*

¹⁶⁶ *Ibid.*

¹⁶⁷ BRASIL PARALELO. Quais políticos defendem o fascismo hoje? *YouTube*, 28 out. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/3gCW0AcezX4>. Acesso em: 16 jan. 2023.

¹⁶⁸ IDEIAS RADICAIS. O que é Coletivismo? *YouTube*, 17 mar. 2017. Disponível em <https://youtu.be/1R067F4a2G4>. Acesso em 20 jan. 2023.

¹⁶⁹ ROCHA, Camila. “Menos Marx, mais Mises”: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 232 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 51-52.

formas de extremismo para, justamente, escamotear o seu próprio lastro. O objetivo, naturalmente, é induzir a aceitação popular às ideias reacionárias e aumentar a rejeição aos adversários.¹⁷⁰

Embora soe pejorativo, o conceito de “reacionarismo” parece muito mais adequado para descrever a inclinação intelectual de Olavo de Carvalho e seus seguidores. O reacionarismo, dizem Lynch e Cassimiro,

se distingue do conservadorismo tradicional por sua radicalização. No conservadorismo, a sociedade deve preservar suas instituições e valores fundamentais, de modo que, se a mudança social for inevitável, ela deve ser produzida e conduzida “dentro da ordem”, preservando instituições e evitando rupturas. Já o horizonte do reacionarismo aponta para a possibilidade de *regeneração* de uma ordem perdida por meio de uma aceleração da ruptura com a ordem vigente, capaz de reconstruir no futuro uma sociedade equivalente àquela perdida no passado. Assim, ao contrário do conservadorismo, o reacionarismo não pode agir no interior das instituições estabelecidas: mesmo que reacionários participem do jogo eleitoral, seu horizonte de ação tem que ser, constantemente, a negação da ordem vigente e a promessa de sua superação por um modelo fiel à ordem política legítima, injustamente destruída por “revolucionários” imaginários ou reais — tanto liberais como socialistas. Por essa razão, reacionários frequentemente se viram parte de uma “revolução conservadora”, ou seja, defensores de um processo de ruptura com o objetivo de restaurar uma mítica ordem perdida, uma “utopia regressiva” cujo ideal está no passado.¹⁷¹

Em outras palavras, enquanto o conservador tradicional está preocupado com a ruína da ordem diante das transformações sociais, o reacionário entende que essa ruína já aconteceu e que seu papel, além de denunciá-la, é agir em favor de uma restauração que devolva a ordem subvertida. É sob a luz dessa premissa que deve ser encarada a obra de Olavo, que, num exercício de autodefinição, já se proclamou liberal na economia; tradicionalista e conservador na religião; anarquista na moral e “mais ainda” na educação; nacionalista e protecionista em política internacional; realista em filosofia; alguém que crê na relatividade do progresso na história; e, “em todos os domínios e circunstâncias”, contra aquilo que chama de “governo mundial”, representado pela ONU, pela Unesco, pela Internacional Socialista e pelas “grandes corporações multinacionais” e “entidades do gênero”.¹⁷²

¹⁷⁰ LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. *O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo*. São Paulo: Contracorrente, 2022. p. 138-140.

¹⁷¹ *Id, ibid.* p. 23-24.

¹⁷² CARVALHO, Olavo de. Fórmula da minha composição ideológica. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 23 dez. 1998. Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/formula-da-minha-composicao-ideologica/>. Acesso em: 01 fev. 2023.

Embora as projeções tradicionalista, liberal, anárquica e nacionalista estejam de alguma forma presentes em sua obra, não restam dúvidas de que Olavo de Carvalho dedicou muito mais espaço à denúncia sobre o avanço do espectro marxista cultural nos pilares da civilização ocidental do que a qualquer elaboração propositiva. Ele mesmo admitia: “Eu não tenho proposta nenhuma. Eu sou mais um antiesquerdista do que um conservador. Eu sei o que eu sou contra. Do que eu sou a favor, eu não sei”.¹⁷³ Em outras palavras, destruir em vez de construir.

¹⁷³ DUARTE, Letícia. Bônus: Como o olavismo explica o bolsonarismo. In: PIRES, Carol. Retrato Narrado. *revista piauí & Spotify Studios*, 18 nov. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1yeM1KrhNq06y5ck8Z4X4n?si=df0c899d0d144af2>. Acesso em: 13 fev. 2023. Ver em 32:11.

4. COMO VENCER UM DEBATE NAS REDES SOCIAIS

A ideia de decadência civilizacional — induzida pelo avanço da modernização e da esquerda — é importante para justificar, de antemão, o comportamento belicoso de Olavo de Carvalho, que precisamente em função disso acabou vendo algumas portas se fecharem já a partir da década de 1990. Com trânsito em alguns grandes jornais brasileiros, como *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*,¹⁷⁴ o autor de *O dever de insultar* (2016) se viu cada vez mais confinado a espaços menos consagrados da imprensa à medida que parecia se consolidar a Nova República durante os anos Fernando Henrique Cardoso e Lula. Olavo, mesmo sendo reconhecido como portador de boas ideias pela direita liberal, chegou a ter pedidos de financiamento negados por instituições tradicionais, como o Instituto Liberal do Rio de Janeiro, o primeiro *think tank* pró-mercado do país, fundado em 1983, graças ao modo de se referir a adversários políticos.¹⁷⁵

Progressivamente, então, seu radicalismo foi escalando — no conteúdo e na forma. Suas ofensas, longe de expressar um simples destempero, têm uma racionalidade justificada. Às objeções de um amigo que disse que “se formos mal educados com os nossos inimigos, estaremos nos rebaixando ao nível deles” e que “mais importante que derrubar os adversários é lutar positivamente pelas ideias em que acreditamos”, Olavo respondeu:

Que respeito merecem essas pessoas? Que sentido tem conceder-lhes o direito de debater planos para o nosso assassinato, sabendo que a única divergência que pode surgir entre elas é quanto ao prazo de execução? Imaginem o escândalo, a revolta da mídia chique se nos puséssemos a planejar “ações armadas” contra os comunistas! No entanto, ela acha muito natural e nada escandaloso que partidos legais se associem com quadrilhas de narcotraficantes e assassinos para a defesa mútua de seus interesses — interesses que, por isso mesmo, se destinam a sair igualmente beneficiados pela violência ou pela simultânea conversa mole de paz e democracia. Haverá nisso somente uma “divergência de ideias” ou uma desigual distribuição dos meios de ação permitidos aos dois lados da disputa, um deles investido do direito de matar, roubar, sequestrar e trapacear à vontade, o outro abstendo-se servilmente até de falar duro contra

¹⁷⁴ SCARDOELLI, Anderson. “Guru bolsonarista”, Olavo de Carvalho teve palco na imprensa. *Comunique-se*, 25 jan. 2022. Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/antes-de-ser-guru-bolsonarista-olavo-de-carvalho-teve-palco-na-imprensa/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

¹⁷⁵ ROCHA, Camila. “Menos Marx, mais Mises”: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 232 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 101-103.

quem faz isso? Aceitar esse jogo é mais que covardia, é trair a própria causa, é prostituir a própria consciência. [...] Não, meu caro amigo, tratar esses indivíduos com a rispidez que merecem não é jamais rebaixar-nos ao seu nível. Nem mesmo se os xingássemos dos piores nomes e o fizéssemos o dia inteiro, sem parar, com a mesma obsessividade persistente e psicótica com que eles sonham com a nossa morte, estaríamos nos igualando aos bandidos das Farc e aos seus parceiros no governo federal. Nenhum de nós é traficante, sequestrador, assassino, nem parceiro político e bajulador de quem o seja. Muito menos somos consciências morais deformadas como o sr. Presidente da República, para quem a prática desses crimes hediondos não desqualifica ninguém para o exercício dos mais altos cargos numa democracia. Endereçado a quem de direito, nada que saia da nossa boca, por mais ofensivo e brutal que soe, pode jamais nos tornar tão sujos e desprezíveis quanto eles.¹⁷⁶

A réplica ao amigo, originalmente publicada em novembro de 2010 no *Diário do Comércio*, sintetiza o argumento de Olavo sobre o assunto. Em primeiro lugar, cabe destaque ao ressentimento destinado à imprensa tradicional, ironizada como “mídia chique”. Além disso, o excerto explicita outra estratégia recorrente da oposição de Olavo às esquerdas, mais elaborada em outras ocasiões, que é relacioná-la ao crime comum, num contexto de arrefecimento das atividades anticomunistas. Mas o mais importante é a maneira com que Olavo encara a disputa política no presente. Para ele, as forças em jogo são absolutamente assimétricas. E a percepção dessa “desigual distribuição dos meios de ação permitidos aos dois lados da disputa” opera como uma justificativa para o ataque. Num post de 2014 em que relativiza a importância do impeachment de Dilma Rousseff — que ainda estava distante de acontecer —, o “parteiro” da nova direita diz:

Na vida há obstáculos que não podem ser "vencidos": só podem ser DESTRUÍDOS. [...] Chega de GUERRA ASSIMÉTRICA. Por que esses filhos da puta não de ter sempre o direito de dizer o que não podemos dizer, de fazer o que não podemos fazer? Por que eles podem pregar abertamente o homicídio em massa e nós não podemos sequer dizer que o Lula é um bêbado? Por que uma dona pode dizer que tem "saudade dos fuzilamentos" e eu não posso nem dizer que ela é uma vaca filha da puta? Você tem saudade dos fuzilamentos? Pois eu tenho saudade dos tempos em que gente com o seu QI não podia esperar da vida nada mais que um bom tanque de lavar roupa. Tens saudade dos fuzilamentos? Vai trabalhar, vagabunda! "Saudade dos fuzilamentos" foi só brincadeira? Pois então vá tomar no cu de brincadeira. Mais importante do que tirar a Dilma da presidência é expulsar os comunistas da sua escola, da sua

¹⁷⁶ CARVALHO, Olavo de. O dever de insultar. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 12 nov. 2010. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/o-dever-de-insultar/>. Acesso em: 31 jan. 2023.

igreja, da sua sociedade de bairro, do seu clube. Isso não depende de grandes mobilizações, depende só da coragem e iniciativa de cada um. Isso não é nem política: é dever pessoal. Denuncie cada filho da puta, atire na cara dele, em público, todo o mal que ele representa e personifica. Recuse-lhe amizade, tolerância ou respeito, mesmo em pensamento. Esses canalhas vivem da generosidade das suas vítimas. Discrimine quem o discrimina, oprima quem o oprime, achincalhe quem o achincalha. Faça justiça a si mesmo. Comece agindo por si. Logo vira moda. Nunca esqueça: Cada comunista trama dia e noite a morte de quem achesse, mesmo por descuido, o caminho da maldita revolução. Chamar um comunista de assassino é redundância.¹⁷⁷

A leitores que denunciaram “a esquizofrenia dos formadores de opinião” e a desonestidade dos brasileiros, Olavo respondeu:

Uma só palavra gentil dita aos homens que criaram as situações descritas pelos leitores [...] é o bastante para deitar a perder todos os esforços mais generosos despendidos para corrigi-las. Mais vale um bom palavrão atirado em público à cara de um Tarso Genro, de um Marco Aurélio Garcia, do que mil palavras construtivas atiradas ao vento.¹⁷⁸

Num post de agosto de 2015, Olavo diz que usa palavrões porque

são NECESSÁRIOS. São necessários no contexto brasileiro para demolir essa linguagem polida que é uma camisa-de-força que prende as pessoas, obrigando-as a respeitar o que não merece respeito. Então, às vezes, quando você discorda de um sujeito, mas discorda respeitosamente, você está dando mais força pra ele do que se concordasse. Porque você está indo contra a ideia dele, mas você está reforçando a autoridade dele. A autoridade é a respeitabilidade. O problema dessas pessoas, desses bandidos de que eu estou falando, não são as ideias. É justamente o fato de que são canalhas. São canalhas, são bandidos, são ladrões.
V-Ã-O T-O-D-O-S T-O-M-A-R N-O C-U!¹⁷⁹

Cada dia um pouco menos frequente nos grandes jornais, Olavo encontrou a ferramenta ideal para denunciar, nos termos que queria, a nova marcha comunista. Sua emigração para os Estados Unidos, em 2005, coincide com a popularização de

¹⁷⁷ OLAVO DE CARVALHO. *Facebook*, 02 dez. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/photos/%C3%A9-claro-que-sou-a-favor-do-impeachment-d-a-dilma-mas-sou-muito-mais-a-favor-do-de/411841992301214/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

¹⁷⁸ *Id.* Geração maldita. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 8 dez. 2009. Disponível em <http://olavodecarvalho.org/geracao-maldita/>. Acesso em 31 jan. 2023.

¹⁷⁹ *Id.* *Facebook*, 25 ago. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/535327239952688/>. Acesso em 31 jan. 2023.

uma das primeiras redes sociais digitais de sucesso no Brasil: o Orkut. O Orkut foi fundado em 2004, originalmente para atender ao público norte-americano. Em janeiro de 2006, no entanto, já tinha 75% dos seus usuários sediados no Brasil, que chegou a ultrapassar a marca de 30 milhões de inscritos. Essas cifras despertaram a atenção da filial local do gigante Google, que passou a gerir o negócio por aqui.¹⁸⁰ Além de conectar amigos, o Orkut também funcionou como uma importante ferramenta de disseminação e troca de ideias através das “comunidades”, que, em moldes similares aos “grupos” da rede Facebook, reuniam diferentes sujeitos com interesses comuns, desde clubes de futebol a preferências gastronômicas, passando por gêneros musicais e, claro, agremiações políticas.

Nessa seara, desde os primórdios, as direitas foram hegemônicas. Para se ter uma ideia, quando, em 2006, Lula era reeleito com 60,83% dos votos válidos,¹⁸¹ as comunidades “Fora Lula 2006” e “Eu odeio o PT” já reuniam, respectivamente, 110 mil e 93 mil membros. Ao mesmo tempo, “Lula presidente 2006” e a comunidade oficial do PT não ultrapassavam, juntas, a marca de 42 mil. Olavo de Carvalho também foi logo agraciado com fóruns do Orkut em seu nome. Entre seus admiradores, figuravam as comunidades “Olavo de Carvalho” e “A Filosofia de Olavo de Carvalho”. Mais tarde ele também batizaria fóruns de detratores, como “Olavo de Carvalho nos odeia” e “Eu odeio Olavo de Carvalho”.¹⁸²

Uma das principais contribuições do Orkut para as novas direitas brasileiras é a formatação dos seus chamados “contrapúblicos digitais”. Para quem se habituou a compreender o conceito de “contrapúblicos” a partir da definição de Nancy Fraser, a ferramenta pode soar inadequada, afinal, para a filósofa norte-americana, estes seriam compostos fundamentalmente por cidadãos subalternizados que, à margem da sociedade, teriam ficado de fora da esfera pública habermasiana. A politóloga Camila Rocha, em sua tese de doutoramento sobre as novas direitas brasileiras, no entanto, vai além e, a partir das contribuições de Michael Warner, Natalie Fenton e John Downey, entende como “contrapúblicos” quaisquer grupos que, sentindo-se mal representados entre os “públicos dominantes” que ocupam os espaços

¹⁸⁰ ANJOS, Lúcia dos. Como era o Orkut? *Super Interessante*, 23 nov. 2017. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-era-o-orkut/>. Acesso em: 22 set. 2022.

¹⁸¹ PRESIDENTE Lula é reeleito com mais de 58 milhões de votos. *Senado Notícias*, 30 out. 2006. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2006/10/30/presidente-lula-e-reeleito-com-mais-de-58-milhoes-de-votos>. Acesso em: 22 set. 2022.

¹⁸² ROCHA, Camila. *op. cit.* p. 120-121.

tradicionais de poder e saber, objetivam cultivar uma identidade própria e expandir sua atuação.¹⁸³

Nas comunidades do Orkut, diversos foram os contrapúblicos que surgiram à direita. O antipetismo, não restam dúvidas, foi predominante nesses espaços, mas eles também cultivaram debates sobre agendas propositivas, tendo o liberalismo como grande matriz ideológica. A ideia era aproveitar a efervescência dos novos fóruns para explorar suas dimensões alternativas, ausentes nos principais meios de comunicação, como o objetivismo, o minarquismo e o anarco-capitalismo, tidos por Rocha como expressões ultraliberais.¹⁸⁴ Nesse sentido, justamente por permitir e incentivar outras abordagens da realidade social e o uso de um vocabulário não convencional, esticando os limites entre o que poderia ou não ser admitido no debate público, o Orkut foi tão útil para essas novas direitas.

A antropóloga Letícia Cesarino, no entanto, entende que a noção de “contrapúblicos” é pouco para enquadrar certos grupos não hegemônicos no debate público. Diferente de Camila Rocha, que se dedicou majoritariamente a organizações liberais num contexto em que o bolsonarismo ainda lutava para se consolidar como polo hegemônico da direita, Cesarino fala em “públicos antiestruturais”. A diferença, diz, reside no fato de que estes emergem como oposição explícita às elites política e cultural e agem o tempo todo a partir da lógica estranho-familiar para bifurcar o público dominante.¹⁸⁵ Para Cesarino,

Eles não apenas não se ancoram na mesma lógica política da esfera pública liberal e do Estado democrático de direito, como pressionam suas instituições e pressupostos na direção de um limiar verdadeiramente transformacional: uma dupla torção que busca reverter a relação de englobamento. Assim, por exemplo, a diferença entre direita e esquerda na democracia representativa, ao ser dupla-torcida, introduz uma bifurcação em que a direita passa a estruturar uma realidade política paralela em que a esquerda é não um adversário numa esfera pública pluralista compartilhada, mas um inimigo que, ao tomar a forma de seu oposto invertido, opera como uma ameaça existencial.¹⁸⁶

Por isso, argumenta que

¹⁸³ *id, ibid.* p. 24-41.

¹⁸⁴ *Id, ibid.* p. 44-49.

¹⁸⁵ CESARINO, Letícia. O mundo do avesso: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022. p. 131-142.

¹⁸⁶ *Id, ibid.* p. 139.

O senso comum ativado pelos públicos antiestruturais não remete assim a um conteúdo positivo previamente compartilhado pelos indivíduos: uma identidade ou programa político no sentido convencional. Ele envolve uma dinâmica negativa de autoafirmação pela oposição a um status quo que supostamente estaria impedindo esses indivíduos de prosperarem, e do qual eles desejam se “libertar”.¹⁸⁷

Olavo, que admitia não ter como forte uma agenda propositiva, já era um usuário experiente da internet quando apareceu o Orkut. No entanto, o que a rede fez por ele foi aumentar expressivamente a abrangência de seu público num contexto em que poucas pessoas se assumiam no país como “de direita”, com receio dos estigmas que poderiam carregar.¹⁸⁸ A primeira navegação do autor de *O imbecil coletivo* (1996) em águas digitais foi através do blog *Sapientiam autem non vincit malitia* (“A sabedoria não é vencida pela malícia”, do latim), a partir de 1998, que reproduzia artigos escritos para a imprensa. Mais tarde, em 2002, o site *Mídia Sem Máscara* passou a difundir textos do próprio Olavo e de interlocutores convidados. O programa *True Outspcak*, muito antes dos podcasts contemporâneos, esteve no ar entre 2006 e 2012 com monólogos do fundador sobre temas da semana. No episódio de estreia, Carvalho já lamentava a ausência de respostas, por parte da direita, às articulações esquerdistas no campo dos saberes.¹⁸⁹ Seu *Curso Online de Filosofia* (COF), fundado em 2009, abrigou milhares de estudantes em busca de orientação no campo conservador.¹⁹⁰

No episódio derradeiro do *True Outspcak*, Olavo comenta a herança deixada para os ouvintes:

Mas é o único jeito de fazer as pessoas sentirem a baixaria em que o Brasil tinha se tornado, e criar uma linguagem, que é a linguagem da própria baixaria, para falar dela mesma. Esta finalidade foi inteiramente cumprida. Eu vejo que muita gente aprendeu. Aprendeu a xingar. Aprendeu a mandar tomar no cu quando precisa mandar tomar no cu. Aprendeu a chamar de filho da puta quando é para

¹⁸⁷ *Id, ibid.* p. 138.

¹⁸⁸ ROCHA. *op. cit.* p. 111-112.

¹⁸⁹ CARVALHO, Olavo de. True Outspcak. Episódio 1. Internet Archive, 06 dez. 2006. Disponível em: <https://archive.org/details/TrueOutspcak/001.+True+Outspcak+-+4-12-2006.mp3>. Acesso em: 31 jan. 2023.

¹⁹⁰ BURGIERMAN, Denis Russo. O curso de Olavo de Carvalho, o artista da ofensa. *O Globo Época*, 14 mar. 2019, disponível em <https://oglobo.globo.com/epoca/o-curso-de-olavo-de-carvalho-artista-da-ofensa-23521208>. Acesso em: 31 jan. 2023.

chamar de filho da puta e assim por diante. E isso eu acho que foi um progresso enorme.¹⁹¹

Numa das aulas do COF, Olavo rejeita qualquer disposição para o embate de ideias com representantes do marxismo cultural e dobra a aposta no estratagema do insulto. Conforme o relato de um repórter da revista *Época*:

“É aí que está o erro do pessoal conservador: imaginar que existe uma luta de ideias e que temos de derrotar o marxismo. Temos de derrotar é os marxistas”, ele disse. “Não puxem discussão de ideias. Investigue alguma sacanagem do sujeito e destrua-o. Essa é a norma de Lênin: nós não discutimos para provar que o adversário está errado. Discutimos para destruí-lo socialmente, psicologicamente, economicamente.” [...] “Temos de fazer uma poda no jardim dos prestígios”, ele concluiu, com alguma poesia.¹⁹²

Olavo tinha planos grandiosos para seus alunos. Em um post de junho de 2016, disse: “Meus alunos -- e praticamente só eles -- já estão criando a nova alta cultura do Brasil, que jogará na lata de lixo do esquecimento TODA a subcultura universitária e jornalística das três ou quatro últimas décadas”.¹⁹³ Em outra publicação, esta de 2019, diz que seus alunos “são mais cultos e escrevem melhor do que qualquer jornalista ou professor universitário desses que vivem brilhando na mídia. Descontados uns poucos sobreviventes de gerações anteriores, ELES, e mais ninguém, são a alta cultura brasileira”.¹⁹⁴

Mas, a despeito de sua alegada vocação para formatação de uma alta cultura, Olavo educou seus alunos sobretudo com base nas performances desempenhadas nas redes sociais, calcadas pela negação absoluta ao debate de ideias. Os livros, de aspiração mais erudita, têm roupagem significativamente distinta. Porém, seu conteúdo serve de fundamentação para uma atuação cada vez mais bélica no debate público. A ideia de “marxismo cultural”, ao deslocar o que seria o “verdadeiro poder” de Brasília para a cultura, esta por sua vez tomada por comunistas, alimenta uma postura vigilante e, sobretudo, profundamente anticonciliatória.

¹⁹¹ OLAVO DE CARVALHO. True Outspcak - Olavo de Carvalho - 5 de dezembro de 2012, *YouTube*, 5 dez. 2012. Disponível em: https://youtu.be/hRYwli751_E. Acesso em 31 jan. 2023.

¹⁹² BURGIERMAN, *op. cit.*

¹⁹³ OLAVO DE CARVALHO. *Facebook*, 20 jun. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/654414911377253>. Acesso em: 14 dez. 2023.

¹⁹⁴ *Id.* *Facebook*, 9 fev. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/1227342774084461>. Acesso em: 14 dez. 2023.

No vídeo “Não respeite comunistas, destrua-os!!!”, em que instiga seus seguidores à desobediência civil, o autor brasileiro os exorta também ao insulto: “Quando eu falo panelaço, não é panelaço formalmente. É também esse negócio de cercar as pessoas no aeroporto, no restaurante, vaiar, xingar de tudo quando é palavrão que existe na língua portuguesa e mais alguns em latim se você quiser [...]. Vale tudo”. E reforça a total indisposição ao embate propositivo: “não se trata de destruir ideias, mas a carreira e o poder de pessoas”.¹⁹⁵

Em 1997, Carvalho apresentou a edição brasileira de *Como vencer um debate sem precisar ter razão*, do filósofo oitocentista Arthur Schopenhauer. A ideia, segundo argumenta na introdução do livro, era apenas precaver seus leitores contra “sofistas e charlatões” que deveriam ser “banidos a pontapés” dos “altos postos da vida intelectual”.¹⁹⁶ Como se sabe, no entanto, o autor brasileiro não se restringiu à teoria. Olavo é bastante conhecido por episódios de verborragia contra antagonistas, seja virtual ou presencialmente. Entre os alvos preferidos, estão, como se pode inferir com certa naturalidade, acadêmicos e jornalistas.

Letícia Duarte, à época trabalhando para o projeto *Democracy Undone* — parceria da ONG *The GroundTruth* com a revista *The Atlantic*, ambas norte-americanas —, sobre a erosão da democracia liberal no mundo, entrevistou Olavo por duas vezes e descreve sua experiência em português no episódio extra de *Retrato Narrado*, podcast do Spotify e da revista *piauí* dirigido por Paula Scarpin e Paula Thomson-DeVeaux. Apesar do trato inicial gentil, o guru das novas direitas radicais se indignou com o que leu da jornalista a partir da primeira entrevista e, na segunda, lhe disse coisas como “extrema direita é o seu cu”, “argumento de puta” e “você é uma vagabunda”. Está tudo registrado em áudio. Carvalho alterna momentos de exaltação com outros mais brandos, mas nem por isso menos ofensivos. Em um deles, diz: “Ora, a frase que eu mais ouvi no tempo em que eu trabalhava nas redações era a seguinte: ‘jornalistas são putas’. Eu achava isso uma tremenda injustiça. Porque a prostituta presta algum serviço real. E vocês fazem o quê? Vocês só vendem veneno, só vendem mentira. Todos vocês”.¹⁹⁷

¹⁹⁵ Em GABRIEL WALACHESKI. Não respeite comunistas, destrua-os!!! *YouTube*, 8 nov. 2016. Disponível em <https://youtu.be/2dIXgHL7NI0>. Acesso em: 1 fev. 2023.

¹⁹⁶ CARVALHO, Olavo de. Introdução crítica à dialética de Schopenhauer. In: SCHOPENHAUER, Arthur. *Como vencer um debate sem precisar ter razão, em 38 estratégias*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 42.

¹⁹⁷ DUARTE. Como o olavismo explica o bolsonarismo. *op. cit.*

Duarte conta que, enquanto Olavo desferia as ofensas, seus familiares assistiam a tudo como se fosse parte de um show há muito tempo em cartaz. À jornalista, o ideólogo disse que estava filmando tudo e que, antes dela, publicaria o conteúdo em suas próprias redes. São comuns os títulos de vídeos em seu canal de YouTube ou de simpatizantes com variáveis de “Olavo humilha jornalista”, tais como “OLAVO DE CARVALHO DETONA JORNALISTA DO O GLOBO”,¹⁹⁸ “Mais um comunista desafia Olavo de Carvalho e é ridicularizado ao vivo”,¹⁹⁹ e “OLAVO DE CARVALHO destrói jornalista. Globo Lixo!”²⁰⁰

Com o aumento da dimensão performativa dos sujeitos comunicantes nas redes sociais, outro aspecto importante da emergência dos contrapúblicos digitais é o borramento das fronteiras entre o sério e o jocoso. O filósofo Rodrigo Nunes, em artigo originalmente escrito para a *Ilustríssima* sobre a demissão do secretário nacional de Cultura de Jair Bolsonaro — Roberto Alvim, depois ter emulado um discurso do líder nazista Joseph Goebbels —, argumenta que, inspiradas na *alt-right* americana, as novas direitas, radicais e extremas, foram muito hábeis no sentido de jogar com a sisudez do “politicamente correto” para pautar o debate público, expandindo sua atuação através daquilo que Tristan Harris chamou de *race to the bottom*²⁰¹ — uma “luta neocortical pela atenção dos usuários”,²⁰² na definição da antropóloga Letícia Cesarino — e minimizando os riscos de danos sociais.²⁰³

Em outras palavras, esse personagem, encarnado pela figura do *troll*, testa os limites entre o que pode ou não ser dito no debate público, frequentemente dilatando-os, com a vantagem de ser o dono da última palavra acerca da seriedade de seu discurso, por mais disruptivo que seja. Essa artimanha retórica é o que lhe permite recuar, caso o choque na opinião pública seja excessivo e possa trazer consequências para além do avatar virtual, alegando que tudo não passou de uma

¹⁹⁸ VISTA PÁTRIA. OLAVO DE CARVALHO DETONA JORNALISTA DO O GLOBO. *YouTube*, 15 fev. 2020. Disponível: <https://youtu.be/svg5V6HhDrQ>. Acesso em: 13 fev. 2023.

¹⁹⁹ SECRET SCIENCE. Mais um comunista desafia Olavo de Carvalho e é ridicularizado ao vivo. *YouTube*, 12 mar. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/Y9kfCvHA654>. Acesso em: 13 fev. 2023.

²⁰⁰ GLEISSON COLLARES: PROFESSOR CONSERVADOR. OLAVO DE CARVALHO destrói jornalista. Globo Lixo! *YouTube*, 15, fev. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/w4kdfdV-PN0>. Acesso em: 13 fev. 2023.

²⁰¹ HARRIS, T. The eyeball economy: how advertising co-opts independent thought. *Big Think*. Washington, DC, 10 abr. 2017. Disponível em: <https://bigthink.com/videos/tristan-harris-the-attention-economy-a-race-to-the-bottom-of-the-brain-stem>. Acesso em: 22 fev. 2023.

²⁰² CESARINO, Letícia. As ideias voltaram ao lugar? temporalidades não lineares no neoliberalismo autoritário brasileiro e sua infraestrutura digital. *Caderno CRH*, v. 34, e021022, 2021. p. 07.

²⁰³ NUNES, Rodrigo. Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição. São Paulo: Ubu Editora, 2022. p. 71-79.

brincadeira e reclamando da ausência de humor daqueles que cobraram responsabilização.²⁰⁴ Quando foi cobrado sobre as posições extremistas de Bolsonaro, Olavo foi taxativo:

Uma coisa é o que o sujeito pode falar numa conversa informal. Você sabe perfeitamente que o Bolsonaro não é propriamente um sujeito especialista em se expressar e explicar suas ideias. Ou não sabe? Não. O cara dizer isso não quer dizer que ele tenha uma concepção política e pretenda realizá-la. Não quer dizer. A linguagem do Bolsonaro está cheia de hipérboles, expressões, piadas. Está cheio disso. E vocês não sabem distinguir uma coisa da outra.²⁰⁵

Jair Bolsonaro é sem dúvidas o personagem político que mais se beneficiou dessa lógica durante sua caminhada rumo ao Planalto. Imitador descarado de Trump — que chegou a imprimir os próprios posts com mais engajamento para encontrar lógica entre elas e descobrir que os melhores eram os mais repugnantes —, o então deputado brasileiro do baixo clero destacou-se desde cedo no ecossistema comunicacional antipetista. Bolsonaro superou facilmente nesta esfera partidos e políticos mais tradicionais, engessados demais para as novas plataformas.²⁰⁶

Enquanto cerrava fileiras nas guerras culturais e multiplicava exponencialmente as bases eleitoral e de fãs, como veremos adiante, Bolsonaro acumulava páginas virtuais de apoiadores que, nessa toada, tratavam-no como “Bolsonaro Zuero” e “Bolsonaro Opressor”.²⁰⁷ Afinal, ele era uma coisa ou outra quando ofendia minorias? Cabia a ele mesmo decidir conforme o contexto. Quando Filipe Martins, olavista assessor da presidência, gerou protestos ao fazer o gesto de “ok” — comum entre supremacistas brancos de fóruns virtuais obscuros — numa sessão no Senado, se defendeu atacando: reivindicou a ascendência judia, ameaçou de processo as “mentes doentias” que enxergaram outra coisa e disse que estava apenas ajeitando a lapela do terno.²⁰⁸

²⁰⁴ *Id, ibid.*

²⁰⁵ DUARTE, Letícia. Bônus: Como o olavismo explica o bolsonarismo. *op. cit.* 40:06

²⁰⁶ NUNES, Felipe; TRAUMANN, Thomas. *Biografia do abismo: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2023. p. 36-59.

²⁰⁷ ROCHA, Camila. Bolsonaro e o marketing do “homem cordial”. *piauí*, 11 ago. 2022. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/eleicoes-2022/bolsonaro-e-o-marketing-do-homem-cordial/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

²⁰⁸ KUHL, Nathalia. Assessor de Bolsonaro diz que ajeitava lapela: “Mentes doentias”. *Metrópoles*, 24 mar. 2021. Disponível em:

Moysés Pinto Neto foi além e recorreu à noção de cinismo em Vladimir Safatle para pensar essa postura do sujeito digital frente aos objetos de antagonismo na arena política. Para ele,

o cínico é diferente do hipócrita, que atua de uma forma contraditória aos valores morais que sustenta. Sua contradição é entre o que faz e o que diz. O cínico, ao contrário, vive a contradição performativa, isto é, assume que, embora reconheça o sinal invertido na sua ação (“agir assim é errado, eu sei”), confirma-a como a única possível (“no entanto, é o único jeito”). Assim, o problema da dissociação não existe mais: o cínico reconhece a impostura normativa da sua ação, mas a crítica não é mais capaz de o vincular. O cínico não é desmascarável, como o hipócrita: ele é quem supostamente desmascara, sempre mostrando que o outro pode ser tão canalha quanto ele próprio.²⁰⁹

Mas se, na descrição de Safatle, o cínico é performado por aquele sujeito “rico, libertino e hedonista do ‘novo espírito do capitalismo pós-1968’”, diz Pinto Neto, “o momento atual parece estar gestando o cínico chauvinista, espécie de reacionário obtuso, ignorante, brutal”. Por isso, “enquanto o *yuppie* celebra seu triunfo social, dando de ombros para responsabilidades para além do seu auto-interesse, o *troll* cria uma revolta ressentida que mascara sua condição sob a forma cínica do ‘nada vale a pena’”.²¹⁰

É a ideia de ilegitimidade do poder institucional na Nova República que justifica, portanto, aquilo que, num exercício tímido de mea culpa depois de defenestrado pelo bolsonarismo, o Movimento Brasil Livre chamou de “agressividade retórica”.²¹¹ Para Olavo, é importante ressaltar, “vivemos hoje [esse texto é de 2014] numa ditadura muito pior do que a dos militares [...]. Hoje os agentes do petismo são dezenas, centenas em cada organização de mídia, espionando, fiscalizando, delatando [...] Chega de fingir que existe democracia no Brasil”.²¹²

<https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/assessor-de-bolsonaro-diz-que-ajeitava-lapela-ment-es-doentias>. Acesso em: 22 fev. 2023.

²⁰⁹ PINTO NETO, Moysés. Política na era da visibilidade total: observações conjunturais a partir do episódio The Waldo Moment, de Black Mirror. *Galáxia*, n. 45, p. 144, set-dez, 2020.

²¹⁰ *Id, ibid.*

²¹¹ LINHARES, Carolina; ZANINI, Fábio. MBL admite culpa por polarização no país e exagero em sua agressividade retórica. Folha de S. Paulo, 28 jul. 2019. Disponível em: <https://folha.com/s1dufzkl>. Acesso em: 22 fev. 2023.

²¹² OLAVO DE CARVALHO. Facebook, 02 dez. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/photos/%C3%A9-claro-que-sou-a-favor-do-impeachment-d-a-dilma-mas-sou-muito-mais-a-favor-do-de/411841992301214/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

As redes sociais também acabaram se revelando um terreno bastante fértil para que Olavo disseminasse as teorias conspiratórias decorrentes de sua maneira de enxergar o mundo. Entre as incontáveis afirmações delirantes já célebres do ideólogo brasileiro, estão a acusação de que a Pepsi adoça seus refrigerantes com fetos abortados²¹³, a negação do heliocentrismo²¹⁴ e a hipótese de que Adorno, o filósofo crítico da indústria cultural, seria o verdadeiro compositor das músicas dos Beatles, “semi-analfabetos em música e [que] mal sabiam tocar violão”.²¹⁵

Olavo também deu origem a uma legião de influenciadores digitais que inundaram as redes sociais com teorias conspiratórias das mais impressionantes. Discípulo fundador do site Terça Livre, Allan dos Santos defende a tese de que a masturbação mata neurônios.²¹⁶ Dante Mantovani, que presidiu a Fundação Nacional de Artes (Funarte) durante o governo Bolsonaro, disse que o rock induz ao sexo livre, às drogas e ao satanismo.²¹⁷ Durante a pandemia de covid-19, não faltaram sugestões de que o vírus desencadeador da doença seria, na verdade, uma criação deliberada do regime chinês para fazer avançar seu projeto autoritário. Ernesto Araújo, à época ainda chanceler, foi um dos grandes disseminadores dessa fantasia.²¹⁸ Logo no início da crise, Olavo sustentou a ideia de que o vírus ainda não tinha matado uma única pessoa sequer e que tudo não passava da “mais vasta manipulação de opinião pública que já aconteceu na história humana”.²¹⁹ Ele

²¹³ MORAES, Mauricio. É falso que Pepsi admitiu usar células de fetos abortados em refrigerantes, *Lupa*, 06 dez. 2019. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2019/12/06/verificamos-pepsi-celulas-fetos-abortados-refrigerantes>. Acesso em: 13 fev. 2023.

²¹⁴ OLAVO de Carvalho questiona se Terra orbita o sol; o que diz a ciência? *Tilt UOL*, 09 jan. 2019. disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/ultimas-noticias/redacao/2019/01/09/o-que-a-ciencia-diz-sobre-a-terra-ser-o-centro-do-universo.htm>. Acesso em: 13 fev. 2023.

²¹⁵ OLAVO diz que quem escreveu as músicas dos Beatles foi sociólogo alemão. *Folha de S. Paulo*, 07 set. 2019, disponível em <https://folha.com/bcx3j4it>. Acesso em 13 abr 2022.

²¹⁶ CARLOS MUNHOZ. Allan dos Santos: masturbação mata neurônios. 19 mar. 2019. *YouTube*, Disponível em: <https://youtu.be/2VL8NjXDj6s>. Acesso em: 20 jan. 2023.

²¹⁷ SOARES, Ingrid. Rock induz às drogas e ao satanismo, diz novo presidente da Funarte, *Correio Braziliense*, 02 dez. 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/12/02/interna_politica,810894/rock-induz-as-drogas-e-ao-satanismo-diz-novo-presidente-da-funarte.shtml. Acesso em: 20 jan. 2023.

²¹⁸ CHADE, Jamil. Diante da pandemia, chanceler alerta contra ‘plano comunista’ e questiona OMS. *UOL*, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/04/22/diante-da-pandemia-chanceler-alerta-contr-a-plano-comunista-e-questiona-oms.htm>. Acesso em: 20 jan. 2023.

²¹⁹ OLAVO de Carvalho cria teoria da conspiração de que coronavírus não gerou mortes. *IG*, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2020-03-23/olavo-de-carvalho-cria-teoria-da-conspiracao-de-qu-e-coronavirus-nao-gerou-mortes.html>. Acesso em: 13 fev. 2023.

acabaria morto com diagnóstico positivo para a doença no início de 2022, por ironia do destino.²²⁰

Indicado pelo mestre ao Ministério das Relações Exteriores, Araújo manteve um blog dedicado a denunciar o que o olavismo chama de “globalismo”, “globalização econômica que”, segundo o diplomata, “passou a ser pilotada pelo marxismo cultural”. Na descrição do espaço virtual, ele prossegue:

Essencialmente é um sistema anti-humano e anti-cristão. A fé em Cristo significa, hoje, lutar contra o globalismo, cujo objetivo último é romper a conexão entre Deus e o homem, tornando o homem escravo e Deus irrelevante. O projeto metapolítico significa, essencialmente, abrir-se para a presença de Deus na política e na história.²²¹

Ao apontar para o declínio moral da civilização através do seu processo de secularização e para a ideia de uma governança supranacional que tolhe a autonomia dos povos, Araújo, ecoando fortemente princípios tradicionalistas, acena para diferentes tendências no interior das direitas radicais contemporâneas. A ideia de “regimes internacionais” parece descrever melhor o que ele entende por “globalismo”:

O desejo de grandeza é o que de mais nobre pode haver numa nação que se coloca diante do mundo. Mas alguém decidiu definir a presença do Brasil no mundo por sua adesão aos “regimes internacionais”, por sua obediência à “ordem global baseada em regras”. O Brasil assim concebido quer ser apenas um bom aluno na escola do globalismo. Não quer nem mesmo ser o melhor aluno, pois isso já seria destacar-se demais, já envolveria um componente de vontade e grandeza que repudiamos. (...) A grandeza mobiliza e organiza um povo, cria sentido e gera energia humana, sabidamente a mais preciosa forma de energia. Nada pior para os planos da ideologia esquerdista. A esquerda não tem o menor interesse em justiça social, mas utiliza esse conceito para contaminar a água da nação, para criar pessoas raivosas e ignorantes e assim desmobilizar o povo, proibi-lo de ter ideais, separá-lo de si mesmo, desligar a

²²⁰ O teste foi realizado no dia 16 de janeiro. Seu médico particular, no entanto, atribuiu a causa da morte, no dia 24, a um quadro de “insuficiência aguda respiratória”. MÉDICO de Olavo de Carvalho nega morte por covid-19. *IG*, 25 jan. 2022. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/2022-01-25/medico-nega-morte-olavo-covid-19.html>. Acesso em: 4 jun. 2023.

²²¹ O blog não se encontra mais no ar. Mas essa citação, entre outras de teor similar, pode ser conferida em CALEIRO, João Pedro. As opiniões polêmicas do novo chanceler sobre raça, fake news e 8 temas. *Exame*, 11 nov. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/as-opinioes-polemicas-do-novo-chanceler-sobre-raca-fake-news-e-8-temas/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

energia criativa. Justiça social, direitos das minorias, tolerância, diversidade nas mãos da esquerda são apenas aparelhos verbais destinados a desligar a energia psíquica saudável do ser humano. A aplicação dessa ideologia à diplomacia produz a obsessão em seguir os “regimes internacionais”. Produz uma política externa onde não há amor à pátria mas apenas apego à “ordem internacional baseada em regras”. A esquerda globalista quer um bando de nações apáticas e domesticadas, e dentro de cada nação um bando de gente repetindo mecanicamente o jargão dos direitos e da justiça, formando assim um mundo onde nem as pessoas nem os povos sejam capazes de pensar ou agir por conta própria. O remédio é voltar a querer grandeza. Encha o peito e diga: Brasil Grande e Forte.²²²

É da noção de “globalismo” que descende a aversão de bolsonaristas e olavistas a órgãos internacionais. Na campanha para a presidência em 2018, Bolsonaro chegou a prometer tirar o Brasil da ONU com a justificativa de que era “uma reunião de comunistas”.²²³

Sem o escrutínio de pares ou qualquer controle editorial, Olavo de Carvalho também aproveitou-se da grande liberdade concedida pela internet para produzir leituras distorcidas de alguns dos principais cânones da filosofia, como Kant,²²⁴ Hegel, Adorno e, claro, Marx.²²⁵ O professor João Cezar de Castro Rocha, em seu *Retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*, argumenta, no entanto, que é “perda de tempo” ou “ingenuidade” discutir “se ele entendeu ‘corretamente’ a obra de Aristóteles ou a filosofia de Kant” e diz que o autor de *Apoteose da vigarice* (2013) “não chegou a elaborar uma filosofia própria”, mas, na verdade, “um sistema de crenças”.²²⁶

²²² *Id, ibid.*

²²³ BALLOUSSIER, Anna Virginia. Brasil sairá da ‘ONU comunista’ se eu for eleito, diz Bolsonaro. Folha de S. Paulo, 18 ago. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/brasil-saira-da-onu-comunista-se-for-eleito-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 15 fev. 2023.

²²⁴ Ver DANTAS, Dimitrius. Olavo de Carvalho está errado e não entendeu Kant, dizem três nomes de destaque da academia brasileira. O *Globo*, 10 fev. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/olavo-de-carvalho-esta-errado-nao-entendeu-kant-dizem-tres-nomes-de-destaque-da-academia-brasileira-23440419>. Acesso em: 13 fev. 2023; e PERES, Daniel. Quão obscurantista é o emplastro filosófico de Olavo de Carvalho. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 12 fev. 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/resposta-a-pergunta-qual-emplastro-obscurantista-e-o-emplastro-filosofico-de-olavo-de-carvalho/>. Acesso em 13 fev. 2023.

²²⁵ FAUSTO, Ruy. Única coisa rigorosa no discurso de Olavo são os palavrões, diz Ruy Fausto. *Folha de S. Paulo*, 30 nov. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/11/unica-coisa-rigorosa-no-discurso-de-olavo-sao-os-palavroes-diz-ruy-fausto.shtml>. Acesso em: 25 dez. 2023.

²²⁶ ROCHA, João Cezar de Castro Rocha. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Caminhos, 2021. p. 89.

Para Christian Lynch e Paulo Henrique Cassimiro, o que faz Olavo é converter uma crítica que seria legítima à esquerda brasileira por suas eventuais aproximações com regimes autoritários na projeção de uma grande trama que vincula

a totalidade das ações administrativas do PT ao esforço para realizar o “movimento revolucionário” no Brasil. A teoria do “comunismo” passou a ser mobilizada para explicar todas as alianças políticas, as decisões econômicas e as agendas sociais da esquerda: a aliança com partidos de direita por meio da visão de cargos no executivo e da corrupção e desvio do recurso público, os acordos com o grande empresariado nacional e com os bancos, as tentativas — mesmo tímidas — de impor uma agenda vista pela esquerda como progressista no campo dos costumes, a tentativa de regular a imprensa, tudo isso seria explicado pelos esforços e um grande projeto de cooptação da sociedade civil e de aparelhamento do Estado em direção a um projeto político revolucionário. Essa lógica não deixa de fora, evidentemente, os avanços sociais: políticas de transferência de renda não seriam senão formas de converter as massas miseráveis em um exército disponível para o projeto político da esquerda.²²⁷

O filósofo francês Pierre-André Taguieff identificou esse procedimento, típico de intelectuais extremistas e conspirativos, como uma sucessão das etapas de simplificação e denúncia.²²⁸ Para os comunicólogos Daniela Mahl, Mike S. Schäfer e Jing Zeng, teorias conspiratórias podem ser definidas como *“unique epistemological accounts that refute official accounts and instead propose alternative explanations of events or practices by referring to individuals or groups acting in secret”*.²²⁹ Seus três eixos, de acordo com Cesarino, são “oposição ao mainstream, atribuição de culpa a indivíduos ou grupos e desvelamento de verdades escondidas”.²³⁰

Olavo, claro, negava peremptoriamente o caráter conspirativo de sua obra.²³¹ Mas seu “sistema de crenças” o impedia de enxergar a realidade para além dela. Organização supranacional de movimentos de esquerda na América Latina,

²²⁷ LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. *O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo*. São Paulo: Contracorrente, 2022.. *op. cit.* p. 94-95.

²²⁸ TAGUIEFF, Pierre-André. *La foire aux illuminés: ésoterisme, théorie du complot, extrémisme*. Paris: Fayard/Mille et une nuits, 2005. p. 401 e seguintes.

²²⁹ MAHL, Daniela; SCHÄFER, Mike S.; ZENG, Jing. Conspiracy theories in online environments: An interdisciplinary literature review and agenda for future research. *New Media & Society*, v. 25, n. 7, p. 1797. jul. 2023.

²³⁰ CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora, 2022. p. 229.

²³¹ CARVALHO, Olavo de. *O jardim das aflições*. De Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o materialismo e a religião civil. Campinas: Vide Editorial, 2015. p. 215-216.

amplamente divulgada e documentada pelos próprios signatários, o Foro de São Paulo seria, na verdade, uma entidade secreta de confabulação de processos revolucionários.²³² Não há espaço para nuances ou divisões internas. Se, para os petistas, o exorbitante faturamento dos bancos durante os governos de esquerda no Brasil seria uma evidência da indisposição da legenda em acabar com o sistema capitalista, para Olavo isso significaria no máximo que o plano do PT era desenvolver economicamente o país enquanto financiava revoluções em países vizinhos para, então, finalmente, ser o último da região a converter-se de vez ao socialismo.²³³

²³² ROCHA, João Cezar Castro. *op. cit.*

²³³ VEJAPONTOCOM. 'O comunismo foi fundado por meio do assalto e da corrupção', diz Olavo de Carvalho. *YouTube*, 16 mai. 2015, disponível em: <https://youtu.be/E-lAzX8qPEk>. Acesso em: 14 fev. 2023.

5. O TERCEIRO SURTO ANTICOMUNISTA NO BRASIL

Foi citando Olavo de Carvalho que um manifestante autoproclamado conservador ingressou, acompanhado do celular que o filmava, na exposição *Queermuseu*, no Santander Cultural, em Porto Alegre. Para a câmera, ele disse:

É... o professor Olavo de Carvalho já dizia. Depois de quebrar o gênero, vão quebrar o número do casal, da família. Já estão pervertendo a noção de família. Estão pervertendo a noção de respeito. Agora estão fazendo exposição de pornografia... incentivo à pedofilia, incentivo à putaria, à sacanagem e até à zoofilia.²³⁴

Inaugurada no dia 15 de agosto de 2017 e com um público médio de 700 visitantes por dia, a mostra reunia obras de velhos e novos artistas, como Cândido Portinari, Adriana Varejão, Lygia Clark, Fernando Baril e Hudinilson Jr., sobre questões de gênero e diversidade sexual. A direita, no entanto, a interpretou de outra maneira. Dias depois do primeiro, outro ativista publicou num site a seguinte manchete: “Santander Cultural promove pedofilia, pornografia e arte profana em Porto Alegre”. O conteúdo foi compartilhado pela página Nas Ruas, da mais tarde eleita deputada federal Carla Zambelli. O Movimento Brasil Livre, então, convocou boicote ao Santander, que, no dia seguinte, cedeu às pressões e encerrou a exposição. Depois, ela iria para o Rio de Janeiro, mas o prefeito Marcelo Crivella, também bispo da Igreja Universal, se adiantou para avisar que não autorizava.²³⁵

Esse é apenas um dos episódios de maior repercussão envolvendo as artes no Brasil em ebulição social desde as Jornadas de Junho e, em especial, os protestos pelo impeachment de Dilma, em 2015, que marcam a ascensão das direitas radicais contemporâneas. Em 2017 e 2018, foi a vez da peça *O Evangelho segundo Jesus, rainha do céu* provocar protestos em cidades como Jundiaí-SP e Garanhuns-PE. A proposta do monólogo, adaptado e interpretado pela atriz Renata Carvalho, era responder à seguinte inquietação: “E se Jesus voltasse nos dias de hoje como uma travesti?”. Políticos, líderes religiosos e influenciadores digitais se mobilizaram fortemente contra sua exibição, com liminares judiciais, ameaças e até a explosão de uma bomba. Também em 2017, o artista Wagner Schwartz foi

²³⁴ ORTELLADO, Pablo; MARTINS, Elisa. Podcast 'Guerras culturais: Uma batalha pela alma do Brasil'; leia a transcrição do sexto episódio. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/podcast/guerras-culturais/noticia/2022/09/podcast-guerras-culturais-uma-batalha-pela-alma-do-brasil-leia-a-transcricao-do-sexto-episodio.ghtml>. Acesso em 3 fev. 2023.

²³⁵ *Id, ibid.*

acusado de pedofilia depois que circularam imagens de uma criança tocando seus pés durante a performance *La Bête*, inspirada pela série *Bichos*, de Lygia Clark.²³⁶

A ideia de um marxismo repaginado é fundamental para a compreensão daquilo que o sociólogo norte-americano James Davison Hunter chamou de “guerras culturais”, um fenômeno que, desencadeado pela reação conservadora aos novos movimentos sociais na segunda metade do século XX, empurra as disputas políticas no interior de uma nação para o campo moral. Essa é uma luta, diz Hunter no subtítulo da primeira obra de referência sobre o tema, “para definir a América”.²³⁷ Anos mais tarde, Andrew Hartman classificou as guerras culturais como “uma batalha pela alma da América”.²³⁸

A emergência das guerras culturais coincide com o momento de aparente pacificação das maiores tensões políticas no mundo ocidental, representada pela derrocada da União Soviética e pelo prognóstico de que estaríamos presenciando aquilo que Francis Fukuyama chamou de “fim da história”.²³⁹ De mudanças legislativas para garantia de direitos básicos, os movimentos de minorias sociais passaram a discutir também relações interpessoais e exigir novas e mais adequadas políticas de reconhecimento.²⁴⁰ Setores conservadores e reacionários, sentindo-se acuados, resolveram agir.

Nos Estados Unidos, o primeiro candidato das guerras culturais à presidência foi o republicano Pat Buchanan, em 1992. Ele acabou sendo derrotado ainda nas prévias por George Bush, mas deu a tônica de como seriam, a partir daquele momento, os discursos políticos, cada vez mais capturados pela moral. Em 2018, a versão brasileira de Buchanan, anabolizada pela centralidade das redes sociais digitais no debate público e por uma profunda crise política, foi eleita para a presidência da República.²⁴¹

²³⁶ *Id, ibid.*

²³⁷ HUNTER, James. *Culture Wars: The Struggle To Define America*. Nova Iorque: Basic Books, 1991. O livro de Hunter permanece inédito no Brasil. Em 2022, o periódico Políticas culturais em revista, da Universidade Federal da Bahia, publicou uma tradução da jornalista Cássia Zanon para o artigo “A guerra cultural contínua”, originalmente publicado por James Hunter numa coletânea sobre o tema. HUNTER, James Davison. A guerra cultural contínua. *Políticas Culturais em Revista*, v. 15, n. 1, Salvador, p. 22–6, jan./jun. 2022.

²³⁸ HARTMAN, Andrew. *A War for the Soul of America: A History of the Culture Wars*. Chicago: University of Chicago Press, 2016.

²³⁹ FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

²⁴⁰ NUNES, Rodrigo. *Do transe à vertigem: ensaios sobre o bolsonarismo e um mundo em transição*. São Paulo: Ubu, 2022. p. 105-136.

²⁴¹ ORTELLADO, Pablo; MARTINS, Elisa. Podcast disseca debate moral que dominou a política brasileira; leia a transcrição do primeiro episódio. *O Globo*, 29 ago. 2022. Disponível em:

O discurso moral sempre atravessou o político, é claro, mas agora o primeiro parece, mais do que nunca, instrumentalizar o segundo.²⁴² E no Brasil ele nunca foi tão central para uma campanha eleitoral e para um exercício de mandato no país como nos anos que marcam a ascensão da extrema direita ao poder através do voto popular, com decisivo viés antipetista. Embora a oposição ao PT exista desde a fundação do partido, em 1980, o antipetismo, ao menos nos moldes em que se apresenta nas décadas de 2010 e 2020, pode ser entendido como a expressão do terceiro “surto” anticomunista no Brasil, protagonizado pelas guerras culturais.

Rodrigo Patto Sá Motta, autor de uma das principais pesquisas de referência sobre o tema, concentrada sobretudo no livro-tese *Em guarda contra o perigo vermelho*, usa a ideia de “surto” como analogia para pensar os períodos de pico das atividades anticomunistas no país, que alteraram gravemente a conjuntura política e criaram condições para as duas principais rupturas institucionais na história da república. Afinal, foi graças à ameaça representada pela revolta comunista de 1935 — promovida pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), sob a liderança de Luiz Carlos Prestes — e pela divulgação do famigerado Plano Cohen, que reforçava o consolidado imaginário antissemita ao associar judeus ao bolchevismo, que Getúlio Vargas encontrou o pretexto ideal para interromper a escalada democrática simbolizada pela Constituição de 1934 e decretar o golpe do Estado Novo, com apoio de figuras-chave das Forças Armadas, notadamente do Exército, e do movimento integralista, versão brasileira das organizações nazi-fascistas em franca ascensão na Europa.^{243 244}

A tese de Motta também foi importante para demonstrar a centralidade do anticomunismo no golpe militar de 1964, até então tido sobretudo como uma reação antipopulista ou antirreformista. Através de uma análise minuciosa de editoriais, artigos de opinião, livros, charges, panfletos, discursos políticos, atividades e

<https://oglobo.globo.com/podcast/guerras-culturais/noticia/2022/08/podcast-disseca-debate-moral-qu-e-dominou-politica-brasileira-leia-transcricao-do-primeiro-episodio.ghtml.ghtml>.

²⁴² ORTELLADO, Pablo. Guerras culturais no Brasil. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 1 dez. 2014. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/guerras-culturais-no-brasil/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

²⁴³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Rio de Janeiro: Eduff, 2020. p. 201-254.

²⁴⁴ Para uma história do movimento integralista no Brasil, ver GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2020; e DORIA, Pedro. *Fascismo à brasileira: como o Integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo*. São Paulo: Planeta, 2020.

manifestos, o autor demonstra a farta exploração do imaginário anticomunista na construção desse inimigo comum a ser batido por uma ampla coalizão entre elite empresarial, profissionais liberais, políticos conservadores, líderes religiosos e, claro, as Forças Armadas, que mais uma vez — e agora com mais protagonismo ainda — operaram como fiéis da balança institucional, depondo o presidente João Goulart no dia 31 de março.²⁴⁵

Para o historiador, o anticomunismo brasileiro tem três matizes: liberal, religiosa e nacionalista. O liberalismo político se notabilizou, em tese, por defender as liberdades individuais e se opor ao autoritarismo de estruturas estatais centralizadas, quase se confundindo com a própria ideia de democracia na era moderna. Nesse sentido, o regime comunista seria uma espécie de antítese perfeita. Sua prática, no entanto, como no próprio caso brasileiro, demonstra que vários foram os episódios em que liberais mais se preocuparam em justificar diferentes experiências autoritárias diante da iminência da ameaça comunista do que em efetivamente lutar pelos preceitos que diziam advogar. Do ponto de vista econômico, o liberalismo também se afasta das prerrogativas comunistas graças à sua relação com a propriedade privada, tida como uma entidade praticamente sagrada.²⁴⁶

Para os católicos, o comunismo é só a mais recente de diversas outras expressões modernas do mal na sua luta contra Deus desde o Renascimento, numa linha do tempo que vai da Reforma Protestante até os dias atuais. Enquanto instituição, a Igreja se posicionou firmemente contra o comunismo desde pelo menos a encíclica *Quod Apostolici Muneris*, de Leão XIII, em 1878. Mas foi durante o século XX que a oposição realmente escalou, com a Revolução Russa confirmando as piores expectativas que os católicos tinham dos comunistas, que de fato perseguiram e fecharam instituições religiosas e prenderam e executaram alguns de seus representantes. O componente ateu da revolução foi fortemente destacado pela Igreja, que muitas vezes fez questão de associar os termos “comunismo” e “ateísmo”. Durante a Guerra Civil Espanhola, católicos cerraram fileiras da Falange Tradicionalista, que derrotou republicanos e ajudou a instalar e manter a ditadura franquista na Espanha.²⁴⁷

²⁴⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho*. op. cit. p. 255-304.

²⁴⁶ *Id, ibid.* p. 63-72.

²⁴⁷ *Id, ibid.* p. 42-54.

Já os nacionalistas sempre fizeram questão de denunciar comunistas como inimigos do país por excelência, graças a alguns dos principais fundamentos da doutrina marxista. No Manifesto do Partido Comunista, é célebre a passagem em que Marx e Engels dizem que “os trabalhadores não têm pátria”, conclamando-os à união pela classe. A nação, para os nacionalistas, sobretudo os conservadores, é entendida como um conjunto orgânico indivisível que paira acima de todos os indivíduos e de suas eventuais diferenças. Por isso, o comunismo seria nada além de um corpo externo com potencial exclusivamente destrutivo da ordem instituída. Diversas foram as experiências em que comunistas buscaram encarnar algum espírito patriótico, mas nacionalistas de direita sempre o denunciaram como falso, dizendo que sua verdadeira pátria seria a União Soviética.²⁴⁸

Depois de um período de retração, é possível dizer que as atividades anticomunistas voltaram com tudo na segunda década do século XXI, incorporando e atualizando valores cultivados por suas diferentes matizes. O terceiro “surto anticomunista” — conforme sugerido pelo próprio Sá Motta no posfácio da edição mais recente de seu livro-tese²⁴⁹ — na sociedade civil começou a ser forjado nos fóruns online ainda durante a consolidação do pacto lulista, quando se dizer “de direita” ainda era um tabu no Brasil.²⁵⁰ Em 2005, o governo Lula passava pelo seu primeiro grande terremoto. O deputado Roberto Jefferson, da base governista, denunciou à revista *Veja* um esquema monumental de compra de votos no Congresso pelo governo, o chamado “Mensalão”. Pressionado, o “superministro” da Casa Civil e quadro histórico do PT Zé Dirceu deixou o cargo.²⁵¹ Antonio Palocci caiu meses depois, já em 2006.²⁵²

Na conhecida avaliação do cientista político André Singer, esse abalo foi decisivo para uma importante reconfiguração nas bases de apoio ao governo Lula. O PT precisou correr para articular a sustentação do mandato presidencial no

²⁴⁸ *Id, ibid.* p. 54-63.

²⁴⁹ *Id, ibid.* p. 309-317.

²⁵⁰ ROCHA. “Menos Marx, mais Mises”. p. 119-120.

²⁵¹ “MENSALÃO” derruba Dirceu, ex-superministro de Lula, *Folha de S. Paulo*, 17 jun. 2005, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1706200502.htm>. Acesso em: 15 set. 2022.

²⁵² ESCÂNDALO derruba Palocci; Mantega assume Fazenda. *Folha de S. Paulo*, 28 mar. 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2803200602.htm>. Acesso em: 15 set. 2022. No governo Dilma, Palocci voltou ao primeiro escalão, desta vez como ministro-chefe da Casa Civil, mas durou poucos meses no cargo. Uma reportagem da *Folha de S. Paulo* revelou que ele havia aumentado o próprio patrimônio 20 vezes entre 2006 e 2010. FELLET, João. Antonio Palocci pede demissão da Casa Civil, *BBC News Brasil*, 07 jun. 2011. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/06/110607_paloccirenuncia_jf. Acesso em: 15 set. 2022.

Congresso, incorporando à situação o principal partido desde a redemocratização, o PMDB, que havia apoiado os tucanos nas eleições de 2002 e mantinha, até então, posição independente. Na sociedade civil, embora a maioria dos movimentos sociais tenha permanecido com o PT, a disposição do eleitorado mudou consideravelmente. As classes médias, decisivas para a vitória de 2002, começavam um longo processo de desembarque, enquanto os mais pobres reconheciam o governo como um importante aliado na promoção de participação popular e justiça social.²⁵³

Além disso, a imagem do partido passou a ser cada vez mais ofuscada pela de Lula, que, ao contrário das previsões que pulularam na imprensa, conseguiu sobreviver ao Mensalão e, ainda, reeleger-se em 2006. Este novo arranjo, caracterizado pela expansão das políticas de distribuição de renda mas também pela preservação de certos fundamentos ortodoxos na economia — claramente abandonados pouco depois —, é denominado por Singer de “lulismo”. Do ponto de vista ideológico, ele teria coincidido com certo desejo de “mudança dentro da ordem”, predominante no “subproletariado” brasileiro.²⁵⁴

O segundo mandato de Lula, como se sabe, aprofundou a lógica das supermaiorias no Congresso, a ponto de a oposição parlamentar tornar-se praticamente nula.²⁵⁵ Com o passar dos anos, os índices de aprovação aumentaram substancialmente e chegaram a inacreditáveis 87% às vésperas da transição de poder, segundo o Ibope.²⁵⁶ Para Camila Rocha, o auge do lulismo conviveu com o auge do envergonhamento da direita. Um exemplo nessa direção é o do Movimento Endireita Brasil (MEB), de Ricardo Salles, fundado em 2006, ainda na esteira do Mensalão. De acordo com relatos dos seus integrantes, muitas foram as oportunidades em que os aconselharam a retirar o termo “direita” do nome porque “pegava mal”. O MEB resistiu, mas precisou restringir cada vez mais as atividades a circuitos menores.²⁵⁷

Nas ruas, algumas iniciativas de oposição iam se desenhando, mas com baixa adesão. A maioria era amplamente ridicularizada, como houve com o

²⁵³ SINGER, André. *O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 17-20.

²⁵⁴ *id.*, *ibid.* 17-20.

²⁵⁵ NOBRE, Marcos. *Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro*. Todavia: São Paulo, 2022. p. 45-67.

²⁵⁶ BONIN, Robson. Popularidade de Lula bate recorde e chega a 87%, diz Ibope. *G1*, 16 dez. 2010, disponível em: <http://glo.bo/ePOozj>. Acesso em: 22 set. 2022.

²⁵⁷ ROCHA. “Menos Marx, mais Mises”. *op. cit.* p. 119-120.

movimento Cansei, que surgiu em 2007 como uma resposta ao “caos aéreo”, suposta causa dos acidentes com aviões da Gol e da Tam.²⁵⁸ Mesmo à direita, o grupo não escapou de duras desqualificações graças à sua composição majoritariamente elitista, já que contava com a liderança de figuras como os empresários João Doria Jr. e Ana Luiza Massari, a cantora Ivete Sangalo e a apresentadora Hebe Camargo. Cláudio Lembo, ex-governador de São Paulo e filiado ao Democratas, disse que o movimento era formado por “dondocas”. No site UOL, dizia-se que o ato foi caracterizado por “reunir grifes [...] com direito a fotógrafos da revista *Caras*, equipe do programa TV Fama, bolsas Prada e óculos Dior para as mulheres e blazer com abotoaduras, gel no cabelo e colarinho branco para os homens”. Doria reclamou à *Veja* que os protagonistas do Cansei viraram “alvos fáceis para a caricatura” por, dentre outras coisas, transmitirem a imagem de que não usam drogas ou falam palavrões.²⁵⁹

Ao Cansei, seguiram-se algumas outras iniciativas de pouco impacto. Meses depois, o Tributo Contra o Tributo reivindicava a abolição do imposto CPMF, Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira. A manifestação foi organizada pela Frente Nacional da Nova Geração e bancada pelo Comitê de Jovens Empreendedores da Fiesp e pela Associação Comercial de São Paulo. A despeito das destacadas atrações musicais, o público não compareceu como esperado.²⁶⁰ Novas convocações desse tipo só seriam retomadas em 2014.²⁶¹

No entanto, o fracasso na arregimentação de novos adeptos para oposição ao PT à direita nas ruas não implicou na debacle desses movimentos. O que se viu, pelo contrário, é a intensificação das atividades antipetistas, mas em outra esfera. Enquanto Lula acomodava-se com cada vez menos resistências no poder, uma verdadeira revolução ocorria na internet.

Impulsionadas pelas ferramentas digitais, as novas direitas expandiram rapidamente seu campo de atuação a partir do primeiro mandato de Lula e não

²⁵⁸ RIBEIRO, Silvia. Protesto contra caos aéreo reúne 300 pessoas, diz PM. *G1*, 29 jul. 2007, disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL79468-5605,00-PROTESTO+CONTRA+CAOS+AERE+REUNE+PESSOAS+DIZ+PM.html>. Acesso em: 22 set. 2022.

²⁵⁹ ROCHA. “Menos Marx, mais Mises”. *op. cit.* p. 119-120. Ver nota 84.

²⁶⁰ NOBRE, 2022. *op. cit.* p. 141-142.

²⁶¹ TATAGIBA, Luciana; TRINDADE, Thiago; TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves. Protestos à direita no Brasil (2007-2015). In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (orgs.). *Direita, volver!*: o retorno da direita e o ciclo político. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 197-212.

pararam mais. O mais recente levante anticomunista brasileiro nasce, portanto, da percepção que o sistema político todo se dobrou ao PT, do sentimento de baixa representatividade nos meios tradicionais de comunicação, da crescente percepção de corrupção no poder e do avanço das guerras culturais, que começam aos poucos a pautar o debate público nacional. Olavo debochava da oposição que era feita pela direita tradicional ao PT: “Ignorando tudo dessa monstruosa iniciativa estratégica, muitos dos nossos liberais e conservadores preferem continuar com seus ataques minimalistas a detalhes fiscais e administrativos do governo petista, e acham que são temíveis”.²⁶² E o enfrentamento às esquerdas passaria a ser cada vez mais visceral, típico das sociedades onde as guerras culturais imperam.

Como destaca Rodrigo Patto Sá Motta, os movimentos “anti” são, em geral, caracterizados por uma profunda repulsa ao objeto de oposição, que, por ser tido como uma verdadeira ameaça existencial, tem não apenas suas pautas, mas a própria existência, tida como ilegítima, questionada. Essa posição não admite tergiversações ou quaisquer gestos de negociação. No limite, por justificar ações extralegais, pode levar à eliminação física.²⁶³ É o que explica a enorme quantidade de atentados terroristas cometidos no Brasil em nome do combate ao comunismo.²⁶⁴ Não ocorrem ações sistemáticas de aniquilamento sem, antes, um longo processo de negação do outro.

Entre o primeiro e o segundo surtos anticomunistas do Brasil, há algumas diferenças dignas de nota. Se, nos anos 1930, predominaram representações sobre a violência do regime soviético, no período que precede o golpe de 31 de março ganharam protagonismo denúncias sobre a fragilidade do modelo econômico comunista. A Revolução Cubana de 1959 também foi importante para, além de potencializar o alerta contra o “perigo vermelho” — agora muito mais próximo —, variar o cardápio de exemplos de descristianização e execuções. Na década de 1960, embora não tenham desaparecido, também diminuíram as imagens antissemitas e xenófobas, bem como as associações entre a esquerda e o demônio.

²⁶² Originalmente publicado no Diário do Comércio. CARVALHO, Olavo de. Monstruosa e abrangente estratégia. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 11 jan. 2008. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/monstruosa-e-abrangente-estrategia/>. Acesso em 30 jan. 2023.

²⁶³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Anticomunismo, antipetismo e o giro direitista no Brasil. In: BOHOSLAVSKY, Ernesto.; MOTTA, Rodrigo P. S.; BOISARD, Stéphane. (orgs.). *Pensar as direitas na América Latina*. São Paulo: Alameda, 2019. p. 75-98.

²⁶⁴ *Id.* *Em guarda contra o perigo vermelho*, op. cit. p. 177-182.

A hegemonia quase absoluta da Igreja Católica no discurso religioso anticomunista também cedeu lugar, quase três décadas depois, a um ecumenismo que abrigou grupos judeus, protestantes, espíritas e inclusive umbandistas. Por outro lado, a lembrança da revolta comunista de 1935 permaneceu vívida, ganhando fôlego com a posse de João Goulart e o reatamento das relações diplomáticas do Brasil com a União Soviética.²⁶⁵

O terceiro surto anticomunista brasileiro, por sua vez, embora também religioso, tem sido caracterizado por um protagonismo muito maior de lideranças evangélicas neopetencostais. Além disso, o espaço anteriormente dedicado à União Soviética e a Cuba no imaginário da direita é agora ocupado por Venezuela, Argentina, Nicarágua e China, embora a Revolução Cubana siga mobilizando repulsa, como demonstram os episódios decorrentes da implementação do programa Mais Médicos pelo governo federal petista. “Vai pra Cuba!” acabou se tornando um dos maiores imperativos do anticomunismo brasileiro no alvorecer dessa onda.²⁶⁶

É interessante notar como se dá a mobilização dos diferentes matizes anticomunistas a partir das referências mais atuais de antagonismo. No caso da Venezuela, por exemplo, são muito presentes as referências à pobreza e ao autoritarismo do regime chavista.²⁶⁷ A Nicarágua, mais nova integrante dessa lista, tem despertado pânico diante das notícias de perseguição a opositores e também a religiosos.²⁶⁸ Com poucas evidências de concentração de poder — e até, pelo contrário, ciclos de alternância —, a Argentina kirchnerista preocupou pelo cenário de caos econômico.²⁶⁹ A China, por sua vez, que há décadas vive a taxas elevadas de crescimento, provoca temores graças ao controle estatal exercido pelo Partido Comunista e pelo protagonismo geopolítico, que, nas interpretações mais conspiratórias, caminharia para alguma modalidade de governança global.²⁷⁰

²⁶⁵ *Id, ibid.* p. 255-304.

²⁶⁶ SANTOS JUNIOR, Marcelo Alves dos. Vai pra Cuba!!!! A rede antipetista na eleição de 2014. 199 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

²⁶⁷ Ver, por exemplo: BRASIL PARALELO. Fomos até a Venezuela, e foi isso que encontramos. *YouTube*, 12 jul. 2023. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/OLYpWuCDIJg>. Acesso em: 25 dez. 2023.

²⁶⁸ BRASIL PARALELO. NICARÁGUA: Liberdade Exilada | Um novo original Brasil Paralelo. Disponível em: https://youtu.be/4TE__qOPsc0. Acesso em: 25 dez. 2023.

²⁶⁹ JOVEM PAN NEWS. A QUEDA ARGENTINA | EPISÓDIO 3/3 - A Conta | PANFLIX + BRASIL PARALELO. *YouTube*, 6 abr. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/gVMrnoGX1MY>. Acesso em: 25 dez. 2023.

²⁷⁰ BRASIL PARALELO. A China não esconde sua força. *YouTube*, 14 mar. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/sIm1y60J8WY>. Acesso em: 25 dez. 2023.

A figura de Luiz Carlos Prestes recebeu destaque nas representações anticomunistas dos anos 1930, bem como na década de 1960 houve farta exploração das associações do presidente João Goulart com movimentos sociais e partidos de esquerda, mas o terceiro surto anticomunista parece ter um alvo bem mais claro e concreto. Para as novas direitas radicais, Lula e o PT são o grande mal a ser extirpado da sociedade brasileira. O antipetismo, portanto, mais do que uma posição de antagonismo à agenda das esquerdas, passa a adquirir contornos fundamentalmente reacionários.

Embora creditasse o início da execução da estratégia gramscista no Brasil ao PCB, especialmente na figura de Ênio Silveira,²⁷¹ conhecido editor e militante do partido, o autor de *A nova era* (1994) era enfático em fixar no PT a imagem de representante da nova revolução. No mesmo prefácio à segunda edição deste texto, Olavo explica sua aversão ao partido:

Durante algum tempo, nutri a insensata esperança de que o PT expeliria de si o veneno gramsciano e se transformaria no grande partido socialista, ou trabalhista, de que o Brasil precisa para compensar, na defesa do interesse dos pequenos, o avanço neoliberal aparentemente irreversível no mundo, e propiciar, pelo sadio jogo de forças, o movimento regular e harmônico da rotatividade do poder que é a pulsação normal do organismo democrático. Movido por essa ilusão, votei em Lula para presidente. Hoje não votaria nele nem para vereador em São Bernardo. É que, pela sucessão de acontecimentos desde a campanha do impeachment, o PT mostrou sua vocação, para mim surpreendente, de partido manipulador e golpista, capaz de conduzir o país às vias fraudulentas da "revolução passiva" gramsciana, usando para isso dos meios mais covardes e ilícitos — a espionagem política, a chantagem psicológica, a prostituição da cultura, o boicote a medidas saneadoras, a agitação histérica que apela aos sentimentos mais baixos da população —, e de adornar esse pacote de sujidades com um discurso moralista que recende a sacristia. [...] [O PT] Não quer mais apenas eleger o presidente, governar bem, submeter seu desempenho ao julgamento popular daqui a cinco anos, fazer História no ritmo lento e natural dos moinhos dos deuses: quer tomar o poder, fazer a Revolução, dismantelar os adversários, expelir da política para sempre os que poderiam derrotá-lo em eleições futuras. Nos termos da poesia de Murillo Mendes, preferiu, as "lentas sandálias do bem, às velozes hélices do mal". A mitologia gramsciana, diagnosticando pomposamente a "transição para um novo bloco histórico", deu uma legitimação verbal a essas pretensões, e eis que

²⁷¹ CARVALHO, Olavo. *Intelligentzia* (mas pode chamar de máfia). In: _____. BRASIL, Felipe Moura (org.) *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 236-341. Ver artigo "Da fantasia deprimente à realidade temível", originalmente publicado no Diário do Comércio, em 11 de setembro de 2006. p. 309-314.

o Brasil, mal tendo ingressado no caminho da democracia, já se apressa a abandoná-lo pelo atalho da Revolução. Aonde ele leva, é algo que o mundo sabe, mas que importa o conhecimento do mundo às hordas de menores-de-idade que a lisonja esquerdista consagrada em norma constitucional transformou na parcela decisiva do eleitorado, dando-lhes poder antes de lhes dar educação? O que importa é aproveitar o momento, levar a todo preço o Lulalá, carregado nos ombros de garotos raivosos, insolentes e analfabetos, e, antes que o "consenso passivo" da população tenha tempo de avaliar o que se passa, atrelar irreversivelmente o país ao carro-bomba que se precipita, morro abaixo, no rumo da Revolução.²⁷²

Olavo, como vimos, também foi um importante difusor da teoria que busca vincular o PT ao crime comum, num contexto em que o medo do comunismo já não tinha tanto apelo popular quanto no passado. Para Olavo, o PT teria estabelecido laços não apenas com narcotraficantes de origem revolucionária, como as FARC, mas com facções sem orientação ideológica alguma, como o Primeiro Comando da Capital, justamente para colocar em marcha seu próprio projeto revolucionário.²⁷³

Essa percepção do Partido dos Trabalhadores como a grande encarnação do espírito revolucionário da esquerda durante a crise política no Brasil não foi exclusividade desses públicos marginais, no entanto. Após as eleições de 2014, o ministro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes se engajou na PEC da Bengala, que elevou a idade de aposentadoria compulsória dos juízes da Corte porque, sendo ele o único representante indicado pelo PSDB, o PT transformaria o STF numa "corte bolivariana".²⁷⁴

Foi imbuído desse espírito de indignação que movimentos como Revoltados Online, MBL e Vem Pra Rua, nascidos de articulações virtuais ainda no rescaldo de Junho de 2013 e fomentados pela oposição partidária ao PT,²⁷⁵ lideraram grandiosas manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff, consolidando o protagonismo das direitas extrainstitucionais no debate público nacional. Pouco mais de um ano depois, o quarto mandato presidencial do PT seria interrompido por, nas palavras de Marcos Nobre, uma "parlamentada" que tentou fazer da esquerda o boi de piranha

²⁷² CARVALHO, Olavo de. *A Nova Era e a Revolução Cultural: Prefácio à segunda edição. Sapientiam autem non vincit malitia*, 9 fev. 1994. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-nova-era-e-a-revolucao-cultural-prefacio-a-segunda-edicao/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

²⁷³ Ver, por exemplo: CARVALHO, Olavo. *Criminalidade*. In: BRASIL. (org.) *op. cit.* p. 502-518.

²⁷⁴ LIMONGI, Fernando. *Operação impeachment: Dilma Rousseff e o Brasil da Lava Jato*. São Paulo: Todavia, 2023 p. 63-64.

²⁷⁵ *Ib, ibid.* p. 59-84.

que garantiria a sobrevivência da classe política em meio ao terremoto produzido pela Operação Lava Jato e agravado pelos sinais de uma recessão econômica de poucos precedentes.²⁷⁶

Não restam dúvidas de que quem assumiu a hegemonia sobre o campo antipetista foi o bolsonarismo, que conseguiu capturar parcelas importantes dessas novas direitas enquanto as siglas de oposição tradicional ao PT definhavam. Ainda para Nobre, a candidatura vitoriosa de Bolsonaro à presidência em 2018 foi constituída por um sólido tripé formado pelas forças de segurança — incluindo PMs, policiais civis, integrantes das Forças Armadas —; por cristãos — dessa vez notadamente evangélicos —; e pelos liberais, muito graças à adesão de Paulo Guedes, um expoente de peso do mercado financeiro,²⁷⁷ e à falta de alternativas que, naquele contexto, pudessem fazer frente à candidatura petista, competitiva a despeito da ausência de Lula.²⁷⁸ Esse tripé é ainda acompanhado por uma forte identificação com o agronegócio e com certa ideologia judiciarista, consolidada pela Lava Jato e potencializada pela reação do sistema político ao avanço de procuradores, delegados, juízes e congêneres especialmente em 2017.²⁷⁹

A despeito da multiplicidade de atores, a expertise comunicacional de Bolsonaro nas mídias digitais foi fundamental para fortalecer sua candidatura. Um estudo coordenado pela antropóloga Isabela Kalil ainda no primeiro turno de 2018 mostra que a aparente falta de coerência nos discursos do presidencialável configurou, na verdade, uma sofisticada estratégia, só possível graças às mídias digitais, de segmentação de mensagens para os diferentes perfis do seu eleitorado. Entre gamers, “bolsogatas”, monarquistas, periféricos de direita, homossexuais conservadores, meritocratas, líderes religiosos e isentos, a pesquisa identificou ao todo 16 tipos alinhados com o capitão reformado do Exército.²⁸⁰

Não que tenha sido um processo simples de aglutinação. Nas novas direitas, era predominante, até então, a posição de rechaço à ditadura militar e o alinhamento explícito de Bolsonaro à herança autoritária do regime. Para muitos, ainda assim, o PT era o “mal maior” a ser evitado. Outros ainda consideravam viável

²⁷⁶ NOBRE. *op. cit.* p 160-176.

²⁷⁷ GASPAR, Malu. O fiador: a trajetória e as polêmicas do economista Paulo Guedes, o ultraliberal que se casou por conveniência com Jair Bolsonaro. *piauí*, n. 144, set. 2018.

²⁷⁸ NOBRE, *op. cit.*

²⁷⁹ LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. *O populismo reacionário*. São Paulo: Contracorrente, 2022. p. 30-67.

²⁸⁰ KALIL, Isabela Oliveira. Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Out. 2018. (Relatório de pesquisa).

domar Bolsonaro, tido como um ignorante, para realizar o que realmente importaria, que são as reformas liberais.²⁸¹ Como se sabe, o engajamento de liberais a pautas conservadoras no campo moral é também uma estratégia de expansão eleitoral, considerando a popularidade da agenda de costumes nas guerras culturais. Esse movimento consolida, para Camila Rocha, a debacle da hegemonia “liberal-libertária” em favor do amálgama “ultraliberal-conservador”.²⁸²

Mesmo entre conservadores cristãos, maior fatia do eleitorado bolsonarista em 2022, com 29% dos votantes ao todo,²⁸³ há importantes clivagens, no entanto. Os evangélicos, que cresceram exponencialmente nas últimas décadas, tendem a ser mais pobres, o que deu a Lula alguma competitividade no segmento — amplamente dominado pela direita. Enquanto isso, Bolsonaro era preterido entre católicos.²⁸⁴ O olavismo, por sua vez, embora entusiasta declarado de um “Brasil profundo” — constituído por um conjunto de pessoas simples e naturalmente conservadoras distantes dos centros cosmopolitas²⁸⁵ —, é próximo do catolicismo e tem aspirações mais elitistas, notáveis no seu modo de fazer história, como veremos adiante, e no desejo, várias vezes expresso por Olavo, de formar uma casta pensante no Brasil. Mas não restam dúvidas de que tanto a Brasil Paralelo quanto seu guru buscaram conectar-se com esse grupo em sua totalidade, presumivelmente com pretensões diretivas.

Para Bolsonaro, a agenda de costumes foi crucial no seu desempenho eleitoral. Um estudo coordenado pelo Monitor do Debate Político no Meio Digital — projeto do Grupo de Políticas Públicas para Acesso à Informação, da Universidade de São Paulo — em 2018 mostra que, nesta eleição em que a internet superou a televisão em influência,²⁸⁶ páginas pró-Bolsonaro no Facebook priorizaram as dimensões antissistêmica e conservadora de sua candidatura, praticamente ignorando as agendas liberal ou nacionalista, a despeito da grande atenção dirigida

²⁸¹ NOBRE, *op. cit.* p. 145-159.

²⁸² ROCHA. “Menos Marx, mais Mises”. *op. cit.* p. 109-192.

²⁸³ NUNES, Felipe; TRAUMANN, Thomas. *Biografia do abismo: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2023. p. 126.

²⁸⁴ PRAZERES, Leandro. *BBC News Brasil*, 14 set. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62896472>. Acesso em: 14 dez. 2023.

²⁸⁵ TEITELBAUM, Benjamin R. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 223-232.

²⁸⁶ PASSOS, Paulo; HOUS, Débora Sögur. Internet supera TV em influência na eleição, *Folha de S. Paulo*, 07 out. 2018, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/internet-supera-tv-em-influencia-na-eleicao.shtml>. Acesso em: 07 fev. 2023.

a Paulo Guedes e do slogan “Brasil acima de tudo”. Segundo o levantamento, que avaliou cerca de 41 mil publicações entre 16 de agosto e 25 de setembro, mais de 80% das publicações temáticas centraram fogo no feminismo, no petismo e na *Rede Globo*.²⁸⁷

Essa priorização faz todo sentido. Em 2022, a tese do voto econômico, que busca explicar o sucesso dos candidatos a partir de sua relação com o bem-estar material, começou a dividir espaço com a tese dos valores morais, que têm sobrepujado agendas tradicionais do debate político, como privatizações e gastos públicos. Uma pesquisa Genial/Quaest mostrou que estão muito mais associadas estatisticamente ao voto em Bolsonaro, por exemplo, percepções como “é um exagero defender mais direitos para as mulheres” e “me incomoda ver gays /lésbicas se beijando em público”.²⁸⁸

Antes disso, as guerras culturais já haviam representado, para Bolsonaro, uma ferramenta fundamental de projeção. O ano de 2011, graças ao escândalo promovido pela bancada evangélica contra o programa Escola Sem Homofobia, apelidado jocosamente de “kit gay”, marca uma guinada do deputado extremista na Câmara. Até então, os discursos de Bolsonaro eram praticamente monopolizados por pautas militares — salários e memória da ditadura, por exemplo. A reação à campanha anti-homofobia do MEC, na ocasião chefiado pelo petista Fernando Haddad, o alçou ao posto de celebridade. Nesse período, Bolsonaro já começou a receber o apoio público de neonazistas.²⁸⁹ E fez a festa em programas popularescos de TV que, em busca da audiência pelo choque, convidavam-no para dividir suas posições acerca de questões morais, como a preferência por ter um filho atropelado a vê-lo “aparecendo com um bigodudo por aí”, entre outras de teor semelhante.²⁹⁰

²⁸⁷ ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio. Nota Técnica #03 - 40 dias da campanha de Jair Bolsonaro. *Monitor do Debate Político no Meio Digital*, 25 set. 2018. Disponível em: <https://www.monitordigital.org/2018/09/25/nota-tecnica-03/>. Acesso em: 07 fev. 2023.

²⁸⁸ NUNES; TRAUMANN. *op. cit.* p. 133-155.

²⁸⁹ NEONAZISTAS ajudam a convocar ‘ato cívico’ pró-Bolsonaro em São Paulo. *UOL*, 06 abr. 2011. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2011/04/06/neonazistas-ajudam-a-convocar-ato-civi-co-pro-bolsonaro-em-sao-paulo.htm>. Acesso em: 07 fev. 2023. Em 2021, a antropóloga Adriana Dias encontrou uma carta redigida pelo mandato parlamentar de Bolsonaro em 2004 publicada em três diferentes sites neonazistas. DEMORI, Leandro. Pesquisadora encontra carta de Bolsonaro publicada em sites neonazistas em 2004. *The Intercept Brasil*, 28 jul. 2021, disponível em: <https://theintercept.com/2021/07/28/carta-bolsonaro-neonazismo/>. Acesso em: 07 fev. 2023.

²⁹⁰ VEJA 11 frases polêmicas de Bolsonaro. *Folha de S. Paulo*, 06 out. 2018, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/veja-11-frases-polemicas-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em 07 fev. 2023.

Em 2014, Bolsonaro quadruplicou sua votação para o Congresso.²⁹¹ Menos de dois anos depois, durante a sessão que decidiu pela abertura do processo de impeachment contra Dilma na Câmara, o então deputado dedicou seu voto à “família”, à “inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve” e contra o comunismo.²⁹²

Foi durante essa guinada que Bolsonaro começou a interlocução com Olavo de Carvalho. Em 2012, o filho Flávio, à época deputado estadual do Rio de Janeiro, virou espectador assíduo dos vídeos publicados pelo polemista e resolveu homenageá-lo com a Medalha Tiradentes, a mais nobre comenda da Assembleia Legislativa. O primeiro encontro entre os dois se deu logo depois e foi transmitido ao vivo pelo YouTube. Na presença de Roxane, mulher de Olavo, o filho Zero Um de Bolsonaro diz que “isso faz parte de um processo de amadurecimento político, de as pessoas começarem a enxergar coisas que não vão conseguir enxergar nunca se se basearem apenas em jornais, revistas e periódicos dominados”.²⁹³

A repórter Thais Bilenky, da *revista piauí*, conta que esse papel de mediação entre a família Bolsonaro e Olavo passou a ser desenvolvido a partir de 2016 por Eduardo, o Zero Três, que no início de 2017 realizou sua primeira “peregrinação” — como os olavistas chamam as visitas presenciais ao mestre na zona rural de Richmond, na Virgínia. Ainda em 2017, Jair participou de um debate por videoconferência com Olavo durante uma agenda nos EUA. Eduardo, o único fluente em inglês, se consolidou então como articulador da família também com outros movimentos da direita radical no mundo, muito graças à aproximação com Filipe Martins, tido como melhor aluno de Carvalho. Steve Bannon, estrategista da campanha vitoriosa de Donald Trump para a Casa Branca, outro intelectual com fortes inclinações tradicionalistas,²⁹⁴ topou reunir-se com o deputado brasileiro em meados em 2018.²⁹⁵ No ano seguinte, Bannon anunciou o Zero Três como líder sul-americano do The Movement, grupo internacional de direita por ele fundado.²⁹⁶

²⁹¹ “NÃO tento agradar”, diz Bolsonaro, o deputado federal mais votado no RJ. *G1*, 6 out. 2014, disponível em: <http://glo.bo/1BJKcBm>. Acesso em: 13 fev. 2023.

²⁹² PODER 360. Bolsonaro cita Ustra no voto pelo impeachment de Dilma Rousseff. *YouTube*, 17 abr. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/WvN7nYxbH-o>. Acesso em: 08 fev. 2023.

²⁹³ BILENKY, Thais. Viagem no vagão, *revista piauí*. ed. 162, mar. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/viagem-do-vagao/>. Acesso em: 08 fev. 2023.

²⁹⁴ TEITELBAUM. Guerra pela eternidade. *op. cit.* p. 17-44. e 201-209.

²⁹⁵ BILENKY. Viagem no vagão. *op. cit.*

²⁹⁶ *Id.* Bannon anuncia Eduardo Bolsonaro como líder sul-americano de movimento de direita populista. *Folha de S. Paulo*, 01 fev. 2019, disponível em <https://folha.com/vtra28iy>. Acesso em: 08 fev. 2023.

Eduardo, em entrevista para o perfil escrito por Bilenky, justificou assim seu interesse pela obra de Carvalho:

É que Olavo abre seus olhos. Se você ficar lendo só as grandes imprensas, você vai ter uma visão de mundo. Se você conseguir sair disso e ler autores como Olavo, e começar a entrar no mundo da internet, onde vários perfis têm muito mais curtidas e retuítes do que jornalistas com grande aparato por trás deles, você vai descobrir outro mundo.²⁹⁷

O objetivo parece claro: disputar, através das mídias digitais, a interpretação da realidade com produtores e disseminadores tradicionais de saberes. Nesse sentido, Olavo de Carvalho operou como uma ferramenta indispensável de tensionamento. Dono de uma obra muito extensa, entre livros e publicações em redes sociais, serviu como uma espécie de banco de dados onde a direita poderia buscar referências para discutir quaisquer questões de interesse público e identificar os inimigos do presente a combater. Bolsonaro tanto sabia disso que, um ano antes de ser eleito presidente da república, disse que suplantar a hegemonia cultural da esquerda era tarefa mais importante até do que a própria eleição.²⁹⁸

Em seu discurso de posse como presidente no Congresso Nacional, Bolsonaro fez questão de mencionar alguns desses inimigos, com ênfase para a “ideologia de gênero”.²⁹⁹ O discurso da vitória, realizado um mês antes, já havia mostrado alguma disposição nesse sentido. Em vez da tradicional coletiva de imprensa, o presidente eleito preferiu falar aos eleitores através de uma precária transmissão ao vivo pelo Facebook. Bolsonaro falou por sete minutos ao lado da mulher Michelle e de uma intérprete de libras. Na mesa, quatro livros se faziam visíveis: a Bíblia Sagrada, o famoso relato de Winston Churchill sobre a Segunda Guerra, a Constituição Federal de 1988 e *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, de Olavo de Carvalho. Mais uma vez, como não poderia deixar de ser, recorreu a João 8:32. E completou: “Nós temos que nos acostumar a conviver

²⁹⁷ BILENKY. Viagem no vagão. *op. cit.*

²⁹⁸ BOLSONARO elogiou Chávez e disse não ser anticomunista em 99. *Gazeta do Povo*, 12 dez. 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/república/eleicoes-2018/bolsonaro-elogia-chavez-e-diz-nao-ser-anticomunista-foi-em-99-mas-a-web-nao-perdoa-e7rbqujufudbw18w3dnlk5sc/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

²⁹⁹ BOLSONARO fala em combater ideologia de gênero; veja íntegra do discurso. *UOL*, 1 jan. 2019, disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/01/01/bolsonaro-fala-em-combater-ideologia-de-genero-veja-integra-do-discurso.htm>. Acesso em: 13 fev. 2023.

com a verdade”, disse. “Não existe outro caminho, se quisermos a paz e a prosperidade. A verdade tem que começar a valer dentro dos lares. Até o ponto mais alto, que é a presidência da República”.³⁰⁰

Como já vimos do ponto de vista comercial, a associação com Bolsonaro também rendeu muitos frutos a Olavo. Mas eles também foram políticos. Convidado para assumir um ministério no governo, Olavo alega ter mandado Bolsonaro enfiá-lo no cu,³⁰¹ mas indicou pupilos para diversas pastas. Os casos mais notórios, já na primeira leva, são de Ricardo Vélez Rodríguez, para o MEC, e Ernesto Araújo, para o Itamaraty.³⁰² Difícil imaginar um intelectual reacionário com tamanha influência. O presidente Bolsonaro chegou a condecorá-lo, no final de abril de 2019, com o Grã-Cruz, mais alta honraria da Ordem de Rio Branco, para “distinguir serviços meritórios e virtudes cívicas, estimular a prática de ações e feitos dignos de honrosa menção”.³⁰³

Uma vez no governo, Bolsonaro batalhou para manter a postura antissistema a qualquer custo, abrindo fogo contra quase todos os órgãos de Estado durante sua gestão. Argumentava, em última instância, que era perseguido, como em um dos episódios de troca da direção-geral da Polícia Federal — e que levou até ao pedido de demissão do ex-juiz Sergio Moro.³⁰⁴ Bolsonaro brigou com IBGE,³⁰⁵ Inpe,³⁰⁶

³⁰⁰ JAIR BOLSONARO. Jair Bolsonaro é eleito o 38º Presidente da República Federativa do Brasil!, *YouTube*, 28 out. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/3gZ3WfVagoo>. Acesso em: 07 fev. 2023.

³⁰¹ DUARTE, Leticia. Bônus: Como o olavismo explica o bolsonarismo. In: PIRES, Carol. Retrato Narrado. revista piauí & Spotify Studios, 18 nov. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1yeM1KrhNq06y5ck8Z4X4n?si=df0c899d0d144af2>. Acesso em: 13 fev. 2023. Ver em 31:18

³⁰² MARQUES, Hugo. A herança maldita de Olavo de Carvalho para o governo de Jair Bolsonaro, *Veja*, 26 jan. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/a-heranca-maldita-de-olavo-de-carvalho-para-o-governo-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 13 fev. 2023.

³⁰³ COLETTA, Ricardo Della. Bolsonaro concede a Olavo de Carvalho condecoração igual à de Mourão e Moro. *Folha de S. Paulo*, 01 mai. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/05/bolsonaro-concede-a-olavo-de-carvalho-condecoracao-igual-a-de-mourao-e-moro.shtml>. Acesso em: 20 fev. 2023.

³⁰⁴ MATOS, Vitor; BARBIÉRI, Luis Felipe; MAZUI, Guilherme; D’AGOSTINO, Rosanne. Ex-juiz Sergio Moro anuncia demissão e deixa o governo Bolsonaro. *G1*, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/24/moro-anuncia-demissao-do-ministerio-da-justica-e-deixa-o-governo-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 13 fev. 2023.

³⁰⁵ TRISOTTO, Fernanda. Citando dados errados, Bolsonaro critica IBGE e volta a colocar em dúvida estatísticas de desemprego. *O Globo*, 09 abr. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/emprego/citando-dados-errados-bolsonaro-critica-ibge-volta-colocar-em-duvida-estatisticas-de-desemprego-24962630>. Acesso em: 13 fev. 2023.

³⁰⁶ KRUSE, Tulio Kruse. Na era Bolsonaro, Inpe chega ao maior estágio de penúria de sua história. *Veja*, 12 dez. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/na-era-bolsonaro-inpe-chega-ao-maior-estagio-de-penuria-de-sua-historia/>. Acesso em: 13 fev. 2023.

Ibama³⁰⁷ e até o Inmetro.^{308 309} Em postos tidos como estratégicos para as guerras culturais, fez questão de nomear notórios antagonistas das áreas que deveriam administrar. Esses eram os casos de Arthur Weintraub, no MEC, para quem as universidades públicas serviriam como centros de plantio e distribuição de drogas;³¹⁰ de Ricardo Salles, que, no comando do Ministério do Meio Ambiente, atendeu ao chamado do dono da maior carga de madeira ilegal apreendida da história para intermediar sua liberação;³¹¹ e de Sergio Camargo, na Fundação Palmares, que disse que a escravidão foi positiva para negros.³¹² Sem dúvidas, um elemento central para o funcionamento dessa estrutura é aquilo que Marcos Nobre chamou de “partido digital bolsonarista”³¹³, que, levando ao pé da letra os ensinamentos de Olavo, criou uma poderosa máquina de comunicação ocupada de alavancar a popularidade do presidente e, sobretudo, de destruir a reputação de seus detratores.³¹⁴

O governo Bolsonaro, em consonância com os pressupostos olavistas, apresentou um forte caráter de expurgo. Primeiro, logo no dia um de expediente, o ministro da Casa Civil Onyx Lorenzoni falou em “despetizar” a administração pública federal com um pacote de demissões que, de início, atingiu 293 servidores comissionados. Um levantamento dos jornalistas Allan de Abreu e Marcella Ramos demonstrou que somente 1% desse montante, no entanto, era de fato filiado ao

³⁰⁷ GABRIEL, João. Bolsonaro turbinou indicações e esvaziou controle de Ibama e ICMBio sobre Amazônia. *Folha de S. Paulo*, 20 dez. 2022. Disponível em: <https://folha.com/i415yhv3>. Acesso em: 13 fev. 2023.

³⁰⁸ GOMES, Pedro Henrique; LIS, Laís. Bolsonaro decide ‘implodir’ o Inmetro e anuncia demissão de toda diretoria do órgão. *G1*, 22 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/22/bolsonaro-decide-implodir-o-inmetro-e-anuncia-demissao-de-toda-a-diretoria-do-orgao.ghtml>. Acesso em: 13 fev. 2023.

³⁰⁹ Uma análise pormenorizada da cruzada do governo Bolsonaro contra o Estado brasileiro em suas mais diversas áreas pode ser conferida em CARDOSO JR, José Celso; *et al* (org.) *Assédio institucional no Brasil* [livro eletrônico]: avanço do autoritarismo e desconstrução do Estado. Brasília: EDUEPB, 2022.

³¹⁰ KUHLMANN, Nathalia. Weintraub é condenado por dizer que universidades produzem drogas. *Metrópoles*, 05 mar. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/justica/weintraub-e-condenado-por-dizer-que-universidades-produzem-drogas>. Acesso em: 13 fev. 2023.

³¹¹ MINISTÉRIO do Meio Ambiente e PF divergem sobre maior carga de madeira já apreendida no país. *Jornal Nacional*, 07 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/04/07/ministerio-do-meio-ambiente-e-pf-divergem-sobre-maior-carga-de-madeira-ja-apreendida-no-pais.ghtml>. Acesso em: 13 fev. 2023.

³¹² PRESIDENTE da Fundação Palmares diz que escravidão foi ‘benéfica’. *R7*, 27 nov. 2019. Disponível em: <https://www.r7.com/Edhr>. Acesso em: 13 fev. 2023.

³¹³ NOBRE. *op. cit.* p. 205-216.

³¹⁴ SAID, Flávia. Ex-aliados de Bolsonaro mostram como funciona o Gabinete do Ódio. *Congresso em Foco*, 28 mai. 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/ex-aliados-de-bolsonaro-detalham-modus-operandi-do-gabinete-do-odio/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

PT.³¹⁵ Mas, mais importante do que saber se a missão de Lorenzoni correspondia ou não à realidade, é observar o seu substrato norteador, que compreende como “petista” qualquer um não plenamente identificado com a agenda bolsonarista.

Por isso o bolsonarismo também foi muito eficiente no sentido de isolar dissidentes e, explorando a lógica da polarização, atribuir aos ex-aliados relação indissociável com o inimigo. Por mais esdrúxulo que soe, é por essa razão que nomes como João Doria, Joice Hasselmann, Gustavo Bebianno, Luciano Bivar, Sergio Moro, Wilson Witzel, Paulo Marinho, Major Olímpio, Delegado Waldir, Alexandre Frota, e até general Santos Cruz foram em algum momento associados pela militância bolsonarista à esquerda, ao petismo e ao comunismo.³¹⁶

A estratégia de Bolsonaro para a reeleição, aliás, consistiu em depurar sua base, permanecendo sempre às voltas com cerca de um terço da aprovação popular. Para Marcos Nobre, o objetivo era consolidar o apoio entre simpatizantes mais viscerais, governando para uma minoria, para explorar a rejeição ao polo petista num eventual confronto de segundo turno.³¹⁷ E a alegada oposição retórica do “nós contra eles” converteu-se numa verdadeira batalha entre “o bem e o mal”.

Como se sabe, o mandato bolsonarista foi encerrado de maneira trágica. Inconformada com a derrota nas urnas, a extrema direita brasileira bloqueou estradas,³¹⁸ acampou por meses em frente a quartéis do Exército,³¹⁹ vandalizou³²⁰ e até promoveu atentados terroristas na capital federal, com direito à instalação de uma bomba em um caminhão tanque carregando querosene de aviação para o

³¹⁵ ABREU, Allan de; RAMOS, Marcella. “Despetização’ de Onyx só tem 1% de petistas. *revista piauí*, 11 jan. 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/despetizacao-de-onyx-tem-so-1-de-petistas/>. Acesso em 24 jan. 2023.

³¹⁶ GODOY, Marcelo Godoy. Após apoio a Moro, bolsonaristas chamam Santos Cruz de comunista, *Estadão*, 15 nov. 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/apos-apoio-a-moro-bolsonaristas-chamam-santos-cruz-de-comunista/>. Acesso em: 13 fev. 2023.

³¹⁷ NOBRE, Marcos. *Ponto-final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia*. São Paulo: Todavia, 2020. p. 11-12.

³¹⁸ QUINTINO, Larissa. Atos bolsonaristas bloqueiam estradas em 7 estados pelo país. *Veja*, 09 nov. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/atos-bolsonaristas-bloqueiam-estradas-em-17-estados/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

³¹⁹ PERON, Isabela. Em menor número, bolsonaristas seguem acampados no quartel-general do Exército mesmo após posse de Lula. *Valor Econômico*, 02 jan. 2023. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2023/01/02/bolsonaristas-se-mantem-acampados-no-quartel-general-do-exercito-mesmo-apos-posse-de-lula.ghtml>. Acesso em: 14 fev. 2023.

³²⁰ CARROS e ônibus incendiados, botijões de gás, ataque a delegacia e sede da PF: como foram os atos de bolsonaristas radicais em Brasília. *G1*, 13 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/12/13/como-foram-os-atos-de-bolsonaristas-radicalis.ghtml>. Acesso em: 14 fev. 2023.

aeroporto de Brasília. O objetivo era "dar início ao caos" que levaria à "decretação do estado de sítio no país", que por sua vez implicaria numa intervenção das Forças Armadas.³²¹ Em 8 de janeiro de 2023, já nos primeiros dias de governo Lula, bolsonaristas invadiram as sedes dos três poderes em Brasília, destruindo quase tudo que encontraram pela frente.³²²

O ensaísta Francisco Bosco escreveu sobre a experiência para a *Folha de S. Paulo* especificamente acerca da vandalização das obras de arte presentes nesses espaços, como peças de Di Cavalcanti, Burle Marx, Bruno Giorgi, Franz Krajcberg e Victor Brecheret, que, note-se, nada têm a ver com aquelas repudiadas nos episódios de 2017. No artigo, pergunta-se: "O que levou os bolsonaristas a expandir sua fúria sobre essas obras de arte, com o requinte de ódio de urinar sobre o tapete do maior entre nossos paisagistas, internacionalmente reconhecido?". A resposta, argumenta, passa pela compreensão da face cultural do bolsonarismo, inaugurada, como vimos, pelo episódio do programa escolar anti-homofobia, em 2011. Num artigo assinado pelo ex-chanceler em 2019,³²³ Bosco encontra um Ernesto Araújo para quem o Brasil só existe enquanto projeto expansionista cristão, incapaz de ver legitimidade em qualquer expressão de brasilidade, concebida aqui como sinônimo da mestiçagem e do modernismo.³²⁴

O podcast Brasil Partido, da *BBC Brasil*, divulgou, pouco mais de uma semana após os ataques, uma série de declarações de lideranças religiosas nas redes sociais que incitam os fiéis/seguidores a não aceitarem o resultado das urnas através de alegadas profecias que projetam, num cenário mais apocalíptico, a destruição do Brasil ou, em outras versões mais realistas — como se viu logo depois —, a depredação das casas do poder em Brasília. Enquanto parte do mundo evangélico ensaiava um exercício de acomodação com a gestão petista, vários pastores ou meros influenciadores digitais cristãos dobravam a aposta na radicalização.³²⁵

³²¹ BOLSONARISTAS são condenados por bomba em caminhão perto de aeroporto em Brasília. *Folha de S. Paulo*, 11 mai. 2023. Disponível em: <https://folha.com/cldv0zrk>. Acesso em: 12 dez. 2023.

³²² GABRIEL, João. Golpistas invadem áreas do Congresso, Planalto e STF. *Folha de S. Paulo*, 8 jan. 2023. Disponível em: <https://folha.com/yqvdwrm7>. Acesso em: 12 dez. 2023.

³²³ ARAÚJO, Ernesto. Agora falamos. *New Criterion*, jan. 2019. Disponível em: <https://newcriterion.com/issues/2019/1/agora-falamos>. Acesso em: 13 fev. 2023.

³²⁴ BOSCO, Francisco. Face cultural do bolsonarismo explica destruição de obras de arte. *Folha de S. Paulo*, 13 jan. 2023. <https://folha.com/go05czvj>. Acesso em: 13 fev. 2021.

³²⁵ FELLETT, João. Guerra santa por Bolsonaro. In: _____. Brasil Partido. BBC News Brasil, 14 jan. 2023. *Podcast*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/podcasts/p0cyhvny>. Acesso em: 14 fev. 2023.

No final daquela fatídica tarde de 8 de janeiro, o portal Metrópolis divulgou um vídeo que também circulou entre grupos bolsonaristas para inspirar a invasão. Nele, emerge a voz de Olavo de Carvalho respondendo à pergunta de um interlocutor sobre a tão aventada possibilidade de intervenção militar:

Eu acho uma intervenção militar extremamente difícil, a não ser depois de um processo de tomada do poder pelo próprio povo. Se você tiver um movimento de desobediência civil generalizada... pessoal cercar o palácio, não deixar senador entrar, não deixar ministro entrar, não deixar juiz entrar... se chegar neste ponto, as Forças Armadas entram.³²⁶

As Forças Armadas, no fim, não entraram — embora a participação de vários militares na “intentiona bolsonarista”, por omissão ou ação,³²⁷ tenha sido fartamente documentada³²⁸ —, e dessa vez o golpe não ocorreu.

Como fez questão de insistir ao longo de todo mandato bolsonarista, o autor de *Os históricos no poder* (2018) morreu reclamando que a direita não teria dado a devida atenção à guerra cultural e nunca se deu por satisfeito com a chegada da direita ao centro do comando político em Brasília. Olavo, tal qual a *nouvelle droite* nos anos 1960,³²⁹ acreditava que a vitória cultural deve preceder a política. Para explicar o que para ele significa eleger um presidente antes de dominar ao menos uma parte da mídia, chegou a utilizar diversas vezes a analogia de uma “ejaculação

³²⁶ ALCÂNTARA, Thays. Vídeo de Olavo de Carvalho defendendo invasão inspirou bolsonaristas. Metrópolis, 8 jan. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/video-de-olavo-de-carvalho-defendendo-invasao-inspirou-bolsonaristas>. Acesso em: 13 fev. 2023.

³²⁷ MENA, Fernanda. Entrevista: Comparar ataques em Brasília a Capitólio oculta dedo de militares, diz antropólogo. *Folha de S. Paulo*, 14 jan. 2023. Disponível em <https://folha.com/80octInx>. Acesso em: 13 fev. 2023.

³²⁸ VEJA a situação dos militares envolvidos nos atentados golpistas que já foram identificados. *O Globo*, 08 fev. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/02/veja-a-situacao-dos-militares-envolvidos-nos-atentados-os-golpistas-que-ja-foram-identificados.ghtml>. Acesso em: 13 fev. 2023. Sobre a atuação de um dos principais grupos de elite do Exército, ver ABREU, Allan de. Os kids pretos. *piauí*, 6 jun. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/teia-do-golpe/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

³²⁹ MUDDE, Cas. *A extrema direita hoje*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022. p. 67.

precoce”.³³⁰ A razão, arremata, é que desta forma “você está entregando o presidente aos lobos”.³³¹

Na semana em que ocorreu a invasão em Brasília, o vídeo de Olavo mais recomendado pela plataforma de vídeos TikTok trazia uma intimação do ensaísta:

Me diga o seguinte: quantos grêmios de faculdade vocês tomaram? Nenhum. Quantas redações de jornal vocês tomaram? Nenhuma. Quantos sindicatos vocês tomaram? Nenhum. Quantas igrejas de teologia de libertação vocês tomaram? Nenhuma. Em suma, vocês deixaram tudo nas mãos dos comunistas, e tudo está nas mãos deles. E eles fazem o que quiserem. Deu pra entender?³³²

O recado é do final do terceiro ano de governo Bolsonaro. No mesmo vídeo, Olavo reclama da disposição do presidente direitista em encarar a guerra cultural e cita o exemplo do site Terça Livre, segundo ele “completamente destruído”. Carvalho recorre a Nietzsche para dizer que vencer as eleições e “acabar com a Globo” não era o suficiente para exercer, de fato, o poder no país: “O que puseram no lugar da Globo? Nada. Tem alguma TV conservadora? Tem alguma estação de rádio conservadora? Não tem. Tem algum jornal conservador? Não tem nada”,³³³ conclui.

³³⁰ Ver, por exemplo: OLAVO DE CARVALHO. *Facebook*, 29 out. 2014. Disponível em: https://www.facebook.com/carvalho.olavo/photos/h%C3%A1-muitos-homens-de-talento-alguns-bem-jovens-que-podem-de-um-momento-para-outro/396595373825876/?paipv=0&eav=AfYw7JCggDkEI4dfKjMTekEr12GyyAaBsQXVpsrprapinmMMV8hfV5WUC_auYrL0SII&_rdr. Acesso em: 20 fev. 2023; já durante o governo Bolsonaro: OLAVO DE CARVALHO. *Twitter*, 7 abr. 2019. Disponível em: <https://twitter.com/opropriolavo/status/1114895361582215169>. Acesso em: 20 fev. 2023.

³³¹ DUARTE. Como o olavismo explica o bolsonarismo. *op. cit.* Ver em 12:00.

³³² SUZUKI, Shin. Como Olavo de Carvalho influenciou radicalização bolsonarista que levou ao 8 de janeiro. *BBC News Brasil*. 15 jan. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64256711>. Acesso em: 22 fev. 2023.

³³³ OLAVETE. Olavo de Carvalho explica quem tem o poder no Brasil. *YouTube*, 17 nov. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/rTgQ5uCTJbA>. Acesso em: 22 fev. 2022.

6. O TEATRO DAS TESOURAS: AS DIREITAS RADICAIS E A NOVA REPÚBLICA

Em julho de 2022, pouco antes do início da campanha eleitoral oficial, o empresário bolsonarista Luciano Hang, proprietário da rede de lojas Havan, publicou, em sua página no X (antigo Twitter), uma foto de Marcos Freire, Miguel Arraes, Luiz Inácio Lula da Silva, Ulysses Guimarães e Lucy Montoro durante um comício pelas “Diretas Já”, com a seguinte legenda: “Sempre estiveram do mesmo lado...PSB, PSDB, PT, MDB...Nos enganaram durante décadas. Teatro das tesouras”.³³⁴ Costurava-se, naquele contexto do tuíte, uma reedição da “Carta aos Brasileiros”, redigida originalmente em 1977 para denunciar a ilegitimidade do regime militar, agora como uma reação à escalada da retórica golpista do presidente Bolsonaro, que tumultuava o processo eleitoral com alegações de que as urnas seriam fraudadas.³³⁵

Apesar de ter se disseminado bastante durante a crise político-institucional da Nova República brasileira, a ideia de um “teatro — ou estratégia — das tesouras” ainda é relativamente pouco conhecida do grande público. A metáfora é bem intuitiva. Enquanto duas lâminas aparentemente independentes se friccionam, um único comando, na verdade, as controla, afinal estão ambas conectadas por um parafuso central. Para as direitas radicais ou extremas, assim operam as democracias liberais: revezando-se no poder, diferentes partidos políticos simulam oposição entre si quando estariam, na realidade, correspondendo à mesma autoridade e confraternizando em favor de uma agenda, neste caso, a comunista. A origem do estratagema estaria em Vladimir Lênin durante o processo revolucionário russo, embora não haja registros dele em sua obra. O que se sabe é que a expressão costuma ser atribuída ao escritor ucraniano Anatoliy Golitsyn (1926-2008), que desertou da KGB soviética.³³⁶

Como não poderia deixar de ser, Olavo de Carvalho foi um dos maiores disseminadores da ideia no Brasil. São pelo menos 12 artigos tratando do tema no blog *Sapientiam autem non vincit malitia*. Em um dos mais contundentes, publicado às vésperas do período eleitoral em 2022, ele chama o Brasil de “império do

³³⁴ LUCIANO HANG. *Twitter*, 25 jul. 2022. Disponível em: <https://twitter.com/LucianoHangBr/status/1551269234122047489>. Acesso em: 27 jul. 2022.

³³⁵ BERGAMO, Mônica. Carta pela democracia reúne 100 mil em menos de um dia. *Folha de S. Paulo*, 27 jul. 2022. Disponível em: <https://folha.com/kb174qpz>. Acesso em: 27 jul. 2022.

³³⁶ ZANINI, Fábio. Chapa Lula-Alckmin prova ‘teatro das tesouras’ criado por Lênin, dizem bolsonaristas. *Folha de S. Paulo*, 04 jan. 2022. Disponível em: <https://folha.com/2usk1518>. Acesso em: 27 jul. 2022.

fingimento”, rechaçando veementemente a caracterização do governo Fernando Henrique Cardoso como “de direita”. “Todos já se esqueceram”, diz, “de que o PT e o PSDB foram essencialmente criações de um mesmo grupo de intelectuais esquerdistas empenhados em aplicar no Brasil o que Lênin chamava ‘estratégia das tesouras’”.³³⁷ Simplificando e denunciando, como na fórmula observada por Taguieff,³³⁸ o olavismo não poupou quase ninguém. Nem a oposição, que no Brasil não passaria de uma expressão daquilo que chama de “socialismo fabiano”.³³⁹

De todo modo, a ideia de um “teatro das tesouras” é fundamental para as novas direitas por duas razões. A primeira é que oferece uma nova perspectivação sobre eventos já bem conhecidos da história política mundial — uma ferramenta diagnóstica da realidade, portanto. No contexto da Revolução Russa, mencheviques não seriam liberais coisa nenhuma e Kerensky, que, no imaginário das esquerdas novecentistas, passou para a história como uma espécie de traidor, seria, segundo essa linha de interpretação, um agente facilitador da ascensão bolchevique. Na aula “O Reino do Terror Vermelho”, lecionada por Lucas Ferrugem através do Núcleo de Formação da Brasil Paralelo, se diz que Lênin teria sugerido dividir tarefas entre os que buscavam a revolução imediata e os que queriam a liberalização da Rússia fingindo oposição: “E se nós nos dividirmos em dois partidos e dermos a ideia de que somos inimigos, mas trabalharmos juntos?”.³⁴⁰

Num corte de divulgação do documentário *Invasão bolchevique*, Ferrugem detalha melhor o que entende sobre o assunto.

Qual é a jogada dele [Lênin]? “Se a gente ganhar pela revolução, beleza. Mas hoje a população acha que a revolução não é o caminho. Então vamos deixar os liberais ganharem primeiro porque, quando eles ganharem, eles vão estabelecer parlamento, eles vão estabelecer constituição, e essas coisas vão demorar muito para dar resultado. E eles vão ser enfraquecidos por isso, e aí eles vão perder credibilidade. Depois nós chegamos com uma solução definitiva. E isso aos poucos vai convencer a parcela da população do

³³⁷ CARVALHO, Olavo de. Império do fingimento. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 20 jun. 2002. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/imperio-do-fingimento/>. Acesso em: 30 mai. 2023.

³³⁸ TAGUIEFF, Pierre-André. *La foire aux illuminés: ésoterisme, théorie du complot, extrémisme*. Paris: Fayard/Mille et une nuits, 2005. p. 401 e seguintes.

³³⁹ MORGENSTERN, Flavio. O que raios é socialismo fabiano? *Senso Incomum*, 08 jul. 2017, disponível em: <https://sensoincomum.org/2017/07/08/o-que-raios-socialismo-fabiano/>. Acesso em: 14 fev. 2022.

³⁴⁰ BRASIL PARALELO. O Reino do Terror Vermelho com Lucas Ferrugem. *YouTube*, 12 jun. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/DGMay1kwETA?feature=share>. Acesso em: 23 fev. 2023. 32:50.

radicalismo”. [...] Os bolcheviques usam os mencheviques de linha de frente porque eles parecem mais aceitos socialmente.³⁴¹

Outro episódio importante para se pensar o papel da noção de um “teatro das tesouras” para a Brasil Paralelo está no próprio *1964 - O Brasil entre armas e livros*. Embora a expressão não seja mencionada, é ao seu pressuposto que Olavo de Carvalho remete quando discute o que para quase toda literatura sobre a história das esquerdas brasileiras consiste num racha, simbolizado pela cisão no PCB que deu origem ao PCdoB.³⁴² Olavo encara os desdobramentos das chocantes revelações do XX Congresso do Partido Comunista da URSS como, na verdade, um mero jogo de cena:

Quando começa a conversa das guerrilhas, a esquerda se biparte. Não é um conflito, mas uma espécie de divisão de trabalho, onde uma parte pequena foi para a guerrilha... para morrer nas guerrilhas — todo mundo sabia que eles iam morrer — enquanto a outra parte, chefiada pelo Luiz Carlos Prestes, mais ligada ao antigo Partidão, incluindo o Ênio Silveira, se dedicava a estudar a estratégia do Antonio Gramsci e a aplicá-la. Então, aí começa, vamos dizer, a ocupação de espaços na mídia, no showbusiness e em tudo quanto é lugar.³⁴³

Para entender a relação da Brasil Paralelo com a memória da ditadura, é preciso, antes, entender sua relação com a democracia tal como estruturada pela Nova República. Em 2022, a produtora investiu esforços para promover a série documental *Teatro das Tesouras*, lançada originalmente ainda em 2017. Uma análise comentada que foi ao ar em 23 de maio de 2022, por meio de uma transmissão ao vivo no YouTube, traz algumas considerações de Flavio Morgenstern, que teve bastante destaque como comentarista no documentário original. Em primeiro lugar, o blogueiro admite que o termo “estratégia” talvez não seja o mais adequado para descrever as especificidades da realidade brasileira: “tramoia ainda é uma coisa muito avançada para o que está acontecendo aqui”, ironizou. Morgenstern também diz que, naquele momento, a obra soa ainda mais

³⁴¹ BRASIL PARALELO. A perigosa estratégia das tesouras criada por Vladimir Lênin. *YouTube*, 26 mar. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/qOqQ7Ythx8M>. Acesso em: 29 jul. 2022.

³⁴² HELAL FILHO, William. Um século de partido comunista no Brasil: Como foi a cisão entre PC e PCdoB. *O Globo/Blog do Acervo*, 25 mar. 2022. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/um-seculo-de-partido-comunista-no-brasil-como-foi-cisao-entre-pcb-e-pcdob.html>. Acesso em: 25 dez. 2023.

³⁴³ BRASIL PARALELO. 1964 - O Brasil entre armas e livros. *YouTube*, 2 abr. 2019. Disponível em <https://youtu.be/yTenWQHRPIg>. Acesso em 15 fev. 2023. 38:52.

atual do que em 2018. Para ele, considerando a emergência de Jair Bolsonaro, naquele ano teria havido uma ruptura do paradigma eleitoral brasileiro: “aquele momento foi justamente a quebra, o rompimento dessa estratégia das tesouras, porque teve realmente uma polarização”. E prossegue: “aquele modelo PT x PSDB voltou agora”. O editor do *Senso Incomum* explica, então, sua posição: “todo estamento junto — os jornalistas, que eram considerados mais anti-PT, que todo mundo da direita acompanhava, agora estão todos juntos no estamento de volta”.³⁴⁴³⁴⁵

Lançada em 2018, sem dúvidas o mais atípico ano eleitoral da Nova República até então, a série documental *Teatro das Tesouras* oferece importantes elementos sobre esse modo de enxergar a política brasileira. O início do primeiro episódio já traz um verbete com os pressupostos que a orientam:

Estratégia das tesouras: divisão no campo político entre duas partes da mesma força, uma moderada, outra radical. A ala radical promove mudanças, a moderada finge ser oposição. Os holofotes se direcionam às duas faces da mesma força e todo o resto sai de cena. É criada a ilusão de oposição e escolha política com o objetivo de ampliar a hegemonia dessa força.³⁴⁶

Conforme a produção, a estratégia das tesouras teria chegado ao Brasil em 1989, ano da primeira eleição presidencial em quase 30 anos. E cada episódio — ao todo são sete — conta a história de um pleito diferente até 2014. Para o documentário, Lula e Brizola disputavam o mesmo eleitorado porque ambos tinham

³⁴⁴ BRASIL PARALELO. Descortinando o Teatro das Tesouras. *YouTube*, 23 mai. 2022. Disponível em <https://youtu.be/0EtSf5vnm4I>. Acesso em: 19 ago. 2022.

³⁴⁵ Embora, do ponto de vista editorial, os principais jornais do Brasil — caso mais explícito do Estadão — tenham continuado insistindo na tese de equiparação entre Lula e Bolsonaro, tomados como ambos igualmente maléficos à democracia brasileira, os anos que se seguiram à ascensão de Bolsonaro revelaram algumas conversões curiosas. A mais conhecida delas talvez seja a de Reinaldo Azevedo, que em 2013 chegou a comparar a política urbanista do prefeito petista Fernando Haddad em São Paulo ao Estado Islâmico (AZEVEDO, Reinaldo. Haddad é o Talibã de bicicleta; é o Estado Islâmico sobre duas rodas. *Veja*, 20 nov. 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/haddad-e-o-taliban-de-bicicleta-e-o-estado-islamico-sobre-duas-rodas/>. Acesso em: 25 dez. 2023.) e que passou a defender praticamente todas as teses petistas, chegando a entrevistar Lula de modo totalmente leniente em 2021 (RÁDIO BAND NEWS FM. O É da Coisa Especial - Reinaldo Azevedo entrevista Lula. *YouTube*, 1 abr. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/vlvjciPQrq4>. Acesso em: 25 dez. 2023). Outro é o do comentarista da GloboNews Merval Pereira (BITTENCOURT, Julinho. Merval Pereira: “a vitória do Lula é a melhor solução para a situação brasileira. *Revista Fórum*, 21 out. 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/midia/2022/8/21/merval-pereira-a-vitoria-do-lula-melhor-solucao-para-situacao-brasileira-122006.html>. Acesso em: 25 dez. 2023).

³⁴⁶ BRASIL PARALELO. EP 1 - O Teatro das Tesouras | 1989. *YouTube*, 21 ago. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/Ue77esm5Kqs>. Acesso em: 1 jun. 2023.

“agendas revolucionárias”. Sem entrar no seu mérito, atribui a impugnação da candidatura do empresário e apresentador Silvio Santos, que na ocasião concorria à presidência por um partido nanico com o nome de “Corrêa”, a uma manobra de Brizola.³⁴⁷ O primeiro episódio da série termina, ainda, com a ênfase numa antiga filiação de Zélia Cardoso de Mello — ministra da Economia no governo Collor — ao Partido Comunista Brasileiro.³⁴⁸

Mas é a partir da representação sobre a disputa de 1994 que os contornos dessa perspectiva vão ficando mais claros. O objetivo central da peça é costurar um elo entre PT e PSDB. De cara, o episódio equivalente destaca uma declaração do tucano Tasso Jereissati em 1993 aventando a possibilidade de concorrer como vice de Lula no ano seguinte, expectativa que, afinal, não se confirmou. Segundo a narração em *off*,

A eleição de 1994 foi uma batalha entre um comunista e um social-democrata. Foi a disputa entre duas variações da esquerda: PT e PSDB. FHC e Lula ocuparam os holofotes como atores principais e os dois saíram vencedores. Na prática, era o início do socialismo fabiano no Brasil. Se a eleição de 1989 foi um circo, a de 1994 foi uma peça de teatro.³⁴⁹

Embora não seja exatamente uma novidade no Brasil do século XXI, chama atenção o modo com que a produção se refere ao Partido dos Trabalhadores. A moderação discursiva na campanha de Lula em 2002, por exemplo, é descrita como resultado de uma mera manipulação estratégica do marqueteiro Duda Mendonça: “assim a máfia petista se estabeleceu no poder”,³⁵⁰ diz o texto. Na abertura do

³⁴⁷ Como a candidatura de Silvio Santos foi oficializada somente na reta final do período eleitoral, não houve tempo para que o TSE substituísse as cédulas de votação. Assim, o nome do candidato anteriormente anunciado pelo Partido Municipalista Brasileiro (PMB), Armando Corrêa, fundador da sigla, teve que ser mantido. As pesquisas mostravam que o apresentador era favorito. Mas, além de PT e PDT, diretamente ameaçados pelo novo rival, o PRN de Collor também protestou. Por unanimidade, a justiça eleitoral barrou a candidatura por considerar que o partido não havia realizado o mínimo de convenções exigido por lei. Mas outras irregularidades também grassavam, como, sobretudo, o fato de que Silvio Santos controlava uma rede de televisão. Uma matéria mais recente da Folha explica o caso: BÄCHTOLD, Felipe. Candidatura de Silvio Santos levou eleição presidencial à Justiça em 1989. Folha de S. Paulo, 18 fev. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/candidatura-de-silvio-santos-levou-eleicao-presidencial-a-justica-em-1989.shtml>. Acesso em: 1 jun. 2022.

³⁴⁸ EP 1 - O Teatro das Tesouras | 1989. *op. cit.*

³⁴⁹ BRASIL PARALELO. EP 2 - O Teatro das Tesouras | 1994. *YouTube*, 28 ago. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/4aqhPpHm1c>. Acesso em: 13 dez. 2023. 16:13.

³⁵⁰ BRASIL PARALELO. EP 4 - O Teatro das Tesouras | 2002. *YouTube*, 10 dez. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/UKsZUVVjRyU>. Acesso em: 13 dez. 2023.

quinto episódio, Flavio Morgenstern diz que “o Mensalão foi um golpe totalitário”.³⁵¹ Os minutos que se seguem sintetizam e unificam diferentes escândalos de corrupção, atribuídos todos ao governo federal.

Mas o mais importante vem a seguir. Para o documentário, Geraldo Alckmin teria deixado sua campanha esfriar no segundo turno da eleição de 2006. O texto diz que o tucano “criticou Lula de maneira fraca e defensiva. Era como se ele estivesse entregando a vitória ao petista”.³⁵² Mais ainda, a tese sustentada pela produtora é a de que FHC teria sido um dos pilares da reeleição de Lula: “o ex-presidente concordou em tranquilizar a oposição para não criar uma divisão no Brasil. Os tucanos aceitaram a ordem de FHC, e a ideia de derrubar o PT do governo definhou”,³⁵³ diz o narrador. Depois, finalmente, é apresentado o diagnóstico conclusivo: “as eleições de 2006 não foram disputadas por dois partidos rivais. PT e PSDB agiram como aliados”.³⁵⁴

Nesse sentido, surpreende também a relação da série com a Operação Lava Jato. O episódio 6 toma a corrupção no Brasil como endêmica e faz questão de destacar que a Odebrecht, uma das maiores empreiteiras implicadas nas investigações, também doou muitos recursos à campanha tucana.³⁵⁵ Enquanto as esquerdas passaram anos tentando emplacar esse discurso para relativizar a prática ou mesmo complexificar a avaliação sobre o escândalo revelado, a *Brasil Paralelo* o toma como uma ilustração de sua teoria: “a eleição de 2010 não foi disputada por rivais [esse início, note-se, repete a formulação do episódio anterior]. Serra e Dilma apenas disputavam a sua proporção de propina e, em troca, governariam para quem pagasse mais”, diz o texto narrado.³⁵⁶

A primeira vez que a expressão “terceira via” — comum sobretudo desde a consolidação dos blocos petista e bolsonarista no cenário eleitoral brasileiro — é utilizada na série é durante o sexto episódio. Nele, Marina Silva e Plínio de Arruda Sampaio ocupariam esse papel em 2010, minimizado graças à pregressa filiação de ambos ao PT. É o que explicaria, segundo a BP, a ausência de alternativas reais a petistas e tucanos, que por sua vez já seriam suficientemente semelhantes. A

³⁵¹ BRASIL PARALELO. EP 5 - O Teatro das Tesouras | 2006. *YouTube*, 17 set. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/3YbrdaoWLuY>. Acesso em: 13 dez. 2023.

³⁵² *Ibid.* 17:39.

³⁵³ *Ibid.* 20:50.

³⁵⁴ *Ibid.* 21:12.

³⁵⁵ BRASIL PARALELO. EP 6 - O Teatro das Tesouras | 2010. *YouTube*, 24 set. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/ZmP1h7GKZ8o>. Acesso em: 13 dez. 2023. 19:30.

³⁵⁶ *Ibid.* 21:09.

abordagem ao candidato do PSOL, no entanto, é surpreendentemente elogiosa, já que coube a ele papel de destaque na atribuição de equivalências entre os projetos políticos representados por Dilma e Serra, apesar dos diversos acentos cômicos — através da trilha sonora e de cortes com gafes e momentos bem-humorados entre os candidatos nos debates.³⁵⁷ Aliás, esse recurso parece ter como finalidade justamente reforçar o clima predominante de confraternização entre aqueles que, teoricamente, seriam adversários. Daí a importância de Jair Bolsonaro em 2018, que veio, segundo Morgenstern na referida live de relançamento da série, para neutralizar — ao menos momentaneamente — a estratégia das tesouras e provocar uma polarização de verdade.³⁵⁸

A segunda razão pela qual o “teatro das tesouras” tem um lugar especial no imaginário das novas direitas brasileiras, radicais ou extremas, é o reforço de legitimidade que a expressão traz para os grupos que a utilizam não apenas no interior de uma disputa pela interpretação da realidade no debate público, mas também na arena político-partidária, já que se isolam de quadros mais identificados com o poder, mesmo aqueles mais à direita no espectro do sistema. Foi falando diretamente para o coração desse público que, após 44 horas de silêncio pela derrota eleitoral em 2022, Bolsonaro finalmente se pronunciou:

A direita surgiu *de verdade* em nosso país. Nossa robusta representação no Congresso mostra a força dos nossos valores: Deus, pátria, família e liberdade. Formamos diversas lideranças pelo Brasil. Nossos sonhos seguem mais vivos do que nunca. Somos pela ordem e pelo progresso.³⁵⁹

Neste caso, a aplicação da noção de uma estratégia das tesouras opera não apenas como ferramenta diagnóstica, mas transformadora da realidade. Um exemplo disso está no que aconteceu com o PSDB, principal força de oposição ao PT durante todo primeiro ciclo do partido no poder. Durante todos os 13 anos de governos petistas, os tucanos foram o seu principal antagonista, disputando o segundo turno das eleições e liderando a oposição parlamentar no Congresso

³⁵⁷ *Ibid.* 7:56.

³⁵⁸ Descortinando o Teatro das Tesouras. *op. cit.*

³⁵⁹ LEIA a íntegra: primeiro pronunciamento de Bolsonaro após a derrota durou dois minutos. O *Globo*, 1 nov. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/11/leia-a-integra-primeiro-pronunciamento-de-bolsonaro-apos-derrota-durou-dois-minutos.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2023. Grifo meu.

Nacional. Em 2014, Aécio Neves chegou perto de derrotar Dilma Rousseff.³⁶⁰ Mas não demorou muito para que a tradicional direita antipetista também fosse atingida pela rejeição que, menos de dois anos depois, apeou o PT do poder.

Quando o Movimento Brasil Livre — cujas lideranças tinham participado da campanha tucana pela presidência — descobriu que não teria a prometida presença de Aécio Neves nos trechos finais da fracassada marcha para Brasília iniciada em abril de 2015, publicou o seguinte protesto no Facebook: “o PSDB anunciou que não vai aderir à pauta do impeachment, traindo assim os mais de 50 milhões de votos adquiridos na última eleição dos brasileiros que apostaram nessa *falsa oposição* que continua nos decepcionando todos os dias”.³⁶¹ Geraldo Alckmin e Aécio Neves apareceram nos protestos em favor do impeachment somente em 2016³⁶² e acabaram hostilizados: “você é lixo também”, captou o microfone da CBN apontado para uma mulher que participava do ato e, assim como muitos dos colegas ao lado, não aprovava a presença dos tucanos.³⁶³

Em 2017, a Lava Jato avançou sobre diversos personagens do establishment antipetista e, junto à delação que tentou comprometer o presidente Michel Temer, os irmãos Batista, sócios do gigante frigorífico JBS, implicaram também Aécio Neves.³⁶⁴ Jair Bolsonaro, enquanto isso, estreitava laços com Olavo de Carvalho e, embora ainda não despontasse como figura relevante no cenário eleitoral, já se consolidava como o candidato favorito dos mais ricos.³⁶⁵ Durante a greve dos

³⁶⁰ APURAÇÃO 2º turno 2014. UOL, s/d. Disponível em: <https://placar.eleicoes.uol.com.br/2014/2turno/>. Acesso em 11 jan. 2024.

³⁶¹ Ver LIMONGI, Fernando. *Operação impeachment: Dilma Rousseff e o Brasil da Lava Jato*. São Paulo: Todavia, 2023. p. 83. Grifo meu.

³⁶² Embora tenha inflamado o discurso ao longo de 2015, Aécio manteve-se reticente quanto à participação nas manifestações de rua pelo impeachment. Ao programa Pingos nos Is, da Jovem Pan, o senador disse que não iria aos protestos de 15 de março “para não dar ideia de terceiro turno”. AÉCIO diz que não irá à manifestação ‘para não dar ideia de 3º turno’. *Estado de Minas*, 11 mar. 2015. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2015/03/11/interna_politica,626546/aecio-diz-que-nao-ira-a-manifestacao-para-nao-dar-ideia-de-3-turno.shtml. Acesso em: 7 jun. 2023.

³⁶³ ALCKMIN e Aécio são hostilizados na chegada à manifestação na Paulista. *G1*, 13 mar. 2016. Disponível em: <http://glo.bo/1YOnsNW>. Acesso em 29 jul. 2022.

³⁶⁴ BOMFIM, Camila. Conversa revela detalhes do acerto de R\$ 2 milhões de Joesley com Aécio. *G1*, 18 mai. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/conversa-revela-detalhes-do-acerto-de-r-2-mi-de-joesley-com-aecio.ghtml>. Acesso em 29 jul. 2022.

³⁶⁵ SILVA, Fernando Barros e. Entre os mais ricos, Bolsonaro lidera corrida presidencial. *piuí*, 18 abr. 2016. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/entre-os-mais-ricos-bolsonaro-lidera-corrida-presidencial/>. Acesso em: 29 jul. 2022.

caminhoneiros, foi o único presidenciável a confraternizar mais abertamente com os manifestantes, que, no geral, repudiavam a classe política.³⁶⁶

Seria insustentável, evidentemente, afirmar que a população brasileira elegeu Jair Bolsonaro em 2018 por aderir à teoria de um “teatro das tesouras”. Uma hipótese mais prudente, subsidiada por pesquisas qualitativas importantes, como demonstrado no livro *A eleição disruptiva*, sugere Bolsonaro como a personalidade política que mais bem conseguiu vestir a fantasia que, naquele momento, mais satisfazia o eleitorado, que era a de um político antissistema.³⁶⁷ O mérito dessa percepção é bastante questionável, afinal foram 30 anos de Congresso Nacional antes da subida ao Planalto, mas não há dúvidas quanto à sua consolidação em parcela expressiva do imaginário popular.

Em 2018, ano de lançamento da série, a ciência política ainda quebrava a cabeça para entender fenômenos eleitorais tidos por imprevisíveis como Trump, e diversas produções vieram à tona com o objetivo de explicar, afinal, como isso foi possível. Uma das produções mais badaladas foi *How Democracies Die*, livro escrito por Steven Levitsky e Daniel Ziblatt.³⁶⁸ Rapidamente, seus pressupostos influenciaram interpretações da realidade local. A revista *piauí*, por exemplo, trouxe um ensaio do sociólogo Celso Rocha de Barros em sua edição de número 139.³⁶⁹

³⁶⁶ PINHEIRO-MACHADO, Rosana. A revolta da caçamba. *Amanhã vai ser maior*: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p. 53-63. Num dos relatos mais contundentes sobre a paralisação de caminhoneiros em 2018, a antropóloga Rosana-Pinheiro Machado relativiza o apoio desses profissionais a Bolsonaro e chama os pedidos por uma intervenção militar de “grito de socorro”. A relação do capitão reformado com a categoria é complexa. Embora tenha apoiado a greve, Bolsonaro criticou os bloqueios de rodovias na ocasião e chegou a pedir pelo fim do movimento quando Temer cedeu às demandas mais programáticas. Um volume expressivo da categoria o endossou à presidência, mas diversas fissuras nesse apoio foram se apresentando ao longo do mandato. Com a popularidade em baixa, o governo passou a pagar um auxílio robusto aos profissionais a dois meses da eleição presidencial. Disponível em: DALL’AGNOL, Luísa. Parcelas de R\$ 1.000 do Auxílio Caminhoneiro começam em agosto; veja datas. *Veja*, 27 jul. 2022. <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/parcelas-de-r-1-000-do-auxilio-caminhoneiro-comecam-em-agos-to-veja-datas/>. Acesso em: 29 jul. 2022.

³⁶⁷ MOURA, Maurício; CORBELLINI, Juliano. *A eleição disruptiva*: por que Bolsonaro venceu. Rio de Janeiro: Record, 2019.

³⁶⁸ LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *How democracies die*. Nova Iorque: Crown Publishing, 2018.

³⁶⁹ BARROS, Celso Rocha de. O Brasil e a recessão democrática. *piauí*, ed. 139, abr. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-brasil-e-recessao-democratica/>. Acesso em 29 ago. 2022. A partir deste artigo, um bom debate se deu entre Celso Rocha de Barros, colunista da Folha de S. Paulo e intelectual vinculado ao PT contrário ao impeachment, e os economistas de orientação liberal Marcos Lisboa e Samuel Pessôa, com réplicas e tréplicas nas páginas da própria revista. Ele deu origem a um livro organizado pelos dois últimos autores. LISBOA, Marcos; PESSÔA, Samuel (orgs.). *O valor das ideias*: debate em tempos turbulentos. São Paulo: Companhia das Letras: 2019.

Primeiro, Levitsky e Ziblatt produzem uma longa descrição de como, atualmente, as democracias deixaram de morrer por meio dos golpes militares clássicos, com tanques na rua e rupturas institucionais com hora marcada, para, em vez disso, sucumbirem lentamente através de iniciativas que, no longo prazo, podem passar despercebidas pela opinião pública. Muitos meios de subversão das democracias hoje, dizem os autores, são legais. E muitos são os democratas de outrora que em algum momento se voltam contra a democracia. Por isso, o diagnóstico desse colapso não é tão simples de fazer como, por exemplo, quando aviões de caça bombardearam o Palácio La Moneda, em Santiago, no Chile, com Salvador Allende dentro. Este era, indiscutivelmente, um golpe de Estado.³⁷⁰

Hoje, argumentam Levitsky e Ziblatt, a despeito das muitas diferenças de contexto, o cenário se assemelha muito mais ao dos anos 1920-30, quando as democracias liberais passavam por seu primeiro grande momento de crise. O livro lembra que Mussolini e Hitler, ainda que conhecidos como grandes agitadores sociais, foram convidados a integrar os governos de Itália e Alemanha, respectivamente. Franz von Papen, à época vice-chanceler alemão, achava que, com a manobra, estaria neutralizando a liderança extremista. Não foi o que aconteceu, como se sabe.³⁷¹

Além de descrever o fenômeno da ascensão autoritária contemporânea, o que faz a obra é também oferecer um manual para identificar os promotores da recessão democrática no espaço público e, ainda, sugerir um conjunto de ações para barrá-los. Os autores buscam, para isso, os sinais de alerta listados pelo politólogo e sociólogo Juan José Linz já nos anos 1970. A liderança autoritária, diz Linz, 1) rejeita as regras do jogo democrático; 2) nega a legitimidade de oponentes; 3) tolera ou encoraja a violência; e 4) indica reduzir as liberdades civis de oponentes.³⁷²

Para neutralizar essas lideranças extremistas, seria preciso resistir à tentação de nomeá-las aos cargos mais altos; expulsar grupos antidemocráticos do interior dos partidos políticos; evitar alianças com partidos e candidatos extremistas; e, por fim e mais importante, unir forças democráticas para isolar os inimigos da democracia. São vários os exemplos a que o livro recorre para justificar estas

³⁷⁰ LEVITSKY; ZIBLATT. *op. cit.* p. 11-32.

³⁷¹ *Id, ibid.* p. 11-32.

³⁷² *Id, ibid.* p. 21-24.

medidas, mais e menos recentes. Entre os mais, estão Áustria e França, em que importantes coalizões foram formadas pelas forças democráticas para barrar o extremismo já no final da segunda década do século XXI.³⁷³

Num artigo de outubro de 2021 para a revista *piauí*, o professor de Relações Internacionais da FGV em São Paulo Oliver Stuenkel conta o que a República Tcheca — outro exemplo nesse sentido — fez para frear a escalada autoritária de Andrej Babiš. A estratégia é resumida em 6 pontos:

- 1) Agir rápido e impedir a reeleição: é no segundo mandato que a erosão democrática fica perigosa de verdade;
- 2) Construir uma oposição unida em torno de um objetivo único: derrotar o líder autoritário no poder;
- 3) Transformar a eleição em um referendo sobre o governo populista de direita — e revelar sua incompetência;
- 4) Perdoar o passado para não repeti-lo: não demonizar quem votou no autocrata nas eleições passadas;
- 5) Solidariedade internacional: trocar conselhos e estratégias com movimentos democráticos que já conseguiram derrubar seus líderes autoritários;
- 6) Entender que a vitória não encerra o desafio: mesmo após a derrota de um demagogo, a democracia permanece em risco.³⁷⁴

Se, para a ciência política engajada com as democracias liberais, a formação de amplas coalizões pontuais entre adversários históricos é condição imprescindível para a manutenção da ordem institucional, para as direitas extremas e radicais essa seria a evidência de que as democracias não passam de meros jogos de cena e que o único projeto político legítimo e verdadeiramente alternativo seria aquele por elas representado. O isolamento da liderança extremista, neste caso, reforça sua imagem antissistema entre apoiadores e seu papel orgânico como representante do povo contra as elites. Sem dúvidas, esse consiste num dos grandes dilemas — e com definição ainda em aberto — das democracias no mundo.

³⁷³ Produções como a de Levitsky e Ziblatt também receberam inúmeras críticas ao longo dos anos. Para Marcos Nobre, por exemplo, “o elemento mais característico das posições hegemônicas no debate atual em torno da ‘crise da democracia’ é um embaralhamento de ‘crise da democracia’ e ‘determinadas teorias da democracia’”. Com isso, o professor quer dizer que um dos efeitos dessa confusão é sugerir que o único ponto de fuga das autocracias contemporâneas está em algum lugar do passado, quando supostamente as democracias funcionavam bem. Neste caso, é como se o populista autoritário fosse uma espécie de elemento intruso, quase acidental, o que parece pouco lógico. NOBRE, Marcos. *Limites da democracia*: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro. Todavia: São Paulo, 2022. p. 68.

³⁷⁴ STUENKEL, Oliver. Como tirar um autocrata do poder. *piauí*, 19 out. 2021, Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/como-tirar-um-autocrata-do-poder/>. Acesso em 26 ago. 2022.

Uma frente ampla contra o avanço bolsonarista, embora diversas vezes instigada no debate público,³⁷⁵ nunca chegou a se concretizar no Brasil. No segundo turno de 2018, o PSDB — que teve o pior resultado eleitoral de sua história — anunciou neutralidade. Em 2022, depois de uma acirrada disputa interna, a sigla sequer lançou candidato e repetiu o expediente do pleito anterior para o confronto derradeiro entre o PT e Bolsonaro. Geraldo Alckmin, quadro histórico do partido, só se tornou vice de Lula após migrar para o PSB. Nas esquerdas, predominava a desconfiança em relação a grupos e lideranças que em algum momento apoiaram Bolsonaro, a Operação Lava Jato ou o impeachment de Dilma. O maior exemplo dessa divisão talvez esteja na baixa adesão de progressistas a um ato anti-Bolsonaro convocado pelos integrantes do Movimento Brasil Livre.³⁷⁶

Nem é preciso dizer o quanto a aliança Lula-Alckmin serviu para reforçar a ideia de um “teatro das tesouras” entre bolsonaristas.³⁷⁷ A própria Brasil Paralelo fez questão de divulgar, em 2022, um corte específico da série documental com os trechos envolvendo a disputa de 2006, quando, segundo a produção, o tucano teria praticamente deixado o PT ganhar.³⁷⁸

Ao apontar para uma noção de “teatro”, o que fazem as direitas radicais ou extremas é desmoralizar os partidos tradicionais de oposição e também produzir uma espécie de antídoto contra a formação de amplas coalizões de enfrentamento a populistas autoritários, buscando neutralizá-las moralmente de antemão. Enquanto adversários de longa data do campo democrático costumam acordos difíceis em nome da estabilidade institucional, abrindo mão de suas agendas específicas diante da ameaça que se aproxima, radicais e anti-democráticos têm o prazer de dizer algo como “estão vendo? Nós sempre avisamos que eles eram iguais”.

³⁷⁵ Uma das mais contundentes vozes nesse sentido foi a do filósofo Marcos Nobre, professor da Unicamp e então presidente do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap). Um exemplo de sua abordagem pode ser conferido em NOBRE, Marcos. A frente ampla é para ontem. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 1 mar. 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-frente-ampla-e-para-ontem/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

³⁷⁶ ENTENDA por que líderes de esquerda não participam dos atos deste domingo. *Exame*, 12 set. 2021. Disponível em: <https://exame.com/brasil/entenda-por-que-lideres-de-esquerda-nao-participam-dos-atos-deste-domin-go/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

³⁷⁷ ZANINI. Chapa Lula-Alckmin prova ‘teatro das tesouras’ criado por Lênin, dizem bolsonaristas. *op. cit.*

³⁷⁸ BRASIL PARALELO. Lula e Alckmin, *Facebook*, 13 mai. 2022. Disponível em <https://www.facebook.com/brasilparalelo/videos/1861158570892779/>. Acesso em 2 fev. 2023.

O apoio da Brasil Paralelo a Bolsonaro sempre foi uma temática sensível para a produtora. Em primeiro lugar, porque representaria um abalo na imagem que ela procura vender para sua audiência. O site oficial da empresa diz que seus mantenedores são orientados “pela busca da verdade histórica, ancorada na realidade dos fatos, e sem qualquer tipo de ideologização na produção de conteúdo”.³⁷⁹ Revoltado com o verbete dedicado à BP no Wikipédia, que dizia que o que ela fazia era “ciberativismo [...] sob o viés de direita política”, com discurso “considerado milenarista e conspiracionista”, o advogado do grupo entrou no fórum de discussões da plataforma para dizer que essas “informações nela inseridas são inverídicas e foram escritas para denegrir a imagem da empresa”, que é “absolutamente independente, apartidária, despida de viés ideológico”. A página acabou sendo trancada para edições graças à improdutividade da discussão e a batalha seguiu para a esfera jurídica.³⁸⁰

Além disso, os planos da produtora vão muito além de um mandato presidencial. A Brasil Paralelo nasceu antes da eleição de Bolsonaro e sobreviveu à sua derrocada. Em jogo, mais do que o governo, está a reforma cultural motivada pela inspiração olavista. O “parteiro” das novas direitas já havia proclamado que

a minha influência sobre os meus alunos, sobre a cultura brasileira, é infinitamente mais vasta do que tudo que o governo está fazendo. Eu estou mudando o curso da história cultural do Brasil. E isso é muito mais importante do que qualquer governo. Governos passam, a cultura fica. Daqui a 100 anos, meus livros serão lidos. Ninguém vai se lembrar quem foi o presidente nessa época.³⁸¹

A repórter Ana Clara Costa, na edição de setembro de 2021 da revista piauí, revelou que o plano de *rebranding* da empresa naquele ano, que contou até com o suporte de uma agência de publicidade, tinha a ver com o desejo de se descolar do presidente, levando em consideração justamente o provável cenário de derrota

³⁷⁹ POR que querem censurar o conteúdo da Brasil Paralelo como se fosse um crime? Brasil Paralelo, 3 mar. 2022. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/censura-brasil-paralelo>. Acesso em: 11 jan. 2024.

³⁸⁰ SAYURI, Juliana. Brasil Paralelo faz ‘guerra de edições’ e disputa narrativas na Wikipédia. *TAB UOL*, 9 set. 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/09/guerra-de-edicoes-a-disputa-politica-de-narrativas-na-wikipedia.htm>. Acesso em: 25 mai. 2023.

³⁸¹ DUARTE, Letícia. Bônus: Como o olavismo explica o bolsonarismo. In: PIRES, Carol. Retrato Narrado. revista piauí & Spotify Studios, 18 nov. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1yeM1KrhNq06y5ck8Z4X4n?si=df0c899d0d144af2>. Acesso em: 13 fev. 2023. Ver em 41:16.

eleitoral. No pé da versão digital da matéria, uma nota assinada pelo diretor de Relações Institucionais da BP rejeita veementemente o seu conteúdo. Diz, em resumo, que não tem por que se dissociar do presidente porque afinal não tem associação alguma com ninguém. Segundo o texto,

Reforçamos que a Brasil Paralelo não tem nenhuma posição político-partidária e nunca emitiu nenhuma posição eleitoral. Nosso conteúdo não faz parte de um grupo político, de um partido ou de uma ideologia. Ele é cuidadosamente produzido por uma equipe de mais de 170 pessoas, com total comprometimento na busca da verdade, para ser entregue a todos os brasileiros.³⁸²

Esse também é o teor do direito de resposta obtido pela produtora junto à justiça ao jornal *O Globo*, em 2019:

A Brasil Paralelo é uma empresa de comunicação, que tem como foco de atuação a produção de conteúdos informativos relacionados ao contexto social, político e econômico brasileiro. Trata-se de uma sociedade empresária independente, apartidária e imparcial, e que se financia unicamente a partir de recursos próprios, cujo objetivo principal é oferecer ao público conteúdos essencialmente informativos com relação aos temas tratados, sempre com base em grande acervo informativo analisado por dezenas de especialistas. [...] As produções da Brasil Paralelo pretendem revisitar a história brasileira, não para alterá-la à sua própria vontade, mas para derrubar o muro simbólico que permanece erguido nas narrativas que foram legadas à nossa população, e que ainda divide o nosso país. A Brasil Paralelo quer resgatar aquilo que a população brasileira não pôde herdar, mas que tem a profunda certeza de que merece saber: a verdade.³⁸³

Quando o Google classificou como “políticos” os anúncios da empresa em 2022, tornando-a líder brasileira no segmento, seus representantes protestaram. O argumento era o de que outros serviços que eles entendem como similares, como a Netflix, também veiculam produções de caráter político e não receberam o mesmo tratamento.³⁸⁴

Em sua dissertação de mestrado, a historiadora Mayara Balestro dos Santos identificou laços e criou uma “teia” de conexões entre participantes — que ela divide

³⁸² Ver COSTA, Ana Clara. Distanciamento social. *piauí*, set. 2021, n. 180. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/distanciamento-social/>. Acesso em: 25 mai. 2023.

³⁸³ Ver DIREITO de Resposta Brasil Paralelo. *O Globo*, 25 jun. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/direito-de-resposta-brasil-paralelo-23761972>. Acesso em: 25 mai. 2023.

³⁸⁴ ZANINI, Fábio. Brasil Paralelo reclama de ter anúncios classificados como políticos pelo Google. *Folha de S. Paulo*, 12 jul. 2022. Disponível em: <https://folha.com/s38k7bhu>. Acesso em: 2 jun. 2023.

entre “permanentes” e “convidados” — das produções da Brasil Paralelo entre 2016 e 2021 e diversas organizações políticas, algumas delas já citadas, tais como Fórum da Liberdade, Instituto Liberal, Instituto Borborema, Instituto Von Mises, Instituto Millenium, Instituto de Estudos Empresariais, Estudantes Pela Liberdade, Movimento Brasil Livre, Escola Sem Partido e Gazeta do Povo. Todas elas se situam, seja no plano econômico ou de costumes, à direita no espectro político brasileiro.³⁸⁵

A ausência de uma filiação partidária da BP também não significa muita coisa, considerando que, ao menos até quando estas linhas foram redigidas, esse naco das novas direitas no Brasil ainda não tem uma sigla específica, preferindo imiscuir-se em diversas agremiações. Com nove filiações entre o início da carreira como vereador e o mandato presidencial, o próprio Bolsonaro é um exemplo disso. PDC, PPR, PPB, PTB, PFL, PP, PSC, PSL e PL já o abrigaram entre os seus quadros. Isso sem contar os inúmeros flertes com outros partidos e a frustrada tentativa de fundar, durante seu governo, a Aliança Pelo Brasil.³⁸⁶

Apesar do discurso institucional, porém, as relações da Brasil Paralelo com o bolsonarismo são fartamente documentadas. Ministros, secretários, assessores e presidentes de autarquias do governo Bolsonaro, entre outros, além do próprio ex-presidente,³⁸⁷ são figuras carimbadas nas produções. Quando era cotado para o cargo de embaixador nos Estados Unidos, em 2019, o deputado Eduardo Bolsonaro, que já havia divulgado a Brasil Paralelo antes³⁸⁸ e seguiu divulgando depois,³⁸⁹ disse que estava estudando história para sabatina no Senado com vídeos

³⁸⁵ SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos. Agenda conservadora, ultraliberalismo e “guerra cultural”: “Brasil paralelo” e a hegemonia das direitas no Brasil contemporâneo (2016-2020). 147 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021. p. 78-106.

³⁸⁶ GOMES, Pedro Henrique; BORGES, Beatriz; OLIVEIRA, Paloma. Após dois anos sem partido, Bolsonaro se filia ao PL, nona legenda da carreira política. *G1*, 30 nov. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/11/30/apos-dois-anos-sem-partido-bolsonaro-se-filia-ao-pl-nona-legenda-da-carreira-politica.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2023.

³⁸⁷ Jair Bolsonaro participou, como entrevistado, da série *Congresso Brasil Paralelo*. RUDNITZKI, Ethel; SCOFIELD, Laura; OLIVEIRA, Rafael. A boiada invade a tela. *Agência Pública*, 29 jul. 2021. Disponível em: <https://apublica.org/2021/07/a-boiada-invade-a-tela/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

³⁸⁸ ROXO, Sérgio; LEALI, Francisco. Eduardo Bolsonaro divulga documentário que defende a ditadura. *O Globo*, 5 fev. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/filho-de-bolsonaro-divulga-documentario-que-defende-ditadura-23431083>. Acesso em: 29 mai. 2021.

³⁸⁹ COUTO, Marlen. Eduardo Bolsonaro pede que seguidores assinem canal conservador que já compartilhou fake news sobre urnas eletrônicas. *O Globo*, 17 jun. 2020. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/eduardo-bolsonaro-pede-que-seguidor-es-assinem-canal-conservador-que-ja-compartilhou-fake-news-sobre-urnas-eletronicas.html>. Acesso em: 29 mai. 2023.

da empresa.³⁹⁰ E ele está longe de ser seu único entusiasta. Em abril de 2023, uma pesquisa Genial/Quest registrou que a Brasil Paralelo figura como um dos principais portais informativos entre eleitores de Bolsonaro.³⁹¹

A produtora encampou diversas pautas caras ao bolsonarismo. Além da pandemia, seu discurso também foi consonante na denúncia de uma suposta fraude nas urnas eletrônicas, maior obsessão de Bolsonaro desde a declaração de elegibilidade do ex-presidente Lula, em 2021.³⁹² Em *O Teatro das Tesouras*, diz-se que “a apuração dos votos [em 2014] foi feita de maneira secreta. E não teve a participação de nenhum integrante do PSDB”. E é de Olavo de Carvalho a maior citação sobre o tema:

Não precisa ter havido fraudes aqui e ali. Apuração secreta é fraude. Se você não tem meios de verificar os votos, pronto e acabou. Não é válido. A apuração secreta simplesmente não é válida. O sistema hegemônico chegou a tal ponto que o pessoal aceitou isso. Então entra naquele negócio do Stálin falando “não interessa quem vota; interessa quem conta os votos. E eles mesmos contratam parece que 23 pessoas apenas. Então o sistema é fraudulento em si. Não precisa ter havido fraudes pontuais para piorar o negócio.”³⁹³

Em 2014, quatro dias depois de proclamados os resultados oficiais do segundo turno, boatos de redes sociais fundamentaram um pedido de auditoria das urnas eletrônicas feito pela chapa derrotada junto ao TSE. O gesto dividiu os tucanos, mas animou a oposição radicalizada ao PT, que tornou a contestação ao sistema eleitoral e a intervenção militar temas protagonistas de uma manifestação realizada no dia 1º de novembro. Entre os destaques nos carros de som, estavam o músico Lobão — para quem a “recontabilidade” seria um direito — e Eduardo Bolsonaro, além do controverso perito Ricardo Molina. A última vez que as urnas eletrônicas foram contestadas com algum alarde foi nas eleições de 2006, quando

³⁹⁰ ROMANO, Giovanna. Eduardo Bolsonaro estuda história em canal acusado de ‘fake news’. *Veja*, 15 out. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/eduardo-bolsonaro-estuda-historia-em-canal-acusado-de-fake-news>. Acesso em: 29 mai. 2023.

³⁹¹ NUNES, Felipe; TRAUMANN, Thomas. *Biografia do abismo*: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2023. p. 53-54.

³⁹² RIBEIRO, Amanda; MENEZES, Luis Fernando. Como a desinformação sobre urnas abasteceu a artilharia de Bolsonaro contra o sistema eleitoral. *Aos Fatos*, 6 jun. 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/desinformacao-urnas-abasteceu-artilharia-bolsonaro-contra-sistema-eleitoral/>. Acesso em: 29 mai. 2023.

³⁹³ BRASIL PARALELO. EP 7 - O Teatro das Tesouras | 2014. *YouTube*, 1 out. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/IsHYv9euzv8>. Acesso em: 13 dez. 2023. 31:22.

Ana Prudente, do Partido Trabalhista Cristão (PTC), então candidata ao Senado por São Paulo, se indignou com a soma de sete mil votos recebidos e resolveu botar a boca no trombone. A reclamação poderia ter passado despercebida não fosse a atenção recebida justamente por Olavo.³⁹⁴

No episódio derradeiro de *O Teatro das Tesouras*, Jair Bolsonaro aparece discursando na tribuna da Câmara: “Mas tem algo que está na cabeça do povo. Eles não acreditam nas nossas urnas eletrônicas. Assim sendo, eu tenho já o apoio de alguns líderes, a emenda número 10 permite o voto impresso ao lado da urna eletrônica”.³⁹⁵ Se em 2018 o tema ainda parecia mais coadjuvante — até porque Bolsonaro liderou as pesquisas desde a impugnação da candidatura de Lula —, em 2022 o sistema eleitoral tornou-se nevrálgico para a direita bolsonarista. O presidente insistiu no assunto durante o exercício do mandato e não poupou esforços para descredibilizar a contagem de votos. Consumada a derrota de Bolsonaro, em 2022, o seu partido, o PL, encorajado pelo aumento da desconfiança sobre o sistema eleitoral,³⁹⁶ ingressou com uma ação no TSE reivindicando a anulação de votos em milhares de urnas tidas com “problemas crônicos de desconformidade irreparável no seu funcionamento”.³⁹⁷

Além da série, que explorou a questão tangencialmente, a *Brasil Paralelo* também se engajou no tema com outras intervenções específicas, como na produção *Operação Antifraude*, publicada também em 2018. Na chamada de divulgação, Hugo César Hoeschl diz que o risco de fraude nas eleições de 2014 foi estimado por “estudos com reconhecimento internacional” em 73,14%. Hoeschl, invocando o argumento de autoridade, se apresenta como “PhD em inteligência aplicada e pós-doutor em governo eletrônico”. Como também debatemos anteriormente, o âncora diz que a missão dos espectadores é compartilhar a mensagem.³⁹⁸

³⁹⁴ LIMONGI. *op. cit.* p. 59-72.

³⁹⁵ *Ibid.* Ver em 31:05.

³⁹⁶ BORBA, Felipe; DUTT-ROSS, Steve. Quem (não) confia nas urnas eletrônicas. *Insight Inteligência*, ed. 96, s/d. Disponível em: <https://inteligencia.insightnet.com.br/quem-nao-confia-nas-urnas-eletronicas/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

³⁹⁷ ROCHA, Marcelo; GALF, Renata. Moraes nega ação do PL sobre urnas e condena partido a pagar R\$ 23 milhões por má-fé. Folha de S. Paulo, 23 nov. 2022. Disponível em: <https://folha.com/o9limg0f>. Acesso em 2 dez. 2022.

³⁹⁸ O vídeo foi excluído do canal oficial da produtora, mas um link arquivado dele está disponível em BRASIL PARALELO. Urnas eletrônicas | Operação antifraude. *YouTube/Internet Archive*, 4 out. 2018. Disponível em:

Uma reportagem de Ana Clara Costa, na piauí de junho, mostra como a convicção de fraude nas urnas foi elemento fulcral na articulação da “Intentona Bolsonarista” de 8 de Janeiro.³⁹⁹ Ainda durante a transição de governo, a plataforma Intervenção Goiânia ofereceu diversos links da Brasil Paralelo para fundamentar sua posição pró-golpe.⁴⁰⁰ A trilogia documental *A Direita no Brasil*, lançada ainda na esteira da crise, se notabiliza pela inédita quantidade de críticas dirigidas a Bolsonaro, mas quase todas elas se concentram em tópicos secundários, como problemas de comunicação e a inexperiência política, que seria também fruto da tão reclamada negligência na disputa pelos espaços culturais.⁴⁰¹

Assim como a maioria de seus parceiros ideológicos, incluindo Bolsonaro, a Brasil Paralelo também defende o *homeschooling*. A lista de benefícios na adoção da prática, disponível no site oficial da produtora, faz menção à série Pátria Educadora. Embora não inclua a doutrinação esquerdista supostamente cometida nos bancos escolares, ela sem dúvidas ajuda a fundamentar a orientação dos olavistas sobre o tema. A menção à doutrinação é sutil, com uma inversão retórica que critica posições que se supõem dominantes sobre o tema, a despeito da improbabilidade do raciocínio: “O ensino dos próprios pais é considerado autoritário e doutrinador, enquanto o Estado é considerado totalmente neutro e a única entidade capaz de transmitir conhecimento de forma objetiva”.⁴⁰²

Quando tramitou em 2023 o projeto de lei 2630/2020, apelidado de PL das Fake News, a Brasil Paralelo recebeu os deputados bolsonaristas Bia Kicis e Nikolas Ferreira para discutir o tema. Ambos — parlamentares e representantes da produtora — concordaram em denunciar um viés supostamente autoritário da iniciativa, cuja finalidade seria calar opositores.⁴⁰³ A BP, que atuou de modo

<https://web.archive.org/web/20181011074208/https://www.youtube.com/watch?v=FgpYrXN00Sw>. Acesso em: 30 mai. 2023.

³⁹⁹ COSTA, Ana Clara. A teia do golpe de 8 de Janeiro. *piauí*, ed. 201, jun. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/teia-do-golpe/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

⁴⁰⁰ Ciente, a Brasil Paralelo pediu desvinculação. REZENDE, Constança. *Folha de S. Paulo*, 16 nov. 2022. Disponível em: <https://folha.com/5fc792vo>. Acesso em: 12 jun. 2023.

⁴⁰¹ ZANINI, Fábio. Trilogia destrincha ascensão da direita e discute seu futuro após queda de Bolsonaro. *Folha de S. Paulo*, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://folha.com/bul0ir2k>. Acesso em: 12 jun. 2023.

⁴⁰² O QUE é homeschooling e como funciona? 8 benefícios em relação às escolas. *Brasil Paralelo*, 30 mai. 2022. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-e-homeschooling>. Acesso em: 23 ago. 2023.

⁴⁰³ A live acabou excluída, mas a conta “Brasil para lerdos”, crítica da produtora, publicou um *printscreen* da atividade. BRASIL PARA LERDOS. Twitter, 25 abr. 2023. Disponível em: <https://twitter.com/brparalerdo/status/1651007430526992386>. Acesso em 11 jan. 2024.

aguerrido durante o processo, chegou a veicular anúncios contra a iniciativa.⁴⁰⁴ Quando sócios da BP participaram de um jantar com o presidente Lula durante a campanha eleitoral em 2022, sua audiência foi implacável e, acuada, a empresa precisou dar explicações.⁴⁰⁵

Como vimos até aqui, a Brasil Paralelo se engajou em todas as pautas relevantes para as direitas brasileiras, especialmente nas guerras culturais. Combateu o “marxismo cultural”; a “ideologia de gênero”; a “doutrinação” em sala de aula; o aborto; o desarmamento; governos e regimes de orientação esquerdista; a regulação das mídias digitais; o ambientalismo; o sistema eleitoral; e o Supremo Tribunal Federal, notadamente após a eleição de Bolsonaro, entre outras.

⁴⁰⁴ PL das fake news: 3 pontos para entender disputa entre governo e Google. *BBC News Brasil*, 2 mai. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crg2jx75y40o>. Acesso em: 30 mai. 2023.

⁴⁰⁵ BRASIL Paralelo esclarece participação em evento com Lula. *Gazeta do Povo*, 29 set. 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2022/brasil-paralelo-esclarece-participacao-em-evento-com-lula/>. Acesso em: 2 jun. 2023.

7. O PASSADO ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA

Em 1948, Lucien Febvre queixou-se de que “não temos uma história do amor, da morte, da piedade, da crueldade, da alegria”. É basicamente esse o projeto assumido pela Nova História, que se deslocou das bases econômicas para o que Marx chamava de “superestrutura”, num movimento que Le Roy Ladurie sintetizou como “do porão ao sótão”. Essa geração de historiadores ampliou significativamente o universo de temas e abordagens na história, que se aproximou — ou reaproximou — de outras áreas importantes do conhecimento, como a psicologia, a antropologia e até a informática, que ainda dava os seus primeiros passos.⁴⁰⁶

As relações entre história e memória não são, claro, uma invenção desse processo de renovação. Boa parte dos escritores que levaram o título de historiadores foi, na verdade, composta por memorialistas. E foi daí que surgiram os primeiros escritos na Antiguidade. Mas é verdade que, com o processo de cientificização da história no século XIX, o uso da memória como fonte tornou-se obsoleto. Para os expoentes da história metódica, interessava a materialidade dos documentos escritos, especialmente os oficiais, para dar conta da arrojada — e, admitiu-se depois, impossível — tarefa de descrever os fatos com objetividade para constituição da “verdade histórica”. A memória, imprecisa e subjetiva demais, não servia a esses interesses. Não por acaso, vem da sociologia durkheimiana de Maurice Halbwachs no primeiro quarto do século XX a principal obra de referência para os historiadores engajados na questão da memória a partir da Nova História.⁴⁰⁷

Sem dúvidas, esse reencontro só foi possível graças a um exercício de distinção mais clara entre história e memória. Em linhas gerais, enquanto a história é um exercício intelectual que se volta ao passado para responder a inquietações do presente a partir da análise crítica — e fundamentada por um método — de vestígios deixados por esse passado, a memória é um conhecimento que se fundamenta em lembranças ou relações de poder sem o escrutínio metodologicamente orientado das fontes, tendendo a glorificar ou demonizar, graças ao seu potencial fortemente afetivo, fragmentos do passado de acordo com interesses do presente.

⁴⁰⁶ BURKE, Peter. *A revolução francesa da historiografia: a escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: Editora da Unesp, 1991. p. 57-76.

⁴⁰⁷ *Id, ibid.* p. 24-25.

São exemplos corriqueiros de memória 1) discursos idealizados que buscam apresentar uma única versão verdadeira — porque resultado de experiências vivenciadas pelo narrador — sobre um passado já observado pela produção histórica; 2) eventos não vividos, mas que têm sua memória compartilhada por indivíduos da mesma comunidade; 3) há personagens que personificam memórias e despertam consigo as mais distintas paixões de acordo com os valores que a sua imagem traz à tona para grupos sociais ou mesmo sujeitos distintos; 4) há também os lugares de memória, normalmente construídos pelo poder público, que operam no sentido de reforçar sentimentos de pertença e enfatizar valores basilares da comunidade, que tanto servem para enaltecer determinado passado quanto para legitimar práticas no presente.⁴⁰⁸

Para o historiador português Fernando Catroga, o exercício da recordação só existe mediante outro, o da alteridade. Há, segundo ele, duas atitudes nucleares de cada indivíduo nos campos mnésicos: a autobiográfica e a histórica, sendo a segunda mais extensa e transmissível. Por isso é necessária a existência do outro e a relação com ele para o desenvolvimento da memória. Isso implica dizer que, sob o prisma de Catroga, um sujeito que vive sozinho porque se basta não poderia ultrapassar a mesmidade e sofreria de amnésia. A memória individual é ela própria formada pela tensa coexistência de várias memórias pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc. em permanente construção. Contra a tese bergsoniana de “memória pura”, os dados da consciência são tecidos por uma pluralidade de memórias outras que coabitam na memória subjetiva.⁴⁰⁹

Já que ela nunca se forja sozinha, “seria possível falar em memória coletiva?”, pergunta Catroga. A noção de memória coletiva, como se sabe, descende de Halbwachs, que sustentava que as nossas memórias individuais são sempre marcadas socialmente. O que lembramos está conectado com a sociedade em que vivemos e com os marcos sociais que estão à nossa volta. Esses marcos sociais carregam representações da sociedade, dos valores, da moral. Só é possível lembrar quando recuperamos a posição dos acontecimentos do passado nos marcos da memória coletiva.⁴¹⁰ Essa ideia sofreu diversas críticas nas ciências

⁴⁰⁸ Um excelente balanço didático dessa relação, sintetizado aqui, pode ser conferido em LEITURA OBRIGAHISTÓRIA. Qual a diferença entre memória e história? *YouTube*, 20 jul. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/XRDzvuc4AAU>. Acesso em: 5 jun. 2023.

⁴⁰⁹ CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p. 16-20.

⁴¹⁰ *Id, ibid.*

sociais porque sugere que a memória é algo que está acima dos indivíduos, como se fosse deles independente. Há quem prefira falar em “memórias compartilhadas”, porque “sobrepostas, fruto de interações sociais múltiplas, que acontecem dentro de marcos sociais e relações de poder”.⁴¹¹

Em *Memória e Identidade*, Joel Cândau parte em defesa de Halbwachs, minimizando a possibilidade de confusão entre memórias individuais e coletivas ao sustentar que as duas primeiras modalidades de memória, a protomemória e a memória propriamente dita, não podem ser externalizadas. Para Cândau, a protomemória é aquela fruto do habitus e fonte do agir nas pequenas atitudes do cotidiano. A memória propriamente dita, segundo o autor, enfatiza a lembrança e a recordação. A metamemória, por sua vez, define as representações que o indivíduo produz do que recorda. É a terceira que acentua, diz o autor, as características inerentes às memórias coletiva e histórica. O próprio Halbwachs revisou sua posição adiante e admitiu a interiorização da própria experiência do tempo social, abrindo as portas para a memória pessoal na socialização e transformação do que cada sujeito recebe como herança. Há, portanto, um papel de destaque do indivíduo no processo criador do habitus como se cada eu fosse formado por duas personalidades unificadas pela dialética entre a inclusão e a exclusão, entre a mesmidade e alteridade.⁴¹²

No passado, Santo Agostinho havia centrado a recordação na alma, a medida do tempo. O tempo, por sua vez, é experienciado em Agostinho como a tensão entre a lembrança e as saudades do futuro. Foi a inauguração de um modo de pensar que inscreveu a memória a um olhar interior. Mas, conforme destaca Catroga, “a relação com o passado não se esgota numa evocação em que o eu se evoca a si mesmo como um outro que já foi (embora a sua coerência narcísica tenda a escamotear esta diferença temporal, em nome da onipresença da mesmidade em todas as fases da vida)”.⁴¹³ Desta forma, a recordação envolve sujeitos diferentes, mesmo para tornar-se mais verossímil, “e a consciência do eu”, segue Catroga, “se constrói em relação com camadas memoriais adquiridas” e estas “só se formam a partir de narrações contadas por outros, o que prova que a memória é um processo relacional e intersubjetivo”.⁴¹⁴

⁴¹¹ Qual a diferença entre memória e história. *op. cit.* 10:30.

⁴¹² CÂNDAU, Joel. *Memória e identidade*. Campinas: Contexto, 2011.

⁴¹³ CATROGA, *op. cit.* p. 17.

⁴¹⁴ *Id, ibid.* p. 18

Para Koselleck, essa concepção judaico-cristã lançada por Agostinho é uma das raízes da constituição da consciência histórica moderna, que secularizou os horizontes de expectativas e tornou o presente histórico num permanente ponto de recordação e esperança. Essa percepção ajudou a orientar a noção, profundamente difundida entre os séculos XIX e XX, de que “o conhecimento sobre o passado era premissa fundamental para se entender o presente e se transformar o futuro”.⁴¹⁵ Num período de construção e fortalecimento das identidades nacionais, o processo de reificação das chamadas “ideias coletivas” deu origem aos conceitos de memória social e memória coletiva. Sob a perspectiva durkheimiana, elas perfilam a distinção entre sociedade e sociedades: enquanto a primeira é tida como uma criação espontânea e eterna, a segunda é o modo concreto com que vários grupos constroem e transmitem o passado comum. Essa excessiva ontologização dos fatos sociais tem sido contestada à medida que se fragmentam as identidades no mundo contemporâneo, mas sua premissa básica é importante para evidenciar os quadros sociais em que se elaboram as recordações dos sujeitos.⁴¹⁶

Como se viu, a memória opera como uma construção afetiva e quente do passado. E ela não existe senão a partir de uma relação com o esquecimento, já que essa construção sempre será, nas mais distintas camadas mnésicas, seletiva. Não é possível ou sequer desejável lembrar-se de tudo. No plano pessoal, por exemplo, a mesmidade do eu tende a preencher os vazios da amnésia. Nesse sentido, o percurso autobiográfico adquire contornos de um continuum. É como se cada indivíduo transportasse em si o cumprimento de uma vocação específica.⁴¹⁷

Coletivamente também, por meio de cerimônias e discursos oficiais, cabem sempre as seguintes perguntas: quem é que quer que se recorde o quê? E por quê? Que versão do passado se registra e se preserva? E o que ficou esquecido? E por que se esqueceu? Como destacou Pollak, o silêncio e o esquecimento também podem ser involuntários: em relação a experiências traumáticas, por exemplo, ele pode operar como um mecanismo de defesa.⁴¹⁸ Mas essas escolhas também podem ser conscientes e, ainda, parte fundamental de um projeto de poder que pretende fazer do passado um instrumento de legitimação no presente.

⁴¹⁵ *Id, ibid.* p. 19.

⁴¹⁶ *Id, ibid.*

⁴¹⁷ *Id, ibid.*

⁴¹⁸ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

Já se tornou célebre, neste sentido, o imperativo do historiador inglês Peter Burke, que diz que “a função do historiador é lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer”. Fernando Catroga faz uso de uma metáfora para exemplificar a máxima. Para ele, o papel do historiador é análogo ao do *remembrancer*, funcionário inglês do final da Idade Média que ia de aldeia em aldeia lembrar que os impostos das pessoas estavam para vencer. Ninguém queria lembrar. E por isso mesmo ele precisava aparecer.⁴¹⁹

Momentos de crise, especialmente política e econômica, são ideais para tentativas de fabricação de memórias idealizadas sobre um determinado passado que passa a servir de referência para o futuro. Não são raros, como já vimos, os discursos de autoridades no presente, em que as crises se sucedem e se transpõem, justificando políticas discriminatórias em relação a imigrantes e minorias a partir de concepções idealizadas da origem daquela determinada sociedade.

O papel do historiador é, portanto, mais do que coletar dados de memória, mas analisar seus processos de construção. Para isso, deve ter em mente que a historiografia também funciona como fonte produtora e legitimadora de memórias e tradições. Daí a importância na realização de uma operação intelectual crítica que desmistifica e laiciza as interpretações sobre o passado, algo que o testemunho memorial não é capaz de (ou não se interessa em) fazer. Por isso, embora o texto histórico tenha função análoga à do túmulo e à dos ritos de recordação — ou seja, convocar a presença do ausente, dando lugar aos mortos e permitindo às sociedades situarem-se simbolicamente no tempo —, memória e história não são e nem podem ser a mesma coisa.

Ainda que existam, porém, as fronteiras entre memória e história nem sempre são muito claras. Além disso, ambas estão mutuamente implicadas. Se a memória pode, por um lado, ser parte das subjetividades que orientam, ainda que inconscientemente, a atuação do historiador, por outro a história, graças à sua aspiração científica e seu trânsito nos públicos dominantes, tem certamente o poder de legitimar determinadas memórias em detrimento de outras. Esse embaralhamento se acentua quando o passado sobre o qual se lança luz foi palco de eventos traumáticos, como golpes, revoluções, ditaduras e guerras civis.

⁴¹⁹ CATROGA, *op. cit.* p. 55-56.

Afinal, ainda que não se busque a impossível neutralidade absoluta, se já é difícil manter-se emocionalmente distante de outros eventos mais “frios”, nos casos de regimes autocráticos e seus desdobramentos a tarefa é ainda mais delicada. Testemunhos de vítimas e produções historiográficas podem, como se sabe, configurar elemento probatório em processos criminais contra Estados de exceção, a exemplo do paradigmático caso dos julgamentos de Nuremberg, que condenaram 19 nazistas à morte ou à prisão e serviram de base para a criação do Tribunal Penal Internacional, em Haia.⁴²⁰

Se esse desafio vale para passados um pouco mais remotos, vale mais ainda para algumas modalidades de revisionismo histórico no tempo presente, que frequentemente podem se confundir com exercícios de reabilitação do autoritarismo e de relativização da barbárie, que, se bem-sucedidos, podem subsidiar a não responsabilização de agentes do aparato repressor e, no limite, encorajar novas experiências semelhantes.

Como sugerido anteriormente, a história produzida pela Brasil Paralelo se assemelha muito a um exercício de memória. Sua conduta temporal atualista, politicamente engajada no presente, torna improvável a aproximação com o passado de outra maneira que não profundamente afetiva. Como destaca Hans Gumbrecht, a crise das metanarrativas históricas acabou por provocar uma demanda por narrativas que orientem e fascinem.⁴²¹ O crescente interesse pela história na contemporaneidade parece ser algum resultado disso.⁴²² No entanto, entre a história como disciplina, pautada pelo método, pelo rigor e por certo distanciamento do objeto, e outra de caráter emotivo, é provável que a audiência opte pela segunda. Embora também esteja sempre emulando a autoridade científica, como também vimos anteriormente, foi buscando conversar com esse público que a produtora articulou seu discurso. Uma boa síntese dele está no encerramento do primeiro episódio de *Brasil - A Última Cruzada*:

⁴²⁰ RIVEIRO, Felipe. Nazistas nos bancos dos réus: há 77 anos, começava o julgamento de Nuremberg. *Aventuras na História*, 20 nov. 2021. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/ha-76-anos-comecava-o-julgamento-de-nuremberg.phtml>. Acesso em: 9 jun 2023.

⁴²¹ GUMBRECHT, Hans Ulrich. Depois de “depois de aprender com a história”, o que fazer com o passado agora. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdei Lopes de (orgs.). *Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p. 25-42.

⁴²² MORAES, Everton de Oliveira; CLETO, Murilo Prado. A última cruzada: tempo e historicidade na série da produtora Brasil Paralelo. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 15, n. 38, e0108, abr. 2023. p. 3-4.

Chegamos até aqui. A nossa trajetória tem nome. E cada vez que olhamos para trás, lembramos de cada personagem que construiu o palco de nossas vidas. Temos a oportunidade de escolher nossas referências, aprender com os nossos erros e elevar a nossa moral. Em algum lugar, sempre haverá o panteão daqueles que nos trouxeram até aqui. Lá estão as paixões, os méritos, os sacrifícios e todo heroísmo da humanidade. Não foi fácil. A preservação desse lugar cabe a nós. Não podemos deixar que roubem os degraus da nossa civilização. Sempre que estivermos perdidos e sem saber para onde ir, eles estarão lá, de braços abertos, para nos contar tudo que sacrificaram para dar um passo além do que parecia possível. Não se trata apenas de não esquecermos de onde viemos. Se trata de não esquecermos para onde estamos indo. Nos momentos mais difíceis, a história deve ser lembrada.⁴²³

Na narração em *off*, Filipe Valerim é acompanhado por uma orquestração épica, de evolução ascendente, que envolve o espectador numa narrativa que se divide em dois flancos: por um lado, enaltece os personagens que protagonizam sua história do Brasil, estabelecendo com eles uma relação afetiva, num exercício muito próximo de uma história *magistra vitae*, que busca no passado referências para agir no presente e almejar um futuro compatível. Por outro, ataca aqueles que estariam ameaçando o acesso a esse conhecimento. Diz Olavo que

então você não pode mais celebrar os heróis nacionais porque os heróis nacionais são parte da ideologia dominante. Então você faz a apologia do território, dos bichos e dos índios, etc e etc, e os heróis desapareceram. A apologia do território separada da apologia daqueles que o conquistaram não faz o menor sentido.⁴²⁴

Por outro lado, a mesma série localiza o que seriam, para a produtora, as origens da decadência civilizacional no Ocidente. O terceiro episódio, “A Guilhotina da Igualdade”, desvia da rota que até então reconstituía o passado brasileiro para localizar o que seriam as origens da mentalidade revolucionária da esquerda. Entre as conclusões mais eloquentes, está a de que a ascendência jacobina impediria as esquerdas de adotarem qualquer outra conduta que não seja inerentemente violenta e destrutiva.⁴²⁵

⁴²³ BRASIL PARALELO. Capítulo 1 - A Cruz e a Espada | Brasil - A Última Cruzada. *YouTube*, 19 set. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/TkOIAKE7xqY>. Acesso em: 13 dez. 2023. 47:04.

⁴²⁴ *Ibid.* 03:07.

⁴²⁵ MORAES; CLETO. *op. cit.* p. 14.

Adiante, nas próximas páginas, veremos que a emulação da autoridade acadêmica para exercícios de demonização ou romantização não são exatamente uma novidade para a história. E que a Brasil Paralelo filia-se a uma longa tradição revisionista que confunde a audiência para se consolidar no debate público.

8. NEGACIONISMO E REVISIONISMOS

A temática do negacionismo tornou-se central no debate público mundial, como se sabe, muito graças à pandemia — até por uma questão de emergência sanitária. Houve presidentes sugerindo a ingestão de desinfetantes,⁴²⁶ entre outras formas de curandeirismo menos caricatas, para evitar a contaminação pelo SARS-CoV-2, o vírus da covid-19. Muito ainda há de se pesquisar sobre o fenômeno e sobre as máquinas de desinformação que o propagam, além de se descobrir sobre o real impacto que o negacionismo traz para a vida das pessoas. Mas, como bem demonstra a experiência da pandemia, inócuo ele não é.⁴²⁷ E a própria história reúne uma série de experiências de diferentes tipos de negacionismo que certamente contribuíram para mudar o rumo de uma porção de sociedades — muitas vezes, notadamente para pior. A pandemia talvez seja um exemplo-limite, considerando a reação em cadeia provocada pelas campanhas contra máscaras, vacinas e distanciamento social.

Esse exemplo demonstra um pouco do tamanho do desafio que as sociedades contemporâneas têm diante de si, já que o negacionismo pode tanto ser objeto de estudo da academia — o que sem dúvidas exige certo distanciamento — quanto também de disputas políticas no presente, seja através da retórica ou de alguma legislação que busque regulamentar aquilo que se entende como tal — o que, por sua vez, exige um envolvimento mais próximo do objeto. Diferentes governos, de diferentes orientações ideológicas, entraram nesse debate de diferentes formas durante a pandemia. Logo em março de 2020, Viktor Orbán, na Hungria, conseguiu aprovar uma resolução que conferia poderes muito mais amplos no sentido de perseguir disseminadores de notícias falsas.⁴²⁸ Como se sabe, Orbán foi um aliado ideológico do governo Bolsonaro, que, por sua vez, conforme vimos anteriormente, caminhou para uma direção completamente distinta.

⁴²⁶ TRUMP fala em injeção de desinfetante contra coronavírus e médico rebate: ‘irresponsável e perigoso’. *G1*, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/24/trump-fala-em-injecao-de-desinfetante-contra-coronavirus-e-medico-rebate-irresponsavel-e-perigoso.ghtml>. Acesso em: 29 mai. 2023.

⁴²⁷ NY registra aumento de intoxicação por desinfetante após sugestão de Trump. *Exame*, 26 abr. 2020. Disponível em: <https://exame.com/mundo/ny-registra-aumento-de-intoxicacao-por-desinfetante-apos-sugestao-de-trump/>. Acesso em: 29 mai. 2023.

⁴²⁸ PINTO, Ana Estela de Souza. Com ‘lei do coronavírus’, premiê húngaro obtém poderes ilimitados para governar. *Folha de S. Paulo*, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/primeiro-ministro-da-hungria-obtem-poder-para-governar-por-decreto.shtml>. Acesso em 25 mai. 2023.

As questões diante do negacionismo histórico são muito similares, já que está muito claro seu parentesco com as ditas *fake news* no mundo contemporâneo. E, como bem demonstraram os pesquisadores do Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo (Laut) em *O caminho da autocracia*, o negacionismo histórico-científico constitui parte importante das estratégias para a erosão da democracia pelo planeta no tempo presente. É o caso da Hungria, que aboliu derrotas do país em guerras e ressignificou governos de orientação fascista em livros didáticos. Na Polônia, esses materiais passaram a apresentar imigrantes como intrinsecamente bons ou maus a depender de sua origem. A Turquia, por sua vez, apostou no reequilíbrio da balança entre as teorias criacionista e evolucionista, conferindo mais peso à primeira.⁴²⁹

Por outro lado, não se pode negar o potencial danoso de uma reação desproporcional que busque, no lugar de visões alternativas sobre o passado, instituir uma espécie de história oficial de caráter dogmático que, para blindar-se de falsários mais ou menos poderosos, protegeria a verdade histórica com a lei. A proposição “Se... então”, importante para a tomada de posição das novas direitas, associando tudo que é falso ao endogrupo e tudo que é verdadeiro ao exogrupo, também pode ter o sinal trocado: “se vem da Brasil Paralelo só pode ser negacionismo”, por exemplo.

Na história, a temática paradigma dos debates sobre negacionismo é sem dúvidas o holocausto. Um dos casos mais emblemáticos encontra-se no julgamento envolvendo o escritor britânico David Irving, em 2000, negacionista da Shoá que foi criticado por uma historiadora e resolveu processá-la por difamação. Para não ser condenada, Deborah Lipstadt, a historiadora em questão, precisou provar que o holocausto havia acontecido mesmo. E, anos mais tarde, Irving foi preso na Áustria, que considera a negação do judeucídio um crime.⁴³⁰

Num artigo de 2009, o historiador Odilon Caldeira Neto, então pesquisador de mestrado na Universidade Estadual de Maringá, investigou um caso semelhante no Brasil envolvendo a Revisão Editora LTDA, empresa sediada em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, fundada por Siegfried Ellwanger, que a partir de 1987 começou a difundir teorias antissemitas sobre a Segunda Guerra. Entidades judaicas e de

⁴²⁹ BRITO, Adriane Sanctis de; MENDES, Conrado Hübner; SALES, Fernando Romani; AMARAL, Mariana Celano de Souza; BARRETO, Marina Shessarenko. *O caminho da autocracia: estratégias atuais de erosão democrática*. São Paulo: Tinta-da-China Brasil, 2023. p. 52-56.

⁴³⁰ LIPSTADT, Deborah. *Negação: uma história real*. São Paulo: Universo dos Livros, 2017.

direitos humanos reagiram e uma verdadeira batalha judicial se estendeu até o ano de 2003, quando, depois de quase um ano de análise, o Supremo Tribunal Federal finalmente condenou Ellwanger a dois anos de prisão pela prática de racismo — embora a pena tenha sido convertida em serviços comunitários.⁴³¹

Já em 2023, no contexto da escalada no conflito Israel-Hamas após o 7 de Outubro, o governo estadual de São Paulo, comandado por Tarcísio de Freitas — eleito sob forte recomendação de Bolsonaro —, sancionou lei que proíbe professores de ensinarem o holocausto a partir de um ponto de vista negacionista: “O Holocausto tem dimensão única, a ele não cabe diferentes interpretações dos fatos ocorridos”, conforme justificaram os deputados autores do projeto.⁴³² Esses episódios demonstram como esse é um debate que dificilmente vai permanecer restrito ao ambiente acadêmico.

Para o historiador Mateus Pereira, a negação é a “contestação da realidade, fato ou acontecimento que pode levar à dissimulação, à falsificação, à fantasia, à distorção e ao embaralhamento”. “Em geral”, explica, “percebemos uma dissimulação e uma distorção da factualidade que, ou procura negar o poder de veto das fontes, ou fabrica uma retórica com base em ‘provas’ imaginárias e/ou discutíveis/ manipuladas”. O negacionismo, para ele, seria a “radicalização da negação e/ou do revisionismo”, ou seja, a própria “falsificação do fato”.⁴³³

Essa é uma definição bastante ampla e que não tem uma bandeira ideológica específica. O negacionismo, portanto, não precisa ser entendido apenas como a negação absoluta da existência de determinados acontecimentos (por exemplo, que o holocausto não teria existido), mas também distorções que servem para falsificar eventos que são consensualmente reconhecidos como existentes. Irving mesmo não negava a existência dos campos de concentração, mas tão somente o massacre perpetrado contra os judeus no interior das câmaras de gás.

Símbolo dos desafios à frente das sociedades contemporâneas, uma questão não trivial é perceber a linha que separa o erro — afinal historiadores e intelectuais

⁴³¹ CALDEIRA NETO, Odilon. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. *Antíteses*, v. 2, n. 4, p. 1097-1123, jul.-dez. 2009.

⁴³² TARCÍSIO sanciona lei que proíbe professores de ensinarem Holocausto de um ponto de vista negacionista. *Terra*, 30 out. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/tarcisio-sanciona-lei-que-proibe-professores-de-ensinar-m-holocausto-de-um-ponto-de-vista-negacionista,ab6557844fbeb15fc2cfb6f42c44f6fcw4x84mxz.html>. Acesso em: 10 dez. 2023.

⁴³³ PEREIRA, Mateus. Nova direita? guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014). *Varia História*, Belo Horizonte, v. 31, n. 57, p. 863-864, dez. 2015.

públicos erram e precisam ter margem para isso — da estratégia sistemática de falsificação da realidade para uma agenda política discriminatória, qualquer que seja ela, no presente. A negação do holocausto — ou dos aspectos mais bem estabelecidos sobre ele, como as câmaras de gás —, por exemplo, tem grandes chances de se inscrever num conjunto de elaborações antissemitas, como bem demonstrou o próprio Caldeira Neto.⁴³⁴ Por outro lado, não são raras as evocações do termo “negacionismo” como um rótulo para desqualificar posições simplesmente dissonantes mas legítimas no debate público. Sua banalização condena, na prática, exercícios salutares de renovação no campo historiográfico.

Pierre Vidal-Naquet, em seu célebre *Assassinos da Memória*, diz ter estabelecido como regra debater o negacionismo, mas não com negacionistas.⁴³⁵ No entanto, nem toda visão alternativa sobre o passado é tão caricata quanto se pode pensar, como se pode ver nos diferentes casos de revisionismo histórico. Referência nas publicações sobre o tema, o historiador italiano Enzo Traverso fala em fundamentalmente três modalidades de revisionismo. Haveria, para ele, aquele revisionismo “nefasto”, que tem como objetivo a reabilitação de figuras históricas escarnecidas pelo papel de liderança em regimes autoritários, a exemplo de estudos que, na Itália, tentaram relativizar a brutalidade do fascismo e da figura do Mussolini.⁴³⁶

Segundo Traverso, existem também revisionismos tidos como “problemáticos” — algo próximo do que Habermas classificaria como “tendências apologéticas”⁴³⁷ na historiografia e Marcos Napolitano como “revisionismos ideológicos”.⁴³⁸ Estes são caracterizados por revisões que, ideologicamente orientadas por interesses do presente, acabam moldando o passado a partir de uma leitura mais conveniente, como é o caso de algumas publicações de mais impacto durante o bicentenário da Revolução Francesa tentando interpretá-la à luz de uma

⁴³⁴ CALDEIRA NETO, *op. cit.*

⁴³⁵ Ele utiliza o termo “revisionismo”, que será debatido a seguir. VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os assassinos da memória: “Um Eichmann de papel” e outros ensaios sobre o revisionismo*. Campinas: Papirus, 1988. p. 11.

⁴³⁶ TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: história, memória e política*. Edições Unipop: Lisboa, 2012. p. 149-164.

⁴³⁷ HABERMAS, Jürgen. Tendências Apologéticas. *Novos Estudos* CEBRAP, São Paulo, n. 25, out. 1989, p.16-27.

⁴³⁸ NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *Novos combates pela história*. São Paulo: Contexto, 2021. p. 85-111.

perspectiva liberal contemporânea.⁴³⁹ Aqui, mais uma vez, cabe o reforço de que essa não se trata de uma prática exclusiva das direitas. É amplamente conhecido o esforço revisionista de historiadores brasileiros entre as décadas de 1960 e 1980 para oferecer uma explicação “anti-imperialista” para a Guerra do Paraguai, tratando Solano López como um desafiante da hegemonia britânica no século XIX.⁴⁴⁰

E, por fim, também haveria o revisionismo “fecundo”, que teria duas expressões inter-relacionadas. “Revisionismo” é um termo que foi muito utilizado no interior do movimento socialista alemão no fim do século XIX a partir de uma querela bastante usual no campo da esquerda marxista, a relação entre teoria e prática. Aqui, o termo não apresenta conotação negativa alguma. Nenhum dos revisionistas foi expulso do partido graças às suas teses. Essa é uma realidade que só mudaria décadas mais tarde, com a consolidação do Estado soviético, que passou a tomar a ideia de revisionismo quase como sinônimo de traição.⁴⁴¹

Sem dúvidas, essa última expressão também tem a ver com a própria natureza da atividade historiográfica, que é a produção de novos olhares acerca de fenômenos já conhecidos do passado, seja através da descoberta de novas fontes, da adoção de novos procedimentos metodológicos e/ou através de novas interpretações, que são parte fundamental do trabalho de pesquisa nas ciências humanas. Sabe-se que a monumental história do medo de Jean Delumeau, por exemplo, pela qual clamou Lucien Febvre em 1948, só foi possível graças a uma nova perspectivação sobre a Europa medieval tardia e moderna pela geração das Mentalidades, que recorreu a diálogos interdisciplinares inéditos, como com a psicologia, e a aspectos tradicionalmente ignorados pela historiografia profissional em fontes razoavelmente bem conhecidas dos acadêmicos.⁴⁴² Como a história só acontece como um movimento do presente em direção ao passado, é natural que o aparecimento de novos interesses acabe por instigar novas perguntas para os vestígios disponíveis para escrutínio.

Esses novos olhares também podem subsidiar decisões políticas do presente que eventualmente têm o potencial de corrigir injustiças e mudar o rumo da história, não só para trás, como também para frente. Vale lembrar que, na França, os

⁴³⁹ TRAVERSO, *op. cit.*

⁴⁴⁰ MARTINS, Giovanna de Oliveira. Guerra do Paraguai: diferentes perspectivas e interpretações historiográficas. *O Cosmopolítico*. v. 4, n. 1, p. 98-107, dez. 2016.

⁴⁴¹ TRAVERSO, *op. cit.*

⁴⁴² DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

primeiros revisionistas modernos eram aqueles que se engajaram na revisão do processo que condenou Alfred Dreyfus. Nas décadas seguintes, inúmeras pesquisas contribuíram para abalar consensos sobre as motivações de diferentes guerras.⁴⁴³ Por isso, naturalmente, a história é objeto de tanto interesse por parte de organizações políticas.

O termo “revisionismo”, por essas e outras, ganhou cidadania na comunidade acadêmica e ficou tão bem aceito que, justamente para confundir, negacionistas do holocausto passaram a se anunciar não exatamente como negacionistas, mas como revisionistas. Em 1987, eles lançaram uma revista chamada *Annales d’histoire revisioniste*, mais tarde rebatizada de *Révue d’histoire revisioniste* — daí a pesada (mas verdadeira) expressão “os assassinos da memória”, cunhada por Vidal-Naquet para desmascará-los.⁴⁴⁴ Isso sem dúvidas colaborou para que o termo caísse de vez em desgraça, mas não sem antes provocar grandes estragos no debate público.

Em 1989, o *Canal Livre*, apresentado por Silvia Poppovic na TV Bandeirantes, reuniu integralistas e neonazistas com um jornalista, um historiador e um judeu sobrevivente dos campos de concentração para discutir a memória do holocausto. O programa é abertamente crítico ao primeiro grupo, como deixa bem claro a postura da mediadora. Prevendo os questionamentos, ela justifica a decisão de levá-lo ao ar:

Mas será que vale a pena discutir um movimento que na verdade é tão insignificante? Nós, como jornalistas e pessoas ligadas em tudo que se passa, acreditamos que sim, mesmo porque nós achamos que essa é a melhor maneira de se entender e eventualmente se combater qualquer tipo de movimento que possa levar mais uma vez a uma vergonha para a história da humanidade.⁴⁴⁵

O que se vê, no entanto, é que, a título de ouvir os dois lados, o programa funciona como uma grande tribuna à disposição de negacionistas antissemitas contumazes, que debatem com especialistas e vítimas como se estivessem em pé de igualdade. Além dos convidados, também são ouvidos populares nas ruas mediante links ao vivo com repórteres. Ben Abraham, que sobreviveu ao gueto de Lodz e aos campos de Auschwitz — onde perdeu a mãe —, Braunschweig,

⁴⁴³ TRAVERSO, *op. cit.*

⁴⁴⁴ VIDAL-NAQUET. *op. cit.*

⁴⁴⁵ BEN ABRAHAM. Programa Silvia Poppovic debate Neonazismo parte 1. *YouTube*, 2 out. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/tBGG0Gr-j0s>. Acesso em: 18 mai. 2023.

Walenstadt e Ravensbruck,⁴⁴⁶ é constantemente interrompido, se exalta e às vezes passa por descontrolado.

Apesar do crescimento vertiginoso da negação do holocausto em células extremistas e do próprio neonazismo no Brasil,⁴⁴⁷ revisionismos nefastos e problemáticos ou o negacionismo histórico costumam se apresentar aqui em principalmente duas temáticas: o regime militar e a escravização de africanos. Um episódio especialmente marcante para esse debate na contemporaneidade é o lançamento do livro *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*, assinado pelo jornalista Leandro Narloch, que deu início a uma série de publicações similares. Segundo o autor, o objetivo era “irritar o maior número de pessoas”.⁴⁴⁸ Deu certo e Narloch tornou-se um dos maiores antagonistas da historiografia profissional e de movimentos sociais à esquerda. Ainda hoje, seus artigos provocam grande escândalo, a exemplo do publicado na *Folha de S. Paulo* repercutindo a obra *As Sinhás Pretas da Bahia*, do ensaísta Antonio Risério, que, apesar da trajetória mais à esquerda, também virou alvo de protestos pelas recorrentes críticas aos identitarismos de esquerda. A filósofa e ativista do movimento negro Sueli Carneiro, em repúdio, anunciou sua saída do conselho editorial do jornal, que havia acabado de reformular sua composição, incorporando representantes de minorias sociais.⁴⁴⁹

Sem dúvidas, a questão mais sensível explorada por Narloch é a escravidão de negros por outros negros, inclusive pelo próprio Zumbi dos Palmares. A provocação rendeu uma infinidade de réplicas de acadêmicos e veículos de história pública, como no caso do já citado *Leitura Obrigatória HISTÓRIA*, que dedicou um longa-metragem documental inteiro ao tema.⁴⁵⁰ Outras produções de orientação progressista e fundamentação acadêmica, ainda que não cite nominalmente o autor do *Guia*, passaram a se debruçar sobre a polêmica, oferecendo explicações

⁴⁴⁶ MAGALHÃES, Guilherme. Mortes: Ben Abraham, o escritor que queria voar. *Folha de S. Paulo*, 12 out. 2015. Disponível em: <http://folha.com/no1692990>. Acesso em: 2 jun. 2023.

⁴⁴⁷ POROGER, Felipe; BERESIN, Pedro. As novas caras do neonazismo no Brasil. *piauí*, 23 jun. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/as-novas-caras-do-neonazismo-no-brasil/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

⁴⁴⁸ NUNES, Augusto. Leandro Narloch, jornalista e autor do livro *Guia politicamente incorreto da história do Brasil*. *Veja*, 29 dez. 2010. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/leandro-narlochjornalista-e-autor-do-livro-guia-politica-mente-incorreto-da-historia-do-brasil/>. Acesso em: 23 nov. 2021.

⁴⁴⁹ FELINTO, Marilene. Quando Sueli Carneiro saiu. *Folha de S. Paulo*, 23 de out. de 2021. <https://folha.com/456fiz2u>. Acesso em 23 de nov. 2021.

⁴⁵⁰ LEGADO negado: a escravidão no Brasil em um guia incorreto. Direção: Icles Rodrigues. Produção: Icles Rodrigues, Márcio Diniz da Silva, Edward Teixeira Firmo Neto, Adão Modesto e Vitor de Souza Francisco. YouTube, 20 nov. 2019. 1h26min. Disponível em: <https://youtu.be/tSMyb2ygxXw>. Acesso em: 25 mai. 2023.

mais nuançadas a respeito do fenômeno. Com direção e roteiro de Luiz Bolognesi, a série documental *Guerras do Brasil.doc*, lançada em 2019 e que integrou depois o catálogo da gigante Netflix, é um bom exemplo. O segundo episódio, “Guerras de Palmares”, é o que se debruça sobre a questão, com destaque para os depoimentos dos historiadores Luiz Felipe Alencastro, Zezito de Araújo, Jean Marcel Carvalho França, Marcelo D’Saete e Laura Perazza Mendes.⁴⁵¹

Na abertura e no encerramento do episódio, são apresentados dados acerca da realidade da população negra no Brasil no presente: “a cada 23 minutos, um negro é assassinado no Brasil”; “ao final deste filme, mais um negro terá sido assassinado” — ambos mediados por uma ilustração que representa um escravo brutalmente executado —; e “cerca de 60.000 pessoas são assassinadas por ano no Brasil. 71% são negras ou pardas”. A narrativa do início é induzida por uma pergunta claramente provocada pela onda revisionista de polemistas como Narloch: “havia escravidão na África?”. A partir daí, sucedem-se abordagens que, ainda nesse sentido, destacam o caráter multiétnico e multinacionalista do continente africano; distinguem as modalidades de escravidão na região do Congo-Angola e nas colônias de exploração; apresentam as dúvidas que existem sobre a identidade de Zumbi; e descrevem o cerco aos quilombolas e sua resistência — sem nunca perder de vista a brutalidade da escravização e da repressão a Palmares.

2019, ano do lançamento desse material, marca a chegada de Jair Bolsonaro ao poder no Brasil, que, durante a campanha eleitoral, havia dito que “se for ver a história realmente, o português nem pisava na África, foram os próprios negros que entregavam os escravos”. Proferida no Roda Viva, da *TV Cultura*, um dos mais tradicionais programas de entrevistas do país, a declaração surgiu em resposta à pergunta de um jornalista sobre o sistema de cotas raciais.⁴⁵²

A temática da escravidão, central para a atuação dos movimentos antirracistas contemporâneos e mais protagonista do que nunca nas esquerdas, também recebeu atenção especial da Brasil Paralelo. Para escrutiná-la, recorro à

⁴⁵¹ AS GUERRAS de Palmares. Criação: Luiz Bolognesi. Brasil: Buriti Filmes, 2019. 26 min, son., color. Temporada 1, episódio 2. Série exibida pela Netflix Brasil. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81091385>. Acesso em: 25 mai. 2023.

⁴⁵² GONÇALVES, Géssica Brandino. Portugueses nem pisaram na África, diz Bolsonaro sobre escravidão. *Folha de S. Paulo*, 31 jul. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/07/portugueses-nem-pisaram-na-africa-diz-bolsonaro.shtm>. Acesso em: 25 mai. 2023.

série documental *Brasil - A Última Cruzada*, que exprime bem sua forma de enxergar o fenômeno e relacioná-lo com o presente.

9. A ÚLTIMA CRUZADA: COLONIZAÇÃO E ESCRAVIDÃO NAS LENTES DA BRASIL PARALELO

Como a própria realidade imediata, os passados também têm se tornado, cada vez mais, objetos semelhantes a itens de um *buffet*, em que o usuário das plataformas, em sua relação com elas mediada pelos algoritmos, escolhe qual seria o mais útil para a atuação política no presente. Como propuseram Casarões e Magalhães,⁴⁵³ poderíamos então falar da atuação da produtora sobre temáticas do passado como uma modalidade de *alt-history*, mas que, diferente do gênero de ficção baseado em eventos reais mas com resolução criativa — *Alternate History*⁴⁵⁴ —, tem pretensão factual. Ele ganhou impulso no Brasil a partir de obras como os diversos “guias politicamente incorretos” e assemelhados lançados a partir de 2009 através de um esforço, explícito mesmo, de descredibilizar a historiografia profissional para ocupar seu espaço com promessas de revelação de verdades ocultas por elites que deliberadamente as escondem, com facetas mais ou menos conspiratórias.

Além disso, a produtora se notabilizou pelo antagonismo visceral à historiografia profissional, filiando-se e adaptando-se a tendências características das chamadas *alt-sciences*, aproveitando-se da crise das ciências ditas normais ou mesmo dos experts no tempo presente para tentar ocupar seu lugar com a promessa de revelar verdades até então escondidas pelos públicos dominantes, estes representantes de um sistema perverso e manipulador. Ao reabilitarem heróis e “grandes homens” da consciência nacional, fazendo frente a tendências progressistas, estes agentes não apenas falam sobre personalidades distintas do passado mas também se colocam como tais, capazes de enxergar o que ninguém mais é capaz, justificando, portanto, sua existência no presente.⁴⁵⁵

⁴⁵³ CASARÕES, Guilherme; MAGALHÃES, David. The hydroxychloroquine alliance: how far-right leaders and alt-science preachers came together to promote a miracle drug. *Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro v. 55(1), jan.-fev., 2021. p. 197-214.

⁴⁵⁴ E se o 6 de Janeiro tivesse dado certo? Essa é a pergunta que motivou os americanos Alan Jenkins e Gan Golan a produzir uma graphic novel distópica que projeta um segundo governo Trump, com uma estátua de ouro maciço do presidente erguida e milicianos patrulhando as ruas de Washington DC e reprimindo a resistência civil sob a bandeira confederada. DAVIES, Dominic. What if the January 6 insurrection at the US Capitol had succeeded? A graphic novel is uniquely placed to answer. *The Conversation*, 6 jan. 2023. Disponível em: <https://theconversation.com/what-if-the-january-6-insurrection-at-the-us-capitol-had-succeeded-a-graphic-novel-is-uniquely-placed-to-answer-197330>. Acesso em: 14 dez. 2023.

⁴⁵⁵ MORAES, Everton de Oliveira; CLETO, Murilo Prado. A última cruzada: tempo e historicidade na série da produtora Brasil Paralelo. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 15, n. 38, e0108, abr. 2023. p. 18.

Uma referência importante para pensar a perspectivação da Brasil Paralelo sobre o passado e sua relação com as fontes está na série documental *Brasil - A Última Cruzada*, a mais abrangente produção da empresa sobre a história geral do país, com um amplo recorte temporal que vai das Cruzadas medievais até a Era Vargas. Ao todo, são seis episódios de aproximadamente uma hora cada, lançados periodicamente entre o segundo semestre de 2017 e o primeiro semestre de 2018. *A última cruzada* começa, como de costume, com uma espécie de declaração de resistência à historiografia profissional e um esforço para marcar posição de antagonismo. Na narração em off da abertura, Filipe Valerim diz que estamos “prestes a conhecer uma história de sacrifício, virtude e coragem que por muito tempo nos foi negada”. Adiante, complementa: “nossa pátria não pode ser compreendida apartada daquela que a concebeu e gestou”. O professor de história Thomas Giulliano Ferreira Santos, na mesma toada, explica que o objetivo da série, portanto, seria o de “dar um pouco de Brasil para as pessoas”, este renegado por uma historiografia de viés esquerdizante.⁴⁵⁶

Como sugerem os recortes acima, o primeiro aspecto a se destacar sobre a produção é a relação que ela estabelece com a colonização portuguesa. Praticamente não há, na série, referências a sujeitos subalternizados, como negros, indígenas e mulheres, senão a partir da condição de objeto da ação dos colonizadores portugueses, aqueles que seriam os verdadeiros protagonistas desta história. Para a Brasil Paralelo, contrapondo-se a importantes tendências da historiografia no último século, a história do Brasil é, conforme já destacado pelo professor Fernando Nicolazzi, a história dos “grandes varões”, heróis e eventos da consciência nacional.⁴⁵⁷ Trata-se, aqui, de um esforço para recuperação do cronotopo historicista, que, diante da crise das metanarrativas do século XX, busca reconstituir uma história nacional de forte acento essencialista, posto que carregada de sentido teleológico.⁴⁵⁸

A partir do que se vê em *A Última Cruzada*, a concepção de história da Brasil Paralelo assemelha-se muito à do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e de Francisco Adolfo de Varnhagen, para quem a oferta de um passado à nação

⁴⁵⁶ BRASIL PARALELO. Capítulo 1 - A Cruz e a Espada | Brasil - A Última Cruzada. *YouTube*, 19 set. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/TkOIAKE7xqY>. Acesso em: 13 dez. 2023. As citações deste parágrafo podem ser conferidas entre 0:01 e 0:15 e 2:50 e 3:06.

⁴⁵⁷ HISTORIAR-SE. O Brasil Paralelo produz história? *YouTube*, 23 mar. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/R71LxS5FhD8>. Acesso em: 31 mai. 2023.

⁴⁵⁸ MORAES; CLETO. *op. cit.* p. 11-14.

brasileira, nos anos 1850, está diretamente relacionada a uma perspectiva de futuro. Varnhagen foi protegido de D. Pedro II e cumpriu bem a missão de produzir uma história sem dissensos, de orgulho nacional e, sobretudo, de formatação de uma identidade brasileira assentada sobre os pilares erigidos pelos colonizadores portugueses, tornando o Brasil independente mera continuidade de um projeto iniciado pela Coroa.⁴⁵⁹

Para Olavo de Carvalho, já no primeiro episódio, que delimita os anseios da iniciativa, “a história é a própria identidade nacional” e, ainda, “a identidade nacional é a memória coletiva de feitos realizados em comum, que dão às pessoas um senso da retaguarda das suas próprias vidas, da origem dos seus sentimentos e valores”.⁴⁶⁰ O cronotopo historicista, segundo Estevão Martins, coloca o presente em perspectiva através do passado vislumbrado e de um futuro ainda a ser realizado.⁴⁶¹ Buscando “se resguardar da instabilidade provocada pela ‘aceleração do tempo’”, típica da modernidade, essa narrativa historicizada é marcada, nos termos de Marcelo Rangel e Thamara Rodrigues, “por uma espécie de recurso derradeiro à ideia de progresso”.⁴⁶² Aqui, uma vez mais, cabe recuperar o debate sobre a filosofia da história desenvolvida por Olavo, para quem o cristianismo instaurou, ao apropriar-se do legado greco-romano, um caminho para o progresso da civilização ocidental. Essa busca pela constituição de uma ética humana universalizável, note-se, é elemento chave de distinção entre seu pensamento e outros intelectuais orientados pelo Tradicionalismo, a exemplo de Alexandr Dugin, como vimos anteriormente.

Como em outras produções nesses moldes, há um festival de etnocentrismo. As Cruzadas medievais são o ponto de partida para essa narrativa justamente porque o objetivo da série é inscrever a história do Brasil nessa ofensiva civilizacional do Ocidente, primeiro com a Reconquista do continente europeu — através de uma perspectiva maniqueísta que opõe árabes muçulmanos bárbaros aos europeus civilizados — e, depois, com a própria colonização. De acordo com Rafael Nogueira, “a civilização ocidental é o ponto mais alto que a humanidade

⁴⁵⁹ REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 23-50.

⁴⁶⁰ A Cruz e a Espada. *op. cit.* 3:50.

⁴⁶¹ MARTINS, Estevão Rezende. Historicismo: o útil e o desagradável. In: VARELLA, Flávia; *et. al* (orgs.). *A Dinâmica do Historicismo: Revisitando a historiografia moderna*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011. p. 17.

⁴⁶² RANGEL, Marcelo de Mello; RODRIGUES, Thamara de Oliveira. História e modernidade em Hans Ulrich Gumbrecht. *Revista Redescrições – Revista online do GT de Pragmatismo*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 63-71, 2012.

chegou até agora, e o Brasil é fruto disso”. Esses juízos, claro, também se voltam contra os indígenas no país. Para Thomas Santos, a historiografia teria negligenciado um conjunto de evidências robustas sobre a brutalidade dos povos originários. “Uma sociedade que tem esse costume”, Olavo então o complementa, “não é um primor de moralidade”. De acordo com ele, “o parâmetro ocidental é racionalmente defensável. Você tem dois milênios de tradição, de argumento, exame, análise etc. e etc. E a cultura indígena não tem sequer alfabeto”.⁴⁶³

Para Narloch, a culpa desse atraso civilizacional seria do isolamento vivido pelos indígenas:

A América ficou isolada. E acontece muito com sociedades humanas: quando ela fica isolada, ela emburrece. Ela fica pobre culturalmente. Então quando a gente teve essa reconexão dos americanos com os europeus, isso foi dos episódios mais extraordinários da história do mundo.⁴⁶⁴

Clístenes Hafner Fernandes então explica a colonização por meio de uma metáfora musical. Ao entrevistador, diz que os jesuítas levaram os índios “do paleolítico ao barroco em 20 anos”: “a música desses índios aqui tem 4 notas, meu Deus. Vamos ensinar aqui uma escala de 12 notas”.⁴⁶⁵ Esses preceitos reproduzem tendências importantes da historiografia brasileira do século XIX, para as quais os indígenas do país eram primitivos demais até em comparação com outras sociedades ancestrais.⁴⁶⁶ Nos termos de Thomas Giulliano, “na verdade, quem civiliza o Brasil, que antes tinha características bárbaras, pré-históricas, foram os portugueses”.⁴⁶⁷

Essa conclusão está presente no trecho que discute a ocupação holandesa em Pernambuco, rechaçando as teses que ressaltam seu legado positivo ou as especulações sobre como poderia vir a ser o Brasil se integralmente colonizado pelos holandeses. Aqui, a produção identifica-se com a historiografia militar, que, como visto no primeiro capítulo, enxerga as Batalhas de Guararapes como marco fundador da instituição e da própria identidade brasileira. No site da Brasil Paralelo,

⁴⁶³ BRASIL PARALELO. Capítulo 2 - A Vila Rica | Brasil - A Última Cruzada. *YouTube*, 18 out. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/svViHH8IBVg>. Acesso em: 13 dez. 2023. 29:19.

⁴⁶⁴ *Ibid.* 9:45.

⁴⁶⁵ *Ibid.* 28:55.

⁴⁶⁶ ARAUJO, Valdei. A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845). São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008. p. 160 e seguintes.

⁴⁶⁷ A Vila Rica. *op. cit.* Ver entre 41:33 e 42:56.

um artigo sobre o tema define os conflitos como um evento em que “portugueses, africanos e indígenas trabalharam juntos, criando o sentimento de união entre os povos que formariam o povo brasileiro”.⁴⁶⁸

A BP, como já dito, costuma fazer das entrevistas a base do argumento de suas produções, mobilizando, no caso da história, poucas fontes para subsidiar sua narrativa. Em *Brasil - A Última Cruzada*, duas exceções chamam a atenção. A primeira remete ainda à listagem de incivildades praticadas pelos indígenas contra os portugueses. Sobre estas, Thomas Santos lê passagens de escritos jesuítas da época, sem nenhum exercício de contextualização. A trilha, que evoca gravidade, acompanha permanentemente sua fala.⁴⁶⁹ No segundo caso, já durante o quarto episódio, nominado “Independência ou Morte”, o hino imperial surge não como objeto a ser escrutinado, mas como trilha sonora para emoldurar o conteúdo do texto, profundamente elogioso à monarquia.⁴⁷⁰ Esse esforço para delimitar sua ancestralidade na Europa lusitana, aliás, induz à produção de uma história que é simpática à colonização e, ao mesmo tempo, também à independência e aos dois reinados a partir dela. Numa declaração entusiasmada, Thomas Giulliano diz que “a nossa história monárquica é uma história rica [...]. Rica porque nós conseguimos fabricar, em profusão, grandes homens”.⁴⁷¹

Uma característica importante de uma conduta temporal atualista, comum nos revisionismos problemáticos ou ideológicos, é a produção de narrativas sobre o passado que possam ser politicamente instrumentalizadas no presente, ainda que não necessariamente do ponto de vista partidário. O atualismo torna compreensível, por exemplo, a curiosa explicação conferida pela série para a rápida conquista da Península Ibérica pelos árabes durante a Alta Idade Média. Segundo o entrevistado Rafael Vitola Brodbeck, ela teria ocorrido porque os visigodos se recusaram a armar a população romana local.⁴⁷² Brodbeck é delegado da Polícia Civil e autor de diversos manifestos armamentistas.⁴⁷³

⁴⁶⁸ LEMOS, Flávio. Veja a importância da Batalha dos Guararapes. *Brasil Paralelo*, 8 set. 2022. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/batalha-dos-guararapes>. Acesso em: 22 mai. 2023.

⁴⁶⁹ A Vila Rica. *op. cit.* 29:19.

⁴⁷⁰ BRASIL PARALELO. Capítulo 4 - Independência ou Morte | Brasil - A Última Cruzada. *YouTube*, 21 dez. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/YpjDmTdsJac>. Acesso em: 13 dez. 2023. 39:21.

⁴⁷¹ BRASIL PARALELO. Capítulo 5 - Brasil - O Último Reinado | Brasil - A Última Cruzada. *YouTube*, 20 mar. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/J8hnQcNyoXU>. Acesso em: 13 dez. 2023. 4:56.

⁴⁷² A Cruz e a Espada. *op. cit.* 11:10.

⁴⁷³ Um deles, também publicado pelo site Mídia Sem Máscara, de Olavo de Carvalho, pode ser conferido em RIBEIRO, Daniel. Legítima defesa: uma questão de dignidade. *Instituto Defesa*, 9 mai.

É sob essa perspectiva que deve ser compreendida a relação da série com a escravidão negra. Apesar de ter ocupado oficialmente três séculos e meio da história do Brasil, a escravização de africanos e seus descendentes ocupa pouco espaço na produção. Cerca de 20 minutos, entre o segundo e o quinto episódios, a abordam, mas com dois principais objetivos. O primeiro deles consiste em combater a historiografia profissional dedicada ao tema, tida como excessivamente simplista ao analisar o fenômeno. Para relativizar sua brutalidade no país, a *Brasil Paralelo* detalha aspectos envolvendo a escravidão praticada por muçulmanos na África. Olavo de Carvalho diz que:

A escravidão muçulmana é um assunto relativamente recente na pesquisa historiográfica. Tem um livro que eu recomendo de um historiador africano chamado Tidiane N'Diaye, que chama “Le génocide voilé” – “O genocídio velado” –, que é a desgraça que a escravidão muçulmana fez na África [...]. Os muçulmanos preferiam comprar mulheres e, quando compravam homens, capavam. Porque eram, em grande parte, para finalidade sexual.⁴⁷⁴

Como vimos anteriormente, a produtora mobiliza para isso depoimentos até do intelectual africanista Alberto da Costa e Silva:

O escravo na África era enterrado com a corda amarrada no pescoço. Esticavam a corda para fora do enterro, para ser puxada para fora quando fosse necessário. Quando morria um chefe em algumas regiões da África, isso poderia significar que seriam mortos 20, 30, 40, 50 escravos para acompanhar, no outro mundo, aquele chefe que havia morrido.⁴⁷⁵

Sobre a escravidão negra no Brasil mesmo, nada além desse exercício de contestação da historiografia profissional. Paulo Cruz, professor de história que mais tarde passou a assinar colunas para a *Gazeta do Povo*, contesta a tese de que a escravidão no país era racial:

[A escravidão] não é racial. Ela se torna racial no século XIX. Quando surgem as teses eugenistas, é que aí se usa essa questão de tentar ligar ou associar o africano ou o descendente de africano ao escravo. Mas isso é muito tardio. Então não era [racial]. Foi uma escravidão,

2013. Disponível em: <https://www.defesa.org/legitima-defesa-uma-questao-de-dignidade/>. Acesso em: 31 mai. 2023.

⁴⁷⁴ A Vila Rica. *op. cit.* 37:13.

⁴⁷⁵ *Ibid.* 37:42.

primeiro, de oportunidade. Tanto é que não era difícil você encontrar negros que se tornavam senhores e que tinham seus escravos também. Então, quer dizer, dentro de uma economia escravista, se eu sou senhor de engenho, eu também tenho escravos.⁴⁷⁶

Aqui, mais uma vez, é acionado o dispositivo pelo qual as novas direitas radicais buscam se colocar nesse debate. É insistente a menção à escravização de negros por outros negros. Ao escalar Paulo Cruz para a formatação de sua narrativa, um intelectual conservador negro, a Brasil Paralelo também busca curto-circuitar uma noção amplamente acionada pelas esquerdas contemporâneas nas guerras culturais, o “lugar de fala”.⁴⁷⁷ Thomas Giulliano, aparentemente o único mais preocupado com o destaque para as nuances, complementa:

A alforria era uma concessão do senhor, mesmo que o negro tivesse dinheiro para pagá-la. Aí nós temos um problema: não conseguiram comprar a sua alforria. ‘Pois bem, tenho esse dinheiro e vou investir nesse capital’. Comprava escravos. E tinham essa possibilidade. E nós temos casos – percebiam o nível de especificidade da nossa escravidão – de antigos escravos que pagavam sua alforria com seus próprios escravos. Claro que são casos que são minoritários no sentido da história da escravidão como um todo, mas são especificidades que não são comentadas, que não são debatidas.⁴⁷⁸

Outro objeto de grande atenção da série é a relação da família real com o escravismo, especialmente durante o segundo reinado, já no quinto episódio. Seu principal objetivo é o de enaltecer o Império, celebrando a condução da questão por Dom Pedro II. Para o entrevistado Gastão Reis, a lentidão do processo de abolição demonstraria “que houve um cuidado no sentido de encaminhar uma solução a médio e longo prazo”.⁴⁷⁹ Bruno Garschagen, Narloch e Luiz Felipe D’Ávila — este candidato à presidência pelo Partido Novo em 2022 — mencionam a América espanhola e os Estados Unidos como exemplos de caos social diante da libertação repentina.⁴⁸⁰

Para Rafael Nogueira, a primeira lei efetivamente rigorosa em relação à escravidão data do Segundo Reinado:

⁴⁷⁶ A Vila Rica. *op. cit.* 34:58.

⁴⁷⁷ Entre muitas produções, destaca-se RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

⁴⁷⁸ A Vila Rica. *op. cit.* Ver entre 35:39 e 36:17.

⁴⁷⁹ O Último Reinado. *op. cit.* 48:28.

⁴⁸⁰ *Ibid.* 49:47.

Em 1850, aí sim tem a famosa lei Eusébio de Queiróz, que, aquela, não foi pra inglês ver. O governo resolveu cobrar. A partir de então o tráfico estava extinto. E depois nós temos a lei que dizia que todo negro nascido de mãe escrava seria então livre, que é a lei do Ventre Livre.⁴⁸¹

Segundo Paulo Cruz, o Império era mesmo abolicionista:

A abolição sempre foi um tema que ficou na cabeça do imperador e da princesa Isabel. Muitas daquelas figuras do parlamento brasileiro e também das figuras públicas encabeçaram o movimento e o Império sempre veio junto com esse movimento.⁴⁸²

A libertação generalizada só não teria ocorrido porque, além da preocupação com a estabilidade, “era uma causa social, era uma causa popular, mas, ao mesmo tempo, era uma causa que você, ao defendê-la, tinha muito a perder”, justifica Thomas Giulliano, para quem “a forma como ela [a escravidão] foi superada é motivo de orgulho”.⁴⁸³

Para Garschagen, já que não podia se mover pela abolição, a forma de D. Pedro II lidar com a questão era através do exemplo:

Dom Pedro II, inclusive, para que o seu exemplo público fosse visto como um símbolo abolicionista, ele não andava com escravos na rua. Ele mandou abolir aquela coisa de andar com escravos carregando ele. Então ele, pelo exemplo, ele tentava contagiar a sociedade brasileira e os próprios escravocratas para que a abolição fosse uma realidade.⁴⁸⁴

Como mostram os discursos de D. Pedro II nas “Falas do Trono”, pronunciados na abertura e no fechamento dos trabalhos parlamentares e analisados por Mauro Henrique Miranda de Alcântara em sua dissertação de mestrado, a posição do imperador sobre o tema esteve muito longe disso. Sua tímida evocação ao longo da segunda metade do século XIX demonstra uma preocupação de equilíbrio entre as diferentes forças políticas em jogo, ora mais alinhada com as pressões conservadoras, que buscavam retardar o processo, ora mais em sintonia com as tendências abolicionistas. Entre as palavras-chave desses discursos, estão “progresso”, “civilização”, “desenvolvimento moral e espiritual”,

⁴⁸¹ *Ibid.* 47:48.

⁴⁸² *Ibid.* 46:34.

⁴⁸³ *Ibid.* 48:54.

⁴⁸⁴ *Ibid.* 46:53.

“patriotismo” e “religião”. A dimensão humanitária da questão escravista, mesmo, esteve ausente.⁴⁸⁵

Para *A Última Cruzada*, no entanto, o papel de D. Pedro II é similar ao atribuído pelas novas direitas a seus líderes populistas no presente, qual seja, o de sujeitos notáveis que estariam combatendo o sistema, mesmo quando o integram e até em posição de vantagem, como chefes do executivo federal em sistemas presidencialistas, a exemplo de Jair Bolsonaro. Essa relação presente e passado também está na abordagem da Brasil Paralelo sobre a atuação da princesa Isabel, como se vê no vídeo “A mídia esconde os fatos envolvendo a princesa Isabel e a abolição da escravidão?”, lançado às vésperas do bicentenário da Independência e para divulgar uma nova versão da série.⁴⁸⁶

Num artigo de 2007, a historiadora Suely Robles Reis de Queiróz destaca o peso dado à violência como ponto fulcral de oposição entre historiadores da escravidão no Brasil. Há aqueles, como Gilberto Freyre, que a tratam como fundamentalmente benevolente.⁴⁸⁷ Embora revolucionário no método e na superação do paradigma racista da intelectualidade que via a mestiçagem como sinônimo de atraso, Freyre acabou por fornecer subsídios para a consolidação do mito da democracia racial no Brasil, servindo até de álibi para Salazar justificar o colonialismo português no século XX.⁴⁸⁸ E também há aqueles, por outro lado, signatários e tributários da Escola Paulista de Sociologia, como Fernando Henrique Cardoso, Otávio Ianni e Emília Viotti da Costa, sob a liderança intelectual de Florestan Fernandes, que praticamente só reconheciam a escravidão negra em situações-limite, como fugas, suicídios, assassinatos de senhores e revoltas. Fortemente influenciados por historiadores marxistas norte-americanos que buscavam o que havia de comum nas diferentes experiências escravistas a partir do modelo anglo-saxônico, tomavam a escravidão como um sustentáculo do mercado

⁴⁸⁵ ALCÂNTARA, Mauro Henrique Miranda de. *D. Pedro II e a emancipação dos escravos*. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013. p. 118-151.

⁴⁸⁶ BRASIL PARALELO. A mídia esconde os fatos envolvendo a princesa Isabel e a abolição da escravidão? *YouTube*, 13 ago. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/liKvt2VWrZM>. Acesso em: 2 jun. 2023.

⁴⁸⁷ QUEIRÓZ, Suely Robles Reis de. A escravidão negra em debate. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 103-117.

⁴⁸⁸ PINTO, João Alberto da Costa. Gilberto Freyre e a intelligentsia salazarista em defesa do Império Colonial Português (1951-1974). *História*, Franca, v. 28, n. 1, p. 445-482, 2009.

que, por fim, levou os sujeitos escravizados à coisificação. Daí a leitura a partir de uma perspectiva traumática.⁴⁸⁹

A partir dos anos 1980, no entanto, um importante movimento de renovação se desdobrou do próprio marxismo para oferecer outras leituras possíveis acerca do fenômeno, admitindo subjetividades e outras modalidades de resistência. Manolo Florentino e José Roberto Góes, por exemplo, lançaram mão do conceito de “negociação” para pensar estratégias adotadas por senhores e escravos para assegurar vantagens nessa relação, ainda que reconhecendo sua assimetria. Em 1999, o livro *Na senzala, uma flor*, do historiador americano Robert W. Slenes, causou grande repercussão ao responder criticamente ao olhar etnocêntrico de viajantes europeus no Brasil, como Charles Ribeyrolles, para quem não havia flores nas senzalas — uma evidência da ausência de memórias e da perspectiva de futuro entre os negros escravizados.⁴⁹⁰ Essa corrente, distante das elaborações racistas oitocentistas mas também da historiografia brasileira predominante nas décadas de 1960 e 1970, chegou a ser acusada de reabilitar a escravidão pelos marxistas mais ortodoxos.⁴⁹¹ O aprofundamento da historiografia brasileira sobre o tema extrapola os limites desta tese, mas mesmo uma síntese rápida como a que foi possível fazer nesta seção evidencia o quão caricata é a interpretação oferecida pela série. Afinal, de que historiografia a Brasil Paralelo está falando quando critica a história que se conta sobre a escravidão? Não se sabe, mas provavelmente tem a ver com a Escola Paulista de Sociologia. De todo modo, a produção ignora tendências e dissensos para simplesmente performar seu antagonismo.

Acontece que, junto às transformações no olhar de historiadores sobre o passado escravista no Brasil, também a cultura e a política brasileira apresentavam importantes pontos de inflexão a elas relacionados. Nos anos 1980, os Racionais MCs romperam com a forma de se fazer canção no Brasil, mesmo depois da ascensão da chamada “MPB”. Com uma linguagem direta, inspirada pelos movimentos racialistas que pululavam nos Estados Unidos, esses quatro jovens da periferia de São Paulo fizeram dos seus versos um poderoso instrumento de denúncia. Mas, ao contrário de vozes mais hegemônicas do cancioneiro nacional,

⁴⁸⁹ QUEIRÓZ, *op. cit.*

⁴⁹⁰ PALERMO, Luis Claudio. Uma análise sobre aspectos da historiografia da escravidão brasileira pós-1980: permanências, mudanças e matizes no interior dessa tendência. *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*. v. 37, p. 214-235, jul.-dez. 2019.

⁴⁹¹ QUEIRÓZ, *op. cit.*

pautadas por um esforço de encontro, mistura e harmonia, este e outros grupos de roupagem similar adotaram uma postura fundamentalmente anticordial. Num plano mais amplo, seria possível pensar sua atuação como uma antítese também de certos “explicadores do Brasil”, que, na busca por unidade, endossaram a miscigenação em suas sínteses culturalistas.

A performance desses músicos também diverge substancialmente da que caracterizou artistas populares celebrizados pela indústria fonográfica: sempre horizontal, de “mano para mano”, e no princípio marcada por uma precariedade técnica. No palco, rappers também destacaram fronteiras claras de identidade entre “nós”, da periferia, por um lado, e “eles”, que pertencem às elites. As modalidades de ascensão social até então oferecidas pela lógica de mercado já não eram suficientes e novas demandas por reconhecimento se impunham.⁴⁹² Especialmente desde os anos 1970, diferentes entidades do movimento negro pressionavam por mudanças nesse sentido. Do grupo Palmares, de Porto Alegre, por exemplo, surgiu a ideia para a criação do Dia da Consciência Negra, que mais tarde passou a ser comemorado em 20 de novembro.⁴⁹³ A escolha da data indica um enfoque identitário combativo, afinal remete à brutal execução de Zumbi, líder do quilombo dos Palmares, em 1695.

De modo significativo, as mobilizações antirracistas incomodaram severamente o regime militar, que tinha no mito da democracia racial um dos pilares de sua versão da Doutrina de Segurança Nacional. Precisamente aí difundiu-se a noção, ainda hoje corrente, de que o desenvolvimento desta agenda identitária no país configuraria mera importação a serviço de uma conspiração estrangeira. Embora parte das esquerdas tenha pensado parecido na época, os militares atribuíam a proliferação de espaços culturais para celebração da negritude, como os populares bailes soul, à obra do Movimento Comunista Internacional. Um delegado da Polícia Civil do Rio de Janeiro chegou a escrever para o Dops exigindo providências: “É mister lembrar que em nosso país sempre houve harmonia entre brasileiros, independente de raça e religião. A miscigenação de nosso povo —

⁴⁹² BOSCO, Francisco. *A vítima tem sempre razão?: Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro*. São Paulo: Todavia, 2017. p. 31-54.

⁴⁹³ CALDEIRA NETO, Odilon. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. *Antíteses*, v. 2, n. 4, p. 1097-1123, jul.-dez. 2009. Ver nota 14.

branco, preto, índio — segundo Gilberto Freyre, em ‘Casa Grande e Senzala’, é um privilégio”, disse.⁴⁹⁴

Com o fim da ditadura e a consolidação da Nova República após o impeachment de Collor, o Estado brasileiro passou a mover-se, ainda que timidamente, ao encontro das demandas desses movimentos. Fernando Henrique Cardoso, um dos sociólogos mais destacados da Escola Paulista, discípulo de Florestan Fernandes e pesquisador da escravidão no Brasil, deu início a uma série de ações afirmativas com recorte racial, criando, já em 1995, o Grupo de Trabalho Interministerial Para a Valorização da Mulher Negra. No ano seguinte, o Programa Nacional dos Direitos Humanos tinha como uma de suas diretrizes apoiar ações da iniciativa privada no sentido do que chamou de “discriminação positiva” e, além disso, determinou ao IBGE que mulatos, pardos e pretos fossem considerados negros. O Programa Nacional de Ações Afirmativas, este no final de seu segundo mandato presidencial, estabelecia metas percentuais para mulheres, pessoas com deficiência e afrodescendentes em órgãos da administração pública federal. Para Ali Kamel, FHC institucionalizou uma “nação bicolor”. Lula deu prosseguimento a esse processo e, além de criar a Secretaria de Igualdade Racial, tornou obrigatória a adesão das universidades federais ao sistema de cotas, que logo se estenderia a outras instituições de ensino e também a concursos públicos.⁴⁹⁵

Como era de se esperar, o passado escravista brasileiro tornou-se então objeto de disputas cada vez mais intensas. As direitas reagiram institucionalmente e também no debate público. Em 2009, o partido Democratas (DEM) ingressou com uma ação de inconstitucionalidade no Supremo Tribunal Federal contra o sistema de cotas da Universidade de Brasília.⁴⁹⁶ Este é também o ano de lançamento do primeiro “guia” de Narloch, com destaque para a mencionada controvérsia envolvendo Zumbi e a escravidão entre africanos. Demétrio Magnoli, articulista de grande prestígio em veículos da imprensa brasileira, publicou *Uma gota de sangue*, com posição contrária à adoção de ações afirmativas pautadas pelo critério da raça a partir de diversos exemplos pelo mundo. Durante o lançamento da obra, na livraria

⁴⁹⁴ PEDRETTI, Lucas. Documentos mostram como a ditadura negou o racismo - e o mesmo argumento é usado até hoje. *The Intercept Brasil*, 3 out. 2023. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2023/10/03/documentos-mostram-como-a-ditadura-negou-o-racismo-e-o-mesmo-argumento-e-usado-ate-hoje/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

⁴⁹⁵ BOSCO. *A vítima tem sempre razão?*. op. cit. 53-54.

⁴⁹⁶ SANTOS, Débora. STF decide, por unanimidade, pela constitucionalidade das cotas raciais. *G1*, 26 abr. 2012. Disponível em: <https://glo.bo/1mPOZ48>. Acesso em: 31 mai. 2023.

Cultura de Brasília, o autor compôs a mesa apenas com integrantes brancos de orientação similar e o evento acabou em bate-boca.⁴⁹⁷ Ali Kamel, diretor de jornalismo da Globo, já havia publicado, em 2006, o famoso livro *Não somos racistas*, justamente em oposição à ideia de uma “nação bicolor”. À época, predominaram na mídia mainstream artigos contrários à política de cotas, como mostra um importante levantamento do sociólogo Luiz Augusto Campos, notadamente nos casos de *O Globo* e *Folha*.⁴⁹⁸ O tema do racismo ganhou força novamente no debate público quase duas décadas depois, com o movimento Black Lives Matter e, especificamente no Brasil, com a revisão da lei de cotas, em 2022.⁴⁹⁹

Dessa forma, é também mirando nas políticas de reparação histórica étnico-racial que *Brasil - A Última Cruzada* se debruça sobre a temática da escravidão negra, como admite um dos entrevistados no episódio dois.⁵⁰⁰ Não se trata, como um olhar mais açodado poderia sugerir, de um exercício de reabilitação da prática escravista. Por outro lado, não restam dúvidas de que a série está longe de produzir aquilo que Traverso chamou de “revisionismo fecundo”. Politicamente orientada pelo presente, a relação com as fontes deixa claro o intento de colocar o passado à sua disposição. A produção prefere, nesse sentido, tratar a escravidão como uma “mancha moral”, a despeito daqueles que o encaram a partir de uma dimensão estrutural. Se nas produções progressistas a respeito, como vimos no caso da série documental *Guerras do Brasil.doc*, o olhar sobre o passado é orientado pelo reconhecimento de uma injustiça com recorte racial no presente, a BP parece ter como norte justamente a desarticulação das políticas públicas afirmativas da Nova República.

Para a BP, a relação com o passado tem sempre uma dimensão afetiva ou porque pautada pelo desejo de espelhar-se nos heróis e de combater os vilões de outrora ou, no mínimo, porque nascida de um profundo sentimento de rejeição àqueles que ajudaram a consolidar outra memória. Tudo indica serem as duas coisas no caso da série sobre a história geral do Brasil. No caso do documentário da

⁴⁹⁷ CÂMARA DOS DEPUTADOS. Raça Humana: bastidores das cotas raciais na UnB [2010]. *YouTube*, 5 jan. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/fCcyahMDBk>. Acesso em: 27 dez. 2023.

⁴⁹⁸ CAMPOS, Luiz Augusto. *Em busca do público: a controvérsia das cotas raciais na imprensa*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.

⁴⁹⁹ *Id.* A reemergência do debate racial na grande imprensa. *Nexo*, 6 nov. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2021/A-reemerg%C3%Aancia-do-debate-racial-na-grande-impress%C3%A3o>. Acesso em: 31 mai. 2023.

⁵⁰⁰ A Vila Rica. *op. cit.* 43:25.

ditadura, como há um esforço de desidentificação com o regime, predomina a vocação reivindicada por restabelecer a verdade perdida em algum lugar no meio do caminho.

Esse “meio do caminho” é a memória tida como vencedora dos eventos decorrentes de 1964. Não deve ser coincidência, obviamente, o subtítulo de *1964 - O Brasil entre armas e livros*. Afinal, estes são os alvos da *Brasil Paralelo* no documentário — ao menos as armas e os livros das esquerdas. Em entrevista sobre o lançamento ao programa *The Noite*, do apresentador Danilo Gentili, no *SBT*, o sócio-fundador da produtora Lucas Ferrugem explica qual seria o papel da obra:

O que ele busca fazer justamente é equilibrar... a propaganda política que está tendo no momento é muito forte, então a gente tem que tentar buscar a verdade nisso. E o documentário tem esse intuito de tirar o panfleto político, tirar essa carga ideológica que teve no período.⁵⁰¹

Adiante, o mesmo Ferrugem explica por que haveria essa “carga ideológica”:

Teve um certo desgaste no regime militar, com todas as políticas do Estado que eles tiveram, algumas repressões, censura, guerra civil entre os guerrilheiros que queriam uma ditadura comunista e os militares [...] e isso foi muito debatido em alguns meios acadêmicos e universitários e serviu também de propaganda para pegar aquele público que estava receoso com uma inflação, que estava cansado desse modelo político, queria outra coisa e aí eles passaram *numa pílula só* todas essas respostas e acabou formando muita gente e isso ficou a narrativa padrão. E existe hoje um certo fanatismo [...] de tentar adequar tudo que é dito dentro de uma *narrativa de inimigo ou amigo*. E quando a gente chegou falando que ia buscar a verdade, foi logo entendido: vocês são inimigos.⁵⁰²

Note-se que a *Brasil Paralelo* identifica o funcionamento da lógica amigo-inimigo no debate público contemporâneo, mas a atribui justamente ao campo inimigo, reivindicando para si uma abordagem mais ponderada. Contra a única pílula da ideologia — supõe-se que a azul —, tem a oferecer a da verdade.

Entre as principais reclamações dos sócios no programa, está o juízo açodado, feito por diversas publicações do jornalismo profissional, de que o

⁵⁰¹ THE NOITE COM DANILLO GENTILI. Entrevista com os produtores de “1964: o Brasil entre armas e livros”. *YouTube*, 6 abr. 2019. Disponível em <https://youtu.be/-cbyRJnZExk>. Acesso em 27 dez. 2023. 5:38.

⁵⁰² *Ibid.* 6:08. Grifos meus.

documentário cumpriria o papel de defender o legado da ditadura militar. Cabe ao mesmo Ferrugem o papel de negar o pressuposto com veemência: “De forma alguma. É dito no meio do documentário que teve um golpe e é extensa a lista de críticas feitas ao período militar”.⁵⁰³

Ainda discutiremos de maneira mais pormenorizada as caracterizações do golpe na obra e as críticas ao regime, mas os produtores têm um ponto: quando saíram essas avaliações na imprensa, o documentário sequer havia sido lançado ou previamente distribuído para a crítica especializada. Ao verem-no incensado por figuras graúdas do bolsonarismo, como o filho Zero Três do presidente, jornalistas rapidamente bancaram seu caráter pró-ditadura, a exemplo da matéria “Filho de Bolsonaro divulga documentário que defende a ditadura”, publicada no início de fevereiro de 2019 — quase um mês antes da estreia, portanto.⁵⁰⁴

A Brasil Paralelo, antagonista profissional da mídia mainstream, aproveitou o episódio para capitalizar, utilizando para isso todos os meios à sua disposição, incluindo uma improvável incursão *nos* e *contra* os próprios jornais. Através da 6ª Vara Cível de Porto Alegre, a produtora obteve um direito de resposta ao *Globo*, a quem acusou de produzir conteúdo “flagrantemente difamatório”. O texto de Sérgio Roxo e Francisco Leali trazia, além do diagnóstico antecipado, afirmações como “a Brasil Paralelo não é uma ONG nem uma empresa”. A partir dos deslizes, a produtora aproveitou para dizer o que queria, incluindo as já mencionadas alegações de imparcialidade, e ainda de quebra reforçar sua cruzada contra os públicos dominantes.⁵⁰⁵

A reação apressada desses personagens, não restrita exclusivamente ao jornalismo, tem sua razão de ser. O regime militar constitui presumivelmente a temática mais sensível para defensores de direitos humanos das mais diversas orientações no Brasil. Ao ver uma produção que promete desmentir tudo o que se sabe a respeito do tema sendo divulgada por notórios apologistas do autoritarismo militar, ainda mais no alvorecer de um governo todo ocupado por estes, muitas podem ser as induções: das menos nobres, como a busca por engajamento em um

⁵⁰³ *Ibid.* 5:32

⁵⁰⁴ ROXO, Sérgio; LEALI, Francisco. Eduardo Bolsonaro divulga documentário que defende a ditadura. *O Globo*, 5 fev. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/filho-de-bolsonaro-divulga-documentario-que-defende-ditadura-23431083>. Acesso em: 10 jun. 2023.

⁵⁰⁵ DIREITO de Resposta Brasil Paralelo. *O Globo*, 25 jun. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/direito-de-resposta-brasil-paralelo-23761972>. Acesso em: 10 jun. 2023.

espaço público cada vez mais condicionado às dinâmicas próprias das redes sociais, às mais legítimas, como o instinto de autopreservação diante de uma múltipla escalada autoritária.

Para responder à pergunta “a Brasil Paralelo defende a ditadura?”, é preciso antes esquadrihar as memórias do regime e a quais delas eventualmente se filiam a produtora, uma tarefa instigante que exige distanciamento duplamente desafiador: como sugerido, em primeiro lugar por tratar de um objeto tão delicado, afinal muitos dos envolvidos ainda estão vivos e carregando as marcas desse passado que insiste em não passar, e, segundo, por ser protagonizada por fiadores, ainda que parciais, de um robusto projeto político que, no presente, trata a ditadura como utopia.

10. A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA HEGEMÔNICA DO REGIME MILITAR

A despeito do entendimento consagrado entre olavistas,⁵⁰⁶ não é possível falar em uma história ou memória oficiais do regime militar no Brasil. A heterogeneidade da coalizão — logo fraturada — que tomou de assalto Brasília em 1964 dificultou essa constituição entre as próprias direitas, que tinham pouco em comum além do anticomunismo conservador como elemento aglutinador. Nas esquerdas, o Partido Comunista Brasileiro resolveu atribuir o golpe ao radicalismo brizolista, que por sua vez nunca engoliu o “aliancismo” pecebista e sobretudo a inação de Goulart diante do levante militar. Os debates subsequentes em torno das questões envolvendo luta armada seguiram mais ou menos próximos dos mesmos dilemas. Nos anos 1980, o Partido dos Trabalhadores, representante de uma nova esquerda impulsionada pela pujança do movimento operário, responsabilizou todos os seus antecessores.⁵⁰⁷

Isso não impediu, no entanto, a formatação de uma memória hegemônica, de caráter social, elaborada especialmente por atores da imprensa, das universidades, das artes e dos movimentos sociais. Para o historiador Marcos Napolitano, a história da memória social do regime militar brasileiro tem quatro fases: de 1964 a 1974, quando o golpe ainda era considerado um processo em aberto por seus agentes e fiadores; de 1974 a 1994, quando se constituiu uma memória crítica ao autoritarismo militar; de 1995 a 2003, quando esta última passou a ser incorporada por políticas de Estado; e de 2003 até os dias de hoje, quando o debate público se viu inundado por iniciativas de revisionismo ideológico.⁵⁰⁸

A coletânea *Idos de Março e a Queda em Abril*,⁵⁰⁹ coordenada por Hélio Pólvora já no mês seguinte ao golpe, reúne artigos de diversos jornalistas do *Jornal do Brasil* que, a despeito de algumas diferenças de enfoque e tom, acabam por justificar a derrubada de João Goulart, tida como resultado da radicalização política das esquerdas e da incapacidade política do presidente. Em geral, são prestigiadas fontes militares e, mesmo com certo esforço de distanciamento, as conclusões dos

⁵⁰⁶ CARVALHO, Olavo de. A história oficial de 1964. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 19 jan. 1999. <https://olavodecarvalho.org/a-historia-oficial-de-1964/>. Acesso em: 15 fev. 2023

⁵⁰⁷ NAPOLITANO, Marcos. *História do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 282-283.

⁵⁰⁸ NAPOLITANO, Marcos. Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. *Antíteses*, Londrina, v. 8, n. 15esp., p. 09-44, nov. 2015.

⁵⁰⁹ DINES, Alberto; *et al.* *Os idos de março e a queda em abril*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1964.

autores sobre o desenrolar dos fatos assemelha-se muito às do regime recém-implantado. Alberto Dines, que mais tarde se notabilizaria como um dos críticos mais contundentes da ditadura na imprensa, já aponta, em seu texto, para as arbitrariedades da repressão, mas mesmo estas são tomadas como uma espécie de remédio amargo necessário para o contexto.⁵¹⁰

Como sugere a filiação dos autores, o conteúdo de *Idos de Março* apresenta grande afinidade com as interpretações dadas pelos grandes jornais da época à ruptura institucional capitaneada pelos militares. O próprio Jornal do Brasil, aliás, foi quem puxou a fila da imprensa liberal que passou a exigir a cabeça de Jango.⁵¹¹ Via de regra, os veículos de jornalismo de maior expressão já viam o presidente com resistência desde a problemática sucessão de Jânio Quadros e, apesar dos momentos de apaziguamento, combateram o reformismo janguista e celebraram efusivamente o golpe. A única exceção digna de nota é o diário *Última Hora*, fundado em 1951 pelo jornalista Samuel Wainer e abertamente simpático ao trabalhismo varguista — o que motivou a vandalização de suas sedes pelos golpistas.⁵¹²

De maneira geral, a posição institucional dos jornais nos primeiros anos de ditadura também reproduz boa parte da perspectiva oferecida pelo próprio governo, como se pode verificar pelo léxico utilizado. O termo “revolução”, por exemplo, predominante até o fim dos anos 1970, ajudou a escamotear por um bom tempo o caráter golpista da intervenção. Além de partilhar com os militares a genuína repulsa por João Goulart e pelos radicais a ele associados, a imprensa liberal também acreditava que, por ter bancado a derrocada esquerdista, teria cadeira cativa para ditar os rumos do regime, como bem demonstra o professor Napolitano num artigo que avalia diferentes editoriais de aniversário do golpe em *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo* durante todo o período.⁵¹³

O aumento da repressão, simbolizado pelo Ato Institucional n.º 5, que atingiu setores até então poupados da oposição liberal, como juristas de renome,

⁵¹⁰ AMADO, João. Da redação do Jornal do Brasil para as livrarias: os idos de março e a queda em abril, a primeira narrativa do golpe de 1964. 249 f. Dissertação (Mestrado em História Política) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. p. 230-232.

⁵¹¹ NAPOLITANO. *História do regime militar brasileiro*. op. cit. p. 45.

⁵¹² DANTAS, Audálio. A mídia e o golpe militar. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 28, n. 80, p. 59-74, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/79683>. Acesso em: 11 jun. 2023.

⁵¹³ NAPOLITANO, Marcos. A imprensa e a construção da memória do regime militar brasileiro (1965-1985). *Estudos Ibero-Americanos*, vol. 43, n. 2, p. 346-366, mai.-ago. 2017.

catedráticos universitários, donos e diretores de grandes jornais,⁵¹⁴ colaborou enormemente para um exercício de revisão das camadas médias sobre o apoio concedido ao regime. Apesar de comedidas, as sinalizações ao caráter ditatorial do governo militar já se faziam presentes na imprensa desde o final do mandato de Castelo Branco e precisaram aperfeiçoar sua ginástica retórica com a escalada da censura. *O Estado de S. Paulo*, por exemplo, mesmo tendo sido apoiador de primeira hora do golpe, viveu quase dois anos e meio de censura prévia. Ao mesmo tempo, crescia a sensibilidade da sociedade civil aos cadáveres da ditadura, muito graças ao envolvimento de estudantes de classe média nos protestos reprimidos pelo regime. O principal elemento estabilizador da opinião pública, nesse contexto, foi o fantasma da luta armada, que justificou — ou ao menos tornou equivalentes — os “excessos” castrenses. Um pouco mais tarde, a euforia com o “milagre econômico” também ocuparia essa trincheira.⁵¹⁵

O ocaso do superciclo de crescimento — este ainda agravado pela crise do petróleo — e da resistência guerrilheira ao regime, no final do mandato Médici, foram decisivos para a inauguração do que Napolitano chama de uma “nova dobra do tempo histórico”, caracterizada por essa inflexão no campo da memória. Se, no fim de seu governo, Castelo Branco era caracterizado como um “ditador”, agora consolidou-se uma visão de que o general era o portador de um projeto desvirtuado pelos rumos autoritários conduzidos pela cúpula militar, como uma consequência indigesta de 1968 e não de 1964, que continuou poupado nesse exercício de revisão. Essa também foi uma maneira que os liberais encontraram para eximir-se da responsabilidade pelo legado de violência que, já se sabia, estava sendo deixado pela ditadura. Para todos os efeitos, a “revolução” continuou sendo celebrada pelos jornais.⁵¹⁶

O início do governo Geisel, posteriormente lembrado como o início da abertura, foi na verdade marcado pelo aumento da repressão. Aliás, a emblemática morte sob tortura do jornalista Vladimir Herzog, da TV Cultura, nas dependências do Doi-Codi, ocorreu já no segundo semestre de 1975, um ano e meio depois da posse. A este trágico evento, somam-se desaparecimentos, prisões clandestinas,

⁵¹⁴ MARTINS FILHO, João Roberto. *O palácio e a caserna: a dinâmica militar das crises políticas na ditadura (1964-1969)*. 239 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. p. 80.

⁵¹⁵ NAPOLITANO. *A imprensa e a construção da memória do regime militar brasileiro (1965-1985)*. *op. cit.*

⁵¹⁶ *Id, ibid.*

outras mortes sob tortura e a manutenção da censura prévia à imprensa, que só arrefeceria a partir de 1976.⁵¹⁷ Foi somente de 1978 em diante que uma agenda efetiva de transição se ocupou em revogar o AI-5, anistiar presos políticos, suprimir o bipartidarismo e, um pouco depois, admitir a eleição direta para governadores.⁵¹⁸ À exceção de *O Globo*, que seguiu fielmente governista até o apagar das luzes do regime, os demais veículos passaram a produzir balanços mais críticos sobre o período, o que não significou, ao menos num primeiro momento, adesão a qualquer iniciativa de ruptura inopinada. Lideranças menos brutas do regime inclusive costumavam ver a imprensa como parceira de um longo processo de autorreforma ditado pelos próprios militares.⁵¹⁹

Seja como for, a segunda metade dos anos 1970 foi fundamental para adensar uma memória hegemônica crítica à ditadura. Essa memória, no preciso resumo de Marcos Napolitano,

em que pese a incorporação de elementos importantes da cultura de esquerda, é fundamentalmente uma memória liberal, que tende a privilegiar a estabilidade institucional e criticar as opções radicais e extrainstitucionais. Essa memória liberal condenou o regime, mas relativizou o golpe. Condenou politicamente os militares da linha dura, mas absolveu os que fizeram a transição negociada. Não por acaso, na memória liberal, Geisel é um quase herói da democracia, enquanto Médici e Costa e Silva são vilões do autoritarismo, por ação ou omissão. Denunciou o radicalismo ativista da guerrilha de esquerda, mas compreendeu o idealismo dos guerrilheiros. Condenou a censura e imortalizou a cultura e artes de esquerda dentro da lógica abstrata da “luta por liberdade”. E, mais do que tudo, a memória liberal autoabsolveu os próprios liberais que protagonizaram o liberticídio de 1964 — na imprensa, nas associações de classe, nos partidos políticos —, culpando a incompetência de Goulart e a demagogia de esquerda pelo golpe.⁵²⁰

Em 1979, os contornos dessa perspectivação sobre o regime foram consagrados pela Lei de Anistia, que oficializou o teor conciliatório da transição, perdoadando os crimes da oposição, mas também garantindo uma saída segura para os militares. A redemocratização, por si só, já era considerada frágil demais para suportar o peso de uma acareação nacional que se desse ao trabalho de produzir

⁵¹⁷ *Id, ibid.*

⁵¹⁸ NAPOLITANO. Recordar é vencer. *op. cit.*

⁵¹⁹ NAPOLITANO. A imprensa e a construção da memória do regime militar brasileiro (1965-1985). *op. cit.*

⁵²⁰ NAPOLITANO. História do regime militar. *op. cit.* p. 286-287.

um balanço para levantar o número de vítimas e eventualmente fornecer subsídios para que os atores políticos avaliassem a melhor saída. Naquele contexto, a opção conciliatória interessava a parcelas substantivas da oposição, que desejava o retorno do exílio, a saída da prisão ou a recuperação dos direitos políticos, e aos governistas, que sabiam que poderiam ser responsabilizados pelas violações cometidas pelo Estado brasileiro durante o período. Entidades de direitos humanos protestaram, é verdade, mas o senso de oportunidade acabou falando mais alto. Além do mais, apesar da deterioração do quadro econômico, com uma escalada vertiginosa da inflação, e da queda na aprovação ao governo, os militares foram muito hábeis no sentido de sugerir que a transição poderia ser abandonada para dar lugar a uma nova guinada autoritária. Essa chantagem não muito sutil lhes garantiu o controle de todo o processo.⁵²¹

Num ensaio publicado pela revista *piauí* em janeiro de 2023, o historiador Lucas Pedretti defende que o sentido da Lei da Anistia, portanto, mais do que garantir a impunidade dos agentes da repressão — ponto pacífico entre historiadores do período —, era varrer para debaixo do tapete o ônus de uma guerra suja contra diversos setores da sociedade brasileira. Os militares mobilizaram pelo menos três vezes a expressão “revanchismo”, que já aparecia em documentos dos órgãos de repressão desde os anos 1970, durante a transição. A primeira foi em 1981, após as estarrecedoras denúncias da militante Inês Etienne Romeu, única sobrevivente do centro de tortura conhecido como “Casa da Morte”, operado pelo Centro de Informações do Exército (CIE) em Petrópolis, no Rio de Janeiro.⁵²²

No ano seguinte, o léxico castrense voltou a dar protagonismo ao termo “revanchismo” para desqualificar a campanha eleitoral da oposição nas eleições gerais, que, com o retorno do multipartidarismo e o aumento da reprovação ao regime, naturalmente viu uma explosão de candidatos de oposição, muitos deles reivindicando sua atuação de resistência como passaporte para as casas de poder. Ao jornal *O Globo*, o ministro Délio Jardim de Matos disse defender a anistia “pois ela significa o perdão, o esquecimento bilateral”. E ainda:

⁵²¹ REIS, Daniel Aarão. As armadilhas da memória e a reconstrução democrática. In: Abranches, Sérgio; *et al.* *Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 274-286.

⁵²² PEDRETTI, Lucas. A conciliação que nos trouxe até aqui. *piauí*, 24 jan. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/conciliacao-que-nos-trouxe-ate-aqui/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

Quando vejo propagandas como ‘Fui cassado, fui exilado’, fico assustado. E não é de hoje que falo em revanchismo, eu falo isso desde antes do governo Figueiredo. Quando vejo um candidato se apresentar dizendo ‘Eu montei um grupo que assaltou banco, eu fui preso’, vejo que eles não esqueceram. Mas anistia é perdão.⁵²³

O repúdio ao “revanchismo” também deu o tom da sucessão ao general Figueiredo, das “Diretas Já!”, que os militares conseguiram derrotar no Congresso, aos preparativos para o início do governo Tancredo Neves, vitorioso no Colégio Eleitoral graças à formação da Aliança Democrática, que reuniu o PMDB e deputados dissidentes do governista PDS. A imprensa liberal foi parceira desse projeto, como destaca Pedretti. Num editorial, *O Globo* elogiou Tancredo por sua “moderação” e “antirevanchismo”, atributos dos quais se orgulhava. O presidente eleito esteve na Espanha para sair de lá com um modelo de transição aos moldes do Pacto de Moncloa, que garantia vida mansa para os agentes do franquismo após a derrocada da ditadura. Como se sabe, o governador mineiro sequer chegou a assumir: foi internado na véspera da posse e morreu cinco semanas depois. E a presidência caiu justamente no colo de José Sarney, governista por nada menos de 19 anos na ditadura — primeiro pelo Arena e depois pelo PDS — e que, junto à Frente Liberal, desertou nos momentos finais.⁵²⁴

Durante seu mandato, Sarney conseguiu a proeza de manter mais quadros diretivos do governo anterior do que os próprios militares nas transições dentro do regime. O presidente recordaria, décadas adiante, que o acordo era de uma passagem com, e não contra, os militares, destacando seu papel de continuidade nos intentos de Tancredo, “sem revanchismo”. Mais do que isso, sua própria assunção foi obra de Leônidas Pires Gonçalves, comandante do III Exército, em Porto Alegre, designado pelo presidente eleito para ser Ministro do Exército. Sarney, inseguro, havia sugerido que o governo fosse tocado por Ulysses Guimarães, mas o general não aceitou. Na Constituinte, a caserna ganhou todas as divididas com os deputados progressistas, incluindo a manutenção de um tradicional dispositivo para Garantia da Lei e da Ordem, fundamental, como veremos, para o retorno de seu protagonismo na vida pública brasileira, e a derrubada de uma investida que buscava declarar a tortura crime imprescritível.⁵²⁵

⁵²³ Ver em *Id, ibid.*

⁵²⁴ *Id, ibid.*

⁵²⁵ VICTOR, Fabio. *Poder camuflado: os militares e a política, do fim da ditadura à aliança com Bolsonaro*. Companhia das Letras. São Paulo, 2022. p. 48-53.

A barreira que os militares tentaram impor contra os testemunhos de opositores foi apresentando fissuras, no entanto. Organizada por Dom Evaristo Arns — voz atuante na defesa dos direitos humanos desde a década de 1970 — a partir de arquivos surrupitados do Superior Tribunal Militar, o livro-denúncia *Brasil: Nunca Mais*, lançado ainda em 1985, deu materialidade a inúmeros depoimentos de presos políticos imputando graves crimes a agentes da repressão. Com grande repercussão na opinião pública, a obra tornou praticamente impossível ignorar as violações cometidas pela caserna.⁵²⁶

Durante a transição, se consolidou a ideia de uma sociedade brasileira, tida como um corpo mais ou menos coeso, vítima do autoritarismo militar. Ela foi importante para incorporar ao novo sistema político todos aqueles personagens que ofereceram alguma resistência ao regime, mesmo os que, como destaca Napolitano, chegaram de última hora, casos de Antônio Carlos Magalhães e José Sarney.⁵²⁷ Foi para responder a essa memória, excessivamente conivente com diversos personagens que instigaram, legitimaram e apoiaram o golpe e o Estado de exceção que dele se seguiu que muitos historiadores têm mobilizado esforços para caracterizar a ditadura como “civil-militar” ou, em algumas variações, “empresarial-militar”, enfatizando seu caráter de classe.⁵²⁸

Possibilitado pela Anistia, o retorno ao Brasil de ex-combatentes do regime também ensejou, durante os anos 1980, a proliferação de memórias produzidas por esses agentes, que passaram a produzir, eles próprios, balanços acerca da experiência. O naco mais popular dessa literatura esteve nas obras que, embora mantivessem o espírito de compreensão ao idealismo dos guerrilheiros, fizeram retrospectivas críticas da luta armada no país.⁵²⁹ Publicado ainda em 1979, *O que é isso companheiro?*, de Fernando Gabeira, especificamente sobre o sequestro do embaixador americano Charles Elbrick pelo Movimento Revolucionário 8 de Outubro e pela Aliança Nacional Libertadora, foi sem dúvidas um dos livros de maior repercussão, servindo como paradigma interpretativo da guerrilha no interior desta memória hegemônica, que logo se fez presente também no cinema.

⁵²⁶ NAPOLITANO. História do regime militar. *op. cit.* p. 291-292.

⁵²⁷ NAPOLITANO. A imprensa e a construção da memória do regime militar brasileiro (1965-1985). *op. cit.* p. 22-23.

⁵²⁸ A exemplo de DREIFUSS, René Armand. *1964, a conquista do Estado*. Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

⁵²⁹ NAPOLITANO. História do regime militar. *op. cit.* p. 291.

O melodrama homônimo, dirigido por Bruno Barreto e lançado nas telonas em 1997, atualizou o depoimento sob uma perspectiva de forte acento teleológico com foco num presente de suposta realização plenamente democrática. Com isso, acabou duramente criticado por outros participantes da experiência e também por quem defende o cinema como ferramenta de diálogo com demandas por uma justiça de transição. Em artigo publicado a quente, o teórico de estudos cinematográficos Ismael Xavier defendeu que o sentido de *O que é isso, companheiro?* era, a pretexto de produzir um olhar neutro sobre os eventos dos “anos de chumbo” e fugir de maniqueísmos simplistas, equiparar as violências de ambos os polos em conflito e, com isso, banalizar o terrorismo de Estado.⁵³⁰ Fernando Seliprandy, em sua dissertação de mestrado em História Social da USP, destaca o excesso de caricaturizações presentes no filme sobre a inocência dos guerrilheiros, representados como jovens ingênuos e sonhadores sem vivência alguma, cuja utopia não se distingue de mera fanfarronice.⁵³¹

Segundo Seliprandy e Napolitano, entre as principais abordagens exploradas pela matriz da “resistência democrática” ao regime, estão, além da leitura da teoria dos “dois demônios” e da “inocência juvenil”, presentes em *O que é isso, companheiro?*, o “isolamento da luta armada”, a “leitura monumentalizante”, o “enfoque sobre as vítimas” e, ainda, a “leitura da ‘luta contínua’” — esta que conecta pautas do presente e do passado.⁵³² Mas outras memórias também estão presentes no cinema brasileiro voltado à ditadura. Nos anos 1990, teve início uma produção documental dirigida por descendentes de militantes, acrescentando importantes camadas de subjetividades nas memórias do período e eventualmente tensionando com os preceitos hegemônicos consagrados.⁵³³ Além desta “memória íntima e familiar”, também se destacam como temas a “contracultura”, o “espectro dos

⁵³⁰ XAVIER, Ismael. A ilusão do olhar neutro e a banalização. *Revista Praga*. São Paulo: Editora Hucitec, v. 3, p. 141-153, set. 1997.

⁵³¹ SELIPRANDY, Fernando. *Imagens divergentes, “conciliação” histórica: memória, melodrama e documentário nos filmes O que é isso companheiro? e Hércules 56*. 230 f. Dissertação (Mestrado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 121-125.

⁵³² NAPOLITANO, Marcos; SELIPRANDY, Fernando. O cinema e a construção da memória sobre o regime militar brasileiro: uma leitura de Paula: a história de uma subversiva (Francisco Ramalho Jr., 1979). In: MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos. *O cinema e as ditaduras militares: contextos, memórias e representações audiovisuais*. São Paulo: Intermeios, 2018. p. 77-100.

⁵³³ SELIPRANDY, Fernando. Documentário e memória intergeracional das ditaduras do Cone Sul. 378 f. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

desaparecidos”, a “experiência do exílio”, “balanço geracional” e o “colaboracionismo civil”.⁵³⁴

⁵³⁴ NAPOLITANO; SELIPRANDY, *op. cit.*

11. CASTELISMO E FEITIÇO KEYNESIANO

Em 1964 - *O Brasil entre armas e livros*, a ditadura militar propriamente dita não tem início com o golpe de 31 de Março, conforme estabelecido pela periodização consagrada entre os públicos dominantes nas memórias social e histórica. Lucas Berlanza, economista que presidiria mais tarde o Instituto Liberal, descreve os anos iniciais de regime como uma “meio-ditadura”:

“então existe uma força — embora ela não tenha o poder total, ela não exerça o poder total —, ela se sente no direito de obrar acima da Constituição. Então você pode falar que é uma meio-ditadura, vamos dizer assim. Uma ditadura abstrata. Uma ditadura iminente, pairando sobre as regras.”⁵³⁵

Tomando como referência a perseguição a Carlos Lacerda, um dos cassados pelo Ato Institucional número 5, o próprio Berlanza tem a oportunidade de se explicar adiante:

O Lacerda é cassado, preso, faz greve de fome. Falam para ele que essa greve de fome não vai dar em resultado nenhum. Ele para, depois ele é solto, mas continua sem os seus direitos políticos. E esse é o fim do Lacerda como político, porque ele não vive para ver os seus direitos políticos serem recobrados. Ou seja, começa a tomar forma, de uma maneira mais definitiva e irresgatável, a aniquilação das lideranças civis. O regime começa a assumir a cara que a linha-dura queria: um regime tecnocrático, um regime dos militares, promovendo desenvolvimento de cima, da sociedade, das instituições e da economia. A partir daí não há como tratar essa situação política, tecnicamente falando, de outra forma que não como uma ditadura. Há uma ditadura militar no Brasil a partir de 1968.⁵³⁶

Essa não é a primeira vez que a periodização de 1964 a 1985 é publicamente questionada. Às voltas com a efeméride de 40 anos do golpe, outros exercícios de revisão buscaram novos enquadramentos possíveis. Um exemplo muito conhecido e debatido é o do historiador Marco Antonio Villa, para quem também somente a partir do AI-5 pode-se falar numa ditadura.⁵³⁷ Outro é o do ex-guerrilheiro e também historiador Daniel Aarão Reis, que entende a Lei da Anistia como marco temporal

⁵³⁵ BRASIL PARALELO. 1964 - O Brasil entre armas e livros. *YouTube*, 2 abr. 2019. Disponível em <https://youtu.be/yTenWQHRPIg>. Acesso em 15 fev. 2023. 1:11:52

⁵³⁶ *Ibid.* 1:30:38

⁵³⁷ VILLA, Marco Antonio. Ditadura à brasileira. *Folha de S. Paulo*, 5 mar. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0503200908.htm>. Acesso em: 24 jun. 2023.

conclusivo do período ditatorial, responsável por inaugurar um longo período de transição até a promulgação da Constituição de 1988.⁵³⁸ Por se presumir nelas uma relativização do Estado de exceção, ambas as noções foram duramente criticadas nos anos a seguir.⁵³⁹

O documentário admite, no entanto, que mesmo a “meio-ditadura” era marcada por desvios da ordem democrática. Para Silvio Grimaldo, cientista social e editor de Olavo de Carvalho,

não importa o que o Congresso decidiu, o que o presidente decidir. Porque, afinal das contas, tem um órgão superior a todos eles, que é esse Supremo Comando da Revolução, que são os generais, que no fim das contas é quem manda. E sempre com o discurso, assim, de manter a Revolução.⁵⁴⁰

A narração em *off* introduz o debate do documentário sobre o mandato de Castelo Branco:

a primeira medida da nova força supraconstitucional foi o Ato Institucional número 1, que convocava o Congresso para eleger o próximo presidente da República. Com 98% dos votos, os deputados federais elegem Humberto de Alencar Castelo Branco, com amplo apoio da população, da classe política e da imprensa.⁵⁴¹

Para Grimaldo, “toda sociedade entende como um governo legítimo, porque foi eleito pelo Congresso”.⁵⁴² Thomas Giulliano vai além:

ele (Castelo Branco) foi escolhido de maneira democrática, tanto que recebeu votos do próprio Juscelino Kubitschek e do próprio Ulysses Guimarães. O interesse de homens, como o próprio Juscelino Kubitschek, o próprio Lacerda e da própria população brasileira em um certo sentido, era de que fosse uma transição, e que então o Lacerda e o Juscelino Kubitschek disputassem nas urnas o próximo presidente do Brasil. Era este jogo que estava basicamente demarcado.⁵⁴³

⁵³⁸ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

⁵³⁹ Ver MELO, Demian Bezerra de. O Golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão. In: _____ (org.). *A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p. 157-188.

⁵⁴⁰ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:11:37.

⁵⁴¹ *Ibid.* 1:12:10.

⁵⁴² *Ibid.* 1:13:29.

⁵⁴³ *Ibid.* 1:13:01.

A temática do apoio social ao regime, entendido aqui como iniciado já em 1964, é objeto de grande debate na historiografia. Sem dúvidas, toda métrica de aprovação popular num Estado de exceção precisa ser observada com desconfiança, considerando as limitações da liberdade de expressão. Especificamente no caso dos momentos iniciais do governo Castelo Branco, há uma clara dubiedade nesse sentido. Os militares certamente ainda não teriam tempo o suficiente para aparelhar todas as instituições — incluindo aí os institutos de pesquisa —, fosse o caso, ou para implantar um regime de medo. Mas, como logo veremos, as perseguições já eram suficientemente intensas desde o golpe.

Em seu *Passados presentes*, o historiador Rodrigo Patto Sá Motta utiliza dados de importantes levantamentos feitos pelo Ibope entre 1964 e 1965 que ajudam a lançar luz sobre a questão. O fato de terem sido realizados sem a finalidade de publicação, argumenta, atenuam os limites dessas pesquisas, quais sejam, além dos mencionados acima, a concentração nas capitais de Rio e São Paulo, a elevada proporção de abstenções e eventuais induções dos entrevistadores na condução das respostas.⁵⁴⁴

Nos levantamentos do Ibope, não há perguntas específicas sobre a legitimidade da posse, o que sem dúvidas dificulta estipular o quanto o documentário superestima sua aprovação popular. Sabe-se que a derrubada de Goulart recebeu grande adesão, embora longe de consensual, como veremos adiante, mas entre uma coisa e outra há uma boa distância. Entre as primeiras pesquisas hoje disponíveis para escrutínio, o que mais se aproxima da conclusão desenvolvida pelo documentário são questões sobre a preferência dos eleitores quanto à forma de eleger seu presidente, se direta ou indiretamente; quanto à condução da política econômica; quanto à origem do sucessor, se civil ou militar; e quanto à prorrogação do mandato presidencial.

Nos primeiros meses de regime, na Guanabara, 51% diziam ter boas ou ótimas expectativas para o futuro na economia, ante 21% de projeções regulares e apenas 6% de pessimistas. 62% diziam aceitar a continuação do mandato mesmo sem eleições, sendo que 28% eram contra e 10% se abstiveram. No entanto, ainda em maio, 80% no Rio de Janeiro e 77% em São Paulo diziam que a melhor forma de escolher o presidente era através de eleições diretas, ante 11% e 12%,

⁵⁴⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Passados presentes: o golpe de 1964 e a ditadura militar*. Zahar: Rio de Janeiro, 2021. p. 122-139.

respectivamente, que diziam preferir o sufrágio indireto. 59% na Guanabara preferiam que o próximo presidente fosse civil, contra 25% de abstenções e 16% que gostariam de uma sucessão entre militares. No início de 1965, o otimismo em relação ao cenário econômico deu lugar a uma percepção quase generalizada (73%) de piora em relação ao último ano de Goulart na presidência. A essa altura, a satisfação dos cariocas com o governo Castelo era de quase meio a meio, com leve vantagem para os descontentes. E o desejo de uma nova eleição no ano seguinte, antes vencido pela anuência à prorrogação do mandato, tornou-se a preferência de 75%. Em São Paulo, em 1966, os pouco ou nada satisfeitos com o mandato castelista eram 68%, ante 21% muito satisfeitos e 11% que não manifestaram posição.⁵⁴⁵

Sobre o apoio do Congresso à condução de Castelo Branco à presidência, trata-se de um resultado previsível: o primeiro Ato Institucional, assinado em 9 de abril de 1964 pelo “Comando Supremo da Revolução”, cassou de uma vez o mandato de 40 parlamentares.⁵⁴⁶ O general foi eleito pela casa dois dias depois. Quanto ao engajamento da imprensa em favor de Castelo num primeiro momento, não restam dúvidas de que ele foi acachapante, como vimos na seção anterior. Mas nunca é demais lembrar que esta modalidade de apoio tem um recorte bastante claro de classe, posto que os grandes jornais se notabilizaram como porta-vozes dos setores liberais da sociedade brasileira.

Como muitos dos liberais que apoiaram o golpe, a Brasil Paralelo também partilha da percepção de que o 31 de Março teria um caráter meramente saneador. O léxico do tempo presente é acionado por Luiz Philippe de Orléans e Bragança para explicar: “(a população) queria de fato que houvesse eleições num período muito curto. Que isso não perdurasse mais como um regime, né? Que era uma *intervenção militar* e não a criação de um regime militar”.⁵⁴⁷ Para Rafael Nogueira, a melhor metáfora para descrever a intervenção castrense é a médica:

Com Castelo Branco você tem a interpretação de que a intervenção militar não passava de uma intervenção cirúrgica: ‘temos um problema. Esse problema, ele é grave, mas ele pode ser resolvido mediante internação, sedação e aí você faz as devidas aberturas no paciente, retira o problema, fecha e acabou. Intervenção cirúrgica, ou

⁵⁴⁵ *Id, ibid.* p. 136-139.

⁵⁴⁶ NAPOLITANO, Marcos. *História do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 68.

⁵⁴⁷ *Ibid.* 1:13:15. Grifo meu.

seja, rápido, eficaz e sai. Deixa o seu paciente na sua independência.⁵⁴⁸

Mas, como se sabe, não foi o que ocorreu. Conforme a narração de Filipe Valerim:

Assim que Castelo Branco cumprisse o mandato de João Goulart, novas eleições diretas deveriam ocorrer em 1965, mas essa ideia não era unânime entre os militares. Diferentes grupos disputavam espaço, exercendo pressão no governo recém-formado.⁵⁴⁹

De todo modo, a despeito do pretense ineditismo da abordagem, *Entre armas e livros* endossa alguns preceitos importantes da memória hegemônica sobre o regime. O mais notável deles aqui é a avaliação do castelismo como a expressão de uma linha moderada das Forças Armadas, sufocada depois pela ascensão da linha-dura,⁵⁵⁰ uma visão, como vimos anteriormente, já suficientemente questionada pela historiografia. Segundo o *off* de Valerim:

A ala chamada linha-dura, a mais radical entre os militares, se saiu vitoriosa e derrubou essa ideia. O governo de Castelo Branco teve o seu mandato estendido. As eleições previstas foram suspensas e foi decretado o Ato Institucional número 2. Agora, a eleição do presidente seria permanentemente feita pelo Congresso e apenas dois partidos poderiam existir no sistema político.⁵⁵¹

Segundo essa linha de interpretação, Castelo Branco teria sido vítima de uma manobra que o manteve no poder por dois anos além do combinado e ampliou de maneira expressiva as atribuições da presidência durante o processo de “normatização autoritária” do regime, nos termos de Napolitano.⁵⁵² Lacerda é mais uma vez acionado, dessa vez por Grimaldo, para destacar que a extensão do mandato seria o primeiro grande sinal de endurecimento do governo:

Curiosamente, quando sai essa decisão, de que o mandato vai ser prolongado por mais dois anos e a eleição vai ser indireta, o Carlos Lacerda profetiza, né? Ele diz que, “se isso acontecer, vai se instalar uma ditadura militar no Brasil que durará 20 anos”.⁵⁵³

⁵⁴⁸ *Ibid.* 1:15:14

⁵⁴⁹ *Ibid.* 1:15:44.

⁵⁵⁰ NAPOLITANO. Recordar é vencer. *op. cit.* p. 21-25.

⁵⁵¹ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:16:27.

⁵⁵² NAPOLITANO. História do regime militar. *op. cit.* p. 66-88.

⁵⁵³ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:17:41.

A narração em *off* prossegue:

Quando chegou a vez das eleições para governadores e prefeitos, a oposição aos militares conseguiu a vitória em estados importantes. Percebendo a derrota política, o governo e o Comando Supremo decidem baixar mais um Ato Institucional. O novo ato estendia as eleições indiretas para os governadores estaduais, que passavam a ser eleitos por seus respectivos deputados. Os governadores eleitos nomeavam os prefeitos de cada capital. A linha-dura do Exército avançava cada vez mais no controle das instituições.⁵⁵⁴

Representante inequívoco da linha-dura, Costa e Silva seria desde sempre “essa figura que [...] já tinha essa índole autoritária. Era uma figura que não se dava bem com Castelo Branco, que tinha intenção muito bem definida de fazer com que o regime rompesse com o *modus operandi* do governo castelista”,⁵⁵⁵ conforme a avaliação de Lucas Berlanza. Rafael Nogueira enfatiza essa divisão:

e o Castelo Branco, ele era chamado de um dos militares da Sorbonne. Por quê? Por que esse nome? Porque a Sorbonne era o nome de uma grande universidade de Paris e o grupo que esnobava os ligados a Castelo Branco dizia: “esses são os intelectuais, o pessoal de Paris”.⁵⁵⁶

Castelo Branco e Costa e Silva são tratados mesmo como adversários, como na narração em *off* que descreve a transição de seus governos:

O mandato de Castelo Branco chega ao fim. A corrente política dos sorbonistas sai do comando e deixava a vaga para um sucessor adversário. A eleição de Artur da Costa e Silva marca a primeira vez que a linha-dura chega ao poder no Brasil, trazendo uma ideologia responsável por profundas mudanças na política brasileira.⁵⁵⁷

Se, para a historiografia crítica à memória hegemônica da ditadura, o governo Castelo foi artífice da institucionalização do autoritarismo militar, com três Atos Institucionais, Lei de Imprensa, uma Lei de Segurança Nacional anabolizada e uma

⁵⁵⁴ *Ibid.* 1:18:02.

⁵⁵⁵ *Ibid.* 1:19:38.

⁵⁵⁶ *Ibid.* 1:12:38.

⁵⁵⁷ *Ibid.* 1:19:19.

nova Constituição, suplantando a Carta promulgada de 1946,⁵⁵⁸ Berlanza, no entanto, compreende o presidente como uma espécie de freio de contenção à linha-dura diante da inevitabilidade do processo de fechamento do regime:

O Castelo Branco, preocupado com a ascensão da linha-dura, ele quer institucionalizar o quanto ele puder o regime: ‘Já que esse regime não vai acabar comigo, eu não vou conseguir passar o poder para os civis... Já que é assim, então eu preciso institucionalizar o sistema, para que haja limites, para que haja regras. Então, já que o sistema político já estava subjugado e a Constituição de 1946 já tinha sido praticamente rasgada, então eu vou fazer outra’. Ele então baixa o Ato Institucional número 4, que é justamente a convocação para a Constituinte. [...] Então, ele consegue baixar essa Constituição, que é praticamente o último ato importante do governo do Castelo.⁵⁵⁹

Outra preocupação marcante na produção é demonstrar o vigor da oposição neste período. Mais uma vez, cabe a Lucas Berlanza o papel de tentar desmistificar qualquer interpretação contrária:

Bipartidarismo: você passa a ter Arena representando o governo, e MDB, que seria uma oposição consentida. Mas era uma oposição consentida, que às vezes as pessoas exageram, como se os emedebistas fossem ‘pianinho’, não falavam contra o governo, fingiam que eram oposição. Mas eles falavam no parlamento, atacavam no parlamento o governo militar, sim. Havia vitalidade nessa oposição.⁵⁶⁰

Thomas Giulliano vai além e lembra que “existem documentos e existem vertentes que dizem que núcleos da esquerda estavam dentro do MDB de uma maneira intensa”.⁵⁶¹ Noutro trecho, o jornalista prossegue: “O Roberto Campos enfatiza em *A Lanterna da Popa*, que é o livro de memórias dele, que foi uma Constituinte mesmo: teve discussão, teve discordância, o pessoal se reuniu, debateu”.⁵⁶² Roberto Campos, cabe lembrar, era um dos engenheiros intelectuais do novo regime, com fortes convicções liberais no campo econômico, norteadoras de uma política de abertura comercial que, a despeito de algumas tensões internas

⁵⁵⁸ Ver FICO, Carlos. Como eles agiam: *Os subterrâneos da ditadura militar*: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 33-70; e NAPOLITANO. História do regime militar. *op. cit.* 66-88.

⁵⁵⁹ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:18:33.

⁵⁶⁰ *Ibid.* 1:16:54.

⁵⁶¹ *Ibid.* 1:17:18.

⁵⁶² *Ibid.* 1:19:03.

entre os militares, aproximou Brasília de Washington para afastar de vez o fantasma do comunismo representado pelas reformas sociais e pelo estatismo.⁵⁶³

Além disso, embora o AI-2 tenha instigado algumas iniciativas de contrapeso no Congresso, boa parte da oposição parlamentar já tinha sido simplesmente suprimida até o início daquela Constituinte, com 67 mandatos federais cassados até outubro de 1966. Graças ao arcabouço dos Atos Institucionais, o governo Castelo Branco imprimiu sanções legais a 3.644 adversários políticos, o que corresponde a 65% desse expediente durante todo o regime. Os militares considerados rebeldes também não foram poupados: 90% dos 1.230 punidos durante as duas décadas de ditadura o foram durante o mandato castelista.⁵⁶⁴ Até 1966, a demissão ou a aposentadoria compulsória chegou para cerca de 2 mil funcionários públicos.⁵⁶⁵ Antes do primeiro “mesversário” de governo, o decreto 53.897, de 27 de abril de 1964, instituiu a Comissão Geral de Investigação, que por sua vez ensejou a Comissão de Investigação Sumária, abastecendo Inquéritos Policiais Militares e espraiando a política de expurgos para o interior do Brasil.⁵⁶⁶

1964 - O Brasil entre armas e livros encara o processo com naturalidade: “E assim puderam ser... alguns nomes foram escolhidos justamente para serem retirados do governo e de alguns poderes da burocracia”, como descreve Rafael Nogueira. Segundo Berlanza,

vale dizer que o Ato Institucional número 1 já autorizava, por prazos determinados, a cassação dos direitos políticos dos chamados subversivos. Era o que os revolucionários da época do regime entendiam que era necessário para fazer essa purga.⁵⁶⁷

O documentário, no entanto, vai além e justifica a limpa. Apresentado como pesquisador do StB no Brasil, projeto que divulga documentos do serviço tcheco de inteligência,⁵⁶⁸ Renor Filho é o encarregado principal para essa tarefa:

Foi encontrado um documento... um relatório que foi redigido alguns meses após o 31 de Março para o primeiro-secretário do Partido

⁵⁶³ NAPOLITANO. História do regime militar. op. cit. 66-88.

⁵⁶⁴ *Id, ibid.* p. 78-79 e 69.

⁵⁶⁵ GASPARI, Elio. *Ditadura envergonhada*. São Paulo: Intrínseca: 2014. p. 132-133.

⁵⁶⁶ CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. Investigar, processar e punir: um tribunal de exceção ou a Comissão de Investigação Sumária – 1964. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 445-468, set./dez. 2019.

⁵⁶⁷ 1964 - O Brasil entre armas e livros. op. cit. 1:13:48.

⁵⁶⁸ STB NO BRASIL. Disponível em <https://stbno brasil.com/pt/>. Acesso em: 24 jun. 2023.

Socialista da Tchecoslováquia, entendeu? A autoridade mais importante do país. Esse documento tinha que ser preciso. E ele relatava tudo que tinha acontecido e como o golpe de 1964 prejudicou uma série de relações e a rede... e a atuação com a rede de agentes. Talvez os próprios militares não conseguiram imediatamente ter ideia do que eles estavam enfrentando. As listas de cassação dos Atos Institucionais até que não erraram muito, entendeu? Porque as pessoas ali cassadas, muitas delas estavam realmente implicadas com relações com o serviço secreto estrangeiro, entendeu? E isso representava um crime realmente e tinha, como a gente já falou antes, a consequência da perda dos direitos políticos.⁵⁶⁹

Essa visão edulcorada do mandato castelista também colabora, por certo, para a total omissão dos primeiros relatos de tortura, que também datam dos anos iniciais de regime.⁵⁷⁰

Diferente do que avaliaram as primeiras publicações repercutindo na imprensa o lançamento do documentário, *1964 - O Brasil entre armas e livros* não faz uma defesa explícita da ditadura, ainda mais se se considerar que, para a produtora, o período ditatorial só tem início com a decretação do AI-5. Mas a “extensa lista de críticas” reivindicada por Ferrugem na entrevista a Gentili⁵⁷¹ na verdade tem seus limites. Segundo Olavo, antes disso,

num primeiro momento eles salvaram. Realmente eles desmantelaram uma revolução comunista. Sim. Mas começaram a fazer cagada no dia seguinte. Todo mundo tinha expectativa de que haveria novas eleições em seis meses. Ninguém pediu para eles tomarem o poder. Aí fizeram o segundo golpe dentro do golpe, né?⁵⁷²

Olavo não explica em detalhes o que entende por “cagada” dos militares pós-golpe, mas fica mais do que sugerido que ele, alinhado com boa parte dos setores liberais que apoiaram a derrubada de Jango, entende a prorrogação do mandato de Castelo Branco como um equívoco. Entretanto, não o suficiente para qualificá-lo como uma ditadura e, mais ainda, para manchar a imagem do general, já que, como vimos, o documentário entende a manobra como uma obra exclusiva da linha-dura.

⁵⁶⁹ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:14:12.

⁵⁷⁰ ALVES, Márcio Moreira. *Torturas e torturados*. Rio de Janeiro: Editora Idade Nova, 1966.

⁵⁷¹ THE NOITE COM DANILO GENTILI. Entrevista com os produtores de “1964: o Brasil entre armas e livros”. *YouTube*, 6 abr. 2019. Disponível em <https://youtu.be/-cbyRJnZExk>. Acesso em 27 dez. 2023. 5:32.

⁵⁷² 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:17:26.

Outro esboço tímido de crítica está na descrição da chicana que envolveu a sucessão de Costa e Silva, tida por Thomas Giulliano como resultado de uma “complexidade real, mas muito por culpa do próprio Exército”.⁵⁷³ Na ocasião, o civil Pedro Aleixo ocupava a vice-presidência da república e assumiria o posto de mandatário do regime não fosse a intervenção de uma Junta Militar, assim descrita por Berlanza:

São três generais ali da... três ministros de diferentes Forças Armadas: ‘nós cuidamos aqui do país até ter eleição em 1969 para eleger o próximo presidente’. O MDB, percebendo a hegemonia da linha-dura, o MDB nem se arrisca, nem se atreve a lançar candidatura de oposição. Em protesto, eles se abstêm, abandonam o parlamento e deixam o presidente ser eleito como se quiser.⁵⁷⁴

A relação da memória social com Pedro Aleixo dá uma dimensão das muitas ambiguidades envolvidas na relação do presente democrático com o passado autoritário no Brasil. Apoiador de primeira hora do golpe, o liberal Aleixo foi o único dos 23 membros do Conselho de Segurança do regime a votar contra o AI-5, em dezembro de 1968. Ele desvinculou-se da Arena e tentou, sem sucesso, acabar com o bipartidarismo fundando o que seria o Partido Democrático Republicano (PDR). Seu irmão Alberto acabou morto em 1975 graças às sessões de tortura. Em 2011, um projeto de lei assinado pelo deputado Eduardo Azeredo (PSDB-MG) incluiu Pedro no rol de presidentes da república.⁵⁷⁵ Quer dizer, a Junta Militar foi considerada suficientemente ilegítima para restaurar a posse de Aleixo, mas sua cadeira de vice, só possível graças ao engajamento na deposição ilegal de Jango, não.

A crítica à ditadura, tal como periodicizada por *Entre armas e livros*, se resume a três aspectos, fundamentalmente, dos quais dois serão observados aqui: a progressiva adoção de fundamentos estatistas na economia a partir de Costa e Silva, o que ajuda a explicar a simpatia da ultraliberal Brasil Paralelo a Castelo Branco, e a tecnocracia militar, que minou o exercício da política.

Para Olavo de Carvalho,

⁵⁷³ *Ibid.* 1:31:38.

⁵⁷⁴ *Ibid.* 1:31:52.

⁵⁷⁵ FRANCO, Luiza. Quem foi Pedro Aleixo, que apoiou o golpe, mas foi o único a votar contra o AI-5 na reunião que decidiu pela decretação do ato. *BBC News Brasil*, 13 dez. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50750811>. Acesso em: 27 jun. 2023.

É uma herança não reconhecida. Tem muita ideia que os milicos aderem, eles não sabem que a origem é positivista. Então você fala “positivismo”, ele: “não, imagina, nunca liguei para isso”. Mas o próprio Augusto Comte dizia que a vida dos vivos é determinada por filósofos mortos, dos quais provavelmente você nunca ouviu falar, né? E essa influência positivista acredita na tecnocracia. Quer dizer, é um governo que não tem disputa política. Não tem luta política. São técnicos-cientistas que resolvem todos os problemas. E foi assim que os milicos tentaram governar. Chamavam os melhores técnicos de todas as áreas: economia, minas e energia, transportes e etc e etc. Tomavam as decisões e a classe política só servia para carimbar os decretos. Então eles reduziram o Congresso a uma espécie de cartório. Estava lá só para registrar os documentos. Acabaram com a política, acabaram com as lideranças.⁵⁷⁶

Na emulação discursiva de Lucas Berlanza, essa seria uma “Tecnocracia total: ‘os políticos civis, eles atrapalham. Eles enchem o saco, fazem bagunça. A gente tem que ter técnicos... militares no comando, técnicos para reformar... fazer uma revolução branca’”⁵⁷⁷. Grimaldo os complementa: “É uma vanguarda, que tem que reconstruir a sociedade. Representar a sociedade e reconstruí-la. Para isso eles precisam do poder centralizado”.⁵⁷⁸ Apesar de a fama de tecnocrata ficar para seus sucessores, Castelo Branco já renunciava essa tendência, especialmente em matéria de economia. A tecnocracia, afinal, era um dos fundamentos da imagem de modernização que o novo governo pretendia transmitir.⁵⁷⁹

Do ponto de vista econômico, não restam dúvidas de que a produção se identifica com os anos Castelo Branco, de forte ajuste fiscal, alinhamento aos Estados Unidos e abertura econômica. E a crítica à inflexão nacional-desenvolvimentista do regime adquire contornos anti-esquerdistas, como explica Lucas Berlanza:

Depois disso, começa a haver um *feitiço keynesiano, uma ilusão keynesiana* desenvolvimentista, que, apoiada nessa base que foi preparada antes, surte efeitos imediatos e a população se sente num país... realmente a economia se agiganta, se torna uma das maiores economias do mundo. E o mundo começa a olhar para o Brasil até com interesse, com curiosidade.⁵⁸⁰

⁵⁷⁶ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:20:08.

⁵⁷⁷ *Ibid.* 1:19:55.

⁵⁷⁸ *Ibid.* 1:21:03

⁵⁷⁹ NAPOLITANO. História do regime militar. *op. cit.* p. 66-88.

⁵⁸⁰ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:33:24. Grifos meus.

Seu complemento fica a cargo de Hélio Beltrão Jr., filho de um dos mais longevos ministros da ditadura e presidente do *think tank* Mises Brasil:

As taxas de crescimento pareciam surreais. Superaram 10% e num determinado ano, se eu não me engano, beiraram 14%. A que se deve isso? O Brasil vinha tomando recursos externos e estava usando todo esse dinheiro e cruzeiros criados aqui, para tentar alavancar ainda mais o crescimento.⁵⁸¹

Entre armas e livros também reproduz a ideia amplamente difundida de que, muito graças ao boom econômico, a aprovação de Médici era generalizada. Dessa vez, quem introduz o tema é Rafael Nogueira:

E quando você chega em Médici, você tem a tentativa de continuar, por meio daquilo que o Costa e Silva tinha feito, o nacional-desenvolvimentismo. Esses presidentes... lembra que eu tinha dito que um grupo dos militares zombava do outro? Esses presidentes, Costa e Silva e Médici, eles eram considerados aqueles da linha-dura. Mas não podemos entender que eles eram brucutus, jumentões, assumindo o poder. O Médici era aplaudido em qualquer circunstância esportiva, onde quer que ele estivesse presente. Ele era aplaudido por todos.⁵⁸²

A seguir, Thomas Giulliano lembra que “ele (Médici) tinha uma presença de palco que era impressionante, a começar pelo seu próprio timbre. A voz dele era uma voz impactante”.⁵⁸³ Adiante, Nogueira complementa:

O governo militar tinha aceitação quase total. Se vocês pesquisarem os vídeos que passavam na TV, que era o grande instrumento de difusão: os vídeos todos falando a música ‘Pra frente, Brasil!’. Cara, a Copa de 1970 foi vencida com Médici no poder, tá? E toda essa propaganda unia o governo com as vitórias, vitórias esportivas. Fittipaldi ganha a Fórmula 1.⁵⁸⁴

De fato, uma pesquisa do Ibope assinalava 82% de aprovação ao governo, em 1971⁵⁸⁵ — taxa elevadíssima, ainda mais se comparada aos índices mais recentes de avaliação. E não se pode ignorar o potencial que o crescimento, o pleno emprego, a política de crédito, as grandes obras, a exploração política dos eventos

⁵⁸¹ *Ibid.* 1:33:51.

⁵⁸² *Ibid.* 1:32:18.

⁵⁸³ *Ibid.* 1:32:55.

⁵⁸⁴ *Ibid.* 1:34:16.

⁵⁸⁵ GASPARI, Elio. *A ditadura derrotada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. p. 23-24.

desportivos e o apoio da imprensa liberal tinham para dar a Médici índices robustos de popularidade. Por outro lado, também não se pode deixar de levar em conta que este era o auge dos “anos de chumbo” no Brasil e que, por autocensura dos entrevistados ou alguma ingerência do governo nos institutos de pesquisa, esses dados carecem de confiabilidade, como já destacou o historiador Demian Melo.⁵⁸⁶

Há outras questões importantes a ponderar, entretanto. Fechadas as urnas das eleições de 1974, ainda no rescaldo do “milagre” e da exploração do imaginário patriótico, os militares colheram péssimos resultados. E fosse mesmo tão acachapante o apoio social ao regime, não haveria necessidade da adoção de medidas autoritárias, bastando a adesão espontânea dos cidadãos. Mas os anos de maior popularidade da ditadura foram seguidos de perto pelos mais repressivos.⁵⁸⁷

⁵⁸⁶ MELO. *op. cit.* 170-173.

⁵⁸⁷ MOTTA. *Passados presentes. op. cit.* p. 145-149.

12. ANOS TENEBROSOS: CRIME, MEDO E SANGUE

Usual nas caracterizações críticas da memória social ao período mais brutal do regime,⁵⁸⁸ a expressão “anos de chumbo” é ausente em *1964 - O Brasil entre armas e livros*. O mais próximo disso, ainda que inconscientemente, é “anos tenebrosos”, utilizada na longa introdução ao tema pela narração em *off*:

Mesmo antes de 1964, guerrilhas rurais e movimentos armados já existiam e estavam determinados em fazer a revolução. Após o 31 de Março, esses grupos passam a adotar métodos hediondos e submetem o Brasil a *anos tenebrosos*. O terrorismo revolucionário se torna cotidiano. O crime, o medo e o sangue marcam presença na vida dos brasileiros. Assaltos a bancos e a estabelecimentos comerciais. Explosão de bombas em lugares públicos. Fuzilamento e tortura de inocentes. Os revolucionários assassinavam até os próprios colegas que queriam desistir da luta armada. Os comunistas brasileiros seguiam o exemplo de seus companheiros ideológicos, que em outros países já somavam mais de 50 milhões de assassinatos, em nome da revolução. No mês de fevereiro, antes da subida dos militares ao poder, o PCdoB enviou brasileiros para a China com o objetivo de aprender as técnicas de guerrilha de Mao Tsé-Tung. Foram estes cidadãos que voltaram quatro anos depois e formaram a Guerrilha do Araguaia. Preso nessa guerrilha, foi José Genoíno. Mesmo exilado, Leonel Brizola fomentava de fora a revolução no Brasil. Segundo seu filho, Fidel Castro entregou um milhão de dólares para seu pai, para comprar armamento e munição e entregá-los aos revolucionários no Brasil. Bandidos e terroristas, hoje reverenciados como heróis nacionais, sequestraram, torturaram e assassinaram inocentes em nome de seus ideais. Essa, uma verdade pouco noticiada nos anos seguintes pela imprensa e a academia brasileira, que tratou tudo como uma luta contra a ditadura e pela democracia.⁵⁸⁹

Aqui, os “anos de chumbo” do terrorismo de Estado perdem protagonismo para os “anos tenebrosos” da luta armada, inclusive com a incorporação do léxico da ditadura. “Guerrilheiro”, afinal, sempre foi sinônimo de “terrorista” para a caserna, embora alguns grupos de esquerda tenham reivindicado para si essa definição.⁵⁹⁰ Como se vê pela conclusão do texto, uma das grandes preocupações da produção é a entronização dos comunistas armados na memória social e histórica do regime como heróis da defesa pela democracia. Essa percepção é ilustrada com uma

⁵⁸⁸ CORDEIRO, Janaina Martins. Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 85-104, jan.-jun. 2009.

⁵⁸⁹ BRASIL PARALELO. 1964 - O Brasil entre armas e livros. *YouTube*, 2 abr. 2019. Disponível em <https://youtu.be/yTenWQHRPIg>. Acesso em 15 fev. 2023. 1:21:12. Grifo meu.

⁵⁹⁰ GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. p. 55.

declaração pública de Dilma Rousseff, já como presidente da República: “Eu, particularmente, participei e tenho a honra de ter participado do processo de resistência à ditadura”, diz em cerimônia oficial a ex-integrante dos grupos Política Operária (Polop) e Comando de Libertação Nacional (Colina), que em 1969 se fundiu à Vanguarda Popular Revolucionária, de Carlos Lamarca, dando origem à Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares, a VAR-Palmares. Na reunião que selou a união das organizações, Dilma esteve presente com o marido, Carlos Araújo.⁵⁹¹ É ele quem aparece a seguir descrevendo as ações do movimento no documentário:

Eu tenho muito orgulho também de ser companheiro da Dilma por esse tempo todo. Nós formamos uma organização nacional chamada Vanguarda Armada Revolucionária Palmares. Nós praticávamos ações de expropriação, que nós chamávamos, dos bancos. Nós íamos buscar dinheiro nos bancos. Nós queríamos ter dinheiro para comprar armas. Fizemos ações em quartéis também, alguns quartéis, para pegar armas.⁵⁹²

Adiante, são mobilizados depoimentos de outros ex-integrantes da luta armada para confirmar o engajamento das esquerdas não pela democracia, mas por uma ditadura alternativa. O primeiro deles é o do já citado Fernando Gabeira, que admite que “ninguém, no fundo, queria a democracia estrategicamente. Todo mundo queria, na verdade, o socialismo. Buscava-se uma outra ditadura, que é a ditadura do proletariado”.⁵⁹³ A seguir, fala Vera Sílvia Magalhães, que participou do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8): “Nós não éramos exatamente contra a ditadura. Nós éramos contra a ditadura militar burguesa, mas nós éramos a favor da ditadura do proletariado. Isso ninguém diz, mas tem que dizer porque faz parte da nossa história”.⁵⁹⁴

De fato, como vimos, a atuação da luta armada acabou romantizada pela memória hegemônica do regime, nesse esforço de acomodação pelo sistema político após a derrocada dos “anos de chumbo”. Num documentário da TV Câmara sobre Vera, a militante é apresentada como alguém que

⁵⁹¹ CARVALHO, Luiz Maklouf. As armas e os varões. *piauí*, ed. 31, abr. 2009. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/as-armas-e-os-varoes/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

⁵⁹² 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:23:01.

⁵⁹³ *Ibid.* 1:23:30.

⁵⁹⁴ *Ibid.* 1:23:42.

poderia ter desfilado a beleza de seus vinte anos pelas calçadas de Ipanema, no Rio de Janeiro onde nasceu. Poderia ter sido uma garota que amava os Beatles e os Rolling Stones, no embalo da liberação de costumes que varreu o mundo na década de 60. Ou poderia ter concluído o curso de Economia e levado uma vida burguesa, beneficiada pelo “milagre brasileiro” que fez o País crescer dez por cento ao ano no período mais repressivo dos governos militares.⁵⁹⁵

Mas, em vez disso, segue o texto:

Vera Sílvia Magalhães amava a revolução e, como tantos jovens de sua época, não admitia viver sob a ditadura implantada pelo golpe de 64. Nenhum deles, porém, foi tão longe: ela pegou em armas, assaltou bancos, trocou tiros com forças de segurança e sequestrou o embaixador do país mais poderoso do mundo. Viu o companheiro tombar a seu lado, quando tentavam escapar de um cerco policial. E a peruca que usava para se disfarçar nos assaltos a transformou em personagem de primeira página nos jornais populares: era a loura noventa, que empunhava dois revólveres calibre 45. Acabou baleada, presa, torturada e banida do país que queria libertar. E virou personagem de um filme que concorreu ao Oscar. Trinta anos depois, vividos entre o exílio e a volta, Vera Sílvia Magalhães ainda procura seu lugar no mundo. Carrega no corpo e na alma as marcas da violência. E se pergunta o que fazer agora de tanta ousadia e tanta generosidade, de tanta coragem e tanta ternura.⁵⁹⁶

Não faltam exemplos de representações similares, com significativa penetração social, da suposta verve democrática dos guerrilheiros. Durante o cortejo que, 20 anos depois, devolveu os restos mortais de José Manoel da Silva — chacinado com outros cinco militantes da VPR no Massacre da Chácara São Bento, em 1973⁵⁹⁷ — a Toritama, sua terra natal em Pernambuco, o locutor o descreve como “aquele que tombou em defesa da democracia”.⁵⁹⁸

Seja como for, embora essa visão tenha encoberto, ao menos parcialmente, nas décadas seguintes uma realidade menos nobre da luta armada, também não é como se este fosse um passado secreto. As pistas para essa conclusão estão dadas pelo próprio documentário: todas as declarações de ex-integrantes das

⁵⁹⁵ VERA Sílvia Magalhães - A História de uma Guerrilheira. *Câmara dos Deputados*, 15 jan. 2004. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/212737-vera-silvia-magalhaes-a-historia-de-uma-guerrilheira/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

⁵⁹⁶ *Id, ibid.*

⁵⁹⁷ JOSÉ Manoel da Silva. *Memorial da Resistência de São Paulo*, s/d. Disponível em: <https://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/jose-manoel-da-silva/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

⁵⁹⁸ Ver em ROBERTO MONTE. Retratação política em Toritama PE - A volta dos restos mortais de José Manoel da Silva. *YouTube*, 8 set. 2013. Disponível em: https://youtu.be/1gKIK_bJ1bg. Acesso em: 27 jun. 2023. 3:10. Uma produção de TV Memória Popular/CDHMP.

organizações guerrilheiras são reproduzidas de arquivos. Ou seja, há, entre a própria esquerda revolucionária, teoricamente vitoriosa no campo da memória, uma demanda pelo reconhecimento da dimensão política dessa experiência, seja para sua valorização ou como forma de autocrítica.

Além disso, vários foram os balanços de ex-guerrilheiros sobre a luta armada nas décadas seguintes, a exemplo de Gabeira,⁵⁹⁹ Daniel Aarão Reis⁶⁰⁰ e Jacob Gorender,⁶⁰¹ todos com expressiva influência jornalística ou acadêmica. Esses relatos, ainda que heterogêneos, falam abertamente sobre temas indigestos para a oposição armada ao regime e não poupam os próprios companheiros de uma avaliação rigorosa. Historiadores argentinos como Beatriz Sarlo⁶⁰² e Hugo Vezzetti⁶⁰³ também têm, de alguma forma, criticado abertamente uma memória que trate opositores da ditadura tão somente como vítimas. Para o historiador brasileiro Clóvis Gruner, “em nome da delimitação clara e inequívoca entre criminosos e vítimas, culpados e inocentes, grupos e indivíduos tiveram suas motivações e filiações políticas as mais diversas temporariamente suspensas, esquecidas”.⁶⁰⁴

Ainda assim, no entanto, *Entre armas e livros* insiste: “É a mentira, que de tão repetida, tornou-se história”,⁶⁰⁵ como sacramentado pela narração em *off*. O jornalista William Waack é quem arremata o trecho:

Mais tarde, as narrativas históricas vão ficando cada vez mais deturpadas em relação a esse período, até o ponto de hoje, infelizmente, parecer ponto pacífico que gente como a Dilma, por exemplo, tivesse lutado pela liberdade ou pela democracia, ou pelos direitos humanos. Isto é uma falsificação histórica.⁶⁰⁶

Para a Brasil Paralelo, no entanto, os guerrilheiros de esquerda nada têm de ingênuos ou idealistas, conforme consagrou a memória liberal do período. Pelo

⁵⁹⁹ GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

⁶⁰⁰ REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

⁶⁰¹ GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas — A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987.

⁶⁰² SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 69-89.

⁶⁰³ VEZZETTI, Hugo. Conflictos de la memoria en la Argentina: un estudio histórico de la memoria social. In: PÉROTIN-DUMON, Anne (org.). *Historizar el pasado vivo en América*. Santiago: Universidad Alberto Hurtado, 2007, p. 3-44.

⁶⁰⁴ GRUNER, Clóvis. Quadros da barbárie, quadros de memória: a experiência autoritária no Brasil, Argentina e Uruguai em quadrinhos. In: KAMINSKI, Rosane; HONESKO, Vinícius; SEREZA, Luiz Carlos. *Artes & Violências*. São Paulo: Intermeios, 2020. p. 225-246.

⁶⁰⁵ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:23:56.

⁶⁰⁶ *Ibid.* 1:24:00.

contrário. Aqui, são eles os protagonistas de uma era de “crime, medo e sangue”. A longuíssima intervenção da narração em *off* de Valerim confirma esse pressuposto:

Derrubar o regime era o pretexto utilizado ao atrair militantes para a causa principal: instalar a ditadura comunista. Eram dezenas de grupos que, com brutalidade e frieza, cometiam atrocidades contra o povo brasileiro. Entre os grupos terroristas que tiveram maior destaque neste período sombrio, estavam ALN, Colina, MR-8, PCdoB, VPR, VAR-Palmares, MRT. Estes grupos eram formados por pessoas que protagonizaram nos anos seguintes a política no Brasil. Entre elas, está Dilma Vana Rousseff, que pertenceu aos grupos Polop, Colina, VAR-Palmares e virou presidente do país em 2011. Os grupos que Dilma participou foram responsáveis por diversos atentados, assaltos, sequestros e assassinatos. Outro nome que protagonizou o terrorismo brasileiro foi Carlos Marighella. Junto com grupos ligados à Teologia da Libertação, foi responsável pela criação do grupo terrorista mais perigoso do país, a Aliança Libertadora Nacional. Autor do livro *Minimanual do Guerrilheiro Urbano*, publicado em junho de 1969, Marighella divulga todas as táticas e objetivos dos grupos terroristas que seguiam à risca seus ensinamentos cruéis: matar policiais e membros do Exército, preparar bombas, assaltar, sequestrar, fazer terrorismo e executar colegas que desertassem. No ano de 2013, Marighella foi homenageado em sessão solene no Senado Federal, pelo que chamaram de “luta social”, assim como filmes exaltando seus feitos foram produzidos pela esquerda, que aplaude e comemora a barbárie e a criminalidade. No dia 4 de setembro de 1969, a Aliança Libertadora Nacional de Marighella e o MR-8 de Franklin Martins sequestraram o embaixador americano Charles Elbrick, com a exigência de que criminosos presos fossem soltos. Sem opção, os militares aceitaram o pedido e liberaram 15 presos. Entre eles estava José Dirceu, personagem que surgiria décadas mais tarde como guru da esquerda e ministro da Casa Civil, até ser condenado no maior esquema de corrupção da história do Brasil.⁶⁰⁷

Aqui, chama a atenção no trecho a insistência da produção em demonstrar a ligação entre os crimes da luta armada e personagens políticos do presente. Dilma Rousseff, Franklin Martins e José Dirceu — este último descrito como “condenado no maior esquema de corrupção da história do Brasil” —, quadros expressivos do PT, são citados nominalmente. Na falta de evidências acerca de sua participação direta em atentados violentos,⁶⁰⁸ a narração se contenta em estabelecer laços entre as organizações e seus participantes. Essa não foi a primeira vez que o passado

⁶⁰⁷ *Ibid.* 1:24:22.

⁶⁰⁸ LOYOLA, Leandro. Uma breve história de Dilma Rousseff, da luta armada ao Palácio do Planalto. *Época*, 25 out. 2014. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tempo/eleicoes/noticia/2014/10/uma-bbreve-historia-de-dilma-rousseffb-da-luta-armada-ao-palacio-do-planalto.html>. Acesso em: 27 jun. 2023.

guerrilheiro de Dilma apareceu no debate público, como se sabe. Em 2009, a *Folha de S. Paulo* publicou uma ficha falsa da então ministra da Casa Civil na ditadura junto a um suposto plano de sequestro que tinha como alvo Delfim Netto.⁶⁰⁹ No ano anterior, o senador Agripino Maia (DEM-RN), de família ligada à Arena, tentou colocar um depoimento de Dilma à Comissão de Infraestrutura sob suspeição, tomando como base uma confissão de que ela havia mentido aos militares sob tortura, quando presa em 1970.⁶¹⁰

A seguir, o texto descreve alguns atentados promovidos pela esquerda armada, com destaque para a explosão de uma bomba que tinha como alvo o então candidato à sucessão presidencial Arthur da Costa e Silva, em Guararapes:⁶¹¹

O ano de 1966 foi marcado por diversos ataques na capital de Pernambuco. Após sucessivos atentados sem vítimas, no dia 25 de julho daquele ano uma maleta contendo explosivos foi deixada no saguão do aeroporto de Guararapes deixando 17 feridos e dois mortos. Entre eles, o jornalista Edson Régis de Carvalho, casado e pai de cinco filhos. Assassinatos como este e outros atentados terroristas aconteceram centenas de vezes nas décadas de 1960 e 1970. Os nomes dessas pessoas foram apagados da história, ao serem ignoradas pela imprensa e pela academia. Nada se falou das vítimas que o comunismo fez no Brasil. A história dos inocentes não foi contada.⁶¹²

Diferente das vítimas da ditadura, os alvos da esquerda têm nome, rosto e identidade. A morte do jornalista Vladimir Herzog, por exemplo, impossível de ignorar em qualquer história sobre a ditadura, não apresenta autoria: “Nós temos a morte de Herzog, nós temos vários símbolos que acentuam esse desgaste”, é o que se limita a dizer Thomas Giulliano enquanto narra a crise do regime nos anos iniciais de Geisel, com ênfase na inflação.⁶¹³ Aqui, por outro lado, “o crime, o medo e

⁶⁰⁹ MAGALHÃES, Luiz Antonio. Folha publicou ficha falsa de Dilma. *Observatório da Imprensa*, 25 abr. 2009. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/folha-publicou-ficha-falsa-de-dilma/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

⁶¹⁰ “MENTIR sob tortura não é fácil”, reage ministra. *Folha de S. Paulo*, 8 mai. 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0805200823.htm>. Acesso em: 27 jun. 2023.

⁶¹¹ COSTA, Flávio; AZEVEDO, Guilherme. Atentado a bomba matou 2 pessoas durante campanha presidencial na ditadura. *UOL*, 6 set. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/09/06/atentado-a-bomba-matou-2-pessoas-no-aeroporto-do-recife-em-1966.htm>. Acesso em: 27 jun. 2023.

⁶¹² 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:26:28.

⁶¹³ *Ibid.* 1:50:54.

o sangue” têm materialidade. O documentário então apresenta cifras da violência fatal na ditadura:

Foram 119 vidas assassinadas em nome da revolução. A maioria não tinha a ver com a guerra entre militares e terroristas. Há uma divergência sobre o número de mortos e desaparecidos durante o regime militar: 424, segundo os movimentos de esquerda; 362, segundo os militares. O número verdadeiro deve estar em algum lugar no meio dessa diferença.⁶¹⁴

Entre os mortos pela ditadura, dúvida: cada lado apresenta seus números e a verdade, diz a narração, “deve estar em algum lugar no meio”. Já os tombados pela esquerda são 119 cravados, embora esse levantamento tenha sido feito originalmente pelo coronel Brilhante Ustra, chefe do Doi-Codi do II Exército em São Paulo.⁶¹⁵ Diante da desproporção entre os números da direita e da luta armada, o documentário recorre, como vimos no texto que abre o trecho sobre os “anos tenebrosos”, à genérica estimativa de “50 milhões de assassinatos” no mundo. Como vimos anteriormente, a superlativização é um recurso retórico importante para o olavismo. O desejo de ilustrar o terror da luta armada brasileira era tão grande que a Brasil Paralelo incluiu — sem autorização — uma fotografia feita por Sebastião Salgado no garimpo de Serra Pelada, no Pará, sem conexão alguma com os eventos debatidos. Mais tarde, ela acabaria suprimida do vídeo após interpelação judicial do autor.⁶¹⁶

A narração prossegue, adiante, atribuindo o “ambiente de guerra” no país à ação de “psicopatas, torturadores e criminosos de ambos os lados”:

Com o terrorismo comunista cada vez mais crescente, a esquerda radical deu o pretexto para que a população sentisse medo e a linha-dura do Exército conseguisse expandir seu poder. E foi nesse ambiente de guerra que psicopatas, torturadores e criminosos de ambos os lados se valiam para praticar as suas perversidades em nome de uma causa ou de outra. A tortura contra opositores já era presente na política desde a ditadura de Getúlio Vargas. Infelizmente, ela não teve o seu fim no regime militar.⁶¹⁷

⁶¹⁴ Essa conta ainda subestima em 10 o número de vítimas da ditadura apresentado pela Comissão Nacional da Verdade em 2014, que foi de 434 entre mortos e desaparecidos. *Ibid.* 1:27:12.

⁶¹⁵ CLUBES militares listam os mortos pela esquerda. *Folha de S. Paulo*, 11 dez. 2014. Disponível em: <http://folha.com/no1561302>. Acesso em: 27 jun. 2023.

⁶¹⁶ PAULO, Diego Martins Dória. Brasil Paralelo tenta censurar debate. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 21 jul. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/brasil-paralelo-tenta-censurar-debate/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

⁶¹⁷ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:27:34.

Utilizada especialmente para descrever o contexto de radicalização política nas ditaduras do Cone Sul, tomando como pressuposto a ideia de que haveria duas forças extremas em evolução, uma da esquerda e outra da direita, a “teoria dos dois demônios”⁶¹⁸ é aqui mobilizada pela Brasil Paralelo, mas com um considerável toque a mais de anticomunismo que hiperboliza as ações da luta armada para minimizar o papel exercido pelos agentes da repressão, com um demônio claramente maior e mais ardiloso do que outro. As únicas vezes em que o termo “tortura” é utilizado no filme são para caracterizar especificamente o modus operandi da esquerda, para atribuí-la a “ambos os lados” ou para descrevê-la como algo “presente na política desde a ditadura de Getúlio Vargas”.

Neste último caso, a referência relativiza a prática durante a ditadura militar, já que ocorreria há décadas. Mas, além disso, reforça a tortura como um expediente da esquerda, afinal, como vimos, Vargas teria sido um ditador comunista para a produtora, embora o autogolpe do Estado Novo tenha se dado a partir de uma orientação fundamentalmente anticomunista.⁶¹⁹ Mais do que meramente episódica, aqui a tortura por agentes do Estado aparece como algo anômalo — se fruto de “psicopatas” — ou, paradoxalmente, tão corriqueiro — se prática contínua — que sequer mereceria destaque. Um levantamento da Human Rights Watch estima em 20 mil o total de torturados pelo regime no Brasil, no entanto.⁶²⁰

Mais do que isso, *Entre armas e livros* também chega a atribuir ao movimento estudantil “exagero”, “instrumento político”, “publicidade” e “instrumentalização” na contagem de mortos, coisa que os jornais da época também faziam:⁶²¹

A guerra travada pelos terroristas expandia as justificativas para a repressão por parte do Exército. Do outro lado, permitia que o movimento estudantil usasse os mortos em combate para construir a ideia de que a tortura era uma política de Estado, fazendo dessa bandeira seu instrumento político e sua publicidade. O exagero fez parte dessa instrumentalização. Algumas pessoas que constam como desaparecidas na verdade se auto exilaram ou eram delatores que

⁶¹⁸ OLIVEIRA, David Barbosa; REIS, Ulisses Levy Silvério dos. A teoria dos dois demônios: resistências ao processo brasileiro de justiça de transição. *Rev. Direito e Práx*, v. 12, n. 1, p. 48-76. jan.-mar. 2021.

⁶¹⁹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Rio de Janeiro: Eduff, 2020. p. 201-253.

⁶²⁰ JANSEN, Roberta. Human Rights Watch: ditadura no Brasil torturou 20 mil pessoas; 434 foram mortas ou desapareceram. *Estadão*, 27 mar. 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/human-rights-watch-ditadura-no-brasil-torturou-20-mil-pessoas-434-foram-mortas-ou-desapareceram/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

⁶²¹ NAPOLITANO, Marcos. A imprensa e a construção da memória do regime militar brasileiro (1965-1985). *Estudos Ibero-Americanos*, vol. 43, n. 2, mai.-ago. 2017. p. 353.

ganharam uma nova identidade do governo para não serem mortas pelos próprios ex-companheiros de guerrilha. Não é preciso justificar tortura e ditadura para reconhecer que crimes foram cometidos. Os objetivos das guerrilhas eram claros, e a democracia não estava entre eles. A palavra sequer aparece nos livros, discursos e debates à época.⁶²²

Na verdade, mais do que uma “ideia”, há boas razões para sustentar que a tortura era uma política de Estado na ditadura. Essa, aliás, é a conclusão do coordenador da Comissão Nacional da Verdade, Pedro Dallari, sobre os dois anos de pesquisa.⁶²³ A tortura, como se sabe, também foi fundamental para desbaratar a luta armada. Vivendo na clandestinidade, muitos dos guerrilheiros só “caíram” graças a longas sessões de tortura que resultaram em delações. Nos cursos sobre técnicas de interrogatório, especialistas estrangeiros justificavam a sevícia para os que resistiam à prática com o argumento de que ela poderia salvar a vida de inocentes.⁶²⁴ Desde pelo menos 2018, também não é possível afirmar que os generais não sabiam das execuções sumárias feitas pelo regime. Um memorando da CIA, descoberto pelo pesquisador Matias Spektor, descreve em 11 de abril de 1974 a anuência de Geisel na continuação da política de extermínio do Centro de Inteligência do Exército, embora tenha alertado para que esse destino fosse reservado somente para “subversivos perigosos”.⁶²⁵

A parte final do trecho, assim como a narração em *off* que abre a discussão sobre luta armada, menciona a prática de justificações no campo da esquerda, um tema de fato bastante sensível e que colocou suas vítimas numa espécie de limbo nas políticas de memória desenvolvidas pelo Brasil. Na primeira aparição, o documentário diz que “os revolucionários assassinavam até os próprios colegas que queriam desistir da luta armada”.⁶²⁶ A imagem que ilustra o trecho é uma fotografia dos guerrilheiros de Três Passos, do Movimento Revolucionário 26 de Março, presos já em 1965. A seu despeito, no entanto, os “tribunais revolucionários” só

⁶²² 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:28:06.

⁶²³ BETIM, Felipe. “Provamos que a tortura foi uma política de Estado durante a ditadura”. *El País Brasil*, 10 out. 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/09/politica/1412885347_047042.html. Acesso em: 27 jun. 2023.

⁶²⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Passados presentes: o golpe de 1964 e a ditadura militar*. Zahar: Rio de Janeiro, 2021. p. 187-188.

⁶²⁵ BORGES, Rodolfo. Documento da CIA relata que cúpula do Governo militar brasileiro autorizou execuções. *El País Brasil*, 10 mai. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/10/politica/1525976675_975787.html. Acesso em: 27 jun. 2023.

⁶²⁶ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:21:46

tiveram início em 1969, após o AI-5, e perduraram até 1973, quando os últimos focos da guerrilha já agonizavam diante da repressão.

Com o desafio de contar as histórias dessas vítimas sem reproduzir a versão dos militares, o jornalista Lucas Ferraz publicou em 2021 o livro *Injustiçados*, resultado de uma pesquisa iniciada ainda em 2007.⁶²⁷ Ferraz, como muitos dos pesquisadores afins, foi tragado pelo tema a partir da trajetória de José Anselmo dos Santos, popularmente conhecido como Cabo Anselmo, o mais famoso infiltrado da ditadura, responsável pela execução de ao menos 20 companheiros da luta armada, incluindo a de uma namorada.⁶²⁸ Morto aos 80 anos por causas naturais, o militar sergipano nunca chegou perto de ser justificado pelos colegas, a despeito das muitas suspeitas que pairavam sobre ele na época. A principal conclusão de *Injustiçados*, como o título do livro sugere, é que todos os pares vítimas da luta armada no Brasil foram equivocadamente julgados como traidores pelos tribunais revolucionários, a despeito de sua evidente ilegitimidade.⁶²⁹

Ao todo, foram quatro os executados nesses termos durante a ditadura: Márcio Leite de Toledo, Carlos Alberto Maciel Cardoso, Francisco Jacques de Alvarenga e Salatiel Teixeira Rolim. Os números, de acordo com Ferraz, são proporcionais à dimensão do movimento revolucionário armado brasileiro. Mas, ao contrário do que sugere *Entre armas e livros*, esses episódios foram amplamente explorados e até superestimados pelo regime, que fez circular na imprensa versões ainda mais aterrorizantes deles. Para a ditadura, os justicamentos foram tão convenientes que eventualmente serviram para tentar atribuir alguns dos seus cadáveres à luta armada, o que levou a família de Márcio, o primeiro justificado, a acreditar por um tempo que ele teria sido morto num teatro armado pela repressão. Já o contrário seria muito improvável, posto que os guerrilheiros costumavam deixar longas cartas assinadas pelas organizações junto aos corpos tombados à guisa de conferir legitimidade às execuções.⁶³⁰

⁶²⁷ FERRAZ, Lucas. *Injustiçados: execuções de militantes nos tribunais revolucionários durante a ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

⁶²⁸ Trata-se da paraguaia Soledad Barrett Viedma. A história do Cabo Anselmo é contada, entre outras produções, pela série documental *Em Busca de Anselmo*, na HBO. *EM BUSCA de Anselmo*. Criação: Carlos Alberto Jr. Brasil: WarnerMedia Latin America e Clariô Filmes, 2021. son., color. Série exibida pela HBO Brasil. Disponível em: <https://play.hbomax.com/page/urn:hbo:page:GYLIDXwqoYrGLCwEAAAck:type:series>. Acesso em: 30 jun. 2023.

⁶²⁹ FERRAZ. *op. cit.* p. 17-18.

⁶³⁰ *Ib, ibid.* p. 77-78.

Ainda que bárbaros e injustificáveis, esses assassinatos, além de não terem a dimensão indicada pela *Brasil Paralelo* no filme, também podem ser incluídos na conta da ditadura, que, como instauradora de um regime que induziu a oposição radicalizada à paranoia,⁶³¹ infiltrando agentes e convertendo militantes para torturá-los e executá-los a sangue-frio, é coautora da tragédia humanitária que cada uma dessas mortes representa.

A *Brasil Paralelo* fia sua posição de que não defende o regime militar sobretudo graças à sua rejeição ao AI-5. Na narração em *off*, Filipe Valerim abre o trecho, com destaque, claro, para as ações da esquerda armada: “O governo de Costa e Silva sofria forte oposição, das manifestações estudantis aos atos terroristas. O governo se via cada vez mais isolado”.⁶³² Lucas Berlanza é quem dá continuidade:

Ele reúne o seu ministério para discutir medidas duras e aí apresenta o projeto do Ato Institucional número 5, que dava ao Executivo o poder de acabar com os outros poderes se necessário, assim sempre que necessário, fechar o Congresso, intervir nos magistrados, nos juízes; relativizava o habeas corpus, o que é muito perigoso.⁶³³

Quem começa com a série de rechaços é Silvio Grimaldo: “A ideia de que o AI-5 surgiu para poder combater a guerrilha é fantasiosa porque os dispositivos constitucionais que existiam permitiam o combate da guerrilha”.⁶³⁴ Um pouco depois, Berlanza questiona:

Havia manifestações, havia guerrilha. Mas a reflexão que fica é: será que era preciso um AI-5 para combater isso tudo? Será que manifestações justificam o AI-5? Começa por aí. Ter gente na rua,

⁶³¹ Bem descrita na obra de Ferraz como “síndrome de Severino”. Militante da Aliança Libertadora Nacional, José da Silva Tavares, codinome Severino, tinha sido preso na primavera de 1970 em Belém pelo Cenimar, serviço de inteligência da Marinha. Mas voltou ao encontro dos companheiros com uma história de fuga cinematográfica pelo hospital depois de uma tentativa de suicídio. Para encurtar o enredo: na verdade, ameaçado de morte, ele havia fechado um acordo com o delegado Fleury, do temido Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) de São Paulo, para entregar Câmara Ferreira, experiente guerrilheiro sucessor de Marighella no comando da organização. Velho ou Toledo, como era conhecido o líder comunista, foi alertado da possibilidade de traição, mas defendeu o companheiro. Tavares forneceu informações sobre mais de 100 militantes treinados em Cuba e entregou o paradeiro de quatro militantes de uma só vez, incluindo Câmara, que morreu sob tortura. *Id, ibid.* p. 45-66.

⁶³² 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:28:57.

⁶³³ *Ibid.* 1:29:07.

⁶³⁴ *Ibid.* 1:29:34.

seja de esquerda ou de direita, para protestar contra o governo, justifica você fazer o fechamento total do sistema político?⁶³⁵

Um pouco antes dele, é William Waack quem responde taxativamente que não, mas sem deixar de dar ênfase à luta armada:

Eu vi como a Itália, a França e a Alemanha souberam dominar movimentos terroristas sem perder a sua essência do regime democrático. É possível, sim. É possível combater o terrorismo militante, covarde, assassino, sem que esses países deixem de lado o respeito à lei, à ordem e à democracia.⁶³⁶

É possível que o movimento revolucionário brasileiro produzisse vítimas em larga escala durante o contexto de Guerra Fria mesmo sob o governo de uma democracia, afinal a oposição à “democracia burguesa” era uma constante nos escritos desses grupos. Porém, esse exercício meramente especulativo não passaria disso. A comparação entre social-democracias como Itália, França e Alemanha e o Brasil é insustentável porque, como vimos, mesmo antes do AI-5 já era notório o processo de fechamento do regime. Até 1966, quando ações mais efetivas da esquerda armada tiveram início,⁶³⁷ o governo militar já tinha editado quatro Atos Institucionais. Isso sem contar o próprio golpe, que por si só já incluiu uma série de medidas autoritárias.

Além disso, o documentário também omite deliberadamente as centenas de atentados produzidos pela direita, alguns deles até anteriores ao golpe, como a bomba colocada para explodir a Exposição Soviética no Campo de São Cristóvão, em 1962,⁶³⁸ e outros muito posteriores à derrocada da luta armada, como o artefato que detonou o prédio da OAB carioca e matou a secretária Lyda Monteiro da Silva já em 1980. Um panfleto da Aliança Anticomunista Brasileira (AAB) encontrado no recinto dizia que “OAB está dominada totalmente pelos comunistas que fazem da entidade uma agência de trabalho de Moscou contra os interesses do Brasil” e que a bomba era um “primeiro alerta”.⁶³⁹

⁶³⁵ *Ibid.* 1:30:07.

⁶³⁶ *Ibid.* 1:29:46.

⁶³⁷ FERRAZ. *op. cit.* p. 14.

⁶³⁸ Mais sobre o atentado mal sucedido em MURILO CLETO. *Twitter*, 17 mai. 2022. <https://twitter.com/MuriloCleto/status/1526602779879518208>. Acesso em 28 jun. 2022

⁶³⁹ Ver em MOTTA. *Em guarda contra o perigo vermelho. op. cit.* p. 182.

O famigerado caso Riocentro, pacificado como uma das mais emblemáticas reações da caserna à abertura, é surpreendentemente descrito por Lucas Berlanza como “*muito provavelmente [...] coisa da linha-dura e não da extrema-esquerda*”.⁶⁴⁰ Embora nos últimos casos tenha colado menos, sobretudo graças ao desgaste do regime e à maior liberdade da imprensa, os militares insistiam em dizer que os atentados vinham da própria esquerda, como ocorreu mesmo no caso do Riocentro. Era noite de 30 de abril de 1981 quando o centro de convenções reunia cerca de 20 mil pessoas para uma série de shows musicais em comemoração ao Dia do Trabalhador e duas bombas explodiram no recinto, uma delas prematuramente dentro do carro que as levava, justo no colo do sargento Guilherme Pereira do Rosário, que morreu na hora. Apesar de gravemente ferido, o capitão Wilson Dias Machado, por sua vez, acabou sobrevivendo. A versão oficial, mesmo assim, não admitiu envolvimento da direita — e muito menos do governo, claro.⁶⁴¹

Rodrigo Patto Sá Motta, em seu *Em guarda contra o perigo vermelho*, esquadrinha esse expediente, demonstrando que ele seguiu as tendências de aquecimento das atividades anticomunistas no país. No livro-tese, o historiador conta que os relatórios das autoridades policiais sobre os atentados da direita no início dos anos 1960 “parecem ter sido elaborados apenas para cumprir uma exigência burocrática”.⁶⁴² Um dos casos analisados por ele chegaria a ser cômico se não fosse tão trágico: o responsável pela averiguação de um atentado simplesmente lamenta não ter conseguido encontrar o registro do Movimento Anticomunista em cartório. O mais próximo que se chegou da identificação dos financiadores do MAC apareceu numa coluna apócrifa do Jornal do Brasil, em janeiro de 1962, que dizia que o governo havia mantido os nomes em sigilo graças ao envolvimento de “gente graúda”. Na época, houve especulação sobre tenentes, almirantes e empresários, mas as investigações não avançaram.⁶⁴³

A opção da Comissão Nacional da Verdade foi por não contabilizar a maioria dessas mortes no seu relatório final, considerando o enfoque na ação direta do Estado e por razões eminentemente políticas. Ainda que os números desse placar

⁶⁴⁰ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:52:06.

⁶⁴¹ BATISTA, Liz. Atentado do Riocentro: as bombas que tentaram parar a abertura política. *Estadão*, 30 abr. 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/atentado-do-riocentro-as-bombas-que-tentaram-parar-a-abertura-politica/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

⁶⁴² MOTTA. *Em guarda contra o perigo vermelho*. *op. cit.* p. 178.

⁶⁴³ *Ibid.* p. 177-182.

mórbido (434 pela ditadura e 119 pela esquerda) sejam admitidos friamente, é preciso considerar que 90% das mortes de autoria da luta armada decorreram da troca de tiros com agentes de segurança, enquanto o leque de vítimas do regime foi muito mais variado. A versão simpática à ditadura, de que ela só executou opositores altamente perigosos, também é falaciosa: entre suas vítimas, estão estudantes desarmados, parlamentares, jornalistas, mães de desaparecidos e até crianças, muitas das vezes utilizadas em sessões de tortura. Isso sem contar as inúmeras mortes de guerrilheiros em que a caserna forjou como resultantes da troca de tiros. Se fossem incluídas as execuções de camponeses e indígenas, predominantemente perpetradas por matadores a serviço de grupos privados em colaboração com a ditadura, esse montante saltaria exponencialmente.⁶⁴⁴

Além da ação de grupos terroristas marginais e da leniência das autoridades no seu trato, a direita autoritária também contava com um aparelho estatal repressivo pré-existente mas em franca evolução desde o golpe, incluindo as seguintes criações: o Serviço Nacional de Informações (SNI), ainda em 1964, dirigido diretamente pelo Exército; o Centro de Informações do Exército (CIE), em 1967; o Centro de Informações da Aeronáutica (Cisa), em 1968; o Departamento de Polícia Federal (DPF), uma espécie de polícia nacional que mais tarde se ocupou da censura, e a Inspeção Geral das Polícias Militares (IGPM), em 1967; os Doi-Codi, em 1970, inspirados pela experiência da Operação Bandeirantes no ano anterior, que contou com o apoio de empresários; Divisões de Segurança e Informações (DSI) e Assessorias de Segurança e Informação (ASI), no início da década de 1970. Também não se pode perder de vista que a Lei de Segurança Nacional, que vigorava desde 1953, sofreu atualizações em 1967 e 1969 para aumentar as opções de enquadro da subversão. Toda essa estrutura, destaca Rodrigo Motta, à exceção dos Doi-Codi, já existia antes de a luta armada começar a dar dor de cabeça aos militares.⁶⁴⁵

E se a esquerda recebeu ajuda internacional, notadamente de Cuba, o regime militar contou com o suporte bélico, técnico e tático de EUA, Inglaterra e França.⁶⁴⁶ Isso sem contar a cooperação estratégica entre as ditaduras do Cone Sul

⁶⁴⁴ MOTTA. *Passados presentes. op. cit.* 192-196.

⁶⁴⁵ *Id, ibid.* p. 176-182.

⁶⁴⁶ *Id, ibid.* p. 192-193.

já em meados da década de 1970, a exemplo da Operação Condor.⁶⁴⁷ Por outro lado, de maneira geral, pode-se dizer que a estrutura da luta armada no Brasil era mais do que precária. Não se trata, com isso, de minimizar as intencionalidades bélicas da guerrilha, mas de reconhecer os seus limites na prática e, sobretudo, a fragilidade de uma interpretação que a coloca em pé de igualdade com o aparelho repressivo da ditadura. Se a teoria dos dois demônios já não é capaz de emoldurar com rigor a realidade dos “anos de chumbo” no Brasil, considerando a desproporcionalidade das forças em oposição, essa versão da Brasil Paralelo que superlativiza o demônio comunista para atribuir no máximo um espírito reativo ao da ditadura beira a fantasia.

⁶⁴⁷ ROSSI, Marina. A regra de sangue da Operação Condor, a aliança mortífera das ditaduras do Cone Sul. *El País Brasil*, 30 mar. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/politica/1553895462_193096.html. Acesso em: 30 jun. 2023.

13. O ESPECTRO DO MARXISMO CULTURAL

1964 - *O Brasil entre armas e livros* não é exatamente um filme sobre a ditadura militar brasileira. Esse diagnóstico constitui numa premissa facilmente identificável já nos primeiros minutos de documentário. A ditadura nada mais é do que o pano de fundo de uma história que interessa muito mais à produção. Dos 21 capítulos previamente organizados pela própria publicação oficial disponível no YouTube,⁶⁴⁸ 13 se referem de forma explícita à esquerda já no título — e os demais a abordam no conteúdo. O último quarto do filme, que engloba seis capítulos, é aberto com imagens de Maio de 1968 e tem como tarefa denunciar a expansão do comunismo ainda durante o regime militar.

Depois de falar sobre a derrota da esquerda no campo das armas, simbolizada sobretudo pelo massacre da Guerrilha do Araguaia, em 1974, o documentário dá início ao trecho com aspas para Nicolas Sarkozy, ex-presidente da França: “o Maio de 1968 impôs o relativismo moral e intelectual a todos nós. Impôs a ideia de que não existia mais qualquer diferença entre bom e mau, verdade e falsidade, beleza e feiura”. Em seguida, um *backing track* de “Time”, da banda britânica Pink Floyd, embala uma sucessão de imagens saturadas, desconexas e caóticas da juventude da época enquanto a narração em *off* de Filipe Valerim interpreta o que estaria ocorrendo:

Na década de 1960, a sociedade ocidental passava por uma transformação profunda. Crenças, valores e tradições que se acumularam durante os séculos passaram a ser contestados. O movimento hippie dos Estados Unidos e os acontecimentos de Maio de 1968 na França são reflexos dessa revolução cultural no Ocidente, quando jovens e estudantes protestavam e entravam em confronto com a polícia exigindo mudanças sociais. Usando a máscara de demandas sociais genuínas, como a liberalização sexual, o movimento por paz mundial, aborto e a quebra da noção tradicional de família, jovens eram usados como massa de manobra de uma trama que não conseguiam ver. Percebendo que a classe trabalhadora não havia aderido à revolução como Marx havia previsto, o filósofo comunista György Lukács concluiu que o movimento revolucionário não deve se preocupar com a destruição do capitalismo, mas sim das bases da civilização ocidental: a filosofia grega, o direito romano e a religião judaico-cristã. O fundador do Partido Comunista Italiano passa a escrever os cadernos do cárcere, onde relata que a estratégia marxista deve acontecer no meio

⁶⁴⁸ BRASIL PARALELO. 1964 - O Brasil entre armas e livros. *YouTube*, 2 abr. 2019. Disponível em <https://youtu.be/yTenWQHRPIg>. Acesso em 12 abr. 2022.

cultural, destruindo todos os valores, a moral, a religião e a família. Para isso, os comunistas devem ocupar espaços e exercer controle dos meios educacionais, das instituições religiosas, dos meios de comunicação, a fim de pervertê-los e criar um novo modo de pensar.⁶⁴⁹

O único momento de ruptura nas imagens que acompanham a citação é quando, durante o trecho em que o narrador fala em “bases da civilização ocidental”, são exibidas peças arquitetônicas greco-romanas e cristãs. Em seguida, é a vez do entrevistado Vladimir Petrilák confirmar o diagnóstico:

A ideologia esquerdista tomou conta não somente das mentes pelas quais estava direcionada, mas também dos intelectuais, clérigos, professores. Não eram as massas e sim os líderes e professores das nações. Aqueles que têm o governo sobre as almas.⁶⁵⁰

Durante essa exposição, uma frequência sonora aguda e entrecortada, típica de filmes de suspense, acompanha a exibição de um vídeo meramente ilustrativo do educador Paulo Freire e uma fotografia do frade dominicano Frei Betto, destacado ao lado do ditador cubano Fidel Castro numa plateia. Ambos — Freire e Betto — foram notáveis opositores da ditadura militar brasileira.

Para o filósofo Luiz Felipe Pondé, em depoimento incluído no filme, a ideia da esquerda seria alcançar, em vez de uma revolução, uma hegemonia:

E essa hegemonia, você vai acordar um dia sendo comunista. Tipo assim, né? Porque vai haver uma normalização de uma visão de mundo. E essa normalização vai causar aquilo que o comunismo teria fracassado no seu primeiro momento através da luta armada.⁶⁵¹

O documentário sustenta ainda, desta vez através da narração em *off*, que “tudo isso deveria ser feito de maneira silenciosa, para que as pessoas fossem conduzidas a essa hegemonia cultural sem que percebessem”. De acordo com o texto, a estratégia teria sido exitosa: “se o socialismo econômico falhou, se as ditaduras comunistas todas acabaram em genocídio, foi na guerra cultural que a esquerda conseguiu seu grande triunfo”.⁶⁵²

⁶⁴⁹ *Ibid.* 1:35:29.

⁶⁵⁰ *Ibid.* 1:36:54.

⁶⁵¹ *Ibid.* 1:37:16.

⁶⁵² *Ibid.* 1:37:40.

O blogueiro Flavio Morgenstern, outro entrevistado, vai além e diz que “o Brasil vai virar o país mais gramscista do mundo”, à frente de Itália e França. Para ele,

a melhor forma de você ser um gramscista ortodoxo é nunca tendo ouvido falar em Gramsci. Ele quer hegemonia. Ele não quer revolução da caserna. Ele não quer coturno. Ele não quer uniforme. Ele quer uma cultura, onde você sempre vai repetir os mesmos termos. Por que hoje toda esquerda fala sempre “machismo, racismo, homofobia”? Isso é gramscismo. “Nós precisamos montar um movimento sindical, um movimento cultural”.⁶⁵³

Enquanto Morgenstern falava, corriam imagens na tela ilustrando Gramsci em sala de aula e numa mesa de trabalho, como dando instruções a pupilos que anotavam tudo disciplinadamente, reforçando os aspectos vertical e racional da ofensiva. As imagens do professor comunista em *1964 - O Brasil entre armas e livros*, antes, tinham sido interrompidas por flashes de algo como o estêncil de um tanque de guerra sobre outro e a legenda “*make love, not war*”, um conhecido slogan do movimento contracultural norte-americano.

Todos esses pressupostos estão na obra de Olavo, que no documentário tem a oportunidade de apresentar seu objeto de antagonismo:

E, junto com Antonio Gramsci, veio o negócio da Escola de Frankfurt, que ia mais ou menos na mesma direção. Por exemplo, para o pessoal da Escola de Frankfurt, o proletariado já não era mais da classe revolucionária. Ele poderia ser uma das classes revolucionárias, mas não tinha o papel preponderante. Então, eles admitiam a entrada de novas classes revolucionárias, como os intelectuais, os estudantes, o lumpemproletariado, prostitutas, drogados, bandidos. A bandidagem toda, evidentemente.⁶⁵⁴

O raciocínio é uma retomada da grande causa da vida do ideólogo a partir da década de 1990. Publicada originalmente em 1994 pela modesta editora de Stella Caymmi, neta do compositor baiano Dorival Caymmi e grande entusiasta de Carvalho, *A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci* é uma obra de pouco fôlego. Algumas edições não chegam a uma centena de páginas. Mas, além de símbolo da viragem na trajetória de Olavo, o livro apresenta importantes bases do seu pensamento e que irão norteá-lo nas publicações a

⁶⁵³ *Ibid.* 1:38:01.

⁶⁵⁴ *Ibid.* 1:39:35.

seguir. Na verdade, *A nova era e a revolução cultural* é o primeiro texto de uma trilogia que mais tarde o consagrou no panteão de intelectuais do campo conservador brasileiro, seguido de *O jardim das aflições* e *O imbecil coletivo*.

No prefácio à segunda edição de *A nova era*, que foi reproduzido também em lançamentos seguintes, pode-se conhecer o germe da elaboração desenvolvida no documentário da Brasil Paralelo. Seu raciocínio pode ser dividido em pelo menos três temáticas, embora o próprio autor as tenha misturado durante a escrita. Em primeiro lugar, Olavo denuncia o uso das artes e da universidade como instrumento político:

O rebaixamento das artes, da filosofia e até de algumas ciências à condição de megafones da propaganda revolucionária, que os melhores pensadores marxistas sempre rejeitaram como uma tentação aviltante, tornou-se a praxe estabelecida, que ninguém ousa contestar, menos pelo temor de um revide explícito do que pela certeza absoluta de que seus ouvintes já não poderão compreendê-lo, tão longe estão de imaginar que a cultura possa ter outros e mais elevados fins. [...] Pelo efeito conjugado da decadência norte-americana e da ação local tendente a amassar e fundir todos os cérebros deste país na fôrma sem rosto do "intelectual coletivo" gramsciano, o fato é que a inteligência nacional está indo ladeira abaixo, ao mesmo tempo que sobe, das ruas e dos campos, o rumor sombrio de uma revolução em marcha. Sim, o Brasil está inequivocamente entrando numa atmosfera de revolução comunista. [...] A geração que, derrotada pela ditadura militar, abandonou os sonhos de chegar ao poder pela luta armada e se dedicou, em silêncio, a uma revisão de sua estratégia, à luz dos ensinamentos de Antonio Gramsci. [...] A conversão formal ou informal, consciente ou inconsciente da intelectualidade de esquerda à estratégia de Antonio Gramsci é o fato mais relevante da História nacional dos últimos trinta anos.⁶⁵⁵

O texto enfatiza o aspecto subliminar dessa que seria a estratégia comunista de domínio no campo cultural:

Pois o dogma da cultura militante não se adotou como opção consciente, vencedora no confronto com outras concepções possíveis, mas se infiltrou sorrateiramente, como um pressuposto implícito, aproveitando-se da ignorância das novas gerações, que ao despertarem para o mundo da "cultura" já a encontram identificada à propaganda ideológica como se este fosse o seu estado natural e seu

⁶⁵⁵ CARVALHO, Olavo de. *A Nova Era e a Revolução Cultural: Prefácio à segunda edição. Sapientiam autem non vincit malitia*, 9 fev. 1994. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-nova-era-e-a-revolucao-cultural-prefacio-a-segunda-edicao/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

destino eterno. [...] O que Gramsci lhe ensinou foi abdicar do radicalismo ostensivo para ampliar a margem de alianças; foi renunciar à pureza dos esquemas ideológicos aparentes para ganhar eficiência na arte de aliciar e comprometer; foi recuar do combate político direto para a zona mais profunda da sabotagem psicológica.

Em segundo lugar, o autor demonstra preocupação visceral com o declínio moral provocado por esse avanço:

O pior é que essa propaganda já não transmite sequer idéias ou símbolos de uma doutrina revolucionária, mas limita-se a repetir, de maneira rasa, literal e direta, as reivindicações do dia: fora Collor, morte aos corruptos, viva o Betinho, queremos sexo. Todos os anões do Congresso, reunidos e somados, não fizeram tanto mal a este país quanto essa prostituição completa da inteligência às ambições políticas imediatas e às paixões mais corriqueiras. O dinheiro perdido pode-se ganhar novamente; o espírito, quando se vai, não volta mais. Os templos abandonados - é a experiência universal - tornam-se para sempre covis de feiticeiros e bandidos [...].⁶⁵⁶

Essa decadência, claro, também seria parte do plano:

Com Gramsci ela aprendeu que uma revolução da mente deve preceder a revolução política; que é mais importante solapar as bases morais e culturais do adversário do que ganhar votos; que um colaborador inconsciente e sem compromisso, de cujas ações o partido jamais possa ser responsabilizado, vale mais que mil militantes inscritos. Com Gramsci ela aprendeu uma estratégia tão vasta em sua abrangência, tão sutil em seus meios, tão complexa e quase contraditória em sua pluralidade simultânea de canais de ação, que é praticamente impossível o adversário mesmo não acabar colaborando com ela de algum modo, tecendo, como profetizou Lênin, a corda com que será enforcado.⁶⁵⁷

Embora tenha clamado para si o “temível mérito da originalidade”⁶⁵⁸ na introdução geral à trilogia composta por *A nova era*, *Jardim das aflições* e *O imbecil coletivo*, as ideias de Olavo não são exatamente novas. Paul Weyrich, ativista conservador norte-americano, já havia difundido nos anos 1970 a teoria de metamorfização do movimento comunista na direção das agendas LGBTQIA+, negra, feminista, autóctone, contracultural e multilateralista diplomática. Mas ela não

⁶⁵⁶ *Id, ibid.*

⁶⁵⁷ *Id, ibid.*

⁶⁵⁸ CARVALHO, Olavo de. *A Nova Era e a Revolução Cultural: Introdução geral à Trilogia. Sapientiam autem non vincit malitia*, 22 ago. 1996. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-nova-era-e-a-revolucao-cultural-introducao-geral-a-trilogia/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

recebeu grande atenção até os anos 1990.⁶⁵⁹ Em 1989, William Lind foi o primeiro a adotar o uso da expressão “guerra de 4ª geração”, que pressupõe o uso de ferramentas políticas, sociais, econômicas e também tecnológicas para o combate a adversários não estatais. Um dos seus pilares, argumenta o professor Eduardo Costa Pinto, é o pressuposto de que o Ocidente cristão estaria sob ameaça diante da emergência do multiculturalismo.⁶⁶⁰

Dois anos antes do lançamento da obra que inaugura a série de Olavo, o norte-americano Michael Minnicino publicou, na revista do movimento LaRouche, o artigo *The New Dark Age: The Frankfurt School and 'Political Correctness'*, que acusa Theodor Adorno de participar de um experimento social cujo objetivo final seria manipular as massas em favor de um novo paradigma cultural:

Talvez o mais importante, embora menos conhecido, dos sucessos da Escola de Frankfurt tenha sido a transformação da mídia eletrônica de rádio e televisão nos poderosos instrumentos de controle social que eles representam hoje. Isso surgiu do trabalho feito, originalmente, por dois homens que ingressaram no instituto no final da década de 1920: Theodor Adorno e Walter Benjamin [...] Apesar do brilho oficial, as atividades do Projeto de Rádio deixaram claro que seu objetivo era testar empiricamente a tese de Adorno e Benjamin de que o efeito líquido dos meios de comunicação de massa poderia ser atomizar e aumentar a labilidade — o que as pessoas mais tarde chamariam de “lavagem cerebral”.⁶⁶¹

Adorno dedicou anos, através da e com a colaboração de demais representantes da Escola de Frankfurt — corrente filosófica de orientação marxista associada ao Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt, na Alemanha — a uma pesquisa sobre música, cujos resultados são amplamente conhecidos em artigos como *A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas*, assinado a quatro mãos com Max Horkheimer, que critica os métodos de produção e circulação de canções no alvorecer da era do rádio. Grosso modo, o que fazem Adorno e Horkheimer no texto é queixarem-se da insistência da indústria fonográfica na combinação de fórmulas comerciais que acabam por tornar a música cada vez mais

⁶⁵⁹ CHIRIO, Maud. Da linha dura ao marxismo cultural. O olhar imutável de um grupo de extrema direita da reserva sobre a vida política brasileira (Jornal Inconfidência, 1998-2014). In: MARTINS FILHO, João Roberto (org.) *Os militares e a crise brasileira*. São Paulo: Alameda, 2021. p. 173-187.

⁶⁶⁰ *Ibid.* PINTO, Eduardo Costa. Bolsonaro, quartéis e marxismo cultural: a loucura como método. p. 232-246.

⁶⁶¹ MINNICINO, Michael. A nova idade das trevas: a Escola de Frankfurt e o “politicamente correto”. *Políticas Culturais em Revista*, v. 15, n.1, Salvador, jan./jun. 2022, p. 229 e 240.

padronizada e, no limite, pasteurizada. Os ouvintes, por conseguinte, ficariam menos dispostos a consumir expressões culturais mais autênticas, esvaziando o potencial inovador da quarta arte.⁶⁶² Isso tudo quase um século antes dos algoritmos digitais. Para Minnicino, no entanto, a crítica seria um endosso. Ou, para ser mais preciso, essa seria a fórmula da Escola de Frankfurt para o processo de implantação do comunismo.

Em julho de 2011, os olhos do mundo voltaram-se para o autor de *A nova era das trevas: a Escola de Frankfurt e o “politicamente correto”*. Anders Breivik, um norueguês de 32 anos, disfarçou-se de agente de segurança para se infiltrar num acampamento da juventude do Partido Trabalhista na ilha de Utoya e abrir fogo contra quase todo mundo que estava ali. Antes, o extremista explodiu um carro-bomba em Oslo. O saldo da carnificina foi de 77 mortos e 319 feridos. Nas horas que antecederam os ataques, Breivik enviou um calhamaço de 1500 páginas para todos os seus contatos de e-mail. O manifesto vocifera contra minorias sociais e o avanço do tal “marxismo cultural” pela Europa, parafraseando, copiando e citando produções já desenvolvidas sobre o tema. Como não poderia deixar de ser, Minnicino figura como uma das referências. O patrono do conceito, horrorizado com o massacre, atacou o movimento LaRouche e seu principal representante e retirou tudo o que disse no artigo, submergindo para uma vida longe dos holofotes. Nos anos 1990, ele chegou a promover shows que hoje se assemelham muito ao gênero *stand-up comedy* com conteúdo relacionado às guerras culturais.⁶⁶³ Anos mais tarde, Jair Bolsonaro nomeou como diretor de Avaliação da Educação Básica do Instituto Nacional de Estudos Pesquisas Educacionais (Inep) Murilo Resende Ferreira, um olavista que publicou como seu, num obscuro periódico de extrema direita, o artigo *A Escola de Frankfurt: satanismo, feiúra e revolução*, que, na verdade, descobriu-se depois, consistia numa tradução do texto de Minnicino.⁶⁶⁴

⁶⁶² HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 169-214.

⁶⁶³ ORTELLADO, Pablo; MARTINS, Elisa. Podcast ‘Guerras culturais: Uma batalha pela alma do Brasil’; leia a transcrição do terceiro episódio. *O Globo*, 31 ago. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/podcast/guerras-culturais/noticia/2022/08/podcast-guerras-culturais-uma-batalha-pela-alma-do-brasil-leia-a-transcricao-do-terceiro-episodio.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2023.

⁶⁶⁴ WOLF, Eduardo. Plágio, politicamente correto e paranoia no Inep de Bolsonaro. *Veja*, 19 jan. 2019. Disponível em: <https://complemento.veja.abril.com.br/pagina-aberta/plagio-politicamente-correto-e-paranoia-no-inep-de-bolsonaro.html>. Acesso em: 15 fev. 2023.

Procedimento semelhante ao de Minnicino com Adorno ocorre na leitura de Olavo sobre a obra de Antonio Gramsci. Em seu *Cadernos do cárcere*, o filósofo italiano, preso nos anos 1920 pelo regime de Mussolini, questiona-se sobre o insucesso da repetição da revolução bolchevique em outros lugares pelo mundo e chega à conclusão de que o capitalismo só é capaz de manter-se em pé porque, além de dispor de uma estrutura repressiva, também administra mecanismos de consolidação de valores, que, por fim, tendem a tornar o exercício do poder também resultado de algum consentimento social. A isso, Gramsci deu o nome de hegemonia. Foi o suficiente para que Carvalho enxergasse uma trama mundial, conformando todos os acontecimentos da política e do cotidiano ao que seria um grande plano de dominação. O autor de *A inversão revolucionária em ação* (2015) diminuiu os contornos antissemitas da teoria conspirativa e passou a difundi-la junto a uma geração de anticomunistas.⁶⁶⁵

Também tem lastro a preocupação das Forças Armadas brasileiras com as bases do que se convencionou chamar depois de “marxismo cultural”. Com o fim da ditadura e a publicação do célebre livro de denúncias *Brasil: nunca mais*, que detalhou de maneira inédita as torturas sofridas por presos políticos no país durante o regime militar, a caserna resolveu reagir. Leônidas Pires Gonçalves, à época ministro do Exército, encomendou a redação do *Orvil: tentativas de tomada de poder*. Como o subtítulo sugere, o principal objetivo da obra era descrever os episódios em que a esquerda tentou alguma ruptura da ordem republicana. Eles seriam quatro, ao todo: a revolta comunista de 1935, pejorativamente intitulada como “Intentona”; a organização de movimentos sociais em torno do presidente João Goulart nos anos 1960; a luta armada pós-AI-5; e, por fim, um esforço que desde então e até hoje estaria em curso, que é a infiltração na cultura. Embora não tenha sido oficialmente publicado durante a transição democrática, como veremos adiante, o documento ficou pronto em 1987 e passou a circular via cópias clandestinas.⁶⁶⁶

⁶⁶⁵ SILVA, Wellington T.; SUGAMOSTO, A; IRIGARAY A. U. O marxismo cultural no Brasil: origens e desdobramentos de uma teoria conservadora. *Revista Cultura & Religião*, v. 15, n. 1, p. 180-222, jan.-jun. 2021.

⁶⁶⁶ VICTOR, Fabio. *Poder camuflado: os militares e a política, do fim da ditadura ao governo Bolsonaro*. Companhia das Letras: São Paulo, 2022. p. 117-128.

Na apresentação da edição comercial do *Orvil*, finalmente lançado em 2012, o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, que comandou o Doi-Codi do II Exército, em São Paulo, diz:

As mãos foram estendidas em sinal de paz, por um dos lados — as mãos dos vencedores da luta armada —, porém, para os vencidos, o combate continuou. Os derrotados trocaram as armas pelas palavras, fazendo questão de não deixar cicatrizar as feridas que procuram manter abertas até hoje. [...] Aos poucos, a maioria dos “perseguidos políticos” ocupava cargos públicos, setores da mídia e universidades. Bons formadores de opinião, passaram a usar novas técnicas na batalha pela tomada do poder e pela tentativa de desmoralização das Forças Armadas.⁶⁶⁷

O *Orvil* também gerou alguns subprodutos editoriais que caminharam por esse flanco. Coordenador do compêndio secreto, o coronel Agnaldo Del Nero publicou em 2001 *A grande mentira*. O general Sérgio Augusto de Avellar Coutinho, que chefiou o Centro de Informações do Exército no fim da década de 1980 e também ajudou a distribuir internamente o *Orvil*, escreveu *A revolução gramscista no Ocidente*, em 2002, e, no ano seguinte, *Cadernos da liberdade* — relançado com edição ampliada em 2010 sob o título de *Cenas da nova ordem mundial*. Entre os muitos pontos em comum nas três obras, está a presença de Olavo de Carvalho nas bibliografias. O ideólogo já havia atuado como redator na coleção *O Exército na História do Brasil*, também publicada pela Biblioteca do Exército, e palestrava desde os anos 1990 em instituições militares.⁶⁶⁸ Em 1999, Olavo recebeu do Exército a Medalha do Pacificador.⁶⁶⁹

Foi também em 1999 que o autor de *Os histéricos no poder* (2018), junto a outros conservadores menos conhecidos, como Huáscar Terra do Vale e Heitor de Paola, passou a ter reproduzidos seus artigos no *Jornal Inconfidência*, que, apesar de modesto, revelou-se um obstinado denunciante da teoria do marxismo cultural. Para a historiadora Maud Chirio, esse periódico foi pouco prestigiado pela historiografia graças ao açodado juízo de que seus responsáveis, os militares da reserva de Minas Gerais associados ao Grupo Inconfidência, seriam apenas oficiais nostálgicos do passado, sem o comando efetivo de tropas e sem influência sobre a

⁶⁶⁷ MACIEL Lício; NASCIMENTO, José Conegundes (orgs.). *Orvil: tentativas de tomada do poder*. Salto: Schoba, 2012. p. 23.

⁶⁶⁸ VICTOR, *op. cit.* p. 122-123.

⁶⁶⁹ Port nº 391-Cmt Ex, de 21 JUL 99. SECRETARIA-GERAL DO EXÉRCITO. Almanques. Disponível em: <http://www.sgex.eb.mil.br/almanques/Almanques/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

opinião pública ou fardados da ativa. O Jornal Inconfidência funcionou como uma câmara de eco para diferentes entidades de militares, como o Terrorismo Nunca Mais (Ternuma), que também fez sua parte em acusar o projeto esquerdista de “dominar os centros de irradiação de prestígio cultural: a Escola, a Igreja, a Mídia, os partidos políticos, o Judiciário para assumirem o Poder pelo voto”.⁶⁷⁰

Jorge Boaventura, professor da Escola Superior de Guerra, já havia publicado em 1980 *Ocidente traído: a sociedade em crise* pela editora oficial do Exército.⁶⁷¹ Em *Narciso em férias*, que narra sua experiência na prisão após a decretação do Ato Institucional nº 5 em dezembro de 1968 pela ditadura, o compositor Caetano Veloso demonstra que essa preocupação é ainda mais antiga. Uma das passagens que mais chamam atenção no relato é o diálogo que ele recorda com um capitão treinado em antiguerilha nos EUA. Depois de questionar se Caetano sentia-se injustiçado, ele disse: “Mas você não me engana, não”. E prosseguiu, segundo o tropicalista, argumentando que o que fazia o movimento era “muito mais subversivo do que o que esses cantores de protesto fazem”. Para o oficial, o tipo de arte desenvolvida por Caetano corroeria “a coisa por dentro”, graças à inspiração de Herbert Marcuse — outro expoente da Escola de Frankfurt. “Isso”, dizia o capitão, que se gabava desse conhecimento e menosprezava a ignorância dos colegas na vila militar, “é parte da contracultura, está acontecendo no mundo todo”. O interrogatório de Caetano, no entanto, fala em “terrorismo cultural”, o classifica como “cantor de música de protesto, de cunho subversivo e desvirilizante” e relaciona a obra da Tropicália à “exaltação de regimes socialistas”.⁶⁷²

Num artigo em que analisa a herança do conservadorismo na formação de novos oficiais da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em Resende, no Rio de Janeiro, o sociólogo Wallace da Silva Mello lista três tradições do pensamento político no Brasil que serviram, ao longo da história, para motivar uma postura intervencionista dos militares no Brasil: o positivismo, o nacionalismo autoritário e o culturalismo conservador. Este último, argumenta Mello, foi fortemente influenciado pela obra de Gilberto Freyre, sem dúvidas reconhecido como um dos maiores

⁶⁷⁰ CHIRIO, *op. cit.* p. 180.

⁶⁷¹ VICTOR, *op. cit.* p. 121-122.

⁶⁷² *Narciso em férias*. Dir.: Renato Terra; Ricardo Calil. *Globoplay*, 2020. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8836951>. Acesso em 23 jan. 2023. 51:22.

intérpretes do Brasil no século XX, mas cuja produção sobre a relação entre militares e sociedade civil permanece subexplorada.⁶⁷³

Freyre, que, como se sabe, foi apoiador do golpe de 1964, tinha o Exército como um “coordenador de contrários”, uma força que paira acima dos brasileiros e pacifica seus conflitos. Fulcral para a construção da memória militar nacional, a Batalha de Guararapes, no século XVII, simbolizaria a harmonização das diferenças sociais em nome de um projeto comum de nação. Foi nela, afinal, que negros, indígenas e brancos uniram-se, sob o manto da instituição castrense, para a expulsão do inimigo invasor. Assim como a mestiçagem, o pacifismo configura, para Freyre, uma marca indispensável da identidade brasileira. Nesse sentido, a emergência de pelejas societais, morais e culturais estimuladas pelos novos movimentos de esquerda não representaria outra coisa senão uma ameaça à unicidade da nação.⁶⁷⁴

O “politicamente correto”, ideia que exerce protagonismo no artigo de Minnicino, para quem a obra de Adorno seria uma espécie de “apologia à feiúra”, também ocupou lugar importante nas preocupações de oficiais brasileiros nos últimos anos. Ao antropólogo Celso Castro, que fez do diálogo o livro *Conversa com o comandante*, o general Eduardo Villas Bôas, líder do Exército entre 2015 e 2019, admitiu que o anticomunismo havia se institucionalizado nas Forças Armadas porque, “com pautas esvaziadas desde a queda do comunismo”, a esquerda brasileira teria aderido ao “politicamente correto”, convertendo-o a uma ideologia. “A partir daí”, diz:

passou a empenhar todas as energias e recursos no seu próprio fortalecimento. [...] Quanto maior a ênfase, por exemplo, nas teorias de gênero, maior a homofobia; quanto mais igualdade de gêneros, mais cresce o feminicídio; quanto mais se combate a discriminação racial, mais ela se intensifica; quanto maior o ambientalismo, mais se agride o meio ambiente; e quanto mais forte o indigenismo, pior se tornam as condições de vida de nossos índios.⁶⁷⁵

O indigenismo não é exatamente uma questão central para Olavo. Mas o autor de *A filosofia e seu inverso* (2012) foi entusiasta da obra de Pascal Bernardin,

⁶⁷³ MELLO, Wallace da Silva. Análise do pensamento conservador culturalista do Exército no Brasil. In: *Tensões Mundiais*, Fortaleza, v. 18, n. 37, p. 187-212, 2022.

⁶⁷⁴ *Id, ibid.*

⁶⁷⁵ CASTRO, Celso (org.) *General Villas Bôas: conversa com o comandante*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2021. p. 164-165.

que enxergava a ecologia como parte de um “totalitarismo planetário” de origem pagã.⁶⁷⁶

O professor João Cezar de Castro Rocha avalia o entrosamento entre o autor de *A nova era e a revolução cultural* com as Forças Armadas como resultado da adaptação que os militares fizeram da Doutrina de Segurança Nacional aos novos tempos, pós-ditadura.⁶⁷⁷ Como se sabe, embora tenham se inspirado num modelo norte-americano de combate a inimigos externos ainda na Segunda Guerra, as versões latino-americanas da DSN durante a Guerra Fria serviram como ponto fulcral de apoio, legal e ideológico, no combate a inimigos internos. A artilhosidade do adversário, indisposto a disputar influência na arena política conforme um regramento mínimo de civilidade, justificaria intervenções enérgicas e até extralegais pelo Estado. Ao longo das décadas, diversas foram as representações que, no Brasil, relacionaram comunistas a demônios, animais e doenças.⁶⁷⁸ Seu objetivo, claro, era desumanizar esses inimigos internos para justificar, de antemão, políticas repressivas inaceitáveis para cidadãos comuns.⁶⁷⁹

Olavo foi fundamental, nesse sentido, para dar uma roupagem intelectual a essa mentalidade algo paranoica presente no interior das Forças Armadas e, ainda, para ajudar a identificar essa figura do inimigo interno, antes concentrada no tradicional guerrilheiro comunista, agora difusa em diferentes atores sociais aplacados pela estratégia gramscista: feministas, “gayzistas”, ecologistas, globalistas e indigenistas, por exemplo. Estes seriam os representantes do “politicamente correto”, que Olavo classificou como “uma imbecilidade, [...] um

⁶⁷⁶ Ver CARVALHO, Olavo de. O império ecológico e o totalitarismo planetário. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 14 mar. 1999. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/o-imperio-ecologico-e-o-totalitarismo-planetario/>. Acesso em: 15 fev. 2023; e BERNARDIN, Pascal. A face oculta do mundialismo verde. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 13 mar. 2001. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-face-oculta-do-mundialismo-verde/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

⁶⁷⁷ ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Caminhos: Goiânia, 2021. Abordagem semelhante é desenvolvida pelo historiador Lucas Pedretti nesta entrevista ao The Intercept Brasil. DIAS, Tatiane. Entrevista: “Delírios de Olavo de Carvalho aprofundaram ideias surgidas nos quartéis brasileiros”. *The Intercept Brasil*, 29 jan. 2022. Disponível em: <https://theintercept.com/2022/01/29/olavo-de-carvalho-teorias-militares-esquerda-lucas-pedretti/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

⁶⁷⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Rio de Janeiro: Eduff, 2020. p. 73-114.

⁶⁷⁹ BAUER, Caroline. Um estudo comparativo das práticas de desaparecimento nas ditaduras civil-militares argentina e brasileira e a elaboração de políticas de memória em ambos os países. 446 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universitat de Barcelona, Porto Alegre e Barcelona, 2011. p. 40-74.

moralismo, [...] uma espécie de neototalitarismo [...]” que significa “o crescimento do Estado para dentro da psique humana”.⁶⁸⁰

Esse quadro pode induzir à intuitiva conclusão de que Forças Armadas e Olavo estabeleceram uma relação de simbiose absoluta desde a redemocratização, mas, na prática, o que se viu é algo muito distante disso. Em primeiro lugar, porque os militares nunca formaram um corpo homogêneo do qual seria possível extrair uma única posição acerca dos diferentes fenômenos sociais que pululam na realidade. A história brasileira, incluindo a própria história do regime militar, demonstra que diversos são os episódios em que diferentes grupos e personalidades disputaram espaço no interior das FA, divergindo sobre diagnósticos e propostas de intervenção. E, em segundo lugar, porque Carvalho lhes deu muita dor de cabeça.

Numa sessão fechada do documentário *O jardim das aflições* — que biografava o autor a partir do olhar de Josias Teófilo — em NY, na véspera daquele jantar na casa do embaixador brasileiro, Olavo chamou os militares que integravam o governo de “um bando de cagões” e sentenciou: “Se tudo continuar como está, já está mal. Não precisa mudar nada para ficar mal. É só continuar assim. Mais seis meses, acabou”. Disse, por fim, que “eles [os militares] estão governando e usando o Bolsonaro como camisinha” — o que deve explicar a elaboração de Bolsonaro sobre união após a menção às Forças Armadas no discurso. Foi Olavo quem comandou a fritura do ministro-chefe da Secretaria de Governo, o general Santos Cruz, a quem chamou de “bosta engomada” graças a divergências deste com Carlos e Eduardo Bolsonaro quanto à administração da Secretaria de Comunicação Social. Sobre a posição do ministro-general a respeito da regulamentação das redes sociais, o guru do bolsonarismo respondeu: “Controlar a internet, Santos Cruz? Controlar a sua boca, seu merda”. Prints falsos com mensagens de aplicativo em que Santos Cruz maldizia Jair e Carlos foram distribuídas às forras entre grupos bolsonaristas. Não demorou muito, e o militar caiu.⁶⁸¹

Diante da esculhambação, o general Villas Bôas saiu em defesa do colega. Olavo resolveu contra-atacar jogando baixo ao fazer menção à doença degenerativa que desde 2017 vinha rapidamente tolhendo suas habilidades motoras:

⁶⁸⁰ #OLAVO. O que é o Politicamente Correto. *YouTube*, 2 abr. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/q4ClbQxL1JE>. Acesso em: 30 jan. 2023.

⁶⁸¹ VICTOR. *op. cit.* p. 205-228.

Há coisas que nunca esperei para ver, mas estou vendo. A pior delas foi altos oficiais militares, acossados por afirmações minhas que não conseguem contestar, irem buscar proteção escondendo-se por trás de um doente preso a uma cadeira de rodas. Nem o Lula seria capaz de tamanha baixeza.⁶⁸²

O cabo de guerra com os militares tem duas razões de ser para Olavo. Primeiro, como sugere o episódio com Santos Cruz, ele revela uma intensa batalha na ocupação de espaços dentro do governo Bolsonaro. E, segundo, porque Carvalho atribui aos militares a culpa pelo avanço da esquerda no tecido social brasileiro ainda durante a ditadura. Para Olavo, “a esquerda já dominava a imprensa brasileira inteira” durante o regime. E, “na década de 1990, a revolução cultural no Brasil [já] estava 100% vitoriosa”.⁶⁸³ Em outra publicação, diz que “foi a brandura do governo militar que permitiu a entronização da mentira esquerdista como história oficial”.⁶⁸⁴ *Entre armas e livros* também traz uma abordagem sua, entre uma baforada e outra no cachimbo, sobre o assunto:

Na grande e na pequena. Eles dominavam tudo. Tudo. Não havia uma publicação de direita. Nada. Zero. Claro que havia editoriais de direita. Por exemplo, você lia o editorial d’O Globo, às vezes o editorial era frequentemente a favor do governo e contra a esquerda. Mas só o editorial. Então era aquele espacinho que, generosamente, a redação dava para o dono do jornal: “Ah, aqui você pode escrever o que você quiser. No resto, mandamos nós”. E se você pega nomes como, por exemplo, Narciso Kalili ou Milton Severino da Silva, que eram caras importantes na revista Realidade, depois foram para a mídia alternativa, depois voltavam. Eram os mesmos caras, porra. Eles mandavam numa coisa, como mandavam na outra.⁶⁸⁵

O autor de *A fórmula para enlouquecer o mundo* (2014) nega que tenha havido censura de livros durante o regime militar. Para ele, “ao contrário, aquele foi

⁶⁸² OLAVO de Carvalho chama Villas Bôas de “doente preso a uma cadeira de rodas”. *Portal IG*, 7 mai. 2019. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2019-05-07/olavo-de-carvalho-chama-villas-boas-de-doente-preso-a-cadeira-de-rodas.html>. Acesso em 31 jan. 2023

⁶⁸³ ORTELLADO; MARTINS. Podcast ‘Guerras culturais: Uma batalha pela alma do Brasil’; leia a transcrição do terceiro episódio. *op. cit.*

⁶⁸⁴ Artigo originalmente publicado no jornal O Globo. CARVALHO, Olavo de. A história oficial de 1964. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 19 jan. 1999. <https://olavodecarvalho.org/a-historia-oficial-de-1964/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

⁶⁸⁵ BRASIL PARALELO. 1964 - O Brasil entre armas e livros. *YouTube*, 2 abr. 2019. Disponível em <https://youtu.be/yTenWQHRPIg>. Acesso em 15 fev. 2023. Ver entre 1:41:56 e 1:42:38

um período de enorme prosperidade da indústria do livro esquerdista”.⁶⁸⁶ O grande erro dos militares teria sido então montar barricadas na luta armada enquanto a esquerda passava incólume pelo front cultural. Em certo sentido, é como se o problema da ditadura fosse a falta de rigor da repressão na esfera cultural.⁶⁸⁷ Esse diagnóstico é ratificado por alguns culturalistas reacionários do Exército, como Villas Bôas. Em artigo para o *Estadão*, em 2020, o general disse que

Infelizmente, nossa sociedade se deixou impregnar por esquemas mentais que nos são estranhos, depois de 50 anos em que, a despeito das precariedades, trazíamos conosco um senso de grandeza, aliado a uma ideologia de desenvolvimento e a um sentido de progresso. *Infelizmente, a partir de então — anos oitenta — não atentamos a que nós estávamos deixando fracionar*, inicialmente por interesses alheios travestidos de ideologias e, quando elas fracassaram, permitimos que esquemas mentais alheios a nossa natureza viessem a nos dividir ainda mais, a ponto de o ser humano não mais fosse valorizado como tal, passando a que sua essência, para ser reconhecida, dependesse da militância em prol de um desses grupos onde se abrigam.⁶⁸⁸

Seria no mínimo imprudente atribuir a Olavo mais extremismo do que as Forças Armadas, que efetivamente orquestraram e executaram um golpe de Estado para depois administrar um regime de duas décadas que censurou, prendeu, suspendeu direitos básicos, fechou ou aparelhou poderes concorrentes, torturou, assassinou e ocultou cadáveres em nome do combate à subversão esquerdista, mesmo em períodos tidos como menos repressivos. Mas é como se o ideólogo brasileiro operasse como uma força radical à direita das tendências de abertura política, mas, mais do que isso, profundamente crítica mesmo à chamada “linha dura”, que teria voltado suas atenções exclusivamente contra a luta armada:

O governo, influenciado pela teoria golberiniana da “panela de pressão”, que afirmava a necessidade de uma válvula de escape para o ressentimento esquerdista, jamais fez o mínimo esforço para desafiar a hegemonia da esquerda nos meios intelectuais, considerados militarmente inofensivos numa época em que o governo

⁶⁸⁶ DUARTE, Letícia. Bônus: Como o olavismo explica o bolsonarismo. In: PIRES, Carol. Retrato Narrado. *revista piauí & Spotify Studios*, 18 nov. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1yeM1KrhNq06y5ck8Z4X4n?si=df0c899d0d144af2>. Acesso em: 13 fev. 2023. 11:00.

⁶⁸⁷ CARVALHO. A história oficial de 1964. *op. cit.*

⁶⁸⁸ VILLAS-BÔAS, Eduardo. Ficaremos de um projeto nacional. *Estadão*, 10 jul. 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/carecemos-de-um-projeto-nacional/>. Acesso em: 16 fev. 2023. Grifo meu.

ainda não tomara conhecimento da estratégia gramsciana e não imaginava ações esquerdistas senão de natureza insurrecional, leninista.⁶⁸⁹

Para Olavo, é imperativo ressaltar, a infiltração esquerdista na cultura teria ocorrido fundamentalmente nos “anos de chumbo”, ou seja, durante o período de maior repressão. Golbery do Couto e Silva, mais tarde consagrado como um militar moderado, é nominalmente citado por ele como alguém que teria influenciado o regime, oferecendo uma saída para o potencial explosivo do combate intransigente à oposição. De certa forma, sua percepção coaduna com a visão oferecida por João Roberto Martins Filho em sua tese de doutoramento em Ciência Política pela Unicamp em 1993, que rejeita a noção de que o AI-5 seria uma vitória da “linha dura” contra a ala “liberal” das Forças Armadas para, em vez disso, oferecer a interpretação de que este foi um momento de união dos militares contra a subversão civil, em vias de radicalização.⁶⁹⁰ A diferença, claro, é que Olavo queria ver a esquerda completamente destruída e culpava os militares pelo fracasso desse projeto.

Entre essa visão dogmática ou, no limite, conspiracionista, e uma posição institucional que simplesmente negue o fenômeno, no entanto, há outro termo. É célebre o artigo do crítico literário Roberto Schwarz que trata, ainda na ditadura, sobre uma “relativa hegemonia cultural da esquerda no país”.⁶⁹¹ Anos mais tarde, outros pesquisadores do período também se debruçaram sobre o tema, perseguindo padrões e também rupturas no modelo de governabilidade empregado pelas Forças Armadas em sua relação com a cultura durante os 21 anos no poder. Marcelo Ridenti, por exemplo, mostra como alguns dos artistas mais engajados da esquerda conseguiram transitar do Centro Popular de Cultura (CPC) para a direção de postos importantes na televisão e nos jornais.⁶⁹²

Num artigo sobre a literatura durante o regime, o antropólogo Renato Franco trata a relativa liberdade dos romancistas como também um desdobramento do

⁶⁸⁹ CARVALHO. A história oficial de 1964. *op. cit.*

⁶⁹⁰ MARTINS FILHO, João Roberto. *O palácio e a caserna: a dinâmica militar das crises políticas na ditadura (1964-1969)*. 239 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. p. 144-177.

⁶⁹¹ SCHWARZ, Roberto. *Cultura e política (1964-1969)*. In: _____. *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 62.

⁶⁹² RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Unesp, 2014.

processo de modernização das condições materiais oportunizada pela ditadura, que, nessa toada, induziu a produção nacional a seguir tendências internacionais dos países desenvolvidos.⁶⁹³ Mas de forma alguma esse processo teria representado tolerância absoluta com a produção artística, como discutiremos a seguir. A partir do próprio artigo de Ridenti, sabe-se que a ditadura censurou centenas de obras, muitas delas graças ao seu teor moral,⁶⁹⁴ que, segundo o olavismo, seria uma das principais frentes de atuação desse novo comunismo.

Carvalho também influenciou obras bem menos caricatas, com base material o suficiente para lhe dar ao menos alguma razão no cerne de sua alegação. Exemplo disso é Flávio Gordon, que buscou no banco de teses e dissertações da Coordenação Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e da Biblioteca Digital Brasileira a confirmação de que intelectuais conservadores consagrados, como Roger Scruton, Russell Kirk e Michael Oakeshott, são expressivamente sub-representados nos trabalhos acadêmicos brasileiros.⁶⁹⁵ Embora o modelo quantitativo de pesquisa produzido por Gordon tenha limites evidentes, seus resultados ajudam a demonstrar que a reclamação de que as esquerdas são majoritárias na esfera cultural não é delirante.

Mas o próprio Gordon parece se esforçar para não renegar a herança olavista, atribuindo à esquerda — particularmente ao PT — um domínio social superestimado, como quando fala em “projeto de poder total” para descrever o que seria uma dimensão do “regime” comandado pelos correligionários de Lula.⁶⁹⁶ Graças à derrota dos conservadores na arena cultural, ele inclusive chega a negar o caráter direitista da ditadura de 1964, que, segundo sua linha de interpretação, seria essencialmente apenas militar.⁶⁹⁷ Ainda que numa passagem rápida em *Entre armas e livros* após o trecho sobre o “feitiço keynesiano”, esse diagnóstico parece ser acompanhado pela *Brasil Paralelo* através de Silvio Grimaldo: “É que hoje a narrativa é de que os militares eram a direita, o que no meu entender é errado. Os militares, eles eram um movimento revolucionário”.⁶⁹⁸ Quem também não achava o regime de direita — ao menos a partir de Geisel — era o general linha-dura Sylvio

⁶⁹³ FRANCO, Renato. Censura e modernização cultural à época da ditadura. *Perspectivas*, São Paulo, v. 20/21. p. 77-92. 1997/1998.

⁶⁹⁴ RIDENTI. *op. cit.* Ver p. 334.

⁶⁹⁵ GORDON, Flávio. *A corrupção da inteligência: intelectuais e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2017. p. 159-186.

⁶⁹⁶ *Id, ibid.* 101-116.

⁶⁹⁷ *Id, ibid.* p. 229.

⁶⁹⁸ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:49:44.

Frota, que caracterizou o governo de distensão como de “centro-esquerda”, ocupado por “criptossocialistas” com “pendores marxistas”.⁶⁹⁹

Para Olavo, mais do que isso, os militares “tudo fizeram para apressar”⁷⁰⁰ a vitória da revolução cultural esquerdista. Essa vitória teria sido fundamental para que, como supõe a produtora, a história de 1964 fosse dominada pela ideologia gramscista:

Deixados à vontade no seu feudo intelectual, os derrotados de 1964 obtiveram assim uma vingança literária, monopolizando a indústria das interpretações do fato consumado. E, quando a ditadura se desfez por mero cansaço, a esquerda, intoxicada de Gramsci, já tinha tomado consciência das vantagens políticas da hegemonia cultural, e apegou-se com redobrada sanha ao seu monopólio do passado histórico.⁷⁰¹

Um aspecto muito relevante desse raciocínio, expresso já no título do artigo que Olavo assina sobre o tema, é que, para as direitas tributárias de sua obra, a produção historiográfica sobre a ditadura seria, na verdade, uma “história oficial”. Para estas, essa percepção operou como álibi — mais um, como vimos — para uma atuação cada vez mais iconoclasta.

⁶⁹⁹ VICTOR. *op. cit.* p. 120.

⁷⁰⁰ CARVALHO. A história oficial de 1964. *op. cit.*

⁷⁰¹ *Id, ibid.*

14. QUE DITADURA É ESSA?

Embora não ocupe tanto tempo de *1964 - O Brasil entre armas e livros*, a censura é objeto de significativas intervenções no documentário. A abertura do tema, através da narração em *off* de Filipe Valerim, já demonstra como seria difícil a taxativa classificação da abordagem como meramente “negacionista”:

O AI-5, promulgado em 1969, estabelecia a censura prévia da imprensa, de obras e peças culturais tidas pelos militares como subversivas ou imorais. Durante a sua vigência, diversas peças de teatro, músicas e notícias de jornal foram previamente impedidas de circularem nos meios de comunicação e em espaços públicos. Foi durante os governos de Médici e Geisel que o artifício foi mais utilizado.⁷⁰²

Quer dizer, a *Brasil Paralelo* admite a existência da censura no regime militar e é a partir desta premissa que deve transcorrer qualquer análise de sua obra sobre o tema. Mas toda sequência da produção consiste num esforço para reduzir seu papel. Para o jornalista Lucas Berlanza, “é óbvio que havia censura no regime militar, mas era uma censura, em primeiro lugar, muito pouco profissional. Você botava um guardinha qualquer de esquina, até senhoras para fazer censura. Censuraram besteiras, pornografia...”.⁷⁰³ Essa era uma censura, diz Berlanza, “que não impedia que o que realmente importava e importou para os destinos do país penetrasse no imaginário da sociedade, se instalasse nas esferas de produção do imaginário, do ideário e da cultura”.⁷⁰⁴

A afirmação de que o veto à produção cultural e intelectual no Brasil durante a ditadura era realizado por senhoras surpreende. Em que pesem os inúmeros e célebres casos de censores ludibriados pelas mais diversas artimanhas de autores e a precária estrutura técnica para a avaliação de peças — a TV Globo chegou a doar equipamentos mais sofisticados ao governo para agilizar o processo de liberação dos programas, por exemplo⁷⁰⁵ —, a censura era praticada por técnicos do regime. O que havia, isso sim, era um canal aberto de interlocução entre a

⁷⁰² BRASIL PARALELO. 1964 - O Brasil entre armas e livros. *YouTube*, 2 abr. 2019. Disponível em <https://youtu.be/yTenWQHRPIg>. Acesso em 12 abr. 2022. 1:45:30. O AI-5 é de 13 de dezembro de 1968.

⁷⁰³ *Ibid.* 1:45:58.

⁷⁰⁴ *Ibid.* 1:46:34.

⁷⁰⁵ FICO, Carlos. “Prezada Censura”: cartas ao regime militar. In: _____; GARCIA, Miliandre. (orgs.). *Censura no Brasil Republicano (1937-1988): sociedade, música, telenovela e livros*. Salvador: Sagga, 2021. p. 31-32.

sociedade civil e o governo, que eventualmente resultou em proibições demandadas também por senhoras, mas fundamentadas por censores profissionais e chanceladas pelo Ministério da Justiça.⁷⁰⁶

Em artigo que lança luz sobre as cartas de cidadãos enviadas à censura durante a ditadura, o historiador Carlos Fico observa alguns traços importantes dessa relação. O primeiro deles é a ênfase sobre questões morais, notadamente de temáticas envolvendo a sexualidade. Numa correspondência que abre gentilmente com um “Prezada Censura e amigos”, por exemplo, uma senhora que se diz doente e representando outras 50 “mães de família”, pede que sejam censurados programas de TV com “bandalheira, falta de moral e falta de respeito”. Outra característica, já indicada por essa carta, é que a imensa maioria dos missivistas não se colocava contra, mas a favor da (e demandando mais) censura.⁷⁰⁷

No regime, havia duas estruturas distintas de controle sobre a produção intelectual no Brasil: a que cuidava da imprensa, exercida pelo Setor de Imprensa do Gabinete (Sigab) do diretor-geral do Departamento de Polícia Federal (DPF), e a do Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP), mais tarde denominada Divisão (DCDP), que se ocupava das artes e do entretenimento. A dinâmica entre os órgãos foi marcada, a despeito da hierarquia, por tensões e ruídos. Além disso, enquanto a primeira agia de modo discreto, quase secreto e envergonhado, considerando os riscos de péssima repercussão junto à opinião pública, a segunda era exercida aberta e orgulhosamente, porque contava com mais respaldo social, o que ajuda a explicar por que a prática, que já existia antes da ditadura, perdurou até pouco depois e, ainda, teve seu auge já durante a “distensão” prometida por Geisel.⁷⁰⁸

De todo modo, embora existam, de fato, diferenças significativas nas operações de veto a conteúdos políticos e morais, a ideia de que a proibição de temas como a pornografia configuraria mera “besteira” não é partilhada pela direita conservadora da época. S. G., a senhora que escreve para a “prezada censura”, reclama das “vagabundas” na abertura do Fantástico e do “escândalo sem roupa” do Secos & Molhados, mas tem claro para si que indecências como as mulheres peladas nas revistas não prosperarão, “afinal, nosso país, nosso querido Brasil, não

⁷⁰⁶ *Ib, Ibid.* 33-35

⁷⁰⁷ *Id, Ibid.* p. 21-57.

⁷⁰⁸ *Id, Ibid.*

é comunista, como nos estrangeiros”.⁷⁰⁹ Dispositivo que atualiza a regulamentação da censura a “publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos costumes”, o próprio decreto-lei 1.077, de 1970, diz que o expediente atentatório “obedece a um plano subversivo, que põe em risco a segurança nacional”.⁷¹⁰

O tenente-coronel Hugo da Cunha Alves, em carta ao então ministro da Educação Jarbas Passarinho, diz que o objetivo inicial da subversão é a “desagregação da família brasileira”. Para um missivista não identificado que se dirige ao ministro da Justiça em 1972, “o comunismo começa não é pela subversão política. Primeiro, ele deteriora as forças morais, para que, enfraquecidas estas, possa dar seu golpe assassino”. Outra senhora argumenta que “vivemos uma ‘guerra total, global e permanente’, e o inimigo se vale do recurso da corrupção dos costumes para desmoralizar a juventude do país e tornar o Brasil um país sem moral e respeito”. Na avaliação de Walter Xavier de Castro, que escreve para o comandante da Polícia Federal de São Paulo, “essa é a tática dos inimigos da Pátria, solapar a família, corromper a juventude, disseminar o amor livre, a prostituição e toda sorte de degradação do povo. Feito isso, nada mais precisa ser feito para se dominar um País”.⁷¹¹

Para concluir o argumento, pode-se recorrer também à elaboração intelectual dos próprios censores, que, em coletânea organizada para defender seu trabalho, diziam que combater a destruição da família brasileira era combater “o processo insidioso do comunismo internacional, que insinua o amor livre para desfibrar as resistências morais de nossa sociedade”.⁷¹² Esses indícios nos permitem concluir que as subversões moral e política estiveram — e ainda estão — interligadas no imaginário da direita conservadora no Brasil. Como vimos na primeira parte desta tese, a Brasil Paralelo é tributária desse pressuposto. Thomas Giulliano destaca esse moralismo, mas para concluir que ele serviu de munição para a esquerda:

Precisamos entender que, no Brasil, Picasso foi censurado, o Balé de Bolshoi foi censurado, Nelson Rodrigues foi censurado, a revista

⁷⁰⁹ *Id.* *Twitter*, 13 mai. 2023. Disponível em: <https://twitter.com/CarlosFico1/status/1657394087379582978>. Acesso em: 30 ago. 2023.

⁷¹⁰ BRASIL. Decreto-lei nº 1077. Dispõe sobre a execução do artigo 153, § 8º, parte final, da Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 26 de janeiro de 1970. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del1077.htm. Acesso em: 30 ago. 2023.

⁷¹¹ Correspondências disponíveis e discutidas em FICO. “Prezada Censura”: cartas ao regime militar. *op. cit.* p. 29-30.

⁷¹² Em *Id.* HEREDIA, Cecília. A censura musical no regime militar brasileiro. p. 87.

Playboy foi censurada. Enfim, existia um certo moralismo na terra da pornochanchada. É que nem aquela máxima do nosso supracitado Carlos Lacerda: você às vezes quer citar Shakespeare na terra da Dercy Gonçalves. O Brasil não é simples. Então existia um falso moralismo, que a esquerda cultural soube explorar muito bem. E, de fato, com o crescimento da censura e uma censura muitas vezes abjeta, errando o próprio alvo, vide Nelson Rodrigues.⁷¹³

Ainda segundo Giulliano:

Nós vamos ter a disseminação de poemas, a disseminação de festivais. Os festivais acontecendo de fato dentro do próprio período. Nós vamos ter a maior quantidade de filmes sendo feitos. Nós vamos ter a forma como ser oposição ao período militar passará a ser *cool*. Ou seja, a pessoa entendia, ainda que como um jovem alienado ou um adulto alienado, que comprar aquele material fazia dela um transgressor do próprio regime. Nós vamos ter essa popularidade.⁷¹⁴

Ele complementa:

Enquanto que, por exemplo, Chico Buarque, o próprio Gilberto Gil, o próprio Caetano Veloso organizando festivais de alta relevância cultural, sob o ponto de vista de que alcançavam pessoas. Tinham protagonismo. Começaram a ditar certas regras. Então o movimento da contracultura no Brasil, ele foi muito forte.⁷¹⁵

Embora Chico, Gil e Caetano não tenham organizado eventos deste tipo no período, é fato que os festivais de música viveram sua apoteose durante o regime, especialmente entre 1967 e 1972, período que inclui seu recrudescimento. Mas, primeiro, havia diferenças significativas entre os artistas citados. Enquanto a Tropicália estava um tanto mais próxima dos movimentos contraculturais, o sambista Chico Buarque, por outro lado, costumava seguir padrões estéticos mais tradicionais. A falta de unidade nas esquerdas era tamanha que, de um lado, os revolucionários da luta armada chamavam os colegas desertores de “desbundados”, em referência à suposta alienação de tropicalistas e artistas relacionados; de outro, é bastante conhecida a passeata realizada por representantes da “música engajada” contra a guitarra elétrica no Brasil, tida como um símbolo do “imperialismo norte-americano”. O instrumento era utilizado tanto pelos grupos de rock,

⁷¹³ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:48:31.

⁷¹⁴ *Ibid.* 1:40:23

⁷¹⁵ *Ibid.* 1:41:10.

especialmente estigmatizados pela despolitização, quanto por linguagens mais experimentais, como as desenvolvidas por Gil e Caetano.⁷¹⁶

Além disso, quais seriam exatamente os comportamentos “ditados” pelo trio? Caetano, devidamente trajado pelo “desbunde”, cantou no Festival Internacional da Canção de 1968 *É proibido proibir*. Vaiado pelo público, que se indispôs com o figurino e os trejeitos, reagiu com fúria:

Mas é isso que diz a juventude que quer tomar o poder? Vocês têm coragem de aplaudir este ano uma música, um tipo de música, que vocês não teriam coragem de aplaudir no ano passado. São a mesma juventude que vão sempre matar amanhã o velhote inimigo que morreu ontem. Vocês não estão entendendo nada! Nada! Nada! Absolutamente nada! [...] Vocês estão por fora. Vocês não vão me dizer... Mas que juventude é essa? Que juventude é essa? [...] Se vocês forem em política como são em estética, estamos feitos.⁷¹⁷

Mesmo acontecendo, no entanto, os festivais sofreram intervenções autoritárias dos militares. Uma das mais emblemáticas ocorreu durante o Festival Internacional da Canção de 1972, promovido pela *Rede Globo*, quando Nara Leão, notória opositora da ditadura, foi escolhida para presidir o júri, que redigiu um manifesto contra a censura. Pressionada, a emissora destituiu a presidência e o Dops prendeu Roberto Freire e Rogério Duprat quando tentaram subir ao palco para fazer a leitura pública do protesto.⁷¹⁸

O caso da Globo é interessante, aliás, para discutir a relação da cultura com a censura. Se é verdade, por um lado, que a TV incorporou ao seu cast de autores alguns egressos da militância de esquerda, eventualmente comunista, é verdade também que, dona de uma cobertura jornalística amplamente favorável ao regime até o seu fim, a emissora chegou a contratar ex-censores para tentar se antecipar aos vetos, evitando transtornos e o desperdício de dinheiro.⁷¹⁹ A rede de Roberto Marinho equilibrava-se, na oferta da programação de “diversões públicas”, entre a mentalidade predominantemente mais progressista dos autores, o conservadorismo dos militares e as tendências oscilantes da audiência, sempre cuidadosamente

⁷¹⁶ FAOUR, Rodrigo. *História da música popular brasileira, sem preconceitos: dos primórdios, em 1500, aos explosivos anos 1970*. Rio de Janeiro: Record, 2020. p. 276-342.

⁷¹⁷ CANAL BRASIL. *É proibido proibir: a fúria de Caetano Veloso no festival de 1968*. Facebook, 28 out. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=755801334974293>. Acesso em: 6 set. 2023.

⁷¹⁸ NAPOLITANO, Marcos. *História do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 164-165.

⁷¹⁹ FICO, Carlos. “Prezada Censura”: cartas ao regime militar. *op. cit.* p. 33-34

aferidas pela TV. Como seria sintomático do período, o pretendido ímpeto modernizador naturalmente chegou aos costumes e se chocou com as inclinações conservadoras do regime. Mas ele foi fundamental para o sucesso da televisão, que tornou-se o principal meio de comunicação entre os brasileiros — obra inclusive do interesse dos militares.⁷²⁰ A fina ironia dessa história é que o que é visto como efeito do marxismo cultural, como o hedonismo e a liberalização sexual, é na verdade subproduto das dinâmicas próprias das sociedades capitalistas.⁷²¹

Para as novelas, a relação mais próxima com a realidade dos lares brasileiros foi elemento crucial de alavancagem nos índices de audiência. Beto Rockfeller, na TV Tupi, inaugurou uma tendência seguida por toda teledramaturgia de sucesso na época, em especial a da Globo, que superou o “modelo Magadan” de folhetins eletrônicos, dramalhões considerados distantes demais do que viviam as pessoas de carne e osso no país.⁷²² Atenta, a DCDP entrou diversas vezes em ação, na maioria delas pedindo alterações pontuais nas tramas, mas também vetando algumas produções na íntegra, como aconteceu com a novela *Despedida de Casado*, de 1976, por depreciar o matrimônio e incentivar a psicanálise.⁷²³

Quanto à censura da imprensa, *Entre armas e livros* também é bastante enfático em minimizar seus efeitos. Olavo de Carvalho, que, como vimos, dizia não haver no país nenhuma publicação de direita durante o regime militar, é o encarregado da explicação sobre a censura prévia sofrida pelo *Estadão* entre 1972 e 1975:

Ah, é o seguinte: eles botaram um censor para cada redação. Por exemplo, ali no Estadão o censor nem entrava na redação. Os Mesquitas não deixavam. Deixavam ele na portaria. E ele, com o lápis, lá de vez em quando, ele cortava a matéria. A matéria ficava duas ou três semanas proibida e, depois que passava a atualidade da coisa, você podia publicar.⁷²⁴

⁷²⁰ HAMBURGER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: SCHWARZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 439-487.

⁷²¹ STEFANONI, Pablo. *A rebeldia tornou-se de direita? Como o antiprogressismo e a anticorreção política estão construindo um novo sentido comum (e por que a esquerda deveria levá-los a sério)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2022. p. 57-58.

⁷²² HAMBURGER. *op. cit.*

⁷²³ FERNANDES, Guilherme Moreira; SACRAMENTO, Igor. “Liberdade, a melhor coisa do mundo”: uma análise do processo de censura à *Despedida de Casado* (TV Globo, 1976). In: FICO; GARCIA. *op. cit.* p. 93-124.

⁷²⁴ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:46:14.

Segundo o jornal, a presença dos censores era mesmo rechaçada na redação. Mas eles ficavam na gráfica e, lá instalados, liam a prova do noticiário do dia seguinte para aprovar ou reprovar seu conteúdo. Ao todo, o *Estadão* denuncia mais de mil textos vetados.⁷²⁵

Youtuber bolsonarista de aspiração católica, Bernardo Küster vai além:

É engraçado porque as pessoas falam de regime militar e da ditadura e da censura. Primeira coisa: todas as publicações da Teologia da Libertação no Brasil foram feitas durante o regime militar. Porque ela surge durante os anos 1970 fora do Brasil, escorre para todo Brasil e para as comunidades eclesiais de base durante os anos 1970 pós-AI-5, contamina o Brasil inteiro e nada acontece. Ou seja, que ditadura é essa, que todos os livros têm toda uma publicação imensa? Todos os livros mais famosos do Boff, *Jesus Cristo Libertador, Igreja, Carisma e Poder, Cartas da Prisão*, do Frei Betto, viraram best-sellers no mundo inteiro e no Brasil durante a ditadura militar. Eu digo: que ditadura é essa, cara? Então, não há essa censura como se fosse uma censura geral, que você estivesse andando na rua e dissesse “Fora, regime militar!” e imediatamente alguém te levava para o porão do Dops para botar num pau de arara. Que porcaria é essa? Isso não condiz com os relatos históricos.⁷²⁶

A Teologia da Libertação é objeto de preocupação de longa data dos olavistas. No blog *Sapientiam autem non vincit malitia*, que republica artigos de Olavo na imprensa, há pelo menos oito deles dedicados especificamente ao tema. Carvalho toma a expressão filosófico-cristã como parte da estratégia gramsciana e atribui sua criação a uma maquinação da KGB.⁷²⁷ De todo modo, embora as obras mencionadas por Küster não tenham sido mesmo censuradas, por razões que discutiremos a seguir, a Teologia da Libertação no Brasil não passou incólume pela repressão militar. O semanário católico *O São Paulo*, dirigido por Dom Paulo Evaristo Arns, permaneceu sob censura prévia por impressionantes seis anos, de 1972 a 1978, quando a maioria da imprensa já havia sido liberada há tempos do dispositivo. Além disso, diversos também foram os adeptos da doutrina que, mais ou

⁷²⁵ BATISTA, Liz; SACONI, Rose; LEITE, Edmundo. Há 50 anos, o Estadão começava a publicar poemas de Camões no lugar de notícias censuradas. *Estadão*, 2 ago. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/ha-50-anos-o-estadao-comecava-a-publicar-poemas-de-camoes-no-lugar-de-noticias-censuradas/>. Acesso em: 6 set. 2023.

⁷²⁶ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:47:39.

⁷²⁷ CARVALHO, Olavo de. Um cadáver no poder. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 21 jan. 2015. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/um-cadaver-no-poder-i/>. Acesso em 6 set. 2023.

menos envolvidos com a oposição armada ao regime, acabaram torturados e mortos.⁷²⁸

Thomas Giulliano, decerto para reforçar a suposta frouxidão da censura, destaca nomes de oposição à esquerda que também criticaram o regime:

Ainda que o intelectual não fosse de esquerda, como a Raquel de Queiroz, por exemplo, ela terá queixas com o período militar. Gilberto Freyre terá queixas. João Camilo de Oliveira Torres, em um período anterior, terá queixas. Gustavo Corção terá queixas. Então, por mais que o intelectual ainda tivesse antipatia e fosse de oposição à esquerda, no que envolvia a defesa do período eles eram bastante receosos em estabelecer.⁷²⁹

Embora muitos possam argumentar que desde a primeira hora estavam claras as pretensões autoritárias dos golpistas, parcela considerável da coalizão que derrubou Jango levou a sério o discurso saneador que deu o tom do 31 de Março. O golpe, originalmente, não era para se tornar um regime. Aliás, o golpe foi chamado pelos golpistas de “revolução”. E o regime não era para ser uma ditadura, que nunca se assumiu como tal. Seja por receio da má repercussão, sobretudo internacional, ou pelas convicções mais liberais de alguns quadros do governo, a ideia de censurar livros e autores sempre sofreu resistências.⁷³⁰

Melindrar intelectuais apoiadores do golpe eventualmente críticos do governo também não era das melhores estratégias, considerando a constante necessidade de legitimação, embora alguns tenham tido problemas, como já vimos no emblemático caso de Carlos Lacerda. Como é característico do Brasil, um aspecto importante a se considerar sobre a repressão militar é que importava muito a posição social dos críticos do regime, de modo que professores universitários, apesar de também terem sido torturados e mortos, tinham menos chances de encarar os horrores do terrorismo de Estado do que trabalhadores de fábricas, por exemplo.⁷³¹

⁷²⁸ LYRA, Rubens Pinto. Catolicismo e práxis política: da ditadura à atualidade. *A Terra é Redonda*, 28 ago. 2020. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/catolicismo-e-praxis-politica-da-ditadura-a-atualidade/>. Acesso em: 02 out. 2023.

⁷²⁹ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:49:03.

⁷³⁰ MOTTA, Rodrigo. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 27-28.

⁷³¹ *Id, Ibid.* p. 317-319.

Mas, seja como for, houve censura de obras e perseguição a intelectuais, inclusive aqueles com boas conexões nas elites. Caso particularmente interessante é o de Ênio Silveira, que Olavo menciona como um dos grandes artífices da infiltração comunista na cultura brasileira. Jornalista e editor responsável pela reestruturação da Editora Civilização Brasileira nos anos 1950, publicou inúmeras obras sobre temas políticos e sociais sensíveis para os militares. Foi alvo de um Inquérito Policial-Militar (IPM) logo após o golpe e acabou preso diversas vezes por fomento à subversão graças ao trabalho editorial. Apesar disso, sofreu algumas tentativas de cooptação, especialmente por Golbery do Couto e Silva. Não foi exatamente um caso isolado: a despeito das muitas divergências programáticas, muitos militares reconheciam em Ênio um nacionalista convicto e, por isso, digno de respeito. O próprio presidente Castelo Branco, também por receio da repercussão política e internacional, protestou contra sua detenção em 1965. No entanto, a Civilização Brasileira liderou a lista de livros apreendidos pelo regime. Também teve vida curta — porque bastante dificultada pela censura — o periódico semanal *Reunião*, que Ênio produziu com Paulo Francis.⁷³²

Ainda assim, Olavo garante, no trecho que precede a abordagem sobre censura em *Entre armas e livros*, que Silveira foi mais do que tolerado, mas mesmo auxiliado pela ditadura: “O diretor da principal editora comunista do Brasil, Editora Civilização Brasileira, que era o Ênio Silveira, duas semanas antes da morte dele, ele me contou que, durante todo o regime militar, a editora dele sobreviveu graças à ajuda do governo militar”.⁷³³

Em tese, a disseminação de ideias políticas, por si só, não configurava necessariamente crime para o regime. A ditadura, como vimos, realizou esforços para não se anunciar como tal e, não sem nuances e resistências internas, manteve-se preocupada em preservar a imagem de um regime que não poria em risco a liberdade de pensamento. Por outro lado, além dos conteúdos sensíveis à moral e aos bons costumes, *o call to action* era mais abertamente combatido. Isso ajuda a explicar a relativa tolerância com a obra de autores francamente repudiados pelos militares, como a de Marx, enquanto outros autores mais ligados de fato a movimentos revolucionários acabaram proibidos, a exemplo de Che Guevara, Mao

⁷³² CZAJKA, Rodrigo. “Quem não lê mal fala, mal ouve, mal vê”: repressão e censura à Editora Civilização Brasileira (1963-1970). In: FICO; GARCIA. (orgs.). *op. cit.* p. 153-178.

⁷³³ 1964 - O Brasil entre armas e livros. 1:45:14.

Tsé-Tung e Frantz Fanon.⁷³⁴ Como a maioria do conteúdo político censurado apresentava inclinações marxistas, naturalmente a prática também acabou atingindo livros de teor predominantemente acadêmico, com pareceres técnicos cheios de graves problemas interpretativos.⁷³⁵

⁷³⁴ MOTTA. As universidades e o regime militar. *op. cit.* p. 221.

⁷³⁵ MARCELINO, Douglas Attila. Livros acadêmicos nos anos 1970: uma das facetas da censura. In: FICO; GARCIA. (orgs.). *op. cit.* p. 179-194. E REIMÃO, Sandra. Autores estrangeiros, vetos nacionais — livros e censura no Brasil (1964-1985). In: FICO; GARCIA. (orgs.). *op. cit.* p. 195-210.

15. O OVO DA SERPENTE: AS UNIVERSIDADES E O REGIME MILITAR

Outro importante objeto de observação no documentário são, naturalmente, as universidades. No pré-golpe, as instituições de ensino superior sediaram alguns dos mais conhecidos conflitos entre direita e esquerda no país. A União Nacional dos Estudantes (UNE) era influente e chegou a ter egressos no governo Goulart. Em 1964, as universidades foram um dos alvos prioritários das ações repressivas dos militares, que, a exemplo de seus assemelhados no presente, viam-nas como um antro de proselitismo esquerdista. “Aos poucos”, diz a narração em off de *1964 - O Brasil entre armas e livros*, “a nova estratégia revolucionária se infiltrava através das universidades, especialmente em instituições como a União Nacional dos Estudantes. A cultura popular se disseminava. Inspirados pelos movimentos internacionais, a rebeldia tomou conta da juventude brasileira”.⁷³⁶

A política de expurgos, iniciada logo nos primeiros momentos após o golpe, estendeu-se pelos mais diversos *campi* Brasil afora, demonstrando que a disseminação de ideias subversivas era, sim, uma preocupação do regime, especialmente nos seus momentos iniciais e às voltas com o AI-5. Entre as dezenas de milhares de presos logo após o 31 de março, estavam também muitos estudantes e professores tidos como suspeitos.⁷³⁷ Para Silvio Grimaldo, no entanto, esse enfrentamento precisa ser relativizado: “Tinha repressão. De vez em quando a polícia nas universidades prendia um estudante, um professor que estava ligado na guerrilha. Mas nunca teve um movimento de repressão violenta das universidades, de fecharem cursos e proibir publicação de livros, etc. Isso nunca teve”.⁷³⁸ Quem o complementa é Lucas Berlanza:

Tinha gente, de vez em quando, que era presa porque aprontava alguma confusão, depois era liberada. Tinha comunista na universidade, na época do regime militar, como hoje, que estava há anos na faculdade, repetindo de ano só para ficar pregando porcaria para os estudantes. Isso já existia na época. Então essa ideia do terror da repressão é muito exagerada.⁷³⁹

⁷³⁶ BRASIL PARALELO. 1964 - O Brasil entre armas e livros. *YouTube*, 2 abr. 2019. Disponível em <https://youtu.be/yTenWQHRPIg>. Acesso em 12 abr. 2022. 1:40:07.

⁷³⁷ MOTTA, Rodrigo. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 23-37.

⁷³⁸ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:46:49.

⁷³⁹ *Ibid.* 1:47:07.

Em primeiro lugar, como vimos anteriormente, cabe lembrar que a luta armada só se tornaria uma realidade no Brasil depois do golpe e mesmo assim ainda levaria alguns anos para incomodar. Muitos dos universitários presos em 1964 podiam eventualmente simpatizar com ideias de esquerda, mas certamente não a ponto — ao menos ainda — de pegar em armas para defender uma revolução. Em ambas as elaborações, reproduz-se o discurso de que só foram presos subversivos, seja porque envolvidos com a luta armada, como sublinhou Grimaldo, seja porque simplesmente “aprontaram”, como preferiu descrever Berlanza. Mas, como ocorreu com outros segmentos da sociedade civil, o terrorismo de Estado naturalmente também atingiu alunos e profissionais que nada tinham a ver com a esquerda, especialmente com seus grupos armados.⁷⁴⁰

A exemplo do que ocorre quando, no presente, as forças de segurança executam moradores durante operações em comunidades periféricas, esse expediente argumentativo pode ser considerado polêmico, já que pouco importa se os alvos são inocentes ou culpados. A questão é anterior e reside na ilegitimidade de uma abordagem policial que faz este julgamento por conta própria, excetuando, evidentemente, os casos de confronto. Da mesma forma, a real filiação ideológica dos atingidos pelas práticas repressivas da ditadura soa irrelevante em termos de mérito, mas é significativo que persista, em setores da direita, a insustentável versão oferecida pelos militares de que eventuais “excessos” atingiram apenas opositores altamente perigosos, dispostos ao “tudo ou nada” da luta armada. Esse discurso acaba por oferecer o álibi ideal para o terrorismo de Estado.

Seja como for, a ideia da ausência de uma repressão violenta nas universidades também não resiste em pé. O Dops, logo após o golpe, invadiu a Faculdade de Filosofia da USP, que teve as portas arrombadas a pontapés e as aulas interrompidas para a prisão de estudantes. Os agentes destruíram papéis e equipamentos gráficos do grêmio. Na Universidade de Brasília, ainda em 1964, tropas da Polícia Militar e do Exército ocuparam o campus, prenderam diversos membros da comunidade acadêmica e interditaram a biblioteca para recolher

⁷⁴⁰ Os exemplos são abundantes. Mas cabe menção ao caso do professor Luiz Roberto Salinas Fortes, professor de filosofia da USP, que, falsamente acusado de ligação com a luta armada, acabou barbaramente torturado na Operação Bandeirante (Oban) e no Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo (Deops). Pela influência e pela posição social, professores universitários eram muitas vezes poupados da tortura física, embora os casos de sevícia psicológica sejam muitos. MOTTA. *As universidades e o regime militar. op. cit.* p. 321. Ver também p. 53 e 175-184.

conteúdo tido como potencialmente danoso. Outro episódio bastante conhecido neste sentido foi a violenta invasão da PUC-SP já na distensão de Geisel, em 1977, durante o retorno das atividades da UNE.⁷⁴¹

Como se não bastasse a presença de fardados em ocasiões pontuais de enfrentamento aos estudantes, o regime militar também plantou centenas de espões nas universidades. As Assessorias Especiais de Segurança e Informações (Aesis, mais tarde denominadas ASIs), subordinadas às Divisões de Informações e Segurança (DSI), que por sua vez respondiam ao Sistema Nacional de Informações (SNI), produziam relatórios sobre alunos, servidores e estudantes, sempre atentas a movimentações potencialmente subversivas e recomendando providências às autoridades.⁷⁴²

Como foi típico no caso do serviço público, as perseguições também acabaram se dando na esfera administrativa. Foi o que vimos nos Inquéritos Policial-Militares (IPMs). Assim que tomou posse como ministro, ainda em abril de 1964, o ex-reitor da UFPR Flávio Suplicy de Lacerda mandou que as universidades insturassem inquéritos administrativos para averiguar a conduta de servidores “corruptos” ou “subversivos”. Cada universidade reagiu de maneira distinta à determinação, mas é certo que ela produziu resultados: estima-se em cerca de 100 o total de professores demitidos ou sumariamente aposentados em 1964, sem contar uma minoria que se exonerou por conta própria em solidariedade aos colegas ou por medo de retaliações. Em 1969, o AI-5 motivou uma nova onda de expurgos, que produziu número ainda maior de vítimas. O total de estudantes banidos ultrapassou a casa do milhar.⁷⁴³

Em *Entre armas e livros*, o jornalista William Waack debocha da oposição estudantil ao regime:

Qual era o grande barato para quem fazia Humanas na USP entre 1971 e 1974? Tomar batida escondido ali perto da avenida Rebouças. Aí ficava todo mundo bêbado, às 2 horas, 3 horas da tarde, ficava falando mal dos milicos. O grande barato naquela época.⁷⁴⁴

⁷⁴¹ *Id, ibid.* p. 31-32 e 331.

⁷⁴² *Id, ibid.* p. 193-241.

⁷⁴³ *Id, ibid.* p. 48-60 e 148-192.

⁷⁴⁴ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:40:53.

As ações repressivas descritas anteriormente, no entanto, demonstram que os estudantes eram objeto de grande preocupação por parte dos militares. Afinal, foram estes que lideraram grandiosas marchas contra o regime, a exemplo dos protestos que se seguiram à morte do estudante secundarista Edson Luís pela polícia carioca em março de 1968 e que desencadeou grave crise política só “resolvida” com o AI-5. A questão estudantil, por outro lado, era sensível para as classes médias, que, apesar de condenarem o radicalismo eventualmente presente nas manifestações, costumavam ser menos tolerantes à repressão exacerbada do Estado.⁷⁴⁵

Numa das mais contundentes investigações sobre a ditadura e as universidades, o historiador Rodrigo Patto Sá Motta sublinha uma série de nuances que marcaram essa relação durante as duas décadas de regime. As categorias “colaboração” e “resistência”, argumenta Motta, não são precisas o suficiente para descrever o cenário brasileiro, marcado pelo predomínio de conexões interpessoais e, além de adesão ou resistência, dinâmicas de acomodação. Para o autor,

É fundamental perceber que as estratégias de acomodação implicavam via de mão dupla, ou seja, *o Estado também era ambíguo*. Os atores sociais (no caso, os líderes acadêmicos) aceitavam conviver com o regime militar, mas este também precisava fazer concessões, de outro modo o arranjo não seria possível. Do lado dos intelectuais e profissionais da academia, alguns atores aceitavam a convivência com o regime autoritário e repressor; na outra “ponta”, do lado do Estado, certos agentes toleravam a presença de intelectuais ideologicamente “suspeitos” em cargos públicos, bem como arranjos para flexibilizar prescrições legais. Tratava-se de jogo em que o Estado procurava atrair o intelectual/professor, e este precisava moderar suas opiniões e comportamentos. Entretanto, o Estado igualmente cedia ao transigir com os valores do “inimigo” — por vezes contrários aos seus — e ao permitir sua circulação, ainda que em versões mitigadas. A flexibilidade estava presente nos dois lados.⁷⁴⁶

Nada disso significa, no entanto, que tenha havido uma “colaboração inversa”, como se a ditadura tivesse simplesmente facilitado a vida da oposição no Brasil. Para os olavistas, é importante ressaltar, o regime militar teria sido diretamente responsável, por omissão, pela infiltração de ideias esquerdistas na cultura brasileira. A trilogia *Pátria Educadora* traz algumas considerações

⁷⁴⁵ NAPOLITANO, Marcos. A imprensa e a construção da memória do regime militar brasileiro (1965-1985). *Estudos Ibero-Americanos*, vol. 43, núm. 2, p. 346-366, mai.-ago. 2017.

⁷⁴⁶ MOTTA. As universidades e o regime militar. *op. cit.* p. 310.

significativas da Brasil Paralelo sobre o tema no que diz respeito às universidades. No segundo episódio, Ricardo da Costa, historiador que foi assessor especial do MEC durante o governo Bolsonaro, diz que “ao longo do período militar, ao longo do regime, lentamente, as estruturas educacionais foram sendo aparelhadas. Não havia concurso público. Os professores eram convidados nas universidades e tal”.⁷⁴⁷ Note-se que, aqui, o aparelhamento teria se dado às avessas: não teriam sido os militares os responsáveis pela ocupação indecorosa de cargos nas instituições universitárias, mas a oposição. E prossegue:

Não tiveram a percepção de que o ovo da serpente se encontra na educação. O Brasil tem uma longa tradição de esquerda [...] Mas a coisa se intensificou, de fato, no início da década de 1960. A grande revolução cultural: “é proibido proibir”, de Paris e tal. E aqui no Brasil foi decidido pelas esquerdas esse ataque à educação, à cultura.⁷⁴⁸

É digno de destaque que Costa utilize a expressão “ovo da serpente”, comumente mobilizada pelas esquerdas para caracterizar a ascensão do fascismo.⁷⁴⁹ Sob sua perspectiva, o verdadeiro perigo chocado no Brasil seria a ideologia esquerdista. De todo modo, sua elaboração parte do princípio de que a ausência de concursos nas universidades públicas seria uma evidência em favor da tese de aparelhamento institucional nos ambientes acadêmicos. Mas um exame mais aproximado da experiência demonstra os muitos limites do argumento. Em primeiro lugar, como mencionado, é difícil conceber uma prática sistemática de aparelhamento por um grupo de oposição ao Estado, ainda mais num regime ditatorial. Além disso, das três modalidades de contratação na carreira docente federal previstas por lei, apenas a de “professor auxiliar” dispensava certame, bastando, de fato, o convite dos diretores das faculdades. O contrato dos professores auxiliares era temporário, de apenas dois anos, e veio bem a calhar para os militares porque facilitava o trâmite burocrático das demissões durante a “Operação Limpeza”.⁷⁵⁰

⁷⁴⁷ BRASIL PARALELO. Pelas Barbas do Profeta | Pátria Educadora - Capítulo 2 | Filme Completo. *YouTube*, 1 abr. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/UPDjFGGN2w0>. Acesso em 18 ago. 2023. 53:29.

⁷⁴⁸ *Ibid.* 55:40.

⁷⁴⁹ Ver, por exemplo, sobre a ascensão da nova direita autoritária no Brasil a partir de 2013, DIEGUEZ, Consuelo. *O ovo da serpente*. Nova direita e bolsonarismo: seus bastidores, personagens e chegada ao poder. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

⁷⁵⁰ MOTTA. *As universidades e o regime militar*. *op. cit.* p. 224-236.

Também é importante ressaltar que, de maneira geral, estes diretores eram muito mais identificados com o regime. Das 25 universidades públicas que existiam na época do golpe, os militares trocaram o comando de apenas seis. Mas a discreta intervenção nas gestões é mais um indicativo de que a maioria dos representantes das instituições se alinhava ideologicamente ao novo regime do que de uma suposta permissividade das Forças Armadas no trato com as instituições de ensino. Outra evidência nesse sentido é que, apesar de a adesão às ASIs ter sido obrigatória apenas para as universidades federais, houve expressivas instituições estaduais, a exemplo de USP, UEL e UEM, que abrigaram voluntariamente esse serviço de inteligência.⁷⁵¹

Entre os professores, também era, no princípio, minoritária a parcela dos que aderiam às ideias de esquerda, quadro que de fato se reverteu nos anos seguintes, por influência da repressão e do novo perfil dos estudantes ou como desdobramento indireto — e por certo indesejado — das reformas que modernizaram o sistema de ensino.⁷⁵² Sabe-se também que a ditadura recorreu a diversos quadros acadêmicos para ocupar postos estratégicos no governo — não apenas para o MEC. Em 1975, a congregação do Instituto de Química da USP decidiu rescindir o contrato da professora Ana Rosa Kucinski, que militava na ALN, por “abandono de função”, num flagrante exercício de colaboração com a repressão. Ela havia sido presa e desaparecido no ano anterior.⁷⁵³ Por outro lado, são abundantes também os exemplos de resistência ao regime, quando colegas se protegeram para preservar empregos e vidas. Esses casos demonstram que a relação da comunidade acadêmica com os militares foi marcada por aproximações e distanciamentos, tornando frágil qualquer caracterização de aparelhamento à esquerda.

Além da repressão, os militares também ofereceram alternativas ideologicamente alinhadas ao regime para a comunidade acadêmica. O mais conhecido deles, sem dúvidas, foi a Educação Moral e Cívica, que abrangeu todos os níveis de ensino.⁷⁵⁴ Em julho de 1967, atendendo a demandas de setores expressivos da inteligência militar para cooptação de jovens aos seus valores, teve início a Operação — ou Projeto — Rondon, que, com o lema “Integrar para não entregar”, tentou sensibilizar parte da militância anti-imperialista da esquerda

⁷⁵¹ *Id, ibid.* p. 196-197.

⁷⁵² *Id, ibid.* p. 24. e 242-287.

⁷⁵³ *Id, ibid.* p. 303 e 321.

⁷⁵⁴ *Id, ibid.* p. 184-192.

enviando grupos universitários para prestar assistência à região Norte do país. A iniciativa chegou a mobilizar 50 mil estudantes por ano durante seu auge, em meados da década de 1970.⁷⁵⁵

Em *Pátria Educadora*, no entanto, Olavo de Carvalho também tem a oportunidade de reforçar sua crítica aos militares: “É absolutamente falso dizer que as nossas Forças Armadas libertaram o Brasil do comunismo”,⁷⁵⁶ diz. Ele explica:

E foi exatamente o período de infiltração, onde efetivamente começou a tomada do espaço acadêmico brasileiro, especialmente nas universidades federais, por intelectuais de esquerda. Muitos que saíram daqui, como tinham os políticos, foram fazer seus cursos na Europa, se especializaram, voltaram e passaram a ocupar cátedras aqui.⁷⁵⁷

A despeito da avaliação de Olavo, o caminho de retorno dos professores exilados após a abertura foi cheio de percalços. E, diga-se, por diversos motivos muitos não conseguiram retomar seus postos.⁷⁵⁸ Sua fala complementa a de Thomas Giulliano, para quem o MEC, por ter nascido na ditadura varguista,⁷⁵⁹ seria símbolo de um Estado tentacular. Ecoando o guru, o professor arremata: “Ficaram tanto tempo no poder com a justificativa de limpar o Brasil do comunismo e deixaram tudo preparado para os comunistas”.⁷⁶⁰ De modo significativo, a principal crítica do documentário à ditadura, segundo o próprio Filipe Valerim, é a de que os militares entregaram “de bandeja” um Estado todo aparelhado para a esquerda na Nova República. Diz o sócio-fundador na já referida entrevista a Danilo Gentili:

A principal crítica que ele [o filme] faz aos militares... Ele faz uma dura crítica nesse sentido, que, além de ele ter aparelhado o Estado, inflado o Estado, ele deixou uma brecha gigantesca para que se criassem movimentos de massa, culturais, etc. E depois, quando acabou o regime, o único partido de massa que surgiu foi o PT, que protagonizou, depois, mais à frente, os próximos anos da política brasileira. E o fato de eles terem aparelhado todo esse Estado, eles entregaram isso de bandeja para uma oposição tenaz, que se criou

⁷⁵⁵ *Id, ibid.* p. 87-95.

⁷⁵⁶ Pelas barbas do profeta. *op. cit.* 56:58.

⁷⁵⁷ *Ibid.* 57:05.

⁷⁵⁸ MOTTA. *As universidades e o regime militar. op. cit.* p. 339-345.

⁷⁵⁹ Na verdade, o Ministério da Educação e Saúde Pública nasceu pouco após a chegada de Vargas ao poder, após um golpe de Estado, mas muito antes da ditadura do Estado Novo. A atual denominação, MEC, surgiu em 1953, também sob Vargas, mas em regime democrático. BRASIL. Ministério da Educação. História. Ministério da Saúde, 3 abr. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/historia>. Acesso em: 23 ago. 2023.

⁷⁶⁰ Pelas barbas do profeta. *op. cit.* 52:32 e 56:48.

durante o período militar e permitiu que o sonho da Nova República fosse na verdade um mito em que a gente só ganhou uma nova escolha para o cabresto.⁷⁶¹

Quer dizer, o maior problema do regime militar não é, para a Brasil Paralelo, a supressão violenta do Estado democrático de Direito, as intervenções sobre o Parlamento, nem as execuções, as torturas, o ocultamento de cadáveres, nem mesmo a corrupção, a grave crise econômica e a concentração de renda ou, como vimos nesta seção, a censura, mas uma presumida tolerância excessiva com a esquerda, especialmente na esfera cultural.

Em termos gerais, é possível dizer que a posição da BP sobre a censura no regime militar oscila entre minimizar seus efeitos, em parte para relativizar a ditadura e denunciar exageros de uma memória supostamente de esquerda, e lamentar pela imprecisão do seu alvo. Diversas são as passagens, como vimos, em que os intelectuais entrevistados para *1964 - O Brasil entre armas e livros* e outras produções dizem que o conteúdo cerceado pelos militares não passava de bobagem e que *o que realmente importava* teria passado incólume. Como o próprio Olavo de Carvalho, supõem que o regime teria simplesmente permitido a infiltração de ideias comunistas na cultura, abrindo mão da disputa por mentes e corações dos brasileiros nesta seara. Esse diagnóstico, que já nasce de um pressuposto que é basilar do pensamento olavista, é falso, seja porque, a despeito das nuances, os militares de fato cercearam liberdades, seja porque também desenvolveram, a seu modo, iniciativas de sensibilização ideológica, como o Projeto Rondon ou a Educação Moral e Cívica.

Por outro lado, a mesma Brasil Paralelo que contemporiza práticas autoritárias da ditadura reage de maneira estridente quanto às intervenções da justiça ou das plataformas digitais sobre a circulação de conteúdos no presente. O expediente argumentativo, quando tomado em seu conjunto, parece inverter os significantes, fazendo da democracia uma ditadura e da ditadura uma democracia. Em que pesem os eventuais abusos no presente, perfeitamente discutíveis, e também as diversas ambiguidades que caracterizaram o regime militar, a produtora ignora a historiografia sobre o período para refutar caricaturas abstratas com ainda

⁷⁶¹ THE NOITE COM DANILO GENTILI. Entrevista com os produtores de “1964: o Brasil entre armas e livros”. *YouTube*, 5 abr. 2019. Disponível em <https://youtu.be/-cbyRJnZExk>. Acesso em 9 jun. 2023. 15:28.

mais caricatura. Quando Bernardo Küster se pergunta, retoricamente, “que ditadura é essa?”, sua resposta é lembrar que ninguém era torturado por simplesmente bradar “Fora, regime militar!” pelas ruas. Mas não se sabe exatamente de onde vem essa suposição, que aqui parece ter como única função descredibilizar qualquer memória crítica do período.

Antes da *Brasil Paralelo*, boa literatura acadêmica já havia se debruçado, como vimos aqui, sobre as dinâmicas complexas — e por vezes truncadas e ambíguas — do regime. Nenhuma delas é mencionada. Pior, são substituídas por uma noção simplista e esquemática. O exercício retórico aqui praticado sobre a censura é similar ao no tema da escravidão negra: a produção admite sua existência, mas em termos abstratos. Em *Entre armas e livros* ou em *Pátria Educadora*, não são mencionados casos concretos de censura, que, apesar de genericamente reconhecida, é posta em dúvida pelos entrevistados a partir de exemplos pontuais e convenientes. O objetivo é abrir caminho para a sustentação da ideia de que os comunistas teriam se infiltrado no imaginário nacional, sorrateiramente e sem resistências, pelas vias da cultura.

16. A HISTÓRIA DOS VENCEDORES

Era setembro de 2002 quando Lula, então candidato às vésperas do primeiro turno de sua quarta eleição presidencial, palestrou na Escola Militar de Guerra, na época presidida por ninguém menos que Leônidas Pires Gonçalves, ministro do Exército de Sarney — e aquele que encomendou o Orvil. Passado, presente e futuro brasileiros estavam ali: além do postulante ao principal cargo da república pelos próximos quatro anos, também marcaram presença seis ex-ministros do regime militar. A candidatura do petista evidentemente sofria rejeição nas Forças Armadas, mas o contexto era outro: os oito anos de governo Fernando Henrique Cardoso fizeram acumular, por diversas razões, uma imensa repulsa da caserna ao PSDB, que tentava a sucessão com José Serra, outro notável opositor da ditadura.⁷⁶²

Além disso, as pesquisas indicavam que a vitória do ex-sindicalista era uma possibilidade concreta e, mais do que isso, àquela altura quase inevitável.⁷⁶³ Oportunistas e corporativistas, muitos militares — incluindo Bolsonaro — apoiaram Lula abertamente, que acabou eleito em 27 de outubro, a despeito de uma campanha que tentou reavivar, de última hora e discretamente, o sentimento anticomunista do eleitorado conservador. O famigerado “Eu tenho medo”, de Regina Duarte, soou anacrônico demais e não decolou.⁷⁶⁴

Conhecendo o histórico intervencionista da caserna e o poder do seu lobby em Brasília após a redemocratização, fica difícil ler o encontro a partir de outra chave interpretativa que não como uma espécie de pedido de benção. O PT sabia que seria difícil ganhar e governar sem alguma anuência dos militares. Depois da confirmação da vitória, o presidente eleito recorreu a um velho amigo do partido, o economista Aloizio Mercadante, também exitoso na disputa por uma vaga no Senado, para estabelecer uma ponte de diálogo. Mercadante é o sobrenome materno que o petista adotou para evitar relação pública com o pai, o general linha-dura Oswaldo Muniz Oliva. Em 1989, Lula havia feito a mesma súplica, negada de pronto pelo militar. Desta vez foi diferente, no entanto, e a conversa gerou entendimento mútuo. Conciliador desde os tempos de sindicato, o petista foi

⁷⁶² VICTOR, Fabio. *Poder camuflado: os militares e a política, do fim da ditadura à aliança com Bolsonaro*. Companhia das Letras. São Paulo, 2022. p. 61–84.

⁷⁶³ VEJA as últimas pesquisas eleitorais à presidência. *Folha de S. Paulo*, 9 set. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u37451.shtml>. Acesso em: 3 out. 2023.

⁷⁶⁴ A TRAJETÓRIA de Regina Duarte na política, do 'estou com medo' ao convite para integrar governo Bolsonaro. BBC News Brasil, 20 jan. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51176738>. Acesso em: 3 out. 2023.

voto vencedor nos embates internos do partido sobre o trato com as instituições castrenses.⁷⁶⁵

Lula respeitou a fila da antiguidade, como sugeriu enfaticamente Oliva, e nomeou o general Francisco Albuquerque para o posto de comandante do Exército. Irmão de Mercadante, o coronel Oswaldo Oliva Neto foi seu auxiliar. A sintonia era flagrante. O governo, de cara, só não cedeu à pressão da caserna por um militar à frente do Ministério da Defesa, que ficou a cargo do diplomata José Viegas, filho de militar que estudou em escolas castrenses.⁷⁶⁶

Fora isso, no entanto, tudo corria bem entre Lula e a caserna. Em abril de 2004, o ministro Viegas anunciou que o Brasil havia sido convidado para comandar uma missão de paz no Haiti pela ONU. As Forças Armadas viram o caso como uma janela de oportunidade para aumentar seu protagonismo, em queda desde a redemocratização. Para o governo Lula, também era a chance de obter destaque junto à comunidade internacional. A Minustah (Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti) começou naquele ano e durou até 2017, com um legado no mínimo questionável.⁷⁶⁷

No terreno da memória da ditadura, também parecia prevalecer a paz. Lula afagou diversas vezes as lideranças militares diante do tema, dizendo que elas, no presente, não tinham culpa pelo que fizeram seus veteranos no passado. Em 2014, admitiu em entrevista a membros da Comissão Nacional da Verdade que não queria que nenhum militar de hoje se sentisse responsável:

Eu dizia, em várias conversas: vocês precisam tirar das costas de vocês a responsabilidade de coisas que vocês não têm. Vocês eram meninos quando alguém mandou fazer. Se a instituição cometeu erros, não foram vocês. Quem tem culpa, na verdade, foi o comandante daquela ocasião.⁷⁶⁸

⁷⁶⁵ VICTOR, *op. cit.* p. 69-84.

⁷⁶⁶ *Id, ibid.* p. 77-78.

⁷⁶⁷ MACEDO, Leticia. Haiti: 13 anos de missão do Exército brasileiro deixou legado questionável. *UOL*, 11 jul. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2021/07/11/haiti-minustah-missao-de-paz-onu-exercito.htm>. Acesso em: 4 out. 2023.

⁷⁶⁸ LULA conta que pedia a comandantes militares para reconhecerem erros do passado. *Rede Brasil Atual*, 9 dez. 2014. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/lula-counta-que-pedia-a-comandantes-militares-para-reconhecerem-erros-do-passado-9501/>. Acesso em: 4 out. 2023.

Diante da efeméride de 40 anos do golpe, em 2004, as Forças Armadas avisaram que não comemorariam a data. A Ordem do Dia assinada pelo comandante do Exército, Francisco Roberto de Albuquerque, trata o 31 de Março como “uma página de nossa história, com o coração livre de ressentimentos”, destacando “a importância de viver em uma sociedade cujos filhos não estão divididos pelas paixões ideológicas e não estão expostos às inquietações do passado”.⁷⁶⁹ Tom similar de comedimento foi adotado pelo ministro da Defesa:

A sociedade brasileira reconhece o respeito incondicional das Forças Armadas ao poder político emanado das urnas, aos direitos humanos em todas as suas dimensões e à Justiça, assim como o seu propósito de trabalhar, com serenidade, em prol da defesa e da soberania do país e em apoio à inclusão social e à construção de uma nação mais forte, mais homogênea e mais solidária.⁷⁷⁰

No entanto, a lua de mel deste casamento arranjado durou pouco. O início do governo Lula marca, para o professor Marcos Napolitano, também o início de uma nova fase da memória social da ditadura no Brasil, caracterizada pelo que chama de “revisionismos ideológicos”.⁷⁷¹ Ainda em 2004, uma reportagem do Correio Braziliense divulgou fotos inéditas que seriam de Vladimir Herzog na prisão, com uma descrição sensível do seu calvário nas dependências do Doi-Codi, em São Paulo.⁷⁷² O Exército reagiu com virulência em nota:

1. Desde meados da década de 60 até início dos anos 70 ocorreu no Brasil um movimento subversivo, que, atuando a mando de conhecidos centros de irradiação do movimento comunista internacional, pretendia derrubar, pela força, o governo brasileiro legalmente constituído.

À época, o Exército brasileiro, obedecendo ao clamor popular, integrou, juntamente com as demais Forças Armadas, a Polícia Federal e as polícias militares e civis estaduais, uma força de pacificação, que logrou retornar o Brasil à normalidade. As medidas tomadas pelas Forças Legais foram uma legítima resposta à violência dos que recusaram o diálogo, optaram pelo radicalismo e pela ilegalidade e tomaram a iniciativa de pegar em armas e desencadear ações criminosas.

Dentro dessas medidas, sentiu-se a necessidade da criação de uma estrutura, com vistas a apoiar, em operação e inteligência, as

⁷⁶⁹ EXÉRCITO quer que 64 seja visto “sem ressentimentos”. *Folha de S. Paulo*, 31 mar. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3103200423.htm>. Acesso em: 4 out. 2023.

⁷⁷⁰ *Id, ibid.*

⁷⁷¹ NAPOLITANO, Marcos. Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. *Antíteses*, Londrina, v. 8, n. 15esp., nov. 2015. p. 32-38.

⁷⁷² *Id. História do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 294.

atividades necessárias para desestruturar os movimentos radicais e ilegais.

O movimento de 1964, fruto de clamor popular, criou, sem dúvidas, condições para a construção de um novo Brasil, em ambiente de paz e segurança. Fortaleceu a economia, promoveu fantástica expansão e integração da estrutura produtiva e fomentou mecanismos de proteção e qualificação social. Nesse novo ambiente de amadurecimento político, a estrutura criada tornou-se obsoleta e desnecessária na atual ordem vigente. Dessa forma, e dentro da política de atualização doutrinária da Força Terrestre, no Exército brasileiro não existe nenhuma estrutura que tenha herdado as funções daqueles órgãos.

2. Quanto às mortes que teriam ocorrido durante as operações, o Ministério da Defesa tem, insistentemente, enfatizado que não há documentos históricos que as comprovem, tendo em vista que os registros operacionais e da atividade de inteligência da época foram destruídos em virtude de determinação legal. Tal fato é amparado pela vigência, até 08 de janeiro de 1991, do antigo Regulamento para a Salvaguarda de Assuntos Sigilosos (RSAS), que permitia que qualquer documento sigiloso, após a acurada análise, fosse destruído por ordem da autoridade que o produzira, caso fosse julgado que já tinha cumprido sua finalidade.

Depoimentos divulgados pela mídia, de terceiros ou documentos porventura guardados em arquivos pessoais não são de responsabilidade das Forças Armadas.

3. Coerente com seu posicionamento, e cioso de seus deveres constitucionais, o Exército brasileiro, bem como as forças co-irmãs, vêm demonstrando total identidade com o espírito da Lei da Anistia, cujo objetivo foi proporcionar ao nosso país um ambiente pacífico e ordeiro, propício para a consolidação da democracia e ao nosso desenvolvimento, livre de ressentimentos e capaz de inibir a reabertura de feridas que precisam ser, definitivamente, cicatrizadas. Por esse motivo considera os fatos como parte da história do Brasil. Mesmo sem qualquer mudança de posicionamento e de convicções em relação ao que aconteceu naquele período histórico, considera ação pequena reavivar revanchismos ou estimular discussões estéreis sobre conjunturas passadas, que a nada conduzem.⁷⁷³

Instaurada a crise, o presidente entrou em campo — mas a seu modo. Lula foi a um churrasco na casa do comandante da força terrestre, que alegou também ter sido surpreendido com o texto, e deu-se por satisfeito com uma nota de retratação assinada pessoalmente por ele no dia seguinte:

O Exército Brasileiro é uma Instituição que prima pela consolidação do poder da democracia brasileira.

O Exército lamenta a morte do jornalista WLADIMIR HERZOG. Cumpre lembrar que, à época, este fato foi um dos motivadores do

⁷⁷³ LEIA a íntegra da nota divulgada pelo Exército. *Folha de S. Paulo*, 19 out. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1910200417.htm>. Acesso em: 4 out. 2023.

afastamento do comandante militar da área, por determinação do Presidente Geisel.

Portanto, para o bem da democracia e comprometido com as leis do nosso país, o Exército não quer ficar reavivando fatos de um passado trágico que ocorreram no Brasil.

Entendo que a forma pela qual esse assunto foi abordado não foi apropriada, e que somente a ausência de uma discussão interna mais profunda sobre o tema pôde fazer com que uma nota do Centro de Comunicação Social do Exército não condizente com o momento histórico atual fosse publicada.

Reitero ao Senhor Presidente da República e ao Senhor Ministro da Defesa a convicção de que o Exército não foge aos seus compromissos de fortalecimento da democracia brasileira.

(General-de-Exército Francisco Roberto de Albuquerque Comandante do Exército)⁷⁷⁴

Diferente de Lula, o ministro da Defesa não engoliu a versão de Albuquerque e pediu sua demissão. Lula capitulou e, em vez disso, cogitou punir apenas o chefe do Centro de Comunicação Social do Exército. No fim das contas, alertado sobre a má reputação de Viegas entre as tropas, não tomou atitude nenhuma. Viegas, sentindo-se desmoralizado, pediu para sair e acabou substituído pelo vice-presidente, José Alencar, que se limitou a prestigiar as Forças Armadas em eventos públicos e a fugir de quaisquer atritos. Já o ex-ministro, por sua vez, ligou sua demissão à “persistência de um pensamento autoritário, ligado aos remanescentes da velha e anacrônica Doutrina de Segurança Nacional” e fez um apelo: “já é hora de que os representantes desse pensamento ultrapassado saiam de cena”.⁷⁷⁵

Fato é que não saíram; pelo contrário. Em *Dano colateral*, a jornalista Natália Viana mostra como a experiência no Haiti serviu de laboratório para uma atuação cada vez mais frequente e naturalizada das Forças Armadas no policiamento ostensivo de áreas urbanas no Brasil, prática que não lhes compete. “Dano colateral” é precisamente o jargão militar utilizado para caracterizar a morte de civis durante operações de guerra, dentro ou fora do país. Para atuar no país caribenho, hoje sabe-se graças a vazamentos do Wikileaks, o Itamaraty se prontificou a dar “um jeitinho”, se fosse o caso, já que a Constituição brasileira permitia apenas

⁷⁷⁴ DOMINGOS, Marina. Em nova nota, Exército lamenta a morte de Vladimir Herzog. *EBC*, 19 out. 2004. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2004-10-19/em-nova-nota-exercito-lamenta-morte-de-vladimir-herzog>. Acesso em: 4 out. 2023.

⁷⁷⁵ VICTOR. *op. cit.* 82-84.

engajamento em missões de “manutenção da paz” e não de “imposição da paz”, que era o caso haitiano. O caos da segurança pública e a proximidade do governador Sérgio Cabral com Nelson Jobim, ministro da Defesa em 2010, impulsionaram o emprego da força castrense no Rio de Janeiro através da operação Arcanjo, então autorizada por Lula e concluída apenas dois anos depois.⁷⁷⁶

De lá para cá, especialmente graças à insegurança quanto à realização de megaeventos esportivos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, as operações para Garantia da Lei e da Ordem (GLOs) só aumentaram. Viana destaca que, para setores expressivos das Forças Armadas, a guerra contra criminosos comuns, notadamente traficantes de drogas, não passa de uma versão atualizada do combate à luta armada durante a ditadura. Para o general Floriano Peixoto Vieira Neto, *Force Commander* da Minustah, por exemplo, “o que estamos vivendo no Rio de Janeiro não é GLO”, já que, segundo ele, “o emprego das Forças Armadas hoje no Rio de Janeiro é o emprego contra forças irregulares, de dentro de um conceito assimétrico de guerra de quarta geração”.⁷⁷⁷ A noção de “guerra de quarta geração”, como vimos anteriormente, vem sendo utilizada como parâmetro interpretativo por conservadores desde os anos 1990 para condensar procedimentos de guerra irregular que seriam adotados por inimigos da ordem no presente, eventualmente relacionados ao crime comum, mas também, nas versões mais conspiracionistas, às agendas políticas de uma esquerda renovada.

Cada vez mais protagonistas, os militares viram o orçamento do Ministério da Defesa aumentar exponencialmente e diversos investimentos planejados em infraestrutura e tecnologia saírem do papel durante os governos petistas.⁷⁷⁸ A pasta, originalmente criada para simbolizar a subordinação da caserna ao poder civil, também foi aos poucos tomada por militares. Num estudo publicado em 2021, os internacionalistas Juliano Cortinhas e Marina Vitelli colocam uma lupa sobre esse processo: além do número de cargos militares, também aumentou a proporção de fardados em cargos civis. Em 10 anos, o percentual de civis na pasta caiu de 42,4%

⁷⁷⁶ VIANA, Natália. *Dano colateral: a intervenção dos militares na segurança pública*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021. p. 35-58.

⁷⁷⁷ *Id*, *ibid*. p. 47.

⁷⁷⁸ VICTOR. *op. cit.* p. 85-87.

para 35%, sem contar o desequilíbrio ainda mais flagrante em cargos de nível superior ou intermediário.⁷⁷⁹

Essa escalada, como se sabe, chegaria ao seu auge depois da eleição de Jair Bolsonaro. Mas o fato é que os militares seguiram acompanhando de perto temas de seu interesse na Nova República, seja com relação ao presente, seja com relação ao seu passado autoritário na direção do regime de 1964.

A despeito de sua curta permanência no Planalto, Collor, o primeiro eleito pelo voto popular em quase 30 anos, extinguiu o SNI — que considerava apenas um instrumento para bisbilhotar desafetos políticos dos militares —; nomeou comandantes tidos como democratas; mandou prender o general Newton Cruz, que havia sugerido um tiro na cabeça do presidente; e autorizou, em 1991, a abertura dos arquivos da repressão dos Dops de São Paulo e Rio de Janeiro, apesar das suspeitas de adulteração antes do acesso ao público. Os militares, aliás, achavam que eram desprezados pelo presidente alagoano.⁷⁸⁰

Inaugurando uma tendência que se seguiu nos anos de Nova República, qual seja, a de que governos fracos tendem a ver militares fortalecidos, Fernando Collor, que havia demarcado 96,6 mil m² de terras yanomami — para descontentamento geral de latifundiários e culturalistas reacionários —, condicionou a criação de novas reservas à aprovação do Estado-Maior das Forças Armadas depois que o irmão Pedro chacoalhou o governo com um escândalo que, meses depois, desaguaria no impeachment. Itamar Franco aproximou-se da caserna quando o presidente começou a desmoronar e teve nada menos que nove oficiais da reserva no primeiro escalão de seu governo, que concedeu generoso aumento dos soldos militares mesmo diante de grave crise econômica. Também sacudido pelo escândalo dos Anões do Orçamento, viu pipocarem os primeiros pedidos mais abertos de uma nova “intervenção militar” depois da ditadura.⁷⁸¹

A maior queda de braço durante o curto mandato de Itamar no terreno da memória da ditadura foi vencida pelos militares. Flagrado supostamente bêbado no célebre episódio em que o presidente se deixou fotografar ao lado de uma modelo

⁷⁷⁹ CORTINHAS, Juliano da Silva; VITELLI, Marina Gisela. Limitações das reformas para o controle civil das Forças Armadas nos governos do PT (2003-2016), *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 186-216, 2021.

⁷⁸⁰ VICTOR, *op. cit.* p. 54-56.

⁷⁸¹ *Id, ibid.* p. 58-60.

sem as roupas de baixo na Sapucaí (ela disse estar de *collant*, na verdade), o ministro da Justiça Maurício Corrêa foi o bode expiatório perfeito para Itamar — e para a caserna.⁷⁸² Corrêa, que não estava embriagado como circulou e nem aparece em imagens comprometedoras, havia formado uma comissão para elucidar o paradeiro de desaparecidos políticos e exigiu relatórios das três Forças Armadas sobre os nomes apresentados.⁷⁸³ Foi o que bastou para pedirem sua cabeça.

Vitorioso nas urnas e já colhendo os frutos do início de uma estabilidade econômica depois de quase duas décadas marcadas pela hiperinflação, Fernando Henrique Cardoso foi o primeiro presidente de uma série de mandatos conduzidos por vítimas diretas, em alguma escala, da ditadura, num ciclo que perdurou até maio de 2016. Seu governo inaugurou uma fase da memória social do regime marcada, segundo Napolitano, pela adoção das primeiras políticas de Estado baseadas no período.⁷⁸⁴ Por iniciativa dos próprios militares, em 1995, pela primeira vez desde 1964 não foi redigida Ordem do Dia celebrando o golpe.⁷⁸⁵

FHC criou a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP), que no seu bojo reconhecia como mortos os desaparecidos que participaram ou foram acusados de participar de atividades políticas entre 1961 e 1979, assumindo responsabilidade do Estado nos crimes cometidos pelo regime; inaugurou a Comissão de Anistia do Ministério da Justiça; e regulamentou a condição de anistiado político. Em 1999, instituiu o Ministério da Defesa para desgosto dos comandantes militares, que não cumprimentaram o primeiro superior civil nomeado em sua posse, o ex-senador Élcio Álvares.⁷⁸⁶

Como era de se esperar, os militares não assistiram passivamente a esse processo. A caserna protestou contra a indenização concedida à viúva do capitão Lamarca, desertor do Exército que liderou a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), e pressionou para que as políticas de memória não avançassem muito além disso. Nelson Jobim, então ministro da Justiça, deixou claro que qualquer movimento para apuração de mortes e responsabilidades seria barrado. Mais tarde,

⁷⁸² *Id, ibid.* p. 59-60.

⁷⁸³ FIGUEIREDO, Lucas. *Lugar nenhum: militares e civis na ocultação dos documentos da ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 57-58.

⁷⁸⁴ NAPOLITANO. *Recordar é vencer*. op. cit. p. 25-32.

⁷⁸⁵ VICTOR. *op. cit.* p. 61-68.

⁷⁸⁶ *Id, ibid.*

seu chefe de gabinete admitiria que o governo fez o mínimo para os familiares das vítimas e o máximo para os militares.⁷⁸⁷

Nas primeiras versões do discurso em que apresentaria o PL da CEMDP, o presidente dizia: “É em nome da consciência de que só o estado de direito garante a liberdade que eu, ao enviar ao Congresso esta lei, escuso-me perante a nação, na qualidade de presidente da República e chefe de Estado, pelos abusos que foram cometidos”. O trecho acabou substituído no pronunciamento por uma exortação ao “deixa disso”: “[...] conclamo a Nação a virar esta página da história e a olhar o futuro com a convicção de que episódios semelhantes nunca mais se repetirão”.⁷⁸⁸ Sem as escusas, a nova conclusão da fala ficou mais adequada à tônica das políticas de memória do Estado brasileiro sobre o regime, resumida por Napolitano através da tríade “reparação, alguma verdade e nenhuma justiça”.⁷⁸⁹

Quer dizer, enquanto avançou na concessão de certidões de óbito a desaparecidos e de indenizações, o Estado brasileiro permaneceu reticente quanto à abertura de arquivos e especialmente refratário a qualquer revisão da Lei da Anistia. A ausência de uma ruptura drástica entre os períodos ditatorial e democrático também criou alguns embaraços para as redes institucionais da Nova República, com sinalizações contraditórias quanto à memória do regime convivendo sob os mesmos governos. Por exemplo, como houve em 1985 com Médici, a morte de Geisel ensejou a decretação de luto oficial pelo presidente Fernando Henrique em 1996 — o mesmo que homenagearia Rubens Paiva, deputado cassado e executado pela ditadura. Coisa parecida não se viu no continente com Augusto Pinochet e Jorge Videla, ditadores de Chile e Argentina mortos em 2006 e 2013, respectivamente — o segundo inclusive estava na prisão.⁷⁹⁰

Ao menos no que diz respeito ao item “verdade”, os primeiros governos Lula representaram alguma esperança de evolução nas políticas de Estado quanto ao regime. Primeiro porque foi composto por opositores à ditadura (apoiadores também) e tinha como base movimentos que pleiteavam uma inflexão na relação com esse passado. Em 2005, arquivos do extinto SNI foram transferidos para o Arquivo Nacional, sob responsabilidade da Casa Civil. No primeiro ano do segundo

⁷⁸⁷ *Id.*, *ibid.*

⁷⁸⁸ MESTRE da palavra. *Fundação Fernando Henrique Cardoso*, s/d. Disponível em: <https://fundacaofhc.org.br/exposicoesvirtuais/mestre-da-palavra/>. Acesso em: 9 out. 2023.

⁷⁸⁹ NAPOLITANO. *História do regime militar*. *op. cit.* p. 293.

⁷⁹⁰ *Id.* Recordar é vencer *op. cit.* p. 26-28.

mandato, o livro *Direito à memória e à verdade* reuniu dados biográficos e informações de contexto sobre a repressão. Era a primeira produção oficial do Estado brasileiro acerca do tema. Em 2009, o *Memórias Reveladas - Centro de Referência das Lutas Políticas (1964-1985)* nasceu com o objetivo de elaborar e colocar à disposição do público bancos de dados com os mais variados arquivos sobre o terrorismo de Estado brasileiro.⁷⁹¹

O governo Lula também gestou em 2009 uma terceira versão do Plano Nacional de Direitos Humanos, que, diferentemente das elaboradas em 1996 e 2002, fez menção direta à ditadura militar — embora também ao Estado Novo. Para a ira da caserna, o documento fala em “repressão política” e “perseguidos políticos”. Foi uma vitória de Paulo Vannuchi, ex-guerrilheiro da ALN e ministro dos Direitos Humanos. Mas a reação foi impactante: Nelson Jobim, então na Defesa, ameaçou se demitir junto aos comandantes das três forças. Depois de muita indefinição, uma nova versão do plano suprimiu as expressões tidas como sensíveis pelos militares,⁷⁹² mas ainda recomendava o fomento a debates e a divulgação de “informações no sentido de que logradouros, atos e próprios nacionais ou prédios públicos não recebam nomes de pessoas identificadas reconhecidamente como torturadores”.⁷⁹³

Em 2008, a 11ª Conferência Nacional dos Direitos Humanos propôs a criação de uma Comissão Nacional da Verdade, também demandada no ano seguinte pelo PNDH-3. O governo finalmente cedeu e encampou a ideia. A essa altura, já tinham realizado as suas na América Latina Bolívia (1982), El Salvador (1992), Haiti (1995), Guatemala (1997), Panamá (2001), Peru (2001), Paraguai (2004), Chile (1990, 2003 e 2010), Uruguai (1985 e 2000), Equador (1996 e 2008) e Argentina (1983). Isso sem contar experiências similares em Uganda (1974), África do Sul (1995) e Canadá (2009), num total de 40 pelo mundo.⁷⁹⁴

Numa reportagem para a revista *piuí* sobre os bastidores da comissão brasileira, aprovada por lei em setembro de 2011, já durante o governo Dilma Rousseff, a jornalista Julia Duailibi conta que, originalmente, o colegiado se

⁷⁹¹ MEMÓRIAS REVELADAS. Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br>. Acesso em: 10 out. 2023.

⁷⁹² VICTOR. *op. cit.* p. 88-89.

⁷⁹³ BRASIL. Decreto n.º 7.037 - Atualizado pelo Decreto 7.177. Programa Nacional de Direitos Humanos. Brasília, 12 de maio de 2010. Disponível em <https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/PNDH-3.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023. p. 177.

⁷⁹⁴ DUAILIBI, Julia. A verdade da comissão. *piuí*, abr. 2014. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-verdade-da-comissao/>. Acesso em 11 out. 2023.

chamaria “Comissão Nacional da Verdade e da Justiça”, conforme proposto pela conferência ainda no governo Lula. O então ministro Nelson Jobim, que mais tarde chegaria a duvidar da tortura sofrida pela presidente,⁷⁹⁵ não gostou de “Justiça” e recomendou “Reconciliação” em seu lugar. Por fim, Lula retirou “Justiça” mas também não incluiu “Reconciliação”. Diante da pressão dos militares, o governo abdicou de qualquer aspiração criminal para os trabalhos da comissão, que ainda alargou o recorte esperado para abarcar o período de 1946 a 1988, reduzindo, mesmo que apenas simbolicamente, o peso do regime militar nas averiguações. Mas as indicações do colegiado, de prerrogativa exclusiva da presidência da república, foram majoritariamente ligadas à oposição ao regime.⁷⁹⁶

Depois de dois anos e sete meses de trabalho — só concluído, por uma demanda da oposição, após o período eleitoral —, a Comissão Nacional da Verdade apresentou um relatório de quase 3.400 páginas, distribuídas em três volumes. 377 agentes da repressão, ao todo, foram implicados. Como previsto, a caserna protestou, como já vinha protestando desde o início das tratativas. As principais reclamações giraram em torno do recorte temporal, que, a despeito do formalmente traçado, concentrou-se apenas na ditadura, e de uma alegada parcialidade na abordagem, já que foram ignorados crimes praticados por opositores, inclusive aqueles da luta armada.⁷⁹⁷

Indignada com a inclusão do nome de Leo Guedes Etchegoyen, pai de Sergio Etchegoyen — também general que aguardava nomeação como chefe do Estado-Maior da força terrestre durante o governo Dilma —, a família do militar soltou os cachorros contra a CNV através de uma nota de repúdio em que a classifica como “leviana”, “covarde” e “perversa”, negando o envolvimento do patriarca em atividades da repressão. Ela também ingressou na justiça com um pedido de indenização por danos morais e de retificação do documento, negado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4).⁷⁹⁸ Também signatário da nota, Sergio foi o primeiro oficial de peso na ativa a criticar a comissão. Ele sabia que poderia ter a promoção barrada pelo embaraço produzido pela nota, mas uma

⁷⁹⁵ VICTOR. *op. cit.* p. 90-91.

⁷⁹⁶ DUAILIBI. *op. cit.*

⁷⁹⁷ VICTOR. *op. cit.* p. 90-94.

⁷⁹⁸ MACEDO, Fausto; NETTO, Paulo Roberto. Tribunal mantém nome do pai de Etchegoyen no relatório da Comissão Nacional da Verdade. *O Estado de S. Paulo*, 27 jun. 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/tribunal-mantem-nome-de-general-no-relatorio-da-comissao-nacional-da-verdade/>. Acesso em: 13 out. 2023.

conversa com o comandante do Exército Eduardo Villas Bôas e o ministro da Defesa Jaques Wagner resolveu.⁷⁹⁹

Assim que foi divulgado o relatório da Comissão Nacional da Verdade, o *Estadão* ouviu generais da ativa e da reserva para uma matéria publicada nas últimas horas do mesmo dia. Leônidas Pires Gonçalves, então com 93 anos, era um deles, e, além de desafiar algum torturado do Doi-Codi quando coordenado por ele a dar as caras, disse: “O problema é que quem está no poder cria a sua verdade, que normalmente não é a verdade verdadeira e se nós [militares] fôssemos criar uma Comissão da Verdade, com certeza a história seria outra”. Presidente do Clube Militar, o general da reserva Gilberto Pimentel considerou “inaceitável” a proposta de revisão da Lei da Anistia e protestou contra a parcialidade dos trabalhos.⁸⁰⁰

Em que pese a obsessão dos militares quanto a uma eventual revogação da Lei da Anistia, simbolizada pela insistência no uso do termo “revanchismo” para caracterizar movimentações nesse sentido ou meramente correlatas, o pacto negociado para redemocratização nunca chegou a ser concretamente ameaçado no Brasil. O Supremo Tribunal Federal, em 2010, provocado pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), rejeitou pedido para excluir da anistia agentes do Estado torturadores e praticantes de crimes comuns durante a ditadura.⁸⁰¹ Em 2011, foi a vez do Congresso engavetar uma proposta de revisão.⁸⁰² A Comissão Nacional da Verdade, com base no entendimento da Corte Interamericana de Direitos Humanos, de fato recomendou a responsabilização, civil e criminal, de colaboradores do regime. Mas não passou disso. Segundo a plataforma *Aos Fatos*, na verdade mais de 80% das propostas da CNV foram total ou parcialmente

⁷⁹⁹ VICTOR, *op. cit.* 21-37.

⁸⁰⁰ MONTEIRO, Tânia; TOSTA, Wilson. Militares repudiam relatório da comissão. *O Estado de S. Paulo*, 10 dez. 2014. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/militares-repudiam-relatorio-da-comissao/>. Acesso em: 15 out. 2023.

⁸⁰¹ BONIN, Robson. STF rejeita ação da OAB e decide que Lei da Anistia vale para todos. *G1*, 29 abr. 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2010/04/stf-rejeita-acao-da-oab-e-decide-que-lei-da-anistia-vale-para-todos.html>. Acesso em: 16 out. 2023.

⁸⁰² MELO, Karine; BRITO, Débora. Parlamentares querem desengavetar proposta que revisa Lei da Anistia. *Agência Brasil*, 14 mai. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-05/parlamentares-querem-desengavetar-proposta-que-revisa-lei-de-anistia>. Acesso em: 16 out. 2023.

ignoradas até agora pelo país.⁸⁰³ A promessa do terceiro governo Lula é retomar o cumprimento às recomendações, embora até agora não haja nada de concreto.⁸⁰⁴

Seja como for, os militares fizeram de tudo para garantir sua impunidade. E mandaram recados claros. Em agosto de 2012, o *Estadão* repercutiu a participação do cientista político Eliézer Rizzo de Oliveira, professor da Unicamp apresentado como especialista em assuntos militares, no 6º Encontro Nacional da Associação Brasileira dos Estudos da Defesa, em São Paulo. Oliveira dá razão às inquietações da caserna, segundo ele provocadas pelo governo, e alertou sobre o risco de uma nova ruptura institucional:

O Ministério Público constituiu uma área específica para lutar pela justiça de transição. Portanto, a perspectiva deles (militares) é de que policiais e militares serão levados a julgamento. E uma perspectiva mais grave ainda, de um senhor que já foi ministro, o general Leônidas (Leônidas Pires, ministro do Exército no governo do presidente José Sarney), que disse que o poder moderador tem que entrar em ação. Poder moderador é golpe não silencioso. É aquela ideia, que vem de D. Pedro I, de que as Forças Armadas, num determinado momento, trouxeram para si, e as forças políticas concordaram, o direito de atuar autonomamente. Temos que levar essa ameaça a sério.⁸⁰⁵

Em maio deste mesmo ano, também no jornal O Estado de S. Paulo, o general Romulo Bini Pereira já tinha defendido a Lei da Anistia como “um ponto final no ciclo de beligerância que se instalou na vida brasileira”. Ele, como de costume entre oficiais das Forças Armadas desde a transição democrática, entende a instalação da CNV como “um passo efetivo para atos de revanchismo”. Por fim,

⁸⁰³ QUATRO anos depois, Brasil ignora maioria das propostas da Comissão da Verdade. *Aos Fatos*, 29 mar. 2019. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/quatro-anos-depois-brasil-ignora-maioria-das-recomendacoes-da-comissao-da-verdade/>. Acesso em: 25 out. 2023.

⁸⁰⁴ CHADE, Jamil. Governo retomará recomendações da Comissão Nacional da Verdade. *UOL*, 1 mar. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2023/03/01/governo-retomara-recomendacoes-da-comissao-da-verdade-sobre-a-ditadura.htm>. Acesso em: 16 out. 2023.

⁸⁰⁵ ARRUDA, Roldão. Comissão da Verdade incomoda militares. “Eles têm certeza de que ela levará ao fim da Anistia”, diz especialista. *O Estado de S. Paulo*, 7 ago. 2012. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/roldao-arruda-comissao-da-verdade-incomoda-militares-eles-tem-certeza-de-que-ela-levara-ao-fim-da-anistia-diz-especialista/>. Acesso em: 17 out. 2023. Embora não seja um defensor do legado da ditadura, o professor Oliveira advoga pelos princípios consagrados pela Lei da Anistia e lançou um livro crítico à parcialidade da Comissão da Verdade. GARDENAL, Isabel. Eliézer Rizzo lança obra que analisa Comissão da Verdade. *Portal Unicamp*, 23 dez. 2015. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2015/12/23/eliezer-rizzo-lanca-obra-que-analisa-comissao-da-verdade>. Acesso em: 17 out. 2023.

depois de condenar com veemência a luta armada no país e no mundo, exorta seus colegas a abandonarem o pacto de silêncio na Nova República:

Correremos riscos, mas eles são inerentes ao processo democrático e à nossa profissão. Não se admite mais este silêncio reinante. Nas redes virtuais, pela simples leitura de manifestos e artigos oriundos da reserva de nossas Forças Singulares se percebe que estamos num ponto crítico. A nossa autoestima está em visível declínio, agravada por outros fatores, entre eles os baixos salários de nossos subordinados. Dissensões poderão surgir, pois a reserva expressa em muito o pensamento dos soldados da ativa. Possíveis perturbações ou rupturas em nossas Forças trarão repercussões indesejáveis para o nosso país. Não é possível mais calar. A lei do silêncio deve ser quebrada!⁸⁰⁶

E não calaram. Como vimos, o Orvil foi finalmente publicado por uma editora comercial justamente em 2012. Mais até do que seu conteúdo, importa notar aqui a significativa mudança de conjuntura que deu as condições para que o livro circulasse fora da caserna, que internamente também vinha se agitando. O general Augusto Heleno, também certamente motivado pelo avanço da CNV nas casas legislativas, preparou para a celebração do golpe em 2011 a palestra intitulada “A contrarrevolução que salvou o Brasil”, cancelada após intervenção de Jobim. No ano anterior, o general Maynard Marques acabou exonerado da chefia do Departamento-Geral do Pessoal do Exército depois de chamar a CNV de “comissão da calúnia”. O mesmo aconteceu em 2015 com o general Hamilton Mourão, então comandante militar do Sul e futuro vice-presidente de Bolsonaro, depois de fazer um chamado pela destituição de Dilma Rousseff e sediar uma homenagem a Ustra em uma de suas unidades.⁸⁰⁷

Naturalmente, a Comissão Nacional da Verdade provocou um *boom* memorialístico sobre o regime. Além da CNV, também foram instituídas outras 45 comissões estaduais e municipais pelo país.⁸⁰⁸ Testemunhas, historiadores, agentes públicos e vítimas da ditadura produziram uma infinidade de relatos, cujo conteúdo ainda está para ser suficientemente examinado pela historiografia. Como sugerido pelo general Pereira, os agentes da repressão também falaram bastante, seja nos

⁸⁰⁶ PEREIRA, Romulo Bini. Lei do silêncio. *O Estado de S. Paulo*, 12 mai. 2012. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opiniao/lei-do-silencio-imp-/>. Acesso em: 13 out. 2023.

⁸⁰⁷ VICTOR. *op. cit.* 97-98.

⁸⁰⁸ HOLLANDA, Cristina Buarque de; ISRAEL, Vinícius Pinheiro. Panorama das Comissões da Verdade no Brasil: uma reflexão sobre novos sentidos de legitimidade e representação democrática. *Revista de Sociologia Política*. v. 27, n. 70, e006, 2019.

depoimentos prestados às comissões, seja através da imprensa ou do mercado editorial.

Mas o fato é que, antes mesmo do processo constitutivo da Comissão Nacional da Verdade, já havia um expressivo histórico de elaborações castrenses sobre o período, com o objetivo de escrever, como disse o tenente-coronel Romeu Antonio Ferreira em ofício para o Centro de Informações do Exército já em 1984, “a história verdadeira, a história dos vencedores, a nossa história”.⁸⁰⁹ Em sua dissertação de mestrado em História Cultural, defendida em 2016 na Universidade Federal de Santa Catarina, Clarissa Grahl faz um importante levantamento de livros escritos por militares que atuaram nos sistemas de repressão ou informação que começa com o livro *Brasil: sempre*, do tenente-coronel Marco Pollo Giordani, em 1986 — também em alusão e resposta ao *Brasil Nunca mais* —, e termina com *Médici: a verdadeira história (post-mortem)*, publicado em 2011 por Agnaldo Del Nero Augusto.⁸¹⁰

Além destes e do já mencionado *A grande mentira* (2001), também integram a lista *Rompendo o silêncio* (coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, 1987); *Xambioá: guerrilha no Araguaia* (coronel Pedro Correa Cabral, 1993); *Nos porões da ditadura: fatos que a esquerda finge ignorar e a falácia do militarismo no Brasil* (general Raymundo Negrão Torres, 1998); *Movimento Comunista Brasileiro: Guerrilha do Araguaia – revanchismo* (coronel Aluísio Madruga de Moura e Souza, 2002); *1964: uma revolução perdida* (general Raymundo Negrão Torres, 2002); *O fascínio dos "anos de chumbo": o "golpe" de 31 de março de 1964 e os "porões da ditadura" quarenta anos depois* (general Raymundo Negrão Torres, 2004); *Nas entrelinhas da história: a verdade sobre fatos contados* (coronel Jayme Henrique A. Lameira, 2005); *A verdade sufocada* (coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, 2006); *Desfazendo mitos da luta armada: documentário* (coronel Aluísio Madruga de Moura e Souza, 2006); *Guerrilha do Araguaia: relato de um combatente* (tenente-coronel Licio Maciel, 2007); *Bacaba: memórias de um guerrilheiro de selva da guerrilha do Araguaia* (tenente José Vargas Jimenez, 2007); e *Bacaba II: toda a verdade sobre a*

⁸⁰⁹ VICTOR. *op. cit.* p. 122.

⁸¹⁰ SANTOS, Clarissa Grahl dos. Das armas às letras: os militares e a constituição de um campo memorialístico de defesa à ditadura empresarial militar. 184 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. p. 183.

Guerrilha do Araguaia e a Revolução de 1964 (tenente José Vargas Jimenez, 2011).⁸¹¹

A avaliação de Grahl é que, mesmo sem um sentido necessariamente justificatório, esses ex-agentes descrevem de modo pormenorizado a estrutura e as operações dos grupos de esquerda armada para “legitimar, assim, suas posturas no combate travado no passado, ao mesmo tempo que pretendem marcar posições no debate presente e se defender de denúncias e acusações”, ao passo em que a produção de civis e militares que ocuparam cargos do alto escalão no regime tende a analisar seus governos e crises de maneira mais abrangente.⁸¹² Em 2013, a dissertação de Fernanda Teixeira Moreira abordou a questão a partir das memórias de Jarbas Passarinho, um dos ministros mais longevos da ditadura, de Ustra e de Olavo de Carvalho.⁸¹³

Outro trabalho digno de nota é o da Lucileide Costa Cardoso, que no livro *Criações da Memória* atualizou os resultados de sua pesquisa no mestrado e no doutorado com uma análise do discurso daqueles que chama de “memorialistas do poder”, divididos entre dirigentes e executores do terrorismo de Estado, e dos “memorialistas dos anos de repressão”, que se opuseram ao regime.⁸¹⁴ No artigo *A guerra da memória*, João Roberto Martins Filho também usou a oposição entre as memórias de defensores e combatentes da ditadura como mote.⁸¹⁵ Antes, ainda, pesquisadores do Centro de Pesquisa e Documentação Contemporânea (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), entrevistaram 17 militares da jovem e média oficialidade de 1964 para uma trilogia lançada entre 1994 e 1995 sobre o golpe,⁸¹⁶ a

⁸¹¹ *Id, ibid.* p. 183.

⁸¹² *Id, ibid.* p. 26.

⁸¹³ MOREIRA, Fernanda Teixeira. “Só os vitoriosos esqueceram”: intelectuais de direita e as disputas pela memória da ditadura civil-militar brasileira. 238 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2013.

⁸¹⁴ CARDOSO, Lucileide Costa. *Criações da memória: defensores e críticos da ditadura (1964-1985)*. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2012.

⁸¹⁵ MARTINS FILHO, João Roberto. A guerra da memória: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares. *Varia Historia*, Belo Horizonte, n. 28, p. 178-201, dez. 2002.

⁸¹⁶ D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso. *Visões do golpe: a memória militar sobre 1964*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

repressão⁸¹⁷ e a abertura.⁸¹⁸ O mesmo grupo também colheu, a seguir, depoimentos de Roberto Médici,⁸¹⁹ filho do presidente militar, e do próprio Ernesto Geisel.⁸²⁰

Sobretudo a partir dos anos 1990, com o aumento da percepção de derrota no front da memória, também se multiplicaram organizações para exaltar a memória do regime, como a Ternuma (Terrorismo Nunca Mais, em resposta ao Tortura Nunca Mais), a Guarararapes e a Inconfidência — esta última ainda ativa, com website e jornal, e que contou com várias colaborações de civis muito celebrados pelas novas direitas, a exemplo de Rodrigo Constantino e Olavo de Carvalho.⁸²¹ O Brasil foi recordista na constituição daquilo que Eduardo Heleno de Jesus Santos chamou de “grupos de pressão de militares da reserva” após a redemocratização na América do Sul: 26 ao todo, entre 1984 e 2014. Além de evitar a responsabilização criminal dos agentes da repressão na Nova República, essas entidades, movidas pelo ressentimento com o tratamento recebido pela sociedade civil, também buscam disputar terreno na batalha da memória.⁸²²

A despeito da heterogeneidade dessas memórias, marcadas por diferentes interpretações dos eventos e diferentes contextos de elaboração, elas ajudaram a subsidiar novas pesquisas e também novos diagnósticos acerca do período para a historiografia. Um exemplo pode ser encontrado na própria introdução de *Visões do golpe*, o primeiro dos três livros do CPDOC lançados quase em conjunto. Até então, argumentam Maria Celina D’Araujo, Gláucio Soares e Celso Castro, predominavam explicações de ordem econômica para a derrubada de Jango em 1964. Ouvir os militares envolvidos, a despeito do risco de incorporação acrítica de sua leitura sobre o processo, foi importante para compreender as motivações políticas da sublevação.⁸²³ Além disso, são notáveis a hegemonia de uma leitura salvacionista

⁸¹⁷ *Id.* *Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

⁸¹⁸ *Id.* *A volta aos quartéis: a memória militar sobre a abertura*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

⁸¹⁹ MÉDICI, Roberto. *Médici: o depoimento*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

⁸²⁰ D'ARAUJO, Maria Celina; CASTRO, Celso. *Ernesto Geisel*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

⁸²¹ CHIRIO, Maud. Da linha dura ao marxismo cultural. O olhar imutável de um grupo de extrema direita da reserva sobre a vida política brasileira (Jornal Inconfidência, 1998-2014). In: MARTINS FILHO, João Roberto (org.) *Os militares e a crise brasileira*. São Paulo: Alameda, 2021. p. 173-187.

⁸²² SANTOS, Eduardo Heleno de Jesus. Grupos de pressão política formados por militares da reserva no Mercosul. 321 f. Tese (Doutorado em Ciência Política - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. p. 7-8 e 66-108.

⁸²³ D'ARAUJO; SOARES; CASTRO. *Visões do golpe. op. cit.* p. 5-17.

da própria experiência e o ressentimento quanto à ausência de reconhecimento pela sociedade civil após a redemocratização.

Olavo de Carvalho também reagiu às políticas de memória da Nova República, com natural destaque para a CNV. Num artigo de janeiro de 2010 para o *Diário do Comércio*, atribui iniciativas memorialistas do presente à estratégia gramscista — sempre ela — de propaganda revolucionária, que configurariam uma inevitável recusa à verdade objetiva dos fatos.⁸²⁴ Olavo faz coro a algumas das reclamações mais presentes no discurso de militares sobre o tema, com a vantagem do distanciamento corporativista. Em março de 2012, admite, ainda que genericamente, o cometimento de crimes pelos militares, mas alega que estes seriam incomparáveis aos da esquerda:

Na presente “Comissão da Verdade”, os crimes do acusado são reais, mas menores do que os praticados pelo acusador. A onda de terrorismo guerrilheiro na América Latina data do início dos anos 60, e já tinha um belo currículo de realizações macabras quando, em reação, os golpes militares começaram a espoucar. Computado o total das ações violentas que, partindo de Cuba, se alastraram não só por este continente, mas pela África e pela Ásia, a resposta dos militares à agressão cubana mostra ter sido quase sempre tardia e moderada, sem contar o fato de que, pelo menos no Brasil, veio desacompanhada de qualquer guerra publicitária comparável à que os comunistas, inclusive desde a Europa e os EUA, moviam contra o governo local. Sob esse aspecto, a vantagem ainda está do lado dos comunistas. Os delitos cometidos pelos militares chamam a atenção porque uma rede de ONGs bilionárias, secundada pela militância esquerdista que domina as redações, não permite que sejam esquecidos.⁸²⁵

Olavo, que considera o terrorismo de Estado brasileiro na verdade apenas uma reação ao avanço do comunismo internacional, faz pouco caso da ideia de “revanchismo”, mas para ir além: “Seu objetivo”, diz sobre a Comissão da Verdade, “não é o mero ‘revanchismo’, como ingenuamente o pensam os militares: é habituar o povo a conformar-se com um novo padrão de justiça, no qual, a priori e sem possibilidade de discussão, um lado tem todos os direitos e o outro não tem

⁸²⁴ CARVALHO, Olavo de. Arredondando os quadrados. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 8 jan. 2010. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/arredondando-os-quadrados/>. Acesso em: 17 out. 2023.

⁸²⁵ *Id.* A rotina das cobras. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 22 mar. 2012. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/1352-2/>. Acesso em: 17 out. 2023.

nenhum”.⁸²⁶ Também no Diário do Comércio, em maio de 2012, depois de questionado por leitores especificamente sobre a CNV, Carvalho torna a criticar o que entende como uma negligência dos militares na guerra cultural e classifica as guerrilhas como mera distração:

Sim, desde aquela época, quando os generais acreditavam mandar no país porque controlavam a burocracia estatal, a esquerda, dominando a mídia, o movimento editorial e as universidades, já tinha o monopólio da narrativa histórica e portanto, o controle virtual do curso dos acontecimentos. Os militares, que em matéria de guerra cultural eram menos que amadores, nada perceberam. Imaginaram que a derrota das guerrilhas havia aleijado a esquerda para sempre, quando já então uma breve leitura dos Cadernos do Cárcere teria bastado para mostrar que *as guerrilhas nunca tinham sido nada mais que um boi-de-piranha*, jogado às águas para facilitar a passagem da boiada gramsciana, conduzida pelo velho Partidão no qual os luminares dos serviços de “inteligência” militares só enxergavam um adversário inofensivo, cansado de guerra, ansioso de paz e democracia, quase um amigo, enfim.⁸²⁷

Para desmoralizar a comissão, Olavo surpreendentemente reclama da ausência de historiadores no colegiado da CNV, composto por cinco advogados, um cientista político e uma psicanalista. Conclui, por fim, que seu trabalho não revela a “verdade do passado”, mas tão somente “o que se passa nas cabeças daqueles que hoje têm o poder de julgar e condenar”.⁸²⁸ Aqui, uma vez mais, Olavo parece usar sua leitura do processo para desacreditar a Nova República, procedimento que se repete também nos comentários sobre a política de reparação a perseguidos políticos da ditadura. Num artigo de 2011, por exemplo, alega que jornalistas indenizados “não foram vítimas de perseguição política, mas da má administração ou da má sorte”.⁸²⁹ Ele também chega a atribuir as reparações à mera “cumplicidade” com regimes comunistas:

A mentalidade esquerdista intoxica-se de mitos difamatórios de maneira a não cair jamais na tentação de ver no adversário um rosto humano. Até hoje os quatrocentos guerrilheiros mortos na ditadura, muitos deles caídos de armas na mão, merecem mais lágrimas do que os cem milhões de civis desarmados que eles, como membros do

⁸²⁶ *Id, ibid.*

⁸²⁷ *Id.* Promessa cumprida. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 28 mai. 2012. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/promessa-cumprida/>. Acesso em: 17 out. 2023. Grifo meu.

⁸²⁸ *Id, ibid.*

⁸²⁹ *Id.* O mito da imprensa nanica - I. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 24 nov. 2011. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/o-mito-da-imprensa-nanica-i/>. Acesso em: 17 out. 2023.

movimento comunista internacional, ajudaram a matar. Até hoje os que nadam em indenizações milionárias como prêmio da sua cumplicidade com os regimes mais bárbaros e genocidas não consentem em dizer uma só palavra de conforto às vítimas da guerrilha brasileira, dando por pressuposto que a condição de ser humano é monopólio da esquerda, que aqueles que a esquerda matou, mesmo transeuntes inocentes, não passam de cachorros loucos abatidos pelo bem da saúde pública.⁸³⁰

Como gostava de fazer, Olavo prenuncia a ascensão de uma intelectualidade a ele ligada, sem “verbas públicas”, como ocorreria com “os apadrinhados de um governo que vive da mentira e da corrupção”.⁸³¹ Sua ideia, como temos visto, é ligar de maneira simbiótica a luta armada, o jornalismo profissional, as políticas de Estado e o ensino formal.

Em 1964 - *O Brasil entre armas e livros*, a política de reparação também aparece como sinônimo de corrupção e aparelhamento do extremismo revolucionário. A produção encadeia em seus momentos finais flashes de imagens que se alternam entre fotos antigas de personalidades históricas do PT na oposição à ditadura; notícias de peculato e suspeitas de inclinações autoritárias do partido no presente; e informações — distorcidas ou descontextualizadas — sobre indenizações a perseguidos políticos.

Na sequência que ilustra a narração em *off* de conclusão do filme, já nos momentos finais, aparecem, em ordem: um jovem Lula aparece caminhando em meio às paralisações no ABC; guerrilheiros em ação; a notícia “Freire volta, para ‘reaprender o Brasil’”; uma ficha de Carlos Marighella; Lula mais uma vez, agora discursando de modo inflamado; um comício eleitoral do PT; os caras-pintadas durante o impeachment de Collor; um *frame* de episódio sobre o regime militar do programa *Greg News*, da HBO, apresentado pelo progressista Gregório Duvivier; uma cena do filme *O Que é Isso, Companheiro*; uma palestra da intelectual petista Marilena Chaui; mais uma vez Paulo Freire, agora falando em vídeo; Haddad em entrevista ao Roda Viva; Ulysses Guimarães assinando a Carta Constitucional de 1988; Lula discursando na ONU; Chico Buarque em programa eleitoral de Dilma e a

⁸³⁰ *Id.* A esquerda e os mitos difamatórios. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 10 jul. 2013. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-esquerda-e-os-mitos-difamatorios/>. Acesso em: 17 out. 2023.

⁸³¹ *Id.*, *ibid.*

seu lado em campanha; Lula e Dilma sobre carro durante ato eleitoral; e a famosa pichação com os dizeres “ditadura assassina”.⁸³²

Um importante corte mostra então o jovem militante José Dirceu partindo para o exílio e, logo depois, ele já maduro concedendo entrevista. É a deixa para incluir a manchete da *Folha de S. Paulo* no dia seguinte à denúncia do escândalo do Mensalão pelo deputado Roberto Jefferson, em 2005. A seguir, Dirceu aparece conduzido por agente da Polícia Federal após mandado de prisão, em 2015. A ficha de Lula preso na ditadura, logo depois, é rapidamente sucedida pelo ritual de passagem da faixa presidencial em 2003, que por sua vez antecede chamada sobre a prisão do mandatário petista pela Lava Jato. Procedimento semelhante ocorre com Dilma, também fichada na ditadura e cassada pelo impeachment.⁸³³

Neste momento, aparece a primeira referência à política de reparação. Uma manchete do jornal *O Globo* em 2014 diz: “O custo da reparação: indenizações aprovadas na Comissão da Anistia chegam a 3,4 bilhões”. Outro recorte de jornal fala no “salto das indenizações durante o governo Lula”. Adiante, outro título, sem identificação de fonte, diz que o custo das indenizações é de R\$ 13,4 bilhões. Outro relacionado pelas imagens à luta armada e à corrupção nos governos petistas, José Genoíno, ex-guerrilheiro do Araguaia, integra uma arte que atribui a ele e a Dirceu grandes montas de indenização: R\$ 100 mil e R\$ 66 mil, respectivamente. Também na imagem, Lula e Dilma aparecem como pensionistas; ele com R\$ 56 mil e ela com R\$ 10,7 mil.⁸³⁴

A crise político-institucional brasileira também fez explodir o número de notícias falsas sobre a reparação a perseguidos do regime e é com esse público que a Brasil Paralelo conversa. Em 2021, um extrato atribuído a Lula aparecia com o valor mensal de R\$ 35.065,88.⁸³⁵ Outro boato em texto e vídeo chamando de “Bolsa Ditadura” o benefício também circulou nas redes com os nomes dos políticos Lula, Dilma, Fernando Henrique, José Dirceu e José Genoíno, dos artistas Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso e Marieta Severo e da jornalista Miriam

⁸³² BRASIL PARALELO. 1964 - O Brasil entre armas e livros. *YouTube*, 2 abr. 2019. Disponível em <https://youtu.be/yTenWQHRPIg>. Acesso em 25 out. 2023. 2:04:42.

⁸³³ *Id, ibid.* 2:05:19.

⁸³⁴ *Id, ibid.* 2:05:28.

⁸³⁵ BARROS, Gisele. É #FAKE que Lula recebe aposentadoria de R\$ 35 mil como anistiado político. *G1*, 19 nov. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2021/11/19/e-fake-que-lula-recebe-aposentadoria-de-r-35-mil-como-anistiado-politico.ghtml>. Acesso em: 23 out. 2023.

Leitão.⁸³⁶ No encerramento da sequência, além do nome de Paulo Vannucchi, que ainda não havia aparecido, também é exibido requerimento da representação de Dilma junto à Comissão de Anistia com valores já recebidos das comissões de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Os R\$ 10,7 mil atribuídos à ex-presidente em *Entre armas e livros* na verdade foram negados pela Comissão de Anistia durante o governo Bolsonaro e posteriormente também já durante o terceiro mandato de Lula, quando somente a indenização por danos morais acabou concedida pela justiça.⁸³⁷

Enquanto correm as imagens, e em diálogo com elas, o texto da narração em *off* reforça a premissa de “vitória nos livros” da esquerda revolucionária:

Que fim teve a guerra fria? Se fizemos parte dessa guerra, se impedimos uma revolução, foi com a ajuda do quarto poder do Brasil: o Exército. Por 21 anos essa justificativa manteve o poder na mão dos militares e foi berço de novas consequências. A revolução se transmutou das armas para os livros. Transformou um lado da guerra em mártir, fez da história propaganda, panfletou nas escolas, na mídia, nas universidades. Formou a nova geração brasileira. Essa geração foi trabalhar nos meios de comunicação, nas editoras e na educação do Brasil. A hegemonia quase apagou o passado. E perpetuou uma narrativa. Um lado da guerra foi herói e o outro opressor. O que fizeram os heróis?⁸³⁸

Quando pergunta “o que fizeram os heróis?”, a produção alterna as imagens do presente e do passado das lideranças petistas implicadas em corrupção e na luta armada, além dos recortes sobre a política de reparações. A conclusão do filme, portanto, constitui sua premissa. E ela busca corresponder à expectativa dos militares pelo reconhecimento do autoatribuído mérito de salvar o Brasil de uma sublevação comunista.

Em relação à temática dos desaparecidos, a única abordagem do documentário está inserida no debate sobre a violência fratricida da luta armada, quando são exibidos os nomes de seis militantes que teriam apenas trocado de

⁸³⁶ COELHO, Gabi. FHC, Lula e Dilma não recebem 'bolsa ditadura' nem aposentadoria de ex-presidentes. *O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/fernando-henrique-lula-dilma-bolsa-ditadura/>. Acesso em: 23 out. 2023.

⁸³⁷ ÉBOLI, Evandro. Dilma ganha na Justiça condição de anistiada e indenização de R\$ 400 mil. *Blog do Noblat/Metrópolis*, 14 fev. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/blog-do-noblat/dilma-ganha-na-justica-condicao-de-anistiada-e-indenizacao-de-r-400-mil>. Acesso em: 23 out. 2023.

⁸³⁸ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 2:04:22.

nome e sumido com medo dos companheiros depois de um acordo de delação.⁸³⁹ O justicamento foi uma realidade da oposição belicosa ao regime, como vimos, mas o discurso oferecido pelo filme parece comprar acriticamente a versão de um livro lançado em 2018 que causou grande repercussão na historiografia e em entidades de direitos humanos. *Borboletas e Lobisomens*, de Hugo Studart, foi bastante criticado por, dentre outras coisas, não revelar sua fonte, o pai — um oficial de alta patente do Centro de Informações da Aeronáutica — e não oferecer documentos comprobatórios que subsidiem as afirmações.⁸⁴⁰ Os familiares também negam.⁸⁴¹

Algo que efetivamente poderia ajudar a esclarecer a situação dos 243 ainda desaparecidos no Brasil, conforme o levantamento da Comissão Nacional da Verdade, seria o acesso à vasta documentação produzida pelo próprio regime e ainda armazenada pelas instituições castrenses. Como demonstrado pelo jornalista Lucas Figueiredo em seu *Lugar Nenhum: militares e civis na ocultação dos documentos da ditadura*, os serviços de informação das Forças Armadas elaboraram, copiaram e conservaram milhões de páginas de dossiês sobre a esquerda e informes acerca do paradeiro de opositores no país. As ordens para sua disponibilização, já durante a Nova República, foram respondidas com desdém e até certa dose de cinismo.⁸⁴²

No livro, Figueiredo apresenta diversas contradições e omissões nos relatórios apresentados pelos militares quando requeridos pelo poder civil. Um exemplo concreto está na posição oficial do Exército sobre o paradeiro de Miguel Pereira dos Santos. Ao ministro Maurício Corrêa, em 1993, a força terrestre limitou-se a dizer que ele “participou ativamente da guerrilha do Araguaia, onde teria desaparecido em 1972”. Era mentira. Em 2007, com a descoberta do Orvil, soube-se que já em 1988 o CIE havia dado o guerrilheiro como “morto numa emboscada, tendo seu acompanhante logrado fugir ileso”. Há outros casos semelhantes, que mostram inclusive que a alegação de que as Forças Armadas

⁸³⁹ *Id, ibid.* 1:28:39.

⁸⁴⁰ MONTELEONE, Joana. Sobre as fontes de Hugo Studart em "Borboletas e Lobisomens". *Opera Mundi*, 21 jul. 2018. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/53867/sobre-as-fontes-de-hugo-studart-em-borboletas-e-lobisomens>. Acesso em: 23 out. 2023.

⁸⁴¹ QUADROS, Vasconcelo. Militares teriam levado presos políticos para matar no Araguaia. *Agência Pública*, 14 jul. 2021. Disponível em: <https://apublica.org/2021/07/militares-teriam-levado-presos-politicos-para-matar-no-araguaia/>. Acesso em: 23 out. 2023.

⁸⁴² FIGUEIREDO, Lucas. *Lugar nenhum: militares e civis na ocultação dos documentos da ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 57-73.

teriam destruído os documentos, eventualmente acionada para justificar as ausências, era diversionista. O próprio Leônidas Pires Gonçalves admitiria, já com 85 anos: “foram queimados coisa nenhuma”.⁸⁴³

Listado como falso desaparecido pela Brasil Paralelo no filme, Antônio de Pádua Costa tinha sido preso e forçado a guiar soldados pela mata no Araguaia, de acordo com depoimentos registrados pelo Ministério Público. O Exército, no entanto, foi lacônico ao dizer que ele teria sido apenas morto. Também “vira-casaca” segundo *1964 - O Brasil entre armas e livros*, Luiz Renê Silveira e Silva teve os dados de sua morte ocultados pela força terrestre no relatório para o Ministério da Justiça. Mas em 1996 *O Globo* divulgou documentos sigilosos do próprio Exército que confirmavam sua execução, junto a outros 10 companheiros.⁸⁴⁴ Todos os nomes apresentados pela produção foram citados no relatório de 1993 entregue pela Marinha a Corrêa. Duas décadas depois, no entanto, acabaram ignorados nos informes solicitados pela Comissão da Verdade.⁸⁴⁵ Não há, no filme ou nas demais produções da Brasil Paralelo, nenhuma cobrança pelo acesso a esses arquivos.

Com a escalada da crise político-institucional no Brasil a partir do governo Dilma, os militares aumentaram ainda mais seu protagonismo. Oficiais da reserva e até da ativa viraram celebridades, concedendo entrevistas a talk shows, escrevendo para a imprensa, candidatando-se a cargos eletivos e ditando os ritmos da política nacional como nunca se viu na Nova República. Em meio aos debates sobre o impeachment, o vice-presidente Michel Temer reuniu-se pelo menos duas vezes reservadamente com os generais Villas Bôas e Sergio Etchegoyen. A aprovação popular aos militares, àquela altura, era inversamente proporcional aos partidos e políticos: 40% diziam “confiar muito” nas Forças Armadas e apenas 3% no Congresso Nacional e na Presidência.⁸⁴⁶

Durante seu mandato, Temer cumpriu a promessa de manter os comandantes das três forças, apesar da troca de governo, e rompeu com uma tradição de quase duas décadas ao nomear pela primeira vez um militar para o Ministério da Defesa, o general Joaquim Silva e Luna. Os militares em altos cargos comissionados da administração pública federal, que com Dilma eram 40, saltaram

⁸⁴³ *Id, ibid.* p. 83-84.

⁸⁴⁴ *Id, ibid.* p. 61.

⁸⁴⁵ *Id, ibid.* p. 133-154.

⁸⁴⁶ VICTOR. *op. cit.* p. 129-148.

para 125 durante a presidência do PMDB. Sob Temer, a despeito da recessão econômica, o Ministério da Defesa teve o orçamento generosamente reajustado. O presidente também usou e abusou de GLOs, mas deu um passo além no emprego das Forças Armadas na segurança pública ao decretar uma intervenção federal de quase dois anos no Rio de Janeiro. Entre as exigências do Exército para cumprir com a determinação, estava justamente uma licença para matar — quer dizer, uma nova Lei da Anistia.⁸⁴⁷

As Forças Armadas também se sentiram à vontade para ameaçar o poder civil diante de quaisquer ameaças à sua escalada. Em 2018, às vésperas do julgamento de um pedido de habeas corpus em favor de Lula, pré-candidato à presidência pelo PT preso pela Lava Jato em Curitiba, o general da reserva Luiz Gonzaga Lessa disse em declarações à imprensa que, apesar de ser pessoalmente contra uma intervenção militar, não via outra saída caso o STF continuasse “desafiando a sociedade brasileira” e “sendo um grande estimulador desse estado de coisas para um homem que já está condenado a doze anos”.⁸⁴⁸ E o então comandante do Exército, general Villas Bôas, sem mencionar o julgamento, deu o recado pelo Twitter:

Asseguro à Nação que o Exército Brasileiro julga compartilhar o anseio de todos os cidadãos de bem de repúdio à impunidade e de respeito à Constituição, à paz social e à Democracia, bem como se mantém atento às suas missões institucionais. Nessa situação que vive o Brasil, resta perguntar às instituições e ao povo quem realmente está pensando no bem do País e das gerações futuras e quem está preocupado apenas com interesses pessoais?⁸⁴⁹

O que a princípio poderia parecer uma manifestação isolada revelou-se mais tarde uma articulação calculada de vários oficiais de alta patente, conforme revelaria mais tarde o próprio Villas Bôas. Além do comandante, participaram da redação da nota os generais da reserva Alberto Cardoso, Tomás Paiva, Otávio Rêgo Barros, Ubiratan Poty, Fernando Azevedo e Silva e até Joaquim Silva e Luna, então ministro da Defesa. Celso de Mello foi o único ministro da Corte que reagiu ao achaque. Por

⁸⁴⁷ *Id, ibid.* p. 129-148.

⁸⁴⁸ *Id, ibid.* p. 170-171.

⁸⁴⁹ CIPRIANI, Juliana. HC de Lula: Comandante diz que Exército está 'atento' contra impunidade. O Estado de Minas, 3 abr. 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/03/interna_politica,948823/hc-lula-comandante-diz-que-exercito-esta-atento-contra-impunidade.shtml. Acesso em: 24 out. 2023.

seis votos a cinco, o STF rejeitou o pedido da defesa e Lula teve a prisão determinada por Sergio Moro já no dia seguinte.⁸⁵⁰

Dias Toffoli assumiria a presidência do tribunal alguns meses depois. Ainda antes da posse, esteve com Villas Bôas para estreitar laços e, de acordo com Monica Gugliano e Tânia Monteiro em reportagem com depoimentos de interlocutores do general colhidos em *off* (sem comprovação documental, portanto) para a *piauí* em março de 2021, garantir que, no que dependesse dele, os interesses dos militares seriam preservados sob sua gestão: Lula permaneceria preso até o fim do ano, impedido de concorrer nas eleições, e a Lei da Anistia não seria revisada.⁸⁵¹

A “onda verde-oliva” também chegou às urnas. Em 2018, foram mais de 1300 candidatos de todas as forças de segurança. 73 foram eleitos para os legislativos estaduais e federal. Na Câmara dos Deputados, em Brasília, seis egressos das Forças Armadas ganharam assentos para a próxima legislatura, ante apenas um até então.⁸⁵² Era justamente Jair Bolsonaro, que deixou o Congresso após quase três décadas direto para o Palácio do Planalto. Indispensável para a compreensão do contexto político-social do Brasil na virada da última década, sua relação particular com a memória da ditadura demanda um capítulo à parte.

⁸⁵⁰ VICTOR. *op. cit.* p. 171-175.

⁸⁵¹ GUGLIANO, Monica; MONTEIRO, Tânia. O general, o tuíte e a promessa. *piauí*, 21 mar. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-general-o-tuite-e-promessa/>. Acesso em: 24 out. 2023.

⁸⁵² VICTOR. *op. cit.* 181-201.

17. “O PAVOR DE DILMA ROUSSEFF”: JAIR BOLSONARO E A MEMÓRIA DE 1964

Em janeiro de 1969, o capitão do Exército Carlos Lamarca juntou alguns homens de sua unidade, empunhou 63 fuzis e 10 metralhadoras e desertou para viver na clandestinidade junto à Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Seu principal feito na luta armada foi liderar o sequestro do embaixador suíço Giovanni Bucher, no ano seguinte, que rendeu a libertação de 70 presos políticos. Para o regime, era uma vergonha sem precedentes ter um ex-oficial como fugitivo. Emílio Garrastazu Médici, um pouco antes disso, tinha colocado quase três mil homens à disposição da Operação Registro para capturá-lo numa região de difícil acesso, tomada pela Mata Atlântica, onde Lamarca coordenava um centro de treinamento de guerrilheiros. Era Jacupiranga, no Vale do Ribeira, a apenas 30 minutos de carro de Eldorado-SP.⁸⁵³

Com apenas 15 anos, Jair Messias Bolsonaro acompanhou tudo de perto. Estava a menos de 100 metros da praça em que Lamarca trocou tiros com a polícia, segundo conta em um livro de memórias o filho Flávio. O próprio patriarca recordou diversas vezes essa história, com alguns ajustes. Segundo alegam, Bolsonaro chegou a se aproximar dos militares para oferecer auxílio logístico no deslocamento pela mata a fim de encontrar o desertor, que acabou escapando. Lamarca só foi emboscado e morto em setembro de 1971, num pequeno município do interior da Bahia.⁸⁵⁴

Seja como for, essa experiência na infância parece ter sido fundadora de sua identidade política. De Eldorado, Bolsonaro levou uma aversão irreconciliável a Rubens Paiva — de uma família com propriedades e grande influência na região —, quilombolas, indígenas e, claro, guerrilheiros comunistas. Anos mais tarde, já como parlamentar, Bolsonaro diria que Paiva, cassado, morto e desaparecido pela

⁸⁵³ KOTSCHO, Ricardo. De volta ao lugar onde Lamarca foi emboscado e fuzilado no sertão baiano. *UOL*, 17 set. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/balaio-do-kotscho/2021/09/17/memoria-50-anos-os-ultimos-momentos-de-lamarca-fuzilado-no-sertao-da-bahia.htm>. Acesso em: 14 nov. 2023.

⁸⁵⁴ PIRES, Carol. 1. Em busca de Eldorado. In: _____. Retrato Narrado. revista piauí & Spotify Studios, 30 set. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1YZtqK4nc6ivsJHZXHtA6v?si=026d3dd0ceea4a7e>. Acesso em: 30 out. 2023. 7:48.

ditadura, "não foi nenhum santo". Ele acusava o deputado do PTB — sem quaisquer evidências, claro — de esconder o capitão desertor em casa.⁸⁵⁵

Jair Bolsonaro ingressou no Exército em março de 1973, pouco antes de completar 18 anos, através da Escola de Cadetes de Campinas-SP. Logo no ano seguinte, entrou na Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), em Resende-RJ, onde concluiu curso básico de paraquedismo e foi declarado aspirante a oficial de artilharia em 1977.⁸⁵⁶ Os instrutores de sua turma eram justamente os oficiais que atuaram, quase paralelamente, no combate à Guerrilha do Araguaia. Numa reportagem de 2009, a *Folha de S. Paulo* conta que os alunos os adoravam. E que as aulas chegavam a ter slides de fotografias de corpos dos guerrilheiros executados. Para Bolsonaro, era a chance de saber sobre as intenções “daquela cambada comunista”.⁸⁵⁷

O jovem paraquedista foi promovido a capitão em 1983. Três anos depois, já no governo Sarney, pegou 15 dias de prisão disciplinar por reclamar dos soldos militares num artigo para a revista *Veja*. O periódico divulgou, pouco depois, um plano do capitão junto a um colega para explodir banheiros de academias militares e até a adutora de um rio em protesto com o mesmo fim. Duramente criticado pelos insubordinados, Leônidas Pires Gonçalves os defendeu num primeiro momento, mas depois passou a atuar pela condenação. E Bolsonaro foi de fato condenado por uma espécie de primeira instância da justiça castrense. No entanto, uma confusão induzida pela defesa quanto aos laudos grafotécnicos do croqui publicado pela revista e a ojeriza dos militares à imprensa foram decisivas para sua absolvição no Superior Tribunal Militar.⁸⁵⁸

O capitão da força terrestre passou para a reserva em 1988, graças à eleição para a Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro. Em 1991, Bolsonaro foi para o Congresso como deputado. Suas atividades continuaram vigiadas de perto pelo

⁸⁵⁵ FAGUNDEZ, Ingrid. Bolsonaro: a infância do presidente entre quilombolas, guerrilheiros e a rica família de Rubens Paiva. *BBC News Brasil*, 16 jan. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46845753>. Acesso em: 14 nov. 2023.

⁸⁵⁶ ARAGÃO, Alexandre. Jair Bolsonaro: a trajetória militar e política do presidente que busca a reeleição. *Jota Info*, 13 mai. 2022. Disponível em: <https://www.jota.info/eleicoes/jair-bolsonaro-a-trajetoria-militar-e-politica-do-presidente-que-busca-a-reeleicao-13052022>. Acesso em: 30 out. 2023.

⁸⁵⁷ GOMIDE, Raphael; TORRES, Sergio. Araguaia era referência em aulas do Exército. *Folha de S. Paulo*, 26 jul. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2607200906.htm>. Acesso em: 30 out. 2023.

⁸⁵⁸ VICTOR, Fabio. *Poder camuflado: os militares e a política, do fim da ditadura à aliança com Bolsonaro*. Companhia das Letras. São Paulo, 2022. p. 104-116.

comando do Exército, que por algum tempo o tratou como pária. Aos poucos, porém, os militares se convenceram de que era melhor tê-lo como aliado em Brasília, considerando o relativo isolamento político das Forças Armadas na Nova República. Leônidas e ele inclusive fizeram as pazes na segunda metade dos anos 2000. Muitos anos depois, em 2015, já durante a jornada que o levaria à presidência da República mas muito antes de alguém conseguir prever o feito, ele receberia o primeiro apoio de um oficial com grande influência na força terrestre: o general Augusto Heleno, que foi seu instrutor na Aman, também comandou a missão brasileira no Haiti e assumiu em 2019 o Gabinete de Segurança Institucional (GSI).⁸⁵⁹

O modo com que os militares têm enxergado a experiência da ditadura é caracterizado por certa coesão e estabilidade, conforme já destacou a historiadora Caroline Bauer.⁸⁶⁰ Mas existem elementos distintivos importantes da experiência sob a ótica particular de Bolsonaro que precisam ser levados em conta.⁸⁶¹ Do ponto de vista institucional, as Forças Armadas alternaram momentos de silêncio com eventuais manifestações de defesa do seu legado, especialmente no que diz respeito à derrubada de Jango, que teria evitado um autogolpe de esquerda, e na erradicação da luta armada. Essa reivindicação, no entanto, vinha sendo utilizada de modo pontual na Nova República, notadamente como impulso reativo a movimentos considerados bruscos demais dos civis nas políticas de memória e na justiça de transição. De modo geral, as instituições castrenses falaram de modo genérico sobre eventuais “excessos”, abstratos e justificáveis de antemão diante do perigo representado pelo outro lado. Mais detalhes foram dados por publicações pessoais de oficiais da reserva, mas, mesmo assim, defesas muito explícitas da violência de Estado eram raras.

Por outro lado, Bolsonaro sempre apontou para outra direção. É possível dizer que, ao menos entre os quadros mais política ou militarmente relevantes das Forças Armadas, o capitão da reserva consiste no principal polo tensionador à

⁸⁵⁹ *Id, ibid.* p. 104-116.

⁸⁶⁰ BAUER, Caroline. Usos do passado da ditadura brasileira em manifestações públicas de Jair Bolsonaro. In: KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei (orgs.). *Do fake ao fato: (des)atualizando Bolsonaro*. Vitória: Milfontes, 2020. p. 173-193.

⁸⁶¹ CLETO, Murilo. Bolsonaro usou a democracia para implodir consenso sobre a ditadura. *ENTENDENDO BOLSONARO/UOL*, 29 mar. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/coluna-entendendo-bolsonaro/2022/03/29/bolsonaro-usou-a-democracia-para-implodir-consenso-sobre-a-ditadura.htm>. Acesso em: 6 nov. 2023.

direita da memória do regime. Mais do que admitir “excessos” da repressão, Bolsonaro na verdade reclama de sua insuficiência. O erro da ditadura, para ele, foi ter matado pouco. É o que defende numa conhecida entrevista para o programa Câmera Aberta, da TV Bandeirantes do Rio de Janeiro, em 1999, bastante utilizada por opositores para tentar minar sua candidatura à presidência em 2018. Durante o programa, além de garantir que daria um golpe de Estado “no mesmo dia” em que fosse eleito para o Planalto, disse que seria preciso fazer o serviço que os militares não fizeram, “matando uns 30 mil”, a começar pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso. A entrevista causou repercussão na época, mas o espírito corporativo dos deputados falou mais alto e o colega se livrou de um processo de cassação por quebra de decoro.⁸⁶²

Nos anos seguintes, Bolsonaro voltaria mais vezes à carga. Sua abordagem segue à risca a cartilha do *troll*, como discutimos anteriormente. Em 2005, por exemplo, Bolsonaro mandou fazer um cartaz que dizia que “Quem procura osso é cachorro”, em reação a uma declaração de José Dirceu sobre a intenção de buscar os desaparecidos do Araguaia. O objeto foi pendurado mais tarde na porta do seu gabinete em Brasília e provocou a revolta de alguns parlamentares.⁸⁶³ Em 2014, causou confusão no ato de inauguração de um busto dedicado a Rubens Paiva na Câmara. O parlamentar vaiou o homenageado e, segundo os familiares presentes, teria dito que o colega morto pela ditadura teve o que mereceu e, ainda, cuspidado na obra⁸⁶⁴ — há quem diga que ele “apenas” simulou a cusparada.⁸⁶⁵ Ao comentar o episódio em que a jornalista Miriam Leitão foi torturada na ditadura, quando os militares a deixaram nua e grávida sozinha com uma jiboia numa sala escura, Bolsonaro disse sentir pena da cobra. Ele repetiu a declaração em 2015, quando

⁸⁶² ARAGÃO, Alexandre. Em 1999, Bolsonaro defendeu tortura e guerra civil “matando uns 30 mil”. *BuzzFeed News*, 10 out. 2017. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/alexandrearagao/em-1999-bolsonaro-defendeu-tortura-e-guerra-civil-matando>. Acesso em: 06 nov. 2011.

⁸⁶³ CARTAZ contra desaparecidos do Araguaia irrita deputados. *O Estado de S. Paulo*, 25 set. 2009. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/cartaz-contra-desaparecidos-do-araguaia-irrita-deputados/>. Acesso em: 6 nov. 2023.

⁸⁶⁴ BRAGA, Catharina. “Bolsonaro cuspiu na estátua do meu pai”, recorda o escritor Marcelo Rubens Paiva. *Agência de Notícias CEUB*, 23 out. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.uniceub.br/destaque/bolsonaro-cuspiu-na-estatua-do-meu-pai-recorda-o-escritor-marcelo-rubens-paiva/>. Acesso em: 6 nov. 2023.

⁸⁶⁵ ÉBOLI, Evandro. Alvo de Bolsonaro, busto de Rubens Paiva “resistiu” a ataques do dia 8. *Metrópolis*, 21 jan. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/blog-do-noblat/alvo-de-bolsonaro-busto-de-rubens-paiva-resistiu-a-ataques-do-dia-8>. Acesso em: 6 nov. 2023.

Matheus Leitão, filho de Miriam, foi entrevistá-lo para o livro *Em nome dos pais*.⁸⁶⁶ Em 2022, foi a vez de Eduardo Bolsonaro repetir o insulto.⁸⁶⁷

O evento mais emblemático da relação entre Bolsonaro e a memória da ditadura, no entanto, ocorreu durante a votação do impeachment de Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados, em abril de 2016. Depois de receber o sinal verde de Eduardo Cunha para falar, o deputado começou o breve discurso: “Perderam em Meia Quatro. Perderam agora em 2016”. Então anunciou voto “pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo”. Longe de ser um especialista em oratória, ele se prepara para o arremate, pronunciado de maneira mais pausada: “Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o *pavor* de Dilma Rousseff”. Ele conclui a seguir, subindo o volume para encobrir as vaias dos colegas: “Pelo Exército de Duque de Caxias, pelas nossas Forças Formadas. Por um Brasil acima de tudo, Deus acima de todos, o meu voto é sim!”.⁸⁶⁸

Note-se que, diferente do que fez o próprio Ustra ao longo da vida na Nova República, Bolsonaro não o considera exatamente um injustiçado pela memória hegemônica da ditadura. Ao lado de Joselita Ustra, viúva do coronel, o próprio deputado havia se empenhado pessoalmente na disseminação de sua “verdade sufocada”, como o chefe do Doi-Codi batizou o livro de memórias sobre a repressão.⁸⁶⁹ Aqui, no entanto, o coronel não é um inocente caluniado que apenas cumpriu com a missão de salvar o país do comunismo, mas o *pavor* de Dilma Rousseff. Bolsonaro não apenas admite a tortura, mas jacta-se dela.

Jair também sempre deu um show particular no 31 de Março. Em 2004, prestou tributo aos militares mortos pela luta armada com cruzeiros no gramado da Esplanada e, durante discurso na tribuna da Câmara, se ajoelhou para “reverenciar a memória dos militares que, em 1964, evitaram [que] fosse instalada no país [uma] ditadura totalitária de esquerda”. No ano seguinte, reclamou que não houve festa: “Infelizmente, interesses mais fortes e escusos fazem com que esta data passe

⁸⁶⁶ ARAGÃO, Alexandre. Há 3 anos, Bolsonaro zombou da tortura sofrida por Miriam Leitão. Hoje à noite eles estarão frente a frente. *BuzzFeed News*, 3 ago. 2018. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/alexandrearagao/ha-3-anos-bolsonaro-zombou-da-tortura-sofrida-por-miriam>. Acesso em: 6 nov. 2023.

⁸⁶⁷ EDUARDO Bolsonaro ironiza tortura sofrida pela jornalista Miriam Leitão. *Folha de S. Paulo*, 3 abr. 2022. Disponível em: <https://folha.com/6c20t1jb>. Acesso em: 6 nov. 2023.

⁸⁶⁸ ESTADÃO. Bolsonaro exalta Ustra na votação do impeachment em 2016. *YouTube*, 8 ago. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/xiAZn7bUC8A>. Acesso em: 9 nov. 2023.

⁸⁶⁹ VICTOR, *op. cit.* p. 242-268.

praticamente despercebida”. “Acusam-nos de tortura e desvios, mas até hoje não encontramos nenhum sargento, cabo, coronel ou general rico, com vinte anos de poder”, foi o que disse em 2007. Em 2009, quando Dilma já era reconhecida como provável sucessora de Lula, a condenou pelo envolvimento com a luta armada. 2010 foi a vez de celebrar o golpe como o início de um “período em que o povo gozou de plena liberdade”. Dois anos depois, colocou um avião para sobrevoar o Rio de Janeiro levando uma faixa com elogios aos militares que derrubaram João Goulart.⁸⁷⁰

2014, que marcou o cinquentenário da derrocada da Quarta República, recebeu atenção especial: o deputado soltou rojões em frente ao Ministério da Defesa e gravou um pronunciamento que, dentre outras coisas, chama o 31 de Março de “segunda independência do Brasil”. Uma faixa atrás dele dizia aos militares que “graças a vocês o Brasil não é Cuba”. Na ocasião, Bolsonaro teve o pedido para uma sessão solene de homenagem a 1964 negado pelo presidente da Câmara, mas aproveitou o discurso ordinário para provocar opositores e ironizar a tortura.⁸⁷¹ E, como não poderia deixar de ser, o relatório da Comissão da Verdade o mobilizou como nunca.

A encrenca com a Comissão Nacional da Verdade começou desde o início, claro. Ainda em 2010, a acusou de querer “contar a história como melhor lhe apraz, e não como ela aconteceu de verdade”. Os “perdedores de 1964”, para ele, “hoje estão no Poder, na busca do seu caminho, de um regime não aceito pelo povo brasileiro”, como defendeu em discurso de 2012.⁸⁷² Quando a Câmara aprovou sua tramitação em regime de urgência, Bolsonaro disse que aquilo era uma punhalada nas costas das Forças Armadas.⁸⁷³ E, após o anúncio dos sete integrantes, partiu para o ataque: “E o relatório final das prostitutas era de que a cafetina deveria ser canonizada. Essa é a comissão da verdade de Dilma Rousseff”.⁸⁷⁴ O então deputado, a exemplo dos demais militares que se pronunciaram sobre o tema, insistiu na caracterização da CNV como um ato de “revanchismo” e chegou a defender, diversas vezes em tribuna, que os militares seriam presos, a despeito do

⁸⁷⁰ VICTOR, Fabio. História, volver. *piauí*, mar. 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/historia-volver/>. Acesso em: 6 nov. 2023.

⁸⁷¹ *Id, ibid.*

⁸⁷² ALMADA, Pablo Emanuel Romero. O negacionismo na oposição de Jair Bolsonaro à Comissão Nacional da Verdade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 36, n. 106, e3610608, 2021.

⁸⁷³ VICTOR. Poder moderador. *op. cit.* p. 124-125.

⁸⁷⁴ PODER360. Bolsonaro compara Comissão da Verdade a “cafetina”. *YouTube*, 8 ago. 2019. Disponível em: https://youtu.be/F254_6lbtD8?si=om7iO0-P0yxLLJC7. Acesso em: 6 nov. 2023.

que se fixou em lei. Entre os temas mais relacionados durante seus discursos sobre a comissão, estão a luta armada, o comunismo internacional e até o assassinato do prefeito petista de Santo André, Celso Daniel.⁸⁷⁵

Jair Bolsonaro distinguiu-se significativamente dos colegas parlamentares na temática. Até a legislatura de 2010-14, o capitão reformado do Exército foi praticamente o único deputado federal a defender o regime militar com ênfase. A nova direita parlamentar que se desenhava no início do século, a despeito do alinhamento parcial com a velha direita herdeira da ditadura, parecia disposta e conviver pacificamente com governos de esquerda, inclusive compondo, como vimos, parte de suas coalizões. Mais do que isso, tomando a América Latina em conjunto, essa nova direita também buscou defender a democracia e se desvincular da memória dos regimes militares.⁸⁷⁶

Um exemplo importante dessas dinâmicas está na campanha promovida pelo governo Lula pelo desarmamento civil, em 2005. Maioria no Congresso, sua base se dividiu e alguns partidos de direita se juntaram à oposição para combater a proposta. Hoje, depois do terremoto que atingiu a política brasileira na última década, pode soar como uma grande idiossincrasia o fato de defensores de um governo de esquerda serem favoráveis ao armamentismo — pauta quase monopolizada agora pela direita —, mas aqueles tempos eram outros. Seja como for, a propaganda eleitoral gratuita que foi ao ar pelo “Não” lançou mão de quase todos os mesmos argumentos utilizados pelas novas direitas radicais consolidadas na arena política contemporânea sobre o tema, à exceção de um: a ditadura, vista como um exemplo negativo de restrição de liberdades individuais.

No programa 1, exibido em 2 de outubro, referências do Brasil e do mundo aparecem para subsidiar a posição do grupo: “Mais do que uma simples proibição, o que está em jogo é um direito seu. É não abrir mão da sua liberdade. Pense comigo”, diz a apresentadora na abertura. A seguir, a narração em *off* complementa:

O ser humano nasceu para ser livre. Tem sido assim em todo mundo. Há poucos anos vimos Nelson Mandela sair da prisão para acabar com o apartheid e libertar os negros na África do Sul. Na China, um

⁸⁷⁵ ALMADA, *op. cit.*

⁸⁷⁶ CODATO, Adriano; BOLOGNESI, Bruno; ROEDER, Karolina Mattos. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (orgs.). *Direita, volver!:* o retorno da direita e o ciclo político. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 115-143.

homem sozinho enfrentou uma coluna de tanques defendendo a liberdade. Na Alemanha, o povo derrubou o Muro de Berlim e abriu as fronteiras para a liberdade.⁸⁷⁷

A seguir, a trilha épica é bruscamente interrompida para o retorno da apresentadora, que diz que “No Brasil, também foi preciso lutar para impedir que nos tirassem a liberdade”. O narrador, nomeando ditadura e tortura sem tergiversações, fala mais uma vez para encerrar a peça:

Havia uma ditadura. Muitos direitos do cidadão foram suprimidos. O povo foi proibido até de votar. E quem discordava podia ser preso e torturado. Mas a vontade popular foi mais forte. O povo tomou as ruas. O movimento das Diretas Já traduziu o desejo que não podia mais ser contido: o resgate dos direitos civis. A reconquista da liberdade foi a resposta do povo aos anos de proibição.⁸⁷⁸

Inimaginável nos dias de hoje, a campanha diz muito sobre 2005, mas também sobre o estado atual do debate sobre a memória social da ditadura no Brasil. Seria evidentemente ilógico dizer que Bolsonaro sozinho provocou uma mudança dessa magnitude, mas não há dúvidas de que ter forçado os limites do aceitável neste campo produziu efeitos expressivos. Em seu *O mundo do avesso*, Letícia Cesarino fala sobre os chamados “balões de ensaio” promovidos por políticos como Bolsonaro, quando medidas absurdas são propostas e eventualmente voltam para gaveta a depender da reação da opinião pública. Esses avanços e recuos, segundo a antropóloga, produzem na verdade um efeito de “histerese”: o sistema não retorna para sua posição basal, mas tende à inércia,⁸⁷⁹ como numa espécie de laceamento. Parece possível pensar em termos similares no que diz respeito à memória do regime. Em alguma medida, a posição de Bolsonaro — e sobretudo a associação de setores expressivos da sociedade brasileira a ela — sobre o tema escancarou os limites da chamada Janela de Overton⁸⁸⁰ para a direita autoritária, que perdeu o receio de defender publicamente a ditadura e ainda angariou novos adeptos.

⁸⁷⁷ CHICOSTARITA. Referendo 2005, Programa 1 a Eleitoral Campanha do NÃO. *YouTube*, 16 nov. 2009. Disponível em: <https://youtu.be/S4M0ol0YRkg?si=DjWz80W5wCKRe9JT>. Acesso em: 4 dez. 2023.

⁸⁷⁸ *Id, ibid.*

⁸⁷⁹ CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora, 2022. p. 145-203.

⁸⁸⁰ LISSARDY, Gerardo. ‘Janela de Overton’: como ideias políticas consideradas tabu em uma época passam a ser aceitas. *BBC News Brasil*, 5 out. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw0kq417qx4o>. Acesso em: 13 nov. 2023.

A temática da ditadura foi muito utilizada pelos públicos dominantes durante as eleições de 2018. De maneira geral, adversários políticos e jornalismo profissional pareciam acreditar que, expondo os ultrajes ditos pelo presidencialista nesta seara, o eleitorado poderia breçar sua ascensão. Mas não foi exatamente o que ocorreu. Ainda na pré-campanha, Bolsonaro até indicou que poderia fugir do assunto, como na entrevista para o Roda Viva, em julho, quando desconversou sobre a abertura de arquivos:

É uma ferida que tem que ser cicatrizada. Esquece esse aí. É daqui para frente. O povo está sofrendo, com 14 milhões de desempregados, com 60 mil mortes por ano, violentas, com 50 mil mulheres estupradas. É daqui para frente. Vamos tocar esse barco para frente. E eu tenho falado: se eu chegar lá, é daqui para frente. O passado, a justiça e a história... os historiadores.⁸⁸¹

O final da elaboração é incompreensível, mas fica sugerido que, para ele, o passado era para ficar na mão dos historiadores. De todo modo, o presidencialista não fugiu da raia quando provocado nas ocasiões seguintes. Uma das mais notáveis foi logo nos dias seguintes, quando, em sabatina na *GloboNews*, saudou a memória de Roberto Marinho, fundador do Grupo Globo, pelo apoio ao golpe militar e ao regime. Como fizera em outras ocasiões, citou de cabeça trechos de um editorial de 1984 que promovia um balanço positivo da experiência.⁸⁸² A jornalista Míriam Leitão, que apresentava o programa, respondeu com uma nota redigida de improviso pela direção e ditada através do ponto eletrônico. Reproduzida de modo muito truncado diante das condições, a réplica gerou grande embaraço.⁸⁸³ Para as novas direitas, que têm na comunicação direta e espontânea uma arma central, foi um prato cheio.

O governo Bolsonaro, iniciado em janeiro de 2019, não representou nenhum ponto de inflexão significativo nessa relação. Ainda no primeiro ano de mandato, o novo chefe do Executivo federal partiu para o ataque da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) diante dos desdobramentos indesejáveis do processo judicial que

⁸⁸¹ RODA VIVA. Jair Bolsonaro abrirá os arquivos da ditadura? *YouTube*, 31 jul. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/u1shvXtzUxU>. Acesso em: 10 nov. 2023.

⁸⁸² PODER360. Jair Bolsonaro cita apoio do Grupo Globo ao golpe de 1964. *YouTube*, 5 ago. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/aL3NIWj5gy4>. Acesso em: 10 nov. 2023.

⁸⁸³ MIRIAM Leitão lê nota da Globo ao vivo e vira assunto na internet. *Veja*, 4 ago. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/miriam-leitao-le-nota-da-globo-ao-vivo-e-vira-assunto-na-internet>. Acesso em: 10 nov. 2023.

concluiu pela inimizabilidade de Adélio Bispo, autor do atentado que quase o matou na campanha do ano anterior. Seu alvo foi Felipe Santa Cruz, presidente da entidade e filho do desaparecido político Fernando Santa Cruz. Sem ser perguntado e contrariando outros depoimentos de militares envolvidos com o caso, sugeriu que o ex-integrante da Ação Popular (AP) havia sido justificado:

Um dia, se o presidente da OAB quiser saber como é que o pai dele desapareceu no período militar, eu conto para ele. Ele não vai querer ouvir a verdade. Eu conto para ele. Não é minha versão. É que a minha vivência me fez chegar às conclusões naquele momento. O pai dele integrou a Ação Popular, o grupo mais sanguinário e violento da guerrilha lá de Pernambuco, e veio a desaparecer no Rio de Janeiro.⁸⁸⁴

Logo na posse do general Joaquim Luna e Silva na direção da Itaipu Binacional, em Foz do Iguaçu, Bolsonaro enalteceu todos os presidentes militares brasileiros e até o ditador paraguaio Alfredo Stroessner pela viabilização da usina:

Eu queria, se me permitem, recordar, relembrar aqueles que realmente foram responsáveis por essa obra. Isso tudo, as primeiras tratativas começaram ainda lá atrás, no governo do marechal Castelo Branco [...]. Mas [...] isso tudo não seria suficiente se não tivesse do lado de cá um homem de visão, um estadista, que sabia perfeitamente que o seu país, Paraguai, só poderia prosseguir e progredir se tivesse energia. Então aqui também a minha homenagem ao nosso general Alfredo Stroessner.⁸⁸⁵

Como previsível, o presidente também autorizou expressamente a celebração do 31 de Março pela caserna. O general Otávio Rêgo Barros, porta-voz da presidência, aproveitou o anúncio para rechaçar a classificação do evento como um “golpe”:

O presidente não considera o 31 de março de 1964 [como] golpe militar. Ele considera que a sociedade reunida, e percebendo o perigo que o país estava vivenciando naquele momento, juntou-se, civis e militares. Nós conseguimos recuperar e recolocar o nosso país num

⁸⁸⁴ MAZUI, Guilherme. Bolsonaro: ‘Se o presidente da OAB quiser saber como o pai dele desapareceu no período militar, eu conto para ele’. *G1*, 29 jul. 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/29/se-o-presidente-da-oab-quiser-saber-como-o-pai-des-apareceu-no-periodo-militar-eu-conto-para-ele-diz-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 14 nov. 2023.

⁸⁸⁵ WARTH, Anne. Bolsonaro cita e homenageia presidentes militares em discurso. *O Estado de S. Paulo*, 26 fev. 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-cita-e-homenageia-presidentes-militares-em-discurso/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

rumo que, salvo melhor juízo, se isso não tivesse ocorrido, hoje nós estaríamos tendo algum tipo de governo aqui que não seria bom para ninguém.⁸⁸⁶

De nada adiantaram os esforços da Defensoria Pública da União⁸⁸⁷ e do Ministério Público Federal,⁸⁸⁸ que acionaram a justiça ao longo do mandato para impedir que o governo celebrasse a data. Entre 2019 e 2022, todas as vésperas do 31 de Março tiveram “Ordens do Dia” sobre o tema assinadas pelas Forças Armadas e pelo Ministério da Defesa. A prática, que havia sido vetada por Dilma, retornou com força e grande repercussão durante os anos Bolsonaro. Muito parecidas — e com alguns trechos até idênticos —, as notas reproduzem máximas consagradas pela memória militar sobre o regime.⁸⁸⁹

O teor dos textos, como era de se esperar, é francamente laudatório do golpe, tido como resultado do “clamor da ampla maioria da população e da imprensa brasileira” e “um marco para a democracia” que afastou os perigos de implantação de um “regime totalitário” no Brasil. Para o Ministério da Defesa, as Forças Armadas assumiram no regime a “responsabilidade de pacificar o país” e “garantir as liberdades democráticas”. Já a Lei da Anistia é celebrada como um “amplo pacto de pacificação a partir das convergências próprias da democracia”. Em 2022, a Ordem do Dia chega a mobilizar o conceito de “revisão” para caracterizar elaborações críticas da experiência. “A história”, diz o texto, “não pode ser reescrita, em mero ato de revisionismo, sem a devida contextualização”. Além destes documentos, o governo também veiculou, em 2019, vídeo que diz que “o Exército nos salvou. Não há como negar. E tudo isso aconteceu num dia comum de hoje, um 31 de março”. Eduardo Bolsonaro também o publicou com a seguinte legenda: “Num dia como o

⁸⁸⁶ VIDELA, Pedro Rafael. Bolsonaro autoriza celebração do 31 de março de 1964. *Agência Brasil*, 25 mar. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-03/bolsonaro-autoriza-celebracao-do-31-de-marco-de1964>. Acesso em: 10 nov. 2023.

⁸⁸⁷ OLIVEIRA, Mariana. Defensoria Pública pede que Justiça proíba comemorações sobre golpe de 64. *G1*, 26 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/26/defensoria-publica-pede-que-justica-proiba-comemoracoes-sobre-golpe-de-64.ghtml>. Acesso em: 10 nov. 2023.

⁸⁸⁸ MOTTA, Rayssa. MPF aciona Justiça para obrigar Defesa a apagar nota que celebra ditadura. *CNN Brasil*, 31 mar. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/mpf-aciona-justica-para-obrigar-defesa-a-apagar-nota-que-celebra-ditadura/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

⁸⁸⁹ VALENTE, Rubens. Ordem para celebrar golpe de é inédita nos últimos 20 anos e incomoda também militares. *Folha de S. Paulo*, 29 mar. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/ordem-para-celebrar-golpe-e-inedita-nos-ultimos-20-ano-s-e-incomoda-tambem-militares.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

de hoje o Brasil foi liberto. Obrigado militares de 64! Duvida? Pergunte aos seus pais ou avós que viveram aquela época como foi”.⁸⁹⁰

Nos 4 anos de governo Bolsonaro, vários de seus integrantes também deram diversas declarações que ilustram essa mudança radical de perspectiva em curso. Os generais Braga Netto e Luiz Eduardo Ramos, ministros da Defesa e da Secretaria-geral da Presidência, em comissão na Câmara dos Deputados, disseram que “não houve ditadura no Brasil” e que a caracterização do regime é uma questão de ordem “semântica”.⁸⁹¹ Quando protestos de esquerda tomaram as ruas do Chile, em 2019, o ministro da Economia Paulo Guedes disse que não era para ninguém se assustar caso alguém pedisse por um novo AI-5. Sua declaração veio cerca de um mês após Eduardo Bolsonaro promover uma clara ameaça diante do tema, embora tenha sido depois desautorizado pelo pai: “Se a esquerda radicalizar a esse ponto, a gente vai precisar ter uma resposta. E uma resposta pode ser via um novo AI-5, pode ser via uma legislação aprovada através de um plebiscito como ocorreu na Itália. Alguma resposta vai ter que ser dada”.⁸⁹²

Além do discurso, o governo Bolsonaro também produziu medidas para impactar diretamente as políticas de memória sobre o regime. A Comissão da Anistia foi realocada do Ministério da Justiça para o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, então comandado por Damares Alves, que se recusou a admitir que o Brasil teve uma ditadura militar e deu declarações contraditórias sobre a continuidade das obras do Memorial da Anistia Política do Brasil, envolvido em suspeitas de corrupção.⁸⁹³ Alegando falta de espaço, o ministério anunciou o descarte de 17 mil itens relacionados à memória da ditadura.⁸⁹⁴ Damares também

⁸⁹⁰ GESTÃO Bolsonaro celebra golpe de 64 pelo quarto ano seguido. *UOL*, 31 mar. 2022. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2022/03/31/gestao-bolsonaro-celebra-golpe-de-64-pelo-quarto-ano-seguido.htm>. Acesso em: 13 nov. 2023.

⁸⁹¹ COSTA, Mariana. Ramos concorda com Braga Netto e diz que ditadura é “semântica”. *Metrópoles*, 18 ago. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/ramos-concorda-com-braga-netto-e-diz-que-ditadura-e-semantica>. Acesso em: 13 nov. 2023.

⁸⁹² BETIM, Felipe. Paulo Guedes repete ameaça de AI-5 e reforça investida radical do Governo Bolsonaro. *El País Brasil*, 26 nov. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/22/politica/1574424459_017981.html. Acesso em: 13 nov. 2023.

⁸⁹³ PRAZERES, Leandro. Damares promete memorial para anistiados políticos. *O Globo*, 23 out. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/damares-promete-memorial-para-anistiados-politicos-24036516>. Acesso em: 13 nov. 2023.

⁸⁹⁴ ÉBOLI, Evandro. Governo se desfaz de 17 mil obras do acervo da memória da ditadura. *Metrópoles*, 17 set. 2021. Disponível em:

anulou centenas de anistias concedidas a perseguidos políticos, em sua maioria militares da força aérea.⁸⁹⁵ Durante o governo Bolsonaro, se inviabilizou o Grupo de Trabalho de Perus, que buscava identificar as ossadas de 1049 pessoas mortas entre 1975 e 1976 e enterradas numa vala comum clandestina.⁸⁹⁶ O presidente militar também vetou o nome de João Goulart para batizar o trecho de uma rodovia federal, sob o argumento de que a prática seria “dissonante das ambições de um Estado democrático de Direito”.⁸⁹⁷ E, no apagar das luzes de seu mandato, Bolsonaro extinguiu a Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos.⁸⁹⁸

<https://www.metropoles.com/blog-do-noblat/governo-se-desfaz-de-17-mil-de-obras-do-acervo-da-memoria-da-ditadura>. Acesso em: 13 nov. 2023.

⁸⁹⁵ ALVES, Juliana; FARAH, Tatiana. Damares Alves anula anistia política de 112 pessoas, a maioria militares. *Veja*, 22 fev. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/damares-alves-anula-anistia-politica-de-112-pessoas-a-maioria-militares>. Acesso em: 13 nov. 2023.

⁸⁹⁶ MADEIRO, Carlos. Com verba cortada por Bolsonaro, análise de ossadas da vala de Perus para. *UOL*, 31 mar. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2023/03/31/com-verba-cortada-por-bolsonaro-analise-de-ossadas-da-vala-de-perus-para.htm>. Acesso em: 13 nov. 2023.

⁸⁹⁷ HOLANDA, Marianna. Bolsonaro veta nome de João Goulart para trecho da rodovia Belém-Brasília. *Folha de São Paulo*, 14 out. 2021. Disponível em: <https://folha.com/b6734ons>. Acesso em: 13 nov. 2023.

⁸⁹⁸ PARREIRA, Marcelo. No fim do mandato, governo aprova relatório e encerra Comissão de Mortos e Desaparecidos na Ditadura. *G1*, 31 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/12/31/no-fim-do-mandato-governo-aprova-relatorio-e-encerra-comissao-de-mortos-e-desaparecidos-na-ditadura.ghtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

18. SUPERTRUNFO REVISIONISTA: AS INTERFERÊNCIAS ESTRANGEIRAS E O GOLPE DE 1964

Nos minutos iniciais de *1964 - O Brasil entre armas e livros*, o escritor e jornalista Percival Puggina diz que é “praticamente impossível que alguém que não tenha vivido a Guerra Fria tenha condições de avaliar as condições pelas quais foram possíveis os acontecimentos do mês de março de 1964”.⁸⁹⁹ Embora a memória social e a história também sirvam, ainda que por diferentes meios, para acessar esse passado e dar uma dimensão do que significou o período, o contexto da Guerra Fria é de fato indispensável para a compreensão dos eventos de 31 de Março. O documentário então introduz o tema com a narração em *off* de Filipe Valerim:

Durante a segunda metade do século XX, as duas maiores potências mundiais se enfrentaram sem confronto direto: a Guerra Fria. Depois de seis anos da Segunda Guerra Mundial, 60 milhões de mortes arrasaram a Europa. Duas grandes potências saem vencedoras: os Estados Unidos e a União Soviética. Os dois países pertenciam aos Aliados, que derrotaram a Alemanha nazista e o império do Japão.⁹⁰⁰

O início protocolar é logo sucedido por uma série de avaliações sobre o período. Aqui, os espectadores são familiarizados com o viés narrativo de toda produção, que opõe de forma maniqueísta Estados Unidos e União Soviética. O documentário sustenta que a Revolução Russa nasceu para um projeto global: “A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas é resultado do avanço da Rússia comunista e já dominava 15 países”, conforme narrou Filipe Valerim. “E continua”, para o jornalista Fernão Mesquita, “tomando a Europa [...] e todos os países balcânicos”.⁹⁰¹ Segundo a narração em *off*,

os soviéticos desenvolvem um plano para conquistar o mundo e implantar o comunismo em todos os países. O reino do terror vermelho se espalha nas décadas seguintes. O Holodomor e os gulags são alguns dos genocídios que resultam das ditaduras totalitárias. A doutrina iniciada por Lênin é levada adiante por Stálin.⁹⁰²

⁸⁹⁹ BRASIL PARALELO. 1964 - O Brasil entre armas e livros. *YouTube*, 2 abr. 2019. Disponível em <https://youtu.be/yTenWQHRPIg>. Acesso em 21 nov. 2023. 04:44

⁹⁰⁰ *Id, ibid.* 5:15.

⁹⁰¹ *Id, ibid.* 6:01.

⁹⁰² *Id, ibid.* 6:34.

Provavelmente para relacionar o modus operandi bolchevique e a luta armada no Brasil, Valerim descreve o que a Brasil Paralelo entende pela revolução de outubro: “Assaltos a bancos e agitações nos quartéis do exército imperial russo. A revolução assassina brutalmente a família imperial Romanov para implementar uma ditadura que tinha Lênin como deus e Stálin e Trotsky como papas vermelhos”.⁹⁰³

Por outro lado, os Estados Unidos são descritos como aqueles que “construíram uma democracia liberal, baseada na sociedade de mercado e dos valores cristãos. A maior indústria e a maior economia do mundo é também o único país a ter armas nucleares, sendo a força imprescindível que derrotou os nazistas”.⁹⁰⁴ Além de ignorar o papel sabidamente central da URSS no desfecho da Segunda Mundial ao singularizar os Estados Unidos como “‘a’ força imprescindível” para derrocada do Eixo, o documentário também deixa de lado o histórico intervencionista e eventualmente expansionista da potência capitalista desde o século XIX para superestimar o avanço soviético. Evidentemente, não se trata de equivaler os polos ou minimizar os traços autoritários do regime bolchevique, mas de destacar o esforço da Brasil Paralelo para caracterizar mocinhos e vilões no contexto que produziu o golpe militar de 1964.

Um exemplo importante está na menção que o filme faz à bomba atômica. Se a dos americanos é apenas citada, ignorando Hiroshima e Nagasaki, a dos soviéticos é descrita em detalhes: “cada bomba Tsar desenvolvida pela União Soviética possuía em média 50 megatons, que é 16 vezes maior que toda força explosiva de todas as bombas e balas usadas por todos os exércitos na Segunda Guerra Mundial”, diz a narração.⁹⁰⁵ A OTAN, por sua vez, é apresentada como “uma aliança militar para combater a ameaça comunista, que agora era nuclear”. Por isso, a abordagem sobre a crise dos mísseis minimiza a atuação americana, também tida como meramente defensiva: “Soldados, navios e mísseis soviéticos são enviados a Cuba e apontavam em direção aos Estados Unidos. A Marinha americana se posiciona e as duas potências estão a um passo de estourar um conflito direto”.⁹⁰⁶

Crítica dos EUA em produções como *O Fim da Beleza*, aqui a Brasil Paralelo osedulcora como uma nação cristã democrata e pró-mercado. O “mal maior”, o

⁹⁰³ *Id, ibid.* 6:18.

⁹⁰⁴ *Id, ibid.* 6:06.

⁹⁰⁵ *Id, ibid.* 15:58.

⁹⁰⁶ *Id, ibid.* 15:33.

comunismo, induz a produtora a relevar sua rejeição à modernização da sociedade americana, carro-chefe de um processo de transformações irremediáveis nas culturas ocidentais. Conservador, com traços reacionários e inclinações anti-modernas, o olavismo tem no marxismo seu maior antagonista. E *Entre armas e livros* deixa isso bem claro.

Nesse sentido, a ação dos EUA na Coreia é também interpretada como um gesto de salvação: “A Coreia do Norte, armada pela União Soviética e pela China, ataca a Coreia do Sul, que se salva ao receber a ajuda de uma coalizão liderada pelos Estados Unidos”.⁹⁰⁷ Puggina ironiza as diferenças entre ambas as Coreias: “se alguém quer saber o que dá o comunismo e no que dá uma economia aberta, dá uma olhada nos dois países 70 anos depois. Mas não precisa recuar tanto tempo. Poucos anos depois já se notava uma diferença”.⁹⁰⁸ Em seguida, o documentário condensa diferentes experiências pelo globo, sem entrar em detalhes, para tentar demonstrar o avanço das pretensões soviéticas através do que seriam “guerras civis e revoluções comunistas”, embora nem todas possam ser caracterizadas assim: Vietnã, Grécia, Turquia, Espanha, Irã, Nicarágua, Argentina, Cuba, Egito, diversos países da África, Itália, Guatemala, Haiti, Paraguai, Filipinas, Chile, Indonésia, “entre dezenas de outros conflitos”.⁹⁰⁹

Outro exemplo surpreendente oferecido pelo jornalista entrevistado Andrezej Wojtas, no entanto, remete ainda ao período entre guerras: “a Guerra Civil Espanhola, onde durante três anos quem dava as cartas do lado republicano eram os serviços especiais soviéticos”.⁹¹⁰ Sobre o envolvimento dos nacionalistas com o nazi-fascismo europeu, decisivo para o desfecho do conflito,⁹¹¹ nada.

Depois de um elogio do filme ao Plano Marshall, o autor tcheco Vladimir Petrálak encerra o capítulo dedicado à Guerra Fria:

E depois da guerra foram poucos aqueles que perceberam que os soviéticos não nos trouxeram a liberdade, mas sim a escravidão. E os comunistas, durante esse primeiro período pós-guerra, tinham uma grande confiança por parte da sociedade. E eles abusaram dessa confiança, a usaram para realizar a ‘ditadura do proletariado’, como

⁹⁰⁷ *Id, ibid.* 12:58.

⁹⁰⁸ *Id, ibid.* 13:20.

⁹⁰⁹ *Id, ibid.* 13:40.

⁹¹⁰ *Id, ibid.* 19:01.

⁹¹¹ SALVADÓ, Francisco J. Romero. *A guerra civil espanhola*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 93-130.

assim era chamada. Mas se tratava da ditadura de um partido político e o desrespeito a todos os direitos de cidadania.⁹¹²

A produção narra então o processo de expansão indireta da URSS através do estabelecimento de regimes parceiros de Moscou no leste europeu. Para William Waack, “o comunismo na Europa só existiu onde o Exército Vermelho pisou. Não há exemplo de país comunista, que tivesse escolhido ser comunista. Foram obrigados a ser comunistas pela conquista do Exército Vermelho”. O Muro de Berlim, de fato construído por iniciativa da Alemanha Oriental, calçada pela União Soviética, é apresentado como uma resposta do comunismo à integração da Alemanha Ocidental ao Plano Marshall.⁹¹³

Nas palavras do historiador tcheco Petr Blažek, cuja titulação acadêmica é destacada em sua apresentação, “após o ano de 1945 a Tchecoslováquia foi soviética aos poucos e não foi um impacto tão brutal, como, por exemplo, na Hungria e na Polônia, onde o comunismo foi levado na ponta da baioneta ou nos tanques”.⁹¹⁴ Um mapa antes dele mostrava Tchecoslováquia, Hungria, Romênia, Albânia e Bulgária como nações que “não pertencem à União Soviética, mas obedecem às ordens de Stálin”.⁹¹⁵

Ainda que admita a medição de forças entre as duas potências por áreas de influência no Terceiro Mundo e o envolvimento da inteligência americana nas eleições pelo mundo, o papel atribuído à URSS é de natureza muito distinta. A narração em *off*, reforçando os preceitos olavistas do marxismo como uma maquinação sorrateira e apocalíptica, alega que “a revolução contra o Ocidente contava com forças ocultas que operavam nas sombras”.⁹¹⁶ Desse pressuposto, vêm os capítulos do vídeo “os planos secretos de Stalin para espalhar o comunismo”; “KGB: a força oculta da Rússia para destruir o Ocidente”; “A conspiração para transformar o Brasil em um país comunista”; e “A União Soviética planejou um plano maligno para o Brasil”.

Para o documentário, a rejeição de Lênin à moralidade burguesa, na acepção marxista,⁹¹⁷ configuraria na verdade apologia a uma espécie de moral egoísta e

⁹¹² *Id, ibid.* 8:16.

⁹¹³ *Id, ibid.* 9:42.

⁹¹⁴ *Id, ibid.* 11:20.

⁹¹⁵ *Id, ibid.* 10:51.

⁹¹⁶ *Id, ibid.* 16:20.

⁹¹⁷ SOBREIRA FILHO, Enoque Feitosa. O marxismo e o problema da escolha moral. 223 f. Tese (Doutorado em Filosofia) — UFPB, UFPE, UFRN, Recife, 2010. p. 121-132.

inescrupulosa: “Lênin afirmava que a única moral que os comunistas reconhecem é aquela que servem (sic) aos próprios interesses. Essa visão permitiu que a União Soviética fizesse da mentira a sua política pública número 1”. E a narração prossegue:

A mentira ganhou forma na propaganda e na tática da desinformação. A desinformação é uma mentira não contada pelo mentiroso, mas por outra fonte: uma fonte legítima, em quem a vítima da mentira confia. Essa tática não apenas dificulta o discernimento da realidade, mas também faz com que a mentira tenha uma vida própria, até que, repetida muitas vezes, torna-se parte da história.⁹¹⁸

Em *Entre armas e livros*, a “desinformação soviética” é tida como “a arma secreta mais efetiva na sua batalha contra a sociedade ocidental”. A KGB é descrita como “o serviço de inteligência e segurança mais completo do mundo, contendo fichas de registros de políticos, acadêmicos e artistas do mundo inteiro”. Para William Waack, “elas tinham um domínio total sobre as biografias, as vidas, as atividades e evidentemente as posições político-ideológicas de cada um dos integrantes dessa grande estrutura”. Blažek o complementa:

a partir dos anos 1960, em todos os países começaram a prevalecer os métodos de controle da sociedade que não estavam mais conectados à violência, mesmo que a violência ainda tivesse um papel importante. Mas o fundamental foi o controle da sociedade, a criação de um vasto sistema de agentes, rede, que habilitou uma fluidez de informações sobre a sociedade.⁹¹⁹

Esse gancho é fundamental para que o documentário apresente algo próximo daquilo que Francisco Bosco qualifica ironicamente como o seu “supertrunfo revisionista”.⁹²⁰ os arquivos do serviço secreto tcheco, finalmente liberados para consulta depois da queda do regime, e apresentados ao público brasileiro através do livro *1964: O Elo Perdido - O Brasil nos Arquivos do Serviço Secreto Comunista*, publicado em 2017 por Mauro Kraenski e Vladimír Petrilák. Como conta o próprio filme da Brasil Paralelo, foi Laudelino Lima, administrador do site *A Verdade Sufocada*, o intermediador dos pesquisadores com o Brasil.⁹²¹ O lançamento é da

⁹¹⁸ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 16:27.

⁹¹⁹ *Id, ibid.* 17:50.

⁹²⁰ BOSCO, Francisco. *O diálogo possível: por uma reconstrução do debate público brasileiro*. São Paulo: Todavia, 2022. p. 81.

⁹²¹ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 29:05.

Vide Editorial, que publicou vários livros de Olavo de Carvalho — o autor do prefácio.

Brasileiro radicado na Polônia, onde atuava como guia no Memorial e Museu Auschwitz-Birkenau, Kraenski procurou o tradutor Petrálak para ler com mais precisão os documentos encontrados no I Departamento da StB, o serviço de inteligência da Tchecoslováquia. Deste encontro evoluiu a pesquisa e nasceu o livro, que confirma ao menos parte daquilo que o agente desertor Ladislav Bittman já havia denunciado em *A KGB e a desinformação soviética: uma visão em primeira mão*. Em resumo, o que faz *O Elo Perdido* é detalhar o envolvimento dos comunistas tchecos com o Brasil, dividido entre monitorar os acontecimentos políticos e tentar influenciar os seus rumos, notadamente através de propaganda antiamericana. A StB manteve uma rede de contatos locais, financiou publicações, falsificou documentos e chegou a instalar no Rio de Janeiro uma *rezidentura* — como se chamava sua base de inteligência.⁹²² Nas palavras de Kraenski:

São esses funcionários da inteligência que foram enviados para o Brasil que escreveram esses relatórios — em seus relatórios, em seus documentos, na troca de correspondência com a central em Praga. Nós estamos apenas fazendo o trabalho de descrever o que há nesses documentos. Segundo esses documentos, sim, a StB atuou no Brasil e realizou, por exemplo, operações de influência, política de influência, reuniu informações, recrutou cidadãos brasileiros para colaboração. Encontramos várias pastas de objetos de interesse relacionadas com o Brasil. Aqui eu posso citar o governo e o parlamento, Ministério de Relações Exteriores, instituições científicas, Petrobras, Clube Militar, Forças Armadas, partidos políticos, ligas camponesas e muitos e muitos outros.⁹²³

Para sugerir o que ocorreria com o Brasil em caso de êxito nas maquinações comunistas, *Entre armas e livros* destaca as características autoritárias do regime tcheco. Petr Blazek fala em “desapropriação de bens”, temática especialmente sensível para o matiz liberal do anticomunismo brasileiro, e até em “experimentos sociais”.⁹²⁴ Avessa às políticas vigentes de Direitos Humanos, tidos como parciais⁹²⁵

⁹²² BORGES, Rodolfo. Ditadura militar: serviço secreto soviético considerou “causar guerra civil no Brasil” em 1961. *El País Brasil*, 6 jun. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/04/politica/1528124118_758636.html. Acesso em: 29 nov. 2023.

⁹²³ 1964 - o Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 30:03

⁹²⁴ *Id, ibid.* 29:35.

⁹²⁵ BRASIL PARALELO. É possível reverter a imagem que o brasileiro tem em relação aos Direitos Humanos? *YouTube*, 5 set. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/bYVRe0VfHXI>. Acesso em: 6 dez. 2023.

ou pró-criminalidade,⁹²⁶ como predominante nas novas direitas do país, a Brasil Paralelo inclui no documentário uma declaração de Renor Filho sobre a Tchecoslováquia como “uma república socialista, um regime autoritário, que atualmente é condenado por crimes contra os Direitos Humanos”.⁹²⁷ O esclarecimento desse passado, segundo Blazek, que diz não ter certeza se evitaria “outro regime totalitário”, “poderá ajudar a passar as experiências para as próximas gerações sobre como o sistema funcionou”.⁹²⁸

No documentário, a cartilha para uma produção de confiabilidade é seguida à risca. Além de entrevista com os autores, a sequência oferece imagens exclusivas de visita a atual República Tcheca e produz registros no interior da central de documentos, ilustrando os depoimentos com dramatizações do manuseio dos arquivos. Diretora do Arquivo de Serviços de Segurança de Praga, Světlana Ptáčnicková também é ouvida em meio às estantes da unidade.⁹²⁹ A própria descoberta dos arquivos é narrada com riqueza de detalhes e ares de um grande *turning point* para a historiografia da ditadura no Brasil. Segundo Laudelino Lima,

Bom, março de 2014, eu estava em casa me preparando para dormir, aquele soninho batendo, ali mexendo no celular, vendo mensagem, apagando spam, quando eu vi uma mensagem vindo direto do site A Verdade Sufocada. Eu já era administrador do site já tinha oito anos, né? Quando me surge na caixa postal uma mensagem de um tal de Mauro Abranches. Vamos ver que mensagem é essa. Aí ele está escrevendo lá que é brasileiro e mora na Polônia, interessante. “E eu estou dentro dos arquivos da KGB, da StB tcheca, traduzindo material de infiltração que aconteceu no Brasil entre os anos 50 e os anos 80. Já mandei e-mail para um monte de gente, ninguém responde, estou quase desistindo do trabalho”... Quando eu acabo de ler esse e-mail, eu dou um pulo na cama, que o senso de urgência ligou todas as sirenes dentro da cabeça. Eu dei um pulo da cama que eu lembro do barulho da hélice de ventilador de teto passando perto da minha cabeça, né? Então eu parti direto para o computador porque eu não queria que aquele cara que acabou de me mandar um e-mail, ele fechasse o computador. Eu tinha que responder para ele naquele instante, pegar ele online.⁹³⁰

Quando Lima diz “eu estou dentro dos arquivos da KGB”, emulando a correspondência de Kraenski, o silêncio temporário da trilha é interrompido pelo

⁹²⁶ BRASIL PARALELO. O terrível sistema que cria direitos e benefícios para os bandidos. *YouTube*, 7 jun. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/VnHf06riUQc>. Acesso em: 6 dez. 2023.

⁹²⁷ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 29:13.

⁹²⁸ *Id, ibid.* 34:11.

⁹²⁹ *Id, ibid.* 24:05.

⁹³⁰ *Id, ibid.* 24:07.

retorno dos tambores e da orquestração de suspense, que discretamente evolui em simulação de gravidade. O caráter supostamente disruptivo do material é também destacado pelo pesquisador brasileiro:

Pesquisando sobre comunismo no Brasil, através da internet, etc, mais cedo ou mais tarde, leva você aos acontecimentos relacionados com o ano de 1964. Nesse contexto foi possível observar uma significativa quantidade de comentários, artigos, nomes de livros que chamava a atenção para a presença americana, influência americana naqueles acontecimentos, como CIA e etc. O curioso é que não havia praticamente nada sobre o outro lado, ou seja, sobre eventual atuação de países ou serviço de inteligência de países da chamada Cortina de Ferro. Como sabemos que uma guerra tem dois lados, isso é no mínimo estranho. Para ser justo, é preciso afirmar que somente encontrei uma pessoa que falava sobre a importância do estudo desse assunto, que era o professor Olavo de Carvalho.⁹³¹

Embora seja de fato mais cuidadoso nas inferências, como chamou atenção Olavo,⁹³² Kraenski persiste num estratagema também característico de públicos antiestruturais, adepto e disseminador de conteúdo potencialmente conspiratório, que consiste em apresentar sua oferta no mercado de ideias como algo único, deliberado ou inconscientemente ignorado pelos públicos dominantes. Petrilák o corrobora:

Descobrimos que nesses arquivos em Praga existe um acervo muito rico sobre o Brasil, e não somente, que descreve uma boa parte da história, sendo que essa fonte não havia sido até hoje estudada no Brasil. Ninguém sabia sobre ela. E que, até o ano de 1989, eram materiais ultrassecretos, que a partir do ano de 2006-2007 já podiam ser pesquisados. E trata-se do período de tempo de 1952 até o início do ano de 1971, depois um pouco do final dos anos 80 também. Ou seja, um bom pedaço da história do século 20.⁹³³

Adiante, Vladimir Petrilák reforça o último ponto e evoca uma questão particularmente sensível para a Brasil Paralelo, que é quanto ao financiamento da pesquisa: “Acho importante dizer que não temos apoio de nenhuma instituição, órgão científico ou governamental. Nós somos pessoas privadas que se ocuparam de um tema que até hoje ninguém mais estudou”.⁹³⁴ A presença de dinheiro público, como vimos, costuma operar como elemento de desqualificação a priori de

⁹³¹ *Id, ibid.* 25:24.

⁹³² *Id, ibid.* 26:27.

⁹³³ *Id, ibid.* 27:10.

⁹³⁴ *Id, ibid.* 33:50.

quaisquer produções alvo do antagonismo da produtora, que reclama legitimidade para si graças à ausência de financiamento público. Essa é também uma forma de marcar distância em relação aos próprios esquerdistas escrutinados.

De todo modo, a descoberta de uma nova fonte deste porte é evidentemente digna de nota e os arquivos da StB ajudam a compor o complexo quadro do contexto de 1964. Mas, seja pela inexperiência ou pelas inclinações ideológicas dos pesquisadores, o fato é que a ameaça comunista através da interferência direta de Praga é superestimada pelo livro e sobretudo pelo documentário da Brasil Paralelo. Em 2014, o terceiro surto anticomunista brasileiro estava ganhando forma e era de grande interesse, inclusive mercadológico, que uma abordagem como essa ajudasse a subsidiar a visão de mundo de um público em formação. Para o que prometia ser a “bala de prata” do olavismo no debate sobre o golpe, *Entre armas e livros* entrega muito pouco. Inclusive em termos de duração. Em duas horas de filme, somente 11 minutos dedicam-se ao conteúdo descoberto em Praga.

A despeito das sugestões de poder quase absoluto, as atividades do serviço secreto tcheco tinham muitas limitações. Um episódio que ajuda a dar uma dimensão delas está na prisão do diplomata Zdeněk Kvita, entregue à polícia por um informante que havia lhe prometido documentos secretos. Apesar de ter ocorrido em maio de 1964, já sob governo militar, a operação foi conduzida pela polícia política do estado da Guanabara, que já era comandado por Carlos Lacerda, e não gerou grandes preocupações. Pelo contrário: diplomatas americanos fizeram troça de Kvita, que considerava os brasileiros atrasados e primitivos. Para os militares, bastou declará-lo persona non grata e expulsá-lo do país.⁹³⁵ Os próprios documentos levantados por Kraenski e Petrílák indicam que a StB foi surpreendida com o golpe, o que demonstra que mesmo o trabalho de diagnóstico da realidade brasileira estava longe da excelência.⁹³⁶ Significativamente, embora a atuação de “falsos diplomatas” tenha sido denunciada no filme,⁹³⁷ Kvita não é sequer mencionado em *Entre armas e livros*.

⁹³⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Passados presentes: o golpe de 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 40-44.

⁹³⁶ BORGES, *op. cit.*

⁹³⁷ Segundo Petrílák: “Quanto à existência dessa célula do serviço de inteligência nas embaixadas, somente o embaixador sabia a respeito e mais ninguém. Isso era oculto e secreto. Então, os funcionários profissionais do serviço de inteligência, ou seja, os espiões da Tchecoslováquia, passavam por um treinamento curto de diplomacia para que pudessem fingir serem diplomatas. Mas, na realidade, a principal atividade deles era o trabalho de espionagem”. 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 31:24.

Caso bem diferente, em termos de repercussão pública na época, foi o de nove agentes comerciais e jornalistas chineses presos, julgados e condenados a 10 anos de prisão, em dezembro de 1964, por supostamente planejar o assassinato de autoridades brasileiras e implantar o “comunismo de vertente chinesa” no país. Agulhas de acupuntura e de pipa serviram de evidência para os militares. Mesmo com a expulsão dos visitantes no ano seguinte, o processo continuou na Justiça Militar — ainda que estagnado —, até que em agosto de 2023 o ministro do STF Edson Fachin obteve um relatório do Superior Tribunal Militar com informações para deliberar sobre uma ação movida por João Vicente Goulart, filho de Jango.⁹³⁸ O episódio também não figura no documentário da BP.

O que explica a postura radicalmente diferente dos militares nos dois casos? Muito provavelmente, as relações exteriores. Enquanto o bloco soviético era parceiro diplomático do Brasil — e assim continuou por toda ditadura —, a China, a despeito dos esforços de João Goulart, ainda não. A ação de espões tchecos no país era real, mas não o suficiente para que mesmo a ditadura comprometesse laços políticos e econômicos com esse importante parceiro. Se sua ameaça fosse mesmo tão séria, não haveria razões para pensar por que os militares colocariam panos tão quentes sobre o caso Kvitá, já que era do seu interesse alardear a infiltração do comunismo internacional para justificar o golpe e o regime em processo de consolidação.⁹³⁹

Não é nenhum segredo, portanto, que agentes tchecos espionavam. Por outro lado, essa prática jamais se limitou ao contexto da Guerra Fria e ao bloco soviético, que, comparativamente, teve penetração discreta no Brasil. Mas a sirene que soa diante dos soviéticos em *Entre armas e livros* vira vista grossa quando o assunto é a interferência americana. Para Olavo de Carvalho,

Tão logo houve o golpe militar, se espalhou a versão de que o golpe tinha sido obra da CIA. Quem lançou essa teoria foi o jornalista chamado Edmar Morel, no livro “O golpe começou em Washington”. E daí vem uma série infindável de livros, teses universitárias, filmes, programas de TV, assim, um massacre publicitário como nunca houve antes no Brasil. Só que tem o seguinte problema: o Ladislav Bittman, ele diz o seguinte, ele disse que foi o escritório dele, da espionagem

⁹³⁸ LEITÃO, Matheus. O novo revés para as viúvas da ditadura. *Veja*, 31 ago. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/o-novo-reves-para-as-viuvras-da-ditadura/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

⁹³⁹ MOTTA. Passados presentes. *op. cit.* p. 42-44.

tcheca, que espalhou essa versão para a mídia brasileira, a qual comprou imediatamente.⁹⁴⁰

O argumento final de Olavo tem um problema de timing, no entanto. Em 1965, quando foi lançado o livro de Morel, a despeito de críticas pontuais, os grandes jornais brasileiros continuavam alinhados aos militares e desde o governo Jango estavam empenhados em denunciar a suposta infiltração comunista no Brasil.⁹⁴¹ Sequer o olavismo encara este período como suficientemente dominado pelo que chama de “marxismo cultural”. Que a tese tenha circulado com força em alguns centros universitários, não há evidências de que tenha se popularizado no jornalismo profissional.

Adiante, Petrálak corrobora a ideia de que a intervenção americana não passa de mera maquinação propagandística soviética:

É claro, sobre isso já escreveu Ladislav Bittman, desertor da StB, que no ano de 1968 fugiu para os EUA. E lá revelou segredos da StB. E nós encontramos confirmação nos arquivos de Praga. [...] E o objetivo foi justamente comprometer, com base em dados não verdadeiros e falsificados, a política externa americana. Assim como acusar os EUA da responsabilidade do golpe militar no Brasil de 1964. Tratavam-se de duas operações: a A. O. Toro e a A. O. Mann.⁹⁴²

Olavo de Carvalho então dobra a aposta ao desafiar interlocutores e vai além:

Mil vezes eu desafiei essa gente. Se a CIA tramou todo esse negócio, então vocês, por favor, me indiquem o nome de pelo menos um agente da CIA lotado no Brasil na época. Nunca apontaram nem um único. Então toda a história da CIA é de ficção do começo ao fim. E isto é vendido por professores universitários, por professores de história, pessoas que aparentemente se dizem respeitáveis. Eles usam provas, no sentido oposto. “Então, está aqui a prova de que eles interferiram”. Está lá o telefonema do Lincoln Gordon para o Johnson: “presidente, os militares colocaram tanque na rua. O que nós vamos fazer?” O presidente responde: “faça alguma coisa”. Isso já no dia 31, você está entendendo? Então isso, quer dizer, claro que o Lincoln Gordon estava informado que eles estavam fazendo alguma coisa, mas se tivesse participado da preparação do golpe, já estaria agindo antes e não depois. Depois mandaram um porta aviões que

⁹⁴⁰ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:07:46.

⁹⁴¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Rio de Janeiro: Eduff, 2020. p. 255-303.

⁹⁴² 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:08:27 e 1:09:00.

naturalmente era para retirar cidadãos americanos que estivessem postos em perigo, porque não dá para fazer mais nada com o porta-aviões além disso, e mandaram um navio com combustível. Sabe a história do combustível como é que foi? Isso aí eu perguntei para o Paulo Egydio Martins que foi governador de São Paulo, foi ministro das Minas: “É verdade que os americanos ajudaram no golpe de 64?”. “Ajudaram nada, porque eu fui lá pedir ajuda e eles me negaram. A única coisa que me ofereceram foi um navio de combustível, que não foi dado. Nós pagamos, eu paguei o sinal do negócio com o dinheiro que eu pedi emprestado para o meu sogro”. Ele tinha um sogro banqueiro. “Pedi dinheiro emprestado para o meu sogro, eu dei lá o depósito e eles nunca sequer devolveram sequer o depósito”. Essa foi a bela ajuda americana.⁹⁴³

Ao responder ao tópico da interferência americana com uma anedota pessoal, Olavo mobiliza uma importante ferramenta para os públicos antiestruturais digitais, a “eu-pistemologia”, que substitui o método das ditas ciências normais pela experiência particular, que tende a confirmar vieses e rejeitar teses contrárias, numa espécie de retorno do “ver para crer”.⁹⁴⁴ Dividir com a audiência um diálogo com um político influente da época é tanto uma forma de aproximar-se dela, enquanto confidente, como também um instrumento de legitimação que o aproxima dos fatos à época.

Seja como for, os EUA também espionaram — e muito — as atividades políticas em áreas de seu interesse. Entre voluntários dos Corpos da Paz e espiões da Central Intelligence Agency, estima-se que de cinco a sete mil norte-americanos desembarcaram anualmente no Brasil de 1961 a 1964.⁹⁴⁵ Olavo estava à procura de um nome, mas nessa época já se sabia que Philip Agee, um ex-funcionário da CIA, publicou um livro de memórias sobre a atuação na América Latina, com nomes e detalhes das operações. Frank Carlucci, que nos anos 1980 foi promovido a diretor da agência, é um dos mais destacados no Brasil.⁹⁴⁶

Verdade seja dita, a presença americana no Brasil precede em muito a própria Guerra Fria. Desde as vésperas da Segunda Guerra Mundial, na escalada de tensões com os países do Eixo, os EUA estreitaram laços diplomáticos, econômicos, culturais e também militares com o governo brasileiro. Os americanos, já a partir dos anos 1940, facilitaram a compra de armas, instalaram bases aéreas

⁹⁴³ *Id, ibid.* 1:09:20.

⁹⁴⁴ CESARINO, Letícia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. *Ilha-Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73-96, 2021.

⁹⁴⁵ NAPOLITANO, Marcos. *O regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 56.

⁹⁴⁶ MOTTA. *Passados presentes. op. cit.* p. 76.

no país e forneceram treinamento para policiais e militares das Forças Armadas — com foco no enfrentamento ao comunismo, inclusive. Dada a desproporcionalidade dessa relação, evidentemente algumas concessões vieram à base de alguma dose de chantagem. E a parceria se mostrou bastante vantajosa para Washington.⁹⁴⁷

Com a escalada da Guerra Fria e o fantasma da revolução social rondando os países mais pobres da vizinhança, os americanos aumentaram exponencialmente o volume de dinheiro investido na América Latina e também a ambição nas metas a serem alcançadas. A Aliança para o Progresso, criada no governo John F. Kennedy, ajudou a suprir as expectativas frustradas de lideranças políticas locais que, a exemplo de Juscelino Kubitschek, protestavam contra o papel secundário relegado à região enquanto o Plano Marshall despejava grandes montas na Europa e na Ásia. Conforme os relatórios *Country Analysis and Strategy Paper*, um dos objetivos do governo americano em relação ao Brasil era “assegurar, quando compatível, a cooperação brasileira no campo internacional”.⁹⁴⁸

Os EUA também estreitaram laços com lideranças sindicalistas, intelectuais, políticas, militares e empresariais e financiaram candidaturas anticomunistas neste período.⁹⁴⁹ Sobre as polarizadas eleições de 1962, o próprio embaixador Lincoln Gordon, dizendo-se arrependido, admitiria mais tarde a injeção de ao menos US\$ 5 milhões para bancar opositores de Jango.⁹⁵⁰ O quadro geral do pleito, que elegeu alguns governadores, senadores e deputados estaduais e federais, demonstra vitória de vários postulantes esquerdistas, mas também de conservadores em ascensão, como Ademar de Barros, em São Paulo, e Ildo Meneghetti, no Rio Grande do Sul, além de dezenas de parlamentares correligionários.⁹⁵¹

Quanto às movimentações específicas diante da conspiração militar que derrubou Jango, o que se sabe até aqui é que no final de 1963 os americanos já tinham um “plano de contingenciamento” para o Brasil, considerando a crescente insustentabilidade da Quarta República. A Operação *Brother Sam*, com destróieres, um porta-aviões, navios cargueiros, armas e munições para os golpistas, zarpou pouco depois da movimentação iniciada por Olímpio Mourão Filho em Juiz de Fora.

⁹⁴⁷ *Id, ibid.* 73-76.

⁹⁴⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 110-118.

⁹⁴⁹ MOTTA. *Passados presentes. op. cit.* p. 80.

⁹⁵⁰ FICO, Carlos. *O grande irmão. Da Operação Brother Sam aos anos de chumbo: o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 77.

⁹⁵¹ MOTTA. *Em guarda contra o perigo vermelho. op. cit.* 273-275.

Como não houve resistência, a força naval foi desmobilizada no meio do caminho. Mas é difícil imaginar que, em hipótese contrária, Washington teria permanecido impassível, como indicam inúmeras experiências pelo mundo. Sua excitação com o sucesso da empreitada insurrecional no Brasil foi tão grande que em menos de 24 horas o novo governo já estava reconhecido. Entre o descaso e o protagonismo, o mais razoável seria pensar, como diagnosticou Rodrigo Patto Sá Motta, que EUA e militares brasileiros tinham interesses convergentes diante da remoção de Goulart.⁹⁵²

Uma questão importante para destacar nesse debate, porém, é que, diferentemente dos arquivos tchecos, que foram liberados integralmente para consulta por governos sobre órgãos já desativados de regimes enterrados, muitas articulações americanas permanecem sob sigilo, pois sua estrutura continua em funcionamento.⁹⁵³ Desta forma, muito ainda pode vir à luz sobre o tema. Nada disso, entretanto, é ponderado também em *Entre armas e livros*.

E, embora a historiografia tenha de fato buscado estabelecer uma linha de continuidade entre a campanha de desestabilização que mirou Jango e a articulação que o derrubou, notadamente a partir de Dreyfuss no início dos anos 1980, outras perspectivas mais nuançadas são até hegemônicas hoje entre os públicos dominantes. Elas reconhecem a incontroversa participação ativa dos americanos na primeira, mas compreendem que a segunda é basicamente obra dos militares brasileiros, ainda que com algum apoio, nem que seja majoritariamente simbólico — o que não é pouca coisa.⁹⁵⁴ Ao ignorar completamente a existência dessas correntes, a *Brasil Paralelo* reforça sua disposição em reduzir a produção acadêmica a caricaturas convenientes. Mas, mais do que isso, ao simplesmente negar o envolvimento dos EUA com a queda de Goulart, a produtora exagera nas doses de revisionismo ideológico para provar um ponto insustentável.

⁹⁵² MOTTA. *Passados presentes*. op. cit. 81-84.

⁹⁵³ *Id, ibid.* p. 82.

⁹⁵⁴ FICO, Carlos. *O grande irmão*. op. cit. p. 75-77.

19. O POVO VERSUS JANGO

Os arquivos tchecos não são caso isolado para a produção, como anuncia Kraenski:

Encontramos informações que permitem afirmar, segundo esses documentos, que não somente a StB estava presente, atuando no Brasil, mas também serviços de outros países do bloco socialista ou comunista. Afirmações que confirmam a presença, por exemplo, do serviço de inteligência da Polônia comunista, da Alemanha Oriental, da China, de Cuba, inclusive da União Soviética, a própria KGB. Nós pesquisamos os documentos da StB, Serviço de Inteligência da República Socialista da Tchecoslováquia. Nós não sabemos o que, eventualmente, esses outros serviços de inteligência, de outros países socialistas, fizeram no Brasil. Então podemos tratar esse nosso trabalho, provavelmente como somente uma parte de atuação de serviços comunistas no Brasil, inclusive antes do ano de 1964.⁹⁵⁵

Para Olavo de Carvalho, é a deixa para reforçar a ideia de uma luta armada anterior ao golpe militar:

A presença soviética, sobretudo através da Tchecoslováquia, era um negócio intensíssimo. Tanto que, em 1963, você já tinha guerrilhas no Brasil. Dizer que a guerrilha foi uma resposta ao golpe, não. É o contrário. O golpe foi a resposta às guerrilhas e a presença dessas guerrilhas foi confirmada por documentos que foram encontrados com um alto funcionário cubano que estava num acidente aéreo. Ele caiu, o avião dele caiu acho que no Peru. No Peru ou na Bolívia, um lugar desses aí. E os documentos comprovando, então, a interferência cubana no Brasil, ajudando o Julião, as Ligas Camponesas, foram parar na mão do João Goulart e o desgraçado, em vez de tomar providência, simplesmente devolveu os documentos para Fidel Castro. Então, o presidente era obviamente cúmplice, ele estava ajudando um país estrangeiro a fazer uma interferência armada no nosso país. Que respeito merece esse cara? Nenhum, zero.⁹⁵⁶

O trato com o episódio do avião acidentado no Peru tem muito a revelar sobre a relação do documentário com o contexto. Se, por um lado, é verdade que os documentos encontrados comprovam mesmo o suporte dado pelo governo cubano ao Movimento Revolucionário Tiradentes, um braço armado das Ligas Camponesas que tentava se articular no interior do Goiás,⁹⁵⁷ por outro a reação de João Goulart

⁹⁵⁵BRASIL PARALELO. 1964 - O Brasil entre armas e livros. *YouTube*, 2 abr. 2019. Disponível em <https://youtu.be/yTenWQHRPIg>. Acesso em 21 nov. 2023. 32:47.

⁹⁵⁶ *Id, ibid.* 51:31.

⁹⁵⁷ GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. p. 181.

pouco tem a ver com cumplicidade. Jango, assim como Castelo Branco no caso Kvitá, preferiu a discrição para evitar melindrar as boas relações entre os dois países.⁹⁵⁸ Obviamente, no entanto, a Brasil Paralelo não considera o primeiro presidente do regime militar um cúmplice do comunismo internacional. E, se havia um princípio de movimentação armada das esquerdas no campo, conforme enfatizado por *Entre armas e livros*,⁹⁵⁹ ela nem se compara, em volume e estrutura, às ligas anticomunistas formadas por fazendeiros no interior do Brasil.⁹⁶⁰

O que está em jogo para a produtora é forçar a relação entre o governo trabalhista e Moscou, numa linha de continuidade que começa na Revolução Bolchevique, passa pela fundação do Partido Comunista Brasileiro, pela Quarta República Brasileira e desemboca no presidente João Goulart. De acordo com William Waack,

o PCB nunca teve vida própria. Ele sempre foi uma uma seção da Internacional Comunista. E era assim mesmo que o movimento comunista internacional se entendia nas décadas de 1920 e 1930, como um movimento que instauraria o comunismo no planeta: na Argentina, no Chile, no Brasil, na Alemanha, na Itália, na China, nos Estados Unidos, onde fosse. Todos eles estavam subordinados às diretrizes rígidas de Moscou.⁹⁶¹

Em seguida, é a vez da narração em *off* lembrar da revolta de 1935, que, apesar de ter perdido força na memória anticomunista mais recente, foi basilar para a identidade deste campo político até o golpe de 1964.⁹⁶²

Luiz Carlos Prestes, então residente na União Soviética, voltou clandestinamente para o Brasil com o objetivo de realizar um golpe revolucionário. A primeira tentativa de tomada do poder aconteceu no ano seguinte pela Intentona Comunista. A revolução falha e Prestes e os conspiradores são presos. Poucos anos depois, Prestes se elege como senador.⁹⁶³

Note-se que a produção fala, assim como o Orvil, em “tentativa de tomada do poder”. Depois, Rafael Nogueira tenta emular a perspectiva de um cidadão comum

⁹⁵⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Passados presentes: o golpe de 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 42-44.

⁹⁵⁹ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 49:10.

⁹⁶⁰ MOTTA. *Passados presentes*. *op. cit.* 43-44.

⁹⁶¹ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 21:50.

⁹⁶² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Rio de Janeiro: Eduff, 2020. p. 268-269.

⁹⁶³ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 22:19.

brasileiro na época. A impressão é que, para mobilizar o matiz eventualmente nacionalista da audiência, confundem-se aqui os argumentos apresentados com distância pelo entrevistado com os da própria BP:

Ele foi entrevistado por uma jornalista e a jornalista pergunta para ele: “Só supondo, senador, se houvesse uma guerra entre Brasil e União Soviética, de qual lado o senhor ficaria?” E ele disse: “Olha, eu ficaria do lado da União Soviética, porque a União Soviética representa a classe dos trabalhadores. Não é já uma questão nacional, é uma questão de união de classes. Beleza, não importa a explicação. O que o povo entende? Numa guerra entre Brasil e União Soviética, o cara ficaria contra o Brasil!”⁹⁶⁴

Como vimos ainda no primeiro capítulo, o nacionalismo foi elemento importante na constituição da tradição anticomunista brasileira. Há algo particularmente sensível na ideia de um agente externo infiltrando-se no interior de um corpo supostamente imaculado. Não por acaso, algumas das representações anticomunistas mais populares no Brasil do século XXI foram as que associaram a doutrina marxista a toda sorte de doenças: “chagas horripilantes”, “cancros em supuração”, “intoxicação de ordem geral” e “lepra monstruosa que degrada as almas e corrói o pensamento”, entre outras analogias de teor semelhante.⁹⁶⁵ A apatricidade dos judeus também foi decisiva para que o anticomunismo brasileiro tenha se desenvolvido sobre raízes antissemitas, notadamente durante a primeira grande “onda”.⁹⁶⁶

Além disso, a ligação de personalidades locais com o comunismo internacional é tratada como sinônimo de corrupção, que aqui adquire uma conotação especialmente moral. Andrezej Wojtas é enfático em seu depoimento:

O fato é que grandes intelectuais, escritores, poetas, líderes de movimentos, foram, de fato, pessoas corruptas. Foram pessoas que não somente receberam dinheiro, de uma forma cínica, sem escrúpulos, mas também traíram seu país e sua nação, pois lhe venderam ilusões, com dinheiro estrangeiro.⁹⁶⁷

Enquanto a interferência americana é negada ou ignorada no documentário da Brasil Paralelo, o dedo de Moscou estaria em todos os lugares da política

⁹⁶⁴ *Id, ibid.* 22:39.

⁹⁶⁵ MOTTA. *Em guarda contra o perigo vermelho.* op. cit. p. 79-81.

⁹⁶⁶ *Id, ibid.* p. 81-88.

⁹⁶⁷ 1964 - O Brasil entre armas e livros. op. cit. 34:34.

brasileira, a corrompendo progressivamente. E mais uma vez a produtora recorre ao argumento de que a proscrição do PCB, decretada pelo presidente Dutra em 1947, não teria nenhum efeito prático:

Após as invasões e a imposição do regime totalitário no Leste Europeu, o Brasil rompe relações diplomáticas com a União Soviética e cassa o registro do PCB. Apesar da ilegalidade, a estrutura do partido não foi tocada. Jornais, assim como livros e publicações, corriam livremente. O PCB entrou para a ilegalidade no papel, mas permaneceu na legalidade de fato. Foi nessa legalidade de fato que os agentes soviéticos avançaram na estrutura de poder brasileiro. A conspiração para transformar o Brasil em uma república socialista contava agora com a ajuda internacional.⁹⁶⁸

Nesse processo, nada escaparia, a começar pela própria estruturação do poder. A ideia de que Brasília foi construída para separar a elite política dos cidadãos, por exemplo, um velho argumento antissistema que circulou por correntes de esquerda, foi apropriada pelo documentário para atribuir a manobra à própria esquerda, tomada como sinônimo de autoritarismo. Para Alexandre Borges,

Você tem esse ambiente ideológico muito polarizado, no mundo e no Brasil, em 1955, a eleição do Juscelino Kubitschek, que agrega muitos dos filhos do varguismo e da esquerda. Vai levar, inclusive, à construção de Brasília entregue ao Oscar Niemayer e a um projeto muito esquerdista de poder, de tirar a política, por exemplo, do Rio de Janeiro, de tirar de perto da população e você encomenda um projeto urbanístico de esquerdistas, de stalinistas, para fazer uma capital totalmente de concreto, sem esquinas, com grandes avenidas, com palácios, onde os políticos podem viver numa redoma, numa ilha, distanciados da população, porque eles são esses iluminados que tem uma uma visão inacessível à população, a população não vai entender.⁹⁶⁹

Olavo de Carvalho o complementa:

Por exemplo, se você pega o Palácio do Catete no Rio de Janeiro, o sujeito abriu a porta do Palácio do Catete, ele está na rua, está no meio do povão. Agora em Brasília não, você tem um lago, tem uma distância, tem não sei o que. Quer dizer, o presidente é o inatingível, está no Olimpo. A cidade foi feita pra isto, a concepção dos caras é esta, não se faz isto, a não ser que você tenha um plano na cabeça. E, evidentemente, o Niemayer tinha um plano na cabeça.⁹⁷⁰

⁹⁶⁸ *Id, ibid.* 23:10.

⁹⁶⁹ *Id, ibid.* 36:07.

⁹⁷⁰ *Id, ibid.* 37:00.

Note-se que, em *Entre armas e livros*, o presidente Juscelino é considerado um herdeiro político direto de Vargas — e em alguma medida do comunismo, portanto. Como descrito por Lucas Berlanza,

o poder comunista soviético tinha uma orientação para os comunistas apoiarem, quando eles estavam fragilizados, quando eles não tinham condições de assumir o poder por uma revolta armada, eles tinham orientação para apoiar os governos nacional-populistas. Por isso que houve apoio comunista na eleição de Juscelino.⁹⁷¹

A foto de um brinde entre JK e Fidel Castro é exibida em efetivo negativo quando o jornalista menciona o nome do ex-presidente, enfatizando o tom de denúncia. Como evidência da influência comunista em seu governo, é destacada sua mentalidade econômica desenvolvimentista.⁹⁷² Essa noção também não é novidade. Durante seu mandato, Juscelino encarou pelo menos dois levantes castrenses — malsucedidos, é verdade — com fermentação anticomunista.⁹⁷³

Entre armas e livros, no entanto, admite pelo menos que Jânio Quadros não era um comunista, mas um populista “engraçadinho” que a UDN resolveu apoiar para fazer frente ao nacional-desenvolvimentismo. A famigerada condecoração ao guerrilheiro argentino Che Guevara é mencionada, mas contemporizada diante do comportamento errático do presidente de vida curta em Brasília, que tem a renúncia atribuída à sua megalomania. Mais uma vez, o documentário demonstra alinhamento com Carlos Lacerda, que tem sua versão dos fatos — a de que Jânio o chamou para sondar a possibilidade de governar sem contrapesos — incorporada, o que demonstra identificação significativa com o principal líder civil da oposição ao trabalhismo.⁹⁷⁴

Quando o assunto é João Goulart, a *Brasil Paralelo* adota, até certo ponto, discurso similar ao oferecido pelos grandes jornais da época. Ou seja, o presidente não seria necessariamente ligado ao marxismo, mas teria diversos contatos em comum com lideranças revolucionárias do continente e poderia ser induzido a uma ruptura. Uma charge publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, em agosto de

⁹⁷¹ *Id, ibid.* 43:03.

⁹⁷² *Id, ibid.* 37:31.

⁹⁷³ VICTOR, Fabio. *Poder camuflado: os militares e a política, do fim da ditadura à aliança com Bolsonaro*. Companhia das Letras. São Paulo, 2022. p. 119.

⁹⁷⁴ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 37:59.

1963, ironiza as reformas de base ao mostrar o presidente regando-as num jardim ao mesmo tempo em que, sem perceber que o objeto está furado, faz florescer a foice e o martelo.⁹⁷⁵ Para a produtora, Jango não é exatamente essa personalidade tão inocente, ainda que, em imagem semelhante, Thomas Giulliano tenha dito que a esquerda pretendia cavalgá-lo,⁹⁷⁶ mas o documentário faz algumas ponderações importantes sobre seu papel num eventual golpe de esquerda. Essa esquerda, segundo Puggina:

queria implantar um outro projeto, que não era o do Jango e nem seria jamais com o Jango ou com alguém como o Jango. Era a bola da vez. Mas não era, nunca foi, nunca teve o perfil que a esquerda pretendia para o dia que chegasse ao poder no Brasil. Eles queriam alguém com outro perfil. Esse cara era o Brizola.⁹⁷⁷

De fato um grande agitador e possivelmente o polo mais radical da esquerda no período, Brizola é objeto de grande preocupação na produção. Enquanto as articulações para solução parlamentarista do impasse criado pelos militares diante da renúncia de Jânio são vistas como naturais e até resultado de “razão”, a organização paramilitar do líder petebista para posse de Jango é francamente denunciada.⁹⁷⁸

Mas isso não significa condescendência alguma com Goulart. Sua presença na China quando do momento em que ocorre a renúncia de Jânio é previsivelmente destacada,⁹⁷⁹ embora a produção ignore que os laços diplomáticos com Pequim tenham sido firmados anos depois por Geisel.⁹⁸⁰ No caso de Jango, porém, a aproximação com URSS e China é tomada como “um indicativo de que a esquerda estava se reinventando e essa reinvenção não tinha nada a ver com democracia”, segundo avalia Nogueira.⁹⁸¹ Outro episódio denunciado pela produção é a visita do novo presidente empossado à Tchecoslováquia, “toda monitorada e conduzida pelos agentes da StB”.⁹⁸² Mas, como chefe de Estado, ele também esteve nos EUA, fato tão desprestigiado pelos americanos à época quanto pelo documentário.⁹⁸³

⁹⁷⁵ MOTTA. Em guarda contra o perigo vermelho. *op. cit.* 155-156.

⁹⁷⁶ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 53:51.

⁹⁷⁷ *Id, ibid.* 1:07:11.

⁹⁷⁸ *Id, ibid.* 44:00.

⁹⁷⁹ *Id, ibid.* 42:47.

⁹⁸⁰ MOTTA. Passados presentes. *op. cit.* p. 43.

⁹⁸¹ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 46:55.

⁹⁸² *Id, ibid.* 52:38.

⁹⁸³ MOTTA. Passados presentes. *op. cit.* p. 79-80.

Além de sublinhar as agitações dos movimentos sociais à esquerda, cruciais para delinear o quadro de radicalização política nos anos 1960, a BP também faz questão de apontar o envolvimento pessoal de Goulart com esse processo. Daí o questionamento retórico de Nogueira quando fala sobre sindicalismo: “Agora me diz uma coisa: se você é um presidente que promove greves, paralisações nacionais, você, presidente da república, promove paralisações nacionais para pressionar o Congresso. Isso é democrático?”.⁹⁸⁴ Para Lucas Berlanza, esse é o indicativo de que o presidente “conclui que o único caminho que resta a ele é se juntar com a extrema esquerda”.⁹⁸⁵

Não se trata de minimizar gestos potencialmente autoritários de Goulart, que, entre outras medidas mais do que controversas, pediu em outubro de 1963 autorização do Congresso para decretação de estado de sítio, gesto que a produtora não deixou passar.⁹⁸⁶ No entanto, *Entre armas e livros* confunde duas coisas distintas, como típico das direitas radicais: a opção de Jango pela esquerda, depois de dois anos hesitante entre as diferentes forças políticas em jogo, e um iminente autogolpe de aspiração comunista. Como se as sinalizações cada vez mais explícitas em favor das reformas de base implicassem necessariamente numa agenda revolucionária. Da forma como ocorreu, a própria solicitação para um estado de sítio denota absoluta falta de sintonia entre o presidente e as esquerdas, que foram tão surpreendidas quanto a direita pelo ato intempestivo e, assim como elas, acreditaram que eram o alvo a ser eliminado. O governo, percebendo-se isolado, retirou o pedido e saiu do episódio gravemente desmoralizado.⁹⁸⁷

A grande questão, porém, em termos de nexos causais, é: a ameaça comunista tinha chance mesmo de prosperar no Brasil? Para a *Brasil Paralelo*, não restam dúvidas de que sim. Thomas Giulliano sintetiza o diagnóstico: “Brizola tinha planos de conspirar. Brizola pregava uma ditadura de esquerda e instrumentalizava o próprio Jango para isso. Então todos queriam conspirar. A diferença é que a conspiração que foi exitosa, foi a conspiração do Exército”.⁹⁸⁸

⁹⁸⁴ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 47:46.

⁹⁸⁵ *Id, ibid.* 48:23.

⁹⁸⁶ *Id, ibid.* 53:44.

⁹⁸⁷ NAPOLITANO, Marcos. *História do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 39-40.

⁹⁸⁸ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:06:38.

Como se nota com facilidade, a despeito de suas divergências com os militares, a direita olavista, mais do que relativizar, celebra o golpe de 1964. Durante o capítulo de sete minutos dedicado especificamente ao 31 de Março no documentário, a trilha de suspense é excepcionalmente substituída por uma condução instrumental triunfalista, que adorna a declaração de Silvio Grimaldo: “Nesse momento é que os militares entram, mas com o apoio de toda sociedade. Com vários movimentos articulados. Movimentos civis que sustentaram, a igreja católica, a OAB, a imprensa inteira, a UDN, vários sindicatos que se articularam em apoiar o movimento”.⁹⁸⁹

O jornalista Aristóteles Drummond, aliás, mobilizando o sentimento anticomunista contemporâneo ao mencionar a Venezuela, chega a caracterizar o evento como “revolução”, a exemplo do que fizeram os militares e seus entusiastas durante e depois do regime: “A revolução de 1964 foi feita para deter a nossa caminhada para Havana e para Caracas”.⁹⁹⁰ Para Rafael Nogueira, essa seria uma questão de ordem subjetiva: “E nós temos, então, aí o início do chamado, do ponto de vista dos militares, a revolução. E do ponto de vista da historiografia mais recente e das esquerdas, temos o golpe militar”.⁹⁹¹

Mas o documentário, contrariando expectativas mais intuitivas sobre sua leitura dos acontecimentos do 31 de Março, é majoritariamente fechado com a posição de que o que houve foi de fato um golpe. Afinal, admite que era falso o álibi encontrado pela presidência do Congresso, na famigerada sessão durante a madrugada do dia 2 de abril de 1964, para decretar a vacância do cargo do presidente:

Só que tem um detalhe: Auro de Moura Andrade declarou a vacância do cargo baseado num artigo da construção de 1946 que dizia que o Presidente da República, ausente do país, *do país*, sem comunicado oficial à sede do governo, se ausenta e aí o presidente o Congresso pode declarar que o presidente está impedido.⁹⁹²

Rindo, o jornalista Percival Puggina diz que as tentativas de esclarecimento do governo junto ao parlamento foram ignoradas.⁹⁹³ Luiz Ernani Caminha Giorgis,

⁹⁸⁹ *Id, ibid.* 1:05:43.

⁹⁹⁰ *Id, ibid.* 1:02:21.

⁹⁹¹ *Id, ibid.* 1:07:33.

⁹⁹² *Id, ibid.* 1:03:54.

⁹⁹³ *Id, ibid.* 1:04:15.

vice-presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, ratifica: “Olha só a situação que eles criaram. Ele estava dentro do território nacional. Estava em viagem, mas estava dentro do território nacional. Viajou do Rio para Brasília, e de Brasília para Porto Alegre. Durante o voo de Brasília para Porto Alegre ele foi exonerado do cargo”.⁹⁹⁴ Por fim, ainda que impreciso na data, Lucas Berlanza sentencia, mas não sem relativizar:

Então, do ponto de vista técnico, houve um golpe parlamentar ali dentro daquela sessão, porque a Constituição não pregava aquilo. Foi a solução que as forças políticas encontraram naquele momento para equacionar o problema. É muito fácil a gente julgar as coisas do ponto de vista de hoje, mas tecnicamente houve um golpe em primeiro de abril.⁹⁹⁵

Essa não seria a única vez que a Brasil Paralelo admitiria o cometimento de ilegalidades contra a esquerda no jogo político. No documentário *A direita no Brasil*, por exemplo, Silvio Grimaldo fez questão de destacar os abusos da Operação Lava Jato durante a crise que desaguou no impeachment de Dilma:

Na época, ninguém queria falar contra certos abusos da Lava Jato, porque era para prejudicar o PT. A direita fazia vista grossa para uma série de ações que eram claramente inconstitucionais. A própria liberação do grampo da Dilma, a conversa do Bessias, todo mundo gostou de ouvir. Mas é óbvio que aquilo foi ilegal.⁹⁹⁶

A questão, porém, é que, ao tratar a esquerda como o “mal maior” a ser inadiavelmente evitado, a produtora não perde tempo em anistiar o golpe de 1964. Para a BP, a eclosão de uma guerra civil para provável conversão do Brasil num regime totalitário era questão de tempo: “A sociedade estava toda pronta para o pior e os militares tinham a percepção disso, que o país estava a um passo de entrar numa guerra civil. Então, é nesse momento que os militares entram”, justifica Grimaldo.⁹⁹⁷

⁹⁹⁴ *Id, ibid.* 1:04:29.

⁹⁹⁵ *Id, ibid.* 1:04:49.

⁹⁹⁶ ZANINI, Fábio. Trilogia destrincha ascensão da direita e discute seu futuro após derrota de Bolsonaro. *Folha de S. Paulo*, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://folha.com/bul0ir2k>. Acesso em: 4 dez. 2023.

⁹⁹⁷ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:02:06.

Um elemento importante para compreender a percepção compartilhada pelo documentário sobre o 31 de Março é que, para os olavistas, a derrocada de Jango foi provocada por um movimento fundamentalmente civil. Para Olavo de Carvalho,

O movimento de 1964 não foi um movimento militar. Ele começa com um movimento civil. Os líderes eram, sobretudo, governadores de estado. Os militares foram entrando de pouquinho na coisa. Só que no final, quer dizer, eles se precipitaram. Aliás, eles nem queriam dar o golpe, foi o Mourão Filho que se precipitou e obrigou os outros generais a entrar depois. Eles estavam tudo quietinho no canto, daí o Mourão Filho que era um doidão, botou os tanques na rua, começou a ir em direção ao Rio de Janeiro, daí todos tiveram que se mobilizar.⁹⁹⁸

A despeito do teor crítico aos militares na declaração, é importante para a Brasil Paralelo não caracterizar 1964 como uma quartelada, a exemplo do que ela própria entende sobre a Proclamação da República.⁹⁹⁹ É consenso na narrativa do filme que a destituição de Jango foi resultado do clamor popular. Desta forma, enquanto as articulações da esquerda são tratadas como invasivas e naturalmente corrosivas, sempre de fora para dentro, o “povo” brasileiro é encarado como uma massa uniforme e autêntica sob ameaça, cujas reais aspirações o documentário presume vocalizar. Percival Puggina diz, sobre o famoso comício de Jango em 13 de março de 1964, que “naquela noite, as janelas do Rio de Janeiro tinham todas uma vela acesa. Foi um sinal de protesto da população em relação ao que tinha acontecido na Central do Brasil. Era a nação brasileira comunicando que não gostou do que estava acontecendo”.¹⁰⁰⁰ Ainda, segundo a narração em *off*:

Ao redor de todo o globo, diversos países davam eco a essas manifestações, diziam não ao comunismo. O Brasil também fez parte desse movimento. Os brasileiros assistiam à radicalização intensa que acontecia no país. Preocupados com a democracia e a soberania nacional, o povo decidiu sair às ruas na maior manifestação pública da história do Brasil: a primeira Marcha da Família com Deus pela Liberdade reuniu 500 mil pessoas em São Paulo no dia 19 de março. O nome da marcha e seus cartazes deixaram claro o seu adversário, o risco comunista. As manifestações se espalharam por todo o Brasil.¹⁰⁰¹

⁹⁹⁸ *Id, ibid.* 1:05:10.

⁹⁹⁹ BRASIL PARALELO. 15 de Novembro: a história da Proclamação da República. *YouTube*, 15 nov. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/G877zfAArow>. Acesso em: 4 dez. 2023.

¹⁰⁰⁰ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 56:11.

¹⁰⁰¹ *Id, ibid.* 56:31.

Flavio Morgenstern prossegue no argumento:

Ela é gigantescamente maior do que a Coluna Prestes. Teve um milhão e meio de pessoas na época em que o Brasil tinha menos de um terço da população atual. Quer dizer, você imagina hoje uma marcha com 4 ou 5 milhões de pessoas. Ela foi gigantesca, foi um negócio assim, para falar, “olha, nós não queremos comunista, comunista está fora”.¹⁰⁰²

A seguir, Rafael Nogueira o reforça, relacionando os eventos de 1964 ao Brasil contemporâneo: “‘Jango, pelo amor de Deus, ninguém quer esse cara’. Tem fotografias de jornais de Santos, das pessoas dizendo ‘Santos contra Cuba’, ‘Santos contra o comunismo’, sério, é esse tipo de cartaz. ‘No Brasil, a cor da bandeira é verde-amarela’, isso não é novo”.¹⁰⁰³ Aristóteles Drummond, um dos mais empolgados com o golpe, relembra o apoio dos meios de comunicação à ruptura, encarada como uma mera contraofensiva: “E eles se reuniram. A rádio Jornal do Brasil, rádio Tupi e a rádio Globo e aí vieram as estações do interior, aderiram a este programa diário, defendendo a democracia e alertando para o golpe que as esquerdas planejavam com o apoio do presidente João Goulart”.¹⁰⁰⁴ Em síntese, nos termos do jornalista Fernão Mesquita: “O Brasil inteiro estava a favor de 1964. Toda a imprensa, Igreja, todo mundo”.¹⁰⁰⁵

As entrevistas então dão lugar a imagens de arquivo narradas por Cid Moreira, que reforça a ideia de clamor popular pelo golpe:

E o Brasil sofria uma de suas piores crises: greves sobre greves; ameaça de guerra civil; caos quase incontrolável; deterioração econômica e financeira; indisciplina invadindo os quartéis; inflação galopante, forçando para o alto praticamente a cada semana os preços de tudo. Foram momentos terríveis. O mundo, num de seus melhores períodos de prosperidade, e o Brasil, uma triste presença entre as exceções. Apontado como devedor difícil, de chapéu na mão, mendigando apoio. Falava-se em matar, em fuzilar, em destruir. A união de pelegos e comunistas afiava suas armas. E tudo indica que nos próximos dias ou nas próximas horas, brasileiros se lançariam contra brasileiros, no norte e no nordeste, no sul nas cidades, no campo, em toda parte. Foi no último instante, quase no momento derradeiro e, quando o país estava à beira da guerra civil, quase em pleno caos, alguma coisa aconteceu e as Forças Armadas, elas próprias, mais do que ameaçadas, foram chamadas,

¹⁰⁰² *Id, ibid.* 57:08.

¹⁰⁰³ *Id, ibid.* 57:33.

¹⁰⁰⁴ *Id, ibid.* 57:52.

¹⁰⁰⁵ *Id, ibid.* 58:18.

praticamente intimadas, a cumprir a missão que o momento lhes impunha, restabelecendo a ordem e livrando o país dos trapos vermelhos que ameaçavam sufocá-lo.¹⁰⁰⁶

Legendado como uma “reportagem apresentada por Cid Moreira sobre os acontecimentos de março de 1964, o trecho reproduzido é na verdade do documentário *Brasil: ontem, hoje, amanhã*,¹⁰⁰⁷ exibido no programa *Amaral Netto, o Repórter*, da *TV Globo*, em 1975. Essa informação, potencialmente desabonadora para o olavismo, porque contradiz a tese de infiltração do “marxismo cultural”, foi omitida pela *Brasil Paralelo* — a despeito da ambiguidade de sua relação com os públicos dominantes, como vimos. Profundamente laudatório do golpe, esse filme chegou a ter seu conteúdo parcialmente copiado em mensagem de vídeo compartilhada pelo canal de WhatsApp do Serviço de Comunicação da Presidência na primeira efeméride do 31 de Março durante o governo Bolsonaro. A locução de Moreira e a exibição da peça na *Globo* são incontroversas, mas há dúvidas sobre a exata origem dessa produção.¹⁰⁰⁸ Seja como for, o discurso oficial comemorativo dos 11 anos de ruptura institucional foi simplesmente incorporado por *Entre armas e livros* como parte de sua narrativa, sem qualquer afastamento crítico.

Outra evidência que a produtora utiliza para sustentar a ideia de que o golpe teve respaldo popular inequívoco é a ausência de resistência. Nos termos de Aristóteles Drummond, “não houve a menor reação, porque a revolução já se consolidou naquelas 24 horas”.¹⁰⁰⁹ Percival Puggina o corrobora: “Nenhuma resistência, nenhum movimento da esquerda, nem o próprio Partido Trabalhista Brasileiro, que era o partido do presidente, em momento algum, nos anos subsequentes, pediu a volta do Jango ao poder. Não houve nenhuma solicitação de restauração”.¹⁰¹⁰

Mesmo admitindo a possibilidade de um banho de sangue em caso de intransigência trabalhista diante do golpismo militar,¹⁰¹¹ a mesma *Brasil Paralelo* que havia tomado a resiliência de Dom Pedro II em 1889 como “frieza, temendo revoltas

¹⁰⁰⁶ *Id, ibid.* 58:26.

¹⁰⁰⁷ DITADURAEPROPAGANDA. *Brasil: Ontem, hoje e amanhã*. *YouTube*, 3 jul. 2013. Disponível em: <https://youtu.be/HzD3muJcUSE>. Acesso em: 5 dez. 2023.

¹⁰⁰⁸ FANJUL, Adrián Pablo. “Num dia comum de hoje”: transfigurações entre discursos de reivindicação da ditadura em 1975 e em 2019. *Fragmentum*, Santa Maria, v. 54, p. 71-94, jul./dez. 2019.

¹⁰⁰⁹ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:06:15.

¹⁰¹⁰ *Id, ibid.* 1:06:54.

¹⁰¹¹ *Id, ibid.* 1:01:27.

populares em apoio a Dom Pedro e à monarquia” e “justamente para não criar uma guerra fratricida”,¹⁰¹² encara a de Jango como covardia, ao menos de acordo com Luiz Giorgis e Rafael Nogueira. O primeiro diz que “o Brizola era deputado federal. Por que ele não voltou para Brasília? Ele tinha imunidade parlamentar. E o Goulart, por que ele não pegou um avião e não foi para Brasília e chegou lá e ‘eu tô aqui, ó’?. Não, os dois resolveram fugir”.¹⁰¹³ Para o segundo, “ele [Jango] ficou com medo”.¹⁰¹⁴

De todo modo, a voz do “povo” se fez ouvir para além do que supõe o documentário e revela disposições bastante heterogêneas e, em alguma medida, surpreendentes. Pode-se dizer, em síntese, que, como vimos até aqui, *Entre armas e livros* atribui a rejeição dos brasileiros a Jango graças ao seu projeto esquerdista de poder, representado através das reformas de base e da aproximação com os comunistas e radicais nacionalistas como Brizola.

Em seu *Passados presentes*, Rodrigo Patto Sá Motta apresenta um importante levantamento sobre o que se sabe até agora a respeito do tema, a partir das fontes disponíveis. Cumpre destacar, em primeiro lugar, que, embora presumivelmente menor do que a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, o comício na Central do Brasil foi uma grande demonstração de força do presidente, independente do julgamento de valor que possa haver sobre sua agenda. Além disso, pouco se sabe até aqui sobre o número real de participantes, costumeiramente inflados pelos seus entusiastas de lado a lado. Mas não há muitas dúvidas sobre o recorte de classe/grupo social nas mobilizações, que, a despeito das intersecções, dispuseram os mais pobres com Jango e os mais ricos com a oposição, que tinha todos os grandes jornais a seu favor.¹⁰¹⁵

Apesar dos seus muitos limites, outra ferramenta importante para perceber a mentalidade da época são as pesquisas de opinião. Uma enquete do Ibope realizada entre 20 e 30 de março de 1964, por exemplo, aferiu a aprovação ao governo João Goulart em 42% entre os paulistanos, mais que o dobro dos que o rejeitavam. Sobre as reformas de base, a mesma pesquisa encontrou apenas 7% que as consideravam desnecessárias, ao passo que 79% as viam como

¹⁰¹² BRASIL PARALELO. Capítulo 5 - O Último Reinado | Brasil - A Última Cruzada. *YouTube*, 22 mar. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/J8hnQcNyoXU>. Acesso em 5 dez. 2023. 1:07:53 e 1:11:26

¹⁰¹³ 1964 - O Brasil entre armas e livros. *op. cit.* 1:06:24.

¹⁰¹⁴ *Id, ibid.* 1:01:27.

¹⁰¹⁵ MOTTA. *Passados presentes. op. cit.* p. 127-128.

necessárias, sendo que 40% do total ainda diziam ser urgentes. Realizado em várias capitais, outro levantamento assinalou 70% de apoio específico à reforma agrária. A única reforma malquista era a que permitia o voto de analfabetos, com 49% de oposição.¹⁰¹⁶

Possivelmente pela mesma razão — ou seja, a rejeição à esquerda —, 80% dos paulistanos eram contra a legalização do PCB, índice muito expressivo. 68% ainda consideravam o comunismo um “perigo”, mesmo que estes tenham se diluído entre uma pequena maioria que dizia se tratar de um perigo imediato e aqueles que o imaginavam apenas no futuro. No entanto, os dados de São Paulo revelam que mais da metade atribuía as medidas do presidente neste período como de interesse público, enquanto somente 10% diziam tratar-se de demagogia eleitoral e 16% viam nelas o caminho para a instauração de um regime comunista.¹⁰¹⁷ Uma possível conclusão para esse aparente paradoxo é que os cidadãos não percebiam as reformas de base e a administração de Jango como comunistas, mas simplesmente nacionalistas ou socialmente justas.

Em maio de 1964, já sob o governo Castelo Branco, o instituto voltou a campo e os números mostram uma importante inflexão. 54% dos paulistanos já avaliavam a queda de Goulart como benéfica, ante 20% de contrários e 26% de indecisos. Segundo a mesma enquete, 34% diziam que o chefe do Executivo caiu porque estava levando o país para o comunismo e 21% porque queria fechar o Congresso e converter-se num ditador, ao passo que somente 17% tiveram como diagnóstico a ideia de que ricos e poderosos o teriam derrubado por terem seus interesses contrariados. Também importa saber que, entre as classes A e B, o índice de apoio ao golpe e o temor de uma escalada comunista eram substancialmente maiores. Entre as hipóteses para essa virada, estão a possível falta de medição das opiniões no calor dos episódios derradeiros do governo deposto e o embalo da vitória militar — amplamente celebrada pelos meios de comunicação —, que pode ter convertido de última hora os menos convictos. É fato que o apoio à ruptura institucional aumentou, mas ainda longe de ser uma unanimidade, no entanto.¹⁰¹⁸

¹⁰¹⁶ *Id, ibid.* 129-130.

¹⁰¹⁷ *Id, ibid.* 130-131.

¹⁰¹⁸ *Id, ibid.* 131-134.

Um exercício curioso é comprar estes números com os de hoje. Em junho de 2023, já no meio do primeiro ano de terceiro governo Lula, o instituto Datafolha foi a campo para medir alguns valores importantes do eleitorado brasileiro e descobriu que, para 52% dos brasileiros, o país correria risco, total ou parcial, de se tornar comunista. 36% ainda disseram que, de alguma forma, a ditadura trouxe benefícios para o Brasil. Ao todo, foram ouvidas 2.010 pessoas com mais de 16 anos em 112 municípios.¹⁰¹⁹ É sem dúvidas mirando esta percepção, especialmente sobre a “ameaça comunista”, que a Brasil Paralelo se insere no debate público contemporâneo.

Seja como for, pode-se argumentar, compreensivelmente, que os dados de maio de 1964 não são confiáveis, seja porque os entrevistados se sentiriam intimidados ou porque os militares, com sua verve autoritária, os teriam manipulado para legitimar-se no poder. Mas, destaca Motta, não há razões para acreditar nisso, considerando que a maioria dos resultados de outros levantamentos contrariava os interesses da caserna e que as enquetes não eram divulgadas para o público, servindo provavelmente para formulação de estratégias de governo e para consulta prévia face a alguma medida controversa. Por outro lado, também não seria razoável tomar esses números como expressão cristalina da realidade. Essas pesquisas, além de concentrarem-se apenas nas grandes capitais, possivelmente mais progressistas que o interior e o campo, também apresentam algum risco de indução — como na pergunta que já no seu enunciado considera o comunismo um risco — e tendem à volatilidade.¹⁰²⁰ Mesmo assim, a recusa da Brasil Paralelo em encarar esses dados revela sua baixa disposição em confrontar-se com a realidade a partir de suas nuances para, em vez disso, apostar numa interpretação dada a priori por sua forma de rejeitar a esquerda.

O antagonismo da produtora aos públicos dominantes também foi decisivo para que ela não apenas relativizasse o golpe militar, como em alguma medida ocorreu com a memória hegemônica do período, mas o celebrasse, com direito à orquestração triunfal, à parcial incorporação do léxico vencedor — quando um dos entrevistados fala em “revolução” — ou à justificação da arbitrariedade que derrubou Goulart, à omissão de diversas passagens que ajudariam a compor um quadro mais

¹⁰¹⁹ GIELOW, Igor. Datafolha: 52% acham que Brasil corre risco de virar comunista. *Folha de S. Paulo*, 1 jul. 2023. Disponível em: <https://folha.com/esk3x6lt>. Acesso em: 2 mar. 2024.

¹⁰²⁰ MOTTA. *Passados presentes. op. cit.* p. 128-129.

completo do contexto de Guerra Fria e mesmo à distorção de alguns eventos importantes às vésperas da ruptura. Sem exagero, é possível dizer que o que faz *Entre armas e livros* neste tópico, assim como em diversos outros, é requentar e atualizar os preceitos da memória militar que tratou o 31 de Março como o atendimento voluntarioso ao chamado do “povo”, tido como uma entidade orgânica e coesa, contra a ameaça comunista — previsivelmente superestimada.

A Brasil Paralelo, nesse intento, ignora algumas importantes lideranças civis do golpe que, a exemplo do deputado e empresário João Calmon, rapidamente admitiriam que o fantasma da revolução bolchevique em terras brasileiras era maior do que se imaginava. Com a robustez da campanha de desestabilização promovida pela direita durante o governo Goulart, é escusável que diversos atores da época tenham levado a sério o alerta de um iminente levante das esquerdas, mas, à luz do tempo, a reprodução acrítica da propaganda militar sobre seu próprio desempenho no jogo político de 1964 chega a soar risível. Em 1963, na ilegalidade, o PCB tinha entre 25 e 40 mil militantes em 1963 e não mais do que 11 (entre mais de 400) deputados, de acordo com órgãos de inteligência americanos. Relacionar trabalhistas, nacional-desenvolvimentistas e até cristãos socialistas ao comunismo, a despeito de suas eventuais conexões, é só uma forma de inflar a dimensão dos vermelhos.¹⁰²¹

Ainda que o nacionalismo não pareça ser estruturante do pensamento olavista, ao menos nos moldes das *far-right* identitárias do hemisfério norte, como vimos ainda no início deste trabalho, a Brasil Paralelo não se furta a mobilizá-lo para sensibilizar sua audiência, significativamente composta por bolsonaristas e conservadores ou reacionários correligionários, para quem esse matiz anticomunista é em alguma medida relevante. Esse esforço envolve uma estratégia discursiva que relaciona o comunismo a alguma manipulação estrangeira, destrutiva por natureza. Evidentemente, era intensa a interlocução de algumas lideranças locais com agentes do exterior, inclusive soviéticos. Mas tratar Jango como mero ventríloquo de Moscou é ignorar as dinâmicas e vicissitudes de uma realidade intrincada e cheia de ambiguidades.

1964 - O Brasil entre armas e livros começa e termina denunciando a invasão soviética no Brasil, seja pela força militar ou pela força da propaganda.

¹⁰²¹ *Id, ibid.* p. 36-45.

Ironicamente, seu último *frame* apresenta uma frase de impacto falsamente atribuída a George Orwell:¹⁰²² “Num tempo de engano universal, dizer a verdade é um ato revolucionário”.¹⁰²³ Ela também já apareceu diversas vezes como assinada por Antonio Gramsci e Ho Chi Minh¹⁰²⁴ — todos comunistas.

¹⁰²² PACHECO, Clarissa. George Orwell não é o autor de frase sobre ‘mentiras universais’. *O Estado de S. Paulo*, 3 mar. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/george-orwell-mentira-verdade-ato-revolucionario/>. Acesso em: 9 dez. 2023.

¹⁰²³ 1964 - O Brasil entre armas e livros. 2:05:51.

¹⁰²⁴ FERRAZ, Lucas. *Injustiçados*: execuções de militantes nos tribunais revolucionários durante a ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 21.

20. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE FAZER?

No dia em que redijo estas linhas, o economista Javier Gerardo Milei toma posse como 52º presidente da República Argentina. Sua ascensão representa um forte abalo numa máxima que desde os anos 1990 circulou entre acadêmicos e militantes por justiça de transição no Cone Sul, que garantia que a punição a agentes da repressão funcionaria como antídoto, a um só tempo, contra a extrema direita e contra revisionismos “nefastos” ou “problemáticos/ideológicos” da ditadura. Numa entrevista de 2022 para a BBC News Brasil, a historiadora argentina Marina Franco, questionada sobre quais seriam “as consequências desse processo de memória limitado e a justiça de transição frouxa do Brasil no pós-ditadura”, respondeu sem pestanejar: “numa palavra, Bolsonaro”.¹⁰²⁵

Pode-se argumentar, claro, que Milei não é Bolsonaro. Mas tratar-se-ia de um truísmo: ninguém é igual a ninguém. Projetado sob os preceitos libertarianos, de defesa radical do livre mercado e da liberdade individual, o novo presidente argentino foi se aproximando, no entanto, da agenda conservadora. E seus eleitores também. De acordo com os resultados de uma pesquisa feita em conjunto pelo Monitor do Debate Político, da USP, e da Universidade de Lanús, apoiadores de Milei convergem com os apoiadores resilientes de Bolsonaro em diversas pautas importantes.

Por exemplo, para 87% dos mileistas e 82% dos bolsonaristas, “auxílios do governo desestimulam as pessoas a trabalhar”. Ambos também concordam majoritariamente com a ideia de que leis trabalhistas “mais atrapalham o crescimento das empresas do que protegem os trabalhadores” e que o Estado “não deve pagar por todas as necessidades do povo”. Como o discurso de fraude nas urnas chegou mais tarde na Argentina — e Milei venceu os únicos pleitos que disputou —, pode ser que ainda não tenha dado tempo de incorporá-lo tanto quanto a direita o incorporou no Brasil. Mas ainda assim os números são alarmantes: só 28% dos entusiastas conservadores em Buenos Aires confiavam no sistema eleitoral, ante 6% de bolsonaristas.¹⁰²⁶

¹⁰²⁵ MOTA, Camilla Veras. Brasil é país que menos julgou e puniu crimes da ditadura na região, diz historiadora argentina. *BBC News Brasil*, 24 abr. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-61171113>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹⁰²⁶ AZEVEDO, Luis Felipe. Levantamento aponta o que eleitores de Milei e Bolsonaro têm em comum. *O Globo*, 28 nov. 2023. Disponível em:

E não para por aí. Para as duas direitas, “os direitos humanos atrapalham o crime”; “na escola se ensinam temas que contrariam os valores da família”; e “os artistas não respeitam os valores morais da nação” (“apenas” 49% no caso argentino e 78% no brasileiro). Impressionantes 96% e 98% de mileistas e bolsonaristas, respectivamente, também dizem que “a internet permite descobrir verdades que os jornais e a TV querem esconder”. Como chamou atenção Pablo Ortellado, coordenador do levantamento, a semelhança entre os dois grupos é ainda mais notável se se considerar que a nova direita argentina é mais recente e de perfil bem mais jovem. Trata-se, segundo o pesquisador, “da consolidação de uma nova direita bem assentada no combo liberal-conservador”.¹⁰²⁷ A Brasil Paralelo, muito entusiasmada com a candidatura de Milei, chegou a investir quase R\$ 10.000,00 em anúncios na Meta às vésperas da eleição.¹⁰²⁸

De acordo com esses números e tantas outras medições similares, é possível concluir que Leticia Cesarino estava certa: a crise é das ciências — ou dos experts, como ponderou Tatiana Roque —, mas também e sobretudo das democracias. O fato de a Argentina ter sido exemplo para a região em termos de justiça de transição não impediu que a extrema direita voltasse ao poder, nem que ganhasse tração outra memória da ditadura. Por trás da candidatura de Milei esteve Alberto Benegas Lynch, cujo pai foi pioneiro na disseminação das ideias de Mises e Hayek na Argentina e apoiador de Videla e Pinochet.¹⁰²⁹ No fim da campanha, ele prometeu romper relações com o Vaticano, ecoando a histórica rejeição da direita à Teologia da Libertação.¹⁰³⁰

<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/11/28/levantamento-aponta-o-que-apoiadores-de-milei-e-bolsonaro-tem-em-comum.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹⁰²⁷ ORTELLADO, Pablo. Combo liberal-conservador é o mesmo na Argentina e no Brasil. *O Globo*, 2 dez. 2023. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/opiniao/pablo-ortellado/coluna/2023/12/combo-liberal-conservador-e-o-mesmo-na-argentina-e-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹⁰²⁸ VALDRÉ, Vinícius; GALZO, Wesley. Brasil Paralelo ‘bombou’ documentário pró-Milei com propaganda vista 1,7 milhão de vezes. *O Estado de S. Paulo*, 21 out. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/coluna-do-estadao/brasil-paralelo-bombou-documentario-pro-milei-com-propaganda-vista-17-milhao-de-vezes/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

¹⁰²⁹ QUIÉNES son y cómo piensan los Benegas Lynch, los “próceres” de Javier Milei. *Página 12*, 17 ago. 2023. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/579851-quienes-son-y-como-piensan-los-benegas-lynch-los-proceres-d> e. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹⁰³⁰ LAMBERTUCCI, Constanza. Una propuesta para romper relaciones con el Vaticano agita la ultraderecha argentina. *El País*, 19 out. 2023. Disponível em: <https://elpais.com/argentina/2023-10-19/la-ultraderecha-argentina-propone-romper-relaciones-con-el-vaticano.html>. Acesso em: 10 dez. 2023.

Javier Milei também provocou grande polêmica ao questionar a cifra de 30 mil desaparecidos políticos, estimada por organizações de direitos humanos.¹⁰³¹ Ele prefere os pouco mais de oito mil, conforme os primeiros levantamentos do novo período democrático e assumidamente subestimados. A ditadura argentina deve ter sido a mais sanguinária da América Latina¹⁰³² e a querela diz muito por si. Diferentemente do caso brasileiro, em que os desaparecidos são listados um a um no relatório da Comissão Nacional da Verdade, por lá esse trabalho é muito mais delicado.

Essa polêmica não é exatamente nova. Em 2016, o ministro da Cultura de Buenos Aires, Darío Lopérfido, disse que “não houve 30 mil desaparecidos na Argentina. Esse número foi acertado em uma mesa”. O governo Macri, receoso da repercussão, entrou em cena para temporizar.¹⁰³³ Esse não parece que será o caso de Milei. Sua candidata a vice é Victoria Villarruel, filha de militar que preside desde 2006 o Centro de Estudios Legales sobre el Terrorismo y sus Víctimas (CELTYV), entidade porta-voz de das demandas de militares e seus familiares e que frequentemente homenageia vítimas da luta armada. Villarruel também disse que as mães e avós da Praça de Maio, referência na busca por desaparecidos políticos no continente, “não são pombas brancas”. Como deputada, criou projeto de lei que busca estabelecer o “Dia Nacional das Vítimas do Terrorismo na Argentina”. Ela também escreveu os livros *Los llaman-- ‘jóvenes idealistas’: la guerra revolucionaria en la Argentina: historias de crímenes silenciados y de víctimas sin reparación* e *Los otros muertos: las víctimas civiles del terrorismo guerrillero de los 70*.¹⁰³⁴

A extrema esquerda argentina de fato foi também muito mais letal do que a brasileira, tendo promovido atentados mesmo após a redemocratização.¹⁰³⁵ Com o

¹⁰³¹ BARBON, Júlia. Milei diz em debate que não houve 30 mil desaparecidos na ditadura argentina. *Folha de S. Paulo*, 2 out. 2023. Disponível em: <https://folha.com/tmakizn8>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹⁰³² PALÁCIOS, Ariel. Os 47 anos da ditadura mais sanguinária do século XX na América do Sul. *CBN*, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/403873/os-47-anos-da-ditadura-mais-sangrenta-da-historia-.htm>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹⁰³³ CUÉ, Carlos. Polêmica na Argentina pelos dados sobre desaparecidos da ditadura. *El País Brasil*, 28 jan. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/27/internacional/1453931104_458651.html. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹⁰³⁴ CASTRO, Manuela. Eleições argentinas: quem é Victoria Villarruel, vice na chapa do ultradireitista Javier Milei. *CNN Brasil*, 14 ago. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eleicoes-argentinas-quem-e-victoria-villarruel-vice-na-chapa-do-ultradireitista-javier-milei/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

¹⁰³⁵ A exemplo da tentativa de tomada do 3º Regimento de Infantaria Mecanizado, em La Tablada, pelo Movimento Todos Pela Pátria, em 1989. SANTOS, Eduardo Heleno de Jesus. Grupos de

objetivo de lançar luz sobre as mortes provocadas por ela e reabilitar a imagem dos agentes que atuaram na repressão, surgiram, já a partir de 1984, grupos de pressão formados por militares da reserva. O primeiro foi o Familiares y Amigos de los Muertos por la Subversión (FAMUS), formado ainda no governo de Raul Alfonsín, da União Cívica Radical (UCR). Até o governo Néstor Kirchner surgiram mais cinco.¹⁰³⁶

Com a revolução digital, outros grupos apareceram, encabeçados também por civis identificados ou relacionados com militares. É o caso da AFyAPPA - Asociación de Familiares y Amigos de los Presos Políticos de la Argentina (<https://afyappa.blogspot.com/>). A exemplo das novas direitas brasileiras congregadas em torno do bolsonarismo, ele inverte a lógica das organizações de direitos humanos para fazer dos agentes da repressão na ditadura os verdadeiros presos políticos. Essa estratégia dá uma aura antissistema e (paradoxalmente) subversiva para o movimento. Filho de um tenente-coronel da reserva condenado à prisão perpétua em 2010, Aníbal Guevara diz que, em caso de vitória de Milei, "sería esperable que el trabajo de CELTYV se incorpore a las políticas de memoria, incluyendo el reconocimiento a las víctimas de la violencia política y las organizaciones armadas". Ele é um dos fundadores da associação Hijos y Nietos de Presos Políticos.¹⁰³⁷

Eventos de grande impacto no presente também ensejam analogias com o passado, como nesta carta, repercutida pela AFyAPPA,¹⁰³⁸ de uma leitora do La Nación sobre a incursão israelense de 2023 em Gaza:

Lo que está pasando en Israel, si hubiese ocurrido en nuestro país, las Fuerzas Armadas argentinas estarían atadas de manos, ya que es una acción violenta trasnacional (terrorismo) y no de un ejército regular. No podrían hacer nada, solo apoyo logístico a la policía. Por otro lado, si Israel en cuarenta años tuviera políticos descendientes de las organizaciones terroristas Montoneros o ERP, los israelíes que combatieron a Hamas enfrentarían juicios y cárcel por defender a su pueblo. La Argentina, único país donde la pared orina al perro.¹⁰³⁹

pressão política formados por militares da reserva no Mercosul. 321 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. p. 31.

¹⁰³⁶ *Id, ibid.* p. 22-65.

¹⁰³⁷ ARCOMANO, Raúl. El multiverso negacionista: cómo es el entramado de "memoria completa" que se entusiasma con un gobierno de Milei. *eIDiarioAR*, 17 set. 2023. Disponível em: https://www.eldiarioar.com/politica/multiverso-negacionista-entramado-memoria-completa-entusiasmo-gobierno-milei_1_10519179.html. Acesso em: 29 dez. 2023.

¹⁰³⁸ AFyAPPA. *Twitter*, 16 out. 2023. Disponível em: <https://twitter.com/FyAppa/status/171392871205016398>. Acesso em: 29 dez. 2023.

¹⁰³⁹ CARTAS de lectores. Gira; demoras al votar; tema salud, ausente. *La Nación*, 16 out. 2023. Disponível em:

É flagrante a expectativa de que muitos desses ativistas ocupem cargos no governo e deem outro rumo para as políticas de memória no país. Por outro lado, a reação dos públicos dominantes na Argentina tem sido quase unânime em qualificar esses movimentos como negacionistas. Mas há gradações, como aqueles que não se opõem à punição aos militares, mas defendem também punição aos guerrilheiros e exigem indenização às suas vítimas. Cabe lembrar que a famosa "teoria dos dois demônios", evocada por aqui principalmente em meio à efeméride de 40 anos do golpe, veio da Argentina. Entre esses grupos, fala-se muito em uma "história completa" em oposição à "história oficial", tida como parcial e tendenciosa,¹⁰⁴⁰ argumento muito mobilizado, como vimos, pelos militares brasileiros durante a Comissão da Verdade.

O revisionismo de Milei e mesmo de Villarruel é fichinha perto do de Bolsonaro. No entanto, se havia algum consenso na Argentina quanto a seu passado traumático mais recente, não restam dúvidas de que ele foi mais ameaçado do que nunca. É bem provável que, poucos anos atrás, uma candidatura similar fosse de antemão inviabilizada, graças à sensibilidade do tema. Mas não em 2023.

Descartada a hipótese da justiça de transição, indiscutivelmente exemplar na Argentina, pode-se pensar em alternativas. Há quem defenda, por exemplo, que a atual onda revisionista é resultado da hegemonia dos "pós-modernos" na academia. Por mais sedutora que seja essa hipótese, é um pouco difícil imaginar que o mundo esteja assim porque as pessoas passaram a ler muito Derrida. Ironias à parte: existe, afinal, algum antídoto contra o negacionismo histórico e contra a extrema direita?

Não é de agora que os consensos democráticos do pós-guerra são estremecidos. De 1945 para cá, já se somam quatro ondas de extrema direita, como esquadrinhou Cas Mudde. A de hoje, no entanto, aparentemente veio para ficar. E todos aqueles países que se disseram imunes ao fenômeno, como EUA, Inglaterra, Holanda, Suécia, Alemanha e Espanha, cada um a seu modo, testemunharam a ascensão de ao menos algum partido de direita radical. Para Mudde, os que ainda

<https://www.lanacion.com.ar/opinion/carta-de-lectores/cartas-de-lectores-gira-demoras-al-votar-tema-salud-ausente-nid16102023/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

¹⁰⁴⁰ ARCOMANO. *op. cit.*

não experimentaram nada do tipo têm demanda sólida e estão apenas à espera de uma oferta à altura.¹⁰⁴¹

A heterogeneidade desses movimentos também impede a formatação de uma resposta única para a legítima e inevitável inquietação de setores da sociedade civil quanto aos rumos de seus pactos democráticos. “Por exemplo”, diz Mudde, “lidar com um partido de um homem só (PVV) ou com um partido de massa (BJP) exige respostas profundamente diferentes”.¹⁰⁴² Convém sublinhar, além disso, que nem todas essas expressões são necessariamente autoritárias e violentas. Dado que esse é um fenômeno perene, convém reformular a pergunta original: *como* lidar, então, com o negacionismo histórico e a extrema direita? É inevitável que eu a ouça ao final de toda apresentação acadêmica. O diagnóstico está mais ou menos claro. Mas o que fazer?

Como toda questão difícil, talvez seja imperativo começar a responder por eliminação, destacando e subtraindo o que *não* fazer. Primeiro, por esses motivos, parece importante não generalizar. Manifestantes contra o passaporte vacinal de Porto Alegre não são nazistas da década de 1930. Para compreender as novas direitas, inclusive as radicais, não basta ler sobre seus precedentes históricos. Uma pesquisa Genial/Quaest às vésperas do segundo turno de 2022 revela que há vários eleitores de Bolsonaro. Com ele, estiveram “empreendedores”, que representam cerca de 4% do eleitorado; “conservadores cristãos”, que são expressivos 29%; identificados com o “agro” (14%); e somente 2% de fascistas, absolutamente intolerantes com a esquerda, preconceituosos, racistas e defensores de uma guinada autoritária capitaneada por Bolsonaro.¹⁰⁴³

Esse levantamento é fundamental para mostrar que, no interior das novas direitas brasileiras, mesmo aquelas congregadas em torno de um único candidato — que de fato tem inclinações autoritárias —, existem várias facetas e que demandam, portanto, várias abordagens distintas. Numa coluna de julho de 2023, Fernando Gabeira dá uma boa dica:

O terraplanismo, por exemplo, é apenas ignorância e deve ser tratado pedagogicamente. Já o movimento antivacina entra numa área mais

¹⁰⁴¹ MUDDE, Cas. *A extrema direita hoje*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022. p. 189-191.

¹⁰⁴² *Id, ibid.* p. 192.

¹⁰⁴³ NUNES, Felipe; TRAUMANN, Thomas. *Biografia do abismo: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2023. p. 123-128.

cinza: é ignorância científica, mas não tão inofensivo como o terraplanismo. Um presidente que se coloca contra a vacina merece uma avaliação distinta e mais severa que um homem comum que acredita que Bill Gates vai inocular um vírus no seu organismo.¹⁰⁴⁴

Os diferentes tipos nocivos de revisionismo ou negacionismo histórico apresentam desafios similares e ocupam, aparentemente, espaço intermediário nessa escala que vai do terraplanista ao líder antivax. Por um lado, não interferem diretamente na saúde pública, colocando em risco quase imediato a vida de seus compatriotas. Por outro, entretanto, podem subsidiar novas incursões autoritárias no presente, a exemplo do negacionismo do holocausto, que tem grande correlação com um intento judeucida nos dias de hoje. Nem é preciso ir tão longe. Nenhum brasileiro razoável duvida que os bolsonaristas tentaram um golpe de Estado entre 2022 e 2023. No seu repertório, estão a desconfiança sobre o sistema eleitoral, a rejeição à imprensa profissional, a profunda ojeriza à esquerda e também uma visão idealizada sobre o regime militar. Mas o risco de transformar a história em dogma e, assim, sufocar revisões fecundas, imprescindíveis para a atividade historiográfica, é grande demais para que se aposte alto na criminalização de ideias. Isso sem contar, evidentemente, os princípios democráticos em jogo.

Nos últimos anos, pode-se dizer, sem sombra de dúvidas, que a esquerda brasileira foi vítima de um caso grave de *lawfare*. Ele atingiu grandes lideranças, mas também personalidades de porte médio. Impossível não lembrar de Luiz Carlos Cancellier, reitor da UFSC que encontrou a saída mais extrema para a devassa que procuradores fizeram sobre sua vida.¹⁰⁴⁵ Revoltada com os escândalos de corrupção, a sociedade civil foi condescendente com os abusos cometidos pela Operação Lava Jato, que recorreu a métodos pouco republicanos para aplacar a justificada sensação de impunidade num país chacoalhado pela revolução digital.

Mas o antilavajatismo, por sua vez, tem produzido aberrações inomináveis.¹⁰⁴⁶ E, a pretexto de defender a democracia brasileira, indiscutivelmente

¹⁰⁴⁴ GABEIRA, Fernando. Os caminhos da polarização. *O Estado de S. Paulo*, 21 jul. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opiniao/fernando-gabeira/os-caminhos-da-polarizacao/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

¹⁰⁴⁵ PINOTTI, Fernanda. Quem foi Luiz Carlos Cancellier, reitor homenageado por Lula. *CNN Brasil*, 19 jan. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/quem-foi-luiz-carlos-cancellier-reitor-homenageado-por-lula/>. Acesso em: 30 dez. 2023.

¹⁰⁴⁶ A exemplo da recente decisão de Dias Toffoli que julgou procedente ação peticionada pelo escritório de advocacia da própria esposa para suspender multa bilionária de acordo de leniência da J&F. PIRES, Breno. Toffoli suspende multa bilionária do acordo de leniência da J&F. *piauí*, 20 dez.

vilipendiada recentemente, o Supremo Tribunal Federal também ampliou seus poderes, atropelou prerrogativas constitucionais e colocou no mesmo pacote instigadores da erosão democrática, golpistas inveterados, “tiozões de zap” com opiniões antidemocráticas e jovens defensores da liberdade irrestrita de opinião.¹⁰⁴⁷

Pessoalmente, acredito que o modelo americano, da restrição apenas ao *call-to-action*, é exagerado, mas o Brasil tem ultrapassado muitas vezes a fronteira da censura, inclusive prévia, em nome de uma suposta estabilidade democrática. É verdade que o STF foi decisivo para abortar a escalada golpista de Bolsonaro, mas é verdade também que o Brasil só chegou a esse estado das coisas muito graças ao próprio tribunal. E, se for para cair em uma excepcionalidade democrática — ainda que parcial — apenas para livrar-se de outra, qual o sentido disso tudo?

Entre progressistas, incluídos aí militantes e acadêmicos, também parece excessiva a expectativa em torno da regulamentação das plataformas digitais. O projeto de lei que circulou entre 2022, mal apelidado de “PL das Fake News”, não versava em absoluto sobre desinformação, mas aumentava a responsabilidade das redes sobre o conteúdo em circulação, notadamente aqueles mais consensualmente criminosos e já tipificados por lei, como “atos de terrorismo ou preparatórios de terrorismo”; “induzimento, instigação ou auxílio a suicídio ou a automutilação”; “crimes contra crianças e adolescentes e de incitação à prática de crimes contra crianças e adolescentes”; “racismo”; e “violência contra a mulher”.¹⁰⁴⁸ Como bem demonstra Max Fisher em seu *A máquina do caos*, a negligência das redes foi fundamental para a perpetração de linchamentos, massacres étnicos e outras barbáries nos últimos anos.¹⁰⁴⁹

Após ganhar fôlego com os atentados de 8 de janeiro, no entanto, a proposta subiu no telhado graças à massiva pressão das *big techs*.¹⁰⁵⁰ Seja como for, parte expressiva das esquerdas tem se esforçado para sugerir que o que pretendem com o projeto é controlar a informação no ambiente digital. O próprio ministro dos

2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/toffoli-suspende-multa-bilionaria-do-acorde-de-leniencia-da-jf/>. Acesso em: 30 dez. 2023.

¹⁰⁴⁷ NUNES; TRAUMANN. *op. cit.* p. 188-192.

¹⁰⁴⁸ SCHEIBER, Mariana. 5 pontos polêmicos do PL das Fake News. *BBC News Brasil*, 2 mai. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cyeyxje7r9go>. Acesso em: 30 dez. 2023.

¹⁰⁴⁹ FISHER, Max. *A máquina do caos*. São Paulo: Todavia, 2023.

¹⁰⁵⁰ WETERMAN, Daniel; AFFONSO, Julia. Pressão e ameaça no Congresso: como Google e Facebook derrubaram o PL 2630 das Fake News em 14 dias. *O Estado de S. Paulo*, Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/pressao-e-ameaca-no-congresso-como-o-google-derrubou-o-pl-2630-das-fake-news-em-14-dias/>. Acesso em: 30 dez. 2023.

Direitos Humanos Silvio Almeida disse, em virtude do trágico suicídio de uma jovem, após boatos de que estaria em relacionamento com um influenciador digital, que “a regulação das redes sociais torna-se um imperativo civilizatório”.¹⁰⁵¹ Neste caso, é claro que a circulação de uma falsificação deliberada exige alguma responsabilização, mas a posteriori e não das plataformas. Trata-se de uma confusão que alimenta, ainda mais, a desconfiança daqueles que temem pela institucionalização da censura.

A meu ver, a restrição de conteúdos precisa ser encarada como uma excepcionalidade e devidamente justificada como tal a partir de parâmetros legais sobriamente discutidos pelo parlamento e pela sociedade civil. É fácil responder aos anseios pela disciplinarização deste novo espaço público com platitudes imperativas, do tipo “liberdade de expressão não é autorização para cometer crimes!”, “fake news são crime!” e similares. A realidade tem se mostrado bem mais desafiadora do que isso. Entre as exceções, considero razoável que o período eleitoral tenha regras específicas e um tanto mais duras. Mas tudo dentro dos limites da democracia liberal, que pode não ser perfeita, mas é o regime que mais tem condições de resguardar direitos, sejam quais forem. Como defende Cas Mudde, “cercear a liberdade de expressão e coibir o direito de manifestação não apenas viola os direitos democráticos de ativistas de extrema direita, mas também enfraquece os direitos de toda população e, portanto, o regime liberal-democrático como um todo”.¹⁰⁵²

Os progressistas também parecem superestimar uma eventual abertura da “caixa preta” dos algoritmos, que explicam alguma coisa mas certamente não tudo sobre a radicalização *online*, já que alguns dos aplicativos mais usados por membros desses grupos sequer têm algoritmo, como nos casos de WhatsApp e Telegram. Como mencionado, não se trata de renunciar aos marcos regulatórios, mas de reconhecer seus limites e, principalmente, o papel ativo que têm os próprios cidadãos nesse mundo em ebulição. O Brasil passa por uma grave crise do pacto social consagrado pela Constituição de 1988 e só vai conseguir superá-la, penso, se desarmar os atuais impulsos para a radicalização política e voltar a construir

¹⁰⁵¹ APÓS morte de jovem, ministro dos Direitos Humanos diz que regulação das redes é ‘imperativo civilizatório’. G1, 24 dez. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/12/24/apos-morte-de-jovem-ministro-dos-direitos-humanos-diz-que-regulacao-das-redes-e-imperativo-civilizatorio.ghtml>. Acesso em: 30 dez. 2023.

¹⁰⁵² MUDDE. *op. cit.* p. 193.

consensos mínimos de convivência e governabilidade. No que diz respeito às plataformas, enquanto não se chega a consenso algum, elas continuam agindo como bem entendem, regulando-se ao sabor das conveniências.

Dito isso, convém debater o caso específico da *Brasil Paralelo* e dos revisionismos ideológicos assemelhados que pululam no debate público brasileiro. A título de conclusão, pode-se dizer que um exame mais aproximado de sua produção apresenta algumas importantes posições contraintuitivas. Por exemplo, diferente do que se poderia esperar, sua posição sobre a invasão da Ucrânia foi de rechaço absoluto, a despeito dos traços antimodernos de Putin, identificados com os seus. A BP se aproxima de movimentos conservadores e reacionários pelo mundo, mas não é simplesmente uma cópia deles.

Sobre a principal temática aqui escrutinada, também cabem alguns destaques. Havia muita expectativa de que o documentário *1964 - O Brasil entre armas e livros* defendesse intransigentemente o legado ditatorial do regime militar, mas ela não se confirma, ainda mais se se considerar que, para a produtora, a ditadura mesmo só começa em 1968. Na produção, é unânime o diagnóstico de entrevistados sobre o AI-5, tratado, na mais suave das hipóteses, como desnecessário para combater a guerrilha. A *Brasil Paralelo*, como vimos, chega inclusive a se aproximar de alguns preceitos da memória hegemônica do regime, como nas críticas ao autoritarismo militar e sobretudo no elogio ao governo Castelo Branco, tido como uma espécie de “tipo ideal” contra o trabalhismo jango-varguista.

Por outro lado, sua relação com o golpe a coloca muito mais próxima da memória militar, que não apenas tolera ou justifica, mas o celebra a partir de uma clara superestimação da ameaça comunista, que, como se nota com facilidade, acaba sendo o principal objeto do filme. Seja através dos arquivos do serviço tcheco ou da luta armada, a missão da produtora é mostrar que o Brasil esteve à beira de uma ruptura institucional capitaneada por Moscou, avaliação que compra pelo valor de face a versão oferecida pela própria caserna. As vítimas atribuídas à guerrilha têm rosto e identidade, além de uma quantificação precisa, e são tratadas como resultado de uma maquinação racionalmente calculada. Enquanto isso, as do regime são apresentadas através de números dúbios e em termos abstratos, como consequência da ação de algumas maçãs podres e não de uma política de Estado.

Os entusiastas da BP poderiam argumentar que a tarefa do filme era falar sobre a violência da esquerda, que de fato existiu, mas, além de algumas notáveis omissões e distorções que põem ao menos sua dimensão em xeque, o senso de oportunidade fez com que a produtora promettesse algo como a verdade absoluta sobre o assunto, sem quaisquer vícios de matriz ideológica. A despeito dos limites deste trabalho, resta claro que o que não falta na sua produção é ideologia. E o que a Brasil Paralelo apresenta como grande novidade não passa da reciclagem de argumentos há muito tempo em circulação e consolidados especialmente na memória anticomunista brasileira.

A despeito do AI-5, a maioria das divergências dos olavistas com os militares quanto ao período tem a ver com o foco da repressão. Olavo chegou a dizer, como vimos, que a guerrilha não passou de distração e que a caserna não apenas permitiu, mas facilitou a infiltração dos comunistas nas artes, na imprensa e nas universidades. Para isso, ele e a Brasil Paralelo minimizaram episódios de censura no regime e inventaram uma espécie de “aparelhamento às avessas” para dizer que o país foi infestado de “marxismo cultural”. Esse recurso argumentativo soa ambíguo. Por um lado, servem para, como dito, dizer que as esquerdas exageraram na reclamação de censura. Por outro, revelam certo desejo de que ela tivesse sido mais efetiva contra os alvos que, para a Brasil Paralelo, mais importam. Faz-se imperativo ressaltar também que boa parte das tensões entre olavistas e a caserna se explica pela disputa de protagonismo no interior do reacionarismo culturalista.

A denúncia sobre o “gramscismo” constituiu o principal álibi para a ocupação destes públicos, que Cesarino chamou de “antiestruturais”, no debate brasileiro, a exemplo do que ocorreu em outros lugares do mundo durante a ascensão das novas direitas radicais. Entretanto, não bastaria simplesmente o alerta. Seria preciso expor o inimigo, mas agir exatamente como ele. Desta forma, esses grupos articulam uma espécie de “antigramscismo gramscista”, como sugeri a partir de Alvaro Bianchi, galgando espaços na mídia tradicional e também na internet e nas redes sociais digitais.

Sua atuação, em consonância com a arquitetura das novas plataformas, dá uma dimensão dos desafios que o conhecimento acadêmico tem para, quando for o caso, competir com o compartilhado por esses públicos. Num córner, longas teses acadêmicas com diversas questões em aberto e, como os bons modos lhe ensinaram, um pesquisador que abre seu trabalho admitindo não pretender esgotar

o tema escrutinado. Noutra, uma pílula vermelha que, do nada, promete acesso a um mundo inteiro finalmente revelado via uma instantânea virada de chave.

E também nisso há, na atuação da Brasil Paralelo, um importante estratagema: embora o conhecimento acadêmico seja de antemão desqualificado, é através das titulações acadêmicas de seus entrevistados que a produtora busca se legitimar no debate público. Como também já apontado por Cesariano, públicos antiestruturais se notabilizam por emular públicos dominantes, buscando com isso confundir a audiência para bifurcá-la.

Enquanto os públicos dominantes tentam atrair uma audiência renovada pela plataformização descontraindo sua apresentação e incorporando elementos estéticos heterodoxos, a Brasil Paralelo, por sua vez, percorre caminho contrário ao simular seriedade e ortodoxia nas produções mais elaboradas. As aulas do Núcleo de Formação da produtora, algumas disponíveis no YouTube, têm um cenário que em muito se assemelha a programas tradicionais da intelectualidade consolidada, algo como o *Café Filosófico*, da *TV Cultura*.

Isso já mostra que ignorar esse conteúdo também não parece uma opção, especialmente para professores da educação básica. É natural que, imersos no ambiente digital, os alunos sejam bombardeados com essas produções, de modo que o seu descarte de antemão pode soar arrogante e representar uma boa perda de oportunidade para discutir questões de interesse público, inclusive histórico. Descartadas — pelo menos a princípio — as saídas criminais para a questão, convém pensar em como agir para lidar com o fenômeno da melhor maneira possível.

Para Marcos Napolitano, o conhecimento e a cultura histórica do estudante devem fazer parte do repertório trabalhado pelo professor em sala de aula, inclusive quando carregado de negacionismo, mas sempre cotejados “com os resultados da historiografia, permitindo que o aluno perceba semelhanças e diferenças, polêmicas e consensos, memórias de grupos sociais e seus valores”.¹⁰⁵³ Sua lista de recomendações para docentes e pesquisadores, com as quais me identifico, inclui itens como explicitar “posições teóricas e metodológicas ao aluno, com base em literatura acadêmica reconhecida”, e “valores ideológicos e morais que guiaram a pesquisa”; “dialogar com a historiografia sobre o tema, valorizando o debate entre

¹⁰⁵³ NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *Novos combates pela história*. São Paulo: Contexto, 2021. p. 108.

os autores”; “partir de evidências documentais, devidamente criticadas e contextualizadas com base no método historiográfico escolhido, sem esconder ou ocultar fontes contraditórias entre si”; e “discernir: o que é análise com base em evidências documentais, o que é argumentação prospectiva de quem analisa e o que é mera opinião valorativa”.¹⁰⁵⁴

No ambiente universitário propriamente dito, cabe refletir sobre a divisão, eventualmente ainda existente, entre as disciplinas de cunho teórico-metodológico e as mais próximas do universo factual. Me lembro como se fosse ontem de uma aluna dizendo que preferia as aulas de “história *mesmo*”, como se Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea tratassem sobre coisas ou eventos e as demais “apenas” sobre ideias. É um pouco sintoma de como temos desenhado até aqui as grades curriculares do curso de História.

Recentemente, diante da onda de populismo médico, muito tem se falado sobre uma “medicina baseada em evidências”, por exemplo. Pode parecer redundância, afinal toda medicina deveria ser assim, mas é preciso admitir que a formação de nossos estudantes não os tem preparado a contento para encarar esse volume tão expressivo de informações disponíveis a custos tão baixos de acesso. Dentre as habilidades imprescindíveis para a prática profissional, precisa estar a capacidade de distinguir boa literatura acadêmica e mesmo boa divulgação científica de panfletagem político-ideológica. Investir em iniciativas qualificadas de divulgação acadêmica também parece um caminho inevitável. E, em que pesem as muitas diferenças entre as áreas, vale a pena saber mais sobre a experiência para dela colher bons frutos e adaptar para nossa realidade.

Outro debate que não deveria ser negligenciado é quanto à diversidade de pensamento no interior das universidades. Ainda sobre a sala de aula, Napolitano diz que “os professores devem contrapor visões, não para dar um tom imparcial à sua exposição didática sobre o passado, mas para mostrar um painel histórico plural e contraditório”.¹⁰⁵⁵ Além disso, se, por um lado, as universidades têm acertadamente reconhecido a importância da pluralidade de gênero, classe e raça no interior dos seus muros, por outro parecem ainda não ter despertado para a importância da diversidade ideológica. Sequer há levantamentos locais abrangentes sobre o tema.

¹⁰⁵⁴ *Id, ibid.* p. 107.

¹⁰⁵⁵ NAPOLITANO. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. *op. cit.* p. 106.

No Brasil, quem tem se dedicado a discuti-lo é Pedro Damazio Franco, mestre em História Social pela PUC-RJ que reúne a bibliografia disponível nos Estados Unidos e busca instigar essa mudança de cultura por aqui.¹⁰⁵⁶ Franco mostra que, nas universidades americanas, há uma esmagadora maioria de professores democratas nos cursos de humanas e sociais; que a comunidade acadêmica tem se sentido cada vez menos livre para expressar suas opiniões; que a divergência, ainda que saudável, quanto a consensos progressistas têm sido virulentamente combatida; e que não apenas conservadores são prejudicados por esse cenário. O historiador defende, por fim, que, a exemplo dos EUA, essa conversa seja despartidarizada e baseada justamente nos consensos fundacionais da convivência democrática.¹⁰⁵⁷

Segundo Franco, uma das consequências dessa pouca pluralidade é justamente o aumento da desconfiança sobre o conhecimento produzido e partilhado pelas universidades. Isso tanto de fora quanto de dentro. A comunidade, aturdida por esse processo de reorganização epistêmica, pode dar de ombros para o que dizem os acadêmicos, tratando-os como meros militantes esquerdistas. Agora, um ponto que me parece central: os próprios alunos, sentindo-se pouco representados pelo que têm à disposição no ambiente acadêmico, tendem a recorrer a referências externas e potencialmente radicalizadoras, alimentando um ciclo de ressentimento contra as instituições universitárias.¹⁰⁵⁸

Evidentemente, a despeito do alto valor desse “diagprognóstico”, sua prática é muito mais difícil do que a teoria. Estudantes que já chegam radicalizados à universidade podem achar que, mesmo num ambiente de ampla divergência, todos os professores na verdade são comunistas, como ensinou Olavo. Entretanto, como todo consenso, este não deve ter a pretensão de satisfazer plenamente todo mundo. Se for o suficiente para abarcar diferentes tendências no arco da democracia liberal, cimentada sob qualificada literatura acadêmica, estaria de ótimo tamanho.

¹⁰⁵⁶ Entre o final de 2023 e o início de 2024, um artigo assinado por Franco e três colegas publicizou os resultados de um levantamento inédito sobre autocensura nas universidades brasileiras. Vale a leitura: FRANCO, P. D.; LUZARDO, A.; BAILONI, L. F.; FASSULA, F. C. Medindo Autocensura e Polarização na Educação Superior. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 44, e272100, 2023.

¹⁰⁵⁷ INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA USP. Liberdade Acadêmica e Diversidade de Pensamento na Educação Brasileira Hoje. *YouTube*, 16 dez. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/eRJi3kasF90>. Acesso em: 30 dez. 2023. 4:48.

¹⁰⁵⁸ *Id, ibid.*

Também caberia refletir sobre a recorrente prática, nos ambientes universitários, de denunciar e tentar coibir a circulação de conteúdo dissonante aos valores predominantes entre o corpo docente e os estudantes organizados. Vale também para a exibição de filmes da Brasil Paralelo, que, como vimos aqui, têm pouco valor historiográfico, mas nenhuma vocação para o rompimento de um marco legal. Em que medida eles seriam fiadores de um novo golpe de Estado? É muito difícil saber. Mas a distância entre ambas as coisas é grande demais para ser ignorada. Antes de *Entre armas e livros*, já circulavam outros exercícios de revisão de periodização da ditadura. E, a despeito de algumas falsificações grosseiras presentes no filme, também é preciso fugir da ideia de que espectadores não terão senso crítico algum para afastar-se de seus argumentos. Esse é o maior erro dos conservadores que embarcaram no Escola Sem Partido.

Depois das considerações de Pedro Franco na apresentação aqui referenciada, falou o professor Gabriel Giannattasio, da Universidade Estadual de Londrina. Ele mostra alguns registros em vídeo do esforço realizado por parte expressiva da comunidade acadêmica para impedir que o documentário da BP fosse exibido numa das salas do campus. As cenas são dantescas. Entre gritos de guerra e ofensas em coro, os espectadores do filme são hostilizados e chamados de fascistas enquanto passam por uma espécie de corredor polonês. É também preocupante a escalada de episódios de assédio moral por motivação política nesse ambiente que deveria ser caracterizado pela tolerância.¹⁰⁵⁹ A preferência de um estudante por um candidato não deveria ser o suficiente para interromper nenhuma orientação acadêmica.

Quantos fascistas a mobilização de progressistas derrotou? Também não se sabe. Certo é que, entre aqueles espectadores que ali estavam e entre muitos dos que assistiram à cena, dificilmente se pode esperar que voltem a ouvir com atenção um intelectual de esquerda falar. Além das óbvias implicações éticas desse gesto, ele também pode ser um desastre em termos estratégicos, a depender de quais sejam seus objetivos.

O professor Giannattasio foi notícia em 2023 por celebrar o 8 de Janeiro e cobrar explicitamente os militares por uma intervenção nos três poderes. Segundo o site progressista Jornalistas Livres, ele já respondia a um processo administrativo na

¹⁰⁵⁹ Liberdade Acadêmica e Diversidade de Pensamento na Educação Brasileira Hoje. *op. cit.* 1:06:45.

universidade, justamente graças ao envolvimento com a exibição de *Entre armas e livros*.¹⁰⁶⁰ A tendência dos públicos dominantes talvez seja a de pensar que o apoio à bandalheira em Brasília é resultado do consumo de conteúdo revisionista ideológico, mas uma especulação menos confortável seria questionar em que medida a pressão da comunidade acadêmica contra o livre exercício dessas atividades também pode ter colaborado com esta e outras trajetórias de radicalização.

Para a Brasil Paralelo, este é um verdadeiro troféu. Seus entusiastas correm para denunciar o achaque nas redes sociais, que são rapidamente amplificados. A exibição, que teria tudo para ser só mais uma prática em meio a outras tantas no campus, recebe atenção do país inteiro. E mais uma vez a direita hasteia com orgulho a bandeira da subversão. Claro, é temerário que um professor inclua *Entre armas e livros* no conteúdo programático de sua disciplina como ferramenta referencial e sem o devido escrutínio. Mas isso não deveria valer apenas para os filmes da Brasil Paralelo.

Não sei se seria boa ideia, no entanto, condicionar a exibição de todos os filmes nas instituições de ensino à aprovação prévia. Na prática, o que se prevê é a instauração de um ambiente policialesco e potencialmente danoso à livre circulação de ideias. O endosso a um golpe de Estado é fato grave e, se comprovado e incompatível com as diretrizes da universidade, deve trazer responsabilização. Mas documentários, por piores que sejam, não deveriam motivar processos administrativos. E, se os próprios alunos decidem se organizar para reproduzi-los, haveria menos motivo ainda para qualquer alarde.

Não há cartilha pronta e infalível para lidar com o fenômeno. Penso que, independente do argumento algo utilitarista, o Brasil tem o dever moral de punir agentes da repressão e de contar melhor a história de sua ditadura militar para além dos muros universitários e dos bancos escolares, baseados na memória de seus opositores — dos mais variados espectros ideológicos — e assentada sob qualificada bibliografia acadêmica. Excetuando alguns lugares de memória espaçados pelo país, quase não há museus dedicados ao período. A única exceção é o Memorial da Resistência, em São Paulo, que ocupa o antigo prédio do

¹⁰⁶⁰ SAAB, Luiza Abi. Londrina: Professor universitário apoia atos terroristas em Brasília e pede intervenção militar. *Jornalistas Livres*, 13 jan. 2023. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/londrina-professor-universitario-apoia-atos-terroristas-em-brasilia-e-pede-intervencao-militar/>. Acesso em: 9 jan. 2023.

Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops) e hoje é administrado pela Pinacoteca, por sua vez subordinada ao governo do estado de São Paulo.

Para os 60 anos do golpe, em 2024, o governo Lula prometeu um Museu da Memória e da Verdade.¹⁰⁶¹ A ver. Pouco mais de um mês para a efeméride de 60 anos do golpe, entretanto, o presidente petista repetiu a afirmação de que os generais de hoje eram apenas crianças em 1964 e disse que a ditadura “já faz parte da história”. “Eu, sinceramente, não vou ficar remoendo e vou tentar tocar esse país para frente”, se explicou ao jornalista Kennedy Alencar.¹⁰⁶² Até aqui, Lula III parece repetir as muitas ambiguidades que caracterizaram os dois mandatos anteriores.

Também me parece especialmente importante que os públicos dominantes aceitem o desafio de pesquisar e contar histórias indigestas para seus representantes, sob pena de entregá-las de bandeja para negacionistas. Entre os exemplos que me vêm à cabeça, está o excelente *Injustiçados*, de Lucas Ferraz, muitas vezes aqui referenciado. Ferraz é um jornalista sério, que levou mais de uma década para reunir as informações mais precisas acerca de um tema bastante delicado para a oposição à ditadura. Justamente em meio ao governo Bolsonaro, seu lançamento foi objeto de desconfiança. Muito se especulou sobre as reais motivações do autor e se o tema realmente era importante a ponto de justificar a empreitada. A discussão realizada nesta tese ajuda a demonstrar que sim, era um trabalho necessário.

Embora existam memórias de ex-integrantes da luta armada e algumas delas tratem abertamente da experiência, é fundamental que profissionais do trato com o passado a acessem com o distanciamento que deles é esperado. Sem isso, o que restaria são apenas os relatos mais afetivamente ligados ao regime, seja pelos seus entusiastas, seja pelos seus contrários. A luta armada brasileira matou gente, inclusive *sua* gente. Entretanto, um exame mais rigoroso de sua atuação mostra que a publicidade dada pela memória militar ao fenômeno, acriticamente reproduzida por muitos civis anticomunistas, o superdimensiona para justificar a repressão. Isso não serve para desmoralizar os críticos da guerrilha, pelo contrário. É justo que ela seja questionada não apenas por razões estratégicas, mas também éticas. Se não cabe

¹⁰⁶¹ ÉBOLI, Evandro. Governo criará museu em homenagem às vítimas da ditadura. *Correio Braziliense*, 25 set. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2023/09/5128207-governo-criara-museu-em-homenagem-as-vitimas-da-ditadura.html>. Acesso em: 30 dez. 2023.

¹⁰⁶² MACHADO, Renato. Lula diz que golpe de 64 é história e que não quer remoer o passado. *Folha de S. Paulo*, 27 fev. 2024. Disponível em: <https://folha.com/7z8otipw>. Acesso em: 4 mar. 2024.

à história atuar como juíza do tempo, a memória tem o papel de encarar essa realidade para aproximar-se ou distinguir-se dela. Em ambos os casos, no entanto, só se pode chegar a melhores avaliações com a verdade histórica.

Além disso, como defendo no capítulo específico sobre o tema, é perfeitamente possível enquadrar as vítimas da luta armada à conjuntura de paranoia instituída pela própria ditadura, que jogou brasileiros uns contra os outros instigando delações e promovendo irreconciliáveis cisões no interior da sociedade civil. A responsabilidade pelos poucos — mas reais — cadáveres da guerrilha é, ao meu ver, compartilhada entre ela e a caserna. Nesse sentido, acho que seria importante que esses mortos fossem igualmente reconhecidos pelo Estado brasileiro como seus, e suas famílias também indenizadas. Como vimos rapidamente no caso argentino, essa é uma questão particularmente importante para aqueles que não necessariamente apoiam o legado da ditadura, mas que tiveram as vidas fortemente afetadas graças à atuação de grupos armados em sua oposição. A sensação é que esses personagens ficaram de fora, à sua revelia, do pacto da redemocratização. De todo modo, há muito por fazer.

Por um tempo, tentei fugir do clichê de Millôr para encerrar esse trabalho. Bobagem. Não é por acaso que existem os clichês. E os que resistem ao tempo merecem atenção especial. O mais famoso aforismo do escritor brasileiro é a razão em forma de síntese: o Brasil tem um passado enorme pela frente.

Ditadura, nunca mais.

FONTES DOCUMENTAIS

#OLAVO. O que é o Politicamente Correto. *YouTube*, 2 abr. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/q4CIbQxL1JE>. Acesso em: 30 jan. 2023.

AFyAPPA. *Twitter*, 16 out. 2023. Disponível em: <https://twitter.com/FyAppa/status/171392871205016398>. Acesso em: 29 dez. 2023.

ARAÚJO, Ernesto. Agora falamos. *New Criterion*, jan. 2019. Disponível em: <https://newcriterion.com/issues/2019/1/agora-falamos>. Acesso em: 13 fev. 2023.

BEN ABRAHAM. Programa Silvia Poppovic debate Neonazismo parte 1. *YouTube*, 2 out. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/tBGG0Gr-j0s>. Acesso em: 18 mai. 2023.

BOLSONARO fala em combater ideologia de gênero; veja íntegra do discurso. *UOL*, 1 jan. 2019, disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/01/01/bolsonaro-fala-em-combater-ideologia-de-genero-veja-integra-do-discurso.htm>. Acesso em: 13 fev. 2023.

BRASIL. Decreto n.º 7.037 - Atualizado pelo Decreto 7.177. Programa Nacional de Direitos Humanos. Brasília, 12 de maio de 2010. Disponível em <https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/PNDH-3.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

BRASIL PARA LERDOS. *Twitter*, 25 abr. 2023. Disponível em: <https://twitter.com/brparalerdo/status/1651007430526992386>. Acesso em 11 jan. 2024.

BRASIL PARALELO. 15 de Novembro: a história da Proclamação da República. *YouTube*, 15 nov. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/G877zfAArow>. Acesso em: 4 dez. 2023.

BRASIL PARALELO. 1964 - O Brasil entre armas e livros. *YouTube*, 2 abr. 2019. Disponível em <https://youtu.be/yTenWQHRPIg>. Acesso em 15 fev. 2023.

BRASIL PARALELO. A China não esconde sua força. *YouTube*, 14 mar. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/slm1y60J8WY>. Acesso em: 25 dez. 2023.

BRASIL PARALELO. A história dos cavaleiros templários | Insight BP. *YouTube*, 15 out. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/0olr9HvbSY8>. Acesso em: 29 mai. 2023.

BRASIL PARALELO. A mídia esconde os fatos envolvendo a princesa Isabel e a abolição da escravidão? *YouTube*, 13 ago. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/liKvt2VWrZM>. Acesso em: 2 jun. 2023.

BRASIL PARALELO. A perigosa estratégia das tesouras criada por Vladimir Lênin. *YouTube*, 26 mar. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/qOqQ7Ythx8M>. Acesso em: 29 jul. 2022.

BRASIL PARALELO. Capítulo 1 - A Cruz e a Espada | Brasil - A Última Cruzada. *YouTube*, 19 set. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/TkOIAKE7xqY>. Acesso em: 13 dez. 2023.

BRASIL PARALELO. Capítulo 2 - A Vila Rica | Brasil - A Última Cruzada. *YouTube*, 18 out. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/svViHH8IBVg>. Acesso em: 13 dez. 2023.

BRASIL PARALELO. Capítulo 4 - Independência ou Morte | Brasil - A Última Cruzada. *YouTube*, 21 dez. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/YpjDmTdsJac>. Acesso em: 13 dez. 2023.

BRASIL PARALELO. Capítulo 5 - Brasil - O Último Reinado | Brasil - A Última Cruzada. *YouTube*, 20 mar. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/J8hnQcNyoXU>. Acesso em: 13 dez. 2023.

BRASIL PARALELO. COMUNISMO, FASCISMO E LIBERALISMO: ADVERSÁRIOS OU IRMÃOS? *Youtube*, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/IECP2VuGlj4>. Acesso em 16 jan. 2023.

BRASIL PARALELO. Decisão de Gilmar Mendes + próximos passos. *YouTube*, 10 ago. 2021. Disponível em <https://youtu.be/GKdwTZ8JzIM>. Acesso em 30 mar. 2022.

BRASIL PARALELO. Descortinando o Teatro das Tesouras. *YouTube*, 23 mai. 2022. Disponível em <https://youtu.be/0EtSf5vnm4I>. Acesso em: 19 ago. 2022.

BRASIL PARALELO. É possível reverter a imagem que o brasileiro tem em relação aos Direitos Humanos? *YouTube*, 5 set. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/bYVRe0VfHXI>. Acesso em: 6 dez. 2023.

BRASIL PARALELO. EP 1 - O Teatro das Tesouras | 1989. *YouTube*, 21 ago. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/Ue77esm5Kqs>. Acesso em: 1 jun. 2023.

BRASIL PARALELO. EP 2 - O Teatro das Tesouras | 1994. *YouTube*, 28 ago. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/4aqhPpHlm1c>. Acesso em: 13 dez. 2023.

BRASIL PARALELO. EP 4 - O Teatro das Tesouras | 2002. *YouTube*, 10 dez. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/UKsZUVVjRyU>. Acesso em: 13 dez. 2023.

BRASIL PARALELO. EP 5 - O Teatro das Tesouras | 2006. *YouTube*, 17 set. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/3YbrdaoWLuY>. Acesso em: 13 dez. 2023.

BRASIL PARALELO. EP 6 - O Teatro das Tesouras | 2010. *YouTube*, 24 set. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/ZmP1h7GKZ8o>. Acesso em: 13 dez. 2023.

BRASIL PARALELO. EP 7 - O Teatro das Tesouras | 2014. *YouTube*, 1 out. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/lsHYv9euzv8>. Acesso em: 13 dez. 2023.

BRASIL Paralelo esclarece participação em evento com Lula. *Gazeta do Povo*, 29 set. 2022. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2022/brasil-paralelo-esclarece-participacao-em-evento-com-lula/>. Acesso em: 2 jun. 2023.

BRASIL PARALELO. Feminismo e as princesas da Disney | Red Pill [com Mariana Brito e Pietra Bertolazzi]. *YouTube*, 23 out. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/dAFgsCa1bXY>. Acesso em: 29 mai. 2023.

BRASIL PARALELO. Foi necessário mudar. *YouTube*, 12 ago. 2021. Disponível em <https://youtu.be/EFNtMGwnzvY>. Acesso em 30 mar. 2022.

BRASIL PARALELO. Fomos até a Venezuela, e foi isso que encontramos. *YouTube*, 12 jul. 2023. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/0LYpWuCDIjg>. Acesso em: 25 dez. 2023.

BRASIL PARALELO. Lula e Alckmin, *Facebook*, 13 mai. 2022. Disponível em <https://www.facebook.com/brasilparalelo/videos/1861158570892779/>. Acesso em 2 fev. 2023.

BRASIL PARALELO. Ministério da Cultura | Rasta News. *YouTube*, 25 fev. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/NcxXNxdZIMQ>. Acesso em: 29 mai. 2023.

BRASIL PARALELO. Não é hora de recuar. *YouTube*, 11 ago. 2021. Disponível em <https://youtu.be/RZCG7hPznhA>. Acesso em 30 mar. 2022.

BRASIL PARALELO. NICARÁGUA: Liberdade Exilada | Um novo original Brasil Paralelo. Disponível em: https://youtu.be/4TE__qOPsco. Acesso em: 25 dez. 2023.

BRASIL PARALELO. O confronto entre Rússia e Ucrânia - Conversa Paralela com Flávio Morgenstern e Lucas Ferrugem. Disponível em: https://youtu.be/tpJp8R2qF_Y. Acesso em: 29 mai. 2023.

BRASIL PARALELO. O CONFRONTO ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA - Conversa Paralela com Flávio Morgenstern e Lucas Ferrugem. *YouTube*, 05 mar. 2022. Disponível em: https://youtu.be/tpJp8R2qF_Y. Acesso em 15 fev. 2023.

BRASIL PARALELO. O Reino do Terror Vermelho com Lucas Ferrugem. *YouTube*, 12 jun. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/DGMay1kwETA?feature=share>. Acesso em: 23 fev. 2023.

BRASIL PARALELO. O terrível sistema que cria direitos e benefícios para os bandidos. *YouTube*, 7 jun. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/VnHf06riUQc>. Acesso em: 6 dez. 2023.

BRASIL PARALELO. Para os mais atentos, a Revolução Francesa começou nos livros. *YouTube*, 15 set. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/8b8Z8OtMU1o>. Acesso em 20 jan. 2023.

BRASIL PARALELO. Paulo Kogos | Contraponto. *YouTube*, 3 jan. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/HXrbNU39hq4>. Acesso em: 29 mai. 2023.

BRASIL PARALELO. Paulo Kogos: A criança é sequestrada pelo Estado e é jogada dentro de uma escola. *YouTube*, 4 jan. 2022. Disponível em: https://youtu.be/pwgFNx_DPUw. Acesso em: 1 jun. 2023.

BRASIL PARALELO. Pelas Barbas do Profeta | Pátria Educadora - Capítulo 2 | Filme Completo. *YouTube*, 1 abr. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/UPDjFGGN2w0>. Acesso em 18 ago. 2023.

BRASIL PARALELO. Por uma Brasil Paralelo inabalável. *YouTube*, 7 ago. 2021. Disponível em <https://youtu.be/-ooc1KK7aS4>. Acesso em 30 mar. 2022.

BRASIL PARALELO. Quais políticos defendem o fascismo hoje? *YouTube*, 28 out. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/3gCW0AcezX4>. Acesso em: 16 jan. 2023.

BRASIL PARALELO. Requerimento 13/62 - Entenda a votação hoje. *YouTube*, 19 ago. 2021. Disponível em <https://youtu.be/EEP1fZVUj84>. Acesso em: 20 ago. 2021.

BRASIL PARALELO. UMA BREVE HISTÓRIA DA RÚSSIA: O Reino do Terror Vermelho [[Reprise] Aula Aberta#2 Núcleo de Formação. *YouTube*, 3 abr. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/F4oGRnzvQaA>. Acesso em: 5 abr. 2022. Link alternativo no Internet Archive: <https://web.archive.org/web/20220407120433/https://www.youtube.com/watch?v=F4oGRnzvQaA>.

BRASIL PARALELO. Urnas eletrônicas | Operação antifraude. *YouTube/Internet Archive*, 4 out. 2018. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20181011074208/https://www.youtube.com/watch?v=FgpYrXN00Sw>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BRASIL PARALELO. Você precisa retomar o controle. *YouTube*, 28 jul. 2021. Disponível em: https://youtu.be/pHzo_xNXw_0. Acesso em: 29 mai. 2023.

BRASIL Paralelo: em entrevista exclusiva, conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet. *Boletim da Liberdade*, 19 jul. 2018. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/>. Acesso em: 26 abr. 2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Raça Humana: bastidores das cotas raciais na UnB [2010]. *YouTube*, 5 jan. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/fCcyxahMDBk>. Acesso em: 27 dez. 2023.

CARLOS AUGUSTO FAVORETTO BÁRBARO. Homenagem a um gênio chamado Olavo Pimentel de Carvalho. *YouTube*, 24 jan. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/9ACw7L68JgM>. Acesso em: 2 jun. 2023.

CARTAS de lectores. Gira; demoras al votar; tema salud, ausente. *La Nación*, 16 out. 2023. Disponível em:

<https://www.lanacion.com.ar/opinion/carta-de-lectores/cartas-de-lectores-gira-demoras-al-votar-tema-salud-ausente-nid16102023/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

CARVALHO, Olavo de. A esquerda e os mitos difamatórios. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 10 jul. 2013. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-esquerda-e-os-mitos-difamatorios/>. Acesso em: 17 out. 2023.

CARVALHO, Olavo de. A história oficial de 1964. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 19 jan. 1999. <https://olavodecarvalho.org/a-historia-oficial-de-1964/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CARVALHO, Olavo de. A Nova Era e a Revolução Cultural: Introdução geral à Trilogia. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 22 ago. 1996. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-nova-era-e-a-revolucao-cultural-introducao-geral-a-trilogia/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CARVALHO, Olavo de. A Nova Era e a Revolução Cultural: Prefácio à segunda edição. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 9 fev. 1994. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-nova-era-e-a-revolucao-cultural-prefacio-a-segunda-edicao/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CARVALHO, Olavo de. A Nova Era e a Revolução Cultural: Prefácio à segunda edição. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 9 fev. 1994. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-nova-era-e-a-revolucao-cultural-prefacio-a-segunda-edicao/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CARVALHO, Olavo de. A rotina das cobras. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 22 mar. 2012. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/1352-2/>. Acesso em: 17 out. 2023.

CARVALHO, Olavo de. Arredondando os quadrados. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 8 jan. 2010. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/arredondando-os-quadrados/>. Acesso em: 17 out. 2023.

CARVALHO, Olavo de. Fórmula da minha composição ideológica. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 23 dez. 1998. Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/formula-da-minha-composicao-ideologica/>. Acesso em: 01 fev. 2023.

CARVALHO, Olavo de. Geração maldita. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 8 dez. 2009. Disponível em <http://olavodecarvalho.org/geracao-maldita/>. Acesso em 31 jan. 2023.

CARVALHO, Olavo de. Império do fingimento. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 20 jun. 2002. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/imperio-do-fingimento/>. Acesso em: 30 mai. 2023.

CARVALHO, Olavo de. Introdução crítica à dialética de Schopenhauer. In: SCHOPENHAUER, Arthur. *Como vencer um debate sem precisar ter razão, em 38 estratégias*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 12-147.

CARVALHO, Olavo de. Monstruosa e abrangente estratégia. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 11 jan. 2008. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/monstruosa-e-abrangente-estrategia/>. Acesso em 30 jan. 2023.

CARVALHO, Olavo de. O dever de insultar. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 12 nov. 2010. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/o-dever-de-insultar/>. Acesso em: 31 jan. 2023.

CARVALHO, Olavo de. O império ecológico e o totalitarismo planetário. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 14 mar. 1999. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/o-imperio-ecologico-e-o-totalitarismo-planetario/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CARVALHO, Olavo de. *O jardim das aflições*. De Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o materialismo e a religião civil. Campinas: Vide Editorial, 2015.

CARVALHO, Olavo de. O mito da imprensa nanica - I. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 24 nov. 2011. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/o-mito-da-imprensa-nanica-i/>. Acesso em: 17 out. 2023.

CARVALHO, Olavo de. Promessa cumprida. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 28 mai. 2012. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/promessa-cumprida/>. Acesso em: 17 out. 2023.

CARVALHO, Olavo de. True Outspeak. Episódio 1. Internet Archive, 06 dez. 2006. Disponível em: <https://archive.org/details/TrueOutspeak/001.+True+Outspeak+-+4-12-2006.mp3>. Acesso em: 31 jan. 2023.

CARVALHO, Olavo de. Um cadáver no poder. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 21 jan. 2015. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/um-cadaver-no-poder-i/>. Acesso em 6 set. 2023.

CARVALHO, Olavo. Criminalidade. In: BRASIL, Felipe Moura (org.) *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 502-518.

CARVALHO, Olavo. Intelligentzia (mas pode chamar de máfia). In:_____. BRASIL, Felipe Moura (org.) *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 236-341.

CARVALHO, Olavo. Intelligentzia (mas pode chamar de máfia). In:_____. BRASIL, Felipe Moura (org.) *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 236-341.

CARVALHO, Olavo. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

CASTRO, Celso (org.) *General Villas Bôas: conversa com o comandante*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2021.

CHICOSTARITA. Referendo 2005, Programa 1 a Eleitoral Campanha do NÃO. *YouTube*, 16 nov. 2009. Disponível em: <https://youtu.be/S4M0ol0YRkg?si=DjWz80W5wCKRe9JT>. Acesso em: 4 dez. 2023.

CIPRIANI, Juliana. HC de Lula: Comandante diz que Exército está 'atento' contra impunidade. *O Estado de Minas*, 3 abr. 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/03/interna_politica,948823/hc-lula-comandante-diz-que-exercito-esta-atento-contrainpunidade.shtml. Acesso em: 24 out. 2023.

DE onde vem o dinheiro da Brasil Paralelo? *Brasil Paralelo*, 14 set. 2022. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/de-onde-vem-o-dinheiro-da-brasil-paralelo>. Acesso em: 1 jun. 2023.

DINES, Alberto; *et al.* *Os idos de março e a queda em abril*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1964.

DIREITO de Resposta Brasil Paralelo. *O Globo*, 25 jun. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/direito-de-resposta-brasil-paralelo-23761972>. Acesso em: 25 mai. 2023.

DITADURAEPROPAGANDA. Brasil: Ontem, hoje e amanhã. *YouTube*, 3 jul. 2013. Disponível em: <https://youtu.be/HzD3muJcUSE>. Acesso em: 5 dez. 2023.

DOMINGOS, Marina. Em nova nota, Exército lamenta a morte de Vladimir Herzog. *EBC*, 19 out. 2004. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2004-10-19/em-nova-nota-exercito-lamenta-morte-de-vladimir-herzog>. Acesso em: 4 out. 2023.

ESTADÃO. Bolsonaro exalta Ustra na votação do impeachment em 2016. *YouTube*, 8 ago. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/xiAZn7bUC8A>. Acesso em: 9 nov. 2023.

EXÉRCITO quer que 64 seja visto “sem ressentimentos”. *Folha de S. Paulo*, 31 mar. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3103200423.htm>. Acesso em: 4 out. 2023.

FILIPPE BARROS. *Facebook*, 5 abr. 2019. Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=341893343122400>. Acesso em 21 dez. 2023.

GABRIEL WALACHESKI. Não respeite comunistas, destrua-os!!! *YouTube*, 8 nov. 2016. Disponível em <https://youtu.be/2dIXgHL7NI0>. Acesso em: 1 fev. 2023.

GLEISSON COLLARES: PROFESSOR CONSERVADOR. OLAVO DE CARVALHO destrói jornalista. *Globo Lixo! YouTube*, 15, fev. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/w4kdfdV-PN0>. Acesso em: 13 fev. 2023.

GORDON, Flávio. *A corrupção da inteligência: intelectuais e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

IDEIAS RADICAIS. O que é Coletivismo? *YouTube*, 17 mar. 2017. Disponível em <https://youtu.be/1R067F4a2G4>. Acesso em 20 jan. 2023.

JAIR BOLSONARO. Jair Bolsonaro é eleito o 38º Presidente da República Federativa do Brasil!, *YouTube*, 28 out. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/3gZ3WfVagoo>. Acesso em: 07 fev. 2023.

JOSÉ Manoel da Silva. *Memorial da Resistência de São Paulo*, s/d. Disponível em: <https://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/jose-manoel-da-silva/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

JOVEM PAN NEWS. A QUEDA ARGENTINA | EPISÓDIO 3/3 - A Conta | PANFLIX + BRASIL PARALELO. *YouTube*, 6 abr. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/gVMrnoGX1MY>. Acesso em: 25 dez. 2023.

LEIA a íntegra da nota divulgada pelo Exército. *Folha de S. Paulo*, 19 out. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1910200417.htm>. Acesso em: 4 out. 2023.

LEIA a íntegra: primeiro pronunciamento de Bolsonaro após a derrota durou dois minutos. *O Globo*, 1 nov. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/11/leia-a-integra-primeiro-pronunciamento-de-bolsonaro-apos-derrota-durou-dois-minutos.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2023.

LEMOS, Flávio. Veja a importância da Batalha dos Guararapes. *Brasil Paralelo*, 8 set. 2022. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/batalha-dos-guararapes>. Acesso em: 22 mai. 2023.

LOS FILMEIROS. 7 Denúncias: As Consequências do Caso Covid-19 (2020) Filme e Documentário Lançamento HD. *YouTube*, 15 jul. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/VbtsXkrxEA>. Acesso em: 2 jun. 2023.

LUCIANO HANG. *Twitter*, 25 jul. 2022. Disponível em: <https://twitter.com/LucianoHangBr/status/1551269234122047489>. Acesso em: 27 jul. 2022.

MACIEL Lício; NASCIMENTO, José Conegundes (orgs.). *Orvil: tentativas de tomada do poder*. Salto: Schoba, 2012.

MESTRE da palavra. *Fundação Fernando Henrique Cardoso*, s/d. Disponível em: <https://fundacaofhc.org.br/exposicoesvirtuais/mestre-da-palavra/>. Acesso em: 9 out. 2023.

METRÓPOLES. “Deus, pátria e família” | A íntegra do discurso de Putin para estádio lotado. *YouTube*, 22 fev. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/RHsKj2rmDfA>. Acesso em: 23 fev. 2023.

MINNICINO, Michael. A nova idade das trevas: a Escola de Frankfurt e o “politicamente correto”. *Políticas Culturais em Revista*, v. 15, n.1, Salvador, jan./jun. 2022, p. 219-268.

MONARK. O Brasil Paralelo só quer lucrar? *YouTube*, 26 jul. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/PxYXTDUV8Zk>. Acesso em: 26 jul. 2022.

MONTEIRO, Tânia; TOSTA, Wilson. Militares repudiam relatório da comissão. *O Estado de S. Paulo*, 10 dez. 2014. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/militares-repudiam-relatorio-da-comissao/>. Acesso em: 15 out. 2023.

MORGENSTERN, Flavio. O que raios é socialismo fabiano? *Senso Incomum*, 08 jul. 2017, disponível em: <https://sensoincomum.org/2017/07/08/o-que-raios-socialismo-fabiano/>. Acesso em: 14 fev. 2022.

O QUE é homeschooling e como funciona? 8 benefícios em relação às escolas. *Brasil Paralelo*, 30 mai. 2022. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-e-homeschooling>. Acesso em: 23 ago. 2023.

OLAVETE. Olavo de Carvalho explica quem tem o poder no Brasil. *YouTube*, 17 nov. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/rTgQ5uCTJbA>. Acesso em: 22 fev. 2022.

OLAVO DE CARVALHO. *Facebook*, 02 dez. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/photos/%C3%A9-claro-que-sou-a-favor-do-impeachment-da-dilma-mas-sou-muito-mais-a-favor-do-de/411841992301214/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

OLAVO DE CARVALHO. *Facebook*, 02 dez. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/photos/%C3%A9-claro-que-sou-a-favor-do-impeachment-da-dilma-mas-sou-muito-mais-a-favor-do-de/411841992301214/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

OLAVO DE CARVALHO. *Facebook*, 20 jun. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/654414911377253>. Acesso em: 14 dez. 2023.

OLAVO DE CARVALHO. *Facebook*, 25 ago. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/535327239952688/>. Acesso em 31 jan. 2023.

OLAVO DE CARVALHO. *Facebook*, 29 out. 2014. Disponível em: https://www.facebook.com/carvalho.olavo/photos/h%C3%A1-muitos-homens-de-talento-alguns-bem-jovens-que-podem-de-um-momento-para-outro/396595373825876/?paipv=0&eav=AfYw7JCggDkEI4dfKjMTekEr12GyyAaBsQXVpsrprapinmMMV8hfV5WUC_auYrL0SII&_rdr. Acesso em: 20 fev. 2023.

OLAVO DE CARVALHO. *Facebook*, 9 fev. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/1227342774084461>. Acesso em: 14 dez. 2023.

OLAVO DE CARVALHO. True Outspcak - Olavo de Carvalho - 5 de dezembro de 2012, *YouTube*, 5 dez. 2012. Disponível em: https://youtu.be/hRYwli751_E. Acesso em 31 jan. 2023.

OLAVO DE CARVALHO. *Twitter*, 7 abr. 2019. Disponível em: <https://twitter.com/opropriolavo/status/1114895361582215169>. Acesso em: 20 fev. 2023.

OSCAR, Brás. Tapa Cultural - Ep #13 - O historiador do povo. *Brasil Sem Medo*, 5 dez. 2023. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/assista/tapa-cultural/tapa-cultural-ep-13-o-historiador-do-povo/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

PEREIRA, Romulo Bini. Lei do silêncio. *O Estado de S. Paulo*, 12 mai. 2012. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opiniaio/lei-do-silencio-imp-/>. Acesso em: 13 out. 2023.

POR que a aprovação de Lula é maior por quem se informa pela televisão? *Brasil Paralelo*, 16 nov. 2023. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/por-que-a-aprovacao-de-lula-e-maior-por-quem-se-informa-pela-televisao>. Acesso em: 15 dez. 2023.

POR que querem censurar o conteúdo da Brasil Paralelo como se fosse um crime? *Brasil Paralelo*, 3 mar. 2022. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/censura-brasil-paralelo>. Acesso em: 11 jan. 2024.

QUEBRANDO O TABU. *Facebook*, 1 jun. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.177940715595657/1935298513193193/>. Acesso em: 2 jun. 2023.

RIBEIRO, Daniel. Legítima defesa: uma questão de dignidade. *Instituto Defesa*, 9 mai. 2013. Disponível em: <https://www.defesa.org/legitima-defesa-uma-questao-de-dignidade/>. Acesso em: 31 mai. 2023.

ROBERTO MONTE. Retratação política em Toritama PE - A volta dos restos mortais de José Manoel da Silva. *YouTube*, 8 set. 2013. Disponível em: https://youtu.be/1gKIK_bJ1bg. Acesso em: 27 jun. 2023.

SAYURI, Juliana. Brasil Paralelo faz 'guerra de edições' e disputa narrativas na Wikipédia. *TAB UOL*, 9 set. 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/09/guerra-de-edicoes-a-disputa-politica-de-narrativas-na-wikipedia.htm>. Acesso em: 25 mai. 2023.

SECRET SCIENCE. Mais um comunista desafia Olavo de Carvalho e é ridicularizado ao vivo. *YouTube*, 12 mar. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/Y9kfCvHA654>. Acesso em: 13 fev. 2023.

SECRETARIA-GERAL DO EXÉRCITO. Almanques. Disponível em: <http://www.sgex.eb.mil.br/almanques/Almanques/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

STB NO BRASIL. Disponível em <https://stbnobrasil.com/pt/>. Acesso em: 24 jun. 2023.

THE NOITE COM DANILO GENTILI. Entrevista com os produtores de "1964: o Brasil entre armas e livros". *YouTube*, 6 abr. 2019. Disponível em <https://youtu.be/-cbyRjnZExk>. Acesso em 27 dez. 2023.

THE USA AND THE WORLD NEW ORDER. Disponível em: <http://debateolavodugin.blogspot.com/>. Acesso em: 26 jan. 2023.

ÚLTIMA chamada: garanta sua vaga na primeira turma da Travessia. *Brasil Paralelo*, 17 mai. 2023. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/ultima-chamada-garanta-sua-vaga-na-primeira-turma-da-travessia>. Acesso em: 29 mai. 2023.

VEJAPONTOCOM. 'O comunismo foi fundado por meio do assalto e da corrupção', diz Olavo de Carvalho. *YouTube*, 16 mai. 2015, disponível em: <https://youtu.be/E-lAzX8qPEk>. Acesso em: 14 fev. 2023.

VERA Sílvia Magalhães - A História de uma Guerrilheira. *Câmara dos Deputados*, 15 jan. 2004. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/212737-vera-silvia-magalhaes-a-historia-de-uma-guerrilheira/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

VILLAS-BÔAS, Eduardo. Ficaremos de um projeto nacional. *Estadão*, 10 jul. 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/carecemos-de-um-projeto-nacional/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

VISTA PÁTRIA. OLAVO DE CARVALHO DETONA JORNALISTA DO O GLOBO. *YouTube*, 15 fev. 2020. Disponível: <https://youtu.be/svg5V6HhDrQ>. Acesso em: 13 fev. 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A TRAJETÓRIA de Regina Duarte na política, do 'estou com medo' ao convite para integrar governo Bolsonaro. *BBC News Brasil*, 20 jan. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51176738>. Acesso em: 3 out. 2023.

ABREU, Allan de. Os kids pretos. *piauí*, 6 jun. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/teia-do-golpe/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

ABREU, Allan de; RAMOS, Marcella. “Despetização’ de Onyx só tem 1% de petistas. *revista piauí*, 11 jan. 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/despetizacao-de-onyx-tem-so-1-de-petistas/>. Acesso em 24 jan. 2023.

AÉCIO diz que não irá à manifestação ‘para não dar ideia de 3º turno’. *Estado de Minas*, 11 mar. 2015. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2015/03/11/interna_politica,626546/aecio-diz-que-nao-ira-a-manifestacao-para-nao-dar-ideia-de-3-turmo.shtml. Acesso em: 7 jun. 2023.

ALCÂNTARA, Mauro Henrique Miranda de. *D. Pedro II e a emancipação dos escravos*. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013.

ALCÂNTARA, Thays. Vídeo de Olavo de Carvalho defendendo invasão inspirou bolsonaristas. *Metrópoles*, 8 jan. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/video-de-olavo-de-carvalho-defendendo-invasao-inspirou-bolsonaristas>. Acesso em: 13 fev. 2023.

ALCKMIN e Aécio são hostilizados na chegada à manifestação na Paulista. *G1*, 13 mar. 2016. Disponível em: <http://glo.bo/1YOnsNW>. Acesso em 29 jul. 2022.

ALEGRETTI, Laís. Eleições 2022: boicote a pesquisas por eleitores de Bolsonaro pode distorcer resultados? *BBC News Brasil*, 11 out. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63200355>. Acesso em: 2 jun. 2023.

ALMADA, Pablo Emanuel Romero. O negacionismo na oposição de Jair Bolsonaro à Comissão Nacional da Verdade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 36, n. 106, e3610608, 2021.

ALVES, Juliana; FARAH, Tatiana. Damares Alves anula anistia política de 112 pessoas, a maioria militares. *Veja*, 22 fev. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/damares-alves-anula-anistia-politica-de-112-pessoas-a-maioria-militares>. Acesso em: 13 nov. 2023.

ALVES, Márcio Moreira. *Torturas e torturados*. Rio de Janeiro: Editora Idade Nova, 1966.

AMADO, João. Da redação do Jornal do Brasil para as livrarias: os idos de março e a queda em abril, a primeira narrativa do golpe de 1964. 249 f. Dissertação (Mestrado em História Política) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

AMARAL, Olavo. Checagem de fatos científicos: crônica de um fracasso anunciado. *Nexo*, 27 set. 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2022/Checagem-de-fatos-cient%C3%ADficos-cr%C3%B4nica-de-um-fracasso-anunciado>. Acesso em: 21 dez. 2023.

AMORIM, Lucas. Com 500 mil assinantes, Brasil Paralelo quer evitar polêmicas e sonha ser a “Disney brasileira”. *Exame*, 17 fev. 2023. Disponível em: <https://exame.com/negocios/com-500-mil-assinantes-brasil-paralelo-quer-evitar-polemicas-e-sonha-ser-a-disney-brasileira/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

ANJOS, Lígia dos. Como era o Orkut? *Super Interessante*, 23 nov. 2017. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-era-o-orkut/>. Acesso em: 22 set. 2022.

ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

APÓS morte de jovem, ministro dos Direitos Humanos diz que regulação das redes é ‘imperativo civilizatório’. *G1*, 24 dez. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/12/24/apos-morte-de-jovem-ministro-dos-direitos-humanos-diz-que-regulacao-das-redes-e-imperativo-civilizatorio.ghtml>. Acesso em: 30 dez. 2023.

APURAÇÃO 2º turno 2014. *UOL*, s/d. Disponível em: <https://placar.eleicoes.uol.com.br/2014/2turno/>. Acesso em 11 jan. 2024.

ARAGÃO, Alexandre. Em 1999, Bolsonaro defendeu tortura e guerra civil “matando uns 30 mil”. *BuzzFeed News*, 10 out. 2017. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/alexandrearagao/em-1999-bolsonaro-defendeu-tortura-e-guerra-civil-matando>. Acesso em: 06 nov. 2011.

ARAGÃO, Alexandre. Há 3 anos, Bolsonaro zombou da tortura sofrida por Miriam Leitão. Hoje à noite eles estarão frente a frente. *BuzzFeed News*, 3 ago. 2018. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/alexandrearagao/ha-3-anos-bolsonaro-zombou-da-tortura-sofrida-por-miriam>. Acesso em: 6 nov. 2023.

ARAGÃO, Alexandre. Jair Bolsonaro: a trajetória militar e política do presidente que busca a reeleição. *Jota Info*, 13 mai. 2022. Disponível em: <https://www.jota.info/eleicoes/jair-bolsonaro-a-trajetoria-militar-e-politica-do-presidente-que-busca-a-reeleicao-13052022>. Acesso em: 30 out. 2023.

ARAUJO, Valdei. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008.

ARCOMANO, Raúl. El multiverso negacionista: cómo es el entramado de “memoria completa” que se entusiasma con un gobierno de Milei. *elDiarioAR*, 17 set. 2023. Disponível em: https://www.eldiarioar.com/politica/multiverso-negacionista-entramado-memoria-completa-entusiasma-gobierno-milei_1_10519179.html. Acesso em: 29 dez. 2023.

ARRUDA, Roldão. Comissão da Verdade incomoda militares. “Eles têm certeza de que ela levará ao fim da Anistia”, diz especialista. *O Estado de S. Paulo*, 7 ago. 2012. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/roldao-arruda/comissao-da-verdade-incomoda-militares-eles-tem-certeza-de-que-ela-levara-ao-fim-da-anistia-diz-especialista/>. Acesso em: 17 out. 2023.

AS GUERRAS de Palmares. Criação: Luiz Bolognesi. Brasil: Buriti Filmes, 2019. 26 min, son., color. Temporada 1, episódio 2. Série exibida pela Netflix Brasil. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81091385>. Acesso em: 25 mai. 2023.

ASSAD, Paulo; GRINBERG, Felipe; AGUIAR, Felipe. O que pensam os youtubers de Jair Bolsonaro? *O Globo*, 17 nov. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/o-que-pensam-os-youtubers-de-jair-bolsonaro-23237031>. Acesso em: 02 abr. 2023.

AVELAR, Idelber. *Eles em nós: retórica e antagonismos no Brasil do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2021.

AZEVEDO, Luis Felipe. Eduardo Bolsonaro é processado por comparar traficantes e professores em ação que pede R\$ 60 milhões em indenização. *O Globo*, 23 out. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/10/23/professores-processam-eduardo-bolsonaro-por-fala-em-que-compara-educadores-a-trafficantes.ghtml>. Acesso em: 21 dez. 2023.

AZEVEDO, Luis Felipe. Levantamento aponta o que eleitores de Milei e Bolsonaro têm em comum. *O Globo*, 28 nov. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/11/28/levantamento-aponta-o-que-apoiadores-de-milei-e-bolsonaro-tem-em-comum.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2023.

AZEVEDO, Reinaldo. Haddad é o Taliban de bicicleta; é o Estado Islâmico sobre duas rodas. *Veja*, 20 nov. 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/haddad-e-o-taliban-de-bicicleta-e-o-estado-islamico-sobre-duas-rodas/>. Acesso em: 25 dez. 2023.

BÄCHTOLD, Felipe. Candidatura de Silvio Santos levou eleição presidencial à Justiça em 1989. *Folha de S. Paulo*, 18 fev. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/candidatura-de-silvio-santos-levou-eleicao-presidencial-a-justica-em-1989.shtml>. Acesso em: 1 jun. 2022.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. Brasil sairá da ‘ONU comunista’ se eu for eleito, diz Bolsonaro. *Folha de S. Paulo*, 18 ago. 2018. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/brasil-saira-da-onu-comunista-se-for-el-eito-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 15 fev. 2023.

BARBON, Júlia. Milei diz em debate que não houve 30 mil desaparecidos na ditadura argentina. *Folha de S. Paulo*, 2 out. 2023. Disponível em: <https://folha.com/tmakizn8>. Acesso em: 10 dez. 2023.

BARROS, Celso Rocha de. O Brasil e a recessão democrática. *piauí*, ed. 139, abr. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-brasil-e-recessao-democratica/>. Acesso em 29 ago. 2022.

BARROS, Gisele. É #FAKE que Lula recebe aposentadoria de R\$ 35 mil como anistiado político. *G1*, 19 nov. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2021/11/19/e-fake-que-lula-recebe-aposentadoria-de-r-35-mil-como-anistiado-politico.ghtml>. Acesso em: 23 out. 2023.

BARROS, José D'Assunção (org.). *História digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo*. Petrópolis: Vozes, 2022.

BATISTA, Liz. Atentado do Riocentro: as bombas que tentaram parar a abertura política. *Estadão*, 30 abr. 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/atentado-do-riocentro-as-bombas-que-tentaram-parar-a-abertura-politica/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

BATISTA, Liz; SACONI, Rose; LEITE, Edmundo. Há 50 anos, o Estadão começava a publicar poemas de Camões no lugar de notícias censuradas. *Estadão*, 2 ago. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/ha-50-anos-o-estadao-comecava-a-publicar-poemas-de-camoes-no-lugar-de-noticias-censuradas/>. Acesso em: 6 set. 2023.

BAUER, Caroline. Um estudo comparativo das práticas de desaparecimento nas ditaduras civil-militares argentina e brasileira e a elaboração de políticas de memória em ambos os países. 446 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universitat de Barcelona, Porto Alegre e Barcelona, 2011.

BAUER, Caroline. Usos do passado da ditadura brasileira em manifestações públicas de Jair Bolsonaro. In: KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei (orgs.). *Do fake ao fato: (des)atualizando Bolsonaro*. Vitória: Milfontes, 2020. p. 173-193.

BERGAMO, Mônica. Carta pela democracia reúne 100 mil em menos de um dia. *Folha de S. Paulo*, 27 jul. 2022. Disponível em: <https://folha.com/kb174qpz>. Acesso em: 27 jul. 2022.

BERNARDIN, Pascal. A face oculta do mundialismo verde. *Sapientiam autem non vincit malitia*, 13 mar. 2001. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-face-oculta-do-mundialismo-verde/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

BETIM, Felipe. Paulo Guedes repete ameaça de AI-5 e reforça investida radical do Governo Bolsonaro. *El País Brasil*, 26 nov. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/22/politica/1574424459_017981.html. Acesso em: 13 nov. 2023.

BETIM, Felipe. “Provamos que a tortura foi uma política de Estado durante a ditadura”. *El País Brasil*, 10 out. 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/09/politica/1412885347_047042.html. Acesso em: 27 jun. 2023.

BILENKY, Thais. Bannon anuncia Eduardo Bolsonaro como líder sul-americano de movimento de direita populista. *Folha de S. Paulo*, 01 fev. 2019, disponível em <https://folha.com/vtra28iy>. Acesso em: 08 fev. 2023.

BILENKY, Thais. Viagem no vagão, *revista piauí*. ed. 162, mar. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/viagem-do-vagao/>. Acesso em: 08 fev. 2023.

BITTENCOURT, Julinho. Merval Pereira: “a vitória do Lula é a melhor solução para a situação brasileira. *Revista Fórum*, 21 out. 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/midia/2022/8/21/merval-pereira-a-vitoria-do-lula-melhor-solucao-para-situacao-brasileira-122006.html>. Acesso em: 25 dez. 2023.

BOLSONARISTAS são condenados por bomba em caminhão perto de aeroporto em Brasília. *Folha de S. Paulo*, 11 mai. 2023. Disponível em: <https://folha.com/cldv0zrk>. Acesso em: 12 dez. 2023.

BOLSONARO elogiou Chávez e disse não ser anticomunista em 99. *Gazeta do Povo*, 12 dez. 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/bolsonaro-elogia-chavez-e-diz-nao-ser-anticomunista-foi-em-99-mas-a-web-nao-perdoa-e7rbqjuflfudbw18w3dnbk5sc/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

BOLSONARO reproduz “desinformação russa”, diz Ernesto Araújo. *Poder 360*, 01 mar. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/europa-em-guerra/bolsonaro-reproduz-desinformacao-russa-diz-ernesto-araujo/>. Acesso em: 26 abr. 2022.

BOMFIM, Camila. Conversa revela detalhes do acerto de R\$ 2 milhões de Joesley com Aécio. *G1*, 18 mai. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/conversa-revela-detalhes-do-acerto-de-r-2-mi-de-joesley-com-aecio.ghtml>. Acesso em 29 jul. 2022.

BONIN, Robson. Popularidade de Lula bate recorde e chega a 87%, diz Ibope. *G1*, 16 dez. 2010, disponível em: <http://glo.bo/ePOozj>. Acesso em: 22 set. 2022.

BONIN, Robson. STF rejeita ação da OAB e decide que Lei da Anistia vale para todos. *G1*, 29 abr. 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2010/04/stf-rejeita-acao-da-oab-e-decide-que-lei-da-anistia-vale-para-todos.html>. Acesso em: 16 out. 2023.

BORBA, Felipe; DUTT-ROSS, Steve. Quem (não) confia nas urnas eletrônicas. *Insight Inteligência*, ed. 96, s/d. Disponível em: <https://inteligencia.insightnet.com.br/quem-nao-confia-nas-urnas-eletronicas/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

BORGES, Rodolfo. Ditadura militar: serviço secreto soviético considerou “causar guerra civil no Brasil” em 1961. *El País Brasil*, 6 jun. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/04/politica/1528124118_758636.html. Acesso em: 29 nov. 2023.

BORGES, Rodolfo. Documento da CIA relata que cúpula do Governo militar brasileiro autorizou execuções. *El País Brasil*, 10 mai. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/10/politica/1525976675_975787.html. Acesso em: 27 jun. 2023.

BORTOLON, Bianca; RUDNITZKI, Ethel; BARBOSA, João; MANGABEIRA, Milena; FAUSTINO, Marco. Aos Fatos, 19 out. 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/gerador-tuite-falso-g1-falso/>. Acesso em: 17 abr. 2023.

BOSCO, Francisco. *A vítima tem sempre razão?: Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro*. São Paulo: Todavia, 2017.

BOSCO, Francisco. Face cultural do bolsonarismo explica destruição de obras de arte. *Folha de S. Paulo*, 13 jan. 2023. <https://folha.com/go05czvj>. Acesso em: 13 fev. 2021.

BOSCO, Francisco. *O diálogo possível: por uma reconstrução do debate público brasileiro*. São Paulo: Todavia, 2022.

BRAGA, Catharina. “Bolsonaro cuspiu na estátua do meu pai”, lembra o escritor Marcelo Rubens Paiva. *Agência de Notícias CEUB*, 23 out. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.uniceub.br/destaque/bolsonaro-cuspiu-na-estatuado-meupai-records-o-escritor-marcelo-rubens-paiva/>. Acesso em: 6 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. História. Ministério da Saúde, 3 abr. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/historia>. Acesso em: 23 ago. 2023.

BRITO, Adriane Sanctis de; MENDES, Conrado Hübner; SALES, Fernando Romani; AMARAL, Mariana Celano de Souza; BARRETO, Marina Silhessarenko. *O caminho da autocracia: estratégias atuais de erosão democrática*. São Paulo: Tinta-da-China Brasil, 2023.

BURGIERMAN, Denis Russo. O curso de Olavo de Carvalho, o artista da ofensa. *O Globo Época*, 14 mar. 2019, disponível em <https://oglobo.globo.com/epoca/o-curso-de-olavo-de-carvalho-artista-da-ofensa-23521208>. Acesso em: 31 jan. 2023.

BURKE, Peter. *A revolução francesa da historiografia: a escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

CALDEIRA NETO, Odilon. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. *Antíteses*, v. 2, n. 4, jul.-dez. 2009, p. 1097-1123.

CALEIRO, João Pedro. As opiniões polêmicas do novo chanceler sobre raça, fake news e 8 temas. *Exame*, 11 nov. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/as-opinioes-polemicas-do-novo-chanceler-sobre-raca-fake-news-e-8-temas/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

CAMPOS, Luiz Augusto. A reemergência do debate racial na grande imprensa. *Nexo*, 6 nov. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2021/A-reemerg%C3%Aancia-do-debate-racial-na-grande-imprensa>. Acesso em: 31 mai. 2023.

CAMPOS, Luiz Augusto. *Em busca do público: a controvérsia das cotas raciais na imprensa*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.

CANAL BRASIL. É proibido proibir: a fúria de Caetano Veloso no festival de 1968. *Facebook*, 28 out. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=755801334974293>. Acesso em: 6 set. 2023.

CÄNDAU, Joel. *Memória e identidade*. Campinas: Contexto, 2011.

CARDOSO JR, José Celso; *et al* (org.) *Assédio institucional no Brasil* [livro eletrônico]: avanço do autoritarismo e desconstrução do Estado. Brasília: EDUEPB, 2022.

CARDOSO, Daiene. Ciro diz que se eleito vai propor reformas nos primeiros seis meses. *Exame*, 26 abr. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/ciro-diz-que-se-eleito-vai-propor-reformas-nos-primeiros-seis-meses/>. Acesso em 16 jan. 2023.

CARDOSO, Lucileide Costa. *Criações da memória: defensores e críticos da ditadura (1964-1985)*. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2012.

CARLOS MUNHOZ. Allan dos Santos: masturbação mata neurônios. 19 mar. 2019. *YouTube*, Disponível em: <https://youtu.be/2VL8NjXDj6s>. Acesso em: 20 jan. 2023.

CARRANÇA, Thais. Como a guerra na Ucrânia tem causado rachas dentro da direita e da esquerda no Brasil. *Folha de S. Paulo*, 26 fev. 2022. Disponível em: <https://folha.com/nz3bl5og>. Acesso em 19 abr. 2022.

CARROS e ônibus incendiados, botijões de gás, ataque a delegacia e sede da PF: como foram os atos de bolsonaristas radicais em Brasília. *G1*, 13 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/12/13/como-foram-os-atos-de-bolsonaristas-radicais.ghtml>. Acesso em: 14 fev. 2023.

CARTAZ contra desaparecidos do Araguaia irrita deputados. *O Estado de S. Paulo*, 25 set. 2009. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/cartaz-contra-desaparecidos-do-araguaia-irrita-deputados/>. Acesso em: 6 nov. 2023.

CARVALHO, Luiz Maklouf. As armas e os varões. *piauí*, ed. 31, abr. 2009. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/as-armas-e-os-varoes/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

CARVALHO, Luiz Maklouf. As armas e os varões. *piauí*, ed. 31, abr. 2009. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/as-armas-e-os-varoes/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

CASARÕES, Guilherme; MAGALHÃES, David. The hydroxychloroquine alliance: how far-right leaders and alt-science preachers came together to promote a miracle drug. *Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro v. 55(1), p. 197-214, jan.-fev., 2021.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança*. Zahar: Rio de Janeiro, 2013.

CASTRO, Gabriel de Arruda. Militantes de esquerda tentam impedir exibição de filme sobre Olavo de Carvalho em universidade. *Gazeta do Povo*, 14 nov. 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/militantes-de-esquerda-tentam-impedir-exibicao-de-filme-sobre-olavo-de-carvalho-em-universidade-420nm0nfbwatzz1n9o0a5qgh6/>. Acesso em 29 mai. 2023.

CASTRO, Manuela. Eleições argentinas: quem é Victoria Villarruel, vice na chapa do ultradireitista Javier Milei. *CNN Brasil*, 14 ago. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eleicoes-argentinas-quem-e-victoria-villarruel-vice-na-chapa-do-ultradireitista-javier-milei/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. Investigar, processar e punir: um tribunal de exceção ou a Comissão de Investigação Sumária – 1964. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 445-468, set./dez. 2019.

CESARINO, Letícia. As ideias voltaram ao lugar? temporalidades não lineares no neoliberalismo autoritário brasileiro e sua infraestrutura digital. *Caderno CRH*, v. 34, e021022, 2021.

CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CESARINO, Letícia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. *Ilha-Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73-96, 2021.

CHACON, Vamireh. *História dos partidos brasileiros: discurso e práxis dos seus programas*. Brasília: Editora UnB, 1981.

CHADE, Jamil. Diante da pandemia, chanceler alerta contra 'plano comunista' e questiona OMS. *UOL*, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/04/22/diante-da-pandemia-chanceler-alerta-contr-plano-comunista-e-questiona-oms.htm>. Acesso em: 20 jan. 2023.

CHADE, Jamil. Governo retomará recomendações da Comissão Nacional da Verdade. *UOL*, 1 mar. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2023/03/01/governo-retomara-recomendacoes-da-comissao-da-verdade-sobre-a-ditadura.htm>. Acesso em: 16 out. 2023.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia?* São Paulo: Brasiliense, 1981.

CHIRIO, Maud. Da linha dura ao marxismo cultural. O olhar imutável de um grupo de extrema direita da reserva sobre a vida política brasileira (Jornal Inconfidência, 1998-2014). In: MARTINS FILHO, João Roberto (org.) *Os militares e a crise brasileira*. São Paulo: Alameda, 2021. p. 173-187.

CINEMARK diz ter errado ao exibir filme pró-ditadura. *O Globo*, 1 abr. 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/cinemark-diz-ter-errado-ao-exibir-filme-pro-ditadura-23566389>. Acesso em 29 mai. 2023.

CLETO, Murilo. As novas direitas e o revisionismo da escravidão negra em Brasil: a Última Cruzada. *Lusotopie* (Online), XXI, 2, dez. 2022. p. 1-16. Disponível em: <http://journals.openedition.org/lusotopie/6105>. Acesso em: 26 mai. 2023.

CLETO, Murilo. Bolsonaro usou a democracia para implodir consenso sobre a ditadura. *Entendendo Bolsonaro/UOL*, 29 mar. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/coluna-entendendo-bolsonaro/2022/03/29/bolsonaro-usou-a-democracia-para-implodir-consenso-sobre-a-ditadura.htm>. Acesso em: 6 nov. 2023.

CLUBES militares listam os mortos pela esquerda. *Folha de S. Paulo*, 11 dez. 2014. Disponível em: <http://folha.com/no1561302>. Acesso em: 27 jun. 2023.

CODATO, Adriano; BOLOGNESI, Bruno; ROEDER, Karolina Mattos. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (orgs.). *Direita, volver!:* o retorno da direita e o ciclo político. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 115-143.

COELHO, Gabi. FHC, Lula e Dilma não recebem 'bolsa ditadura' nem aposentadoria de ex-presidentes. *O Estado de S. Paulo*, 26 nov. 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/fernando-henrique-lula-dilma-bolsa-ditadura/>. Acesso em: 23 out. 2023.

COLETTA, Ricardo Della. Bolsonaro concede a Olavo de Carvalho condecoração igual à de Mourão e Moro. Folha de S. Paulo, 01 mai. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/05/bolsonaro-concede-a-olavo-de-carvalho-condecoracao-igual-a-de-mourao-e-moro.shtml>. Acesso em: 20 fev. 2023.

COMO a direita se apropriou da obra de George Orwell. *Estadão*, 21 jan. 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/alias/como-a-direita-se-apropriou-da-obra-de-george-orwell/>. Acesso em: 01 mar. 2023.

CORDEIRO, Janaina Martins. Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 85-104, jan.-jun. 2009.

CORDEIRO, Tiago. Duplo padrão: universidades barram filme sobre a ditadura, mas liberam eventos de esquerda. *Gazeta do Povo*, 15 abr. 2019. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/universidades-barram-filme-ditadura-1964-liberam-eventos-esquerda/>. Acesso em 29 mar. 2022.

CORTINHAS, Juliano da Silva; VITELLI, Marina Gisela. Limitações das reformas para o controle civil das Forças Armadas nos governos do PT (2003-2016), *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 186-216, 2021.

COSTA, Ana Clara. A teia do golpe de 8 de Janeiro. *piauí*, ed. 201, jun. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/teia-do-golpe/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

COSTA, Ana Clara. Distanciamento social. *piauí*, set. 2021, n. 180. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/distanciamento-social/>. Acesso em: 17 mai. 2023.

COSTA, Flávio; AZEVEDO, Guilherme. Atentado a bomba matou 2 pessoas durante campanha presidencial na ditadura. *UOL*, 6 set. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/09/06/atentado-a-bomba-matou-2-pessoas-no-aeroporto-do-recife-em-1966.htm>. Acesso em: 27 jun. 2023.

COSTA, Mariana. Ramos concorda com Braga Netto e diz que ditadura é “semântica”. *Metrópoles*, 18 ago. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/ramos-concorda-com-braga-netto-e-diz-que-ditadura-e-semantica>. Acesso em: 13 nov. 2023.

COUTO, Marlen. Após eleições, canais bolsonaristas retiram do ar mais de 4 mil vídeos no YouTube. *O Globo*, 3 nov. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2022/11/apos-eleicoes-canais-bolsonaristas-retiram-do-ar-mais-de-4-mil-videos-no-youtube.ghtml>. Acesso em: 20 dez. 2023.

COUTO, Marlen. Eduardo Bolsonaro pede que seguidores assinem canal conservador que já compartilhou fake news sobre urnas eletrônicas. *O Globo*, 17 jun. 2020. Disponível em:

<https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/eduardo-bolsonaro-pe-de-que-seguidores-assinem-canal-conservador-que-ja-compartilhou-fake-news-sobre-urnas-eletronicas.html>. Acesso em: 29 mai. 2023.

CUÉ, Carlos. Polêmica na Argentina pelos dados sobre desaparecidos da ditadura. *El País Brasil*, 28 jan. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/27/internacional/1453931104_458651.html. Acesso em: 10 dez. 2023.

CZAJKA, Rodrigo. “Quem não lê mal fala, mal ouve, mal vê”: repressão e censura à Editora Civilização Brasileira (1963-1970). In: FICO, Carlos; GARCIA, Miliandre. (orgs.). *Censura no Brasil Republicano (1937-1988)*: sociedade, música, telenovela e livros. Salvador: Sagga, 2021. p. 153 - 178.

D'ARAUJO, Maria Celina; CASTRO, Celso. *Ernesto Geisel*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso. *A volta aos quartéis: a memória militar sobre a abertura*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso. *Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso. *Visões do golpe: a memória militar sobre 1964*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

DALL'AGNOL, Luísa. Parcelas de R\$ 1.000 do Auxílio Caminhoneiro começam em agosto; veja datas. *Veja*, 27 jul. 2022. <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/parcelas-de-r-1-000-do-auxilio-caminhoneiro-comecam-em-agosto-veja-datas/>. Acesso em: 29 jul. 2022.

DANTAS, Audálio. A mídia e o golpe militar. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 28, n. 80, p. 59-74, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/79683>. Acesso em: 11 jun. 2023.

DANTAS, Dimitrius. Olavo de Carvalho está errado e não entendeu Kant, dizem três nomes de destaque da academia brasileira. *O Globo*, 10 fev. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/olavo-de-carvalho-esta-errado-nao-entendeu-kant-diz-em-tres-nomes-de-destaque-da-academia-brasileira-23440419>. Acesso em: 13 fev. 2023.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIES, Dominic. What if the January 6 insurrection at the US Capitol had succeeded? A graphic novel is uniquely placed to answer. *The Conversation*, 6 jan. 2023. Disponível em: <https://theconversation.com/what-if-the-january-6-insurrection-at-the-us-capitol-had-s>

ucceded-a-graphic-novel-is-uniquely-placed-to-answer-197330. Acesso em: 14 dez. 2023.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DEMORI, Leandro. Pesquisadora encontra carta de Bolsonaro publicada em sites neonazistas em 2004. *The Intercept Brasil*, 28 jul. 2021, disponível em: <https://theintercept.com/2021/07/28/carta-bolsonaro-neonazismo/>. Acesso em: 07 fev. 2023.

DIAS, Tatiane. Entrevista: “Delírios de Olavo de Carvalho aprofundaram ideias surgidas nos quartéis brasileiros”. *The Intercept Brasil*, 29 jan. 2022. Disponível em: <https://theintercept.com/2022/01/29/olavo-de-carvalho-teorias-militares-esquerda-lucas-pedretti/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

DIEGUEZ, Consuelo. *O ovo da serpente*. Nova direita e bolsonarismo: seus bastidores, personagens e chegada ao poder. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DORIA, Pedro. *Fascismo à brasileira*: como o Integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo. São Paulo: Planeta, 2020.

DREIFUSS, René Armand. *1964, a conquista do Estado*. Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

DUALIBI, Julia. A verdade da comissão. *piauí*, abr. 2014. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-verdade-da-comissao/>. Acesso em 11 out. 2023.

DUARTE, Letícia. “Destruição é a agenda do Tradicionalismo”, a ideologia por trás de Bolsonaro e Trump. *El País Brasil*, 12 dez. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-12/benjamin-teitelbaum-destruicao-e-a-agenda-do-tradicionalismo-a-ideologia-por-tras-de-bolsonaro-e-trump.html>. Acesso em: 12 dez. 2022.

DUARTE, Letícia. Bônus: Como o olavismo explica o bolsonarismo. In: PIRES, Carol. Retrato Narrado. *revista piauí & Spotify Studios*, 18 nov. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1yeM1KrhNq06y5ck8Z4X4n?si=df0c899d0d144af2>. Acesso em: 13 fev. 2023.

ÉBOLI, Evandro. Alvo de Bolsonaro, busto de Rubens Paiva “resistiu” a ataques do dia 8. *Metrópolis*, 21 jan. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/blog-do-noblat/alvo-de-bolsonaro-busto-de-rubens-paiva-resistiu-a-ataques-do-dia-8>. Acesso em: 6 nov. 2023.

ÉBOLI, Evandro. Dilma ganha na Justiça condição de anistiada e indenização de R\$ 400 mil. *Blog do Noblat/Metrópolis*, 14 fev. 2023. Disponível em:

<https://www.metropoles.com/blog-do-noblat/dilma-ganha-na-justica-condicao-de-anis-tiada-e-indenizacao-de-r-400-mil>. Acesso em: 23 out. 2023.

ÉBOLI, Evandro. Governo criará museu em homenagem às vítimas da ditadura. *Correio Braziliense*, 25 set. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2023/09/5128207-governo-criara-museu-em-homenagem-as-vitimas-da-ditadura.html>. Acesso em: 30 dez. 2023.

ÉBOLI, Evandro. Governo se desfaz de 17 mil obras do acervo da memória da ditadura. *Metrópoles*, 17 set. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/blog-do-noblat/governo-se-desfaz-de-17-mil-de-obras-do-acervo-da-memoria-da-ditadura>. Acesso em: 13 nov. 2023.

EDUARDO Bolsonaro ironiza tortura sofrida pela jornalista Miriam Leitão. *Folha de S. Paulo*, 3 abr. 2022. Disponível em: <https://folha.com/6c20t1jb>. Acesso em: 6 nov. 2023.

EM BUSCA de Anselmo. Criação: Carlos Alberto Jr. Brasil: WarnerMedia Latin America e Clariô Filmes, 2021. son., color. Série exibida pela HBO Brasil. Disponível em: <https://play.hbomax.com/page/urn:hbo:page:GYLIDXwqoYrGLCwEAAAck:type:series>. Acesso em: 30 jun. 2023.

EMPOLI, Giuliano Da. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2022.

ENTENDA o que é 'red pill' e história de coach acusado de misoginia, que foi rejeitado por mulher em reality. *O Globo*, 27 fev. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/02/entenda-o-que-e-red-pill-e-historia-de-coach-acusado-de-misoginia-que-foi-rejeitado-por-mulher-de-50-anos.ghtml>. Acesso em: 01 mar. 2023.

ENTENDA por que líderes de esquerda não participam dos atos deste domingo. *Exame*, 12 set. 2021. Disponível em: <https://exame.com/brasil/entenda-por-que-lideres-de-esquerda-nao-participam-dos-atos-deste-domingo/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

ERNANI, Felipe. Ricardo Confessori diz que é "roqueiro raiz" em explicação bizarra sobre o fim do Shaman. *Tenho Mais Discos Que Amigos*, 14 jan. 2023. Disponível em: <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2023/01/14/ricardo-confessori-roqueiro-raiz/>. Acesso em: 01 mar. 2023.

ESCÂNDALO derruba Palocci; Mantega assume Fazenda. *Folha de S. Paulo*, 28 mar. 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2803200602.htm>. Acesso em: 15 set. 2022.

FAGUNDEZ, Ingrid. Bolsonaro: a infância do presidente entre quilombolas, guerrilheiros e a rica família de Rubens Paiva. *BBC News Brasil*, 16 jan. 2019.

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46845753>. Acesso em: 14 nov. 2023.

FANJUL, Adrián Pablo. “Num dia comum de hoje”: transfigurações entre discursos de reivindicação da ditadura em 1975 e em 2019. *Fragmentum*, Santa Maria, v. 54, p. 71-94, jul./dez. 2019.

FAOUR, Rodrigo. *História da música popular brasileira, sem preconceitos: dos primórdios, em 1500, aos explosivos anos 1970*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

FAUSTO, Ruy. Única coisa rigorosa no discurso de Olavo são os palavrões, diz Ruy Fausto. *Folha de S. Paulo*. 30 nov. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/11/unica-coisa-rigorosa-no-discurso-de-olavo-sao-os-palavroes-diz-ruy-fausto.shtml>. Acesso em: 25 dez. 2023.

FELINTO, Marilene. Quando Sueli Carneiro saiu. *Folha de S. Paulo*, 23 de out. de 2021. <https://folha.com/456fiz2u>. Acesso em 23 de nov. 2021.

FELLET, João. Antonio Palocci pede demissão da Casa Civil, *BBC News Brasil*, 07 jun. 2011. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/06/110607_paloccirenuncia_jf. Acesso em: 15 set. 2022.

FELLET, João. Guerra santa por Bolsonaro. In: _____. Brasil Partido. *BBC News Brasil*, 14 jan. 2023. *Podcast*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/podcasts/p0cyhvny>. Acesso em: 14 fev. 2023.

FELLET, João. Olavo de Carvalho, o parteiro da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias. *BBC News Brasil*, 15 dez. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>. Acesso em: 13 abr 2022.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; VIEIRA, Allana Meirelles. A direita mora do mesmo lado da cidade: especialistas, polemistas e jornalistas. *Novos estudos*. Vol. 38, núm. 1, jan-abr 2019. p. 157-182.

FERNANDES, Guilherme Moreira; SACRAMENTO, Igor. “Liberdade, a melhor coisa do mundo”: uma análise do processo de censura à Despedida de Casado (TV Globo, 1976). In: FICO, Carlos; GARCIA, Miliandre. (orgs). *Censura no Brasil Republicano (1937-1988): sociedade, música, telenovela e livros*. Salvador: Saggá, 2021. p. 93-124.

FERNANDO NICOLAZZI. *Twitter*, 13 abr. 2023. Disponível em: <https://twitter.com/fnicolazzi/status/1646903572095725571>. Acesso em: 17 abr. 2023.

FERRAZ, Lucas. *Injustiçados: execuções de militantes nos tribunais revolucionários durante a ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FICO, Carlos. Como eles agiam: *Os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FICO, Carlos. *O grande irmão*. Da Operação Brother Sam aos anos de chumbo: o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FICO, Carlos. "Prezada Censura": cartas ao regime militar. In: _____; GARCIA, Miliandre. (orgs). *Censura no Brasil Republicano (1937-1988)*: sociedade, música, telenovela e livros. Salvador: Sagga, 2021. p. 21-57.

FIGUEIREDO, Lucas. *Lugar nenhum*: militares e civis na ocultação dos documentos da ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FISHER, Max. *A máquina do caos*. São Paulo: Todavia, 2023.

FRANCO, Luiza. Quem foi Pedro Aleixo, que apoiou o golpe, mas foi o único a votar contra o AI-5 na reunião que decidiu pela decretação do ato. *BBC News Brasil*, 13 dez. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50750811>. Acesso em: 27 jun. 2023.

FRANCO, P. D.; LUZARDO, A.; BAILONI, L. F.; FASSULA, F. C. Medindo Autocensura e Polarização na Educação Superior. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 44, e272100, 2023.

FRANCO, Renato. Censura e modernização cultural à época da ditadura. *Perspectivas*, São Paulo, v. 20/21. p. 77-92. 1997/1998.

FREEDEN, Michael. *Ideology: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

GABEIRA, Fernando. Os caminhos da polarização. *O Estado de S. Paulo*, 21 jul. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opiniao/fernando-gabeira/os-caminhos-da-polarizacao/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

GABRIEL, João. Bolsonaro turbinou indicações e esvaziou controle de Ibama e ICMBio sobre Amazônia. *Folha de S. Paulo*, 20 dez. 2022. Disponível em: <https://folha.com/i4l5yhv3>. Acesso em: 13 fev. 2023.

GABRIEL, João. Golpistas invadem áreas do Congresso, Planalto e STF. *Folha de S. Paulo*, 8 jan. 2023. Disponível em: <https://folha.com/yqvdrwm7>. Acesso em: 12 dez. 2023.

GAGLIONE, Cesar. Como o filme 'Matrix' se tornou símbolo na extrema direita. *Nexo Jornal*, 20 mai. 2020. Disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/05/20/Como-o-filme-%E2%80%98Matrix%E2%80%99-se-tornou-s%C3%ADmbolo-na-extrema-direita>. Acesso em: 01 mar. 2023.

GAGLIONI, Cesar. Podcast 'Flow': do sucesso de audiência à demissão de Monark. *Nexo*, 8 fev. 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/02/08/Podcast-%E2%80%98Flow%E2%80%99-do-sucesso-de-audi%C3%Aancia-%C3%A0-demiss%C3%A3o-de-Monark>. Acesso em 29 mai. 2023.

GARDENAL, Isabel. Eliézer Rizzo lança obra que analisa Comissão da Verdade. *Portal Unicamp*, 23 dez. 2015. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2015/12/23/eliezer-rizzo-lanca-obra-que-analisa-comissao-da-verdade>. Acesso em: 17 out. 2023.

GASPAR, Malu. O fiador: a trajetória e as polêmicas do economista Paulo Guedes, o ultraliberal que se casou por conveniência com Jair Bolsonaro. *piauí*, n. 144, set. 2018.

GASPARI, Elio. *A ditadura derrotada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GESTÃO Bolsonaro celebra golpe de 64 pelo quarto ano seguido. *UOL*, 31 mar. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2022/03/31/gestao-bolsonaro-celebra-golpe-de-64-pelo-quarto-ano-seguido.htm>. Acesso em: 13 nov. 2023.

GHIROTTI, Edoardo; BARRETTO, Eduardo. Palestrantes acionam produtora bolsonarista por acusação de terrorismo. *Metrópoles*, 25 jun. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/palestrantes-acionam-produora-bolsonarista-por-acusacao-de-terrorismo>. Acesso: em 25 jun. 2022.

GIELOW, Igor. Datafolha: 52% acham que Brasil corre risco de virar comunista. *Folha de S. Paulo*, 1 jul. 2023. Disponível em: <https://folha.com/esk3x6lt>. Acesso em: 2 mar. 2024.

GODOY, Marcelo Godoy. Após apoio a Moro, bolsonaristas chamam Santos Cruz de comunista, *Estadão*, 15 nov. 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/apos-apoio-a-moro-bolsonaristas-chamam-santos-cruz-de-comunista/>. Acesso em: 13 fev. 2023.

GOMES, Pedro Henrique; BORGES, Beatriz; OLIVEIRA, Paloma. Após dois anos sem partido, Bolsonaro se filia ao PL, nona legenda da carreira política. *G1*, 30 nov. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/11/30/apos-dois-anos-sem-partido-bolsonaro-se-filia-ao-pl-nona-legenda-da-carreira-politica.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2023.

GOMES, Pedro Henrique; LIS, Laís. Bolsonaro decide ‘implodir’ o Inmetro e anuncia demissão de toda diretoria do órgão. *G1*, 22 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/22/bolsonaro-decide-implodir-o-inmetro-e-anuncia-demissao-de-toda-a-diretoria-do-orgao.ghtml>. Acesso em: 13 fev. 2023.

GOMIDE, Raphael; TORRES, Sergio. Araguaia era referência em aulas do Exército. *Folha de S. Paulo*, 26 jul. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2607200906.htm>. Acesso em: 30 out. 2023.

GONÇALVES, Géssica Brandino. Portugueses nem pisaram na África, diz Bolsonaro sobre escravidão. *Folha de S. Paulo*, 31 jul. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/07/portugueses-nem-pisaram-na-africa-diz-bolsonaro.shtm>. Acesso em: 25 mai. 2023.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2020.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas — A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987.

GRANJEIA, Julianna; ALMEIDA, Rodolfo. Por dentro da máquina do Brasil Paralelo para dominar as buscas no Google. *Núcleo*, 31 jan. 2023. Disponível em: <https://nucleo.jor.br/especiais/2023-01-31-a-maquina-do-brasil-paralelo/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

GRUNER, Clóvis Mendes; CLETO, Murilo Prado. “Sete denúncias”: guerra cultural e retórica antissistema no documentário da Brasil Paralelo sobre a pandemia. In: OLIVEIRA, Rodrigo Cássio; CHRISTINO, Daniel; MACHADO JR, Eliseu Vieira (orgs.). *Covid-19 e a comunicação*. Goiânia: Cegraf UFG, 2021. p. 357-382.

GRUNER, Clóvis. Quadros da barbárie, quadros de memória: a experiência autoritária no Brasil, Argentina e Uruguai em quadrinhos. In: KAMINSKI, Rosane; HONESKO, Vinícius; SEREZA, Luiz Carlos. *Artes & Violências*. São Paulo: Intermeios, 2020. p. 225-246.

GUGLIANO, Monica; MONTEIRO, Tânia. O general, o tuíte e a promessa. *piauí*, 21 mar. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-general-o-tuite-e-promessa/>. Acesso em: 24 out. 2023.

GUIMARÃES, Gabriel Fernandes Rocha. Ocidente, direitas e Islã: a perspectiva de Olavo de Carvalho. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v. 27, n. 2, p. 150-178, 2021.

GULLINO, Daniel. Bolsonaro afirma que TV Escola ‘deseduca’ e tem programação ‘totalmente de esquerda’. *O Globo*, 16 dez. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-afirma-que-tv-escola-deseduca-tem-programacao-totalmente-de-esquerda-1-24140804>. Acesso em: 29 mai. 2023.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Depois de “depois de aprender com a história”, o que fazer com o passado agora. In: NICOLAZZI, Fernando. *Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p. 25-42.

HABERMAS, Jürgen. Tendências Apologéticas. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 25, out. 1989, p.16-27.

HAMBURGER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: SCHWARZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 439-487.

HARRIS, T. The eyeball economy: how advertising co-opts independent thought. *Big Think*. Washington, DC, 10 abr. 2017. Disponível em: <https://bigthink.com/videos/tristan-harris-the-attention-economy-a-race-to-the-bottom-of-the-brain-stem>. Acesso em: 22 fev. 2023.

HARTMAN, Andrew. *A War for the Soul of America: A History of the Culture Wars*. Chicago: University of Chicago Press, 2016.

HELAL FILHO, William. Um século de partido comunista no Brasil: Como foi a cisão entre PC e PCdoB. *O Globo/Blog do Acervo*, 25 mar. 2022. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/um-seculo-de-partido-comunista-no-brasil-como-foi-cisao-entre-pcb-e-pcdob.html>. Acesso em: 25 dez. 2023.

HEREDIA, Cecília. A censura musical no regime militar brasileiro. In: FICO, Carlos; GARCIA, Miliandre. (orgs). *Censura no Brasil Republicano (1937-1988): sociedade, música, telenovela e livros*. Salvador: Saggá, 2021. p. 77-92.

HISTORIAR-SE. O Brasil Paralelo produz história? *YouTube*, 23 mar. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/R71LxS5FhD8>. Acesso em: 31 mai. 2023.

HOLANDA, Marianna. Bolsonaro veta nome de João Goulart para trecho da rodovia Belém-Brasília. *Folha de São Paulo*, 14 out. 2021. Disponível em: <https://folha.com/b6734ons>. Acesso em: 13 nov. 2023.

HOLLANDA, Cristina Buarque de; ISRAEL, Vinícius Pinheiro. Panorama das Comissões da Verdade no Brasil: uma reflexão sobre novos sentidos de legitimidade e representação democrática. *Revista de Sociologia Política*. v. 27, n. 70, e006, 2019.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 169-214.

HUNTER, James Davison. A guerra cultural contínua. *Políticas Culturais Em Revista*, v. 15, n. 1, Salvador, p. 22–62, jan./jun. 2022.

HUNTER, James Davison. *Culture Wars: The Struggle To Define America*. Nova Iorque: Basic Books, 1991.

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA USP. Liberdade Acadêmica e Diversidade de Pensamento na Educação Brasileira Hoje. *YouTube*, 16 dez. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/eRJi3kasF90>. Acesso em: 30 dez. 2023.

JANSEN, Roberta. Human Rights Watch: ditadura no Brasil torturou 20 mil pessoas; 434 foram mortas ou desapareceram. *Estadão*, 27 mar. 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/human-rights-watch-ditadura-no-brasil-torturou-20-mil-pessoas-434-foram-mortas-ou-desapareceram/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

JANTAR de Bolsonaro em Washington teve Olavo de Carvalho e Steve Bannon. *Poder 360*, 18 mar. 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/jantar-de-bolsonaro-em-washington-teve-olavo-de-carvalho-e-steve-bannon/>. Acesso em: 31 jan. 2023.

JORNAL do Ku Klux Klan declara apoio a Trump na eleição dos EUA. *G1*, 22 nov. 2016. Disponível em: <http://glo.bo/2fwGa0m>. Acesso em: 01 abr. 2023.

KALIL, Isabela Oliveira. Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Out. 2018. (Relatório de pesquisa).

KOTSCHO, Ricardo. De volta ao lugar onde Lamarca foi emboscado e fuzilado no sertão baiano. *UOL*, 17 set. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/balao-do-kotscho/2021/09/17/memoria-50-anos-os-ultimos-momentos-de-lamarca-fuzilado-no-sertao-da-bahia.htm>. Acesso em: 14 nov. 2023.

KRUSE, Tulio. Na era Bolsonaro, Inpe chega ao maior estágio de penúria de sua história. *Veja*, 12 dez. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/na-era-bolsonaro-inpe-chega-ao-maior-estagio-de-penuria-de-sua-historia/>. Acesso em: 13 fev. 2023.

KUHL, Nathalia. Assessor de Bolsonaro diz que ajeitava lapela: “Mentes doentias”. *Metrópoles*, 24 mar. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/assessor-de-bolsonaro-diz-que-ajeitava-lapela-mentes-doentias>. Acesso em: 22 fev. 2023.

KUHL, Nathalia. Weintraub é condenado por dizer que universidades produzem drogas. *Metrópoles*, 05 mar. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/justica/weintraub-e-condenado-por-dizer-que-universidades-produzem-drogas>. Acesso em: 13 fev. 2023.

LAMBERTUCCI, Constanza. Una propuesta para romper relaciones con el Vaticano agita la ultraderecha argentina. *El País*, 19 out. 2023. Disponível em: <https://elpais.com/argentina/2023-10-19/la-ultraderecha-argentina-propone-romper-relaciones-con-el-vaticano.html>. Acesso em: 10 dez. 2023.

LEGADO negado: a escravidão no Brasil em um guia incorreto. Direção: Icles Rodrigues. Produção: Icles Rodrigues, Márcio Diniz da Silva, Edward Teixeira Firmo

Neto, Adão Modesto e Vitor de Souza Francisco. YouTube, 20 nov. 2019. 1h26min. Disponível em: <https://youtu.be/tSMYb2ygyXw>. Acesso em: 25 mai. 2023.

LEITÃO, Matheus. O novo revés para as viúvas da ditadura. *Veja*, 31 ago. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/o-novo-reves-para-as-viuvvas-da-ditadura/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

LEITURA OBRIGAHISTÓRIA. Qual a diferença entre memória e história? *YouTube*, 20 jul. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/XRDzvuc4AAU>. Acesso em: 5 jun. 2023.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *How democracies die*. Nova Iorque: Crown Publishing, 2018.

LIMA, Eudes. Sarah Winter, um arquivo vivo. *Isto É*, 19 nov. 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/sara-winter-um-arquivo-vivo/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

LIMA, João Gabriel de. As direitas em choque. *piauí*, out. 2020, ed. 168. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/as-direitas-em-choque/>. Acesso em: 22 set. 2022.

LIMA, Luciana. Olavo de Carvalho frequentava casa da esquerda estudantil em SP. *Metrópoles*, 10 fev. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/olavo-de-carvalho-frequentava-casa-do-estudante-de-sao-paulo>. Acesso em: 15 fev. 2023.

LIMA, Samuel. Boato sobre 'decálogo de Lênin' adapta farsa difundida na época da Guerra Fria. *Estadão Verifica*, 6 ago. 2020. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/boato-sobre-decalogo-de-lenin-adapta-farsa-difundida-na-epoca-da-guerra-fria/>. Acesso em 11 jan. 2024.

LIMA, Samuel. É falso que 'The Washington Post' tenha publicado capa chamando Bolsonaro de 'melhor presidente de todos os tempos'. *Estadão*, 4 out. 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/washington-post-bolsonaro-capa-melhor-presidente/>. Acesso em: 13 abr. 2023.

LIMONGI, Fernando. *Operação impeachment: Dilma Rousseff e o Brasil da Lava Jato*. São Paulo: Todavia, 2023.

LINHARES, Carolina; ZANINI, Fábio. MBL admite culpa por polarização no país e exagero em sua agressividade retórica. *Folha de S. Paulo*, 28 jul. 2019. Disponível em: <https://folha.com/s1dufzkl>. Acesso em: 22 fev. 2023.

LIPSTADT, Deborah. *Negação: uma história real*. São Paulo: Universo dos Livros, 2017.

LISBOA, Marcos; PESSÔA, Samuel (orgs.). *O valor das ideias: debate em tempos turbulentos*. São Paulo: Companhia das Letras: 2019.

LISSARDY, Gerardo. 'Janela de Overton': como ideias políticas consideradas tabu em uma época passam a ser aceitas. *BBC News Brasil*, 5 out. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw0kq417qx4o>. Acesso em: 13 nov. 2023.

LOYOLA, Leandro. Uma breve história de Dilma Rousseff, da luta armada ao Palácio do Planalto. *Época*, 25 out. 2014. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tempo/eleicoes/noticia/2014/10/uma-bbreve-historia-de-dilma-rousseffb-da-luta-armada-ao-palacio-do-planalto.html>. Acesso em: 27 jun. 2023.

LULA conta que pedia a comandantes militares para reconhecerem erros do passado. *Rede Brasil Atual*, 9 dez. 2014. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/lula-counta-que-pedia-a-comandantes-militares-para-reconhecerem-erros-do-passado-9501/>. Acesso em: 4 out. 2023.

LULA diz que 'Veja' é panfleto da oposição e pede indiferença à revista. *Rede Brasil Atual*, 30 out. 2014. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/lula-diz-que-veja-e-panfleto-da-oposicao-e-sugere-postura-de-indiferenca-a-revista-6963/>. Acesso em: 2 jun. 2023.

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. *O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo*. São Paulo: Contracorrente, 2022.

LYRA, Rubens Pinto. Catolicismo e práxis política: da ditadura à atualidade. *A Terra é Redonda*, 28 ago. 2020. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/catolicismo-e-praxis-politica-da-ditadura-a-atualidade/>. Acesso em: 02 out. 2023.

MACEDO, Fausto; NETTO, Paulo Roberto. Tribunal mantém nome do pai de Etchegoyen no relatório da Comissão Nacional da Verdade. *O Estado de S. Paulo*, 27 jun. 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/tribunal-mantem-nome-d-e-general-no-relatorio-da-comissao-nacional-da-verdade/>. Acesso em: 13 out. 2023.

MACEDO, Leticia. Haiti: 13 anos de missão do Exército brasileiro deixou legado questionável. *UOL*, 11 jul. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2021/07/11/haiti-minustah-missao-de-paz-onu-exercito.htm>. Acesso em: 4 out. 2023.

MACHADO, Renato. Lula diz que golpe de 64 é história e que não quer remoer o passado. *Folha de S. Paulo*, 27 fev. 2024. Disponível em: <https://folha.com/7z8otipw>. Acesso em: 4 mar. 2024.

MADEIRO, Carlos. Com verba cortada por Bolsonaro, análise de ossadas da vala de Perus para. *UOL*, 31 mar. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2023/03/31/com-verba-cortada-por-bolsonaro-analise-de-ossadas-da-vala-de-perus-para.htm>. Acesso em: 13 nov. 2023.

MAGALHÃES, Guilherme. Mortes: Ben Abraham, o escritor que queria voar. *Folha de S. Paulo*, 12 out. 2015. Disponível em: <http://folha.com/no1692990>. Acesso em: 2 jun. 2023.

MAGALHÃES, Luiz Antonio. Folha publicou ficha falsa de Dilma. *Observatório da Imprensa*, 25 abr. 2009. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/folha-publicou-ficha-falsa-de-dilma/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

MAHL, Daniela; SCHÄFER, Mike S.; ZENG, Jing. Conspiracy theories in online environments: An interdisciplinary literature review and agenda for future research. *New Media & Society*, v. 25, n. 7, p. 1781-1801, jul. 2023.

MAIA, Flávia. Mendes libera quebra de sigilo telefônico de produtora Brasil Paralelo por CPI. *Jota Info*, 10 ago. 2021. Disponível em: <https://www.jota.info/stf/do-supremo/mendes-libera-quebra-de-sigilo-telefonico-de-produtora-brasil-paralelo-por-cpi-10082021>. Acesso em 31 mai. 2023.

MARCELINO, Douglas Attila. Livros acadêmicos nos anos 1970: uma das facetas da censura. In: FICO, Carlos; GARCIA, Miliandre. (orgs). *Censura no Brasil Republicano (1937-1988): sociedade, música, telenovela e livros*. Salvador: Saggá, 2021. p. 179-194.

MARQUES, Hugo. A herança maldita de Olavo de Carvalho para o governo de Jair Bolsonaro. *Veja*, 26 jan. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/a-heranca-maldita-de-olavo-de-carvalho-para-o-governo-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MARQUES, Victor. Olavo não tinha razão, mas tinha faro. *Jacobin Brasil*, 25 jan. 2022. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2022/01/olavo-nao-tinha-razao-mas-tinha-faro/>. Acesso em: 2 jun. 2023.

MARTINS FILHO, João Roberto. A guerra da memória: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares. *Varia Historia*, Belo Horizonte, n. 28, p. 178-201, dez. 2002.

MARTINS FILHO, João Roberto. *O palácio e a caserna: a dinâmica militar das crises políticas na ditadura (1964-1969)*. 239 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

MARTINS, Estevão Rezende. Historicismo: o útil e o desagradável. In: VARELLA, Flávia; *et. al* (orgs.). *A Dinâmica do Historicismo: Revisitando a historiografia moderna*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011. p. 15-48.

MARTINS, Giovanna de Oliveira. Guerra do Paraguai: diferentes perspectivas e interpretações historiográficas. *O Cosmopolítico*. v. 4, n. 1, p. 98-107, dez. 2016.

MATOS, Vitor; BARBIÉRI, Luis Felipe; MAZUI, Guilherme; D'AGOSTINO, Rosanne. Ex-juiz Sergio Moro anuncia demissão e deixa o governo Bolsonaro. *G1*, 24 abr. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/24/moro-anuncia-demissao-do-ministerio-da-justica-e-deixa-o-governo-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MAZUI, Guilherme. Bolsonaro: 'Se o presidente da OAB quiser saber como o pai dele desapareceu no período militar, eu conto para ele'. *G1*, 29 jul. 2012. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/29/se-o-presidente-da-oab-quiser-saber-como-o-pai-desapareceu-no-periodo-militar-eu-conto-para-ele-diz-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 14 nov. 2023.

MÉDICI, Roberto. *Médici: o depoimento*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

MÉDICO de Olavo de Carvalho nega morte por covid-19. *IG*, 25 jan. 2022. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/2022-01-25/medico-nega-morte-olavo-covid-19.html>. Acesso em: 4 jun. 2023.

MELLO, Wallace da Silva. Análise do pensamento conservador culturalista do Exército no Brasil. In: *Tensões Mundiais*, Fortaleza, v. 18, n. 37, p. 187-212, 2022.

MELO, Demian Bezerra de. O Golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão. In: _____ (org.). *A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p. 157-188.

MELO, Karine; BRITO, Débora. Parlamentares querem desengavetar proposta que revisa Lei da Anistia. *Agência Brasil*, 14 mai. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-05/parlamentares-querem-desengavetar-proposta-que-revisa-lei-de-anistia>. Acesso em: 16 out. 2023.

MEMÓRIAS REVELADAS. Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br>. Acesso em: 10 out. 2023.

MENA, Fernanda. Entrevista: Comparar ataques em Brasília a Capitólio oculta dedo de militares, diz antropólogo. *Folha de S. Paulo*, 14 jan. 2023. Disponível em <https://folha.com/80octlnx>. Acesso em: 13 fev. 2023.

“MENSALÃO” derruba Dirceu, ex-superministro de Lula, *Folha de S. Paulo*, 17 jun. 2005, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1706200502.htm>. Acesso em: 15 set. 2022.

“MENTIR sob tortura não é fácil”, reage ministra. *Folha de S. Paulo*, 8 mai. 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0805200823.htm>. Acesso em: 27 jun. 2023.

MINISTÉRIO do Meio Ambiente e PF divergem sobre maior carga de madeira já apreendida no país. *Jornal Nacional*, 07 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/04/07/ministerio-do-meio-ambiente-e-pf-divergem-sobre-maior-carga-de-madeira-ja-apreendida-no-pais.ghtml>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MINISTRO divulga capa falsa de revista e atribui a Bolsonaro saída de tropas russas da fronteira com Ucrânia. *G1*, 15 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/02/15/ministro-posta-cap-a-falsa-da-revista-time-que-relaciona-ida-de-bolsonaro-a-russia-e-retirada-de-tropas-na-fronteira-com-a-ucrania.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2023.

MIRIAM Leitão lê nota da Globo ao vivo e vira assunto na internet. *Veja*, 4 ago. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/miriam-leitao-le-nota-da-globo-ao-vivo-e-vira-assunto-na-internet>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MIROWSKI, Philip. Hell is truth seen too late. *Boundary 2*, [s.l.], v. 46, n. 1, p. 1-53, 2019.

MONNERAT, Alessandra; SARTORI, Caio. Vendas de livros de Olavo de Carvalho triplicam desde eleição. *Estadão*, 19 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,vendas-de-livros-de-olavo-de-carvalho-triplicam-desde-eleicao,70002686383>. Acesso em: 12 abr. 2023.

MONTEIRO, Renan. Brasil Paralelo surfa na polarização e tem crescimento exponencial. *Veja*, 8 jul. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/brasil-paralelo-surfa-na-polarizacao-e-tem-crescimento-exponencial>. Acesso em:

MONTELEONE, Joana. Sobre as fontes de Hugo Studart em "Borboletas e Lobisomens". *Opera Mundi*, 21 jul. 2018. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/53867/sobre-as-fontes-de-hugo-studart-em-borboletas-e-lobisomens>. Acesso em: 23 out. 2023.

MORAES, Everton de Oliveira; CLETO, Murilo Prado. A última cruzada: tempo e historicidade na série da produtora Brasil Paralelo. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 15, n. 38, e0108, abr. 2023.

MORAES, Mauricio. É falso que Pepsi admitiu usar células de fetos abortados em refrigerantes, *Lupa*, 06 dez. 2019. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2019/12/06/verificamos-pepsi-celulas-fetos-abortados-refrigerantes>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MOREIRA, Fernanda Teixeira. "Só os vitoriosos esqueceram": intelectuais de direita e as disputas pela memória da ditadura civil-militar brasileira. 238 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2013.

MOTA, Camilla Veras. Brasil é país que menos julgou e puniu crimes da ditadura na região, diz historiadora argentina. *BBC News Brasil*, 24 abr. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-61171113>. Acesso em: 10 dez. 2023.

MOTTA, Rayssa. MPF aciona Justiça para obrigar Defesa a apagar nota que celebra ditadura. *CNN Brasil*, 31 mar. 2023. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/mpf-aciona-justica-para-obrigar-defesa-a-apagar-nota-que-celebra-ditadura/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Anticomunismo, antipetismo e o giro direitista no Brasil. In: BOHOSLAVSKY, Ernesto; MOTTA, Rodrigo P. S.; BOISARD, Stéphane. (orgs.). *Pensar as direitas na América Latina*. São Paulo: Alameda, 2019. p. 75-98.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Rio de Janeiro: Eduff, 2020.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Passados presentes: o golpe de 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

MOTTA, Rodrigo. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MOURA, Maurício; CORBELLINI, Juliano. *A eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

MUDDE, Cas. *A extrema direita hoje*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022.

MURILO CLETO. *Twitter*, 17 mai. 2022. <https://twitter.com/MuriloCleto/status/1526602779879518208>. Acesso em 28 jun. 2022

“NÃO tento agradar”, diz Bolsonaro, o deputado federal mais votado no RJ. *G1*, 6 out. 2014, disponível em: <http://glo.bo/1BJKcBm>. Acesso em: 13 fev. 2023.

NAPOLITANO, Marcos. A imprensa e a construção da memória do regime militar brasileiro (1965-1985). *Estudos Ibero-Americanos*, vol. 43, núm. 2, p. 346-366, mai.-ago. 2017.

NAPOLITANO, Marcos. *História do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *Novos combates pela história*. São Paulo: Contexto, 2021. p. 85-111.

NAPOLITANO, Marcos. Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. *Antíteses*, Londrina, v. 8, n. 15esp., p. 9-44, nov. 2015.

NAPOLITANO, Marcos; SELIPRANDY, Fernando. O cinema e a construção da memória sobre o regime militar brasileiro: uma leitura de Paula: a história de uma subversiva (Francisco Ramalho Jr., 1979). IN: MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos. *O cinema e as ditaduras militares: contextos, memórias e representações audiovisuais*. São Paulo: Intermeios, 2018. p. 77-100.

Narciso em férias. Dir.: Renato Terra; Ricardo Calil. *Globoplay*, 2020. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8836951>. Acesso em 23 jan. 2023.

NEIVA, Lucas. Grupo de extrema-direita se infiltra no PDT, que anuncia sua expulsão. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/grupo-de-extrema-direita-se-infiltra-no-pdt-que-anuncia-expulsao-de-membros/>. Acesso em: 25 jun. 2022.

NEONAZISTAS ajudam a convocar 'ato cívico' pró-Bolsonaro em São Paulo. *UOL*, 06 abr. 2011. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2011/04/06/neonazistas-ajudam-a-convocar-ato-civico-pro-bolsonaro-em-sao-paulo.htm>. Acesso em: 07 fev. 2023.

NOBRE, Marcos. A frente ampla é para ontem. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 1 mar. 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-frente-ampla-e-para-ontem/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

NOBRE, Marcos. *Limites da democracia*: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro. Todavia: São Paulo, 2022.

NOBRE, Marcos. *Ponto final*: a guerra de Bolsonaro contra a democracia. São Paulo: Todavia, 2020.

NUNES, Augusto. Leandro Narloch, jornalista e autor do livro Guia politicamente incorreto da história do Brasil. *Veja*, 29 dez. 2010. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/leandro-narlochjornalista-e-autor-do-livro-guia-politicamente-incorreto-da-historia-do-brasil/>. Acesso em: 23 nov. 2021.

NUNES, Felipe; TRAUMANN, Thomas. *Biografia do abismo*: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2023.

NUNES, Rodrigo. *Do transe à vertigem*: ensaios sobre o bolsonarismo e um mundo em transição. Ubu: São Paulo, 2022.

NY registra aumento de intoxicação por desinfetante após sugestão de Trump. *Exame*, 26 abr. 2020. Disponível em: <https://exame.com/mundo/ny-registra-aumento-de-intoxicacao-por-desinfetante-apos-sugestao-de-trump/>. Acesso em: 29 mai. 2023.

NYT alerta para capa falsa com textos pró-Bolsonaro. *Poder 360*, 5 mai. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/nyt-alerta-para-capa-falsa-com-textos-pro-bolsonaro/>. Acesso em: 13 abr. 2023.

OKUMA, André. A Brasil Paralelo na Guerra Cultural. In: JORGE, Marina; GOLDSTEIN, Ilana; MATOS, Yanet; HOFFMANN, Ana; ARANTES, Pedro; SQUEFF, Leti. (orgs.) *Perspectivas de pesquisa em imagem e gênero* (livro eletrônico). Brasília: PPGHA/Unifesp, 2023. p. 35-53.

OLAVO de Carvalho chama Villas Bôas de “doente preso a uma cadeira de rodas”. *Portal IG*, 7 mai. 2019. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2019-05-07/olavo-de-carvalho-chama-villas-boas-de-doente-presos-a-cadeira-de-rodas.html>. Acesso em 31 jan. 2023.

OLAVO de Carvalho cria teoria da conspiração de que coronavírus não gerou mortes. *IG*, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2020-03-23/olavo-de-carvalho-cria-teoria-da-conspiracao-de-que-coronavirus-nao-gerou-mortes.html>. Acesso em: 13 fev. 2023.

OLAVO de Carvalho já rendeu mais de R\$ 11 milhões para editora Record. *UOL*, 28 jul. 2021. <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/07/28/olavo-de-carvalho-editora-record.htm>. Acesso em: 12 abr. 2023.

OLAVO de Carvalho questiona se Terra orbita o sol; o que diz a ciência? *Tilt UOL*, 09 jan. 2019. disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/ultimas-noticias/redacao/2019/01/09/o-que-a-ciencia-diz-sobre-a-terra-ser-o-centro-do-universo.htm>. Acesso em: 13 fev. 2023.

OLAVO diz que quem escreveu as músicas dos Beatles foi sociólogo alemão. *Folha de S. Paulo*, 07 set. 2019, disponível em <https://folha.com/bcx3j4it>. Acesso em 13 abr 2022.

OLIVEIRA, David Barbosa; REIS, Ulisses Levy Silvério dos. A teoria dos dois demônios: resistências ao processo brasileiro de justiça de transição. *Rev. Direito e Práx*, v. 12, n. 1, p. 48-76, jan.-mar. 2021.

OLIVEIRA, Eliézer Rizzo de. *As Forças Armadas: política e ideologia no Brasil (1964-1969)*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

OLIVEIRA, Mariana. Defensoria Pública pede que Justiça proíba comemorações sobre golpe de 64. *G1*, 26 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/26/defensoria-publica-pede-que-justica-proiba-comemoracoes-sobre-golpe-de-64.ghtml>. Acesso em: 10 nov. 2023.

OLIVEIRA, Rebeca. Disponível em: <https://folha.com/mk4s83br>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ORESQUES, Naomi; CONWAY, Erik. *Merchants of doubt*. Nova Iorque: Bloomsbury, 2010.

ORTELLADO, Pablo. Combo liberal-conservador é o mesmo na Argentina e no Brasil. *O Globo*, 2 dez. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniaopablo-ortellado/coluna/2023/12/combo-liberal-conservador-e-o-mesmo-na-argentina-e-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2023.

ORTELLADO, Pablo. Guerras culturais no Brasil. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 1 dez. 2014. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/guerras-culturais-no-brasil/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

ORTELLADO, Pablo. Precisamos escutar. *O Globo*, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/opiniaopost/precisamos-escutar.html>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ORTELLADO, Pablo; MARTINS, Elisa. Podcast 'Guerras culturais: Uma batalha pela alma do Brasil'; leia a transcrição do sexto episódio. *O Globo*, 3 set. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/podcast/guerras-culturais/noticia/2022/09/podcast-guerras-culturais-uma-batalha-pela-alma-do-brasil-leia-a-transcricao-do-sexto-episodio.ghtml>. Acesso em 3 fev. 2023.

ORTELLADO, Pablo; MARTINS, Elisa. Podcast disseca debate moral que dominou a política brasileira; leia a transcrição do primeiro episódio. *O Globo*, 29 ago. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/podcast/guerras-culturais/noticia/2022/08/podcast-disseca-debate-moral-que-dominou-politica-brasileira-leia-transcricao-do-primeiro-episodio.ghtml.ghtml>. Acesso em 28 set. 2023.

ORTELLADO, Pablo; MARTINS, Elisa. Podcast 'Guerras culturais: Uma batalha pela alma do Brasil'; leia a transcrição do terceiro episódio. *O Globo*, 31 ago. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/podcast/guerras-culturais/noticia/2022/08/podcast-guerras-culturais-uma-batalha-pela-alma-do-brasil-leia-a-transcricao-do-terceiro-episodio.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ORTELLADO, Pablo; MARTINS, Elisa. Podcast 'Guerras Culturais: Uma batalha pela alma do Brasil'; leia a transcrição do quarto episódio'. *O Globo*, 1 set. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/podcast/guerras-culturais/noticia/2022/09/podcast-guerras-culturais-uma-batalha-pela-alma-do-brasil-leia-a-transcricao-do-quarto-episodio.ghtml>. Acesso em: 31 mai. 2023.

ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio. Nota Técnica #03 - 40 dias da campanha de Jair Bolsonaro. *Monitor do Debate Político no Meio Digital*, 25 set. 2018. Disponível em: <https://www.monitordigital.org/2018/09/25/nota-tecnica-03/>. Acesso em: 07 fev. 2023.

PACHECO, Clarissa. George Orwell não é o autor de frase sobre 'mentiras universais'. *O Estado de S. Paulo*, 3 mar. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/george-orwell-mentira-verdade-ato-revolucionario/>. Acesso em: 9 dez. 2023.

PALÁCIOS, Ariel. Os 47 anos da ditadura mais sangüinária do século XX na América do Sul. *CBN*, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/403873/os-47-anos-da-ditadura-mais-sangrenta-da-historia-.htm>. Acesso em: 10 dez. 2023.

PALERMO, Luis Claudio. Uma análise sobre aspectos da historiografia da escravidão brasileira pós-1980: permanências, mudanças e matizes no interior dessa tendência. *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*. v. 37, p. 214-235, jul.-dez. 2019.

PARREIRA, Marcelo. No fim do mandato, governo aprova relatório e encerra Comissão de Mortos e Desaparecidos na Ditadura. *G1*, 31 dez. 2022. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/12/31/no-fim-do-mandato-governo-aprova-relatorio-e-encerra-comissao-de-mortos-e-desaparecidos-na-ditadura.ghtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

PASSOS, Paulo; HOUS, Débora Sögur. Internet supera TV em influência na eleição, *Folha de S. Paulo*, 07 out. 2018, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/internet-supera-tv-em-influencia-na-eleicao.shtml>. Acesso em: 07 fev. 2023.

PAULO, Diego Martins Dória. Brasil Paralelo tenta censurar debate. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 21 jul. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/brasil-paralelo-tenta-censurar-debate/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

PEDRETTI, Lucas. A conciliação que nos trouxe até aqui. *piauí*, 24 jan. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/conciliacao-que-nos-trouxe-ate-aqui/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

PEDRETTI, Lucas. Documentos mostram como a ditadura negou o racismo - e o mesmo argumento é usado até hoje. *The Intercept Brasil*, 3 out. 2023. Disponível em:

<https://www.intercept.com.br/2023/10/03/documentos-mostram-como-a-ditadura-negou-o-racismo-e-o-mesmo-argumento-e-usado-ate-hoje/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

PEREIRA, Eduardo; BALESTRO, Mayara. Por que a Brasil Paralelo está perseguindo alunos e professores? *Esquerda Online*, 24 ago. 2021. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2021/08/24/por-que-a-brasil-paralelo-esta-perseguindo-alunos-e-professores/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

PEREIRA, Mateus. Nova direita? guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014). *Varia História*, Belo Horizonte, v. 31, n. 57, p. 863-902, dez. 2015.

PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei. *Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI*. Vitória: Editora Milfontes; Mariana: Editora da SBTHH, 2019.

PERES, Daniel. Quão obscurantista é o emplastro filosófico de Olavo de Carvalho. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 12 fev. 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/resposta-a-pergunta-quao-obscurantista-e-o-emplastro-filosofico-de-olavo-de-carvalho/>. Acesso em 13 fev. 2023.

PERON, Isabela. Em menor número, bolsonaristas seguem acampados no quartel-general do Exército mesmo após posse de Lula. *Valor Econômico*, 02 jan. 2023. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2023/01/02/bolsonaristas-se-mantem-acampados-no-quartel-general-do-exercito-mesmo-apos-posse-de-lula.ghtml>. Acesso em: 14 fev. 2023.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

PINOTTI, Fernanda. Quem foi Luiz Carlos Cancellier, reitor homenageado por Lula. *CNN Brasil*, 19 jan. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/quem-foi-luiz-carlos-cancellier-reitor-homenageado-por-lula/>. Acesso em: 30 dez. 2023.

PINTO NETO, Moysés. Política na era da visibilidade total: observações conjunturais a partir do episódio The Waldo Moment, de Black Mirror. *Galáxia*, n. 45, p. 139-152, set-dez 2020.

PINTO, Ana Estela de Souza. Com 'lei do coronavírus', premiê húngaro obtém poderes ilimitados para governar. *Folha de S. Paulo*, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/primeiro-ministro-da-hungria-obtem-poder-para-governar-por-decreto.shtml>. Acesso em 25 mai. 2023.

PINTO, Eduardo Costa. Bolsonaro, quartéis e marxismo cultural: a loucura como método. In: MARTINS FILHO, João Roberto (org.) *Os militares e a crise brasileira*. São Paulo: Alameda, 2021. p. 232-246.

PINTO, João Alberto da Costa. Gilberto Freyre e a intelligentsia salazarista em defesa do Império Colonial Português (1951-1974). *História*, Franca, v. 28, n. 1, p. 445-482, 2009.

PIRES, Breno. Toffoli suspende multa bilionária do acordo de leniência da J&F. *piauí*, 20 dez. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/toffoli-suspende-multa-bilionaria-do-acorde-de-leniencia-da-jf/>. Acesso em: 30 dez. 2023.

PIRES, Carol. 1. Em busca de Eldorado. In: _____. Retrato Narrado. revista piauí & Spotify Studios, 30 set. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1YZtqK4nc6ivsJHZXHtA6v?si=026d3dd0ceea4a7e>. Acesso em: 30 out. 2023.

PL das fake news: 3 pontos para entender disputa entre governo e Google. *BBC News Brasil*, 2 mai. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crg2jx75y40o>. Acesso em: 30 mai. 2023.

PLASSE, Marcel. Comentaristas da Jovem Pan News têm perfis bloqueados no Twitter. *Terra*, 30 dez. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/comentaristas-da-jovem-pan-news-tem-perfis-bloq>

ueados-no-twitter,0fb4ed1ab9f84980c8b57f3fbfaf88d6m7o1lcd4.html. Acesso em: 05 abr. 2023.

PODER 360. Bolsonaro cita Ustra no voto pelo impeachment de Dilma Rousseff. *YouTube*, 17 abr. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/WvN7nYxbH-o>. Acesso em: 08 fev. 2023.

PODER360. Bolsonaro compara Comissão da Verdade a “cafetina”. *YouTube*, 8 ago. 2019. Disponível em: https://youtu.be/F254_6lbtD8?si=om7iO0-P0yxLLJC7. Acesso em: 6 nov. 2023.

PODER360. Jair Bolsonaro cita apoio do Grupo Globo ao golpe de 1964. *YouTube*, 5 ago. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/aL3NIWj5gy4>. Acesso em: 10 nov. 2023.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PÓLVORA, Hélio (org.). *Os idos de março e a queda em abril*. Rio de Janeiro, José Álvaro Editor, 1964.

POROGER, Felipe; BERESIN, Pedro. As novas caras do neonazismo no Brasil. *piuí*, 23 jun. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/as-novas-caras-do-neonazismo-no-brasil/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

PRAZERES, Leandro. *BBC News Brasil*, 14 set. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62896472>. Acesso em: 14 dez. 2023.

PRAZERES, Leandro. Damares promete memorial para anistiados políticos. *O Globo*, 23 out. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/damares-promete-memorial-para-anistiados-politicos-24036516>. Acesso em: 13 nov. 2023.

PRAZERES, Leandro. Qual a posição do Brasil sobre a invasão russa na Ucrânia?. *BBC News Brasil*, 10 mar. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60690024>. Acesso em 19 abr. 2022.

PRESIDENTE da Fundação Palmares diz que escravidão foi ‘benéfica’. *R7*, 27 nov. 2019. Disponível em: <https://www.r7.com/Edhr>. Acesso em: 13 fev. 2023.

PRESIDENTE Lula é reeleito com mais de 58 milhões de votos. *Senado Notícias*, 30 out. 2006. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2006/10/30/presidente-lula-e-reeleito-com-mais-de-58-milhoes-de-votos>. Acesso em: 22 set. 2022.

QUADROS, Vasconcelo. Militares teriam levado presos políticos para matar no Araguaia. *Agência Pública*, 14 jul. 2021. Disponível em: <https://apublica.org/2021/07/militares-teriam-levado-presos-politicos-para-matar-no-araguaia/>. Acesso em: 23 out. 2023.

QUATRO anos depois, Brasil ignora maioria das propostas da Comissão da Verdade. *Aos Fatos*, 29 mar. 2019. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/quatro-anos-depois-brasil-ignora-maioria-das-recomendacoes-da-comissao-da-verdade/>. Acesso em: 25 out. 2023.

QUEIRÓZ, Suely Robles Reis de. A escravidão negra em debate. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 103-117.

QUIÉNES son y cómo piensan los Benegas Lynch, los "próceres" de Javier Milei. *Página 12*, 17 ago. 2023. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/579851-quienes-son-y-como-piensan-los-benegas-lynch-los-proceres-de>. Acesso em: 10 dez. 2023.

QUINTINO, Larissa. Atos bolsonaristas bloqueiam estradas em 7 estados pelo país. *Veja*, 09 nov. 2022. Disponível em <https://veja.abril.com.br/economia/atos-bolsonaristas-bloqueiam-estradas-em-17-estados/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

RÁDIO BAND NEWS FM. O É da Coisa Especial - Reinaldo Azevedo entrevista Lula. *YouTube*, 1 abr. 2021.

RAMOS, Jair de Souza. Machines among the crowd: on the political effects of algorithmic production of social currents. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, v. 16, p. e16210, 2019.

RANGEL, Marcelo de Mello; RODRIGUES, Thamara de Oliveira. História e modernidade em Hans Ulrich Gumbrecht. *Revista Redescritões – Revista online do GT de Pragmatismo*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 63-71, 2012.

REIMÃO, Sandra. Autores estrangeiros, vetos nacionais — livros e censura no Brasil (1964-1985). In: FICO, Carlos; GARCIA, Miliandre. (orgs). *Censura no Brasil Republicano (1937-1988): sociedade, música, telenovela e livros*. Salvador: Sagga, 2021. p. 195-210.

REINALDO JOSÉ LOPES. Brasil Paralelo: erros bizarros e alguns acertos no ep. 1. *YouTube*, 1 dez. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/7yCzari77PM>. Acesso em: 15 mai. 2023.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

REIS, Daniel Aarão. As armadilhas da memória e a reconstrução democrática. In: Abranches, Sérgio; *et al.* *Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 274-286.

REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

REZENDE, Constança. *Folha de S. Paulo*, 16 nov. 2022. Disponível em: <https://folha.com/5fc792vo>. Acesso em: 12 jun. 2023.

RIBEIRO, Amanda; MENEZES, Luis Fernando. Como a desinformação sobre urnas abasteceu a artilharia de Bolsonaro contra o sistema eleitoral. *Aos Fatos*, 6 jun. 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/desinformacao-urnas-abasteceu-artilharia-bolsonar-o-contra-sistema-eleitoral/>. Acesso em: 29 mai. 2023.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Silvia. Protesto contra caos aéreo reúne 300 pessoas, diz PM. *G1*, 29 jul. 2007, disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL79468-5605,00-PROTESTO+CONTRA+CAOS+AEREO+REUNE+PESSOAS+DIZ+PM.html>. Acesso em: 22 set. 2022.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Unesp, 2014.

RIVEIRO, Felipe. Nazistas nos bancos dos réus: há 77 anos, começava o julgamento de Nuremberg. *Aventuras na História*, 20 nov. 2021. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/ha-76-anos-comecava-o-julgamento-de-nuremberg.phtml>. Acesso em: 9 jun 2023.

ROBERTO NETTO, Paulo. TSE desmonetiza Brasil Paralelo e intima Carlos Bolsonaro por fake news. *UOL*, 18 out. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/18/tse-desmonetiza-brasil-paralelo-e-intima-carlos-bolsonaro-por-fake-news.htm>. Acesso em: 1 jun. 2023.

ROCHA, Camila. Bolsonaro e o marketing do “homem cordial”. *piauí*, 11 ago. 2022. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/eleicoes-2022/bolsonaro-e-o-marketing-do-homem-cordial/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

ROCHA, Camila. “Menos Marx, mais Mises”: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 232 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ROCHA, João Cezar de Castro Rocha. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Caminhos, 2021.

ROCHA, Marcelo; GALF, Renata. Moraes nega ação do PL sobre urnas e condena partido a pagar R\$ 23 milhões por má-fé. *Folha de S. Paulo*, 23 nov. 2022. Disponível em: <https://folha.com/o9limg0f>. Acesso em 2 dez. 2022.

RODA VIVA. Jair Bolsonaro abrirá os arquivos da ditadura? *YouTube*, 31 jul. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/u1shvXtzUxU>. Acesso em: 10 nov. 2023.

RODRIGUES, Icles. Usos pedagógicos para YouTube e podcasts. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *Novos combates pela história*. São Paulo: Contexto, 2021. p. 175-197.

RODRIGUES. Lidiane Soares. Uma revolução conservadora dos intelectuais (Brasil/2002-2016). *Política & Sociedade*. v. 17, n. 39, p. 277-312, mai.-ago. 2018.

ROMANO, Giovanna. Eduardo Bolsonaro estuda história em canal acusado de 'fake news'. *Veja*, 15 out. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/eduardo-bolsonaro-estuda-historia-em-canal-acusado-de-fake-news>. Acesso em: 29 mai. 2023.

ROQUE, Tatiana. A queda dos experts. *piauí*, mai. 2021. ed. 176. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/queda-dos-experts/>. Acesso em: 13 abr. 2023.

ROSSI, Marina. A regra de sangue da Operação Condor, a aliança mortífera das ditaduras do Cone Sul. *El País Brasil*, 30 mar. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/politica/1553895462_193096.html. Acesso em: 30 jun. 2023.

ROXO, Sérgio; LEALI, Francisco. Eduardo Bolsonaro divulga documentário que defende a ditadura. *O Globo*, 5 fev. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/filho-de-bolsonaro-divulga-documentario-que-defende-ditadura-23431083>. Acesso em: 10 jun. 2023.

RUDNITZKI, Ethel; SCOFIELD, Laura; OLIVEIRA, Rafael. A boiada invade a tela. *Agência Pública*, 29 jul. 2021. Disponível em: <https://apublica.org/2021/07/a-boiada-invade-a-tela/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

SAAB, Luiza Abi. Londrina: Professor universitário apoia atos terroristas em Brasília e pede intervenção militar. *Jornalistas Livres*, 13 jan. 2023. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/londrina-professor-universitario-apoia-atos-terroristas-em-brasilia-e-pede-intervencao-militar/>. Acesso em: 9 jan. 2023.

SAID, Flávia. Ex-aliados de Bolsonaro mostram como funciona o Gabinete do Ódio. *Congresso em Foco*, 28 mai. 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/ex-aliados-de-bolsonaro-detalmam-modus-operandi-do-gabinete-do-odio/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

SALLES, D; MEDEIROS, P. M. de, SANTINI, R. M.; BARROS, C. E. The Far-Right Smokescreen: Environmental Conspiracy and Culture Wars on Brazilian YouTube. *Social Media + Society*, v. 9, n. 3, p. 1-22, jul-set. 2023. <https://doi.org/10.1177/20563051231196876>.

SALVADÓ, Francisco J. Romero. *A guerra civil espanhola*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SANTOS JUNIOR, Marcelo Alves dos. Vai pra Cuba!!!! A rede antipetista na eleição de 2014. 199 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

SANTOS, Clarissa Grahl dos. Das armas às letras: os militares e a constituição de um campo memorialístico de defesa à ditadura empresarial militar. 184 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SANTOS, Débora. STF decide, por unanimidade, pela constitucionalidade das cotas raciais. *G1*, 26 abr. 2012. Disponível em: <https://glo.bo/1mPOZ48>. Acesso em: 31 mai. 2023.

SANTOS, Eduardo Heleno de Jesus. Grupos de pressão política formados por militares da reserva no Mercosul. 321 f. Tese (Doutorado em Ciência Política - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos. Agenda conservadora, ultraliberalismo e “guerra cultural”: “Brasil Paralelo” e a hegemonia das direitas no Brasil contemporâneo (2016-2020). 147 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021.

SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SARMENTO, Ana. ‘Redpillado’: como ‘Matrix’ inspira grupos machistas e a extrema-direita. *TAB UOL*, 23 nov. 2021. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/11/23/redpillado-como-matrix-inspira-grupos-machistas-e-a-extrema-direita.htm>. Acesso em: 01 mar. 2023.

SATIE, Ana. Datafolha x datapovo: Por que não dá para comparar pesquisa e manifestação? *UOL*, 7 set. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/09/07/datafolha-x-datapovo-por-que-nao-da-para-comparar-pesquisa-e-manifestacao.htm>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SAYURI, Juliana. Brasil Paralelo faz ‘guerra de edições’ e disputa narrativas na Wikipédia. *TAB UOL*, 9 set. 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/09/guerra-de-edicoes-a-disputa-politica-de-narrativas-na-wikipedia.htm>. Acesso em: 26 mai. 2023.

SCARDOELLI, Anderson. “Guru bolsonarista”, Olavo de Carvalho teve palco na imprensa. *Comunique-se*, 25 jan. 2022. Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/antes-de-ser-guru-bolsonarista-olavo-de-carvalho-teve-palco-na-imprensa/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SCHEIBER, Mariana. 5 pontos polêmicos do PL das Fake News. *BBC News Brasil*, 2 mai. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cyeyxje7r9go>. Acesso em: 30 dez. 2023.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e política (1964-1969). In: _____. *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 61-92.

SCOFIELD, Laura. A campanha bolsonarista contra o PL das fake news. *Nexo*, 25 abr. 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/externo/2023/04/25/A-campanha-bolsonarista-contra-o-PL-das-fake-news1>. Acesso em: 15 dez. 2023.

SELIPRANDY, Fernando. Documentário e memória intergeracional das ditaduras do Cone Sul. 378 f. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SELIPRANDY, Fernando. *Imagens divergentes, “conciliação” histórica*: memória, melodrama e documentário nos filmes *O que é isso companheiro?* e *Hércules 56*. 230 f. Dissertação (Mestrado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima e. *Masculinismo*: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil. 240 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

SILVA, Fernando Barros e. Entre os mais ricos, Bolsonaro lidera corrida presidencial. *piauí*, 18 abr. 2016. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/entre-os-mais-ricos-bolsonaro-lidera-corrida-presidencial/>. Acesso em: 29 jul. 2022.

SILVA, Natália Aparecida Godoy da. A atuação dos historiadores na Comissão Nacional da Verdade: limites, contribuições e disputas pela representação do passado recente. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

SILVA, Wellington T.; SUGAMOSTO, A; IRIGARAY A. U. O marxismo cultural no Brasil: origens e desdobramentos de uma teoria conservadora. *Revista Cultura & Religião*, v. 15, n. 1, p. 180-222, jan.-jun. 2021.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Direita nas redes sociais online. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (orgs.). *Direita, volver!:* o retorno da direita e o ciclo político. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 213-230.

SINGER, André. *O lulismo em crise*: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOARES, Ingrid. Rock induz às drogas e ao satanismo, diz novo presidente da Funarte, *Correio Braziliense*, 02 dez. 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/12/02/interna_politica,810894/rock-induz-as-drogas-e-ao-satanismo-diz-novo-presidente-da-funarte.shtml. Acesso em: 20 jan. 2023.

SOBREIRA FILHO, Enoque Feitosa. O marxismo e o problema da escolha moral. 223 f. Tese (Doutorado em Filosofia) — UFPB, UFPE, UFRN, Recife, 2010.

SOUZA, Pedro H. G. Ferreira de Souza. Uma história da desigualdade: a concentração de renda entre ricos no Brasil (1926-2013). São Paulo: Hucitec, 2018.

STEFANONI, Pablo. *A rebeldia tornou-se de direita?* Como o antiprogressismo e a anticorreção política estão construindo um novo sentido comum (e por que a esquerda deveria levá-los a sério). Campinas: Editora da Unicamp, 2022.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*. São Paulo: Cosac & Naify.

STUENKEL, Oliver. Como tirar um autocrata do poder. *piauí*, 19 out. 2021, Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/como-tirar-um-autocrata-do-poder/>. Acesso em 26 ago. 2022.

SUZUKI, Shin. Como Olavo de Carvalho influenciou radicalização bolsonarista que levou ao 8 de janeiro. *BBC News Brasil*. 15 jan. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64256711>. Acesso em: 22 fev. 2023.

SZWAKO, José; CARDOSO-DA-SILVA, Matheus. Orwell à brasileira. *doispontos*, Curitiba, São Carlos, volume 19, número 2, p. 67-77, julho de 2022.

TAGUIEFF, Pierre-André. *La foire aux illuminés: ésoterisme, teorie du complot, extremisme*. Paris: Fayard/Mille et une nuits, 2005.

TARCÍSIO sanciona lei que proíbe professores de ensinarem Holocausto de um ponto de vista negacionista. *Terra*, 30 out. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/tarcisio-sanciona-lei-que-proibe-professores-de-ensinarem-holocausto-de-um-ponto-de-vista-negacionista,ab6557844fbeb15fc2cfb6f42c44f6fcw4x84mxz.html>. Acesso em: 10 dez. 2023.

TATAGIBA, Luciana; TRINDADE, Thiago; TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves. Protestos à direita no Brasil (2007-2015). In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (orgs.). *Direita, volver!*: o retorno da direita e o ciclo político. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 197-212.

TEITELBAUM, Benjamin R. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: história, memória e política*. Edições Unipop: Lisboa, 2012.

TRISOTTO, Fernanda. Citando dados errados, Bolsonaro critica IBGE e volta a colocar em dúvida estatísticas de desemprego. *O Globo*, 09 abr. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/emprego/citando-dados-errados-bolsonaro-critica-ibge-volta-colocar-em-duvida-estatisticas-de-desemprego-24962630>. Acesso em: 13 fev. 2023.

TRUMP fala em injeção de desinfetante contra coronavírus e médico rebate: 'irresponsável e perigoso'. *G1*, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/24/trump-fala-em-injecao-de-desinfetant-e-contra-coronavirus-e-medico-rebate-irresponsavel-e-perigoso.ghtml>. Acesso em: 29 mai. 2023.

VALDRÉ, Vinícius; GALZO, Wesley. Brasil Paralelo 'bombou' documentário pró-Milei com propaganda vista 1,7 milhão de vezes. *O Estado de S. Paulo*, 21 out. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/coluna-do-estadao/brasil-paralelo-bombou-documentario-pro-milei-com-propaganda-vista-17-milhao-de-vezes/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

VALENTE, Rubens. Ordem para celebrar golpe de é inédita nos últimos 20 anos e incomoda também militares. *Folha de S. Paulo*, 29 mar. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/ordem-para-celebrar-golpe-e-inedita-nos-ultimos-20-anos-e-incomoda-tambem-militares.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2023.

VANINI, Eduardo. Nascido em ambientes LGBTs, termo 'lacrção' sofre apropriações e perde força nas redes. *O Globo*, 24 nov. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/nascido-em-ambientes-lgbts-termo-lacracao-sofre-apropriacoes-perde-forca-nas-redes-24092018>. Acesso em: 20 dez. 2023.

VEJA 11 frases polêmicas de Bolsonaro. *Folha de S. Paulo*, 06 out. 2018, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/veja-11-frases-polemicas-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em 07 fev. 2023.

VEJA a situação dos militares envolvidos nos atentados golpistas que já foram identificados. *O Globo*, 08 fev. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/02/veja-a-situacao-dos-militares-envolvidos-nos-atentados-golpistas-que-ja-foram-identificados.ghtml>. Acesso em: 13 fev. 2023.

VEJA as últimas pesquisas eleitorais à presidência. *Folha de S. Paulo*, 9 set. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u37451.shtml>. Acesso em: 3 out. 2023.

VENTURA, Deisy de Freitas Lima; REIS, Rosana. A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da covid-19. *Direitos na pandemia: mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil*, p. 6-31 n. 10, jan 2021. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/01/boletim-direitos-na-pandemia.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2023.

VEZZETTI, Hugo. Conflictos de la memoria en la Argentina: un estudio histórico de la memoria social. In: PÉROTIN-DUMON, Anne (org.). *Historizar el pasado vivo en América*. Santiago: Universidad Alberto Hurtado, 2007, p. 3-44.

VIANA, Natália. Efeito colateral: a intervenção dos militares na segurança pública. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

VICTOR, Fabio. História, volver. *piauí*, mar. 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/historia-volver/>. Acesso em: 6 nov. 2023.

VICTOR, Fabio. *Poder camuflado: os militares e a política, do fim da ditadura à aliança com Bolsonaro*. Companhia das Letras. São Paulo, 2022.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os assassinos da memória: “Um Eichmann de papel” e outros ensaios sobre o revisionismo*. Campinas: Papirus, 1988.

VIDELA, Pedro Rafael. Bolsonaro autoriza celebração do 31 de março de 1964. *Agência Brasil*, 25 mar. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-03/bolsonaro-autoriza-celebracao-do-31-de-marco-de1964>. Acesso em: 10 nov. 2023.

VILLA, Marco Antonio. Ditadura à brasileira. *Folha de S. Paulo*, 5 mar. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0503200908.htm>. Acesso em: 24 jun. 2023.

WARTH, Anne. Bolsonaro cita e homenageia presidentes militares em discurso. *O Estado de S. Paulo*, 26 fev. 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-cita-e-homenageia-presidentes-militares-em-discurso/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

WETERMAN, Daniel; AFFONSO, Julia. Pressão e ameaça no Congresso: como Google e Facebook derrubaram o PL 2630 das Fake News em 14 dias. *O Estado de S. Paulo*, Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/pressao-e-ameaca-no-congresso-como-o-google-e-derrubou-o-pl-2630-das-fake-news-em-14-dias/>. Acesso em: 30 dez. 2023.

WOLF, Eduardo. Plágio, politicamente correto e paranoia no Inep de Bolsonaro. *Veja*, 19 jan. 2019. Disponível em: <https://complemento.veja.abril.com.br/pagina-aberta/plagio-politicamente-correto-e-paranoia-no-inep-de-bolsonaro.html>. Acesso em: 15 fev. 2023.

XAVIER, Ismail. A ilusão do olhar neutro e a banalização. *Revista Praga*. São Paulo: Editora Hucitec, v. 3, p. 141-153, set. 1997.

ZANINI, Fábio. Brasil Paralelo reclama de ter anúncios classificados como políticos pelo Google. *Folha de S. Paulo*, 12 jul. 2022. Disponível em: <https://folha.com/s38k7bhu>. Acesso em: 2 jun. 2023.

ZANINI, Fábio. Campanha no Twitter quer impedir exibição de filme da Brasil Paralelo em universidade. *Folha de S. Paulo*, 3 mar. 2022. Disponível em: <https://folha.com/m4zrsgkc>. Acesso em 29 mar. 2022

ZANINI, Fábio. Chapa Lula-Alckmin prova 'teatro das tesouras' criado por Lênin, dizem bolsonaristas. *Folha de S. Paulo*, 04 jan. 2022. Disponível em: <https://folha.com/2usk1518>. Acesso em: 27 jul. 2022.

ZANINI, Fábio. Produtora Brasil Paralelo vive crescimento meteórico e quer ser 'Netflix da direita'. *Folha de S. Paulo*, 29 mai. 2021. Disponível em: <https://folha.com/ny8ichvu>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ZANINI, Fábio. Produtora conservadora Brasil Paralelo oferece filmes e 'escola da família' a Paraisópolis. *Folha de S. Paulo*, 19 out. 2021. Disponível em: <https://saidapeladireita.blogfolha.uol.com.br/?p=5153>. Acesso em: 15 jan. 2024.

ZANINI, Fábio. Trilogia destrincha ascensão da direita e discute seu futuro após queda de Bolsonaro. *Folha de S. Paulo*, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://folha.com/bul0ir2k>. Acesso em: 12 jun. 2023.

ZANINI, Fábio. Trilogia sobre educação mostra nova trincheira do bolsonarismo contra a esquerda. *Folha de S. Paulo*, 5 abr. 2020.